

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NO PORTUGUÊS ANGOLANO ESCRITO

HENRIQUE SIMÃO MUTALI

Dissertação de Mestrado em Linguística

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NO PORTUGUÊS ANGOLANO ESCRITO

HENRIQUE SIMÃO MUTALI

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Ana Maria Martins,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Linguística

2019

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que no mundo, por vezes em condições precárias, trabalham na investigação para uma maior compreensão do fenómeno da linguagem.

Agradecimentos

Ao terminar este curso de Mestrado em Linguística, estou consciente de que houve um concurso e conjugação de forças, umas mais próximas, por isso, mais visíveis, e outras mais indirectas e discretas, as quais permitiram que levasse a cabo este trabalho que me propus. Neste rol, a minha gratidão dirige-se, em primeiro lugar, a Deus que me deu alento, sobretudo nos momentos de vacilação de desânimo.

Elevo a minha gratidão à Professora Doutora Ana Maria Martins, primeiro, por ter aceite o meu pedido e o desafio de orientação deste trabalho. Em segundo lugar, por me ter acompanhado com aquela sagacidade intelectual linguística e metodológica, mas também, e acima de tudo, pelo zelo, paciência e amabilidade, não olvidando a dedicação na correcção, sugestões durante a investigação e redacção do trabalho. Estendo ainda a minha gratidão a todos os professores e professoras do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que acompanharam o meu percurso.

Aos meus colegas de caminhada, Pe. Adelino Prata, Pe. João B. Dumba, Marília, Eliane, Sílvia, Érico, Ana Sofia, Terrence, Juan Hermorso, o meu reconhecimento pela simpática presença que sempre me proporcionaram nos seminários e nos momentos de distensão. Lembro-me também da ajuda prestada pelo amigo Emmanuel Pakisi.

Finalmente, inclino-me, com reverência e gratidão para os meus pais Simão Ngandu e Afonsa Tchokindele. Agradeço-os, porque a eles devo a existência, que me possibilita o agir neste mundo. Eles sempre aceitaram e apoiaram a minha vontade de “rasgar terras” na busca de um horizonte maior. Esta gratidão é extensiva ao Pe. Mario Rui, aos meus irmãos, aos professores e alunos do ICRA-Namibe, que, de longe, me acompanham e animam, neste atalho da vida.

A todos, a minha sempiterna gratidão.

Nota explicativa

Gostaria de esclarecer que , como angolano que sou, escrevi esta dissertação usado o pré-acordo ortográfico, muito embora, pelo facto de estudar na Faculdade de Letras e morar em Lisboa durante três anos, tenha alterado significativamente a minha gramática interna, o que abre maior possibilidade de ter deixado vestígios do português europeu (Acordo ortográfico) no decurso do texto.

Sigas e Abreviaturas

AAVV.....	Autores vários
CC.....	<i>Clitic climbing</i>
CP (+P).....	com proclisador
Ed.	Editora
ed.	edição
eds.....	editores
Flex.	flexionado (infinitivo)
Fto.....	finito
<i>In</i>	em
Inf.....	infinitivo
J.....	Jornalista
JA	Jornal de Angola
L1.....	primeira língua (língua materna).
nº	número
NS(-SC)	não-subida
OD.....	objecto directo
OI.....	objecto indirecto
Org(s).....	organizador(es)
p.....	página
P.....	próclise
PA.....	português angolano
PB.....	português brasileiro
PE	português europeu
PVA	português vernáculo de Angola
S.....	subida
SC	subida de clítico
SP (-P)	sem proclisador
T.	texto
V1.....	verbo em posição inicial
Vol.....	volume.
Vs	<i>versus</i>

Resumo

A realidade do contacto com as línguas *bantu* e o facto de o português não ser a L1 da maioria dos falantes, entre outros factores, faz com que o português em Angola esteja a sofrer transformações. Por esta razão, propusemo-nos dissertar sobre “A Colocação dos Pronomes Clíticos no Português Angolano Escrito”, abrindo assim horizontes de um estudo comparado desta variedade africana relativamente ao português europeu e outras variedades do português.

Este estudo tem como objectivo verificar até que ponto a variação presente na língua falada se reflecte na língua escrita e assim contribuir, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, mas com um foco bem definido e um corpus relevante, para uma melhor compreensão da colocação dos pronomes clíticos no Português de Angola (PA), que parece distanciar-se da norma padrão do Português Europeu (PE). O corpus analisado é constituído por obras de escritores angolanos de diferentes faixas etárias e procedência geográfica; assim como por textos jornalísticos produzidos por profissionais de informação que, em princípio, fazem uso da norma europeia. Analisam-se comparativamente os resultados sobre a colocação dos clíticos pronominais obtidos nas obras de três escritores conceituados da Literatura Angolana (*Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela; *A Última Ouvinte*, de Gociante Patissa; *Os Transparentes* e *Os da Minha Rua*, de Ondjaki) e de dois jornais com uma abrangência nacional (*Jornal de Angola* e *O País*).

A dissertação está organizada em seis capítulos. No *capítulo introdutório*, faz-se a apresentação do tema, definem-se os objectivos, as hipóteses e a metodologia, com uma pequena resenha histórica da presença do Português em Angola. Além disso, dá-se informação sobre os escritores e a amostra que constitui o *corpus*, e sobre os critérios de análise e classificação dos dados. No *segundo capítulo*, fazemos a revisão da literatura sobre a colocação dos clíticos no português angolano, centrando-nos em Gerards (2018), que se apresenta como o primeiro trabalho sistemático, mas sem olvidarmos Soma Adriano (2015) e outros autores com diferentes pontos de vista. No *terceiro capítulo*, comparamos os dados de Pepetela em *Mayombe* (1980) com os de *A Sul. O Sombreiro* (2011), demonstrando que *Mayombe* segue a norma do PE, não sendo, por isso, representativo para o estudo do PA. No *quarto capítulo*, mostram-se e comentam-se os

resultados do estudo realizado a partir do *corpus* literário (excluindo *Mayombe*) e discutem-se os dados do *corpus*, na base das hipóteses formuladas na literatura e apresentadas no capítulo 2. Procuramos identificar possíveis mudanças em curso nos padrões de colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito que não sejam apenas o efeito da aquisição incompleta por falantes do português L2 e que possam, por isso, vir a configurar uma norma culta angolana (paralelamente ao que ocorreu no português brasileiro). No *quinto capítulo* fazemos uma breve comparação dos dados da escrita literária com os dados da escrita jornalística, simplesmente para confirmar a presença de traços característicos do Português Angolano. À guisa *de conclusão*, resumem-se as principais linhas do trabalho e fazem-se algumas sugestões para investigações futuras e para o ensino de Português em Angola.

Palavras chaves: clítico, colocação, próclise/ênclise, finitas, infinitivas, subida/não subida, contacto, Português Angolano.

Abstract

The reality of contact with *Bantu* languages and the fact that Portuguese is not the L1 of most Angolan speakers, among other factors, possibly accounts for the fact that Portuguese is undergoing significant change in Angola. For this reason, we decided to write our dissertation on “The Placement of Clitic Pronouns in Written Angolan Portuguese”, a relevant subject because Angolan Portuguese (AP) reveals some characteristic syntactic features in this domain. Thus, we expect to be able to open horizons for a comparative study of this African variety in relation to European Portuguese (EP) and other varieties of Portuguese.

This study aims at investigating to what extent the variation present in the spoken language is reflected in the written language and so contribute to a better comprehension of the placement of clitic pronouns in Angola, which seems to be in the process of diverging from standard European Portuguese. The corpus analyzed in this dissertation includes full literary works by Angolan writers of different age ranges and geographical origin, as well as a sample of journalistic writing produced by professionals that would, in principle, be expected to use the EP standard. We will describe and discuss the placement of clitic pronouns observed in literary works by three Angolan writers (*Mayombe* and *A Sul. O Sombreiro*, by Pepetela; *A Última Ouvinte*, by Gociante Patissa; *Os Transparentes* and *Os da Minha Rua*, by Ondjaki), and in samples from two journals with nation-wide distribution and coverage (*Jornal de Angola* and *O País*).

This dissertation is organized in six chapters. In the introductory chapter the theme, objectives, hypotheses and methodology are presented, with a brief historical review of the Portuguese presence in Angola. Moreover, we provide information about the writers, the literary works and the sample of journalistic texts that constitute the corpus, as well as about the criteria for the analysis and classification of the data. In the second chapter, we review the literature on clitic placement in Angolan Portuguese, mainly focusing on Gerards (2018), which can be considered the first systematic work on the subject, but we will also make reference to Soma Adriano (2015) and other authors with different views on the subject. In the third chapter, we compare the data of Pepetela in *Mayombe* (1980) with those of *A Sul. O Sombreiro* (2011), demonstrating that *Mayombe* strictly follows the EP norm and is, therefore, not representative of AP and irrelevant to its study. In the fourth chapter, we present the results of the study of the

literary corpus (excluding *Mayombe*) and discuss the data in relation to the hypotheses formulated in the previous literature and summarized in chapter 2. We seek to identify possible ongoing changes in the patterns of clitic placement in written Angolan Portuguese that are not just the effect of incomplete acquisition by L2 speakers and may therefore come to shape an AP (cultured) norm (in parallel to what occurred in Brazilian Portuguese). In the fifth chapter we briefly compare the data of the written literature with the data of the journalistic writing, simply to confirm the presence of characteristic features of Angolan Portuguese. To conclude, we summarize the main lines of the current investigation and make some suggestions for future research and for approaches to Portuguese teaching in Angola.

Keywords: clitic, placement, proclisis/enclisis, infinitive, clitic climbing, contact, Angolan Portuguese.

Lista de Tabelas

Tabela 1.1: tabela classificativa dos falantes do português em Angola até ao Senso Populacional de 2014	33
Tabela 2.1 PE vs PB – a colocação no PE é categoricamente/em parte \neq do PB (Gerards 2018:7).....	48
Tabela 2.2-Direcção da cliticização: próclise obrigatório no PE/PE- (SC n/a) (Gerards 2018:9).....	49
Tabela 2.3 -A ênclise como direcção obrigatória de cliticização no PE (Próclise no PB), (Gerards 2018).....	50
Tabela 2.4: Direcção de cliticização- ênclise obrigatória no PE (próclise PB): verbo no domínio matriz.....	52
Tabela 3.1: Direcção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem	56
Tabela 3.2.1 Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>Mayombe</i>	58
Tabela 3.2.2 Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>A Sul. O Sombreiro</i>	58
Tabela 3.2.3 Comparação da direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>Mayombe</i> e <i>A Sul. O Sombreiro</i>	59
Tabela 3.3.1 Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em <i>Mayombe</i>	60
Tabela 3.3.2 Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em <i>A Sul. O Sombreiro</i>	60
Tabela 3.3.3. Comparação dos valores entre as duas obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB.....	60
Tabela 3.5 \pm SC em <i>A Sul. O Sombreiro</i>	62
Tabela 3.4 \pm SC em <i>Mayombe</i>	62
Tabela 4.1: Direcção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem.	71
Tabela 4.2: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>Os da Minha Rua</i>	73
Tabela 4.3: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>Os Transparentes</i>	73

Tabela 4.4: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em <i>A Última Ouvinte</i>	74
Tabela 4.5: Tabela comparativa da direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) entre as quatro obras	75
Tabela 4.6: Próclise/Ênclise em frases finitas negativas	76
Tabela 4.7: Próclise/Ênclise em frases finitas, +P	78
Tabela 4.8: Próclise/Ênclise em Orações Subordinadas Finitas	84
Tabela 4.9: Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado (+P)	88
Tabela 4.10: Próclise/ênclise ao verbo no Gerúndio, com proclisador	90
Tabela 4.11: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em <i>Os da Minha Rua</i>	92
Tabela 4.12: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatório no PE e próclise no PB em <i>Os Transparentes</i>	92
Tabela 4.13: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatório no PE e próclise no PB em <i>A Última Ouvinte</i>	93
Tabela 4.14: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em <i>A Sul. O Sombreiro</i>	93
Tabela 4.15: Comparação dos valores entre as quatro obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB	94
Tabela 4.16: Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores	95
Tabela 4.17: Próclise/Ênclise em frases finitas, com verbo inicial (V1)	96
Tabela 4.18: Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, sem proclisadores	97
Tabela 2.19: Próclise/Ênclise em Orações infinitivas simples, com a preposição <i>a</i>	100
Tabela 4.20: Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado, sem proclisador	102
Tabela 4.21: Próclise/ênclise com o verbo no gerúndio, sem proclisador	104
Tabela 4.22: Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, com proclisadores	107
Tabela 4.23: Ilustração síntese de +SC/-SC.	113
Tabela 4.24: Subida/Não Subida com o infinitivo	114
Tabela 4.25: Subida/não subida, com o verbo no gerúndio	117
Tabela 4.26: Subida/não subida, com o verbo no particípio passado	118
Tabela 5.1: Direcção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem	124
Tabela 5.2: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) no JA	125

Tabela 5.3: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) no jornal <i>O País</i>	126
Tabela 5.4: Direcção de cliticização nos contextos de Ênclise obrigatório no PE e próclise no PB	127
Tabela 5.5: Direcção de cliticização nos contextos de Ênclise obrigatório no PE e próclise no PB no <i>Jornal O País</i>	127
Tabela 5.6: Subida/não subida de clítico (<i>Jornal de Angola</i> vs <i>O País</i>)	128
Tabela 5.0.7: Tabela comparativa dos valores de +SC/-SC	128

Lista de gráficos

Gráfico 3.2: Ênclise obrigatório em A Sul. O Sombreiro.	61
Gráfico 3.1: Ênclise obrigatório em Mayombe	61

Lista de Quadro

Quadro1.6.1: Distribuição das formas átonas do pronome pessoal.....	38
---	----

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Nota explicativa	v
Sigas e Abreviaturas	vi
Resumo	vii
Abstract	ix
Lista de Tabelas	xi
Lista de gráficos.....	xiii
Lista de Quados	xiii
Índice	xiv
I CAPÍTULO	19
1.1. Introdução e apresentação do <i>corpus</i>	19
1.2. Objectivos do Estudo.....	21
1.3. Justificação do trabalho e formulação do problema	22
1.4. Metodologia.....	28
1.5. Contextualização: a língua portuguesa em Angola	29
1.5.1. Resenha histórica	29
1.5.2. Situação linguística e sócio-demográfica actual de Angola	32
1.6. Conceptualização	37
1.6.1. Clítico/clitização	37
1.6.2. Rutura da adjacência entre o clítico e o verbo (<i>interpolação</i>)	38
1.6.3. Ligação dos clíticos a verbos de que não são complemento (<i>subida do clítico</i>)..	39
II CAPÍTULO.....	41

A colocação dos pronomes clíticos no português europeu e no português angolano: breve revisão da literatura, com destaque para Gerards (2018)	41
2.1. Soma Adriano (2015) e Hagemeijer (2016)	42
2.2. Chavagne (2005) e Inverno (2009)	44
2.3. Gerards (2018)	45
2.3.1- Estudos prévios sobre a colocação do clítico no PA	46
2.3.2. Resultados de Gerards 2018	47
2.3.3. Próclise obrigatória no PE e no PB	48
2.3.4. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB) – dados globais	49
2.3.5. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB), com o infinitivo simples	51
2.3.6. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB), com verbo finito	51
2.3.7. Considerações finais	53
III CAPÍTULO	55
Pepetela, 1980 (<i>Mayombe</i>) vs. Pepetela, 2011 (<i>A Sul o Sombreiro</i>)	55
A emergência de uma norma para o português angolano escrito?	55
3.1. Direcção de Clitização	56
3.2. Próclise obrigatória no PE e PB	58
3.3. Ênclise obrigatória em PE (Próclise no PB)	59
3.4. Subida/não subida do clítico	62
3.5. Outros aspectos da colocação dos clíticos em <i>Mayombe</i> : mesóclise, grupos clíticos e interpolação	64
3.5.1. Mesóclise	65
3.5.2. Grupos clíticos	66
3.5.3. Interpolação	66
IV CAPÍTULO	69
A colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito (literário) no século XXI	69
4.1. Direcção de Clitização (dados globais)	70

4.2. Próclise no PE, no PB e no PA	73
4.2.1- Próclise em frases finitas negativas	75
4.2.2. Próclise (ou, marginalmente, ênclise) em frases finitas afirmativas, com proclisadores (quantificadores, advérbios, sintagmas <i>qu-</i> , entre outros)	77
4.2.3- Próclise (ou, marginalmente, ênclise) em orações subordinadas finitas	84
4.2.4.- Próclise ao infinitivo flexionado, com proclisadores (preposições <i>de</i> , <i>para</i> , <i>sem</i> , etc.)	88
4.2.5. Próclise ao gerúndio, com proclisadores (negação, preposição <i>em</i> , etc.)	90
4.3. Ênclise no PE, Próclise no PB (coloquial), variação Próclise/Ênclise no PA	91
4.3.1. Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores	94
4.3.2. Próclise/Ênclise em frases finitas com verbo inicial (V1)	95
4.3.3. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples (sem preposição ou preposição <i>a</i>)	97
4.3.4. Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado (sem preposição ou preposição <i>a</i>) .	102
4.3.5. Próclise/Ênclise ao Gerúndio, sem proclisadores	104
4.4. Variação Próclise/Ênclise no PE, Próclise no PB, Próclise preferencial no PA ...	106
4.4.1. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples (preposições <i>de</i> , <i>para</i> , <i>sem</i> , etc.)	106
4.4.2. Próclise com <i>próprio</i>	111
4.5. Próclise ao Particípio Passado no PB e no PA; impossibilidade de cliticização no PE	111
4.6. Subida / Não Subida do Clítico (+SC/-SC)	112
4.6.1. Subida/não subida do clítico com o infinitivo	113
4.6.3. Subida/não subida do clítico com o particípio passado	118
4.7. Conclusão	119
V CAPÍTULO	121
5.1. Uma breve comparação entre a escrita literária e a escrita jornalística.....	121
5.1. Resenha Histórica do Jornalismo Angolano.....	121
5.2. Análise dos dados de Textos Jornalísticos	124
5.3. Próclise obrigatória no PE e PB	125

5.4. Ênclise obrigatória em PE (Próclise no PB).....	126
5.5. Subida/não subida do clítico.....	128
5.6. Observações finais.....	129
VI CAPÍTULO	131
6. Conclusão Geral	131
A. Fontes	135
B. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
C. SUPORTE ELECTRÓNICO	139
ANEXO PRINCIPAL.....	141

I CAPÍTULO

1.1. Introdução e apresentação do *corpus*

É sobejamente sabido que todas as línguas naturais estão sujeitas a transformações ao longo do tempo, uma vez que estas são elementos vivos e dinâmicos. No âmbito dos estudos da linguagem, cabe à linguística histórica a tarefa de recuperar os estágios evolutivos de um determinado sistema linguístico, evidenciando, ademais, mudanças diacrônicas que podem ser observadas a níveis fonético-fonológicos, lexicais ou morfossintáticos (Pinto, 2001: 30).

Autores como Martins (1994, 2016), Mateus *et al.*(2003) e Paixão de Sousa (2004), que se debruçam sobre estudos acerca de variações históricas, revelam que, em relação à colocação dos pronomes clíticos na história da língua portuguesa, é possível observar grandes mudanças ocorridas ao longo dos séculos, em especial no que se refere à distribuição próclise/ênclise. Estas variações não estão circunscritas na “pátria mãe” do Português, mas estendem-se, se calhar com maior intensidade, para todos os contextos/espacos para onde a língua foi levada através do encontro entre os povos no Brasil (América), na Ásia, e nos países africanos, concretamente Angola e Moçambique, que constituem a zona bantu, cujo contacto com o português suscita em nós maior interesse.

Ao falar do Português Angolano (PA) não há dúvidas de que se vai demarcando, em muitos aspectos, do Português Europeu (PE). Tais diferenças também são notáveis em relação à distribuição dos pronomes clíticos, em especial no que tange à distribuição próclise/ênclise: diferentemente do PE, por exemplo, no PA falado há uma instabilidade, com tendência para a generalização da próclise em todos os contextos (Chavegne,2005), embora na escrita a ênclise ainda seja recorrente. Mas é possível constatar também na escrita as marcas do PA falado, como poderemos mostrar neste trabalho.

A história da educação em Angola mostra que o Português desempenhou sempre um papel significativo na instrução para a concretização do sonho português de “*aportuguesamento*”/assimilação dos nativos. Tal sonho conduziu à aspiração da divulgação do Português através da instrução, como é evidente nalgumas leis que regulavam a instrução escolar nas então províncias portuguesas ultramarinas, com realce para Angola e Moçambique. Deste modo, é óbvio que, ao estudar a Língua Portuguesa, o não-lusofalante, o autóctone, encontra-se confrontado com um fenómeno sintáctico que

não existe nas línguas bantu: a colocação dos pronomes de objecto átonos, também denominados clíticos, em relação ao verbo principal. Neste sentido, o falante tem de considerar não só o tipo de orações e o ambiente sintáctico em que aqueles ocorrem, o que é bastante complicado para ter uma opção adequada, mas também os aspectos semânticos e pragmáticos que, por vezes, oferecem duas soluções correctas: (*Na sala se encontra o professor com os alunos/ Na sala encontra-se o professor com os alunos*) as quais, porém, não correspondem às mesmas intenções comunicativas (cf. Endruschat, 1994).

O português falado em Angola encontra-se numa fase que se apelidaria de *crise normativa* entre a norma do ensino e aquela que é falada ou do quotidiano. E um dos aspectos notáveis é a cliticização (cf. Soma Adriano, 2015).

Por isso, nas últimas décadas, temos assistido a um interesse crescente pela tentativa de caracterizar as especificidades das variedades africanas do Português, incluindo a angolana (cf. Castro, 2006). A situação sociolinguística particular de Angola e o facto de o Português ser ainda língua segunda, para muita gente, torna esta situação ainda muito complexa. O certo é que, de forma inequívoca, existem áreas em que mesmo os indivíduos com maior nível de escolarização se afastam da norma. Neste sentido, alguns trabalhos têm sido feitos: Endruschat (1990), Cuesta (1995), Vilela (1995, 1999), Chavegne (2005), Inverno (2009), Cruz (2013), Miguel (2014), Dele Zau (2011), Gonçalves (2013), Undolo (2014), Soma Adriano (2015), Hagemeijer (2016), Geraldts (2018) e outros de cujos trabalhos nos serviremos na nossa abordagem¹

O uso dos pronomes clíticos, focando questões como a posição em relação ao verbo, a distribuição em função do tipo de contexto sintáctico e a subida/não-subida do clítico, é o tema do nosso estudo, cuja base empírica é um *corpus* de língua escrita. Daí a razão do título da tese que nos propusemos a apresentar: *a colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito*.

Para o efeito, recorreremos a três autores bem conhecidos no mercado da literatura angolana (Pepetela, Ondjaki e Patissa) e a dois jornais, que, a nosso ver, têm uma abrangência nacional (*Jornal de Angola* e *O País*).

¹ A autora alemã ENDRUSCHAT, Annette tem sido apontada como uma das grandes pioneiras deste novo interesse pelo estudo da variação do português em Angola, sobretudo com a publicação do artigo *Studien zur portugiesischen Sprache in Angola (unter besonderer Berücksichtigung lexikalischer und soziolinguistischer Aspekte)*, em 1990, sobre o português falado em Angola. Ela escreve algumas vezes em português, mas na maior parte das vezes em alemão, sua língua materna.

Pretendemos fazer a abordagem desta dissertação em seis capítulos. No *capítulo introdutório*, faz-se a apresentação do tema, definem-se os objectivos, as hipóteses e a metodologia com uma pequena resenha histórica da presença do Português em Angola. Ainda, informar-se-á sobre as características dos escritores e da amostra que constitui o *corpus*, e sobre os critérios de análise e classificação dos dados. No *segundo capítulo*, faremos a revisão da literatura sobre a colocação dos clíticos com base em Gerards (2018), que se apresenta como o primeiro trabalho sistemático, sem olvidarmos Soma Adriano (2015) que sustenta o trabalho de Gerards. No *terceiro capítulo* faremos a comparação dos dados de Pepetela em *Mayombe* (1980) com os de *A Sul.O Sombreiro* (2011), destacando *Mayombe*, que segue a norma do PE, não sendo, por isso, representativo para o estudo do PA. No *quarto capítulo*, mostram-se e comentam-se os resultados do estudo realizado e discutem-se os dados dos *corpora*, na base das hipóteses formuladas. Procuraremos identificar possíveis mudanças em curso nos padrões de colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito, que não sejam apenas o efeito da aquisição incompleta por falantes do português L2 e que possam, por isso, vir a configurar uma norma culta angolana (paralelamente ao que ocorreu no português brasileiro). No quinto capítulo faremos uma comparação dos dados da literatura escrita com os dados da escrita jornalística, simplesmente para confirmar a presença de uma direcção de mudança relativamente aos traços característicos do PA. À guisa de *conclusão*, no capítulo final da tese, resumem-se as principais linhas do trabalho e fazem-se algumas sugestões para investigações futuras e para o ensino de Português em Angola.

1.2. Objectivos do Estudo

Este estudo tem como objectivo verificar até que ponto a variação presente na língua falada se reflecte na língua escrita e assim contribuir, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, mas com um foco bem definido e um *corpus* relevante, para uma melhor compreensão da colocação dos pronomes clíticos em Angola, que parece distanciar-se da norma padrão do PE.

São objectivos específicos os seguintes: (i) levantar o problema da colocação dos pronomes clíticos no PA; (ii) fazer um estudo comparado entre o Português Europeu e o Português escrito em Angola através do levantamento sistemático, classificação em função dos contextos sintácticos relevantes e discussão da colocação dos clíticos nas obras de autores Angolanos seleccionados; (iii) identificar, no domínio da colocação dos

clíticos pronominais, todos os casos de divergência relativamente à norma do Português Europeu; (iv) descrever a distribuição dos padrões da ênclise e da próclise no *corpus*; (v) confrontar os resultados com os de trabalhos anteriores sobre o mesmo tema.

1.3. Justificação do trabalho e formulação do problema

A questão do afastamento relativamente à “norma” do português falado em Angola é um debate aceso na agenda dos académicos em Angola. O único método que tem sido ensaiado é o da recolha de amostras de informantes, maioritariamente, menos escolarizados ou no processo de escolarização, com foco na linguagem coloquial. É sobejamente sabido que a linguagem oral é menos cuidada em relação à escrita. Por isso, deixa sempre dúvidas se as frases produzidas na oralidade não seriam corrigidas na escrita pelo mesmo informante. Ademais, em Angola é notória esta *bipolaridade* entre a língua falada e a língua escrita. Por isso, pareceu-nos oportuno analisar o tópico dos pronomes clíticos de objecto na escrita, que revela maior estabilidade.

O homem serve-se da língua para categorizar o mundo à sua volta. E o mesmo mundo pode ser linguisticamente categorizado de formas diferentes por grupos sócio-culturais diferentes e geograficamente distanciados. À luz desta reflexão, entendemos que um escritor que se quer profissional não deve ser apenas conhecedor da “norma”, mas das normas ou variedades em relação à língua que lhe serve de instrumento de trabalho. A par disto, o conceito de norma se afigura complexo pela sua relatividade. Por esta razão, um grande desafio se apresenta ao escritor angolano: por um lado, ele é desafiado a conhecer e aplicar uma norma que quase não corresponde à sua realidade. Por outro, ele mesmo pode não dominar suficientemente essa norma ou decidir afastar-se dela.

Uma leitura compreensiva dos autores angolanos sugeriu trabalhar sobre as obras que passamos a apresentar e que constituem o nosso *corpus*:

1. Publicado originalmente em 1980, *Mayombe* foi escrito durante a participação do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos² (Pepetela) na guerra

² Um dos maiores nomes da literatura angolana, **Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos**, mais conhecido como **Pepetela**, nasceu no dia 29 de outubro de 1941 em Angola, na região litorânea de Benguela. A sua família tinha raízes entre os colonos deste país da África, mas os seus pais já eram angolanos de nascimento. Pepetela realizou os seus primeiros estudos, o Primário e parte do Secundário, na sua terra natal, onde permaneceu até 1956. Depois partiu para Lubango, onde completou os seus estudos no Liceu Diogo Cão, seguindo posteriormente para Lisboa, com o objetivo de cursar o Instituto Superior Técnico. Na capital portuguesa integrou a Casa dos Estudantes do Império, principiando desta forma a sua trajetória política e literária. Em 1960, o futuro escritor entrou na Faculdade de Engenharia, mas logo em seguida optou por Letras, para depois de um ano decidir-se pela carreira política, ingressando, em 1963, no MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola. (*Esta Biografia foi adaptada por mim a partir da apresentada na capa da obra A Sul. O Sombreiro*).

de libertação de Angola na década de 70. Recompõe o quotidiano dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em luta contra as tropas portuguesas. O romance, inovador, aborda as acções, os sentimentos e as reflexões do grupo, e as contradições e os conflitos que permeavam as relações daqueles que buscavam construir uma nova Angola, livre da colonização. *Mayombe* é a floresta equatorial situada ao norte do Enclave de Cabinda, estendendo-se para os dois Congos e Gabão. Como é próprio da guerrilha, os personagens recebem nomes fictícios como SemMedo Teoria, MundoNovo.³ Só com uma leitura completa é possível identificar cada um na sua função. Em suma, a obra perpassa a missão principal dos guerrilheiros que era lutar com os exploradores, que estavam retirando madeira da região, e preparar uma emboscada para atacar o exército colonial; aborda o relacionamento de Ondina com o Comissão e o ataque do exército português à base dos guerrilheiros. Na obra *Mayombe* há 2121 ocorrências de clíticos. As ocorrências estão assim distribuídas:

- Clíticos em frases finitas: 1607 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 514.

Para além da distribuição sintáctica da *próclise/ênclise* e do fenómeno de *subida/não subida* do clítico, merecerá uma especial atenção nesta obra o fenómeno da *interpolação*.

2. *A Sul. O sombreiro* (2011) é um dos mais recentes romances de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o escritor angolano Pepetela. O livro é ambientado na Angola pré-colonial do século XVII, em pleno processo de conquista lusitana do continente africano. A obra é dividida em vinte e sete capítulos narrados ora em primeira pessoa, colocando em evidência a opinião das personagens elaboradas por Pepetela, ora em terceira pessoa, externalizando a opinião pessoal do autor. São perceptíveis três núcleos narrativos básicos, cujos sujeitos-personagem centrais se apoderam da narrativa e, assim, detêm a “licença para

Durante algum tempo Pepetela é obrigado a buscar abrigo na França e na Argélia. Mas após a tão desejada libertação de Angola, o romancista retorna, em 1975, para o seu país, assumindo o cargo de Vice-Ministro da Educação, sob a liderança do Presidente Agostinho Neto. Pepetela acaba por se licenciar em Sociologia, na Universidade de Argel, o que lhe permite, após a deserção do caminho político, optar pela docência na Faculdade de Arquitetura de Luanda. A partir de então ele passa a ministrar aulas e, ao mesmo tempo, a desenvolver sua carreira literária, a qual somente ganha impulso depois da Independência. É membro da União dos escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa *Chá de Caxinde*. Cf. <https://www.infoescola.com/biografias/pepetela/> 31/ 10/2018, adaptado por mim.

³ Os personagens aparecem com os pseudónimos, próprios da vida militar, como SemMedo, MundoNovo, etc. Não se trata de erro de transcrição, mas são assim apresentados na obra.

narrar”. Perto do final do livro esses núcleos narrativos se convergem, conformando uma história única e total, com cenas verdadeiramente interessantes⁴.

O primeiro sujeito-narrador apresentado em *A sul. O sombreiro* é Simão de Oliveira, vigário de Benguela, que semeia grande ódio contra o governador Manuel Cerveira Pereira. Em seus trajes negros e olhar altivo, Cerveira Pereira persegue e atormenta Simão de Oliveira. Chama-o de “marrano”, termo utilizado de forma pejorativa contra os cristãos-novos suspeitos de continuar a praticar a fé judaica. Logo nas primeiras linhas do livro, o padre deixa claro seu ódio contra o governador: “*Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho de puta.*” (Pepetela 2011:5)

O último personagem-narrador é Carlos Rocha, mestiço descrito como descendente de Diogo Cão, o primeiro português a chegar àquelas terras em 1482. Rocha foge de Luanda por temer que seu pai, o beerrão Mbaxi, vendesse-o como escravo para quitar as dívidas deixadas nas tavernas. Junto de Mulende, menino escravizado que depois vira seu fiel companheiro, Carlos Rocha foge para o interior do continente, munido de um bacamarte e um par de calçados. Começa então sua jornada até o extremo sul, terra “*limitada por um cabo em forma de sombreiro mexicano*”, na qual cruzará com algumas figuras relatadas nos documentos históricos, como o Kingrejê Andrew Battell, o Rei Jaga Imbe Kalandula, o António Carlos Mossungu e tantos outros. O final remete para a busca do túmulo de Diogo Cão, que continua um mistério no mundo.

A comparação entre as duas obras do mesmo autor, produzidas em momentos históricos diferentes (época colonial, por um lado, e mais de três décadas após a independência, por outro), vai permitir-nos ver até que ponto se alterou a norma escrita literária, no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos.

Na obra *A Sul. O Sombreiro* ocorrem 1886 clíticos, assim distribuídos:

- Clíticos em frases finitas: 1335 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 551 ocorrências.

⁴ Este é um resumo feito aquando da apresentação da obra pela Fnac, na versão por mim simplificada. Cf. https://www.fnac.pt/Sua-Excelencia-de-Corpo-Presente-Pepetela/a5724396?gclid=EAIaIQobChMI-cHI-HF4QIVIOFRChIPNg1TEAYYASABEGKflvD_BwE 31/10/2018.

3. *Os Transparentes* (2012), obra de Ondjaki,⁵ em poucas palavras, diria que apresenta em forma de romance a miséria de um povo rico. É um livro sobre a gente que se desenrasca e sobre os medos do dia seguinte. Assim, é um retrato da grandeza e das misérias de um país em transformação, escarnecendo da ideologia auto-justificativa e do discurso do poder. O livro, ensaiando um estilo de linguagem aguerrido e inovador, descreve a vida quotidiana num prédio de Luanda e o *modus vivendi* dos habitantes, dos musseques às grandes famílias, uns submetidos à penúria, outros aos esquemas, às ameaças, à prepotência, bem como à corrupção, ao autoritarismo e às redes de negócios que dominam o seu país

O prédio de sete andares, sem elevador, tem tudo, “respirava como uma entidade viva”. São os transparentes que lá habitam. Um jornalista, um vendedor de conchas, um coronel, um mudo, um assessor, uma secretária, um camarada ministro, um carteiro que escreve cartas e que lê as cartas dos outros mas esquece logo, professores, mulheres, fiscais, uma multidão vive na cidade, e na cidade acontece tudo. Abre-se um cinema “*desoficial*, porque não precisa de papéis”, no terraço que está disponível. Criam-se igrejas. Preparam-se atentados mortais. Chegam prostitutas suecas. Tudo “com a colaboração de países como os Estados Unidos, a Rússia, a França, a Índia e o Brasil” (Ondjaki, 2012).

A obra de mais de 400 páginas ganha o Premio Saramago quando já estava na segunda edição. Todavia, a forma literária que o autor usa é muito difícil. Por exemplo, nem sempre usa os sinais de pontuação. Por vezes coloca o ponto final e começa com minúscula ... Por isso, exigiu maior cuidado, sobretudo na identificação dos contextos sintáticos em que ocorrem os clíticos.

No texto de Ondjaki, *Os Transparentes*, há 1253 ocorrências de clíticos, assim distribuídas:

- Clíticos em frases finitas: 967 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 286 casos.

⁵ **Ndalu de Almeida**, popularmente conhecido como **Ondjaki** (que significa, em umbundu, ‘guerreiro’), nasceu na cidade de Luanda em 1977. Tem o português como língua materna. Além de prosador e poeta, a sua trajetória artística passa também pela actuação teatral e pela pintura. Durante a sua permanência em Lisboa, cursou teatro amador, optando depois por uma especialização profissional. É licenciado em Sociologia pelo ISCTE (Lisboa) e Doutor em Estudos Africanos pela Universidade “L’Orientale” de Nápoles (Itália). Ondjaki também autor de roteiros cinematográficos e co-dirigiu, em 2006, ao lado de Kiluanje Liberdade, um documentário que aborda sua cidade natal, *Oxalá cresçam pitangas - histórias da Luanda*, fruto de uma parceria entre Angola e Portugal. É autor de diversas obras Literárias e membro da União dos Escritores Angolanos. Ganhou Prémios Literários em África, Europa e América desde 2004. Sublinhamos apenas o Prémio José Saramago em 2013, com a publicação de *Os Transparentes*. Esta informação consta na capa da obra; cf. www.kazukuta.com/ondjaki/; E também, entre outros: <http://portugalguadalajara2018.dglab.gov.pt/ondjaki/>; <https://www.publico.pt/2013/11/05/culturaipsilon/noticia-premio-jose-saramago-2013-atribuido-1611412>

4. *Os da Minha Rua* (2007), é uma colectânea de contos e nela Ondjaki celebra a infância feliz. Oscilando entre a crônica e o diário, os 22 contos curtos apresentam o universo aberto da globalização, acontecimentos dos quais Angola também participa como o restante do mundo, o contacto com a cultura brasileira pela teledramaturgia ou pela música, bem como pela música norte-americana. A infância é responsável pela visão lúdica das personagens, não importa onde esteja o seu presente, se na paz ou no desamparo da guerra, nos descompassos gerados pela modernidade. É uma obra que fala das músicas, lugares, cheiros e lembranças do escritor. Neste livro, o autor passeia pela infância, vivida em Luanda nas décadas de 1980 e 1990. Os limites entre biografia e ficção são continuamente desafiados: basta observar o tom intimista a mesclar-se continuamente a uma perspectiva histórica

Dessa forma, Ondjaki amplia os horizontes da sua literatura, conduzindo os leitores a cenas de carácter intimista que levam ao registo de uma época em Angola, marcada pela lei da sobrevivência. “Com um discurso muito afeito à oralidade, o narrador lembra amigos, família, festas na casa dos tios, paixões, professores cubanos, a parada de 1º de Maio, a piscina de Coca-Cola e a novela brasileira *Roque Santeiro*, que deu nome a um dos mercados, até então, maior de Luanda. Ondjaki mostra-se um prosador de grande sensibilidade, capaz de envolver o leitor ao mesmo tempo em que revela traços marcantes de seu espaço social, sem esquecer o diálogo com a já rica tradição literária de seu país”⁶.

Na obra *Os da Minha Rua* ocorrem 284 clíticos, assim distribuídos:

- Clíticos em frases finitas: 219 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 65 ocorrências.

5. *A Última Ouvinte* é obra de Gociante Patissa.⁷ A obra foi publicada em 2009 pela União dos Escritores Angolanos. Esta obra, que conta histórias e aventuras

⁶ Cf: Esta informação consta na capa do livro, mas está completa em: https://www.passeiweb.com/estudos/livros/os_da_minha_rua

⁷ **Daniel Gociante Patissa** nasceu na província de Benguela, em 1978. A sua língua materna é o Umbundu. Licenciado em Linguística/Inglês, pela Universidade *Katyavala Bwila*, é membro da União dos Escritores Angolanos. Descobriu a inclinação para o jornalismo e a literatura num programa infantil da Televisão Pública de Angola em 1996. Foi gestor de projetos, tradutor (Umbundu-Português-Inglês) e jornalista freelancer, tendo fundado a Associação Juvenil para a Solidariedade, ONG angolana. Serviu a *Save The Children* e a *Handicap International*. Publicou: Consulado do Vazio (poesia, 2008), *A Última Ouvinte* (contos, 2010), *Não Tem Pernas o Tempo* (novela, 2013), *Guardanapo de*

militares durante o conflito armado, talvez represente melhor o Português falado em Angola. E ele diz mesmo na apresentação: “*Traz o presente manuscrito sete contos inéditos iniciados de forma geral em 2001, que vão desde a era colonial até ao fim do conflito armado. São estórias, ressalte-se, nas quais o leitor há-de notar uma constante “interferência” de terminologias e linguajar em Umbundu, predominante na região centro e sul de Angola, na medida em que boa parte da criação foi, literalmente, um exercício de invenção-tradução. Uma vez porque é língua de berço do autor, outras porque se impunha ilustrar com originalidade o contexto [rural] e as personagens em causa*”. Nesta obra de Gociante Patissa há ocorrência de 314 clíticos, assim distribuídos:

- Clíticos em frases finitas: 257 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 57 ocorrências.

6. O *Jornal de Angola* é o um jornal diário e oficial do Estado angolano. Fundado em 1975, e publicado em Luanda pela editora *Edições Novembro*, mantém os seus escritórios editoriais nas 18 províncias. O jornal publica notícias diárias sobre política interna e externa, economia, desporto, cultura, sociedade e a reconstrução nacional. A sua circulação diária é de cerca de 50 000 exemplares. O Jornal utiliza *ANGOP*, Reuters, Lusa e outras como fontes internacionais de notícias. É o jornal de maior audiência em Angola, com uma quota de 53,6%. Para o nosso trabalho, servimo-nos da edição *online* de 25 de Março de 2018, que trazia como manchete a inauguração da escola *Mutu-Ya-Kevela* pelo Presidente da República. Nesta edição ocorrem 129 clíticos, assim distribuídos:

- Clíticos em frases finitas: 100 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas: 29 ocorrências.

7. O *País* é um jornal periódico diário de Angola. Começou a ser publicado em Novembro de 2008. É propriedade do *Grupo Medianova*, constituído por um conjunto de empresários maioritariamente ligados ao Governo. Para o nosso trabalho, servimo-nos também da Edição *online* do dia 25 de Março de 2018, que

Papel (poesia, 2014), *Fátussengóla*, *O Homem do Rádio que Espalhava Dúvidas* (contos, 2014) e *Almas de Porcelana* (poesia, 2016). Cf: <http://www.redeangola.info/especiais/e-preciso-abrir-o-espaco-publico-aos-cidadaos/> 31/ 10.2018.

trazia como manchete as eleições autárquicas em 2020. Aqui encontramos 49 ocorrências de clíticos, assim distribuídas:

- Clíticos em frases finitas: 33 ocorrências;
- Clíticos em frases não finitas 16 ocorrências.

1.4. Metodologia

Neste trabalho foram estudados exhaustivamente todos os clíticos que ocorrem nas obras selecionadas para se obter o *corpus* linguístico que constitui a base empírica da presente investigação.

Stroud e Gonçalves (1997:1) definem um *corpus* linguístico como “uma amostra de uma língua autêntica escrita ou falada, recolhida para um fim específico, e orientada por princípios teóricos da linguística e/ou da sociolinguística.”

A principal diferença entre o oral e o escrito é apresentada por Nascimento (1986:7-8) ao referir que “no oral a produção e a recepção dos enunciados é simultânea, cada palavra dita foi ouvida e não pode ser apagada, enquanto na escrita existe todo um tempo entre a produção e a recepção que permite ao seu autor suprimir aquilo que prefere não comunicar e aperfeiçoar as suas frases de acordo com as leis do código que utiliza”.

Neste sentido, a investigação científica pode cingir-se na análise de corpus escrito ou oral ou ainda combinando o oral com o escrito. Mas, por causa da instabilidade do oral, e tendo em conta o limite temporal para a elaboração desta tese, preferimos o escrito e publicado por causa da fiabilidade dos dados.

O método aplicado obedeceu a quatro momentos:

- i. *Seleção dos autores.* Para uma compreensão diacrónica, escolhemos Pepetela, que escreve na década de 70 e em 2011, o que nos permite comparar a escrita do período colonial com as tendências contemporâneas, recentes. Para uma possível aproximação à linguagem popular, preferimos Patissa, que melhor representa o contacto com a língua umbundu (centro sul), e Ondjaki, que faz uma radiografia do ambiente popular da cidade capital, Luanda. O *corpus* jornalístico escolhido é aquele que, na esfera da imprensa escrita, julgamos representar melhor as diversas sensibilidades do país. Revelou-se muito mais rigoroso no uso da “norma” (i.e. a norma do PE), mesmo que os resultados revelem algumas divergências interessantes.

- ii. Seguiu-se a pesquisa e listagem de todas as ocorrências de clíticos em cada uma das obras e a *atribuição de um número* de ordem a todas as frases, associada a uma primeira distinção próclise/ênclise (vermelho/azul) e mesóclise (verde). Cf. anexos da tese.
- iii. No passo seguinte, os clíticos foram *classificados e agrupados* de acordo com os contextos sintáticos que determinam a sua colocação relativamente ao verbo no PE (mas tendo em conta também outras categorizações eventualmente relevantes no PA), isto é: (i) os que ocorrem em frases finitas, repartidos entre: frases com verbo inicial (V1), frases com verbo não inicial, sem proclisador (não-V1), frases negativas, frases afirmativas com Proclisador e orações subordinadas; (ii) os que ocorrem em frases não-finitas: com o infinitivo (simples ou flexionado, preposicionado ou não), com o gerúndio e com o particípio passado; (iii) os que ocorrem em contextos que permitem a subida do clítico (incluindo os que envolvem o particípio passado), divididos entre subida e não subida. E este será o esquema do anexo que acompanhará o trabalho final e, no fundo, a estrutura que sustenta o desenvolvimento do trabalho em si.
- iv. Quantificação, comparação, análise e discussão dos resultados.

1.5. Contextualização: a língua portuguesa em Angola

1.5.1. Resenha histórica

Um estudo sobre a língua portuguesa em Angola implica, necessariamente, uma reflexão e um exame prévios das condicionantes históricas, sociais e linguísticas que caracterizam este país, mesmo que seja em traços gerais.

O português chegou a Angola com a presença do grande Navegador Português Diogo Cão no Porto de *Mpinda*, na foz do Rio Zaire (hoje Mbanza Congo), em 1482. Nesta altura, o chamado Reino de *Ngola* era apenas um conjunto de tribos, caracterizadas pelo multilinguismo. Contudo, a presença portuguesa não significou a ocupação imediata, que veio a efectivar-se apenas no século XVI com a fundação de algumas cidades costeiras, sem possibilidade de penetração no interior por causa da constante resistência à ocupação pelos autóctones.

A divisão administrativa que hoje se tem deu-se na Conferência de Berlim, em 1885, que tratou da repartição do Continente Africano entre as grandes potências europeias. Todavia, só em 1917 é que o Estado Português foi capaz de impor a soberania em todo o território angolano com a derrota de *Mandume Ya Ndemufayo*, rei dos *Kwanhamas*. É também no século XX que o português se torna língua oficial em Angola. É de salientar que foi apenas em Angola e em Moçambique, das colónias portuguesas, que não surgiram crioulos, por causa da política de assimilação que proibia o uso de qualquer língua nativa, por se tomar o Português como “língua da civilização”. Por isso, em 1921, o então alto-comissário em Angola, Nórton de Matos, fez publicar um diploma que tem sido citado entre os diplomas legislativos de carácter mais coercivo no domínio linguístico. Transcrevemos dele alguns pontos:⁸

Art. 2º Não é permitido ensinar nas escolas das missões línguas indígenas.

Art. 3º O uso da língua indígena só é permitido em linguagem falada na catequese e como auxiliar, no período do ensino da língua portuguesa.

§ 1º É vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas o emprego das línguas indígenas por escrito ou de outra língua que não seja a portuguesa por meio de folhetos, jornais, folhas avulsas e quais quer manuscrito.

§ 2º Os livros de ensino religioso não são permitidos noutra língua que não seja a portuguesa, podendo ser acompanhado o texto português de uma versão paralela em língua indígena.

§ 3º O emprego da linguagem falada a que se refere o corpo deste artigo e o da versão em língua indígena, nos termos do parágrafo antecedente, só são permitidos transitoriamente e enquanto se não generalize entre os indígenas o conhecimento da língua portuguesa, cumprindo aos missionários substituir sucessivamente e o mais possível em todas as suas relações com os indígenas e na catequese as línguas indígenas pela língua portuguesa.

[...]

Estas e outras medidas legislativas, tomadas pelos governadores antes e depois, agravavam ainda mais a situação linguística que, por si, já era complexa. Armando Castro faz um relato significativo acerca das condições sócio-culturais então dominantes:

O ensino das populações africanas foi deixado inteiramente às missões religiosas, sendo as católicas (90%) pagas pelo Governo português; as protestantes (48%) não recebem qualquer subsídio.

⁸ Decreto n.º 77, de 9 de Dezembro de 1921, in, Boletim Oficial de Angola, nº 50, 1ª série.

*Este ensino caracteriza-se essencialmente pelo papel que lhe é imposto pelas directivas oficiais: fazer do africano um “português” levando-o a esquecer todas as tradições culturais e históricas nacionais. Por exemplo: só é permitido o ensino da língua portuguesa; nada se aprende sobre as tradições literárias e artísticas dos povos angolanos, da sua história, etc. Apesar de tudo, as populações resistem admiravelmente às tentativas de esmagamento das suas tradições nacionais, transmitindo oralmente a sua língua e os seus dialectos, conservando oralmente a sua literatura, os seus hábitos e as suas tradições.*⁹

Mas esta situação agudiza-se ainda mais com o *Estado Novo*, que implementa a política do **assimilado**, que tinha de renunciar a todas as práticas culturais e dar provas de lutar pela cultura portuguesa, o que permitia obter alguns privilégios sociais, como, por exemplo: dar aos filhos a possibilidade de fazerem mais que o quarto ano de escolaridade ou serem enviados para Portugal e acolhidos na Casa do Império.

Deste modo, no limiar da independência nacional, o panorama linguístico não apresentava um quadro animador. Não existia uma língua nacional falada em todo o território e todas as línguas africanas estavam distanciadas do contexto científico e tecnológico do mundo contemporâneo, apesar de resistirem a toda tentativa de aniquilamento. Neste sentido, o choque entre culturas de colonizados e colonizadores tinha de ser suplantado pela vontade, por uma questão premente e inadiável, já que assim o desenvolvimento do país o exigia.¹⁰

Seguindo as medidas tomadas por outros países africanos emergidos da colonização, optaram os dirigentes angolanos pela conservação da língua portuguesa, perdida a sua função colonizadora, ao mesmo tempo que decidiram apostar nos fundamentos da cultura nacional. O poeta Agostinho Neto, então Presidente da República, afirmou:

*O uso exclusivo da língua portuguesa, como oficial, veicular e utilizável actualmente na nossa literatura, não resolve os nossos problemas. E tanto no ensino primário, como provavelmente no médio, será preciso utilizar nossas línguas.*¹¹

Salienta-se que, deste modo, tinham sido lançadas as bases do bilinguismo. Com efeito, a manutenção e difusão da língua portuguesa e a reabilitação das línguas bantu não

⁹ Armando CASTRO, *O Sistema Colonial em África (meados do século XX)*, Caminho, Lisboa 1978, p. 203.

¹⁰ Cf. B. CARDOSO (então Ministro da Informação), *Discurso de Encerramento do II Congresso da união dos jornalistas Angolanos*, 27 de julho de 1990.

¹¹ Agostinho NETO, ... *Ainda o Meu Sonho...*, edições 70, Lisboa, 1980, p. 32.

traduzem medidas incompatíveis entre si, sobretudo se vistas de acordo com as novas tendências das pedagogias das línguas.¹² Enquadrada numa situação de bilinguismo, a aprendizagem do português seria mais facilitada, porque já teria um valor propedêutico a língua materna, sobre a qual a aquisição do português, como língua segunda (L2), deveria assentar.

Língua oficial, veicular e de escolarização, a existência da língua portuguesa em Angola transcorre numa situação de heterogeneidade idiomática. Admite-se que a maioria do povo angolano não possui a respeito da mesma uma competência comunicativa, apesar de não existirem dados estatísticos exactos acerca dos números (dos diferentes tipos) de falantes.¹³

1.5.2. Situação linguística e sócio-demográfica actual de Angola

Angola está situada na margem ocidental da África Austral e ocupa um território de 1246 700 km², divididos em 18 províncias. O Censo Populacional e de Habitação realizado em 2014 revelava provisoriamente que Angola possuía 24,3 milhões de habitantes. Mas a actualização dos mesmos dados feita em 2016 já mostrava 25,7 milhões de habitantes. Em Outubro de 2018, o Instituto Nacional de Estatística revela 29,2 milhões de habitantes com a previsão de atingir os 30 milhões até ao final do ano.¹⁴

Apesar de o Censo populacional não distinguir os falantes do português como L1 e L2, apresenta o Censo geral de 71% de falantes do português, em oposição aos perto de 20% de 1975. Hoje, a competência em português é uma condição *sine qua non* para ascensão social em Angola, com o resultado de que se tornou a L1 de um número crescente de angolanos. A este respeito, um olhar diacrónico sobre as percentagens de falantes do português em Angola, como dado na literatura, é revelador. A tabela que se segue, apresentada por Gerards (2018), fornece alguns desses números, que, no entanto, precisam ser examinados com cautela, já que os estudos frequentemente não distinguem entre os falantes de L1 e L2.

¹² Cf. E. ROULET, *Langue maternelle et langue Secondes*, Hatier-credif, Paris, 1980.

¹³ Cf. Instituto de Línguas Nacionais, Boletim n.º 1, Luanda, 1987.

¹⁴ <http://www.ine.gov.ao/> 30/10/2018.

Ano	Português como L1	Português como L2
1975	1-2%	15-20%
1985	33%	
1996	26%	?
2014	71%	

Tabela 1.1: tabela classificativa dos falantes do português em Angola até ao Senso Populacional de 2014

Sublinhe-se que todos os Censos populacionais realizados antes de 2014 foram parciais, isto é, representam a amostra colhida apenas em três ou quatro cidades capitais, sem a possibilidade de incluir a zona rural.

Actualmente, a percentagem de falantes do português em Angola é menor nas zonas rurais do que nas urbanas, onde, além disso, ser um jovem e falante de português L1 é, hoje em dia, cada vez mais sinónimo de ser *monolingue* nesta língua.

Angola é caracterizada por uma situação linguística complexa, onde o português coexiste com um largo número de línguas pré-coloniais maioritariamente da família das línguas bantu. Foi em 1975, no momento da Independência, que o Português foi adoptado como língua oficial de instrução e de ensino, porque era a única que se podia falar em todo país. Por essa razão, é também a única língua de unidade nacional (língua franca), porque todos os falantes se reveem nela. Importa salientar que, depois da Independência, Angola ficou agregada ao bloco comunista, razão pela qual as relações com Portugal ficaram sempre muito fracas, pelo que se fez muito pouco no aprofundamento do conhecimento da língua. Ela servia apenas de veículo de comunicação, sem ter em conta a noção de “norma”, nem de variação e mutabilidade da língua. Estes e outros factores fizeram com que o Português angolano apresentasse uma realidade ambivalente entre o falado e o escrito. Na verdade, o domínio do padrão europeu continua restringido a uma elite reduzida de falantes, pelo que, mesmo que o discurso oficial o declare como modelo-alvo das instituições escolares ou dos meios de comunicação social, tal medida, política, não impede que muitas das suas regras sejam violadas pela maior parte dos falantes de português em Angola.

Desde 2010, a realidade multilingue de Angola foi reconhecida constitucionalmente, na medida em que o Artigo 19 da Constituição decreta que o português é a língua oficial da República de Angola e que o estudo, ensino e uso de todas as outras línguas angolanas e das principais línguas internacionais devem ser valorizados e promovidos.¹⁵

¹⁵Cf. Constituição da República de Angola, art. 19

O espaço geolinguístico de Angola integra línguas estruturalmente muito diferentes uma das outras. Na sua maioria são da família linguística *bantu*, como é o caso do *umbundu*, *Kimbundu*, *Cokwe*, *kikongo*, *helelo*, *oxindonga*, *oxiwambo*, *ngangela* e o *nhaneka*; outras são de famílias linguísticas não bantu, como é o caso das *khoisan* e *vatwa*, que são línguas minoritárias.

Para uma visão geral dos grupos etnolinguísticos bantu de Angola apresentamos o quadro seguinte, extraído de Neto (2009:17):

Nº	GRUPO ETNOLINGUÍSTICO	LÍNGUA
1	<i>Ovimbundu</i>	<i>Umbundu</i>
2	<i>Ambundu</i>	<i>Kimbundu</i>
3	<i>Tucokwe</i>	<i>Cokwe</i>
4	<i>Bakungo</i>	<i>Kikongo</i>
5	<i>Vangangela</i>	<i>Ngangela</i>
6	<i>Ovanhaneka</i>	<i>Olunhaneka</i>
7	<i>Ovahelelo</i>	<i>Oshihelelo</i> <i>Oshikwanhama</i>
8	<i>Ovambo</i>	<i>Oshindonga</i>

Angola conta ainda com outros grupos linguísticos não bantu, embora minoritários, a que importa fazer referência.

Nº	Grupo	Subgrupo	Língua
1	Khoisan	Vakankala (kamusekele ou bosquimane) Hotentote (ou kede)	Hotentote (koi)
2	Vátua ou Kuroka	Ovakwando (ou kisi) Ovakwepe (ou kwepe)	Kankala (san)

A tabela de Neto (2009), apresentada acima, não é cabalmente coincidente com o quadro geolinguístico que se ilustra no Mapa etnográfico de Angola adoptado pelo Instituto Nacional de Geodesia e Cartografia de Angola, que apresentamos abaixo, o que, no nosso entender, achamos ser característico de uma fase embrionária da discussão do assunto.

Mapa Etnolinguístico de Angola



Fonte: Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola

Na verdade, a classificação de Neto (2009) peca, em muitos casos, na designação dos grupos etnolinguísticos em correspondência com as suas línguas e na escrita de alguns nomes, como *Kisi* que deveria ser *Kwisi*. Em contrapartida, esta língua não é apresentada no mapa do Instituto Nacional de Geodesia e Cartográfico de Angola. Se não bastasse, como é possível notar, só para aludir a alguns desfasamentos, o subgrupo *Vakankala* tem como língua o *Hotentonte* na classificação de Neto (2009), enquanto no mapa este subgrupo etnolinguístico é apresentado como falante de *Kankala*, o que é mais lógico. Os *Ovandongas*, que são falantes de *Oshindonga*, segundo o mapa, não são mencionados no quadro de Neto, sendo que esta língua é falada pelos Ovambo segundo o referido quadro. Os *Ovakwanyama* são falantes do *Oshikwanyama*, mas no Mapa é apresentada como se fosse a língua dos *Tucokwe*.

A maior dificuldade prende-se com a determinação de quantas línguas são realmente faladas em Angola, uma vez que a situação de multilinguismo tem acarretado consigo a dificuldade de distinguir claramente o que se deve considerar língua e o que se deve considerar dialecto. O que uns autores consideram como sendo «língua», outros consideram um «dialecto» e outros ainda consideram como sendo um grupo de línguas.¹⁶

¹⁶ L. CABRAL, *Complementos verbais Preposicionados do português em Angola*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2005, p. 12.

É neste contexto linguístico, maioritariamente bantu, que o português coabita. De ressaltar que a Lei Constitucional de Angola de 1975, apesar de ser escrita em português, não faz alusão ao português como língua oficial, como a Constituição de 2010, no já referido artigo 19. Porém, tem sido apresentado como marco relevante o Discurso de Agostinho Neto na sede da União dos Escritores Angolanos, em 1977. E, em 2006, José Eduardo dos Santos afirma, no seu Discurso ao III Simpósio sobre Cultura Nacional, que “devemos ter a coragem de assumir que a língua portuguesa, adoptada desde a nossa Independência como língua oficial do País e que é hoje língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, se afirma tendencialmente como uma língua de dimensão nacional”.¹⁷ Portanto, a promoção e divulgação da língua portuguesa desponta como uma opção política em Angola, o que não acontecia antes.

Segundo Gonçalves (2004), contrariamente aos “anseios e expectativas das elites”, a apropriação do português como L2, por falantes de línguas bantu, debate-se com dificuldades próprias do contexto em que é aprendido. Adianta ainda a autora que as propriedades da gramática não são um projecto comum consciente na construção de uma variedade nacional, maioritariamente adquirida em contexto não nativo; ou seja, a sociedade não controla a deriva linguística. Perante este cenário, é evidente que o processo de normalização se mostra complexo. Devido à variação e mudança linguísticas e ainda à instabilidade da(s) gramática(s) dos falantes de português L2, no discurso de um mesmo falante ocorrem formas convergentes e divergentes em relação à norma do PE. Os falantes não partilham todos as mesmas regras gramaticais e podem manifestar falta de coerência entre as produções linguísticas espontâneas e os juízos de gramaticalidade que emitem sobre enunciados por eles produzidos anteriormente.

Neste trabalho, não trataremos, genericamente, do tópico da variação linguística, mas sim, especificamente, do fenómeno sintáctico conhecido como ‘colocação dos pronomes clíticos’.

¹⁷ Maria H. MIGUEL, *Língua Portuguesa em Angola: Normativismo e Glotopolítica*, in *Lucere*, Revista Académica da UCAN, Ano IV, 2008, n.5.

1.6. Conceptualização

1.6.1. Clítico/clitização

Os pronomes clíticos correspondem prototipicamente às formas do pronome pessoal que representam complementos do verbo, como exemplificado a seguir com o clítico dativo *te* como complemento do verbo ditransitivo *dar*, em (1), e o clítico acusativo *a*, como complemento do verbo transitivo *abordar*, em (2):

1. O exército dá-*te* bolsa. (*A Última Ouvinte*, 20)
2. E como a ousadia é a alma do negócio na zunga, o rapaz abordou-*a* insistentemente, para não dizer chatamente. (*A Última Ouvinte*, 63)

São diversas as definições que já foram dadas de pronome clítico. Vamos apresentar apenas aquela que achámos pertinente e que encontramos em **Martins** (2013: 2231-2303), que define o clítico como: “um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos)”.¹⁸ Esta definição tem algo específico que é o relacionamento entre três dimensões: fonológica, morfológica e sintáctica (posicional).

Ao processo de ligação do clítico ao seu hospedeiro, chama-se cliticização. Os pronomes clíticos não têm acentuação própria e por isso dependem do acento da forma verbal hospedeira, à qual se ligam procliticamente (quando a precedem) ou encliticamente (quando a seguem, em adjacência estrita). A palavra hospedeira dos pronomes clíticos é sempre o verbo, pelo que aqueles podem receber o nome de ‘clíticos verbais’.

Quando vários clíticos co-ocorrem, a ordem por que surgem é igualmente distinta da canónica, aparecendo primeiro o clítico impessoal depois o clítico dativo e por fim o acusativo, como em (1). O dativo e o acusativo, quando co-ocorrem, formam entre si um *grupo clítico* (assim, no exemplo, o grupo clítico *lhos* resulta da junção do clítico dativo *lhe* com o acusativo *os*).

3. Não se *lhos* ofereceu, porque já tinham esgotado.

¹⁸ Para mais definições, veja Duarte (1983:159) e Matos (2003: 286-287).

O quadro abaixo, retirado de **Matos** (2003: 837), mostra o paradigma dos clíticos não-reflexos e reflexos, de acordo com a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem:

Formas átonas do pronome pessoal			
Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo/Dativos
1ª singular	me	me	me
2ª singular	te	te	Te
3ª singular	o/a	lhe	Se
1ª plural	nos	nos	nos
2ª plural	vos	vos	vos
3ª plural	os/as	lhes	Se

Quadro1.6.1: Distribuição das formas átonas do pronome pessoal

1.6.2. Rutura da adjacência entre o clítico e o verbo (*interpolação*)

Sendo clíticos verbais, os pronomes pessoais ocorrem normalmente adjacentes ao verbo. No entanto, o marcador de negação frásica (*não*) pode, opcionalmente, interromper a continuidade entre um clítico pré-verbal e o verbo. No nosso corpus o fenómeno é muito claro em *Mayombe*, com 17 ocorrências de interpolação de *não*, apesar de encontrarmos também a possibilidade de interpolação em outras das obras que integram o corpus:

4. a. Criança ainda, queria ser branco, para *que* os brancos **me** não chamassem negro (*Mayombe*, 8)
- b. Homem, queria ser negro, para *que* os negros **me** não odiassem. (*Mayombe*, 8)
- c. E onde estão os meus companheiros *que* **me** não defenderam? (*Mayombe*, 116)
- d. Quem pode atacar um homem *que* **se** não defende? (*Mayombe*, 117)

Em Martins (2013) é possível compreender que esta situação de interpolação (de um constituinte entre o clítico e o verbo) tem um âmbito muito restrito no português padrão contemporâneo, ainda que fosse muito comum no português antigo.¹⁹ Dos três autores estudados, apenas Pepetela apresenta ocorrências interpolação de *não* (também possível no PE padrão): 17 ocorrências em *Mayombe* e 6 em *A Sul. O Sombreiro*. Nos exemplos apresentados em (4) é possível notar que as orações subordinadas finitas funcionam como

¹⁹ Diferentes variedades dialectais do português admitem, contemporaneamente, a interpolação de pronomes e advérbios de natureza dêictica (Magro 2007).

contexto indutor da interpolação, apesar de não ser o único caso em que aparece a interpolação.

1.6.3. Ligação dos clíticos a verbos de que não são complemento (*subida do clítico*)

Nas frases finitas, os pronomes clíticos cliticizam ao verbo de que são complemento. Em algumas estruturas completivas infinitivas, no entanto, o clítico pode ligar-se quer ao verbo infinitivo de que é complemento (*não vais responder-me?*) quer ao verbo finito que selecciona a oração infinitiva (*não **me** vais responder?*). Nesta segunda situação, o clítico não cliticiza ao verbo de que é complemento (nos exemplos, o clítico *me* é o complemento indirecto de *responder*), ligando-se antes ao verbo que de que depende a oração infinitiva. “Utilizando uma linguagem metafórica, em linguística chama-se a este fenómeno *subida do clítico*, porque o clítico como que “sobe” da forma verbal infinitiva da oração subordinada (...) para a forma verbal (...) da qual depende a oração subordinada” (Martins 2013: 2234).

II CAPÍTULO

A colocação dos pronomes clíticos no português europeu e no português angolano: breve revisão da literatura, com destaque para Gerards (2018)

Depois de fazermos o enquadramento do tema da nossa dissertação, passamos agora para a revisão da literatura com o objectivo de fazer uma comparação sistemática dos estudos já realizados sobre o PA com o *corpus* apresentado por Gerards, que se afigura como uma das primeiras descrições sistemáticas da colocação dos pronomes clíticos no português angolano comparativamente ao português europeu, ao lado de Chavagne (2005), Soma Adriano (2015), Hagemeijer (2016), para lá dos outros que, ao longo do trabalho, poderão ser mencionados na dimensão holística de toda a investigação científica.

Para tal, um dos trabalhos mais recentes e incontornáveis do estudo sobre a colocação dos pronomes clíticos no PA é o artigo de David Paul Gerards (2018), intitulado *The Harbinger of a New Standard? The Placement of Clitic Object Pronouns in Angolan Portuguese.*, isto é, “O Anúncio de um Novo Paradigma? A colocação dos pronomes Clíticos de objecto no português Angolano”. O texto de apoio sobre o qual faz a comparação dos dados é o de Martins (2013), que descreve de forma sistemática a colocação dos pronomes clíticos no PE *standard*.

Para testar e comprovar as hipóteses que levanta, o autor recorre à colecta de 500 ocorrências de clíticos a partir dos perfis livres da rede social *Facebook* de falantes angolanos. Segundo o autor, na linha do que já foi proposto por outros autores, acima citados, “o exame dos dados sugere que nesta variedade a próclise está sendo generalizada como a direcção de clitização em quase todos os contextos sintácticos” (Gerards, 2018, *Introdução*). Neste sentido, o PA estaria a seguir um percurso de mudança similar ao que ocorreu no PB.

O objectivo de Gerards (2018) é pôr à tona a discussão sobre as novas variedades endógenas do português, apresentando o resultado de um estudo sistemático e bem fundamentado. Por isso, recorre, sobretudo, ao trabalho de Soma Adriano (2015) que, no mesmo diapasão, faz um estudo, quase já sistemático, sobre a clitização e a regência verbal no PA. Apesar de desenvolver muito mais a componente didáctica da colocação dos pronomes de objecto, Soma Adriano chega a conclusões semelhantes às de Gerards (2018), apesar de aquele categorizar já a próclise como um dado certo para o PA, numa

altura em que Gerards parece espantar-se diante de tal constatação, fora do contexto habitual, o PB.

A estruturação do seu trabalho começa com uma introdução que caracteriza a situação sociodemográfica de Angola apresentada no Censo Populacional de 2014 que fixava os habitantes²⁰ de Angola em 25.789.024, que em 2019 já sobe para 30.4 milhões²¹ de habitantes, de acordo com a *World Population Data Sheet*.

Mostra ainda a coexistência do português com as línguas bantu, apesar de o português desempenhar o papel preponderante, por ser a língua veicular, da escolarização, do Estado e das relações públicas. Por esta razão, o português assume um papel indispensável para a promoção social, factor determinante para o seu constante crescimento, sobretudo nas zonas urbanas, sobretudo entre as novas gerações que já têm o Português como Língua Materna (L1). Cf.: Marques (1985); Endruschat (1990,26-29); Dele Zau (2011, 42-76); Soma Adriano (2015, 33-40); Hagemeijer (2016,46-47).

Neste capítulo procuramos apresentar as duas posições que Gerards (2018) tomará como hipóteses a testar no seu estudo:

- A. A colocação dos pronomes clíticos no PA é instável – Soma Adriano (2015), Hagemeijer (2016).
- B. O posicionamento dos clíticos no PA é tipicamente proclítico – Chavagne (2005), Inverno (2009), entre outros.

Só depois apresentaremos os dados de Gerards (2018), tanto no que diz respeito à direcção da clitização (próclise/ênclise em contexto de ênclise no PE) como à opção ou não, pela subida do clítico (\pm SC) em estruturas não finitas (infinitivo, gerúndio e participípio passado).

2.1. Soma Adriano (2015) e Hagemeijer (2016)

A obra de Soma Adriano (2015) é fruto da sua investigação no âmbito do seu Doutoramento em Linguística pela Universidade de Évora. A obra foi publicada pela editora *Mayamba*, em Angola. Nas páginas (122ss), em que apresenta os resultados dos testes dos informantes, é possível constatar a existência de uma grande **instabilidade** quanto há colocação dos pronomes clíticos, isto é, a existência de próclise em contextos de ênclise obrigatória no PE e vice-versa. E aponta como causa principal a fraca exposição

²⁰http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Definitivos%20Censo%20Geral%202014_Versao%202032016_DEFINITIVA%2018H17.pdf

²¹ Cfr: https://www.prb.org/wp-content/uploads/2018/08/2018_WPDS.pdf

à norma padrão do PE, inclusivamente no contexto de escolarização, por ser variável o domínio que os professores de português têm dessa norma padrão (cf: Soma Adriano, 2015:23).

Por esta razão, ele conclui dizendo: “Verifica-se [entre os informantes] ocorrências de ênclise pronominal em contextos de próclise; próclise pronominal em contextos de ênclise; próclise ou ênclise em contexto de mesóclise e imensas dificuldades na contracção de clíticos **OI** e **OD**. Um fenómeno que muito sobressai é o emprego do clítico dativo (*lhe*) pelo acusativo (*o*). Por outro lado, há uma tendência bastante considerável de uso de verbos como transitivos directos em contextos frásicos em que deviam ser complementados por GP²². Há, igualmente, ocorrências assinaláveis de usos de transitivos indirectos para alguns verbos em contextos que, na norma padrão, não seleccionam GP. Adicionalmente, o estudo evidencia alguns casos de troca de preposições, isto é, de GP encabeçado pela preposição (*a*) e (*de*) por GP encabeçado pela preposição (*em*)”. (Soma Adriano, 2015:238).

Neste mesmo diapasão alinha o estudioso Hagemeijer (2016), no seu artigo sobre o Português em contacto em África, publicado em Martins e Carrilho (2016). Partindo de outros autores (Miguel, 2003), conclui que a colocação dos clíticos no PA é instável e, nalguns casos, assimétrica em relação ao PE. E encontra a razão nos itens que, nas línguas bantu, correspondem aos clíticos de objeto do português, assunto a que faremos referência no quarto capítulo do nosso trabalho.

De salientar que Hagemeijer, apesar de não constituir um *corpus* direccionado para a investigação do PA, trabalha com dados fiáveis de Chavagne (2005) e de Miguel²³ (2003), comparando-os com os resultados de Mapasse (2005), que, ao falar da colocação dos pronomes clíticos no Português de Moçambique (PM), chega às mesmas conclusões da **instabilidade** quanto ao posicionamento do clítico.

²² GP=Grupo preposicionado

²³ Na verdade, lendo a tese de Ermelinda Mapasse (2005), sobre o PM, e a obra de Maria Helena Miguel (2006) sobre a Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda (PA), é possível concluir que existem muita aproximação entre as duas variantes da zona bantu quanto à instabilidade da colocação e ao emprego do clítico dativo (*lhe/es*) ao invés do acusativo (*os/as*). Para maior clarificação do assunto consultar Miguel (2006:11).

2.2. Chavagne (2005) e Inverno (2009)

Ao contrário da posição defendida pelos autores apresentados em 2.1, Chavagne²⁴ e Inverno apresentam a *próclise* como direcção de cliticização generalizada para o PA. Chavagne (2005) considera que a generalização da colocação proclítica partirá da base das línguas bantu, apesar de admitir a existência de multiplicidade de variantes que distinguem falantes do PA de regiões diferentes.

Se olharmos para os exemplos abaixo, extraídos de Chavagne (2005), é possível verificar com clareza a presença de próclise em contexto de ênclise (cf. (5a), (5c), (5d)), mas também há, com menor frequência, ênclise em contexto de próclise (cf. (5b)), pelo que Chavagne fala da próclise generalizada mas que ainda não está normalizada.

5. a. Praticamente, *me* identifico mais com o povo bantu. (Chavagne 2005, 248)
- b. ...dum sistema que herdou-*se* numa colonização. (Chavagne 2005, 248)
- c. E eu até, só uma coisa que vou *lhe* dizer? (Chavagne 2005, 248)
- d. João, qual é a disciplina que *tá* a *lhe* dar mais trabalho aqui? (Chavagne 2005, Anexo I, 30)

Nos exemplos 5 vemos ocorrer a próclise em contextos em que obrigatoriamente ocorreria a ênclise no PE: em (5a) há próclise ao verbo finito numa frase em que o clítico está precedido de um advérbio que não é, no PE, um ‘proclisador’, nem está focalizado; em (5c) e (5d) há próclise ao infinitivo simples em estruturas em que poderia ter ocorrido, mas não ocorreu a subida do clítico e em que a oração infinitiva não é introduzida por preposição (5c) ou é introduzida pela preposição *a* (5d). Em sentido inverso, vemos em (5b) surgir a ênclise ao verbo finito numa oração relativa.

Chavagne (2005) nota ainda que existe uma certa frequência do uso do pronome dativo em lugar do pronome acusativo, como exemplificado em 6 (note-se como neste mesmo exemplo há duas ocorrências de próclise em contextos de ênclise no PE, a primeira ao infinitivo, a segunda ao verbo finito):

6. Claro mais ou meno[*s*] = posso *lhe* reconhecer mas o outro tava com os outros no escuro não, não consigo (...) mais claro, se eu *lhe* encontrar, eu *lhe* reconheço.

²⁴ Na sua tese intitulado *La langue portugaise d'Angola : étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*, isto é, “a Língua Portuguesa de Angola: estudo dos desvios do padrão europeu do português”, Jean- Pierre Chavagne faz um estudo de renome que engloba a fonologia, morfologia e sobretudo a sintaxe.

«Dans l'exemple ci-dessus, le locuteur emploie le pronom indirect *Lhe* où on attendrait selon la norme portugaise le pronom direct *o*: reconheçê-*lo*, encontrá-*lo*, reconheço-*o*. Il s'agit d'une véritable tendance en Angola» (Chavagne, 2005).

Esta construção frásica é muito frequente na cidade de Luanda, onde a língua Kimbundu tem tendência a influenciar sobretudo a sintaxe, para lá das constantes palavras que vão entrando no léxico português.

Chavagne sublinha ainda o uso dos pronomes pessoais *ele* ou *ela* em lugar do pronome acusativo Ex: (...fiz o prato e depois vi *ele* a comer/segura a Velha a que se me dá de chicote eu mato *ela*).

A posição de Inverno (2009), no que diz respeito à generalização da próclise no PA, é muito mais firme do que a de Chavagne (2005)²⁵. Para Inverno o PA, a que chama **PVA** (*Português Vernáculo Angolano*), tem algumas semelhanças com o PB. Porém, sustenta que a “razão plausível da próclise deve encontrar-se na influência do substrato, pois a ordem de colocação dos pronomes no PVA é semelhante à atestada nas línguas banto, isto é, pronomes de objectos e pronomes reflexivos ou recíprocos são inseridos entre verbo auxiliar e a raiz do verbo principal” (Inverno 2009:102), tal como exemplificado em (7):

7. a. Muitos estavam a *se* interrogar se a IGM é angolana
- b. Nós conseguimos *se* entender

Com o exemplo acima apresentado, a autora procura sublinhar mais uma vez a influência do substrato. O facto de se utilizar, nas línguas banto, uma única forma para os pronomes pessoais reflexivos e recíprocos, faz com que o falante transfira essa propriedade para o português.

Inverno (2009) adopta o conceito de *reestruturação parcial*. Apesar de afirmar a próclise generalizada, é possível ver alguma instabilidade nos dados que apresenta.

2.3. Gerards (2018)

Como já tivemos a ocasião de o referir na introdução a este capítulo, Gerards faz a ligação do PA com o PB e procura demonstrá-lo através de duas propriedades: em primeiro lugar está a posição dos pronomes clíticos, que, para ele, seria surpreendente se

²⁵ https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=dIfsXwyevVgC&oi=fnd&pg=PA87&dq=inverno+2009&ots=B-bUH5rY_Q&sig=2A4thqZtlhu4oins7ZYhImyVwn8&redir_esc=y#v=onepage&q=inverno%202009&f=false

o PA, no futuro, não refletisse esta característica. E, em segundo lugar, diz que muitos angolanos não se revêem no PE, apresentando o PA como marca da sua identidade. Gerards considera ainda que, em Angola, o PE vai decrescendo, sobretudo nas camadas jovens, em benefício do PB (Cruz 2013, 173-174; cfr: Baster 1992,22). Por outro lado, sublinha a heterogeneidade do domínio do PE entre os professores angolanos, o que Soma Adriano (2015) atesta muito bem no seu inquérito. Por esta razão, torna-se difícil, mesmo que o Estado angolano o queira, apresentar o PE como variedade padrão para a escolarização, pelo menos nas condições actuais (cf. Dele Zau (2011,122-127); Miguel (2014,21-24)).

2.3.1- Estudos prévios sobre a colocação do clítico no PA

Gerards (2018) está plenamente consciente de que os clíticos, sobretudo no que diz respeito à sua colocação, constituem um dos domínios mais complexos da gramática do português. Depois da apresentação sumária da colocação dos pronomes clíticos no PE e PB, o seu objectivo é identificar as linhas caracterizadoras do PA²⁶.

No PE²⁷ a próclise é o padrão global de colocação em orações subordinadas finitas e nas frases negativas (qualquer que seja a forma de expressão da negação), sendo que a ênclise é a regra em orações principais afirmativas, na ausência de um conjunto de factores que possam desencadear a próclise (doravante *proclisadores*). Alguns destes proclisadores incluem os **quantificadores**, as **palavras qu-** interrogativas e exclamativas, **certos advérbios** (marcadores de foco e outros) e constituintes focalizados (focos contrastivos ou enfáticos, antepostos). Nos complexos verbais, **os clíticos sobem** frequentemente do domínio infinitivo para o domínio superior (doravante \pm SC), isto é, para junto do verbo finito que seleciona a oração infinitiva, associando-lhe quer de forma proclítica quer enclítica, conforme o proclisador está presente ou não.

Existe ainda um terceiro posicionamento, a mesóclise. Ela resulta da inserção de um clítico entre uma raiz e um morfema flexionável. É limitado ao futuro sintético e ao condicional em contextos de ausência de proclisador (*Isso **impedir-me-á** de continuar?* Mayombe, 49; *E ele serviria de mãe e **deixá-lo-ia** chorar no seu colo.* Mayombe, 93). Gerards (2018) mostra que a mesóclise se vai tornando opcional no PE informal.

²⁶ Sobre o PA cfr.: Dele Zau (2011, 122-127); Miguel (2014,21-24); Soma Adriano (2015).

²⁷ Para uma maior compreensão da colocação dos pronomes clíticos no PE, veja-se Martins (2013). Sobre a variação diacrónica da colocação, veja-se Martins (1994) e sobre a colocação dialectal, Magro (2006).

O PB, por sua vez, tem generalizada a próclise e já não é possível a subida dos clíticos na grande maioria dos contextos (cfr.: Galves/Torres/ Ribeiro (2005); Castilho (2010, 193,474-83); Cyrino (2010)).

Gerards (2018) parte do postulado de Labov (1972: 209) de que o objectivo da pesquisa linguística deve ser o de descobrir como as pessoas falam na comunidade quando não estão a ser sistematicamente observadas. Se essa mesma forma de falar for atestada na escrita literária, então será prova de que é uma constante que se deve padronizar.

2.3.2. Resultados de Gerards 2018

Procuramos agora apresentar os dados quantificados, fruto da análise das 500 frases com clíticos que constituem o corpus de Gerards. O autor organiza a apresentação dos resultados da seguinte forma:

- i. analisa os clíticos que tanto no PE como no PB seriam obrigatoriamente proclíticos;
- ii. analisa, globalmente, os clíticos que no PE (ao contrário do PB) seriam obrigatoriamente enclíticos, considerando tanto as frases com verbo finito como com infinitivo;
- iii. restringe a observação aos clíticos que no PE (mas não no PB) seriam enclíticos ao infinitivo;
- iv. restringe a observação aos clíticos que no PE seriam enclíticos ao verbo finito;
- v. por fim, faz algumas observações acerca do contacto linguístico como possível razão para os padrões linguísticos observados.

Gerards (2018) afirma que o português angolano revela fortes semelhanças com o PB em termos de posicionamento, não obstante algumas dissemelhanças.

Os resultados, de facto, comprovam a tese de Gerards, de acordo com a tabela abaixo (onde estão agrupadas frases finitas, não V1, sem proclisador, frases finitas V1, infinitivo simples, sem proclisador, infinitivo flexionado, sem proclisador).

	✓ EP	✓ BP	✓ EP + ✓ BP	Unclear if ✓ BP-proclisis or ✓ EP-enclisis		*EP + *BP	Total
				(± CC ?)	(± CC ?)		
Angolan Data	64 (19.9 %)	155 (48.2 %)	18 (5.6 %)	67 (20.9 %)	16 (5.0 %)	1 (0.3 %)	321 (100 %)

Tabela 2.1 PE vs PB – a colocação no PE é categoricamente/em parte ≠ do PB (Gerards 2018:7)

A tabela 2.1 quantifica 321/500 (64,2%) dos dados de Gerards do PA, cujo posicionamento no PE é categoricamente diferente do PB. No fundo, é a comparação das três variedades do português para ilustrar as tendências acima assinaladas. Apesar de apresentar mais separadores, é possível verificar que a percentagem que alinha claramente com o PB (48.2%) é superior em relação àquela que alinha com o PE (19.9%).

Os dados que Gerards (2018) assinala como “unclear” (cf. colunas 5-6 na tabela 2) são os que correspondem aos contextos de subida do clítico e se exemplificam em (9).

8. a. *Vou **te** ligar* amanhã ±SC (Gerards 2018)
- b. E serio, *ñ posso **te** menti[r]* (Gerards 2018)

Nestes exemplos há, aparentemente, indeterminação sobre se o clítico **te** sobe para junto do verbo na forma finita, ao qual se iria ligar encliticamente, ou se continua associado ao verbo no infinitivo. Gerards apresenta argumentos a favor de serem proclíticos ao infinitivo, ou seja, “não subidos para a forma finita”. Assim sendo, os dados da tabela 2 mostrarão uma ainda maior proximidade entre PA e PB, e consequente distanciamento entre PA e PE.

2.3.3. Próclise obrigatória no PE e no PB

Em seguida, Gerards (2018), faz a descrição dos dados do PA coloquial constituído por 179/500 de clíticos que no PE e no PB seriam necessariamente proclíticos devido à negação, ao advérbio focalizador ou enfático, à palavra *Qu-* interrogativa ou exclamativa, à construção imperativa ou optativa introduzida por *que*, ou à subordinação finita. Adicionalmente, os dados também contêm proclíticos obrigatórios do PE devido à subordinação de um infinitivo pessoal preposicionado ou à presença de um constituinte focalizado ou de um quantificador (cf. coluna 8 da tabela 3).

A tabela 2.2 oferece uma visão geral da direcção da cliticização dos 179 clíticos do PA que seriam necessariamente proclíticos tanto no PE como no PB.

	Neg. Only	Focalizing / Emph. Adv. Only	<i>Qu</i> - Interrog. / <i>Qu</i> - Exclam. Only	<i>Que</i> - Imper. / Optat. Only	Finite Subord. Only	a) – e) Only	> 1 EP- Procli- ticizer	Total
Pro- clisis	44 (100 %)	30 (96.8 %)	9 (100 %)	14 (100 %)	56 (100 %)	7 (100 %)	17 (94.4 %)	177 (98.9 %)
En- clisis	0	1 (3.2 %)	0	0	0	0	1 (5.6 %)	2 (1.1 %)
Total	44 (24.6%)	31 (17.3 %)	9 (5.0 %)	14 (7.8 %)	56 (31.3%)	7 (3.9 %)	18 (10.0 %)	179 (100 %)

Tabela 2.2-Direcção da cliticização: próclise obrigatório no PE/PE- (SC n/a) (Gerards 2018:9)

A tabela 2.2 mostra que a maioria dos proclíticos obrigatórios no PE e no PB também o são no PA (isto é, 177/179), sendo que apenas dois são enclíticos *hipercorrectos*, o que sugere a ideia de que no PA coloquial o posicionamento não é completamente *instável* e imprevisível nem assimétrico ao PE.

2.3.4. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB) – dados globais

Importa, agora, abeirarmo-nos das evidências que Gerards (2018) apresenta dos 266/500 (53,2%) clíticos que no PE seriam necessariamente enclíticos. Procuraremos desenvolver mais esta secção porque, ao nosso ver, apresenta aspectos comparativos importantes. Esses clíticos incluem aqueles que ocorrem nas orações principais, com apenas um verbo, em orações infinitivas introduzidas pela preposição *a*, em orações gerundivas e em orações infinitivas não introduzidas por preposição. Adicionalmente, Gerards apresenta duas orações explicativas introduzidas por *com que*. Gerards continua a classificar como “unclear” dados como os exemplificados em (9), nos quais o clítico ocorre entre os dois verbos (finito+ infinitivo) de uma estrutura que permite, no PE, a subida do clítico.

	One Verb- Main Clause	Infinitive Clause with P ^o <i>a</i>	Gerundial Clause	Infinitive Clause [– P ^o]	<i>Que</i> - Explicative Clause	Total
Proclisis	116 (75.8 %)	14 (100 %)	2 (50.0 %)	16 (17.2 %)	1 (50 %)	149 (56.0 %)
Enclisis	37 (24.2 %)	0	0	14 (15.0 %)	0	51 (19.2 %)
Unclear (± CC)		0	2 (50.0 %)	63 (67.7 %)	1 (50 %)	66 (24.8 %)
Total	153 (57.5 %)	14 (5.3 %)	4 (1.5 %)	93 (35.0 %)	2 (0.8 %)	266 (100 %)

Tabela 2.3 -A ênclise como direcção obrigatória de clitização no PE (Próclise no PB), (Gerards 2018).

Os dados anteriormente apresentados nas frases de próclise obrigatória descartam a ideia de que o PA seja assimétrico ao PE pelo simples facto de concordarem em quase 100% das ocorrências. Porém, aqui, os dados sugerem uma generalização progressiva da próclise na maior parte dos contextos. Todavia, em muitos casos, são apresentados como indeterminados. Estes casos, que envolvem complexos verbais, serão por nós classificados como próclise ao infinitivo, mas Gerards classificou-os como indeterminados.

O *corpus* de Gerards mostra que dos contextos de ênclise obrigatória para o PE, 75,8% revelam-se proclíticos no PA, apesar de não haver proclisador e independentemente de o verbo estar ou não no imperativo. Alguns exemplos da variação entre próclise e ênclise no PA são apresentados a seguir, respectivamente em (9) e (10). Todos os exemplos são retirados de Gerards (2018).

9. a. Não dançaste. **Me** mentiste Julião
b. Meu “ídolo” o Papa Francisco nós **te** amamos
c. Hoje **me** arrependo por ter conhecido certas pessoas
10. a. Wey, não falam coisas atoa eu enganei-**me**
b. Gosto do sorriso, vê-**se** há quilómetros que é sincera e humilde.
c. Essas perguntas fazem-**se** em off.

Mas a questão torna-se mais aguda quando se trata de enclíticos obrigatórios do PE em orações infinitivas introduzidas pela preposição *a* (\pm SC/-SC). Gerards analisa 14/266 enclíticos obrigatórios no PE e todos eles (100%, portanto) resultaram proclíticos ao verbo no infinitivo, como exemplificado em (11) com frase extraídas do *corpus* de Gerards (2018).

11. a. [*Nome*] a idade está a **me** obrigar a ser clássico
b. Tenha cuidado ao **me** puxar no chat

Os casos de gerúndio também resultam em próclise quando no PE seriam ênclise obrigatória, mas o número de exemplos é pouco significativo:

12. **Me** preparando para a noite

2.3.5. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB), com o infinitivo simples

Neste domínio Gerards (2018) analisa 93/266 enclíticos obrigatórios no PE (próclise no PB). Os seus dados revelam que 16 dos 93 são claros proclíticos e 14 enclíticos, mas encontra dúvidas em quantificar os outros 63/93 (67,7%), cuja classificação mantém como indeterminada devido à dificuldade de dar como garantida a não ocorrência da subida do clítico. As frases em (13) são exemplos claros de próclise e as de (14) de ênclise a infinitivos simples não preposicionados.

- 13. a. **Mi** *b[e]rrar* e fácil é difícil voltar a falar comigo
- b. Vou lá *te* *ver*
- c. Tas Mbora **Me** *Banzer* [name]
- d. iam só *lhe* *matar*
- 14. a. tas muito gira princesa adoraria *conhecê-la* pessoalmente
- b. *Posso-lhe* fazer uma visitinha

A falta de avaliação da existência ou não da subida de clítico deixa o autor suspenso sobre a quantificação dos dados relativos às estruturas infinitivas, pois, para ele, o importante era a determinação da direcção da clitização. Frases como as de (15) são deixadas no grupo dos casos *unclear*

- 15. a. *Vem* *m[e]* ver na ilha por favor estás lindo
- b. Desculpa, *Tava* **Me** *Olhando* No Espelho

2.3.6. Ênclise obrigatória no PE (próclise no PB), com verbo finito

Neste domínio, o *corpus* de Gerards revela que, nos dados do PA coloquial, 153/266 (57,5%) clíticos ocorrem em frases matriz, afirmativas, sem proclisadores, ou seja, num tipo de contexto em que seriam enclíticos obrigatórios no PE (proclíticos no PB). A tabela 5 mostra que 116/153 (75,8%) são proclíticos, enquanto apenas 37/153 (24,2%) são enclíticos. Como nos dados do PA coloquial, a colocação dos clíticos parece ser sensível à distinção entre verbo no imperativo e outras formas verbais finitas, a tabela 5 distingue entre [– imperativo] e [+ imperativo], razão pela qual apresenta os cálculos estatísticos separadamente.

	[- Imperativo]	[+ Imperativo]	Total
Próclise	103 (80.5 %)	13 (52 %)	116 (75.8 %)
Ênclise	25 (19.5 %)	12 (48 %)	37 (24.2 %)
Total	128 (83.7%)	25 (16.3 %)	153 (100 %)

Tabela 2.4: Direcção de cliticização- ênclise obrigatória no PE (próclise PB): verbo no domínio matriz.

Tal como se pode observar na tabela 5, os dados de Gerards (2018) revelam que no PA coloquial, em contexto [- imperativo], a maioria dos 103/128 (80.5%), enclíticos no PE (proclíticos no PB), são proclíticos; apenas 25/128 (19.5%) são enclíticos. Dito por outras palavras, o PA, neste contexto, tem a próclise quase generalizada (cf: Gerards, 2018:15). Os exemplos abaixo ilustram a próclise (cf. (16) e a ênclise (cf. (17) no contexto relevante, sendo a primeira quantitativamente dominante e a segunda marginal.

16. a. Não dançaste. *Me*=mentiste Julião.
- b. Meu “ídolo”, o Papa Francisco nós *te*=amamos.
- c. Hoje *me*=arrependo por ter conhecido certas pessoas.
17. a. Wey, não falam coisas atoa eu enganei=*me*. (SC n/a)
- b. Gosto do sorriso, vê-*se* há quilómetros que é sincera e humilde. (SC n/a)
- c. Essas perguntas fazem-*se* no *Of* wey.

Quanto às frases com verbo no imperativo, os dados revelam a presença de 13/25 (52%) proclíticos contra os 12/25 (48%) enclíticos, quando no padrão PE se espera a ênclise (próclise no PB). Gerards conclui quanto a este domínio que no PA coloquial a colocação dos pronomes clíticos é aleatória, o que ele acha muito surpreendente e estranho para uma língua em que há variação na direcção de cliticização, mas que mostra uma tendência clara para a generalização da próclise (cf: Gerards, 2018:16). Na verdade, isto revela a clara intenção de Gerards a forçar os dados a tomarem uma direcção que ele espera, ao invés de deixar que eles revelem por si próprios o que têm de comunicar. Os exemplos que se seguem, extraídos de Gerards (2018), ilustram a próclise e a ênclise (cf. respectivamente (18) e (19)) no contexto [+ imperativo].

18. a. Alice *me*=*dEixA* em pAz[!]
- b. Es li[n]da *me*=procura [número de telefone] [!].
19. a. Minha linda DIVA *olha*=*nos* bem bonitos [!]

- b. *diz-me* [!] estas triste porque?

2.3.7. Considerações finais

De tudo que acabamos de apresentar conclui-se que Gerards (2018), apesar de utilizar muito os argumentos de Soma Adriano (2015), segue muito mais a posição que é sustentada por Chavagne (2005) e Inverno (2009), que apresentam a generalização da próclise no PA como um dado certo. E tendo analisado e constatado a presença de próclise nos contextos em que para o PE a ênclise seria obrigatória então conclui que o PA está a evoluir no sentido da convergência com o PB, mesmo não tendo apresentado suficientemente os factores subjacentes a este fenómeno.

Sem descartar a possibilidade da influência da *media* e da literatura brasileiras no PA, acreditamos que a razão fundamental deve residir no contacto (substrato) com as línguas bantu, que não têm clíticos como tais, mas que usam prefixos argumentais, indexados no radical verbal, visto que estas línguas ainda são a língua materna de muitos falantes. Este assunto, poderemos abordá-lo com maior propriedade no quarto capítulo.

III CAPÍTULO

Pepetela, 1980 (*Mayombe*) vs. Pepetela, 2011 (*A Sul o Sombreiro*)

A emergência de uma norma para o português angolano escrito?

Depois de termos feito a comparação dos dados recolhidos por Gerards dos perfis livres dos internautas angolanos da rede social *Faceboock* com os resultados de outros estudos precedentes, partimos, agora, para um estudo diacrónico, comparando o mesmo autor, que escreve em fases distanciadas no tempo, mas com o mesmo género literário, e que, a nosso ver, pode ser um grande facilitador da compreensão deste processo evolutivo da língua Portuguesa em Angola no que tange à colocação dos pronomes clíticos.

Os nossos argumentos andarão à volta da comparação dos dados das duas obras, perseguindo a direcção da colocação, pondo em relevo as marcas sintácticas que comprovam que *Mayombe* (a primeira obra do autor, escrita antes de 1975 e publicada em 1980 – Lisboa: Edições 70), segue a norma do PE, enquanto *A Sul. O Sombreiro* (publicado pelas Publicações Dom Quixote: Lisboa 2011), se afasta, marcadamente, do PE (apresentando próclises em frases finitas sem proclisadores, próclise ao infinitivo e ao gerúndio, sem proclisadores e, algumas vezes, próclise ao particípio passado, como teremos a ocasião de mostrar).

A questão coloca-se da seguinte forma: porquê duas normas para um mesmo autor? Será que o *edictor-revisor* de *Mayombe* lhe terá alterado a sintaxe, ou o autor vive um contexto sintáctico diferente?

Para além da comparação que faremos das principais zonas de divergências e/ou convergências sintácticas, ilustraremos também algumas características morfossintácticas muito marcadas em *Mayombe* (grupos clíticos, interpolação, mesóclise) que, de alguma maneira, “timbram” a identidade do PE comparativamente ao *A Sul. O Sombreiro*, que apresenta uma ausência total ou uma percentagem insignificante. Porém, o nosso foco vai para a direcção de clitização nas frases matriz, com proclisadores (3.1); próclise obrigatória no PE e PB (3.2) e a direcção de cliticização de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB (3.3). Passaremos rapidamente para a realidade de +SC/-SC (3.4) e só depois apresentaremos algumas características morfossintácticas da posição dos clíticos em *Mayombe* (3.5), que nos convém fazer aqui por causa das ocorrências insignificantes nas outras obras.

3.1. Direcção de Cliticização

A tabela abaixo mostra a distribuição de 2045/2157 clíticos de *Mayombe* e 1752/1887 de *A Sul. O Sombreiro* nos contextos em que o PE seria divergente/convergente do PB. A presente tabela resulta de uma adaptação feita ao quadro 3.2 de Gerards (2018), com o qual se pretende apresentar a direcção da cliticização no PE. Na verdade, a tabela é bastante elucidativa, na medida em que permite apresentar de forma quantitativa as ocorrências que constituem traços comuns ou divergentes entre o PE e o PB. Assim, a segunda coluna, da esquerda para direita, apresenta as ocorrências de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB ($\sqrt{\text{PE}} / * \text{PB}$) e integra: as ênclises em frases matriz V1 e frases matriz não-V1, assim como em orações com infinitivo simples, infinitivo flexionado, com gerúndio e, só para *Mayombe*, os casos da mesóclise; a terceira coluna apresenta as ocorrências de próclise em contexto de ênclise obrigatória no PE vs. próclise no PB ($* \text{PE} / \sqrt{\text{PB}}$) e integra: a próclise em frases matriz v1 e não v1, em orações com infinitivo flexionado, incluindo as orações introduzidas pela preposição *a*, e com gerúndio; a quarta coluna apresenta a próclise obrigatória tanto no PE como no PB ($\sqrt{\text{PE}} + \sqrt{\text{PB}}$) e integra a próclise em frases matriz negativas, frases matriz afirmativas com proclisador, orações subordinadas, orações com o infinitivo flexionado, com excepção das introduzidas pela preposição *em*, e com o gerúndio; a quinta coluna é constituída pelos casos atípicos, tanto no PE como no PB, como a ocorrência de ênclise em contextos de próclise obrigatória, como teremos a ocasião de ilustrar.

	$\sqrt{\text{PE}} / * \text{PB}$	$* \text{PE} / \sqrt{\text{PB}}$	$\sqrt{\text{PE}} + \sqrt{\text{PB}}$	$* \text{PE} + * \text{PB}$	Total
<i>Mayombe</i>	1320	1	723	1	2045
<i>A Sul. O Sombreiro</i>	380	507	865	0	1752
Total	1700	508	1588	1	3797

Tabela 3.1: Direcção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem

Um olhar atento aos dados quantificados apresenta-nos duas “setas paralelas” a indicarem em sentidos opostos. Enquanto em *Mayombe* a seta aponta para a ênclise obrigatória, com uma única ocorrência de próclise em contextos de ênclise, em *A Sul. O sombreiro* temos mais ocorrências de próclise em contextos de ênclise, o que comprova a hipótese da variação diacrónica com a direcção da mudança relativa à colocação dos pronomes clíticos (na língua escrita) a apontar, de acordo com as duas obras de Pepetela, para a próclise, mesmo que ainda o momento não conheça um período de estabilidade, o

que, de certa forma, vai revelando dados inesperados, como a ocorrência de ênclise em orações subordinadas, exemplo 20, o que é atípico. É, no entanto, de salientar que se trata de um exemplo único em 460 ocorrências de pronomes clíticos em orações subordinadas finitas na obra da década de 70 (*Mayombe*) e que na obra mais recente e reveladora de mudança (*A Sul. O Sombreiro*) não há nenhuma ocorrência deste tipo.²⁸ A seguir, em (21) a (24) exemplifica-se a divergência entre português angolano e PE, ou seja, os casos correspondentes à terceira coluna, a partir da esquerda, da tabela 3.1. (*PE/✓PB).

20. O que sei é que os homens teimosos *são-no* geralmente até ao fim, sobretudo quando há um risco. (*Mayombe*, 6)
21. a. O teu desejo será realizado, pois *se* precisa dum Comandante para avançar para lá das regiões atualmente em guerra. (*Mayombe*, 110)
 - b. No entanto, o sacerdote sufocava e *se* derretia em suor. (*A Sul. O Sombreiro*, 20)
 - c. Depois o governador *se* chegou à frente na cadeira. (*A Sul. O Sombreiro*, 21)
 - d. *Se* recostou na cadeira, mexeu o pé direito docemente dentro da bota, sentindo a dorzinha no meio do líquido. (*A Sul. O Sombreiro*, 20)
 - e. *Lhe* passou brevemente pela cabeça a tentação de regatear um pouco, negociando futuros apoios do governador. (*A Sul. O Sombreiro*, 21)
22. a. O vigário voltou a *se* servir do maluco. (*A Sul. O Sombreiro*, 24)
 - b. A um certo momento, os rapazes não sabiam ou queriam *se* defender, achavam serem nojentos, fracos, estúpidos, não havia ninguém mais asqueroso que eles no mundo (*A Sul. O Sombreiro*, 31)
 - c. Quis *se* virar para mim, tentou bater com a mão peluda, mas eu usava punhal. (*A Sul. O Sombreiro*, 31)
 - d. O negócio podia *se* fechar a qualquer momento. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
 - e. Outra era *se* meter pelo mato e caçar elefantes. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
23. a. A ideia era evitar Luanda e *nos* metermos pelo Kongo. (*A Sul. O Sombreiro*, 44)
 - b. Entretanto, nunca acontecia os espanhóis *se* identificarem como portugueses. (*A Sul. O Sombreiro*, 51)
24. a. Sobretudo *se* tratando desse ladrão. (*A Sul. O Sombreiro*, 119)
 - b. Tremeu e gemeu durante uma semana, sendo Nzoji a sua ama-seca, *lhe* dando infusões de plantas desconhecidas. (*A Sul. O Sombreiro*, 228)
 - c. Só que, conforme explicara o Kingrêje, era preciso ter cuidado com essas relações de parentesco, *se* tratando de jagas. (*A Sul. O Sombreiro*, 185).

Fazendo uma comparação entre as duas obras do autor, é possível compreender que *Mayombe* cumpre com a ênclise obrigatória 1320/1321(99,99%/100%), o que confirma, quantitativamente, a hipótese de seguir plenamente o PE, apenas um único caso aparece como próclise em frase matriz, sem proclisador (21a), ao passo que em *A Sul.*

²⁸ Deve notar-se, além disso, relativamente ao exemplo (20), que a ênclise também ocorre marginalmente nas estruturas clivadas de *é que* em obras literárias de autores portugueses, como neste exemplo de José Cardoso Pires apontado em Martins (2003: 2277):

(i) *Mas o pior é que nesta dança repentina o corpo falha-lhe.* (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)

O Sombreiro aparecem 380/887, em ênclise, contra 507/887, isto é, a próclise leva uma vantagem de 57,15%/100%, o que é muito significativo para um país que ainda tem como norma oficial o PE. Porém, isto refuta a afirmação categórica de Geraldts (2018) segundo a qual o PA evoluiu na direcção do PB, em favor de um estágio de variação.

3.2. Próclise obrigatória no PE e PB

A posição proclítica, induzida por factores de natureza sintáctica no PE, permite-nos visualizar o que acontece nos contextos em que PE e PB convergem na colocação dos pronomes clíticos. Nesta secção, a exemplo do que foi apresentado acima, analisámos 724/2157 clíticos que ocorrem em contexto de próclise obrigatória no PE e no PB. A segunda e terceira colunas, a partir das esquerdas, incluem respectivamente as frases finitas negativas e as orações subordinadas finitas. A penúltima coluna inclui frases matriz finitas, com proclisador, assim como as orações de infinitivo flexionado e gerúndio, com proclisador. Apresentaremos primeiros a tabela das ocorrências de *Mayombe* (3.2.1), depois as de *A sul. O Sombreiro* (3.2.2) e finalmente uma tabela comparativa dos dados das duas obras (3.2.3).

Mayombe (Proclise obrigatória)	Só Negativas	Orações Subordinadas	Outros contextos	Total
Próclise	145	459	119	723
	100,0%	99,8%	100,0%	99,9%
Ênclise	0	1	0	1
	0,0%	0,2%	0,0%	0,1%
Total	145	460	119	724

Tabela 3.2.1 Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *Mayombe*

A tabela mostra que *Mayombe* segue o PE, excepto em 1/724 (0,02%) que apresenta ênclise. Este caso, já foi referenciado acima correspondendo ao exemplo (21), que aparece como uma ocorrência não normativa de ênclise numa estrutura clivada de *é que*.

Dados de <i>A Sul. O Sombreiro</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas	Outros Contextos	Total
Próclise	171	440	254	865
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Ênclise	0	0	0	0
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	171	440	254	865

Tabela 3.2.2 Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *A Sul. O Sombreiro*

Em *A Sul. O Sombreiro* não há qualquer ocorrência de ênclise em orações subordinadas nem em frases matriz negativas ou afirmativas com proclisadores, tal como, nos mesmos contextos sintácticos, aconteceria no PE contemporâneo. Porém, este dado não revela apenas a conformidade com o PE, na medida em que, pelo menos, mostra que nestes contextos a posição proclítica é estável, o que refuta a ideia de atipicidade ou instabilidade do PA. Uma vez que os dados revelam que há estabilidade com a próclise obrigatória, pode esperar-se que os dados revelem que o mesmo acontece com a ênclise obrigatória, o que iremos verificar no tópico que se segue.

Proclise Obrigatoria		Mayombe		A Sul. O Sombreiro		Total
Frase negativas	P	145	20%	171	20%	316
	E	0	0%	0	0%	0
Subordinadas finitas	P	459	63%	440	51%	899
	E	1	100%	0	0%	1
Outros contextos	P	119	16%	254	29%	373
	E	0	0%	0	0%	0
Total	P	723	99,9%	865	100%	1588
	E	1	0,1%	0	0%	1

Tabela 3.2.3 Comparação da direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro*

Esta tabela apresenta a totalidade das ocorrências em contextos de próclise obrigatória nas obras de *Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro*, fazendo um total de 1589 ocorrências com um único caso de ênclise.

3.3. Ênclise obrigatória em PE (Próclise no PB)

Tal como procedemos com as frases em que ocorre a próclise obrigatória no PE, que nos permitiu identificar uma ocorrência da ênclise de forma atípica, analisamos agora 1296/2157 (60,08%) dos clíticos que ocorrem em contexto de ênclise obrigatória para o PE, mas que no PA, tal como já foi referenciado, mostram uma tendência de ocorrência da próclise. Veremos que nos contextos de ênclise obrigatória no PE, a obra *Mayombe* apresenta, em geral, esta colocação, em contraste com *A Sul. O Sombreiro*. Por isso, nos próximos capítulos abandonaremos o trabalho com o Corpus de *Mayombe*, porque revelando conformidade com o PE, é irrelevante para o objectivo de determinar em que aspectos o PA (escrito) diverge do PE.

Fazem parte deste conjunto as frases matriz, não V1, sem proclisador, as frases matriz V1, o infinitivo flexionado, sem proclisadores, as frases gerundivas, sem

proclisadores, e o particípio passado,²⁹ sem proclisador, apesar de este último, no PE, não ser objecto de clitização. A ocorrência de próclise nestes contextos é indicativa da divergência em relação ao PE contemporâneo. A presença da ênclise é sinónimo de divergência com o PB. Começamos por *Mayombe* (tabela 3.3.1) passamos para *A Sul. O Sombreiro* (tabela 3.3.2) e terminamos com a tabela comparativa (3.3.3).

Mayombe -P	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado SP	TOTAL
Próclise	1	0	0+0	0	0+0	0	0	0	1
	0,1%	0,0%		0,0%		0,0%	0,0%		0,1%
Ênclise	675	256	49+2	51	252+7	259	54	0	1295
	99,9%	100,0%		100,0%		100,0%	100,0%		99,9%
TOTAL	676	256		51		259	54	0	1296

Tabela 3.3.1 Direcção de clitização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em *Mayombe*

A Sul. O Sombreiro Frases SP	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado SP	TOTAL
Próclise	275	77	22+8	30	68+10	78	47	0	507
	66,7%	58,8%		61,2%		36,3%	58,8%		57,2%
Ênclise	137	54	16+3	19	126+11	137	33	0	380
	33,3%	41,2%		38,8%		63,7%	41,3%		42,8%
TOTAL	412	131		49		215	80	0	887

Tabela 3.3.2 Direcção de clitização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em *A Sul. O Sombreiro*

Ênclise Obrigatória PE (proc. PB)		Mayombe		A Sul. O Sombreiro		Total
Frase matriz afirmativa V1	P	0	0%	77	15%	77
	E	256	20%	54	14%	310
Frase matriz afirmativa não V1	P	1	100%	275	54%	276
	E	675	52%	137	36%	812
Infinitiva com preposição <i>a</i>	P	0	0%	30	6%	30
	E	51	4%	19	5%	70
Infinitiva sem preposição	P	0	0%	78	15%	78
	E	259	20%	137	36%	396
Gerundiva	P	0	0%	47	9%	47
	E	54	4%	33	9%	87
Participial	P	0	0%	0	0%	0
	E	0	0%	0	0%	0
Total	P	1	0,1%	507	57%	508
	E	1295	99,9%	380	43%	1675

Tabela 3.3.3. Comparação dos valores entre as duas obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB

Como se pode observar, a tabela 3.3.1 revela que existe apenas um caso irregular nas produções de Pepetela em *Mayombe*, já apresentado em 21a, que tem a ver com a única ocorrência de próclise em frase matriz, não V1, sem proclisador.

²⁹- Não há cliticização ao particípio passado no PE. Porém, tivemos que incluir este contexto na classificação em função dos casos atestados no PA.

Mayombe apresenta, portanto, 0,01% de próclise em contextos de ênclise obrigatória no PE. Esta realidade contrasta, de que maneira, com os dados de *A Sul. O Sombreiro*, em 3.3.2, que apresenta 57,2% da próclise, nestes mesmos contextos. Ademais, *A Sul. O Sombreiro* distancia-se do *Mayombe* porque apresenta: clítico na posição inicial da frase (cf. acima 21d-e); próclise ao infinitivo com a preposição *a* (cf. acima 22a); próclise ao infinitivo simples, sem proclisador (cf. acima 22c-d); próclise ao infinitivo flexionado, sem proclisador (cf. acima 23a-b); próclise ao gerúndio, sem proclisador (cf. acima 24a-c). Por isso, a questão de se saber se a sintaxe do texto de *Mayombe* teria sido ou não alterada pelo *Editor/Revisor* continua em aberto. Talvez fosse interessante compararmos também com os outros romances da mesma época. Mas isto não faz parte dos objectivos preconizados para este trabalho, talvez fique para um próximo desafio.

Os gráficos abaixo permitem visualizar melhor o contraste entre *Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro*, representando de outra forma os dados contidos, respectivamente, nas tabelas 3.3.1 e 3.3.2.

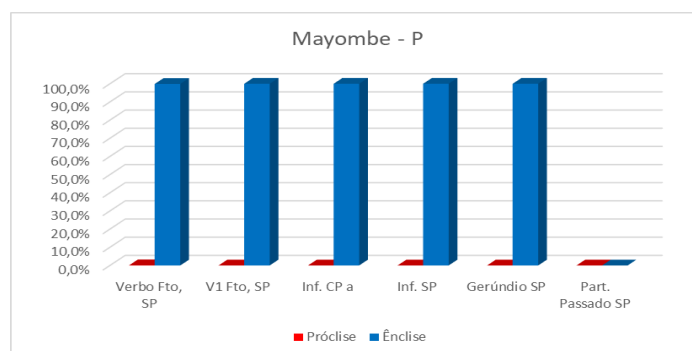


Gráfico 3.1: Ênclise obrigatório em Mayombe

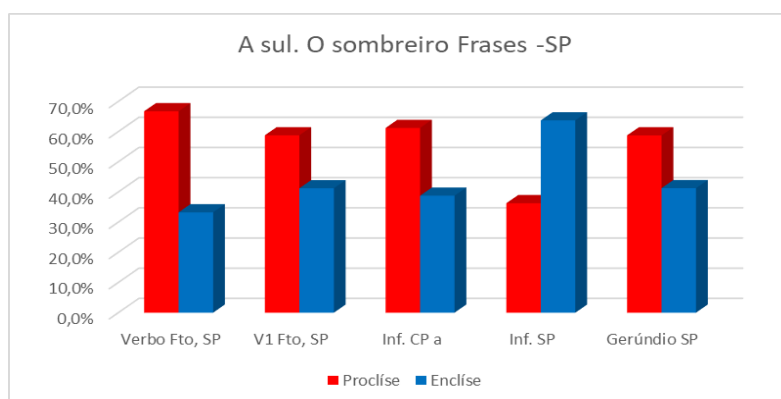


Gráfico 3.2: Ênclise obrigatório em A Sul. O Sombreiro.

3.4. Subida/não subida do clítico

As tabelas que se seguem analisam 302 ocorrências de clíticos de *Mayombe* e 265 de *A Sul. O Sombreiro* no contexto de complexos verbais em que o clítico podia, opcionalmente, associar-se à forma finita que seleciona a oração não finita, fenómeno conhecido por subida de clítico (SC). A tabela de *A Sul. O Sombreiro* aparece apenas a título comparativo. A nossa incidência é sobre *Mayombe*, já que não voltará a ser comentado no próximo capítulo.

Subida / Não subida		302	
Infinitivo	S	100	36%
	NS	176	64%
Gerúndio	S	8	100%
	NS	0	0%
Part. Passado	S	18	100%
	NS	0	0%
Subtotal	S	126	42%
	NS	176	58%
Total		302	

Tabela 3.4 ±SC em *Mayombe*

Subida / Não subida		265	
Infinitivo	S	72	35%
	NS	136	65%
Gerúndio	S	7	100%
	NS	0	0%
Part. Passado	S	50	100%
	NS	0	0%
Subtotal	S	129	49%
	NS	136	51%
Total		265	

Tabela 3.5 ±SC em *A Sul. O Sombreiro*

As tabelas revelam que as duas obras convergem quanto à subida obrigatória do clítico com o gerúndio e com o particípio passado, contextos em que no PE a subida também é obrigatória (até porque no PE não há cliticização ao particípio).

Além disso, nas estruturas infinitivas, existe proximidade na percentagem das ocorrências com subida do clítico (36% em *Mayombe*, 35% em *A Sul. O Sombreiro*) e sem subida do clítico (64% em *Mayombe*, 65% em *A Sul. O Sombreiro*). Se parássemos apenas na quantificação, ficaríamos com a ideia de que existe uma grande semelhança entre os dois textos neste domínio. Mas, na verdade, os dois textos divergem marcadamente na forma como cada um realiza a não subida do clítico. Em *Mayombe* não há proclíticos ao infinitivo (o que Gerards 2018 chamou de proclíticos não subidos), o que é comum em *A Sul. O Sombreiro*, como se pode constatar em 27a-d, abaixo. Este fenómeno ocorre com maior percentagem nas infinitivas com a preposição *a*, como se observa na tabela 3.3.2 e se exemplifica em 28a-c, com o infinitivo simples, e 29 a-c, com o infinitivo flexionado.

25. a. Teoria foi *deitar-se*. (*Mayombe*, 6)
- b. Porque *não dar-lhe* uma possibilidade? (*Mayombe*, 6)
- c. Sem Medo foi *lavar-se* perto do Comissário. (*Mayombe*, 8)

- d. O Chefe de Operações nada disse; deixou-os passar por ele e limitou-se a segui-**los**. (*Mayombe*, 12)
26. E voltou a sentar-**se**. (*Mayombe*, 13)
27. a. Prometeu **lhe** pagar uns copos por essa informação? (*A Sul. O Sombreiro*, 155)
 b. Vão **nos** comer. (*A Sul. O Sombreiro*, 183)
 c. Kandalu foi **lhes** levar a comida que guardara. (*A Sul. O Sombreiro*, 206)
 d. Disseste, Imbe Kalandula mandou **te** obedecerem, ele aceitou. (*A Sul. O Sombreiro*, 207)
28. a. A culpa é da mãe, sempre a **lhe** meter ideias na cabeça. (*A Sul. O Sombreiro*, 62)
 b. O inglês voltou a **lhe** bater no ombro, pelos vistos era gesto habitual nele. (*A Sul. O Sombreiro*, 96)
 c. Depois o sô governador chegou, eles estavam a **se** despedir. (*A Sul. O Sombreiro*, 130)
29. a. Nzaji nunca esquecerá os pedaços de pele a **se** soltarem do corpo colados ao chicote, depois pedaços de carne. (*A Sul. O Sombreiro*, 130)
 b. — Se era para matar, porquê terem tanto trabalho a **nos** trazerem aqui? (*A Sul. O Sombreiro*, 183)
 c. Filhos, sobrinhos, todos a **se** olharem nas costas, medindo forças, negociando apoios... (*A Sul. O Sombreiro*, 198)

Tanto *Mayombe* como *A Sul. O Sombreiro* realizam a subida e a não subida do clítico nos termos canónicos, isto é, a subida é associada aos verbos que a permitem (nas condições acima descritas), como o semi-auxiliar *estar a* (30a), e outros verbos que permitem a reestruturação (*querer, poder, ir*, etc., como exemplificado em 30b-f).

Exemplos de subida do clítico

30. a. Mas estava-**me** a gritar a opinião dele. (*Mayombe*, 85)
 b. Não **se** pode falar nada. (*Mayombe*, 65)
 c. Vão-**se** resolver como? (*Mayombe*, 65)
 d. Pode-**se** encontrar. (*Mayombe*, 47)
 e. Mais uma vez **lhe** ia cortar o encontro com Ondina. (*Mayombe*, 54)
 f. Você disse que as coisas **se** iam resolver, mas não de boca (*Mayombe*, 65)
 g. Mas começa-**se** a mentir ao povo, (*Mayombe*, 76)
 h. Deve-**se** dizer que o Partido é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado. (*Mayombe*, 76)

Exemplos de não Subida

31. a. E voltou a sentar-**se**. (*Mayombe*, 13)
 b. São forçados a aumentar as patrulhas, pois aqui há população e eles querem cortar-**nos** dela. (*Mayombe*, 14)
 c. Ao cheiro da pólvora veio misturar-**se** um cheiro mais característico. (*Mayombe*, 17)
 d. Nesse dia, os tugas não ousariam aproximar-**se**. (*Mayombe*, 18)
 e. Tentámos apanhá-**lo** vivo, mas fugiu. (*Mayombe*, 19)
 f. Podem vendê-**la**? (*Mayombe*, 21)

Com a apresentação destes dados, encerro este estudo comparativo entre as duas obras do mesmo autor. É muito interessante ver como duas obras do mesmo autor publicadas com 30 anos de distância são tão diferentes e, por outro lado, fica claro que *Mayombe* não serve o objectivo de caracterizar o português angolano escrito contemporâneo. Como todas as restantes obras que estudamos foram publicadas no séc. XXI, fica a hipótese de que uma norma do português angolano escrito tenha começado a emergir neste último século. Por isso, abandonamos aqui *Mayombe*, mas continuamos com o *A Sul. O Sombreiro*, mesmo que possamos dar no próximo capítulo maior relevo às obras de *Ondjaki* e de *Gociante Patissa*, que ainda não apareceram na discussão.

3.5. Outros aspectos da colocação dos clíticos em *Mayombe*: mesóclise, grupos clíticos e interpolação

O emprego de clíticos em português, como é hoje sabido, traduz-se numa zona bastante crítica, sobretudo em Angola, uma vez que encerra algumas construções cuja apropriação é de aquisição tardia, incluindo mesmo casos de que só é possível apropriar-se por meio da aprendizagem sistemática, como é o caso da mesóclise (Soma Adriano 2015: 122; cf. Santos 2000). Esta referência não é apenas para aqueles que têm o português como L2, mas também para aqueles que têm o português como L1. A mesóclise é sempre um ângulo que exige habilidade associada a fluência verbal, que só é possível com a instrução. Por isso, não é surpreendente que o PA hodierno esteja como que a dispensar a mesóclise como posição clítica. Além disso, a clitização obriga o falante ou “escrevente” a recorrer a um conjunto diversificado de exercícios: a selecção de clíticos adequados ao verbo, a observância das particularidades fonéticas decorrentes de algumas terminações, a possibilidade de contracção (grupos clíticos) dos que desempenham a função sintáctica de OI (objecto Indirecto) com os que desempenham a função sintáctica de OD (objecto directo) e, por último, a possibilidade de aparecerem antes, no meio ou depois dos verbos. Existe, ainda, a outra possibilidade da dissociação entre o verbo e o clítico por constituinte, a que se dá o nome de “interpolação”, apesar de estar já quase em desuso.

3.5.1. Mesóclise

A mesóclise ocorre com o acrescento de uma condição morfológica aos pronomes clíticos quando têm como hospedeiro uma forma verbal do futuro ou condicional e ocorrem num contexto sintático tipicamente associado à ênclise. Os pronomes mesoclíticos ocorrem então numa posição interna ao verbo (cf: Martins 2013:2232). Em síntese, a mesóclise é uma variante da ênclise condicionada pela morfologia, ou seja, ocorre nos contextos da ênclise com as formas verbais do futuro e do condicional. Pareceu-nos oportuno tratar deste assunto aqui porque em *Mayombe* (Pepetela 1980) das 1329 ocorrências de clíticos em contexto de ênclise, 25 apresentam mesóclise, sendo 10 com o futuro e 15 com o condicional, ao passo que em *A sul. o Sombreiro* (Pepetela 2011) não há sequer uma ocorrência de mesóclise.

32. a. E comunguei em pecado mortal, pois, se o não fizesse, **notar-se-ia** que qualquer coisa se passava. (*Mayombe*, 22)
- b. E ele serviria de mãe e **deixá-lo-ia** chorar no seu colo. (*Mayombe*, 93)
- c. — Quando o sentisse, **ir-me-ia** embora. (*Mayombe*, 138)
- d. Não podia avançar mais, ele **aperceber-se-ia**. (*Mayombe*, 150)
- e. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se o fizessem em público os crentes **tornar-se-iam** cétricos. (*Mayombe*, 73)
- f. **Ser-lhe-ia** fiel. (*Mayombe*, 133)
- g. — Quando o sentisse, **ir-me-ia** embora. (*Mayombe*, 138)
- h. A vida **ensiná-lo-á** a ser mais relativo. (*Mayombe*, 149)
- i. — **Reencontrar-nos-emos** no Leste – disse ela. (*Mayombe*, 155)
- j. Ele **adaptar-se-á**, é um homem diferente. (*Mayombe*, 159)
- k. **Destruir-te-ia**, **dominar-te-ia**. (*Mayombe*, 160)
- l. — **Opor-me-ei**. E eu sou um responsável. (*Mayombe*, 161)
- m. Tu **substituir-me-ás** aqui. (*Mayombe*, 161)

A não existência de qualquer ocorrência em *A Sul. O Sombreiro* é, de alguma forma, um indicativo de que o autor não esteja a viver o mesmo contexto sociolinguístico. Houve mudanças na construção do discurso às quais o autor se adaptou, influenciado pelo contexto linguístico em situação e, se calhar, ao elaborar a sua nova obra já não estava condicionado pelo ambiente sociolinguístico que anteriormente lhe exigia um certo tipo de rigor literário. A mesóclise é ainda muito bem conservada no PE académico.

3.5.2. Grupos clíticos

A contracção clítica ou formação de uma sequência indissociável (grupo clítico) produz-se sempre que coocorrem no mesmo domínio oracional dois pronomes clíticos. Nos exemplos abaixo, temos grupos clíticos formados pela contracção de pronome dativo e pronome acusativo ou por pronome *se* seguido de dativo, o que origina estruturas como as seguintes, em que a posição relativa dos dois pronomes clíticos é fixa:

33. a. Uma ruga **cavou-se-lhe** entre os olhos. (*Mayombe*, 9)
- b. Mas como **explicar-lho**, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à lata? (*Mayombe*, 50)
- c. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre **abrir-se-lhe** em calor. (*Mayombe*, 56)
- d. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre **abrir-se-lhe** em calor. (*Mayombe*, 56)
- e. Sabes porque **to pergunto**, não? (*Mayombe*, 70)
- f. Quem **mo garante**? (*Mayombe*, 91)
- g. Fiz um gesto para **lha encherem**. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
- h. E o senhor ouvidor faça o relatório a quem quiser, até ao papa, **pouco se me dá**, farto de intrigas contra mim está Sua Majestade, nem as ouve. (*A Sul. O Sombreiro*, 86)
- i. — E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não lhe poderia dar um conselho, **se mo pedisse**, claro. (*A Sul. O Sombreiro*, 151)
- j. Quem **ma pode dar**? (*A Sul. O Sombreiro*, 239)

Os grupos clíticos estão presentes nas duas obras, apesar de uma frequência maior em *Mayombe*. Os exemplos apresentados são caracterizados pela inseparabilidade dos elementos que os constituem. Todos ocorrem de forma gramaticalmente correcta, obedecendo às regras de colocação dos pronomes no PE.

3.5.3. Interpolação

A interpolação é a separação entre o pronome clítico e o verbo por um constituinte sintáctico. Os clíticos são chamados verbais porque ocorrem normalmente adjacentes ao verbo (ou seja, o verbo é o hospedeiro ao qual cliticizam). Todavia, existem casos em que o marcador de negação frásica (*não*) pode interromper a ligação entre um clítico pré-verbal e o verbo. A interpolação de certos constituintes entre o clítico e o verbo, no PE, só é possível quando o clítico precede o verbo; de contrário, existe sempre adjacência.

Uma das nossas surpresas ao analisar o corpus foi ver uma grande presença deste fenómeno em *Mayombe*. Na verdade, esta situação da interpolação tem um âmbito muito

restrito no PE contemporâneo, apesar de ser muito comum no português antigo e de o PE dialectal permitir ainda a interpolação não só do operador de negação predicativa, mas também de pronomes e advérbios de natureza dêitica (Magro 2007). No nosso corpus aparece apenas a interpolação com o operador de negação predicativa, *não*, com 17 ocorrências em *Mayombe* contra 6 em *A Sul. O Sombreiro*. De novo, *Mayombe* mostra-se mais conservador do que *A Sul. O Sombreiro*, embora neste caso de forma menos marcada do que noutros aspectos que comentámos ao longo deste capítulo.

34. a. Segredo doloroso, de que o Comissário *se* não apercebia, de que o Chefe de Operações *se* não interessava. (*Mayombe*, 6)
- b. Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos *me* não chamassem negro. (*Mayombe*, 8)
- c. Começou a falar, a dizer que tu e eu estávamos enganados com ele, que *se* não deixaria abater. (i) (*Mayombe*, 124)
- d. Homem, queria ser negro, para que os negros *me* não odiassem. (*Mayombe*, 8)
- e. Por isso gosto das grandes cidades ou então da mata, onde *se* não é anónimo, antes pelo contrário, é-se singular, mas em que realmente uma pessoa sente ser uma personalidade singular (*Mayombe*, 78)
- f. Como vês, há erros que *se* não corrigem. (*Mayombe*, 96)
- g. O vigário passa a vida em concílios pouco apostólicos com o ouvidor André Velho e agora também com um bacharel recém-chegado, de nome Manuel Nogueira, o qual ainda *se* não apresentou a mim, o que não é normal e me cheirou logo a esturro. (*A Sul. O Sombreiro*, 106)
- h. Quando *se* não apunhalavam pelas costas. (*A Sul. O Sombreiro*, 159)
- i. Se encontravam alguma matebeira, já *se* não andava nesse dia. Cortavam-na, tiravam a seiva e esperavam até fermentar numa cabaça andando sempre na cabeça de um deles. (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
- j. Porque Cerveira não acreditava na outra possibilidade, a de ele efetivamente *se não* meter nas conspirações, ou por lealdade ou covardia. (*A Sul. O Sombreiro*, 236)

Mais uma vez é claro o alinhamento de *Mayombe* com o PE. Isto levanta a ideia de que Pepetela escreve *Mayombe* ainda sob a influência da sua carreira estudantil, que ainda se realiza sob o domínio português. É evidente a preocupação de cumprir a norma, ao passo que em *A Sul. O Sombreiro*, está patente a ideia de comunicar de uma forma mais natural, de acordo com a realidade angolana, portanto sem obediência estrita à norma literária herdada do PE.

Em suma, quanto à direcção da clitização *Mayombe* apresenta característica convergentes com o PE. Cumpre com a próclise obrigatória, excepto num caso, e cumpre com a ênclise obrigatória. E ainda mantém algumas formas de posicionamento do clítico, como a mesóclise, que evoca o português erudito ou académico. Ao passo que o *A Sul. O*

Sombreiro, apesar de manter a próclise obrigatória nos mesmos contextos que o PE, manifesta claro afastamento à norma quanto à ênclise obrigatória, indicando assim a próclise como direcção de mudança no PA, mesmo que ainda não conheça estabilidade.

IV CAPÍTULO

A colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito (literário) no século XXI

Depois desta análise de duas obras do mesmo autor, mas distantes uma da outra no tempo e no contexto, passamos agora, neste capítulo, para um estudo mais concentrado no PA escrito entre os autores do séc. XXI, ou pelo menos da transição. Nele, faremos uma análise detalhada dos dados de que dispomos (o *corpus* da presente tese, consultável nos seus anexos), comparando os diferentes textos entre si e também com a globalidade dos dados quantitativos de Gerards (2018). Não usaremos o mesmo modelo de tabelas de Gerards, em função do esquema concebido na constituição do *corpus*, o que exigiria a sua reestruturação. Usá-lo-emos para analisar a direcção da cliticização, tal como fizemos no capítulo anterior, adaptando os modelos de gráficos de Gerards (2018). Teremos, por outro lado, como referência o artigo de Martins (2013: 2231-2302) sobre a *Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos*, publicado em Raposo *et alii* (*Gramática do Português*), pela Fundação *Calouste Gulbenkian*. Também poderá ser interessante compararmos os resultados de Gerards (2018) com os textos particulares, nomeadamente aqueles que se revelam mais inovadores (i.e. mais fortemente marcados por traços do português angolano).

Toda a abordagem, sobre colocação dos pronomes clíticos, será suportada pelos exemplos extraídos do *corpus*, constituído por cinco obras de escritores angolanos (*A Sul*. *O Sombreiro* de Pepetela; *Os da Minha Rua* e *Os Transparentes* de Ondjaki; *A Última Ouvinte* de Patissa). Sempre que forem apresentados exemplos exteriores ao *corpus*, a fonte será indicada no local.

Apresento de seguida a estrutura do capítulo, indicando assim o esquema que orientará a análise e discussão de dados.

4.1. Direcção de Cliticização (dados globais)

4.2. Próclise no PE, no PB e no PA

4.2.1. Próclise em frases finitas negativas

4.2.2. Próclise (ou, marginalmente, Ênclise) em frases finitas afirmativas, com proclisadores (quantificadores, advérbios, sintagmas *qu-*)

4.2.3. Próclise (ou, marginalmente, Ênclise) em orações subordinadas finitas

4.2.4. Próclise ao infinitivo flexionado, com proclisadores (preposições *de*, *para*, *sem*, etc.)

4.2.5. Próclise ao gerúndio, com proclisadores (negação, preposição *em*, etc.)

4.3. Ênclise no PE, Próclise no PB (coloquial), Variação Próclise/Ênclise no PA

4.3.1. Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores

4.3.2. Próclise/Ênclise em frases finitas com verbo inicial (V1)

4.3.3. Próclise/Ênclise com o infinitivo simples (sem preposição; preposição *a*)

4.3.4. Próclise/Ênclise com o infinitivo flexionado (sem preposição; preposição *a*)

4.3.5. Próclise/Ênclise com o gerúndio, sem proclisadores

4.4. Variação Próclise/Ênclise no PE, Próclise no PB, Próclise preferencial no PA

4.4.1. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples (preposições *de*, *para*, *sem*, etc.)

4.4.2. Próclise com *próprio*

4.5. Próclise ao Particípio Passado no PB e no PA; impossibilidade de cliticização no PE

4.6. Subida / Não Subida do Clítico

4.7.1. Subida / não subida do clítico com o infinitivo

4.7.2. Subida / não subida do clítico com o gerúndio

4.7.3. Subida / não subida do clítico com o particípio passado

4.7. Conclusão

4.1. Direcção de Cliticização (dados globais)

A tabela seguinte resume a distribuição de 1752/1887 clíticos de *A Sul*, *O Sombreiro*, 285 de *Os da Minha Rua*, 1195/1253 de *Os Transparentes* e 289/314 de *A Última Ouvinte*, perfazendo um total de 3521 dos clíticos analisados, em que o PE e o PB seriam divergentes/convergentes, isto é, claramente antípodas ou claramente alinhados. Os que não estão de acordo com o PE e nem com o PB encontram-se na penúltima coluna, revelando assim um afastamento das duas normas.

Os critérios de classificação foram os mesmos apresentados acima no ponto 3.1. Desta forma, a segunda coluna, da esquerda para direita, indica os clíticos de ênclise obrigatória no PE que também ocorrem em ênclise no *corpus* do PA; a terceira reúne proclíticos no *corpus*, mas que no PE seriam enclíticos; a quarta coluna reúne aqueles que tanto no PE como no PB são proclíticos obrigatórios; e na quinta coluna aqueles que não alinham com o PE nem com o PB.

Direcção de Cliticização	✓ PE / *PB	*PE/✓ PB	✓ PE+✓ PB	*PE + *PB	Total
<i>A Sul. O Sombreiro</i>	380	507	865	0	1752
<i>Os da Minha Rua</i>	119	77	89	0	285
<i>Os Transparentes</i>	704	74	416	1	1195
<i>A Última Ouvinte</i>	138	23	125	3	289
Total	1341	681	1495	4	3521

Tabela 4.1: Direção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem.

Contrariamente ao que se observava no capítulo anterior, em que os dois textos caminhavam em sentidos opostos, aqui parece que todos os argumentos exigem prudência. Com excepção de *A Sul. O Sombreiro*, que se apresenta mais próximo do PB, as restantes obras parecem aceitar a “convivência pacífica” entre as duas normas, apesar de, nesta primeira visão panorâmica, se mostrarem mais próximos do PE. Onde a diferença entre PE e PB seria clara, os dados revelam, em *Os da Minha Rua* 119/77, a favor da ênclise; em *Os Transparentes* 704/74 e, em *A Última Ouvinte* 138/23. Porém, não deixam de serem dados importantes na medida em que, para um país que tem o PE como norma oficial, indicam um grande desvio à norma. E a pergunta que não se cala é a busca da causa de tal afastamento. Por agora, passamos para a ilustração dos diferentes tipos de divergência relativamente à norma do PE, começando por mostrar as quatro únicas ocorrências de ênclise em lugar da próclise (três delas em *A Última Ouvinte*, de Patissa, o único dos três autores estudados que tem o português como L2) e passando depois para as ocorrências de próclise em lugar da ênclise, quer em frases finitas (V1 e não V1) quer em orações não finitas, incluindo o particípio passado.

35. a. Curiosamente, todas as casas *situam-se* no Lobito. (*A Última Ouvinte*, 21)
 - b. Quando a força toda que resta no ser humano só chega para chorar e implorar pela vida, todas as valentias e preconceitos *reduzem-se* à cinza. (*A Última Ouvinte*, 33)
 - c. O céu também *solidarizou-se* com o pranto da pobre viúva, vestiu-se de luto e retirou o luar. (*A Última Ouvinte*, 57)
36. — então você acha que esse saco *encontra-se* em condições de frequentar o meu gabinete? por favor, retire-se e volte quando encontrar outra solução (*Os Transparentes*, 100)
37. a. Então, Caçule, tanto combate levaste nos cornos e uma doenzazita de merda *te deixa* arrumado? (*A Última Ouvinte*, 19)
 - b. Ela *se* encontra a descansar, filho, mas deixa só recado. (*A Última Ouvinte*, 22)
 - c. Na verdade, quando o meu tempo de partir chegasse, eu *te* chamaria. (*A Última Ouvinte*, 23)
 - d. E *me* pediu para *lhe* entregar, filho. (*A Última Ouvinte*,)
 - e. O Soba *me* apanhou a sonegar e *me* falou que isso tudo é cansaço de fazer as coisas de lado. (*A Última Ouvinte*, 31)
 - f. O sol *se* pôs atrás das obras dos soviéticos. (*Os da Minha Rua*, 108)
 - g. O Nitó *me* avisou: (*Os da Minha Rua*, 114)
 - h. A sala toda *me* olhou. Eu seria o número cinquenta e um. (*Os da Minha Rua*, 115)
 - i. A professora *me* mandou escolher um lugar. (*Os da Minha Rua*, 115)

- j. «por mais que eu faça, não adianta, você nem nota, minha existência; e os dias passam correndo, vou acabar **te** perdendo, e os dias passam correndo, vou acabar **te** perdendo...». (*Os da Minha Rua*,93)
38. a. Um dia o tio Chico misturou vinho e whisky e depois mandou parar o carro que o filho dele ia a conduzir, começou a **me** abraçar e a falar à toa. (*Os da Minha Rua*,18)
- b. Aliás, ela já tinha dito, ao **me** escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha (*Os da Minha Rua*,129)
- c. — o meu corpo todo molhado, pensei que a minha mãe ia **me** ralhar de eu estar a trazer a chuva para dentro de casa. (*Os da Minha Rua*,134)
- d. . hoje mesmo vi este cinema com a distribuição das cadeiras e estou a **lhe** gostar muito... até porque... (*Os Transparentes*,197)
- e. ...que até hoje ando a **lhe** procurar... (*Os Transparentes*,198)
39. a. Eu vou **lhe** contar o meu drama. (*A Última Ouvinte*, 23)
- b. E devo pagar a minha última dívida, **me** despedir de vocês, como sempre fizeram os nossos antepassados. (*A Última Ouvinte*, 46)
- c. — Ndalú, vinha **te** perguntar uma coisa. (*Os da Minha Rua*,14)
- d. — Hoje num queres **me** convidar pra almoçar na tua casa? (*Os da Minha Rua*,14)
- e. — Posso **te** perguntar uma coisa? (*Os da Minha Rua*,16)
40. a. — **me** diz só a cor desse fogo... (*Os Transparentes*, 13)
- b. — **me** deram tiro do rabo... (*Os Transparentes*,96)
- c. **me** levem só no meu pai (*Os Transparentes*,96)
- d. **Me** desconfortava mas não via, deu costas na minha direção (*Os Transparentes*,151)
- e. — **se** preocupe não, cara, tá tudo certo, vai dá show (*Os Transparentes*,259)
- f. — **me** fala uma coisa, meu irmão, aqui tem selva? eu vou poder ver a selva angolana? (*Os Transparentes*,287)
- g. **Me** deitei e a envolvi. (*A Sul. O Sombreiro*, 194)
- h. **Me** disse, foi o meu tio o primeiro. (*A Sul. O Sombreiro*, 194)
41. a. A minha mãe tinha **me** obrigado a tomar banho, cortar as unhas e esfregar bem os pés mas ela era muito simpática, (*Os da Minha Rua*,28)
- b. Por alguma razão o meu pai ainda não tinha **me** chamado para eu vir provar. (*Os da Minha Rua*,42)
- c. Nesse ano, não sei porquê, ninguém tinha mostrado vontade de apitar, e a avó Catarina tinha **me** dado o apito. (*Os da Minha Rua*,57)
- d. — a Madalena não gostava daquele apelido forçado que o meu primo Nitó tinha **lhe** aplicado (*Os da Minha Rua*,74)

Os exemplos acima refletem algumas das ocorrências que podíamos considerar estranhas ao PE contemporâneo, com certeza, aproximando-se mais ao PB. Porém em termos estatísticos, como já o referimos acima, o número/percentagem de ocorrências é superior naquilo que o PA tem de comum com o PE do que naquilo que apresenta de comum com o PB, o que aponta, mais uma vez, para uma norma que ainda se encontra em fase de formação, daí a razão de uma certa instabilidade. Se em dois dos autores do séc. XXI é possível notar esta instabilidade oscilando entre os 23% e os 30%, em *A Sul*.

O Sombreiro, Pepetela apresenta 57,15% a favor da próclise nas frases de ênclise obrigatória no PE contemporâneo.

4.2. Próclise no PE, no PB e no PA

Nesta secção serão apresentadas as ocorrências dos clíticos que tanto no PE como no PB seriam obrigatoriamente proclíticos. Começamos por apresentar os números de ocorrências nas obras *Os da Minha Rua*, *Os Transparentes* e *A Última Ouvinte*, já que os de *A Sul. O Sombreiro* já foram apresentados no capítulo anterior. E, por fim, faremos uma apresentação geral de todos os dados.

<i>Os da Minha Rua</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas	Outros Contextos	Total
Próclise	19	58	12	89
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Ênclise	0	0	0	0
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	19	58	12	89

Tabela 4.2: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *Os da Minha Rua*

Aqui não se atesta qualquer ocorrência de ênclise nos contextos de próclise obrigatória, portanto a orientação proclítica é de 100%.

<i>Os transportes</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas	Outros Contextos	Total
Próclise	84	259	73	416
	100,0%	99,6%	100,0%	99,8%
Ênclise	0	1	0	1
	0,0%	0,4%	0,0%	0,2%
Total	84	260	73	417

Tabela 4.3: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *Os Transparentes*

Em *Os Transparentes* a próclise continua a levar a vantagem de 99,8% do universo das ocorrências. Porém, é possível observar um caso de ocorrência de ênclise numa oração subordinada completiva finita, como ilustra o exemplo (36). Ainda que marginalmente, a ênclise em subordinadas completivas, com o verbo no indicativo, atesta-se no PE literário (Martins 2013: 2277). Não pode dizer-se, portanto, que haja aqui um afastamento

significativo relativamente à norma do PE, nem em termos quantitativos nem qualitativos. A ênclise em subordinadas completivas é atípica, mas não desconhecida, no PE.³⁰

<i>A última ouvinte</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas	Outros Contextos	Total
Próclise	20	86	19	125
	100,0%	100,0%	86,4%	97,7%
Ênclise	0	0	3	3
	0,0%	0,0%	13,6%	2,3%
Total	20	86	22	128

Tabela 4.4: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) em *A Última Ouvinte*

Em *A Última Ouvinte* a ocorrência de três casos de ênclise em contextos de próclise parece surpreendente, e, à primeira vista, suportaria o argumento da *instabilidade* a nível de colocação, podendo ser relevante o facto de Patissa ser o único dos três autores que é falante de português L2. Os três casos, exemplos (veja-se (35a-c) acima), ocorrem com a precedência do quantificador *todos* e do advérbio *também*, que, no PE, são desencadeadores do fenómeno da próclise. No entanto, também neste caso convém relativizar estas ocorrências de ênclise, e não só pela sua baixa expressão quantitativa. Embora o quantificador *todos* (duas das três ocorrências de ênclise) seja tipicamente um proclisador no PE, admite excepcionalmente a topicalização, caso em que deixa de desencadear a próclise (Martins 1997, 2013).³¹ Quanto ao advérbio *também*, é um proclisador categórico no PE padrão, mas permite marginalmente a ênclise no PE dialectal, tal como o quantificador *todos* e outros proclisadores (Cf. Martins, em preparação; Magro 2006).³²

Por fim, vejamos a tabela com a totalidade dos dados:

³⁰ Veja-se o seguinte exemplo, retirado de Martins (2013: 2277):

(i) *O meu primo diz que lá elas lavam-se antes e depois.* (CRPC, J. Sena, Sinais).

³¹ Não queremos com isto dizer que os dois exemplos de ênclise com *todos* em Patissa sejam casos de topicalização.

³² Vejam-se os exemplos seguintes, os dois primeiros retirados de Martins (2013: 2248) e os restantes de Martins (em preparação), com origem no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN, <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus>).

(i) *Todos os chineses que vivem em Lisboa reúnem-se uma vez por ano no Parque das Nações.*

(ii) *Todas as girafas, ao pressentirem o incêndio, deslocaram-se em direção ao lago.*

(iii) *Também semeava-se centeio.* (CORDIAL-SIN, CRV56)

(iv) *eu também quero-me governar é com o dinheiro, que é melhor.* (CORDIAL-SIN, PIC04)

(v) *Depois toda a gente calou-se.* (CORDIAL-SIN, TRC42)

(vi) *Todos os dias vou-te encher a lanchinha de peixe.* (CORDIAL-SIN, PIC20)

<i>Próclise Obrigatória</i>		<i>Os da minha rua</i>		<i>Os transparentes</i>		<i>A última ouvinte</i>		<i>A Sul. O Sombreiro</i>		Total
Frase negativas	P	19	21,3%	84	20,2%	20	16,0%	171	19,8%	294
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
Subordinadas finitas	P	58	65,2%	259	62,3%	86	68,8%	440	50,9%	843
	E	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Outros contextos	P	12	13,5%	73	17,5%	19	15,2%	254	29,4%	358
	E	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	0	0,0%	3
Total	P	89	100,0%	416	99,8%	125	97,7%	865	100,0%	1495
	E	0	0,0%	1	0,2%	3	2,3%	0	0,0%	4

Tabela 4.5: Tabela comparativa da direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) entre as quatro obras

As apenas 4/1499 ocorrências de ênclise nos contextos de próclise em que convergem PE e PB permitem-nos dizer que, nestes contextos, o PA segue o mesmo padrão. E é claramente assim não só por serem quantitativamente pouco significativas as ocorrências de ênclise, mas também, e sobretudo, porque o próprio PE permite, com baixa frequência, uma certa margem de ênclise em contextos tipicamente de próclise. Isso é visível no PE dialectal (Magro 2006) e, por vezes, também no PE literário (Martins 2013). É importante notar, além disso, que estamos a ter como referência para o PB aquilo que é a língua falada (coloquial), mas no PB escrito/literário é possível encontrar, esporadicamente, a ocorrência de ênclise nos contextos de próclise do PE padrão. Em suma, podemos concluir que, neste tipo de contextos, PE, PB e PA (literário) são idênticos relativamente à colocação dos pronomes clíticos.

Para maior compreensão e abrangência do tema passamos, agora, a tratar de todos os contextos de próclise obrigatória no PE, ilustrando as suas ocorrências e oferecendo tabelas quantitativas. Mas dado que, como vimos, não há aqui a assinalar especificidades do PA (relativamente ao PE) faremos uma descrição sucinta dos dados, dividida por cinco subsecções, relativas a: frases finitas negativas; frases afirmativas com proclisadores; orações subordinadas finitas; infinitivo flexionado, com proclisadores; gerúndio com proclisadores.

4.2.1- Próclise em frases finitas negativas

Nesta secção só será apresentada a quantificação dos dados da negação que ocorrer em orações principais, sendo a negação o único factor desencadeador da próclise. A negação que ocorre em orações subordinadas será tratada e comentada no momento oportuno. Nas frases finitas negativas, os pronomes clíticos são sempre proclíticos (cf: Martins 2013:2242).

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	171	100%	19	100%	84	100%	20	100%
Ênclise	0	0%	0	0%	0	0%	0	0 %

Tabela 4.6: Próclise/Ênclise em frases finitas negativas

Nos nossos *corpora* todos os exemplos ocorrem em próclise.

42. a. Não **me** importei. (*Os da Minha Rua*,21)
b. Nós não **lhe** ligávamos nenhuma. (*Os da Minha Rua*,24)
c. Não **se** faz. (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
d. — Não **se** pode recusar uma branca, não é? (*A Sul. O Sombreiro*, 27)
e. Não **se** praticava ainda auto-operado na emissora. (*A Última Ouvinte*, 18)
f. Não **me** sinto menos tua amiga só porque **te** deixo para sempre. (*A Última Ouvinte*,25)
g. Esperança da Graça não **se** encontrava em nenhuma escola. (*A Última Ouvinte*, 20)

As frases negativas podem ser, além de declarativas, como em (43a), exclamativas, como em (43b), interrogativas, como em (43c) e imperativas, como em (43d), o que não interfere na colocação proclítica do pronome. Também obedecem à natureza declarativa a) exclamativa b), interrogativos c) ou imperativa d).

43. a. Só ele parecia saber, mas não **lhes** dizia nada. (*A Sul. O Sombreiro*, 268)
b. Olha que o nervo só te leva, não **te** traz! (*A Última Ouvinte*,32)
c. Não **se** tratava de providência divina? (*A Sul. O Sombreiro*, 75)
d. — Sabe muito bem, não **me** venha[s] com conversas fiadas. (*A Sul. O Sombreiro*,)

A negação pode ser expressa não só pelo marcador de negação predicativa, *não*, mas também por palavras negativas, como *nunca*, *nenhum*, *nada*, *ninguém*, e pela conjunção coordenativa *nem*. Os exemplos, abaixo, ilustram as ocorrências da próclise desencadeada por estas palavras (no *corpus* não ocorre *jamais*).

44. a. — Nunca **se** pergunta isso a um chefe. (*A Sul. O Sombreiro*, 272)
b. Nunca **se** ouviu falar. (*A Sul. O Sombreiro*, 141)
c. Ninguém brincava com ele, nem já os mais-velhos **lhe** faziam só uma festinha de vez em quando. (*Os da Minha Rua*,24)
d. — e ninguém **se** preocupa com isso? (*Os Transparentes*,127)
e. Ele nem sequer **se** lembrava de ter na mão alguma coisa. (*A Última Ouvinte*,69)

- f. Nem **lhe** dei tempo de alinhar as ideias, sabia que com ele a iniciativa contava muito. (*A Sul. O Sombreiro*, 76)
- g. Mais velho Kacenyé, você chorou porque a tua filha já tem vinte anos, está a ficar ultrapassada e nenhum homem **se** interessa por ela. (*A Última Ouvinte*, 72)
- h. o sol abrandara um pouco e Odonato, na realidade, sentiu-se tentado a deixar o corpo permanecer ali, naquela sombra fresca e apetitosa, mas não fazia sentido já nada **lhe** prendia àquele lugar (*Os Transparentes*, 251)

Nos exemplos apresentados é possível notar que o *nenhum*, *nada* e *ninguém*, para lá do valor de negação, acarretam consigo um peso quantificador, o que, de certo modo, os torna ambivalentes, tanto como causadores da negação tanto como quantificadores.

Ao contrário do que acontece no meu *corpus*, Gerards (2018) encontra uma ocorrência da ênclise com a negação. Na verdade, o corpus escrito é sempre muito mais cuidadoso, ao passo que o espontâneo poderá manifestar um espectro mais amplo de variação.

- 45. Só não *le[m]bro-me*. (Gerards 2018)

4.2.2. Próclise (ou, marginalmente, ênclise) em frases finitas afirmativas, com proclisadores (quantificadores, advérbios, sintagmas *qu-*, entre outros)

Tal como ficou anunciado, agora passo para a análise dos dados que ocorrem em orações principais afirmativas, com proclisadores. Estas orações integram, tipicamente, um elemento desencadeador de próclise em posição pré-verbal, o qual pode ser um quantificador, um advérbio focalizador, um advérbio enfatizador, um advérbio focalizado, um foco contrastivo anteposto, uma palavra interrogativa ou exclamativa *qu-*, o complementador *que* das frases imperativas ou optativas, ou ainda a conjunção *ou* nas coordenadas disjuntivas de *ou ...ou*.

Trata-se de um conjunto de dados que nos anexos da tese se encontra agrupado sob “frases afirmativas, com proclisador”, apesar da diversidade de naturezas dos proclisadores. Neste conjunto de contextos, no PE padrão, assim como no PB, o que se espera é a próclise. No PA, igualmente, espera-se a próclise, apesar de haver atestações da ênclise. Segue-se a apresentação geral dos dados quantificados.

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	181	100%	9	100%	67	100%	12	80%
Ênclise	0	0%	0	0%	0	0%	3	20%

Tabela 4.7: Próclise/Ênclise em frases finitas, +P

Nos dados acima, a exceção recai sobre Patissa. Apesar de noutros aspectos, como veremos mais adiante, ser o mais conservador entre os três autores em comparação, Patissa apresenta 3/15 exemplos de ênclise com proclisador. Os dois primeiros ocorrem com o quantificador *todas* e o último ocorre com o advérbio focalizador *também*. Estes dados foram já comentados na secção 4.2., pelo que não nos deteremos neles (mas veja-se, adiante, a secção 4.7).

Os exemplos que se seguem ilustram a próclise com diferentes tipos de quantificadores no *corpus*.³³ Podemos ver que, apesar das duas ocorrências de ênclise com *todas* em *A Última Ouvinte* (cf. (35a-b) acima), este quantificador também se atesta com próclise, inclusivamente na mesma obra de Patissa.

46. a. André Velho quis convencer o genro a procurar outra coisa, não *lhe* agradava dar dinheiro a ganhar aos jesuítas, mas *todas* as casas para alugar na baixa da cidade *lhes* pertenciam. (*A Sul. O Sombreiro*, 117)
- b. O ancião reagiu positivamente ao nome Kikombo, mas Kubal não *lhe* dizia nada, conforme explicou, *todos* os rios assim *se* chamavam. (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
- c. E *todos* *lhe* tocavam e admiravam, está um homem forte, está mesmo um homem. (*A Sul. O Sombreiro*, 145)
- d. — *tudo* *se* resolve — (*Os Transparentes*, 148)
- e. E *toda* a euforia *se* perdeu com aquela presença detestada. (*A Sul. O Sombreiro*, 123)E
- f. o senhor ouvidor faça o relatório a quem quiser, até ao papa, *pouco* *se* *me* dá, farto de intrigas contra mim está Sua Majestade, nem as ouve. (*A Sul. O Sombreiro*, 86)
- g. *Alguém* *me* contou em Massangano, as pessoas acreditam ser uma ofensa tão grande aos espíritos do local provocar inimizades ou batalhas, que já viram exércitos derretidos pela vontade dos deuses. (*A Sul. O Sombreiro*, 109)
- h. *alguém* da televisão do Huambo *lhe* viera prevenir, assim, (*Os Transparentes*, 348)
- i. *Algo* de muito grave *se* passou. (*A Sul. O Sombreiro*, 153)
- j. Bem basta o que dizem de mim, porquê arranjar pendência também com o inglês, por muito bom soldado que seja e *muito* *me* conviesse guardá-lo aqui? (*A Sul. O Sombreiro*, 68)

³³ Os quantificadores acima referidos *nenhum*, *nada* e *ninguém*, também encontram espaço aqui, apesar da sua carga negativa.

- k. Muito **me** admiravam as ideias do frade, para dizer a verdade pareciam muito pouco franciscanas. (*A Sul. O Sombreiro*, 115)
- l. Muita gente **se** aproximou das escadas das trepadeiras. (*Os da Minha Rua*, 86)
- m. ...o verdadeiro criador do espião, bastante falta **lhes** podia fazer o moço tão hábil e fiel. (*A Sul. O Sombreiro*, 280)
- n. A ele tanto **lhe** fazia, possuía tantas! (*A Sul. O Sombreiro*, 318)
- o. Aqui não há palmeiras para o maluvo, raramente **se** vê uma matebeira. (*A Sul. O Sombreiro*, 233)

Para exemplificar a próclise com as diferentes classes de advérbios proclisadores (na classificação de Martins 2013), começamos por considerar os ‘advérbios focalizadores’ (que se dividem em ‘inclusivos’ e ‘exclusivos’), classe a que pertence o focalizador inclusivo *também*, o advérbio que apresenta uma ocorrência de ênclise na obra *A Última Ouvinte*, de Patissa (i.e. *O céu também solidarizou-se com o pranto da pobre viúva*, cf. (35c) acima). Trata-se de uma ocorrência isolada, havendo atestações de próclise com este mesmo advérbio no *corpus*.

➤ Advérbios Focalizadores Inclusivos

- 47. a. Pelos jesuítas também **se** apercebera, (*A Sul. O Sombreiro*, 51)
 - b. Com os sobas também **nos** abastecíamos de soldados para enquadrar nas guerras pretas. (*A Sul. O Sombreiro*, 66)
 - c. — é verdade, também **me** lembro (*Os Transparentes*, 42)
 - d. Cristalino sentou-se, olhou para a janela, pensativo ali mesmo, muito perto, também **se** efetuavam escavações ruidosas (*Os Transparentes*, 239)
 - e. Até as nuvens **lhe** respeitavam. (*A Sul. O Sombreiro*, 356)
 - f. Outros sindicantes vêm apresentar-se ao chegar, até Filipe Butaca **o** fez, embora de forma desajeitada. (*A Sul. O Sombreiro*, 108)
 - g. No primeiro dia aligeiraram as correntes que levava apenas nos pés e mais tarde mesmo essas **lhe** tiraram. (*A Sul. O Sombreiro*, 160)
 - h. Até mesmo os soldados dele **se** queixavam, ansiavam por outro chefe (*A Sul. O Sombreiro*, 356)

➤ Advérbios Focalizadores Exclusivos

- 48. a. Mas apenas **lhe** era permitido pensar e nunca formular a reflexão, nem ao mais chegado familiar, nem mesmo à sua falecida Rosa (*A Sul. O Sombreiro*, 124)
 - b. Apenas **me** pareceu correto ser-*lhe* útil. (*A Sul. O Sombreiro*, 155)
 - c. Desde que a minha Rosa morreu, só **me** contento com negrinhas e uma ou outra mulata. (*A Sul. O Sombreiro*, 27)
 - d. Mas só **lhe** fazem oferendas e por vezes dançam para ele, não há rezas nem procissões. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
 - e. Só assim **se** explica... (*A Última Ouvinte*, 69)
 - f. Olha que o nervo só **te** leva, não te traz! (*A Última Ouvinte*, 32)

- g. Só isso **me** fez sentir melhor. (*A Sul. O Sombreiro*, 207)
- h. Só **te** dedicas à pesca e caça? (*A Sul. O Sombreiro*, 60)
- i. Cerca de um ano após ter chegado a Lisboa, «o rei absolveu-o das culpas injustamente impostas, pois se verificou, nos trâmites do processo, não ter pecado pelos abusos de que era acusado, antes **se** mostrara sempre obediente (*A Sul. O Sombreiro*, 163)

No *corpus* ocorrem também, sempre com próclise, os ‘focalizadores aspectuais’ (*já, ainda, quase*), o ‘focalizador de modalidade’ *talvez*, os advérbios ‘enfanzadores’ (*lá, cá, até, sempre, logo*),³⁴ que se caracterizam por ficarem desprovidos da sua interpretação básica (ou terem-na atenuada), e os advérbios que ocorrem facilmente focalizados, como acontece com os locativos, o advérbio de modo *assim*, os temporais *sempre* e *logo* ou alguns advérbios em *-mente*. Ilustram-se a seguir estas diferentes possibilidades, com o PA a revelar total estabilidade na colocação pronominal proclítica.

➤ Advérbios Focalizadores Aspectuais

- 49. a. Bem, já **lhe** falei sobre este trato com o bispo... (*A Sul. O Sombreiro*, 25)
- b. — já **se** lê (*Os da Minha Rua*, 144)
- c. Mas não quis revelar um assunto do meu superior, já **lhe** disse que respeito muito a lealdade... (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
- d. Já **se** imaginava, inclusive, a comemorar tal vitória, por mais pequena que parecesse. (*A Última Ouvinte*, 21)
- e. Só lamento o escravo que ele roubou, esse eu podia vender, ainda **me** dava umas boas massas. (*A Sul. O Sombreiro*, 63)
- f. Eu é que fui obrigado a fugir, senão ainda **me** vendia como escravo, só para beber durante mais uns tempos. (*A Sul. O Sombreiro*, 95)
- g. — ainda **me** diz qual é a cor desse fogo... (*Os Transparentes*, 11)
- h. a multidão quase **se** deixou cair em riso ao ouvir tamanha especulação religiosa de índole supostamente cultural (*Os Transparentes*, 360)
- i. Ao cumprimentar, quase **me** beijava as mãos. (*A Sul. O Sombreiro*, 75)
- j. Quase o mesmo **lhe** dissera o padre João Domingos. (*A Sul. O Sombreiro*, 62)
- k. Quase uma vontade de lágrimas **me** queria aparecer nos olhos, e eu não podia bandeirar. (*Os da Minha Rua*, 116)

➤ Advérbio Focalizador de Modalidade

- 50. a. Talvez aquele tempo todo em que só podia encontrar maluco **lhe** provocasse saudades demasiado grandes de vinho feito de outras frutas. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
- b. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-se em assuntos tão escabrosos. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
- c. — talvez **se** preocupem — supôs Paulo (*Os Transparentes*, 127)

³⁴ O advérbio *bem* é muito produtivo como enfanzador no PE, mas não ocorre no nosso *corpus* do PA.

- d. talvez **se** preocupem daquele jeito angolano, tipo depois logo **se** vê o que acontece, primeiro vamos ainda encher os bolsos. (*Os Transparentes*,127)

➤ Advérbios Enfatizadores

51. a. Lá**se** foi a travessia terrestre do sul de África. Só mais de dois séculos depois se concretizaria com Serpa Pinto, Livingstone, Capelo e Ivens. (*A Sul. O Sombreiro*,
b. E lá **se** acomodaram na sala da casa grande. (*A Última Ouvinte*,52)
c. E lá**se** foi o sonho de uma revolta bem feita (*A Sul. O Sombreiro*, 248)
d. Cá **me** têm para sofrer sozinha. (*A Sul. O Sombreiro*, 80)
e. Até **me** deu uma ideia, há um pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que me pode interessar, verei com calma. (*A Sul. O Sombreiro*, 69)
f. Nós até às vezes **lhe** protegíamos doutros mais-velhos que vinham fazer confusão na nossa rua. (*Os da Minha Rua*,13)
g. E sempre **me** dá jeito aproveitar uns dias em Salvador com a Rosália, uma mulata cheirando a jasmim, segundo confidenciou (*A Sul. O Sombreiro*, 160)
h. Em vez de irmos a pé, preferi o mar, sempre **nos** cansávamos menos. (*A Sul. O Sombreiro*, 312)
i. talvez se preocupem daquele jeito angolano, tipo depois logo **se** vê o que acontece, primeiro vamos ainda encher os bolsos. (*Os Transparentes*,127)

➤ Advérbios focalizados

52. a. pensaram que a condição de *Odonato* se devesse a um qualquer truque nacional, tiveram dúvidas quanto à natureza da cerimónia mas rapidamente **se** inteiraram, (*Os Transparentes*,354)
b. Desse segredo, nunca partilhado com mais ninguém, nem com a Nelinha, a irmã que **me** segue na idade, dificilmente **me** desembaraço. (*A Sul. O Sombreiro*, 80)
c. Assim **se** abriram janelas e fecharam portas para sempre. (*Os da Minha Rua*,146)
d. Assim **se** submeteram uns cento e cinquenta sobas antes da nossa vinda, todos batizados e leais a el-rei, mas vassalos dos conquista dores. (*A Sul. O Sombreiro*, 65)
e. Assim **se** criam os boatos, assim **se** arruinam reputações. (*A Sul. O Sombreiro*, 85)
f. Carlos Rocha sempre **se** sentiu confuso quando os brancos vinham com a conversa do patriotismo. (*A Sul. O Sombreiro*, 51)
g. Sempre **se** fez, os prisioneiros são escravos do comandante vitorioso. (*A Sul. O Sombreiro*, 70)
h. Não feitas a mim, sempre **me** tratou com doçura, o contrário do que fazia à minha mãe. (*A Sul. O Sombreiro*, 79)
i. sempre **se** soube disso, mas eu achava que era pouco e que não se podia mexer (*Os Transparentes*,84)
j. — você sempre **me** diz isso (*Os Transparentes*,406)
k. Mas logo **se** juntava muita gente na praia, esperando. (*A Sul. O Sombreiro*, 135)
l. Logo três guerreiros **se** ergueram e o ajudaram. (*A Sul. O Sombreiro*, 206)
m. Logo a questão do aquartelamento **se** pôs. (*A Sul. O Sombreiro*, 307)
n. Jorge Pereira de seu nome, logo **se** pôs aos gritos em Massangano dizendo que João Coutinho, antes de ir desta vida miserável... (*A Sul. O Sombreiro*, 12)
o. Logo **se** conteve, Nzoji não passava de um antigo escravo, de um negro. (*A Sul. O Sombreiro*, 252)

- p. Dizem, ali **se** fazem grandes negócios (*A Sul. O Sombreiro*, 96)
- q. Carlos disse haver lugar, não dentro de casa, onde ele gostava de ficar sozinho, nem mesmo Mulende aí **se** acoitava, mas no interior da vedação. (*A Sul. O Sombreiro*, 99)
- r. Ali mesmo, na praia, **me** desalojaram do cavalo e me prenderam com grilhetas, como um meliante, um inimigo, um traidor. (*A Sul. O Sombreiro*, 138)
- s. e aí **me** vieram as dores de estômago... (*Os Transparentes*, 200)
- t. «cá **se** fazem, cá **se** assistem», (*Os Transparentes*, 287)
- u. Odonato foi puxado pela mulher e atado a um canteiro metálico ainda sem flores e ali **se** deixou estar por extensos minutos, suspenso, etéreo e transparente como era de sua atual condição (*Os Transparentes*, 354)
- v. CienteDoGrã cresceu e nasceu em Luanda, aqui foi criança, aqui **se** fez jovem, com as suas atividades muito próprias, em seus descaminhos (*Os Transparentes*, 359)

Nos anexos podem ainda encontrar-se no grupo das “frases finitas afirmativas, com proclisadores” alguns dados em que não ocorre antes do verbo nem a negação, nem um quantificador, nem um advérbio das classes acima referidas, nem uma outra palavra tipicamente proclisadora. Nesses casos, considerou-se que a próclise se deve à presença de um foco contrastivo anteposto (cf. Martins 2013: 2266-2268; Costa e Martins 2011), como nos exemplos que se apresentam a seguir. A focalização contrastiva pode deslocar para a periferia esquerda da frase qualquer tipo de constituinte sintático (por exemplo, preposicional ou nominal), não estando, portanto, limitada aos advérbios, que como mostrado acima podem igualmente ser focalizados.

- 53. a. E outro ponto **nos** unia: a sua devoção aos padres da Companhia, (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
- b. Além disso, um problema moral **se** punha a Carlos, o de não implicar Ebo - Kalunda. (*A Sul. O Sombreiro*, 325)
- c. Por isso **lhe** cortei a palavra, conta coisas novas. (*A Sul. O Sombreiro*, 45)
- d. Por isso **se** mantinham de pé. (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
- e. Por isso **lhe** digo para respirar. (*A Sul. O Sombreiro*, 126)
- f. Por isso **se** meteu na aventura de avançar com catorze homens pelos morros da Catumbela (*A Sul. O Sombreiro*, 301)
- g. — são filmes para adultos, e o nosso cinema é de uma antiga modernidade, por isso **lhe** chamei oitava arte (*Os Transparentes*, 160)
- h. por isso mesmo as festas **se** enchiam de uma gente que a garantia em sorrisos e animação até depois das cinco da manhã, (*Os Transparentes*, 180)

- i. Com isso **se** enfraquece o poderio militar, com isso **se** atrasa também o trabalho das minas. (*A Sul. O Sombreiro*, 66)
- j. Em bela enrascada **nos** tinha metido o louco que antes nos governava e dizia ser este o melhor sítio para *se* construir uma cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 302)
- k. Com gente desta **se** faz um império? (*A Sul. O Sombreiro*, 311)
- l. a bom ritmo **se** bebia na BarcaDoNoé, ora silenciosos ora semifalantes, escutando as notícias ou os rumores vindos da rua... (*Os Transparentes*, 252)
- m. Paizinho aparecera há anos, sorrateiro, no prédio, com modos mansos e delicadezas desconfiáveis, mas cedo **se** revelou uma criança de olhos atentos e mãos ágeis, (*Os Transparentes*, 44)

Para concluir esta secção, apresentamos exemplos de interrogativas e exclamativas *qu-*, de optativas e imperativas introduzidas por *que* e de disjuntivas de *ou* ...*ou*. Nestas estruturas sintácticas a próclise é categórica no *corpus*.

➤ Interrogativas e exclamativas *qu-*

- 54. a. Então como **se** explica uma mulher ser encontrada morta? (*A Última Ouvinte*, 71)
- b. — Então, meu jovem, por que razão **me** entrega à polícia? (*A Última Ouvinte*, 81)
- c. — quem **te** disse que eu vou olhar no eclipse? (*Os Transparentes*, 291)
- d. Quem ma pode dar? (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
- e. Quem não **se** sentia atraído por uma arma daquelas? (*A Sul. O Sombreiro*, 265)
- f. — Mas quem **lhe** fez isso? (*A Sul. O Sombreiro*, 352)
- g. quem **te** deu confiança para me falares assim no meu matako? (*Os Transparentes*, 174)
- h. — quem **te** disse que eu vejo mal? (*Os Transparentes*, 116)
- i. — vim o mais rápido que pude, o que **se** passa? já ligaste para ele? (*Os Transparentes*, 392)
- j. — Também, que inimigo **nos** vem procurar aqui? (*A Sul. O Sombreiro*, 355)
- k. — Então, meu filho, que **lhe** fizeram? (*A Sul. O Sombreiro*, 275)
- l. Que **lhes** interessava a autorização para ali permanecerem? (*A Sul. O Sombreiro*, 268)
- m. — Que **me** importa? (*A Sul. O Sombreiro*, 153)
- n. Como **me** sentia tranquilo sabendo ter dois padres da Companhia com os jovens! (*A Sul. O Sombreiro*, 311)
- o. Como é que **se** explica tua saída fora da agenda?! (*A Última Ouvinte*, 72)

➤ Optativas e imperativas introduzidas por *que*

- 55. a. Que **se** dane. (*A Sul. O Sombreiro*, 9)
- b. Que **a** fizessem voltar à rota original. (*A Última Ouvinte*, 49)
- c. então que **se** junte a nós, ainda há champanhe (*Os Transparentes*, 237)

- d. — que o Rambo **se** junte a nós, Dona Creusa! (*Os Transparentes*, 237)
- e. — o Esquerdista propunha um brinde — a César o que é de César e os outros que **se** desenrasquem! (*Os Transparentes*, 252)

➤ Disjuntivas de *ou ... ou*

56. a. pode te acontecer duas coisas: ou **te** dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*, 174)
- b. e ou a senhora **me** explica tudo agora ou esse filho que tem no ventre não vai ficar vivo porque vou tirá-lo com este punhal (*A Sul. O Sombreiro*, 88)

4.2.3- Próclise (ou, marginalmente, ênclise) em orações subordinadas finitas

Depois desta incursão pelas orações principais afirmativas finitas, passamos agora a tratar das orações subordinadas finitas. Nesta secção, trataremos apenas das subordinadas finitas, deixando as subordinadas infinitivas para a secção própria. Alertamos que no interior das orações subordinadas pode ocorrer o factor da negação. Tudo isto foi acautelado durante o processo de tratamento e classificação dos dados.

O ponto de partida é que nas orações subordinadas tanto do PE como no PB os pronomes clíticos ocorrem em posição proclítica. Os exemplos abaixo ilustram três tipos de oração subordinada (completiva, condicional e relativa). O sublinhado indica a marcação da oração subordinada.

57. a. — Ela esteve aqui e queria que eu te acordasse. (*Os da Minha Rua*, 39)
- b. [Se não **te** deres bem], prometo, te deixo voltar para Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 57)
- c. Conta-se que uma senhora, [que **se** dizia aflita tanto quanto o marido porque nunca mais engravidava] foi ter com o profeta. (*A Última Ouvinte*, 41)

Passamos agora para a apresentação dos dados estatísticos das ocorrências para depois fazermos o seu desenvolvimento com os comentários que se impõem.

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	440	100%	58	100%	259	99,72%	86	100%
Ênclise	0	0%	0	0%	1	0,38%	0	0%

Tabela 4.8: Próclise/Ênclise em Orações Subordinadas Finitas

Os dados revelam a conformidade com a norma padrão PE quase a 100% nas orações subordinadas. Existe uma única ocorrência de ênclise em Ondjaki, na *Os Transparentes*.

Este exemplo de ênclise numa oração subordinada completiva já foi comentado na secção 4.2, onde chamámos a tenção para o facto de a ocorrência da ênclise em subordinadas completivas (com o verbo no indicativo) se atestar marginalmente também no PE literário (Martins 2013).

58. — então você acha que esse saco encontra-se em condições de frequentar o meu gabinete? por favor, retire-se e volte quando encontrar outra solução (*Os Transparentes*, 100)

Passamos agora para a apresentação das principais subclasses de orações subordinadas atestadas no *corpus*, para ilustrar o mosaico da próclise nos domínios de subordinação finita. Para uma maior sistematização apresentaremos as orações de acordo com o seguinte esquema: orações subordinadas completivas; orações subordinadas relativas; orações subordinadas adverbiais; e orações de comparação e graduação.

➤ Orações subordinadas completivas

59. a. Às vezes parece que **te** ouço onde não vejo ninguém. (*A Última Ouvinte*, 23)
b. Foi visitar o pastor, e este pediu que o irmão **se** levantasse do sofá porque o lugar era do cão. (*A Última Ouvinte*, 41)
c. E, é justo que **se** **lhe** reconheça, o rapaz tinha voz! (*A Última Ouvinte*, 18)
d. — Desconfiei que não **me** estava a dar o nome verdadeiro. (*A Sul. O Sombreiro*, 94)
e. Com quem julgavam eles que **se** metiam? (*A Sul. O Sombreiro*, 112)
f. Quero que leve uma parte e **se** estabeleça o mais perto possível da corte. (*A Sul. O Sombreiro*, 161)
g. — aquele cientista americano, acho que já **te** falei dele uma vez... (*Os Transparentes*, 127)
h. o Partido entendeu que a relação de forças **se** havia invertido e que agora muita gente, dos mais variados setores sociais angolanos (*Os Transparentes*, 166)
i. — outra vez? — Edú pressentiu que **se** tratava de um assunto sério de mais para aquela hora do dia (*Os Transparentes*, 49)

➤ Orações subordinadas relativas

60. a. Os trapos com que **se** cobria já não tinham cor, de tanto barro terem absorvido da terra onde dormia e do fumo com que **se** aquecia. (*A Sul. O Sombreiro*, 40)
b. Aconselhei-me com o padre jesuíta que sempre **nos** acompanhava, Jorge Pereira, meu amigo e sacerdote de grande merecimento, (*A Sul. O Sombreiro*, 42)
c. Ao menos em Luanda há mulheres que **me** podem distrair. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
d. — foi esse que **lhe** apanhámos a gamar os carros dos kotas (*Os Transparentes*, 320)
e. o Cego falou em direção à mão do miúdo que **lhe** segurava o corpo pelo braço (*Os Transparentes*, 11)

- f. E o que me interessava era usar a sua habilidade para nosso proveito, (A Sul. O Sombreiro, 40)
- g. Como que a despertar de um sono, ambos sabiam o que se queria dizer... (A Última Ouvinte, 24)
- h. que me inspirasse no seu exemplo e no seu sacrifício para resistir e perdoar a quem me fazia mal, pois no dia do Juízo Final tudo se esclareceria e eu estaria à direita de Deus-Pai por ser um bom cristão (A Sul. O Sombreiro, 142)
- i. Manuel Cerveira estava inclinado a escrever no próximo relatório um parecer favorável ao bispo do Kongo e Angola, pessoa com quem se podia contar apesar de ser franciscano, (A Sul. O Sombreiro, 221)
- j. Mas nisto estou com o meu pai, só respeito quem se dá ao respeito. (A Sul. O Sombreiro, 84)
- k. ...fazia corredor para quem se atrevia a circular por entre a selva de labaredas que o vento açoitava. (Os Transparentes, 11)
- l. uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem lhe entregou um pequeno envelope (Os Transparentes, 41)
- m. confirmando que havia caminhado em exagero, sacudi os pés, libertando-os da areia e das pedrinhas que incomodam quem se preparava, de novo, para caminhar (Os Transparentes, 124)
- n. Um cobertor sujo no chão, onde me sentei. (A Sul. O Sombreiro, 139)
- o. deitava-se meio de lado, numa tentativa de não forçar a bunda sobre a região onde se havia alojado a bala (Os Transparentes, 156)
- p. eu dormi tanto tempo com a avó Agnette, onde ela me ensinou madrugadas e deu todas as estórias (Os da Minha Rua, 139)
- q. Tão porca como a sua roupa, cujo mau cheiro se nota a uma légua. (A Sul. O Sombreiro, 31)
- r. Gesto amistoso de quem foi o seu capitão de muitas guerras e particularmente na tomada de Kambambe, para a construção de cujo forte se gabava de ter carregado pedra às costas? (A Sul. O Sombreiro, 157)
- s. tinha sido traído pelo próprio irmão, Jerónimo de Almeida, o qual se fez governador de Angola. (A Sul. O Sombreiro, 74)

➤ Orações adverbiais (temporais, causais, concessivas, finais, condicionais)

61. a. Se se tinham afastado tanto de Luanda para sul, também era disparatado agora voltarem para norte. (A Sul. O Sombreiro, 53) [condicional]
- b. Quando acabou o comício, ainda nos deram um sumo bué malaico com bolachas, mas as bolachas eram boas, nem sei para quê que levei cantil se sempre me esquecia de beber a tal água congelada no dia anterior. (Os da Minha Rua, 71)
- c. Passo dois. Lista telefónica, porque através do sobrenome se podia bem localizar. (A Última Ouvinte, 20) [causal]
- d. — sai daí que já te vi, sai devagar (Os Transparentes, 94) [Causal]
- e. Reconheci logo o valor dele, quando se apresentou em Massangano, dizendo fugir dos jagas. (A Sul. O Sombreiro, 40) [temporal]
- f. Se alegrou quando lhe foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. (A Sul. O Sombreiro, 41) [temporal]

- g. — sorriu Paulo, enquanto **lhe** servia uma segunda dose (*Os Transparentes*, 125) [temporal]
- h. enquanto ele não **se** pronunciar, ninguém mexe aqui. (*Os Transparentes*, 49) [temporal]
- i. ...mais parecendo mulato embora **se** vissem umas farripas louras de cabelo por baixo dos nós de muitas proveniências e que **lhes** perguntou em português, quando partem e para onde? (*A Sul. O Sombreiro*, 41) [Concessiva]
- j. Amarelinha riu da simulação de briga, e todos se ajeitaram, após o riso coletivo, estranhando que só NgaNelucha não tirasse dos pés os avermelhados sapatos altos que trazia, embora **lhe** fosse aconselhado, pelos restantes, que aquela seria a atitude certa naquele lugar e naquela ocasião (*Os Transparentes*, 265) [Concessiva]
- k. uma translucidez brincava de reflexos nas suas veias, Xilisbaba olhava atentamente para que os minutos **lhe** dessem a certeza (*Os Transparentes*, 54) [Final]
- l. os melhores panos estariam já a ser preparados, a senhora, nessa tarde, teria mesmo visitado uma habilidosa jovem para que **lhe** fizesse nos cabelos um penteado de tranças lindas, afinal, após tantos anos evitando pensar nisso, (*Os Transparentes*, 348) [Final]

➤ Orações subordinadas de comparação e graduação (comparativas, conformativas, proporcionais, consecutivas)

- 62. a. segundo **se** dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém **lhe** oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir-lhe o medo (*Os Transparentes*, 22) [Conformativa]
- b. Tudo no maior sigilo, como **se** deve. (*A Sul. O Sombreiro*, 10) [Conformativa]
- c. pensamentos húmidos invadiam-lhe a mente, transpirava por dentro como se **lhe** chegasse um medo infantil, divertido só depois subiu estranhando o silêncio (*Os Transparentes*, 28) [Comparativa]
- d. a luz longínqua passava como **se** um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34) [Comparativa]
- e. tão repentinamente quanto **se** pode dar uma notícia, que o seu filho estava vivo (*Os Transparentes*, 348) [Proporcional]
- f. Mesmo nas coisas sem importância, quanto menos informação **lhe** dermos, melhor. (*A Sul. O Sombreiro*, 25) [Proporcional]
- g. o primeiro andar, junto às águas, a temperatura era de um agrado tão sobre-humano que **se** tornava custoso resistir ao lugar, (*Os Transparentes*, 363) [Consecutiva]
- h. E são tão fortes que não **lhes** posso chegar. (*A Sul. O Sombreiro*, 106) [Consecutiva]
- i. Atiraram-me para uma cela tão acanhada que não **me** podia deitar por terra, esticado. (*A Sul. O Sombreiro*, 139) [Consecutiva]

As orações subordinadas podem ocorrer com a negação. Os exemplos abaixo, ilustram a ocorrência da negação em frases subordinadas.

- 63. a. Se não **te** deres bem, prometo, te deixo voltar para Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 57)

- b. Tinha as pernas meio abertas como fazem os rapazes, sentada uma posição que a minha avó Agnette me disse que as meninas nunca **se** deviam sentar. (*Os da Minha Rua*, 86)
- c. É provável que tenha sido aos nove anos, já que nem ele próprio **se** lembrava, que começou a lavar a loiça do comando das FAPLA. (*A Última Ouvinte*, 18)
- d. como objetos exóticos que mais ninguém **se** lembrava de oferecer no natal (*Os Transparentes*, 20)
- e. AvóKunjikise sorriu, emitiu um som que quase não **se** escutou e prosseguiu a sua caminhada em direção ao sexto andar (*Os Transparentes*, 34)

A título conclusivo desta subsecção diria que a colocação dos pronomes clíticos no PA escrito, nas orações subordinadas, parece estável, com exceção de um único caso de ênclise, atestado em uma das obras de *Ondjaki*. Por outro lado, pode ser um indicador já que os dados de Gerards (2018), que apresentam mais a dimensão espontânea, atestam a existência de ênclise em orações subordinadas. Contudo, no nosso *corpus*, a tendência natural da clitização aponta para a próclise.

4.2.4.- Próclise ao infinitivo flexionado, com proclisadores (preposições *de*, *para*, *sem*, etc.)

Nesta secção, apresentaremos as ocorrências com o infinitivo flexionado preposicionado, sendo as preposições que introduzem a oração infinitiva os elementos desencadeadores de próclise. Porém, não fará parte desta secção a preposição *a*, já que com esta preposição a ênclise é sistemática no PE (cf. 4.3. e, especificamente 4.3.3).

Sigamos então o que os nossos dados revelam, considerando em primeiro lugar os dados estatísticos.

Inf. flex +P	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	67	100,0%	3	100%	5	100%	6	100%
Ênclise	0	0,0%	0	0%	0	0%	0	0%

Tabela 4.9: Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado (+P)

Como se pode observar aqui temos 100% de próclise com todos as preposições, o que se torna um grande indicativo da tendência proclítica da colocação do PA.

Seguem-se os exemplos com as preposições *de*, *por*, *para*, *após*, *até*, *sem*, *em*. Embora a preposição *em* admita, com baixa frequência, a ênclise no PE (Martins 2013: 2287), resolvemos analisá-la juntamente com as restantes preposições (à exceção de *a*), já que

no PA o seu comportamento mostra-se idêntico ao das restantes preposições analisadas nesta secção. No interior das orações subordinadas de infinitivo flexionado, tal como nas subordinadas finitas, pode ocorrer a negação (cf. (68a) abaixo). Além disso, a preposição *sem* funciona como um marcador de negação (cf. (68-ac)).

64. a. Battell de facto ajudou-nos a vencer muitos sobas e sobetas rebeldes, pelo facto de **lhes** conhecer as manhas todas e falar a língua do país como eles próprios. (*A Sul. O Sombreiro*, 43)
- b. É certo, compramos peças em vez de **nos** apoderarmos delas. (*A Sul. O Sombreiro*, 105)
- c. Para não dizerem que sou contra eles, ainda **lhes** forneci o pedreiro que começou a construção e algum material, além de **lhes** deixar o recheio da ermida. (*A Sul. O Sombreiro*, 107)
- d. O facto de **me** ignorar ostensivamente tira-me muitas vezes o sono. É porque vem com muito convencimento, de espáduas largas. (*A Sul. O Sombreiro*, 107)
- e. As vezes, mesmo no meio das brincadeiras, meio distraído, e antes de **me** gritarem com força para eu não estar assim tipo estátua, (*Os da Minha Rua*, 23)
- f. com vergonha de **te** chamarmos mãe, (*Os Transparentes*, 217)
- g. o Cego fungou do nariz três vezes como fazia em sinal secreto expressando ao VendedorDeConchas que era hora de **se** retirarem (*Os Transparentes*, 267)
- h. Mbocoio era incapaz até de **se** lembrar do próprio nome. (*A Última Ouvinte*, 33)
65. a. ...escapando a todas as chacinas que se seguiram aos éditos dos reis católicos de Portugal, imitadores baratos dos da sangrenta Espanha, terminando os meus parentes por **se** prosternarem borrados de medo na Igreja de S. Domingos.. (*A Sul. O Sombreiro*, 8)
- b. Atacou sobas nossos aliados, sobretudo o Axilambanza, por este **lhe** negar acesso ao caminho dos escravos. (*A Sul. O Sombreiro*, 118)
- c. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (*A Sul. O Sombreiro*, 219)
- d. Por não **se** encontrarem em casa ou por terem sido avisados, alguns vereadores e o juiz escaparam. (*A Sul. O Sombreiro*, 343)
66. a. Vou avisar os padres da Companhia para **o** chamarem a Luanda e aguardar embarque. (*A Sul. O Sombreiro*, 22)
- b. Fiz um gesto para **lha** encherem. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
- c. Podem passar durante um dia inteiro para depois **se** voltarem a meter na terra, no novo formigueiro. (*A Sul. O Sombreiro*, 53)
- d. Eles querem que deixemos as espadas, para **se** apoderarem do poder com as penas sujas. (*A Sul. O Sombreiro*, 73)
- e. E os escravos, conforme *me* ensinaram desde pequena, nunca são de fiar totalmente, porque estão sempre à espera da primeira ocasião para **nos** enganarem e fugirem. (*A Sul. O Sombreiro*, 81)
67. a. O senhor bispo já tentou despachá-la para São Salvador, o Peres insurgiu-se, pois ela foi mandada para o degredo aqui em Angola e não no Kongo, claro, desculpa para não **se** separar dela. (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
- b. Todos olhavam para mim para **me** culparem com os olhares deles. (*Os da Minha Rua*, 78)

- c. diminuíam os ruídos para depois se voltarem a alimentar de explosões outras, reduziam-se as labaredas vindas das esquinas escava das para logo de seguida se reacenderem em verticais (*Os Transparentes*, 421)
68. a. ...e incapazes de combater dóceis crianças competentes no entanto de trabalhar em todas as tarefas pesadas sem se queixarem sem se rebelarem aceitando de boa mente o destino que os padres *lhes* indicavam como sendo o da salvação. (*A Sul. O Sombreiro*, 165)
- b. Um grupo de jagas tinha penetrado em pleno território sumbe sem estes se aperceberem. (*A Sul. O Sombreiro*, 242)
- c. só tinham falado antes em experimentar com eles, para ver se era sexo diferente, sem se dividirem os companheiros. (*A Sul. O Sombreiro*, 245)
69. a. É claro, o dito escrivão correu até os bofes *lhe* saírem pela boca. (*A Sul. O Sombreiro*, 309)
- b. A solução surgiu quando eu me queixei da solidão e de tanta doença. Mandavam Ana para ficar comigo, até eu *lhe* arranjar um bom partido. (*A Sul. O Sombreiro*, 317)
- c. Fica descansado, que não te vou cobrar direitos do autor até *te* tornares profeta. (*A Última Ouvinte*, 40)
70. Mas o filho não era o mesmo que fugira, o filho era um homem e com algumas posses, não muitas, exagero dos irmãos em *lhe* chamarem rico. (*A Sul. O Sombreiro*, 145).

4.2.5. Próclise ao gerúndio, com proclisadores (negação, preposição *em*, etc.)

Apresentamos em seguida as ocorrências de próclise/ ênclise em orações gerundivas, com proclisador. No PE há sempre próclise nestes contextos, que incluem orações gerundivas negativas, orações gerundivas introduzidas pela preposição *em*, e orações gerundivas em que precedem o verbo os quantificadores e advérbios identificados na secção 4.2.2.

Gerúndio+P	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	6	100,0%	0	0%	1	100%	1	100%
Ênclise	0	0,0%	0	0%	0	0%	0	0%

Tabela 4.10: Próclise/ênclise ao verbo no Gerúndio, com proclisador

No nosso corpus, apesar do número reduzido de ocorrências, a próclise é o padrão de colocação dos pronomes átonos nas orações gerundivas negativas e nas orações gerundivas introduzidas por preposição ou por um proclisador pré-verbal, quer seja quantificador ou advérbio. Assim, o PA não se distingue do PE nem do PB nestes contextos.

71. A mulher tinha morrido e ele parecia um fantasma, não *me* servindo para nada. (*A Sul. O Sombreiro*, 312)

72. bem revistas as coisas, afinal, em se tratando de tamanha cicatriz social, a verdade é que qualquer um, sem pedir autorização aos demais, (*Os Transparentes*, 209)
73. a. Havia outro barco no porto prestes a ser aviado para a Bahia, daí se dirigindo para Lisboa. (*A Sul. O Sombreiro*, 160)
- b. ... e inclinados para a frente, quase se tocando nas extremidades, no meio dos quais havia centenas ou milhares de crânios humanos. (*A Sul. O Sombreiro*, 187)
- c. Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela se transformaria em sede episcopal, quase lhe dizendo, olha, é para ti, aguenta-te que te farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidade (*A Sul. O Sombreiro*, 234)
- d. untar algumas ávidas mãos de altos funcionários, os eternos sugadores de sangue alheio se distribuindo pelas diferentes câmaras e repartições, fingindo resolver assuntos do rei, mas só se preocupando com os próprios. (*A Sul. O Sombreiro*, 277)
- e. Foi assim se entretendo com pensamentos benignos até o dia começar a escurecer. (*A Sul. O Sombreiro*, 179)

4.3. Ênclise no PE, Próclise no PB (coloquial), variação Próclise/Ênclise no PA

Para prosseguirmos a análise dos dados, passamos, agora, para o contexto oposto ao anterior, em que são apresentados aqueles casos que para o PE são obrigatoriamente enclíticos e proclíticos no PB. Integram este conjunto as frases matriz afirmativas, não V1, sem proclisador (-P); as frases matriz afirmativas V1; as orações de infinitivo simples, sem proclisadores; as orações de infinitivo flexionado, sem proclisadores, as orações gerundivas, sem proclisadores e o particípio passado. Apesar de este último, no PE, não permitir a clitização, no PB é um contexto de próclise. O nosso objectivo é compreender e testar as ocorrências de próclise em contexto de ênclise (no PE), assim como identificar os casos típicos no PA, nestes contextos. Adianto que merecerão um comentário especial as ocorrências de próclise/ênclise com a preposição *a*, que, pelo que parece, no PA, tende a comportar-se como proclisador categórico. Porém, se antes a nossa atenção estava voltada para as ocorrências de ênclises, aqui a nossa atenção volta-se para a busca das ocorrências de próclises.

<i>Os da Minha Rua</i>	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado	TOTAL
Próclise	22	0	3+0	3	21+0	21	1	4	51
	20,8%	0,0%		50,0%		77,8%	100,0%	100,0%	30%
Ênclise	84	26	3+0	3	6+0	6	0	0	119
	79,2%	100,0%		50,0%		22,2%	0,0%	0,0%	70%
TOTAL	106	26		6		27	1	4	170

Tabela 4.11: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em *Os da Minha Rua*

No³⁵ computo geral, aqui as estatísticas dão vantagem à ênclise (70%) em detrimento da próclise (30%). Porém, a percentagem de próclise é bastante significativa, em particular nas estruturas infinitivas. Nas frases matriz afirmativas, não-V1, sem proclisador, há 20,8% de próclise ao passo que nas frases matriz afirmativas V1 há coincidência com o PE nos 100% de ênclise. Nas ocorrências com a preposição *a* vemos uma concorrência paritária entre a próclise (50%) e a ênclise (50%), como o ilustram os exemplos (39a-d) acima. Também ocorre um caso de próclise com o gerúndio, sem proclisador. Mas a ponta do iceberg está nas ocorrências de próclise com o particípio passado, sem proclisador (exemplos (42a-d) acima), o que é impensável no PE, mas é regra no PB. Também de assinalar é a alta percentagem de próclise nas orações infinitivas sem preposição (77,8%), em que o PE só admite a ênclise, enquanto o PB generalizou a próclise. Em suma, se nos domínios finitos a obra *Os da Minha Rua*, de Ondjaki, revela maior proximidade com o PE (mais ênclise do que próclise), nos domínios não finitos revela maior proximidade com o PB (mais próclise do que ênclise). Globalmente, distingue-se de ambos.

<i>Os Transportes</i>	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado	TOTAL
Próclise	22	9	8+0	8	33+1	34	1	1	75
	4,7%	10,3%		23,5%		21,5%	1,8%	100,0%	9,3%
Ênclise	446	78	26+0	26	95+3	124	56	0	730
	95,3%	89,7%		76,5%		78,5%	98,2%	0,0%	90,7%
TOTAL	468	87		34		158	57	1	805

Tabela 4.12: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatório no PE e próclise no PB em *Os Transparentes*

Em *Os Transparentes* a percentagem de próclise em frases de ênclise obrigatória no PE é bastante mais baixa (9,3%). Porém, esta outra obra de Ondjaki revela a possibilidade da

³⁵ Em todas as tabelas, as colunas 4(inf. CP *a*), da esquerda para a direita, e 5 (inf. SP), apresentam na coluna mais a esquerda (n+n). O primeiro (n=número) equivale ao infinitivo simples e o segundo ao infinitivo flexionado.

- Para a leitura das tabelas tenha em conta as abreviaturas: inf.= infinitivo; CP/SP= com proclisador/sem proclisador; Fto= finito.

próclise em frases matriz V1 (9 ocorrências, correspondendo a 10,3%), e um outro caso de ocorrência de próclise ao participio passado. Apesar de globalmente haver menos próclise em *Os Transparentes* do que em *Os da Minha Rua*, mantém-se a tendência para uma frequência mais elevada da próclise nas orações infinitivas do que nas frases finitas. Mas o gerúndio parece alinhar com as frases finitas e não com o infinitivo (o que não é visível em *Os da Minha Rua*, possivelmente por haver uma única ocorrência do gerúndio).

<i>A última Ouvinte</i>	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado	TOTAL
Próclise	18	0	0+0	0	5+0	5	0	0	23
	17,6%	0,0%		0,0%		22,7%	0,0%	0,0%	14,3%
Ênclise	84	34	3+0	3	17+0	17	0	0	138
	82,4%	100,0%		100,0%		77,3%	0,0%	0,0%	85,7%
TOTAL	102	34		3		22		0	161

Tabela 4.13: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatório no PE e próclise no PB em *A Última Ouvinte*

Patissa, apresenta 14,3% de próclise. As zonas críticas situam-se entre as frases matriz, não V1 (17,6%) e nas infinitivas não preposicionadas (22,7%). Há algum equilíbrio entre domínios finitos e de infinitivo, mas ainda assim mantendo a tendência já observada em Ondjaki para mais próclise nas orações infinitivas sem preposição do que nas frases finitas. Note-se também que apesar das três ocorrências de ênclise nas infinitivas introduzidas por *a*, se somarmos o conjunto dos dados das infinitivas, obtemos 5/20, correspondendo a 20%, que compara com 17,6% nas frases finitas não V1 (o valor desce para 15,25% reunindo contextos V1 e não V1)

<i>A Sul. O Sombreiro</i> Frases SP	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP <i>a</i>		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado	TOTAL
Próclise	275	77	22+8	30	68+10	78	47	0	507
	66,7%	58,8%		61,2%		36,3%	58,8%		57,2%
Ênclise	137	54	16+3	19	126+11	137	33	0	380
	33,3%	41,2%		38,8%		63,7%	41,3%		42,8%
TOTAL	412	131		49		215	80	0	887

Tabela 4.14: Direcção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB em *A Sul. O Sombreiro*.

A obra de Pepetela *A Sul. O Sombreiro* é aquela que mostra uma percentagem mais elevada de próclise, a qual ultrapassa globalmente o valor da ênclise (57,2%). Por outro lado, inverte-se a tendência observada nos outros dois autores, já que aqui há menos

próclise nas orações infinitivas, em particular as infinitivas sem preposição (36,3%), do que nos outros domínios. Mas confirma-se a proximidade entre as frases com gerúndio e as frases com verbo finito. Esta proximidade de comportamento remete para o PE, onde os padrões de colocação dos clíticos são similares com verbo finito e com gerúndio, distinguindo-se conjuntamente dos padrões próprios das orações infinitivas. Este tipo de comparação não se pode fazer com o PB que, tendo generalizado a próclise, não tem contrastes entre domínios finitos e não finitos, nem entre diferentes tipos de domínios não finitos.

<i>Ênclise Obrigatória no PE (Proclise no PB)</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A última Ouvinte</i>		<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Total</i>
Frase matriz afirmativa V1	P	22	43,1%	22	29,3%	18	78,3%	275	54,2%	337
	E	84	70,6%	446	61,1%	84	60,9%	137	36,1%	751
Frase matriz afirmativa não V1	P	0	0,0%	9	12,0%	0	0,0%	77	15,2%	86
	E	26	21,8%	78	10,7%	34	24,6%	54	14,2%	192
Infinitiva com preposição <i>a</i>	P	3	5,9%	8	10,7%	0	0,0%	30	5,9%	41
	E	3	2,5%	26	3,6%	3	2,2%	19	5,0%	51
Infinitiva sem preposição	P	21	41,2%	34	45,3%	5	21,7%	78	15,4%	138
	E	6	5,0%	124	17,0%	17	12,3%	137	36,1%	284
Gerundiva	P	1	2,0%	1	1,3%	0	0,0%	47	9,3%	49
	E	0	0,0%	56	7,7%	0	0,0%	33	8,7%	89
Participial	P	4	7,8%	1	1,3%	0	0,0%	0	0,0%	5
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
Total	P	51	30,0%	75	9,3%	23	14,3%	507	57,2%	656
	E	119	70,0%	730	90,7%	138	85,7%	380	42,8%	1367

Tabela 4.15: Comparação dos valores entre as quatro obras em contexto de ênclise obrigatória no PE e próclise no PB

O quadro síntese apresenta o total, partindo das classes de frases concorrentes. É possível observar a ocorrência de 656/2023 de próclise (32,43%) contra 1367 (67,57%) de ênclise. Isto revela claramente que, apesar de existir esta direcção para a próclise, a ênclise ainda está presente e é predominante. Mas revela também que no PA contemporâneo a ‘norma’ literária (ou, se quisermos, a língua literária, com a variação que lhe é própria) já não corresponde ao PE padrão. Passamos agora para a análise e comentários das ocorrências por partes e o ponto de referência será sempre o *A Sul. O Sombreiro* que já fez comparação no capítulo anterior.

4.3.1. Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores

O quadro abaixo dá a conhecer, em números e percentagens, os resultados da análise dos dados referentes à distribuição próclise/ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores. Estes indicam que, se no século XX com *Mayombe*, o uso do pronome

clítico em posição pós-verbal, i.e., em ênclise, é quase categórico (99,9% dos casos no século XXI, por outro lado (com o mesmo autor em *A Sul. O Sombreiro* ou em *Os da Minha Rua, Os Transparentes* e a *A Última Ouvinte*), há uma surpreendente inversão de sentido em direção à próclise, uma vez que a colocação dos pronomes clíticos em posição proclítica passa a ter uma forte expressão, precisamente 67% em *A Sul. O Sombreiro*, 22% em *Os Transparentes*, 20,8% em *os da Minha Rua* e 18% em *A Última Ouvinte*, enquanto as outras três obras apresentam um senso geral de quase 21% dos dados analisados. A ênclise, por outro lado, aparece muito alternada em percentagens, porque a língua escrita é sempre muito mais conservadora.

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>	<i>Os da Minha Rua</i>	<i>Os Transparentes</i>	<i>A Última Ouvinte</i>
Próclise	275 (67%)	22 (20,8 %)	22 (5%)	18 (18%)
Ênclise	137 (33%)	84 (79,2%)	446 (95%)	84 82%)

Tabela 4.16: Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores

74. a. O exército dá-te bolsa. (*A Última Ouvinte*, 20)
b. «E se fosse professora?», indagou-se. (*A Última Ouvinte*, 21)
c. Kutala convenceu-se de não ter vocação para madre. (*A Última Ouvinte*, 29)
d. — Aqui divide-se. (*Os da Minha Rua*, 15)
e. — Põe a mão aqui — ensinou-me. (*Os da Minha Rua*, 15)
75. a. E me pediu para lhe entregar, filho. (*A Última Ouvinte*,)
b. Ele mazé te quiere... (*A Última Ouvinte*, 32)
c. Velha-Mbali se deparou com deselegantes surpresas. (*A Última Ouvinte*, 62)
d. — Maaaaãe, a tia Sita me convidou pra almoçar na casa dela. (*Os da Minha Rua*, 14)
e. E me deram mesmo. (*Os da Minha Rua*, 19)

4.3.2. Próclise/Ênclise em frases finitas com verbo inicial (V1)

Na fase do tratamento dos dados, a maior dificuldade com que nos deparamos para identificar as ocorrências de clíticos em frases V1 foi a avaliação das fronteiras fráscas em *Os Transparentes*, de Ondjaki, que apresenta uma estruturação sintáctica muito complexa (quase sem pontuação, mudanças de linha inesperadas, frases suspensas...), o que parecia um deserto sem pontos de referência. Tudo parecia miragens. Por isso, considerámos V1 os poucos casos em que o início, mesmo não expresso pela pontuação, parece claro, ou seja, aqueles casos em que a mudança de linha é marcada por travessão

(–) ou ainda quando a mudança de personagens é acompanhada por dois pontos (:), o que revela claramente a entrada em cena de uma outra personagem.

A separação entre frases V1 e não V1 pareceu-nos relevante por ser um contexto que no PE, como nas restantes línguas românicas, apresenta, historicamente, uma grande resistência à próclise, de acordo com uma restrição conhecida por *Lei Tobler-Mussafia*, que exclui os clíticos da posição inicial absoluta (cf. Martins 1994). Além disso, no PB, que generalizou a próclise na língua falada, as frases V1 continuam a ser um contexto de particular resistência a este tipo de colocação na língua escrita (incluindo a língua literária). Pareceu-nos por isso relevante fazer esta distinção ao classificarmos os dados. E, de facto, encontrámos no *corpus* mais próclise nas frases não V1 do que nas frases V1. Além disso, enquanto todas as obras do *corpus* têm ocorrências de próclise em frases finitas não V1, em apenas duas (*A Sul. O Sombreiro* e *Os Transparentes*) a próclise se estende também às frases V1. Os dados abaixo revelam que, apesar de tudo, a ocorrência de pronomes clíticos em posição inicial de frase tem já uma presença significativa no PA literário, o que constitui um sinal claro de mudança linguística no domínio da colocação dos pronomes clíticos.

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>	<i>Os da Minha Rua</i>	<i>Os Transparentes</i>	<i>A Última Ouvinte</i>
Próclise	77 (59%)	0 (0%)	9 (10%)	0 (0%)
Ênclise	54 (51%)	26 (100%)	78 (90%)	34 (100%)

Tabela 4.17: Próclise/Ênclise em frases finitas, com verbo inicial (V1)

Os dados continuam a revelar maior o afastamento em relação ao PE em Pepetela, com 59% de próclise em contexto de ênclise para o PE, seguido de *Ondjaki* em *Os Transparentes*, com 10% de próclise em frases V1. *Patissa* não apresenta qualquer ocorrência aqui, apesar de termos dados que comprovam a existência de próclise em V1 nas suas obras conforme se exemplifica a seguir:

76. a. *Me* desconfortava mas não via, deu costas na minha direção (*Os Transparentes*, 151)
 b. *Se* projetava cavar aí um poço, criando uma nova maianga. (*A Sul. O Sombreiro*, 37)

Mas uma interrogação que fica é sempre a seguinte: será por ele ter aprendido o português (L2) de forma normativa, pela instrução escolar, ou por ser formado em linguística (inglesa) que tem um comportamento aparentemente menos distanciado do PE padrão do

que os outros autores?³⁶ De uma ou de outra forma, fica aqui o registo da tendência do PA para a expansão da próclise também no contexto V1. Talvez a forma dialógica utilizada em *A Sul. O Sombreiro* facilite o uso de uma linguagem mais despojada da norma e menos conservadora, na literatura, propiciando a colocação procítica dos pronomes.

4.3.3. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples (sem preposição ou preposição *a*)

Esta subsecção parece nuclear, porque é aqui que os dados do *corpus* revelam maior divergência em relação ao PE, que apresenta a ênclise obrigatória (próclise no PB).

Nesta subsecção analisamos apenas as ocorrências de próclise/ênclise ao infinitivo simples, sem proclisador, isto é, as orações infinitivas não preposicionadas e as introduzidas pela preposição *a*. Por agora, apresentamos, *grosso modo*, os dados estatísticos, colhidos nas quatro obras, para depois entrarmos nos comentários e detalhes que se impõem.

	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	90	39,0%	24	73%	41	25%	5	20%
Ênclise	141	61,0%	9	27%	121	75%	20	80%

Tabela 4.18: Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, sem proclisadores

Sem dúvida que aqui os dados revelam uma demarcação profunda daquilo que se esperaria para o PE, que, até ao momento, é a norma de referência oficial em Angola. De facto, a percentagem total de próclise em orações infinitivas não preposicionadas e introduzidas pela preposição *a* ($160/452 = 35,40\%$) é superior à percentagem de próclise nas frases com verbo finito V1 e não V1 ($423/1366 = 30,96\%$), parecendo assim que este é o domínio em que o alargamento da próclise a contextos sintácticos que não a permitem no PE está mais avançado no PA. A diferença percentual só não é maior devido à obra de Pepetela, *A Sul. O Sombreiro*, que mostra a proporção contrária. Existem, portanto, diferenças entre os três autores (como já referido acima, na secção 4.3) e chama a nossa maior atenção a disparidade que observamos em Ondjaki entre a obra *Os da minha Rua*, com 73% de próclise e *Os Transparentes*, com 25%. Mas isso deve-se, possivelmente,

³⁶ Mas lembre-se, por outro lado, que é o único que apresenta três ocorrências de ênclise em frases finitas com proclisadores.

apenas ao facto de a percentagem de próclise em *Os Transparentes* ser globalmente muito inferior à que se regista em *Os da Minha Rua*. Como também já comentado e apesar do contraste percentual em termos absolutos quando olhamos apenas para os dados das infinitivas, em termos relativos não se altera a relação entre frases finitas e infinitivas (na comparação entre as duas obras de Ondjaki), com as infinitivas a exibirem mais próclise que as frases com verbo finito.

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos das ocorrências da próclise/ênclise no nosso *corpus*, por agora limitados às orações infinitivas sem preposição. Nas frases (77i), (85j) e (77p) é óbvia a cliticização ao verbo infinitivo, pois o clítico não tem uma forma verbal à esquerda. É igualmente clara a próclise ao infinitivo em (77r), por não ser uma estrutura de subida do clítico, e nas frases como (77d), (77k) (77l), (77s) e (77t), porque se ocorresse subida do clítico estaria proclítico ao verbo superior (de acordo com os dados descritos na secção 4.2. acima). Além disso, como as obras literárias seguem uma ortografia standard, todas as restantes frases em (77), e as restantes na respectiva secção dos anexos, mostram a mesma direcção de cliticização, i.e. próclise ao infinitivo.

➤ Próclise

77. a. — ele vai **me** dar boa gorjeta se eu subir? (*Os Transparentes*, 27)
- b. — então, é este o prédio da Maianga com o buraco no rés do chão, esse buraco é mesmo antigo, chefe, posso **lhe** contar a estória... (*Os Transparentes*, 36)
- c. — pode **me** devolver o telefone, camarada Ministro? (*Os Transparentes*, 39)
- d. — só queria **lhe** entregar a carta, pode ser que esteja aqui (*Os Transparentes*, 40)
- e. pode **te** acontecer duas coisas: ou te dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho **te** buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*, 174)
- f. —, vou **lhe** dizer qual é a casa onde ele se encontra, mas não quero que o pai ande mais com esse peso do saco com a comida (*Os Transparentes*, 244)
- g. — deixa **te** explicar, paizinho, porque é num beco. (*Os Transparentes*, 245)
- h. — você sabe **me** dizer se ele está bem? não está a precisar de medicamentos (*Os Transparentes*, 250)
- i. Quando eu contasse da televisão a cores exageradas na casa do Lima, os primos iam me acreditar, ou será que todos iam rir e **me** chamar de mentiroso com força? (*Os da Minha Rua*, 21)
- j. então menti que o meu pai estava maldisposto e eu não tinha conseguido **lhe** acordar. (*Os da Minha Rua*, 37)
- k. Fiquei todo satisfeito porque pensei que ela não fosse **me** queixar. (*Os da Minha Rua*, 42)
- l. Agora já ninguém **me** perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se podiam ir **lhe** visitar um dia destes. (*Os da Minha Rua*, 63)

- m. Como **se** quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. (*Os da Minha Rua*, 129)
- n. Quis **se** virar para mim, tentou bater com a mão peluda, mas eu usava punhal. (*A Sul. O Sombreiro*, 31)
- o. Tinha a idade, podia **se** oferecer para o exército, sempre com falta de gente para conquistar o interior e as sonhadas minas de prata. (*A Sul. O Sombreiro*, 33)
- p. O tendala seria um bom protetor, em gente de António Dias Mossungo nem o próprio Manuel Cerveira Pereira se atreveria a tocar. O tendala não só tinha mais homens, como podia facilmente **se** diluir na selva e aparecer em aliança com os terríveis jagas, (*A Sul. O Sombreiro*, 34)
- q. O negócio podia **se** fechar a qualquer momento. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
- r. Outra era **se** meter pelo mato e caçar elefantes. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
- s. Quando devia **se** rebolar de raiva, agora como vamos fazer, não sabias evitar? (*A Sul. O Sombreiro*, 246)
- t. — Não pode **nos** manter neste atoleiro de morte lenta, no meio destes pântanos, com fome e sede. (*A Sul. O Sombreiro*, 248)
- u. Vou **te** levar a Luanda para tratamentos. (*A Última Ouvinte*, 20)
- v. E se não conseguires morrer, vou **te** pôr numa escola de jornalismo. (*A Última Ouvinte*, 20)
- w. Eu vou **lhe** contar o meu drama. (*A Última Ouvinte*, 23)

➤ Ênclise

- 78. a. Podia levá-**lo**, o escravo era seu. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
- b. Pode tê-**lo** matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
- c. Aceitou vender-**nos** escravos. (*A Sul. O Sombreiro*, 46)
- d. Estou velho demais senão ia mesmo apanhá-**lo** lá para o castigar. (*A Sul. O Sombreiro*, 62)
- e. Sua Majestade quer impedir-**nos** de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em **lhes** pôr luz nas cabeças duras. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
- f. Não posso negar-**lhe** a petição, sem ficar mal visto. (*A Sul. O Sombreiro*, 68)
- g. a luz longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-**se** a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34)
- h. ao ouvir ruídos na escadaria, procurou esconder-**se** na lateral de uma coluna gigantesca, um assobio demasiado afinado precedia a pessoa que descia (*Os Transparentes*, 36)
- i. — começou a mover -**se** em direção à saída (*Os Transparentes*, 36)
- j. O Bruno olhou com cara feia, mas conseguiu controlar-**se**, não riu nem estigou. (*Os da Minha Rua*, 122)
- k. fui fechar a porta da casa de banho e da despensa, a bomba de água disparou e assustei-me, o vento estava a pôr-**me** nervoso, olhei a mangueira com mangas verdes (*Os da Minha Rua*, 132)
- l. ouvi lá em baixo, na varanda, os passos da avó Agnette que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-**me** dos

meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros (*Os da Minha Rua*, 139)

- m. Como conseguiu achar-me? (*A Última Ouvinte*, 23)
- n. Mas desejava conhecer-te, digo, pessoalmente. (*A Última Ouvinte*, 23)
- o. Moko, o caçula, decidiu tornar-se médico. (*A Última Ouvinte*, 48)
- p. Repito, ser-me-ia mais fácil, e até justo, tratá-la pelo título. (*A Última Ouvinte*, 37)

Os dados abaixo quantificam apenas as ocorrências com a preposição *a* em frases com o infinitivo simples. Deste modo, temos 45 ocorrências em *A Sul. O Sombreiro*, 8 em *Os da Minha Rua*, 31 em *Os Transparentes* e 3 em *A Última ouvinte*. O quadro que se segue mostra a distribuição em próclise e ênclise.

Inf. +P <i>a</i>	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	23	51,11%	3	37,5%	8	25,80%	0	0%
Ênclise	22	48,88%	5	62,50%	23	74,19%	3	100%

Tabela 2.19: Próclise/Ênclise em Orações infinitivas simples, com a preposição *a*

Neste tópico, como em outros anteriormente comentados, o autor do *A Última Ouvinte*, Patissa, apresenta-se como mais conservador em relação à norma padrão do PE. As três ocorrências todas estão enclíticas ao infinitivo. Em Ondjaki, apesar de a percentagem de próclise ser superior à ênclise, também não é insignificante a presença da próclise que varia entre os 25,8% em *Os Transparentes* e os 37,5% em *Os da Minha Rua*. Mas estes resultados, tal como os de Patissa, devem ser lidos com cuidado, pois o número de ocorrências é baixo. Já em Pepetela o número de ocorrências é mais elevado e a percentagem de próclise é um pouco superior à da ênclise (51,1%). O seu valor situa-se abaixo da percentagem de próclise em frases finitas, na mesma obra de Pepetela, mas bastante acima da percentagem de próclise nas orações infinitivas sem preposição (cf. tabela 4.14 acima). Aparentemente, em Pepetela vê-se uma tendência para alargar à preposição *a* o padrão descrito para as restantes preposições que introduzem orações infinitivas (cf. 4.3.3), isto é, uma tendência de generalizar a próclise.

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos das ocorrências da próclise/ênclise no nosso *corpus*, nas orações infinitivas simples introduzidas pela preposição *a*. Sublinho que todas as ocorrências em próclise, neste domínio, são agramaticais no PE, mas aceitáveis no PA.

➤ Próclise

- 79. a. O vigário voltou a **se** servir do maluco. (*A Sul. O Sombreiro*, 24)

- b. A culpa é da mãe, sempre a **lhe** meter ideias na cabeça. (*A Sul. O Sombreiro*, 62)
- c. O meu pai até corou **ao me** contar estas últimas palavras do governador e me pedia mudamente perdão. (*A Sul. O Sombreiro*, 86)
- d. Eu entrava e sentia logo me puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes **a me** gritar... (*A Sul. O Sombreiro*, 172)
- e. Levou também uma carta ao governador de Angola, intimando-o **a lhe** despachar sem perda de tempo as tropas e mantimentos ordenados pelo rei. (*A Sul. O Sombreiro*, 250)
- f. Um dia o tio Chico misturou vinho e whisky e depois mandou parar o carro que o filho dele ia a conduzir, começou **a me** abraçar e a falar à toa. (*Os da Minha Rua*, 18)
- g. Aliás, ela já tinha dito, **ao me** escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha (*Os da Minha Rua*, 129)
- h. — maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar anda **a me** acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, me dão porrada. gamo, num consigo despachar o material, ara chiça, omé! (*Os Transparentes*, 55)
- i. ...que até hoje ando **a lhe** procurar... (*Os Transparentes*, 198)
- j. então a cidade de Luanda é isso, que uma pessoa assim anda **a se** desenrascar na venda das conchas, a atacar as madamas que têm mais dinheiro (*Os Transparentes*, 199)
- k. — hum..., as músicas é que andam a **nos** perseguir (*Os Transparentes*, 218)
- l.-. até nem sei, ando a **lhe** procurar hoje mesmo vou na televisão, no programa que encontra pessoas (*Os Transparentes*, 235)

➤ Ênclise

80. a. *Ao menos, o Deus verdadeiro dizia e obrigou a gravá-lo em fogo na pedra, quem com ferro mata com ferro morre, olho por olho, dente por dente.* (*A Sul. O Sombreiro*, 8)
- b. Tenho um pedido a fazer-**lhe**, senhor vigário. (*A Sul. O Sombreiro*, 21)
- c. Por isso ele era o único a ousar dialogar com o inglês e até mesmo **a interromper-me**, se **lhe** apetecesse. (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
- d. Por isso o convidei a acompanhar-**me** à cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 68)
- e. Dei-lhe um beijinho e fiquei ali, quieto, perto dela, **a fazer-lhe** festinhas também. (*Os da Minha Rua*, 39)
- f. A outra mão, eu lembro como se fosse agora, a outra mão ficava meio bruta meio lenta, no meu cabelo **a coçar-me** para dar sono. (*Os da Minha Rua*, 91)
- g. ... a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-**se** para a morte e as flechas (*Os Transparentes*, 13)
- h. — começou a mover -**se** em direção à saída (*Os Transparentes*, 36)
- i. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, voltou a sentar-**se** rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem **lhe** entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41)
- j. Tinha quase a certeza. «Provavelmente o velho andou a meter-**se** com a filha (*A Última Ouvinte*, 73)

- k. E a assembleia chegou mesmo a desatar-se em estrondosas gargalhadas. (*A Última Ouvinte*, 89)

4.3.4. Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado (sem preposição ou preposição *a*)

O facto de haver homonímia na 1ª e 3ª pessoa do singular leva a que possa haver ambiguidade na distribuição entre as duas formas do infinitivo, simples e flexionado (cf. Duarte, Santos e Gonçalves (2016)). Porém, é também sabido que no PE há contextos sintácticos que impedem o infinitivo flexionado.³⁷ Por outro lado, a presença de um sujeito lexical é um indício de que a forma é de infinitivo flexionado. Nos exemplos em (81) o sujeito está marcado em itálico e a negrito, excepto na (81b) em que o sujeito é nulo.

81. a. Porque se até a água tem nome quando é pouca, água, para quê ***um monte dela*** se chamar de outra maneira, rio? (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
- b. Tal chantagem me pôs a tremer de medo, é certo, pois bastava qualquer coisa correr mal para ***ele me*** apontar o dedo e dizer, eis a causa do fracasso (*A Sul. O Sombreiro*, 304)
- c. Cobrarei até ***mos*** pagar. (*A Sul. O Sombreiro*, 284)

De acordo com a lógica que temos vindo a seguir até aqui, vamos apresentar o quadro estatístico das ocorrências.

Inf. flex-P	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	18	54,5%	0	0%	1	25%	0	0%
Ênclise	15	45,5%	0	0%	3	75%	0	0%

Tabela 4.20: Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado, sem proclisador

Os dados atestam a predominância da próclise com o infinitivo flexionado, sem proclisador em *Pepetela*, ao contrário do que se observa em *Os Transparentes*, mas o número de ocorrências nesta obra de Ondjaki é tão baixo que os valores percentuais são pouco relevantes. Nas obras *Os da Minha Rua* e *A Última Ouvinte*, não há ocorrências. Seguem-se alguns exemplos.

- Próclise ao infinitivo flexionado não introduzido por preposição

82. a. A ideia era evitar Luanda e ***nos*** metermos pelo Kongo. (*A Sul. O Sombreiro*, 44)

³⁷ Não existe consenso entre os autores relativamente ao facto de o infinitivo flexionado ser parte da gramática ou não no PB, de acordo com Rodrigues & Hornstein (2013).

- b. Entretanto, nunca acontecia os espanhóis **se** identificarem como portugueses. (*A Sul. O Sombreiro*, 51)
- c. Disseste, Imbe Kalandula mandou **te** obedecerem, ele aceitou. (*A Sul. O Sombreiro*, 207)
- d. ...pois tinham de terminar a ponta do Mussulo, entrar na baía da Corimba, passando a rebentação e **se** desviarem para passarem no canal que corre entre a ilha.. (*A Sul. O Sombreiro*, 135)
- e. Mandou a maior parte do bando para a primeira curva do rio, devendo ficar em silêncio, e alguns frecheiros **se** camuflarem em cima dos morros. (*A Sul. O Sombreiro*, 260)
- f. Eu entrava e sentia logo **me** puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a me gritar... (*A Sul. O Sombreiro*, 172)

➤ Ênclise ao infinitivo flexionado não introduzido por preposição

83. a. Darem-**no** de pasto aos tubarões? (*A Sul. O Sombreiro*, 276)
- b. Atirarem-**no** para morrer de sede? (*A Sul. O Sombreiro*, 276)
- c. o que tinha acabado de dizer no improvisado discurso, o principal organizador do evento viu aproximarem-**se** dele os fiscais DestaVez e DaOutra (*Os Transparentes*, 229)
- d. só depois de se descalçar e deixar os olhos habituarem-**se** à penumbra, Odonato reconheceu, com espanto, o corpo, o rosto e as mãos de Amarelinha que, do outro lado da água, lhe fazia um adeus tímido (*Os Transparentes*, 265)
- e. viu adultos e crianças perderem-**se** por entre gigantes labaredas, ouviu as explosões mais longínquas (*Os Transparentes*, 420)

➤ Próclise ao infinitivo flexionado introduzido pela preposição *a*

A nossa atenção centra-se agora na análise de 11/33, equivalente a 33,3%, de clíticos que ocorrem com a preposição a. Dos 11 clíticos, 10, equivalente a 90,9%, ocorrem em próclise, como mostram os exemplos (84). Apenas um clítico ocorre em ênclise, como atesta o exemplo (85). Embora os dados sejam poucos, vê-se com o infinitivo flexionado a mesma tendência já apontada pelo infinitivo simples, ou seja, a preposição *a* parece estar a alinhar no PA com o padrão proclítico das restantes preposições.

84. a. Nzaji nunca esquecerá os pedaços de pele a **se** soltarem do corpo colados ao chicote, depois pedaços de carne. (*A Sul. O Sombreiro*, 130)
- b. — Se era para matar, porquê terem tanto trabalho a **nos** trazerem aqui? (*A Sul. O Sombreiro*, 183)
- c. Filhos, sobrinhos, todos a **se** olharem nas costas, medindo forças, negociando apoios... (*A Sul. O Sombreiro*, 198)
- d. já esquecido nos escombros da memória, ouviu as vozes dela e dos irmãos e dos amigos brincando a **se** darem de pinos no rio, (*A Sul. O Sombreiro*, 208)

- e. Porque se até a água tem nome quando é pouca, água, para quê um monte dela **se** chamar de outra maneira, rio? (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
- f. Portanto, o governador de Luanda, com chefes a **se** rebelarem todos os meses em algum ponto da volúvel fronteira do norte (*A Sul. O Sombreiro*, 281)
- g. ... um rei do Ndongo ameaçando as fortalezas e os ferozes jagas a **se** movimentarem em qualquer dos campos, (*A Sul. O Sombreiro*, 281)
- h. ... um bom amigo, estando ambos convidados **a se** protegerem na cidade se precisassem. (*A Sul. O Sombreiro*, 350)
- i. A questão *se* resumia mesmo **a** não **se** sentir identificado com um povo, pois havia muitos e em conflito. (*A Sul. O Sombreiro*, 52)
- j. E, ao **se** despedirem, pensavam que era para sempre, atendendo ao perigo das viagens por mar e às vilanias cegas da política. (*A Sul. O Sombreiro*, 159)

Ênclise ao infinitivo flexionado introduzido pela preposição *a*

- 85. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los **a meterem-se** em assuntos tão escabrosos. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)

4.3.5. Próclise/Ênclise ao Gerúndio, sem proclisadores

Os dados que, em seguida, apresentamos são as ocorrências de próclise/ênclise em frases gerundivas sem proclisadores. Para o PE, o que se espera é que as ocorrências sejam todas em ênclise, que é a colocação padrão, neste contexto. Porém, no PA, como ilustram os dados, a colocação proclítica é possível, mas a sua frequência parece ser muito variável entre autores. De facto, é a colocação preferencial em Pepetela, mas não em Ondjaki que, se somarmos os dados de *Os da Minha Rua* com os de *Os Transparentes*, apresenta apenas 3,5% de próclise ao gerúndio (uma ocorrência em cada uma das obras). Patissa não apresenta nenhuma ocorrência de clíticos neste contexto.

Gerúndio -P	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
Próclise	47	58,8%	1	100%	1	2%	0	0%
Ênclise	33	41,3%	0	0%	56	98%	0	0%

Tabela 4.21: Próclise/ênclise com o verbo no gerúndio, sem proclisador

Os exemplos que se seguem apresentam as orações gerundivas afirmativas com próclise, agramaticais no PE, mas aceites no PA e gerais no PB, em contraste com a colocação enclítica no mesmo contexto. A variação neste como noutros contextos (mas não em todos os contextos) será a característica específica do PA.

➤ Próclise ao gerúndio, na ausência de proclisadores

86. a. — e nosso querido CienteDoGrã agora está sentado perto do senhor deus, falando com ele... **se** acertando com ele, prestando as contas dos seus dias e das suas ações... (*Os Transparentes*, 358)
- b. Estava com alguma pressa, por isso enfrentava o suor gotejando do fato escuro de pano grosso e **se** aglomerando nas botas altas... (*A Sul. O Sombreiro*, 16)
- c. Porém, **se** tratando de um mar rano... fica difícil esconder a presença de Tomás Peres nesta vila de Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 19)
- d. Não perdera o ar preocupado, mas relaxou um pouco, **se** recostando para trás na cadeira. (*A Sul. O Sombreiro*, 20)
- e. Ainda por cima **se** tratando de jagas... (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
- f. Falei com ele, posso morrer, mas não aguento mais esta ausência de mar, só dois rios sujos em confluência — **se** referindo à situação do presídio, na embocadura do rio Lucala no Kwanza. (*A Sul. O Sombreiro*, 44)
- g. Os oficiais tocavam conspirativos uns nos outros, **se** divertindo com a próxima história do inglês. (*A Sul. O Sombreiro*, 45)
- h. Ele estava afastado da corrente e no cume de um outeiro, o que *lhe* dava visão privilegiada sobre a luminosidade **se** refletindo nos verdes da floresta, (*A Sul. O Sombreiro*, 52)
- i. Fletiram para a direita, e durante algum tempo continuavam a ouvir a trovoadas **se** distanciando. (*A Sul. O Sombreiro*, 53)
- j. Formada por raízes de plantas aquáticas **se** embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia se ter desprendido do seu solo original. (*A Sul. O Sombreiro*, 58)
- k. O caçador fez sinal ao escravo de ficar parado, ele ia continuar a avançar pé ante pé. Mulende obedeceu, **se** cosendo atrás do arbusto (*A Sul. O Sombreiro*, 90)
- l. e **se** estudando mutuamente. (*A Sul. O Sombreiro*, 111)
- m. Sobretudo **se** tratando desse ladrão. (*A Sul. O Sombreiro*, 119)
- n. «por mais que eu faça, não adianta, você nem nota, minha existência; e os dias passam correndo, vou acabar **te** perdendo, e os dias passam correndo, vou acabar te perdendo...». (*Os da Minha Rua*, 93)
- o. — e nosso querido CienteDoGrã agora está sentado perto do senhor deus, falando com ele... **se** acertando com ele, prestando as contas dos seus dias e das suas ações... (*Os Transparentes*, 358)

➤ Ênclise ao gerúndio, na ausência de proclisadores

87. a. Tal honraria *lhe* subiu à cabeça de forma intempestiva, levando-o a cometer todo o tipo de despautérios, até mesmo trocar de símbolos sagrados. (*A Sul. O Sombreiro*, 11)
- b. É verdade, Carlos Rocha tinha um documento do ouvidor declarando-o homem livre (*A Sul. O Sombreiro*, 38)
- c. Uma coisa que espantava muito Mulende, obrigando-o a ficar horas a observar, era a ilha móvel na lagoa. (*A Sul. O Sombreiro*, 58)
- d. O João aproveitou pois para o interrogar, pagando-lhe mais vinho. (*A Sul. O Sombreiro*, 69)

- e. Somando-se os canhões das naus e das fortalezas, juntava-se suficiente poderio. (*A Sul. O Sombreiro*, 78)
- f. Na vila, se enfiava pelas barrocas escorregadias separando a parte alta e a baixa, sem medo dos gatos e cobras, escondendo-se em cubatas. (*A Sul. O Sombreiro*, 79)
- g. embora dotada de jeito para costura e cozinha, esta pouco usada por as escravas se encarregarem de fabricar os ali mentos, deixando-me reservada apenas a costura e os bordados. (*A Sul. O Sombreiro*, 87)
- h. juntando-se aos demais, com muita dificuldade, elevaram o corpo depositando-o no pouco espaçoso porta-bagagens da viatura (*Os Transparentes*, 340)
- i. — como depende? depende só da sede dela, e da vontade, então — dirigindo-se só a ela — bebe um champanhe? (*Os Transparentes*, 236)
- j. — está bem — concordou Odonato, passando-lhe o aromático saco (*Os Transparentes*, 244)
- k. Apanhando-me num sítio desses, enterro logo a batina e sem remorsos. (*A Sul. O Sombreiro*, 300)
- l. ajeitou o pesado saco, mudando-o de ombro, e sentiu um agradável alívio (*Os Transparentes*, 29)
- m. os miúdos sorriram, entreolhando-se (*Os Transparentes*, 40)
- n. — está bem — concordou Odonato, passando-lhe o aromático saco (*Os Transparentes*, 244)

4.4. Variação Próclise/Ênclise no PE, Próclise no PB, Próclise preferencial no PA

4.4.1. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples (preposições *de*, *para*, *sem*, etc.)

O infinitivo simples introduzido por preposições pode ocorrer em orações afirmativas ou/e negativas. De acordo com Martins (2013:2280), as orações simples introduzidas por preposições admitem quer a colocação enclítica quer a colocação proclítica, como mostram os exemplos que tiramos de Martins, acima referenciado:

- 88. a. Temos de dar-lhe crédito (*CRPC, F. Nomora, Adoradores*)
- b. Teria de se libertar dos limos que se lhe enrolavam na carne (*CRPC, F. Namora, Trigo*)

Para o PE ficam fora desta variação as preposições *a* e *com*, que ocorrem sempre com a ênclise. Porém, no PA, como já vimos nas secções anteriores, a tendência para a generalização da próclise nas infinitivas preposicionadas é muito forte. Isso mesmo voltam a mostrar os dados quantitativos gerais apresentados na tabela 4.22.

Inf. +P	A Sul. O		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A Última Ouvinte	
Próclise	134	99,3%	22	92%	55	96%	24	96%
Ênclise	1	0,7%	2	8%	2	4%	1	4%

Tabela 4.22: Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, com proclisadores

A tabela ilustra claramente a orientação da colocação proclítica, apesar de revelar também a presença de alguma ênclise, quase residual (entre os 0,7% e os 8%, mas estes correspondentes a apenas duas ocorrências). De ressaltar que neste quadro apenas foram excluídos os dados que ocorrem com a preposição *a*, tratados na secção 4.3.3. acima. No *corpus* do PA não temos ocorrências de clíticos com a preposição *com*. Apresentamos, em seguida, os dados por preposição com a divisão próclise/ênclise.

➤ Preposição *de*

Próclise

89. a. Depois de **se** tomar capitão-mor e governador em exercício, avançara contra o soba Kafuxi, um dos mais fortes e temidos nas cercanias de Kambambe, onde estavam as minas de prata. (*A Sul. O Sombreiro*, 18)
- b. Não tivera tempo de **se** informar junto dos amigos da Companhia de Jesus, mas duvidava serem muito boas as relações entre eles e o vigário. (*A Sul. O Sombreiro*, 20)
- c. Porquê frei António precisava de **se** insurgir contra o governador? (*A Sul. O Sombreiro*, 22)
- d. — continuava o Kingrêje, depois de **se** inspirar na caneca de vinho. (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
- e. Nem mesmo a tia Rosa fazia só o favor de **me** explicar (*Os da Minha Rua*, 17)
- f. Era simpático o Lima, e devia ser amigo do tio Chico porque o tio Chico gostava de **lhe** chamar «o sacana do Lima». (*Os da Minha Rua*, 18)
- g. por correremos que o Kazukuta acordava assim no modo lento de vir **nos** espreitar (*Os da Minha Rua*, 23)
- h. comprar pão, sabia-se no prédio, podia querer dizer muita coisa, até porque, pão mesmo, desse de **se** fazer à noite com o forno e sal, (*Os Transparentes*, 106)
- i. comprar pão, sabia-se no prédio, podia querer dizer muita coisa, até porque, pão mesmo, desse de **se** fazer à noite com o forno e sal, (*Os Transparentes*, 106)
- j. a senhora lembrou-se de **me** avisar para eu não me esquecer da chegada do americano? (*Os Transparentes*, 110)
- k. Depois de **se** dar a conhecer por via de crónicas publicadas via Internet... (*A Última Ouvinte*, 13)
- l. Mas tinha de **se** conformar. (*A Última Ouvinte*, 18)
- m. Acabamos de **lhe** dar o banho... (*A Última Ouvinte*, 24)

Ênclise

90. O maldito há de perseguir-me. (A Sul. O Sombreiro, 140)

➤ Preposição *por*

Próclise

91. a. Mas o Cerveira ambicionava deitar as unhas sujas ao ridículo território, conquistado por **se** dizer haver imensas minas de prata no curso do rio. (A Sul. O Sombreiro, 11)
- b. O mesmo Gaspar Álvares que chicoteou até à morte um escravo por **se** deitar com uma sua preferida. (A Sul. O Sombreiro, 130)
- c. Mas tudo acaba por **se** saber. (A Sul. O Sombreiro, 137)
- d. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (A Sul. O Sombreiro, 219)

Ênclise

92. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo lhe incomodar. (Os da Minha Rua, 36)

➤ Preposição *para*

Próclise

93. a. E para **me** mandar despachar o Tomás Peres também não precisava de se incomodar. (A Sul. O Sombreiro, 22)
- b. Tirou-se dos seus cuidados para **lhe** ir perguntar isso? (A Sul. O Sombreiro, 24)
- c. E quando cá viesse, teria outra mulher para **lhe** aquecer os pés, eu tratava do assunto. (A Sul. O Sombreiro, 26)
- d. — mais -velho, estou a esperar uma voz de criança para **lhe** dar uma resposta. (Os Transparentes, 12)
- e. Xilisbaba tinha o corpo encharcado de água para **se** proteger do fogo, respirava com dificuldade e tossia devagar como se não quisesse emitir ruídos (Os Transparentes, 14)
- f. — Maria... quero ver o meu marido uma última vez... para **lhe** falar as coisas que uma pessoa cala a vida toda (Os Transparentes, 15)
- g. Mexia-se sempre devagarinho, bocejava, e era ca paz de ir procurar um bocadinho de sol para **lhe** acudir as feridas, ou então mesmo buscar regresso na casota dele. (Os da Minha Rua, 23)
- h. ela disse que sim só para **me** despachar, ia toda contente de mãos dadas com o Mateus, davam beijinhos na boca e riam ‘toda hora. (Os da Minha Rua, 28)
- i. Mas também, ela escusava de te ligar pra **te** contar isso tudo. (Os da Minha Rua, 39)
- j. E me pediu para **lhe** entregar, filho. (A Última Ouvinte,)
- k. Ó pai do Velho, tem uma coisa para **te** falar. (A Última Ouvinte, 30)

Ênclise

94. a. ...a t-shirt estava tão molhada que voltei lá fora para deixá-la já pendurada na corda, parei um pouco a deixar a chuva cair sobre a cabeça (*Os da Minha Rua*,132)
- b. — Nato — disse tão baixo que o marido teve de limpar as lágrimas para escutá-la (*Os Transparentes*,180)
- c. para depois, aos poucos, trazê-lo a um ritmo mais calmo, em choro surdo (*Os Transparentes*,374)

Preposição em

Próclise

95. a. Seja o que Deus quiser, dizia eu, mas não me conformava, pois as minas de prata teimavam em se esconder na sua magnitude... (*A Sul. O Sombreiro*, 64)
- b. Sua Majestade quer impedir-nos de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em lhes pôr luz nas cabeças duras. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
- c. De qual quer forma, o volume dela e o manifesto sofrimento em se mexer podia servir de desculpa para evitar grandes marchas no imediato. (*A Sul. O Sombreiro*, 319)
- d. Tanta era a dificuldade em se adaptar à vida longe do mar. (*A Última Ouvinte*,67)

Não há ocorrência de ênclise com a preposição *em*.

➤ Preposição sem

Próclise

96. a. Posso ir convosco, sem vos causar transtorno algum? (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
- b. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem me ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou *me* dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América... (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
- c. Saiu da taberna sem se despedir. (*A Sul. O Sombreiro*, 155)
- d. sem me ralhar por eu estar a molhar a cozinha, sem me falar da asma e dos brônquios, sem quase olhar para mim, (*Os da Minha Rua*,137)
- e. e Nelucha, sem se denunciar,já havia acedido antes mesmo da derradeira dica (*Os Transparentes*, 47)
- f. fixou o homem no rosto, sem lhe mirar as mãos, que Odonato abriu como se de uma confissão corporal se tratasse, (*Os Transparentes*,246)
- g. Árbitro era o tempo, aquele que a tudo assiste sem se envolver emocionalmente, por isso o mais equilibrado dos juízes. (*A Última Ouvinte*,56)
- h. A planta, sem lhe dizer há quanto tempo não era irrigada, só mostrou que tem sobrevivido no meio de outras plásticas em vasos cheios de água. (*A Última Ouvinte*,25)

Não há ocorrência de ênclise com a preposição *sem*.

➤ Orações Infinitivas simples subordinadas a *haver que*, *ter que*

Estas orações selecionadas por *haver que* e *ter que* apresentam variação entre colocação proclítica e colocação enclítica dos pronomes átonos no PE, o mesmo que acontece nas orações infinitivas introduzidas pelas preposições *de* (por exemplo, com *haver de*, *ter de*), *para*, *por*, *em*, etc. No nosso *corpus* encontramos apenas ocorrências com a construção *ter que* + *cl+inf*. e a preferência dos autores é a colocação proclítica. Apenas um caso apresenta ênclise. Essa ocorrência, que se apresenta em (112), pertence a Patissa, que mais uma vez se mostra mais próximo da norma do PE do que os outros autores. Não observamos qualquer exemplo de construção *haver que* + *Cl+inf*.

Próclise

97. a. Tenho só que falar antes com Ebo-Kalunda, **me** mostrar importante para ele, um conselheiro sabedor dos brancos. (*A Sul. O Sombreiro*, 288)
b. — eu também tenho que **me** ausentar; (*Os Transparentes*, 110)
c. — então que vocês têm que **se** preparar— sorriu David (*Os Transparentes*, 127)
d. Ciente tropeçou em si mesmo, teve que **se** agarrar ao corrimão, faltavam-lhe as forças (*Os Transparentes*, 174)

Ênclise

98. Tinha que encontrá-la a todo custo, sem levantar suspeitas. (*A Última Ouvinte*, 20)

➤ Orações infinitivas simples introduzidas por palavras *Qu-*

As orações infinitivas introduzidas por palavras *qu-* (*que*, *quem*, *onde*, *quanto*, *como*, *quanto*, *porque*) apresentam no PE variação entre ênclise e próclise. Mas o nosso *corpus* mostra que para o PA, neste contexto, a próclise é categórica, ocorrendo em 100% das atestações.

99. a. Conhecia bem a clareira e o melhor sítio onde **se** posicionar, um tronco caído que marcava o fim da floresta, ele mesmo tinha abatido essa árvore grande para servir de apoio ao tiro certo. (*A Sul. O Sombreiro*, 91)
b. Os chapéus iam e vinham, rodando de mão para mão, exceto André Velho que não sabia como **se** postar, até por fim se perfilar rigidamente, como lhe convinha perante o governador. (*A Sul. O Sombreiro*, 111)

4.4.2. Próclise com *próprio*

Antes de fecharmos esta subsecção, é importante fazer uma alusão, mesmo de forma breve, à ocorrência da palavra *próprio* em posição pré-verbal. Existem ocorrências com próclise e ênclise no PE (Martins 2013: 2274). Mas no PA, de acordo com os dados do *corpus* estudado, ocorre sempre a próclise, o que os exemplos seguintes ilustram.

100. a. Ele próprio *se* gaba de ter alcançado metade das senhoras casadas de Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 122)
- b. Pouco depois da conversa com o cunhado, a própria mulher *se* apresentava na cadeia contando ter sido visitada pelo corregedor Bartolomeu Rodrigues Lucas, nomeado pelo rei para conhecer as culpas e devassas tiradas em Angola pelo bacharel Manuel Nogueira, o qual *se* encontrava em maus lençóis pelas suas intrigas, palavras do próprio corregedor. (*A Sul. O Sombreiro*, 163)

Em suma, os contextos que no PE permitem variação entre próclise e ênclise apresentam no PA ou generalização da próclise ou próclise preferencial.

4.5. Próclise ao Particípio Passado no PB e no PA; impossibilidade de cliticização no PE

Para o PE, nas estruturas em que ocorrem os tempos verbais compostos com o particípio passado, o hospedeiro do clítico é sempre o verbo (auxiliar) no domínio finito e nunca o particípio passado (Martins, 2016: 2293). Ou seja, nestas estruturas a subida do clítico é obrigatória, o contrário do que nós observamos em (101). No PA, tal como no PB, o clítico pode manter-se proclítico ao particípio passado, sem subir. Entra na linha do que Gerards (2018) chamou de proclíticos não subidos.

101. a. A minha mãe tinha *me* obrigado a tomar banho, cortar as unhas e esfregar bem os pés mas ela era muito simpática, (*Os da Minha Rua*, 28)
- b. Por alguma razão o meu pai ainda não tinha *me* chamado para eu vir provar. (*Os da Minha Rua*, 42)
- c. Nesse ano, não sei porquê, ninguém tinha mostrado vontade de apitar, e a avó Catarina tinha *me* dado o apito. (*Os da Minha Rua*, 57)
- d. — a Madalena não gostava daquele apelido forçado que o meu primo Nitó tinha *lhe* aplicado (*Os da Minha Rua*, 74)
- e. fecha o jornal que já tou arrependido de ter *te* mostrado essa merda (*Os Transparentes*, 212)

Importar referir que nos exemplos (101b) e (101d) existe um proclisador no domínio finito; portanto, se o clítico tivesse subido, estaria proclítico ao verbo finito em ambas as frases. São, pois, exemplos claros da cliticização, em próclise, ao particípio passado, que aparece assim como um novo contexto de expansão da próclise no PA (limitado no *corpus* às duas obras de um mesmo autor, Ondjaki).

4.6. Subida / Não Subida do Clítico (+SC/-SC)

Depois desta exposição exaustiva de todos os contextos em que o PA apresenta a demarcação do PE, pareceu-nos importante fazer um estudo do fenómeno da subida/não subida do clítico que, de alguma maneira, justifica algumas das ocorrências nos complexos verbais em que o clítico se manteve proclítico no domínio inferior, quer seja com o infinitivo, gerúndio ou particípio passado.

O fenómeno conhecido no mundo da linguística como *Clitic Climbing* (CC), isto é, Subida de Clítico (SC) consiste na selecção de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal. Nesta subsecção, classificam-se os dados relacionados às ocorrências de *Subida do Clítico* (+SC) e *não subida* (- SC). Sobre esse ponto, Barbosa, Pilar e Martins (2017:09) apresentam alguns “grupos verbais” que, segundo as autoras, permitem a subida do clítico, nomeadamente³⁸:

- a. Verbos modais (*poder, dever, ter de, ter que*)
- b. Verbos de Movimento (*ir, vir, etc*)
- c. Verbos aspectuais (*estar a, começar a, etc.*)
- d. Verbos volitivos (*querer*) e implicativos (*tentar, conseguir, etc*).

³⁸ Minha tradução do original:

“a. Modal verbs (*poder, dever, ter de, ter que*)

b. Motion verbs (*ir, vir, etc*)

c. Aspectual verbs (*estar a, começar a, etc.*)

d. Volitional (*querer*) and implicative verbs (*tentar, conseguir, etc*)”

As autoras mostram também que, embora o PE admita quer a subida quer a não subida do clítico com o infinitivo, no PE falado a subida do clítico é a opção claramente favorecida (70% a 85% de ocorrências nos diferentes grupos de sociolinguísticos inquiridos em Braga e em Lisboa). Esta realidade é, contudo, distinta da do PE escrito, onde geralmente prevalece a não subida, tida por opção normativa (Martins 2016). Por outro lado, com o gerúndio e o particípio passado, a subida do clítico é obrigatória no PE padrão (Martins 2013). Vejamos agora os dados do nosso *corpus*.

		<i>Os da minha rua</i>	<i>Os transparentes</i>	<i>A última ouvinte</i>	<i>A Sul. O Sombreiro</i>	Total
SC+	Infinitivo	15	33	18	72	138
	Gerúndio	0	3	0	7	10
	Particípio	3	28	1	50	82
	Total	18	64	19	129	230
SC-	Infinitivo	27	102	13	136	278
	Gerúndio	0	0	0	0	0
	Particípio	4	1	0	0	5
	Total	31	103	13	136	283

Tabela 4.23: Ilustração síntese de +SC/-SC.

Os dados mostram claramente a não preferência da subida de clítico com o infinitivo 278/416 equivalente a 66,82%, contra 33,17% de casos de subida. Isto pode ser indicativo de que o PA esteja a perder a subida de clítico. Juntando este facto a algo mais específico que são as ocorrências de -SC com o particípio passado, os dados sugerem possível mudança no mesmo sentido que o PB, que deixou de permitir a subida do clítico (cf. Cyrino 2010). Não quer isto dizer que a origem da variação em curso no PA se deva encontrar no PB, mas antes, talvez, na realidade do contacto com as línguas Bantu, que também estiveram presentes na definição do PB (cf. Avelar e Galves 2014; Santos 2018).

De seguida comentaremos separadamente os dados de subida/não subida do clítico em estruturas de infinitivo, gerúndio e particípio passado.

4.6.1. Subida/não subida do clítico com o infinitivo

O objectivo desta secção é mostrar como, em certas estruturas que incluem uma oração infinitiva, um pronome clítico, complemento do verbo infinitivo, pode cliticizar fora do domínio do verbo de que é argumento.

Infinitivo	<i>A Sul. O Sombreiro</i>		<i>Os da Minha Rua</i>		<i>Os Transparentes</i>		<i>A Última Ouvinte</i>	
+SC	72	35%	15	36%	33	24%	18	58%
-SC	136	65%	27	64%	102	76%	13	42%

Tabela 4.24: Subida/Não Subida com o infinitivo

O quadro revela que existem, sem dúvidas, casos de -SC do clítico a prevalecerem sobre +SC, com excepção de Patissa a contrabalançar, neste processo da despreferência de subida de clítico. Também neste aspecto Patissa parece ser mais conservador se admitirmos que a direcção de mudança do PA é no sentido da progressiva perda da subida do clítico.

Apresentam-se de seguida exemplos de subida e de não subida do clítico, nas construções infinitivas que permitem as duas opções (cf. Gonçalves 1999; Gonçalves, Carrilho e Pereira 2016). Nos casos de não subida, o PA exhibe facilmente próclise ao infinitivo nos contextos em que tal colocação é impossível no PE (cf.4.3.3 acima).

➤ Subida do Clítico (+SC)

102. a. O problema **se começou a** pôr em relação à família. (*A Sul. O Sombreiro*, 195)
- b. Se morresse de repente, Carlos Rocha não **se ia** admirar. (*A Sul. O Sombreiro*, 147)
- c. E deixa disso, ninguém **te vai** reconhecer lá, eras muito miúdo em Luanda e ninguém reparava num rapaz escravo, para eles somos todos iguais. (*A Sul. O Sombreiro*, 295)
- d. — Mas ela **foi-se** deitar porque tava muito incomodada. (*Os da Minha Rua*, 37)
- e. — **vão-me** desculpar, mas mesmo assim tão demasiados patos ainda, vamos fazer assim... (*Os Transparentes*, 317)
- f. alguém da televisão do Huambo **lhe viera** prevenir, assim, (*Os Transparentes*, 348)
- g. Eu tinha que jantar cedo, pois os meus pais **vinham-me** buscar depois. (*Os da Minha Rua*, 92)
- h. Devagar abriu-se e **voltou-se a** fechar sem dar tempo ao espanto, o espelho foi sendo pousado em câmara lenta com espanto e leve medo (*Os Transparentes*, 149)
- i. Os jagas, se foram atrás deles, acabaram por lhes perder o rasto a sul e nunca pensariam que eles afinal **se tinham voltado a** aproximar do Kikombo. (*A Sul. O Sombreiro*, 350)
- j. Comeu bem quando chegou, bebeu bem, todos **lhe estão a** tratar bem. (*A Sul. O Sombreiro*, 253)
- k. o tio Victor também, depois rebentámos numa salva de palmas que até a minha mãe veio ver o que **se estava a** passar. (*Os da Minha Rua*, 63)
- l. você **está-me a** ver assim sem farda, vem com esses arranques. sabe com quem está a falar? (*Os Transparentes*, 88)
- m. — homem, não **lhe posso** ajudar (*Os Transparentes*, 213)
- n. Mas **pode-se** dizer que era uma voz grossa, muito grossa e rouca. (*Os da Minha Rua*, 85)

- o. Mas **te posso** assegurar, o meu pai mulato nunca me apresentou o seu, como se tivesse sido um daqueles pássaros que voa pelo céu e nunca voltas a ver (*A Sul. O Sombreiro*, 29)
- p. Tinha as pernas meio abertas como fazem os rapazes, sentada uma posição que a minha avó Agnette me disse que as meninas nunca **se deviam** sentar. (*Os da Minha Rua*, 86)
- q. Como não **nos queriam** deixar partir, pois os nossos mosquetes *lhes* eram de grande serventia, houve negociações. (*A Sul. O Sombreiro*, 47)
- r. — a velha pôs as duas mãos sobre o peito, como fazia desde menina, quando **se queria** acalmar (*Os Transparentes*, 34)
- s. Nem mesmo receber prendas como um bolo de anos que **lhe quisemos** só oferecer. (*Os da Minha Rua*, 32)
- t. foram abordados por inúmeros jovens que **lhes tentavam** vender gasosas, água, cartões telefónicos, telemóveis roubados, ou um produto mais especial (*Os Transparentes*, 289)
- u. Mais calmo por saber que Custódio Antunes não **me ia tentar** levar toda a soldadesca, fiz as contas. (*A Sul. O Sombreiro*, 78)
- v. depois já dentro do edifício, ali onde não **se conseguia** entender bem se era ainda rés do chão ou se já era um entre-andar antes do afamado primeiro andar com as misteriosas águas, até que por deliberação coletiva dos residentes, em assunto mesmo de reunião condómina, *lhe* foi atribuído o muito abandonado terceiro andar, (*Os Transparentes*, 257)
- w. enquanto o padre ia rezando, eu divertia-me com a situação do guarda e **fiz-lho** perceber pois o fitei de maneira alongada. (*A Sul. O Sombreiro*, 142)
- x. Este arcebispo, raivoso por ter sido preterido nos favores de D. Beatriz de Viseu pelo seu rival Cerveira, talvez por este *lhe* dar música como fazia em Luanda, **mandou-o** prender de imediato. (*A Sul. O Sombreiro*, 212)

➤ Não Subida do Clítico (-SC)

103. a. por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e **começou a** bater-lhe, para ver se o Jerónimo confessava. (*A Sul. O Sombreiro*, 69)
- b. Um dia o tio Chico misturou vinho e whisky e depois mandou parar o carro que o filho dele ia a conduzir, **começou a me** abraçar e a falar à toa. (*Os da Minha Rua*, 18)
 - c. e ia ao médico das vistas, quem sabe mesmo **iam lhe** dar uns óculos novos e aqueles óculos amarelos e feios iam sobrar para as outras quatro irmãs. (*Os da Minha Rua*, 104)
 - d. Fiquei todo satisfeito porque pensei que ela não **fosse me** queixar. (*Os da Minha Rua*, 42)
 - e. — Ndalú, **vinha te** perguntar uma coisa. (*Os da Minha Rua*, 14)
 - f. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham **vindo lhe** incomodar. (*Os da Minha Rua*, 36)
 - g. esta aproximação **veio a** revelar-se benéfica para ambos, pois por várias vezes se complementaram ao longo das respetivas carreiras: (*Os Transparentes*, 168)

- h. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, **voltou a** sentar-se rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem lhe entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41)
- i. — maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar **anda a me** acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, me dão porrada. gamo, num consigo despachar o material, ara chiça, omé! (*Os Transparentes*, 55)
- j. ...que até hoje **ando a lhe** procurar... (*Os Transparentes*, 198)
- k. então a cidade de Luanda é isso, que uma pessoa assim **anda a se** desenrascar na venda das conchas, a atacar as madamas que têm mais dinheiro (*Os Transparentes*, 199)
- l. fui fechar a porta da casa de banho e da despensa, a bomba de água disparou e assustei-me, o vento **estava a pôr-me** nervoso, olhei a mangueira com mangas verdes (*Os da Minha Rua*, 132)
- m. hoje mesmo vi este cinema com a distribuição das cadeiras e **estou a lhe** gostar muito... até porque... (*Os Transparentes*, 197)
- n. — aquilo que eu **estava a lhe** falar, camarada, depende do resto da conversa, (*Os Transparentes*, 243)
- o. puxou pela memória, **podia** tratar-se perfeitamente do velho Cardoso, (*Os Transparentes*, 93)
- p. — **Posso te** perguntar uma coisa? (*Os da Minha Rua*, 16)
- q. — **podem** só **me** devolver a chave do cadeado? (*Os Transparentes*, 340)
- r. Agora já ninguém me perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se **podiam ir lhe** visitar um dia destes. (*Os da Minha Rua*, 63)
- s. — então como **devo te** nominar? (*Os Transparentes*, 114)
- t. era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e **querem lhe** matar a qualquer momento. (*Os da Minha Rua*, 129)
- u. — Hoje num **queres me** convidar pra almoçar na tua casa? (*Os da Minha Rua*, 14)
- v. Esses só **queriam se** perder nos matos. (*A Sul. O Sombreiro*, 31)
- w. Por acaso a camarada professora de português era bem porreira e nunca **chegámos a lhe** alcunhar. (*Os da Minha Rua*, 126)
- x. então menti que o meu pai estava maldispuesto e eu não tinha **conseguido lhe** acordar. (*Os da Minha Rua*, 37)
- y. O Bruno olhou com cara feia, mas **conseguiu** controlar-se, não riu nem estigou. (*Os da Minha Rua*, 122)
- z. sentia dentro de si uma sólida saudade das cores, **sabia** imaginá-las, a quentura de um amarelo avermelhado (*Os Transparentes*, 62)
- aa. — você **sabe me** dizer se ele está bem? não está a precisar de medicamentos (*Os Transparentes*, 250)
- bb. — **deixa te** explicar, paizinho, porque é num beco. (*Os Transparentes*, 245)
- cc. o miúdo estava fraco, era evidente, e **havia que** subi-lo o mais rapidamente possível (*Os Transparentes*, 96)

Nos complexos verbais com o gerúndio, os dados revelam a subida incondicional do clítico para o verbo superior. Neste aspecto, portanto, de acordo com os dados do nosso

corpus, o PA comporta-se como o PE, que também tem subida obrigatória com o gerúndio, e diferentemente do PB, cuja colocação típica é proclítica ao gerúndio. Tendo em conta que no *corpus* se atesta a próclise ao particípio passado, sem subida do clítico, poderia parecer surpreendente a inexistência de ocorrências similares com o gerúndio. Mas isso é provavelmente o efeito do baixíssimo número de ocorrências de complexos verbais com gerúndio no *corpus*. Em Ondjaki, o autor em cujas obras se atesta a próclise ao particípio passado, há apenas três ocorrências do gerúndio no contexto relevante.

±CC Gerúndio	A Sul. O Sombreiro		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A Última Ouvinte	
+SC	7	100%	0	0%	3	100%	0	0%
-SC	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%

Tabela 4.25: Subida/não subida, com o verbo no gerúndio

Seguem-se as dez ocorrências de subida do clítico com o gerúndio registadas no *corpus*.

104. a. no que um entendia de abrimento de portas, o outro conhecia de estratégia financeira, e se um **se** foi instalando nos meandros da política nacional, o outro foi-**se** tornando exímio entendedor dos domínios económicos da nação (*Os Transparentes*, 168)
- b. o homem fechou os olhos e deixou-se perder no ritmo enérgico das suecas, as velas foram-**se** apagando, as ceras deixaram o seu cheiro no interior da igreja misturado aos suores e odores do sexo (*Os Transparentes*, 403)
105. a. Crescera solta, pois as plantas **se** iam reproduzindo, com flores brancas e amarelas. (*A Sul. O Sombreiro*, 58)
- b. Assim **se** iam espalhando pelo sul do Kwanza como se tinham antes espalhado pelo norte, desde as terras de Kassanje até ao mar. (*A Sul. O Sombreiro*, 181)
- c. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco lhe interessavam, e lhe trazer quantidade de homens de armas e mantimentos, para refazer o que **se** ia esgotando por morte ou consumo em Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 223)
- d. É conhecida a imagem: a pessoa ainda não acabou de falar e já está desesperadamente a puxar as palavras que **lhe** vão saindo da boca como um regato de uma fonte. (*A Sul. O Sombreiro*, 72)
- e. Já ouvia vozes gritadas em português quando **se** foi aproximando da caverna, os ramos atrás a apagar as suas próprias pegadas e colocados em seguida na entrada. (*A Sul. O Sombreiro*, 328)
- f. Entretanto **se** foram descobrindo as ramificações da rebelião e eram numerosas. (*A Sul. O Sombreiro*, 235)
- g. **Se** foram arrastando, levantando pó com os pés. (*A Sul. O Sombreiro*, 61)

4.6.3. Subida/não subida do clítico com o particípio passado

No PE, nas estruturas de tempos verbais compostos com particípio passado, o hospedeiro do clítico é sempre o verbo auxiliar finito e nunca o particípio passado. Mas no PA, encontramos cinco ocorrências de clitização ao particípio passado, o que se torna uma marca diferenciadora do PA relativamente ao PE (mas não ao PB). Apesar de se registar a possibilidade de o clítico se manter no domínio não finito com o particípio passado (sempre em próclise), a percentagem desta variante no *corpus* é baixa, 5,7%, aparecendo a subida do clítico como a opção preferencial. Além disso, as atestações de próclise ao particípio passado encontram-se limitadas às obras de Ondjaki. A percentagem de 57,1% em *Os da Minha Rua*, em contraste com *Os Transparentes* (3,4%) dever-se-á ao pequeno número de ocorrências.

±CC Gerúndio	A Sul. O Sombreiro		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A Última Ouvinte	
+SC	50	100%	3	42,9%	28	96,6%	1	94,3%
-SC	0	0%	4	57,1%	1	3,4%	0	5,7%

Tabela 4.26: Subida/não subida, com o verbo no particípio passado

➤ Subida do Clítico (+SC)

106. a. Pode tê-lo matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
- b. O grupo do irmão, assim ele chamava ao anterior chefe, tinha-os capturado perto do Kwanza por andarem a fazer alguns reconhecimentos. (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
- c. O Vasconcelos tinha-o mandado sentar no cadeirão à frente da sua mesa, porque julgava que ele ainda mal se aguentava nas pernas. (*A Sul. O Sombreiro*, 284)
- d. .. Podia ter-me nomeado ca pelão do barco, até tinha autoridade, para isso era vigário em Benguela. (*A Sul. O Sombreiro*, 300)
- e. não me obrigava a pentear o cabelo e tinha-se esquecido das orelhas. (*Os da Minha Rua*, 28)
- f. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só *por* ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo lhe incomodar. (*Os da Minha Rua*, 36)
- g. O barbeiro já lhe tinha explicado, era questão de tempo. (*A Sul. O Sombreiro*, 16)
- h. Se alegrou quando lhe foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
- i. Eu seria um dos alvos principais, mas já me tinham conhecido. (*A Sul. O Sombreiro*, 291)
- j. Obrigada pelo que soubeste ser para mim, mas não lamento não te ter conhecido antes. (*A Última Ouvinte*, 25)
- k. Se tinha metido na cova momentos antes, ao avistar a aldeia com nome de cidade e de reino, temendo ser notado. (*A Sul. O Sombreiro*, 349)

- l. kissama **se** tinha tornado muito famoso por ter vencido um enorme exército vosso, sete anos antes. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
- m. Mulende não tinha essa noção do tempo, o dono **lhe** tinha dito, estamos há dois anos aqui, como andarão as coisas por Luanda? (*A Sul. O Sombreiro*, 90)
- n. De repente, **lhe** tinha dado uma saudade. (*A Sul. O Sombreiro*, 97)

➤ Não Subida do Clítico (-SC)

107. a. A minha mãe tinha **me** obrigado a tomar banho, cortar as unhas e esfregar bem os pés mas ela era muito simpática, (*Os da Minha Rua*, 28)
- b. Por alguma razão o meu pai ainda não tinha **me** chamado para eu vir provar. (*Os da Minha Rua*, 42)
- c. Nesse ano, não sei porquê, ninguém tinha mostrado vontade de apitar, e a avó Catarina tinha **me** dado o apito. (*Os da Minha Rua*, 57)
- d. — a Madalena não gostava daquele apelido forçado que o meu primo Nitó tinha **lhe** aplicado (*Os da Minha Rua*, 74) fecha o jornal que já [es]tou arrependido de ter **te** mostrado essa merda (*Os Transparentes*, 212)

4.7. Conclusão

Ao longo deste capítulo mostrámos que, de acordo com os dados do *corpus* literário estudado, o PA apresenta contextos sintácticos de próclise estável a par de contextos sintácticos de variação entre ênclise e próclise. Os contextos em que a próclise é geral são os mesmos em que a próclise é a regra no PE contemporâneo e que, historicamente, foram sempre contextos de estabilidade da próclise, no português e nas restantes línguas românicas (Martins 1994, 2016). Alguma ênclise quantitativamente residual que ocorre nestes contextos não separa o PA do PE, onde também se atestam marginalmente ocorrências de ênclise (nem separa o PA do PB escrito que, como se sabe, é bastante distinto do PB falado). Os contextos de variação entre ênclise e próclise no PA são aqueles que no PE padrão contemporâneo têm a ênclise como regra (ou admitem a variação próclise/ênclise, no caso das infinitivas preposicionadas). Estes contextos sintácticos de ênclise estável no PE contemporâneo foram, no entanto, historicamente, contextos de variação entre ênclise e próclise, com a generalização e estabilização da ênclise a ocorrer progressivamente só a partir do século XVII (Martins 1994). No PB escrito, por oposição ao PB falado, são também contextos de variação.

Numa perspectiva de mudança linguística, se admitirmos que o PA está a desenvolver-se a partir do PE tal como o conhecemos hoje (e não de um seu estágio diacronicamente

mais recuado), podemos dizer que, de acordo com os dados do *corpus*, há uma mudança no sentido da expansão da próclise para os contextos sintáticos que no PE são enclíticos (ou admitem a variação ênclise/próclise). Olhando para os dados globalmente, poderemos também dizer que essa expansão parece estar mais avançada nuns contextos do que noutros, ou seja, alguns contextos mostram-se mais permeáveis à mudança, enquanto outros se mostram mais resistentes. Numa escala de maior para menor permeabilidade à expansão da próclise, os dados totais colocam à cabeça as orações infinitivas preposicionadas (mesmo juntando *a* às restantes preposições), seguem-se as infinitivas não introduzidas por preposição, as frases finitas não V1 e as frases finitas V1. O gerúndio alinha normalmente com as frases finitas e o particípio passado é o contexto mais resistente à próclise. Mas sendo um domínio em que a cliticização é impossível no PE, a próclise ao particípio passado é também uma marca muito clara da mudança no PA.

Escala de expansão da próclise no PA:

Infinitivas com preposição > Infinitivas sem preposição > Finitas não V1 > Finitas V1/Gerúndio > Particípio Passado

A mudança observada no PA parece estar a distanciá-lo do padrão de colocação dos pronomes clíticos do PE e a aproximá-lo do padrão do PB, mas mostrando-se, por agora, distinto de ambos os padrões de colocação.

O *corpus* revela também variação entre os diferentes autores. Patissa é o que se afasta em menor grau do PE padrão e Pepetela o que mais se afasta, em termos percentuais globais. No entanto, curiosamente, Pepetela distingue-se tanto de Ondjaki como de Patissa por ser o único que tem menos próclise nas infinitivas não preposicionadas do que nas frases finitas. As diferenças entre os três autores poderão estar relacionadas com os seus diferentes perfis sociolinguísticos. Patissa (Monte Belo, Benguela, 1978) é um falante nativo do Umbundu que tem o português como L2. Pepetela e Ondjaki têm ambos o português como L1. Mas Pepetela nasceu na Angola colonial (Benguela, 1941), filho de pais portugueses, enquanto Ondjaki nasceu na capital do Estado Angolano dois anos depois da independência (Luanda, 1977). A L1 de Pepetela é o PE, embora a comparação entre *Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro* pareça indicar que domina duas distintas variedades do português; a L1 de Ondjaki, 36 anos mais novo, é presumivelmente o PA, em particular o PA de Luanda, das gerações pós-coloniais.

V CAPÍTULO

5.1. Uma breve comparação entre a escrita literária e a escrita jornalística

Neste breve capítulo pretendemos fazer um estudo comparativo entre os dados da escrita literária, que acabámos de apresentar no capítulo precedente, com os dados recolhidos do *Jornal de Angola* e do jornal *O País*. O nosso argumento encaminha-se no sentido de que os dados da escrita jornalística assemelham-se mais ao PE do que ao PA representado quer no corpus da escrita literária por nós constituído quer no corpus de dados colhidos nos perfis dos internautas da rede social Facebook realizado por Gerards (2016), ou ainda nos estudos precedentes sobre a colocação de pronomes clíticos no Português Angolano, sobretudo aquele de Soma Adriano (2015). Mas antes de entrar no âmago da questão, queria apresentar um pouco de história do Jornalismo em Angola para compreender a razão deste conservadorismo linguístico.

5.1. Resenha Histórica do Jornalismo Angolano

O jornalismo angolano, tem, com certeza, um percurso histórico que lhe é característico. O seu perfil actual é, sem dúvida, o resultado de uma longa e difícil caminhada cheia de peripécias e vicissitudes, próprias de cada época e contexto.

A sua história tem sido dividida em três épocas distintas:

1. A primeira é a época colonial, que principiou oficialmente a 13 de Setembro de 1845, com o lançamento do primeiro órgão de Imprensa, o *Boletim Oficial de Angola*, e se prolongou até 25 de Abril de 1974.

Esta época subdivide-se em três etapas:

- a. Surgimento do *Boletim Oficial de Angola*, já referenciado acima.
- b. Aparecimento, em Luanda, do Semanário *A Civilização da África Portuguesa*, a 6 de Dezembro de 1866, tendo Agostinho Urbano Monteiro de Castro e Alfredo Júlio Mântua como mentores principias do projecto.
- c. Criação, a 16 de Agosto de 1923, também em do jornal *A Província de Angola*, fundado por Adolfo de Pina (cf.: Castro Lopo, 1952:11).



Estas três etapas dentro da época colonial são caracterizadas por um jornalismo de imprensa livre, industrial e profissional, porque nesta altura a ideia fundamental era transmitir a língua e a cultura portuguesa da melhor forma possível e banir tudo o que era língua autóctone, o português era considerado a língua da ‘cultura e da civilização’³⁹. O jornalista de Luanda pertencia, tipicamente, a uma família de intelectuais, com estatuto social elevado. É este jornalismo culto e erudito que vai influenciar as gerações subsequentes, que continuarão a cultivar ‘a arte do bem falar e escrever’.

2. A segunda época é a de transição, que teve início a 25 de Abril de 1974 e terminou a 10 de Dezembro de 1975. É marcada maioritariamente por mensagens de reivindicação da Independência, a partir do Congo Kinshasa e também da Bélgica e Suíça, assim como, timidamente, da Casa dos Estudantes do Império, em Portugal.
3. O terceiro é o período Pós-independência: principiou a 11 de Novembro de 1975 e continua até aos nossos dias (cf.: Coelho, *Informação de Angola*: 1977:71).

Todavia, da nossa parte, esta divisão poderia obedecer a outros critérios. Propomos os seguintes períodos: o primeiro é indubitavelmente antes da independência; após a independência segue-se um período marcado pelo monopartidarismo do MPLA-Partido do trabalho; o terceiro período teve início com os Acordos de Bicesse (1991), que assinaram a passagem do monopartidarismo para o pluripartidarismo, o que permitiu o acto eleitoral de 1992, seguido depois pelo recomeço da guerra entre o MPLA e a UNITA (Pezarat Correia, 1996:63). Esta última etapa, muito diferente das outras, surge como uma

³⁹ Estes são dados recolhidos e apresentados numa conferência por Júlio de Castro Lopo, *Para a História do Jornalismo de Angola*, Museu de Angola, Luanda, 1952.

referência que aponta para uma nova história de Angola, mesmo que exija ainda uma etapa especial com início a 4 de Abril de 2002⁴⁰, altura em que o discurso jornalístico passa de propaganda partidária e militante para informação credível.

Após a independência, as actividades jornalísticas desenvolveram-se mais a nível da capital, onde passaram a ser publicados os cinco títulos: *Jornal de Angola*, *Diário de Luanda*, *Angolense*, *Vitória é Certa*, nos mesmos locais em que se publicavam os oficiais do Governo Português, e passaram a publicar-se também, desde 11 de Novembro de 1975, o *Diário da República-Boletim Oficial de Angola*, e a partir de 1976 a revista *Novembro*.

Em maio de 1977, todos os órgãos de informação foram nacionalizados, depois que o MPLA afirmou a sua autoridade e a sua ditadura. Mais tarde ficou apenas como único diário o *Jornal de Angola*. Nesta época deixou de haver censura. Os jornalistas passaram a ser controlados pelo DIP e pela «polícia política» (Matumona, 2002). O *Jornal de Angola* abria assim um novo capítulo na história da imprensa escrita angolana. Com ele, passou a existir monopólio estatal, em todos os sentidos. Neste contexto, até as tipografias existentes foram confiscadas.

Só com a publicação da *Nova Lei de Imprensa*, publicada a 15 de julho 1991, se começou a falar do pluralismo de expressão como consequência do respeito pelas liberdades democráticas e da pessoa humana, mesmo que o *Jornal de Angola* ainda continue com o Estado como seu acionista principal. É neste contexto de pluralismo e liberdade de expressão e de opinião que em 2008 surge o jornal *O País*, um jornal periódico diário que é propriedade do *Grupo Medianova*, constituído por um conjunto de empresários, maioritariamente ligados ao Governo.

O pequeno corpus de escrita jornalística que criámos para obter dados comparáveis com os do corpus de escrita literária inclui amostras dos diários *Jornal de Angola* e *O País*.

Para o nosso trabalho usámos as edições *online* do dia 25 de Março de 2018, com matérias diversas a tratarem de questões políticas, económicas e desportivas, com as autarquias de 2020⁴¹ a machete.

⁴⁰ Data da assinatura do Acordo do Lwena ente o MPLA e a UNITA, que marca o fim da guerra civil em Angola.

⁴¹ Apesar das autarquias estarem consagradas na Constituição de 2010, Angola nunca as realizou. O poder local tem sido exercido pelos governadores, nomeados pelo Presidente da República, que é, ao mesmo tempo chefe do governo. A notícia foi manchete porque foi neste momento que o Presidente tinha anunciado a realização das primeiras eleições autárquicas em Angola para 2020.

5.2. Análise dos dados de Textos Jornalísticos

Tal como nos capítulos anteriores, depois desta contextualização, passamos agora para a análise dos dados dos textos jornalísticos. Trataremos dos 163 casos relevantes encontrados, sendo 119 do *Jornal de Angola* (doravante JA) e 44 do jornal *O País*. Os critérios para determinar a divergência/convergência relativamente ao PE e ao PB são os mesmos apresentados em 3.1., agora usados com o objectivo de captar a direcção de cliticização, nos contextos relevantes, nos textos jornalísticos.

Direcção de Cliticização	✓PE / *PB	*PE/✓PB	✓PE+✓PB	*PE + *PB	Total
<i>Jornal de Angola</i>	66	2	51	1	120
<i>O País</i>	32	2	7	3	44
Total	98	4	58	4	164

Tabela 5.1: Direcção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem

Um primeiro olhar revela que o texto jornalístico tem muita semelhança com a obra *Mayombe*, pela grande proximidade com o PE, o que não é de estranhar pelos motivos acima expostos, no que diz respeito à história da imprensa em Angola e à sua tradição linguisticamente purista. Ainda que apareçam alguns casos que revelam a influência do meio em que o jornalista se encontra inserido, a conformidade com o PE prevalece claramente. Por isso, é sempre mais difícil avaliar o PA partindo dos jornais, pela sua trajetória purista. Os seguintes casos são aqueles que não seguem o padrão europeu, dividindo-se entre quatro ocorrências de ênclise em orações subordinadas (três subordinadas finitas, exemplos (108a-c); uma subordinada de infinitivo flexionado, exemplo (108d)) e quatro ocorrências de próclise em contextos em que não há um desencadeador da próclise (uma com infinitivo introduzido pela preposição *a*, exemplo (109a); três em frases finitas, exemplos (109a-d)).

108. a. A diplomata informou que, com isso, pretende-se ajudar os pais a pensar com antecedência e a conhecer as oportunidades de intercâmbio educacional (*Jornal de Angola*, 32)
- b. De acordo ainda com Rogério Cunha, a falta de apoio às iniciativas locais tem vindo a fazer com que muitos jovens desviam-se do caminho do bem para enveredarem às práticas erradas. (*O País*, 12)
- c. Em termos homólogos, apesar do aumento das vendas 3,3%, representa um incremento inferior ao registado em Dezembro de 2017, quando situou-se em 5,1%. (*O País*, 20)

- d. os dignitários do referido documento alegaram não ser por mal, apenas *para* manterem-se informados acompanhando as notícias (*O País*, 8)
109. a. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a *lhes* dizer que a decisão estava tomada e *não* se falava mais do assunto. (*O País*, 11)
- b. A pernambucana Val *se* muda para São Paulo, a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. T (*O País*, 15)
- c. A Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela *se* tornou plural e tornar-se-á isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural J (*Jornal de Angola*, 3)
- d. Viram-se e *se* abraçaram. Ali mesmo, sem mais demora, aliás, depois de Mwecenu ter tragado o pão com chouriço e bebido a cerveja *que* o amigo lhe oferecerá, começaram as perguntas.J (*Jornal de Angola*, 22)

Embora o corpus de texto jornalístico seja pequeno e, portanto, os dados dele extraídos devam ser interpretados com cautela, o que chama a atenção na comparação com a escrita literária é que não se vê na escrita jornalística a tendência de expansão da próclise que identificámos de forma clara no corpus literário. Olhando globalmente para os dados quantificados na tabela 5.1 vê-se apenas alguma instabilidade na colocação dos pronomes críticos, sem direcção definida (isto é, tanto ênclise nos contextos de próclise do PE como próclise nos contextos de ênclise) e com frequência percentualmente baixa (4/163, correspondendo a 2,5%, para cada uma das situações). Isto faz pensar que os jornais não servem para fazer um estudo seguro para caracterizar o PA em mudança (pese embora a limitação do *corpus*).

5.3. Próclise obrigatória no PE e PB

Com as tabelas a baixo pretendemos captar as ocorrências de ênclises nos contextos em que no PE e no PB a próclise é obrigatória.

<i>Jornal de Angola</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas Finitas	Outros Contextos	Total
Próclise	3	44	4	51
	100,0%	97,8%	100,0%	98,1%
Ênclise	0	1	0	0
	0,0%	2,2%	0,0%	0,0%
Total	3	45	4	52

Tabela 5.2: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) no JA

Como se pode observar, dos 51 clíticos avaliados apenas um caso (equivalente a 2% do total global), ocorre em ênclise. Trata-se de um caso de ênclise em oração subordinada finita, apresentado no exemplo (108a). Os demais casos estão de acordo com o PE contemporâneo.

<i>O País</i>	Só Negativas	Orações Subordinadas Finitas	Outros Contextos	Total
Próclise	1	6	0	7
	100,0%	75,0%	0,0%	70,0%
Ênclise	0	2	1	3
	0,0%	25,0%	100,0%	30,0%
Total	1	8	1	10

Tabela 5.3: Direcção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória (PE e PB) no jornal *O País*

No jornal *O País*, aparecem três casos de ênclise em subordinadas, perfazendo um total de 30% (3/10). Os dois primeiros casos aparecem em orações subordinadas finitas (exemplos (108b-c)), ao passo que o outro aparece no contexto de infinitivo flexionado com preposição *para* (exemplo (108d)). No PE contemporâneo o infinitivo flexionado quando é preposicionado é contexto de próclise obrigatório. À primeira vista, a percentagem de ênclise em subordinadas no jornal *O País* parece muito elevada, em termos absolutos e comparativamente quer ao *Jornal de Angola* quer ao corpus de língua literária. No entanto, o número total de contextos analisados é tão pequeno (apenas 10), que o valor percentual de 30% acaba por não ser significativo.

5.4. Ênclise obrigatória em PE (Próclise no PB)

A seguir examinamos 66 casos em que o PE diverge do PB por apresentar ênclise obrigatória, o que contrasta com a próclise generalizada do PB. A nossa atenção incidirá sobre a presença da próclise nestes contextos, mas faremos também referência á mesóclise, que se atesta no *Jornal de Angola* (de novo a lembrar o que observámos em *Mayombe*). A seguir às tabelas repetimos os exemplos apresentados em (2) acima, para os comentarmos, e adicionamos os exemplos de mesóclise.

<i>Jornal de Angola</i>	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP α		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado	TOTAL
Próclise	2	0	0+0	0	0+0	0	0	0	2
	5,0%	0,0%		0,0%		0,0%	0,0%	0,0%	3,0%
Ênclise	38	10	3+0	3	7+0	7	6	0	64
	95,0%	100,0%		100,0%		100,0%	100,0%	0,0%	97,0%
TOTAL	40	10		3		7	6	0	66

Tabela 5.4: Direcção de cliticização nos contextos de Ênclise obrigatório no PE e próclise no PB

<i>Jornal O País</i>	Verbo Fto, SP	V1 Fto, SP	Inf. CP α		Inf. SP		Gerúndio SP	Part. Passado SP	TOTAL
Próclise	1	0	0+0	0	0+1	1	0	0	2
	5,0%	0,0%		0,0%		20,0%	0,0%	0,0%	5,6%
Ênclise	19	4	3+1	4	4+0	4	3	0	34
	95,0%	100,0%		100,0%		80,0%	100,0%	0,0%	94,4%
TOTAL	20	4		4		5	3	0	36

Tabela 5.5: Direcção de cliticização nos contextos de Ênclise obrigatório no PE e próclise no PB no *Jornal O País*

110. a. Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela **se** tornou plural e tornar-se-á isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural J (*Jornal de Angola*, 3)
- b. Viram-se e **se** abraçaram. Ali mesmo, sem mais demora, aliás, depois de Mwecenu ter tragado o pão com chouriço e bebido a cerveja que o amigo lhe oferecerá, começaram as perguntas.J (*Jornal de Angola*, 22)
- c. A pernambucana Val **se** muda para São Paulo, a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. T (*O País*, 15)
- d. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a **lhes** dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*O País*, 11)
111. a. Pode haver profundidade em intenções?, interrogar-**se-ão** os mais cépticos.J (*Jornal de Angola*, 2)
- b. A Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela se tornou plural e tornar-**se-á** isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural (*Jornal de Angola*, 3)

Como se pode observar, os exemplos acima são os únicos que fazem a diferença entre o PE e o PA. Os primeiros, mostram a presença de próclise nas frases matriz afirmativas (109a-c). Dois ocorrem no *Jornal de Angola*, nas matérias dos jornalistas, ao passo que o único caso que ocorre no diário *O País* aparece no editorial do jornal (110d). Estes são os

únicos casos em que parece aflorar nos jornais a próclise como característica inovadora do PA, conforme testemunhado pelo corpus de língua literária

A presença da mesóclise (exemplos (111a-b)) é, por outro lado, um indicativo de que a imprensa angolana ainda se serve do PE erudito, mesmo num caso como o da mesóclise, que hoje, em Angola, está quase relegado apenas a grupos académicos. E, como se pode observar nas tabelas acima, o PA nos jornais está muito mais próximo do PE. Pelo que, exceptuando os casos acima referidos, o PA nos jornais é verdadeiramente um PE e os dados dão conta disto.

5.5. Subida/não subida do clítico

Aqui serão analisados 22 contextos, sendo 14/22 extraídos do *Jornal de Angola* e 8/22 do jornal *O País*.

Subida / Não subida			14
Infinitivo	S	4	40%
	NS	6	60%
Gerúndio	S	1	100%
	NS	0	0%
Part. Passado	S	3	100%
	NS	0	0%
Subtotal	S	8	57%
	NS	6	43%
Total			14

vs

Subida / Não subida			8
Infinitivo	S	4	57%
	NS	3	43%
Gerúndio	S	0	0%
	NS	0	0%
Part. Passado	S	1	100%
	NS	0	0%
Subtotal	S	5	63%
	NS	3	38%
Total			8

Tabela 5.6: Subida/não subida de clítico (*Jornal de Angola* vs *O País*)

		Jornal de Angola	Jornal O País	Total
SC+	Infinitivo	4	4	8
	Gerúndio	1	0	1
	Particípio	3	1	4
	Total	8	5	13
SC-	Infinitivo	6	3	9
	Gerúndio	0	0	0
	Particípio	0	0	0
	Total	6	3	9

Tabela 5.0.7: Tabela comparativa dos valores de +SC/-SC

Como se pode observar, contrariamente ao que acontecia com os textos literários, no corpus jornalístico a subida do clítico realiza-se sempre de forma canónica, isto é, nos moldes em que o PE a permite, opcionalmente nas estruturas de infinitivo, mas obrigatoriamente nas de gerúndio e particípio passado. Portanto não se regista próclise

ao participípio passado nem ao gerúndio nos contextos de subida do clítico. Seguem-se alguns exemplos.

112. a. É sempre trágico ver um indivíduo ou uma nação tentando erguer-se e parar uma irresistível onda. (*Jornal de Angola*, 21)
b. Alguma entidade ou algumas poucas entidades devem posicionar-se como símbolos do vosso movimento para a independência. (*Jornal de Angola*, 21)
c. As empresas interessadas em participar no concurso acima epigrafado, deverão pronunciar-se dentro de um prazo de 8 dias úteis T (*Jornal de Angola*, 34)
d. É preciso começar a levá-la a tribunal. (*O País*, 5)
e. Com a realização do concerto pretende-se resgatar a cultura angolana, nas várias dimensões em que se releva, tentando recriá-la a partir do estudo aprofundado das suas raízes. (*O País*, 15)
f. A justificativa para tal medida que se espera vir a repetir, pelo menos duas vezes ao longo de 2018, está baseada no facto do mercado de trabalho continuar a fortalecer-se, com a taxa de desemprego a atingir o mínimo dos últimos 17 anos, e a taxa de inflação rondar o target de 2%. (*O País*, 20)
113. a. Em nenhuma das cidades angolanas que eu conheço vi vez alguns transportes públicos regulares. Maximbombo, autocarro ou carreira, como se queira chamar, nada (*O País*, 5)
b. E é na esperança de que quando há vontade política se conseguem ultrapassar obstáculos até então improváveis, que reside a robustez deste período de transição, em que as eventuais desinteligências não a fragilizam. (*Jornal de Angola*, 2)
114. Só provam a maturidade política dos seus actores que, passo a passo, se vão adaptando a esses novos tempos, porventura únicos na nossa História recente. J(*Jornal de Angola*, 2)
115. a. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a lhes dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*O País*, 11)
b. Isso são evidências que os cidadãos constataam no dia-adia, em que **lhe** são pedidos mais sacrifícios em troca de uma esperança de mudança que dispensa os subsídios e as receitas importadas de outras paragens J (*Jornal de Angola*, 2)

5.6. Observações finais

Em suma, os jornais angolanos nascem num contexto do português em expansão, o que exigia um rigor linguístico padronizado na matéria a ser publicada. Se não bastasse a tradição, originada na época colonial, de a imprensa ser gerida por famílias de académicos

perpetuou-se até aos nossos dias. Isto parece determinar que a escrita jornalística se mantenha vinculada ao PE padrão, com limitado e inconsistente distanciamento, em claro contraste com a escrita literária que, em maior ou menor grau, revela traços caracterizadores do PA.

VI CAPÍTULO

6. Conclusão Geral

Depois deste longo período de estudo e análise dos dados, é imperioso, neste capítulo final, apresentarmos algumas linhas de força, à guisa de conclusões sobre a direcção de clitização dos pronomes átonos, e fazer algumas sugestões que, a nosso ver, se apresentam úteis para a compreensão da colocação dos pronomes clíticos no PA e para os futuros estudos deste tópico.

1. A nossa investigação andou à volta da direcção da clitização dos pronomes pessoais átonos, passando pelo contexto linguístico angolano, revisão da literatura precedente sobre a colocação dos pronomes clíticos no PA, análise e discussão dos dados colhidos dos textos literários e da escrita jornalística. O nosso objectivo foi verificar até que ponto a variação presente na língua falada se reflecte na língua escrita e assim contribuir, dentro de uma dissertação de mestrado, mas com foco bem definido e um corpus relevante, para uma melhor compreensão da colocação dos pronomes clíticos em Angola, que parece distanciar-se da norma padrão do PE. O estudo sistemático da colocação dos pronomes clíticos no PA, considerando os diferentes contextos sintácticos relevantes, fez-se tomando como termo de comparação o PE, mas também o PB.

2. O nosso ponto de partida foram as duas posições apresentadas por Gerards (2018) que, até certo ponto, orientaram o seu pensamento:

A. A colocação dos pronomes clíticos no PA é instável – Soma Adriano (2015), Hagemer (2016).

B. O posicionamento dos clíticos no PA é tipicamente proclítico – Chavagne (2005), Inverno (2009), entre outros.

Porém, para Gerards (2018) o PA caminha na direcção da segunda opção, generalizando a próclise e convergindo assim com o PB.

3. A comparação entre as duas obras de Pepetela, publicadas com três décadas de distância, *Mayombe* (1980) e *A Sul. O Sombreiro* (2011), permitiu-nos verificar uma considerável diferença na colocação dos pronomes clíticos, em particular no que diz respeito à ocorrência, com valores percentuais muito significativos, da próclise em contextos que a excluem no PE em *A Sul. O Sombreiro*, mas não em *Mayombe*, o que

confirma a hipótese de uma variação diacrónica em curso, mesmo que ainda não tenha conhecido uma fase de estabilização.

4. A análise dos dados do *corpus* (excluindo *Mayombe*, que espelha a norma do PE), mostra que o PA escrito apresenta contextos sintáticos de próclise estável a par de contextos sintáticos de variação entre ênclise e próclise. Os contextos em que a próclise é geral são os mesmos em que a próclise é a regra no PE contemporâneo e que, historicamente, foram sempre contextos de estabilidade da próclise no português e nas restantes línguas românicas (Martins 1994, 2016). Os dados atestam a ocorrência de alguns casos esporádicos de ênclise nestes contextos, o que, no entanto, não separa o PA do PE, onde também se atestam, marginalmente, ocorrências de ênclise nos contextos típicos de próclise (tal como acontece, aliás, igualmente no PB escrito). A estabilidade da próclise nos contextos relevantes mostra que não há instabilidade generalizada na colocação dos pronomes clíticos no PA, pelo menos no PA escrito. Isso não significa, no entanto, que o PA escrito siga a norma do PE, pois dela diverge significativamente noutros contextos.

5. Os contextos de variação entre ênclise e próclise no PA são aqueles que no PE padrão contemporâneo têm a ênclise como regra (ou admitem a variação próclise/ênclise, no caso das infinitivas preposicionadas). Estes contextos de ênclise estável no PE contemporâneo foram, historicamente, contextos de variação entre a ênclise e a próclise, com a generalização e estabilização da ênclise a ocorrer progressivamente só a partir do séc. XVII (Martins 1994)). No PB escrito, por oposição ao PB falado, são também contextos de variação. Partindo da perspectiva da mudança linguística, e se admitirmos que o PA está a desenvolver-se a partir do PE tal como o conhecemos hoje (e não de um estágio mais recuado), de acordo com os dados do *corpus*, é possível dizer que no PA há mudança no sentido da expansão da próclise para os contextos sintáticos que no PE são enclíticos (ou admitem a variação ênclise/próclise). Olhando para os dados globalmente, poderemos também dizer que essa expansão parece estar mais avançada nuns contextos sintáticos do que noutros, ou seja, alguns contextos mostram-se mais permeáveis à mudança, enquanto outros se mostram mais resistentes. Numa escala de maior para menor permeabilidade à expansão da próclise, os dados totais colocam à cabeça as orações infinitivas preposicionadas (mesmo juntando *a* às restantes preposições), seguem-se as infinitivas não introduzidas por preposição, as frases finitas não V1 e as frases finitas V1. O gerúndio alinha normalmente com as frases finitas e o particípio passado é o contexto

mais resistente à próclise. Mas sendo um domínio em que a cliticização é impossível no PE, a próclise ao particípio passado é também uma marca muito clara da mudança no PA.

Escala de expansão da próclise no PA:

Infinitivas com preposição > Infinitivas sem preposição > Finitas não VI > Finitas VI/Gerúndio > Particípio Passado

A mudança observada no PA (escrito), de acordo com os dados do corpus estudado, parece estar a distanciá-lo, de facto, do padrão de colocação dos pronomes clíticos do PE e a aproximá-lo do padrão do PB, mas mostrando-se, por agora, distinto de ambos os padrões de colocação.

6. O *corpus* revela também variação entre os diferentes autores estudados. Patissa é o que se afasta em menor grau do PE padrão e Pepetela o que mais se afasta, em termos percentuais globais. No entanto, curiosamente, Pepetela, distingue-se tanto de Ondjaki como de Patissa por ser o único que tem menos próclise nas infinitivas não preposicionadas do que nas frases finitas. As diferenças entre os três autores poderão estar relacionadas com os seus diferentes perfis sociolinguísticos. Patissa é um falante nativo do *Umbundu* que tem o português como L2. Pepetela e Ondjaki têm ambos o português como L1. A L1 de Pepetela é o PE, embora a comparação entre *Mayombe* e *A Sul. O Sombreiro* pareça indicar que domina duas distintas variedades do português; a L1 de Ondjaki, 36 anos mais novo do que Pepetela, é presumivelmente o PA, em particular o PA de Luanda, das gerações pós-coloniais.

7. Quanto à subida do clítico, os dados do corpus revelam a co-existência entre as duas opções gramaticais, isto é, aquela que privilegia a subida para o verbo superior e aquela que mantém o clítico junto do verbo não finito de que é complemento, ainda que se note preferência por esta segunda opção, sobretudo com os semi-auxiliares seguidos de preposição. Quando não sobem, em configurações que permitiriam a subida, os clíticos apresentam-se frequentemente proclíticos ao verbo não finito, mesmo na ausência de preposição (o que Gerards chamou de “proclíticos não subidos”).

Breves Sugestões

No final deste trabalho, achámos importante apresentar algumas sugestões que podem ser tomadas como trampolim para a investigação futura e aprofundamento do estudo sobre a colocação dos pronomes clíticos no PA.

No decurso da investigação deste trabalho, sobretudo na abordagem dos condicionalismos da situação do PA, muitos autores angolanos (Soma Adriano 2015), defendem a necessidade de uma *política linguística* funcional, que passa por um investimento na capacitação constante dos docentes especializados e pela realização de pesquisas científicas direccionadas para um ensino adaptado à realidade da língua portuguesa em contacto com as estruturas sintácticas das línguas *Bantu*.

Desde o princípio, nos propusemos trabalhar com um corpus de língua escrita (literária e jornalística). Nos próximos trabalhos, poderia ser interessante trabalhar com um corpus oral e espontâneo (controlando diferentes variáveis sociolinguísticas) e comparar este outro tipo de dados com os da língua escrita.

Outra possibilidade interessante seria fazer um trabalho com crianças em idade de escolarização, distingui-los entre os que têm o português como L1 e aqueles que o têm como L2, comparando os dados produzidos pelos informantes para perceber como se reflecte a distinção entre falantes do português L1 e L2 na colocação dos pronomes clíticos.

A. Fontes

AAVV, *Jornal de Angola*, 25 de Março de 2018.

AAVV, *O País*, 25 de Março de 2018.

Ondjaki (2007), *Os da Minha Rua*. Lisboa/Luanda: Caminho. 11ª ed.

Ondjaki (2012), *Os Transparentes*. Lisboa/Luanda: Caminho. 8º ed.

Patissa, Gociente (2009), *A Última Ouvinte*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

Pepetela (2011), *A Sul. O Sombreiro*. Lisboa/Luanda: D. Quixote.

Pepetela, (1980), *Mayombe*. Lisboa: D. Quixote, 5ª ed. (1993).

B. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Avelar, Juanito e Charlotte Galves (2014). “O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro”. *Revista Linguística – ALFAL* 30.2: 241-288.

Barbosa, Pilar (1996). “Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects”. In Aaron L. Halpern e Arnold M. Zwicky (orgs.). *Approaching Second. Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford: CSLI. 1-40.

Barros, Angela (2002). “A situação do português em Angola”. In *Uma política para o português* (Colóquio, 1999). Lisboa: Colibri.

Bechara, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37ª ed. revista e ampliada.

Cabral, Lisender (2005). Complementos verbais Preposicionados do português em Angola. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Cardoso, B., *Discurso de Encerramento do II Congresso da união dos jornalistas Angolanos*, 27 de julho de 1990.

Castro, Armando (1978). *O Sistema Colonial em África (meados do século XX)*. Lisboa: Caminho.

Castro, Ivo (2006). *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.

Chavagne, Jean-Pierre (2005). La langue portugaise d’Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais. Tese de doutoramento. Université Lumière Lyon.

Cruz, Arsénio da Silva (2013). Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do português. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

- Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 8ª ed.
- Cyrino, Sonia (2010). “On Romance Syntactic Complex Predicates. Why Brazilian Portuguese is Different”. In *Estudo da Língua(gem)* 8.1: 187-222.
- Decreto n.º 77, de 9 de Dezembro de 1921, in *Boletim Oficial de Angola*, nº 50, 1ª série.
- Dele Zau, Domingos G. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização*. Tese de doutoramento. Universidade do Beira Interior.
- Dias, Augusto Epiphany da Silva (1918). *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora, 5ª ed. (1970).
- Duarte, Inês (1983). “Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos”. *Revista da Faculdade de Letras*, Número Especial comemorativo do 50º aniversário da RFL, 158-178.
- Duarte, Inês e Gabriela Matos (2000). “Romance Clitics and the Minimalist Program”. In João Costa (ed), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford/New York: Oxford University Press, 116-142.
- Endruschat, Annette (1990). *Studien zur portugiesischen sprache in Angola (unter besonderer Berücksichtigung lexikalischer und soziolinguistischer aspekte)*. Frankfurt am Main: TFM.
- Endruschat, Annette (1993). “Acerca da colocação dos pronomes clíticos no português de angolanos e moçambicanos: sua problemática no contexto dos diferentes registos e na aquisição da linguagem”. *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Hamburgo: LIDEL, 95-102.
- Faria, Isabel, Emília Pedro, Inês Duarte e Carlos A. M. Gouveia (orgs.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.
- Gärtner, Eberhard (1989). “Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola et au Mozambique”. In Massa, Jean-Michel e Matthias Perl (eds.), *La langue portugaise en Afrique*. Rennes: Université de Haute Bretagne, 29-54.
- Gärtner, Eberhard (1997). “Coincidências dos fenómenos morfo-sintácticos do substandard do português do Brasil, de Angola e de Moçambique”. In Ruth Degenhardt, Thomas Stolz e Hella Ulferts (eds), *Afrolusitanistik-eine vergessene Disziplin in Deutschland*. Bremen: Universität Bremen, 146-180.
- Gerards, David Paul (2008). “The Harbinger of a New Standard? The Placement of Clitic Object Pronouns in Colloquial Angolan Portuguese” Acesso em: <https://pt.scribd.com/document/406120197/Gerards-Angolan-Portuguese>. A publicar em: Verónica Böhm, Anja Hennemann e Benjamin Meisnitzer (eds.). *Sprachkontakt und Grammatikalisierung [provisionary title]*. Heidelberg: Winter.
- Gonçalves, Anabela (1996). *Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português*. Universidade de Lisboa: Colibri.

- Gonçalves, Anabela e Teresa da Costa (2002). *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri.
- Gonçalves, Perpétua (1989). “A variação do português dentro do português”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 1: 15-20.
- Gonçalves, Perpétua (2013). “O português em África”. In Eduardo B. Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 157-178.
- Hagemeijer, Tjerk (2016). “O português em contacto em África”. In Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlin/Boston: De Gruyter, 43-67.
- Instituto de Línguas Nacionais, *Boletim n.º 1*, Luanda, 1987.
- Inverno, Liliana (2009). “A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal”. In Ana Maria Carvalho (ed), *Português em Contacto*, Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 87-106.
- Lando, Robert (1958). *Linguistics Across Cultures*. Ann Arbor: University of Michigan.
- Lobo, Tânia (1992). A Colocação dos Clíticos em Português: duas sincronias em confronto. Tese de mestrado: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Magro, Catarina (2006). Clíticos: Variações Sobre o Tema. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marques, Irene Guerra (1985). “Algumas reflexões sobre a problemática da linguística em Angola”. In *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, vol. 1. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 205-224.
- Martins, Ana Maria (1994). Clíticos na História do Português. Tese de doutoramento, Faculdade de letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (1997). “*Alguns, poucos, muitos, todos* e a relação Sintaxe-Semântica”. In Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima, Rosa Maria Martelo (eds.). *Sentido que a Vida Faz: Estudos para Óscar Lopes* Porto: Campo das Letras, 679-692.
- Martins, Ana Maria (2013). “Posição dos pronomes pessoais clíticos”. In Eduardo B. Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.), *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2229-2302.
- Martins, Ana Maria (2016). “A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia”. In Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter, 401- 430.

- Martins, Ana Maria (em preparação), A colocação dos pronomes clíticos nos dialetos açorianos e madeirenses. Manuscrito, Universidade de Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª ed. revista e aumentada.
- Matos, Gabriela e Colaço, Madalena (2014). “Ênclise e próclise na coordenação”. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 9: 83-101.
- Matumona, Muanamosi (2002). *Jornalismo Angolano: história, desafios e expectativas*. Uíge: SEDIPU.
- Mendes, Beatriz Correia (1985). Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Miguel, Maria Helena (2008). “Língua Portuguesa em Angola: Normativismo e Glotopolítica”, in *Lucere*, Revista Académica da UCAN, Ano IV, n.5, 35-48.
- Miguel, Maria Helena (2014 [2013]). *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Mayamba.
- Neto, Agostinho (1980). ...*Ainda o Meu Sonho...* (*Discursos sobre a Cultura Nacional*). Lisboa: Edições 70.
- Neto, Conceição Garcia (2009). O Perfil Linguístico e Comunicativo dos Alunos da escola de formação de Professores “Garcia Neto” (Luanda - Angola), Tese de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Paixão de Sousa, Maria Clara (2004). *Língua Barosa: Síntaxe e História do Português*. Tese de doutoramento, SP. Universidade Estadual de Campinas.
- Pinto, Paulo Feytor (2001). *Como pensarmos a nossa língua e as línguas dos outros*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Roulet, E.(1980). *Langue maternelle et langues secondes: vers une pédagogie intégrée*. Paris: Hatier-Credif,
- Said Ali, Manuel (1964). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 3ª ed.
- Santos, Luana Martins da Silva (2018). A Influência Africana no Português Vernáculo Brasileiro: reflexões sobre clíticos de objeto. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Soma Adriano, Paulino (2015). *A crise normativa do português em Angola: cliticização e regência verbal – que atitude normativa para o professor e o revisor?*. Luanda: Mayamba.
- Undolo, Márcio Edu da Silva (2014). Caracterização da Norma do Português em Angola. Tese de doutoramento, Universidade de Évora.

Vilela, Mário (1995). “Algumas tendências da língua portuguesa em África”. In Mário Vilela (ed), *Ensino e Língua Portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 45-72.

Vilela, Mário (1999). “A língua portuguesa em África: tendências e factos”. In *Africana Studia* 1: 175-191.

C. SUPORTE ELECTRÓNICO

<https://www.infoescola.com/biografias/pepetela/> 31/10/2018

<http://www.redeangola.info/especiais/e-preciso-abrir-o-espaco-publico-aos-cidadaos/>
31/10.2018

[www.kazukuta.com/ondjaki](http://www.kazukuta.com/ondjaki;);

<http://portugalguadalajara2018.dglab.gov.pt/ondjaki/>

<https://www.publico.pt/2013/11/05/culturaipsilon/noticia/premio-jose-saramago-2013-atribuido-1611412>

[https://www.passeiweb.com/estudos/livros/os da minha rua\)](https://www.passeiweb.com/estudos/livros/os_da_minha_rua)

<http://www.ine.gov.ao/> 30/10/2018

<http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus>

http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Definitivos%20Censo%20Geral%202014_Versao%202032016_DEFINITIVA%2018H17.pdf

https://www.prb.org/wp-content/uploads/2018/08/2018_WPDS.pdf

ANEXO PRINCIPAL

Índice dos anexos

1. <i>Mayombe</i>	2
2. <i>A Sul. O Sombreiro</i>	80
3. <i>Os da minha Rua</i>	170
4. <i>Os Transparentes</i>	188
5. <i>A Última Ouvinte</i>	250
6. <i>Jornal de Angola</i>	269
7. <i>O País</i>	288

Dados quantificados

1. Tabelas comparadas: <i>Mayombe</i> vs <i>A Sul. O Sombreiro</i>	290
2. Tabelas comparadas: <i>Os da minha Rua, Os Transparentes, A Última Ouvinte, A Sul. O Sombreiro</i>	292
3. Tabelas comparadas: <i>Jornal de Angola</i> vs <i>O País</i>	293

O presente anexo recolhe a síntese dos dados classificados e quantificados dos *corpora* constituídos a partir de cinco obras de autores angolanos (duas de Pepetela, duas de Ondjaki e uma de Gociante Patissa), e de dois jornais (*Jornal de Angola* e *O País*), com uma abrangência nacional.

1- Mayombe

Anexos (*corpus* M1)

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. O teu desejo será realizado, pois **se** precisa dum Comandante para avançar para lá das regiões atualmente em guerra. (*Mayombe*, 110)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. Face a este problema capital, as pessoas dividem-**se** aos meus olhos em dois grupos: (*Mayombe*, 4)
2. O Comissário Político, alto e magro como Teoria, acercou-**se** dele. (*Mayombe*, 4)
3. O professor levantou-**se** e uma dor aguda subiu-lhe pelo joelho até ao ventre. (*Mayombe*, 5)
4. A escuridão relativa escondia-lhe as feições e ninguém se apercebeu da careta. (*Mayombe*, 5)
5. Procurou andar normalmente e aproximou-**se** dos três responsáveis. (*Mayombe*, 5)
6. Dez anos mais velho do que ele, o Comandante comportava-**se** agora como um miúdo para desviar a discussão. (*Mayombe*, 6)
7. A perna molhada doía-lhe atrozmente. (*Mayombe*, 6)
8. ...os guerrilheiros deram-lhe o nome de Sem Medo (*Mayombe*, 6)
9. Posso ser liberalista de vez em quando, pois tenho-**te** sempre como anjo-da-guarda para me guiar. (*Mayombe*, 6)
10. Antes chamava-**se** Esfinge, ninguém sabia porquê. (*Mayombe*, 6)
11. Manuela sorriu-**me** e embrenhou-**se** no mato, no mato denso do Amboim, onde despontava o café, a riqueza dos homens. (*Mayombe*, 7)
12. O Comandante sentou-**se** numa pedra. (*Mayombe*, 8)
13. O Comandante ensaboou a cara e mergulhou-**a** na água fresca do rio. (*Mayombe*, 8)
14. Outros guerrilheiros lavavam-**se** mais adiante. (*Mayombe*, 9)
15. Se vocês os dois não estiverem de acordo, eu inclino-**me**. (*Mayombe*, 9)
16. Sem Medo fixou-**o**. (*Mayombe*, 9)
17. Uma ruga cavou-**se-lhe** entre os olhos. (*Mayombe*, 9)
18. O Comandante deu-lhe uma palmada no ombro. (*Mayombe*, 10)
19. Os meus conhecimentos levaram-**me** a ser nomeado professor da Base. (*Mayombe*, 10)
20. O Comandante sentou-**se** e meteu a colher na tampa da gamela, sem responder. (*Mayombe*, 10)
21. O Comissário encostou-**se** a uma árvore, comendo, observando o grupo.

22. O Comissário bateu-lhe no ombro: (*Mayombe, 11*)
23. Lutamos distanciava-se do resto do grupo, que tinha estacado ao ouvir o ruído. (*Mayombe, 12*)
24. A um gesto do Comissário, apercebeu-se do zumbido forte. (*Mayombe, 12*)
25. O Chefe de Operações nada disse; deixou-os passar por ele e limitou-se a segui-los. (*Mayombe, 12*)
26. Sem Medo sentou-se, logo imitado por alguns companheiros. (*Mayombe, 12*)
27. Lutamos alheara-se do grupo, os ouvidos atentos. (*Mayombe, 12*)
28. De repente, a serra parou e ouviram-se gritos. (*Mayombe, 12*)
29. Os guerrilheiros levantaram-se, em posição. (*Mayombe, 12*)
30. E sentou-se também. (*Mayombe, 13*)
31. Quando necessário, servia-se dessas informações para ter uma imagem fiel de cada guerrilheiro e saber que tarefa dar a cada um. (*Mayombe, 13*)
32. O Comandante olhou-o em silêncio. (*Mayombe, 13*)
33. Quando o grupo do Comissário chegou, Sem Medo pôs-se de pé. (*Mayombe, 13*)
34. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem. (*Mayombe, 14*)
35. Se ele fugir, nós varremo-lo. (*Mayombe, 14*)
36. Se aparecer tropa, vinda da estrada, nós travamo-la. (*Mayombe, 14*)
37. Cerquem-nos e, às dez em ponto, prendam-nos. (*Mayombe, 14*)
38. Se o tuga aparecer, encontramo-nos onde dormimos ontem. (*Mayombe, 14*)
39. O grupo do Chefe de Operações afastou-se imediatamente. (*Mayombe, 15*)
40. Os guerrilheiros encavalitaram-se num enorme tronco caído. (*Mayombe, 15*)
41. Os olhos abriram-se, o imenso branco dos olhos comendo a cara toda... (*Mayombe, 15*)
42. Um dos trabalhadores mais afastado abandonou o machado e dirigiu-se para o par que estava mais próximo dos guerrilheiros. (*Mayombe, 16*)
43. Alguns guerrilheiros perseguiram-nos. (*Mayombe, 16*)
44. Milagre, voando sobre os troncos caídos, aproximou-se dum trabalhador. (*Mayombe, 16*)
45. O trabalhador lançou-se de mergulho e foi rastejando sobre as pedras do rio pouco profundo. (*Mayombe, 16*)
46. A vinte metros dele, emboscados, os guerrilheiros visavam-no. (*Mayombe, 16*)
47. Lutamos virou-se para Sem Medo. (*Mayombe, 17*)
48. O motorista do buldozer tinha-se metido no mato, ao ouvir a primeira rajada. (*Mayombe, 17*)
49. Depois de o fumo dispersar, viu-se o motor do buldozer completamente destruído. (*Mayombe, 17*)
50. Subitamente, dobrou-se numa gargalhada que atroou sobre o Mayombe. (*Mayombe, 17*)
51. Apanharam lenha seca, empilharam-na sobre a máquina, regaram a lenha de gasolina e pegaram fogo. (*Mayombe, 17*)
52. As chamas elevaram-se, numa lambidela rápida, aos ramos mais próximos das árvores. (*Mayombe, 17*)
53. O interrogatório continuou e alargou-se aos outros prisioneiros. (*Mayombe, 18*)
54. O miúdo capturado por Mundo Novo tinha catorze anos e chamava-se António. (*Mayombe, 18*)
55. Sem Medo pegou-lhe no braço, exigindo silêncio. (*Mayombe, 18*)
56. Sem Medo explicou-lhe o que dizia o bilhete. (*Mayombe, 19*)
57. As palavras saltaram-se, deitados perto do Lombe.. (*Mayombe, 19*)
58. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores,.. (*Mayombe, 19*)
59. Mas eu não posso deixar de odiar os tratores, desculpem-me. (*Mayombe, 19*)

60. alguns trabalhadores tinham ficado isolados e sentaram-se, à espera dos combatentes, sem escaparem. (*Mayombe*, 20)
61. O patrão comprou-a aos alemães, mas onde arranjou dinheiro para comprá-la? (*Mayombe*, 21)
62. Esta serra pertence-vos, pertence ao povo. (*Mayombe*, 21)
63. A gente dava-a a vocês, porque é vossa, mas que vão fazer com ela? (*Mayombe*, 21)
64. Estes dividiam-se grosso modo em dois grupos: (*Mayombe*, 21)
65. Isso levou-me a desejar o que os horrorizava, a querer conhecer o que eles temiam, a procurar o que eles nos proibiam de ver ou ouvir ou sentir. (*Mayombe*, 22)
66. Mas tu a falar, a prometer liberdade, fizeste-me lembrar o Seminário, que queres? (*Mayombe*, 22)
67. Depois do mata-bicho, despediram-se dos trabalhadores, devolvendo-lhes tudo o que lhes pertencia. (*Mayombe*, 22)
68. Lutamos pôs-se à frente da coluna e esta lá seguiu, levando no meio um Ingratidão do Tuga desarmado, o que era um risco. (*Mayombe*, 24)
69. Ele e Mundo Novo encavalitaram-se numa pedra, enquanto os outros se espalhavam em grupos pelo Lombe, lavando-se ou conversando. (*Mayombe*, 25)
70. Vendo Teoria isolado, esfregando o joelho, o Comandante aproximou-se e sentou-se a seu lado. (*Mayombe*, 25)
71. Quando era miúdo, antes de ir estudar para o Seminário, aconteceu-me um caso. (*Mayombe*, 25)
72. Durante dias, senti-me um tipo nojento, um covarde, um fraco, sentia que um miúdo qualquer me bateria e eu fugiria... (*Mayombe*, 25)
73. O outro contemplou-o, assustado. (*Mayombe*, 26)
74. ... a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado. (*Mayombe*, 26)
75. Sem Medo passou-lhe o cigarro que fumara até meio. (*Mayombe*, 26)
76. Teoria agarrou-se ansiosamente a ele e fumou-o até ao fim, sem parar, tremendo. (*Mayombe*, 26)
77. Mas, quando se conta, pronto, tudo nos aparece mais claro e sentimo-nos livres. (*Mayombe*, 26)
78. A ação é outra espécie de desabafo, muitos de nós utilizam esse método, outros batem na mulher ou embebedam-se. (*Mayombe*, 27)
79. Mas a ação como desabafo perde para mim todo o seu valor, torna-se selvática, irracional. (*Mayombe*, 27)
80. O Comissário mandou-os calar. (*Mayombe*, 27)
81. O pulso acelera-se, tenho frio, mesmo dor de barriga. (*Mayombe*, 27)
82. O Chefe de Operações aproximou-se deles, mas, como os viu conversando baixo, afastou-se. (*Mayombe*, 27)
83. Sem Medo chamou-o. (*Mayombe*, 27)
84. Sim, sim, aproveita-se. (*Mayombe*, 27)
85. As botas tornaram-se dez vezes mais pesadas, com o peso da lama. (*Mayombe*, 28)
86. Pangu-Akitina olhou a ferida, alumiada pela lanterna a pilhas, e deixou-a ficar assim. (*Mayombe*, 28)
87. Um tipo que é inteligente, poças!, ele lê muito, e, afinal, deixa-se levar assim. (*Mayombe*, 29)
88. A comida estava molhada, a xikuanga desfizera-se com a água. (*Mayombe*, 29)
89. Os guerrilheiros sorriam, piscavam-lhe o olho, demonstrando confiança. (*Mayombe*, 30)

90. O Comandante deitou-se ao lado de Teoria. (*Mayombe*, 30)
91. O professor lançou-lhe uma rápida mirada, mas nada disse. (*Mayombe*, 30)
92. Sem Medo levantou-se e avançou ao longo da estrada, para saber como estava o guarda... (*Mayombe*, 30)
93. Mas, na espera, as recordações tristes da meninice misturavam-se à saudade dos amigos mortos em combate (*Mayombe*, 31)
94. A lama e a chuva cegavam-nos, asfixiavam-nos, ofegantes pelo esforço de subirem de rastos uma montanha coberta de mata densa. (*Mayombe*, 31)
95. A lama e a chuva cegavam-nos, asfixiavam-nos, ofegantes pelo esforço de subirem de rastos uma montanha coberta de mata densa. (*Mayombe*, 31)
96. A angústia perseguiu-o até dar a ordem de fogo. (*Mayombe*, 31)
97. O grito de fogo saíra-lhe como uma libertação, um urro de animal fugindo da armadilha. (*Mayombe*, 31)
98. Os olhos de Leli acusavam-no de mil crimes, vingativos e meigos. (*Mayombe*, 31)
99. A angústia ganhara-lhe o ventre, sentia cólicas. (*Mayombe*, 31)
100. Leli suplicava e acusava, muda, as palavras eram inúteis, ele conhecia-as, não as esquecera. (*Mayombe*, 31)
101. Os coqueiros inclinavam-se para a cumprimentar. (*Mayombe*, 31)
102. O suor manchava-lhe a camisa. (*Mayombe*, 31)
103. A vanguarda inimiga aproximava-se do último guerrilheiro, enquanto os da cauda entravam na emboscada. (*Mayombe*, 32)
104. Dois segundos depois, Milagre erguia-se e bazukava sabiamente o grupo avançado. (*Mayombe*, 32)
105. Os gemidos confundiam-se com o cacarotar das pépéchás e o estrondo das granadas. (*Mayombe*, 32)
106. Os guerrilheiros contemplaram-se, hesitando. (*Mayombe*, 33)
107. Lutamos e Ekuikui ofereceram-se. (*Mayombe*, 33)
108. O barulho acalmava-os, dava-lhes consciência do seu poderio, protegia-os do seu próprio medo. (*Mayombe*, 33)
109. Um trabalhador foi roubado e soube-o. (*Mayombe*, 34)
110. Alguém apanhará o papel e entrega-o (*Mayombe*, 34)
111. O risco pesa-se com a importância da coisa. (*Mayombe*, 34)
112. O Das Operações repetiu-me mil vezes para desconfiar do Lutamos. (*Mayombe*, 35)
113. Quinze minutos depois, um vulto desenhava-se na obscuridade quase total. (*Mayombe*, 36)
114. Os guerrilheiros abraçaram-se, como quando enfrentavam um perigo qualquer. (*Mayombe*, 36)
115. Abraçaram-se às lianas, cobriram-se com as folhas que dos seus braços nasciam, e prepararam-se para ali passar a noite. (*Mayombe*, 36)
116. . As vozes aproximaram-se. (*Mayombe*, 36)
117. O interpelado virou-se para eles, atónito e assustado. (*Mayombe*, 36)
118. Hesitaram, olharam para trás, em direção da aldeia, depois interrogaram-se, mudos. (*Mayombe*, 36)
119. Lutamos repetiu o convite e os homens decidiram-se a entrar na mata. (*Mayombe*, 36)
120. Os guerrilheiros afastaram-se com eles alguns passos do caminho. (*Mayombe*, 36)
121. Um dos nossos camaradas tinha-o roubado. (*Mayombe*, 36)
122. Esperaram que os passos se afastassem, depois despediram-se dos trabalhadores. (*Mayombe*, 37)

123. Estes aproximaram-se cautelosamente do caminho, espiaram dos dois lados e, não vendo ninguém, meteram-se nele. (*Mayombe*, 37)
124. Os guerrilheiros tinham-nos seguido, para verem se, de fato, iam sair da aldeia ou se a ela voltavam. (*Mayombe*, 37)
125. Tranquilizados, embrenharam-se na mata. (*Mayombe*, 37)
126. A noite encontrou-os na marcha, mas decidiram continuar mesmo assim, ansiosos de dormirem sob um teto e de comerem qualquer coisa quente. (*Mayombe*, 38)
127. E fumou-o integralmente, encostado a uma árvore, ouvindo o Comissário contar aos outros o que se passara. (*Mayombe*, 38)
128. O julgamento de Ingratidão do Tuga realizou-se no dia seguinte. (*Mayombe*, 38)
129. O Comando reuniu-se em seguida, para deliberar sobre a pena. (*Mayombe*, 38)
130. Isso leva-os a cometerem crimes. (*Mayombe*, 38)
131. Não estava politizado, o Taty enganou-os e eles acreditavam que o tuga ia mudar de política e que éramos nós que impedíamos, porque teimávamos em fazer a guerra. (*Mayombe*, 39)
132. Poderia ter evitado fazê-lo, mas todos evitavam, não houve voluntários, não tive coragem, sim, não tive coragem, de mandar um camarada executá-lo, escolhi-me a mim próprio como voluntário, para dar o exemplo. (*Mayombe*, 40)
133. Os maiores combatentes viravam-se para não ver, os mais duros combatentes tapavam os olhos com as mãos. (*Mayombe*, 40)
134. E estas mãos, camarada, estas mãos espetaram o punhal na barriga do traidor e rasgaram-lhe o ventre, de baixo para cima. (*Mayombe*, 40)
135. Engasgou-se e calou-se. (*Mayombe*, 40)
136. E o Comissário seguia-o, esse miado que só faz o que lhe diz o Sem Medo. (*Mayombe*, 41)
137. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. (*Mayombe*, 42)
138. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. (*Mayombe*, 42)
139. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. (*Mayombe*, 42)
140. O «comunismo» fez engordar os homens, fê-los restabelecer dos sete dias de marchas forçadas e de emoções. (*Mayombe*, 42)
141. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. (*Mayombe*, 42)
142. Precisamos de guerrilheiros, mandam-nos miúdos sem treino. (*Mayombe*, 43)
143. Percebia mal o português, falava era kikongo e francês, e a personalidade do Comandante intimidava-o: eram vagamente parentes. (*Mayombe*, 43)
144. O jovem aspirante a guerrilheiro, acabado de chegar, encostava-se timidamente num canto. (*Mayombe*, 43)
145. Sem Medo virou-se para ele. (*Mayombe*, 43)
146. Os guerrilheiros obrigaram-no a pôr-se no meio da casa, para lhe estudarem as características e encontrarem o nome conveniente. (*Mayombe*, 43)
147. As gargalhadas misturavam-se às palavras. (*Mayombe*, 43)
148. És duro para ele – segredou-lhe o Comissário. (*Mayombe*, 44)
149. Uma semana lá fora fazia-te bem. (*Mayombe*, 44)
150. O Das Operações encolheu-se ao som da chicotada. (*Mayombe*, 44)

151. O Comissário, momentos depois, censurou-se por se congratular com o que se passava: para se absolver, acabou com a discussão apressadamente. (*Mayombe*, 45)
152. Sem Medo tinha-lhe lido integralmente o pensamento e, magnânimo, não lhe queria ferir mais os escrúpulos. (*Mayombe*, 45)
153. Três combatentes saíram em patrulha, outros ocupavam-se da cozinha, alguns não faziam nada, arranjando pretextos para não estudarem. (*Mayombe*, 45)
154. O Comandante dirigiu-se com o grupo de novos recrutas para uma clareira, obrigandoos a fazerem exercícios e explicando-lhes os rudimentos da guerrilha. (*Mayombe*, 45)
155. O Comissário mobilizou-me, o ano passado estudei mesmo. (*Mayombe*, 46)
156. Sem Medo acendeu um cigarro, estirou-se sobre o capim. (*Mayombe*, 48)
157. Os recrutas iam-se aproximando, ao verem o Comandante fumar. (*Mayombe*, 48)
158. Sem Medo mandou-os continuar os exercícios e observava-os. (*Mayombe*, 48)
159. Sem Medo mandou-os continuar os exercícios e observava-os. (*Mayombe*, 48)
160. Os outros temperam-se, tornando-se mais relativos, menos exigentes. (*Mayombe*, 49)
161. Lutamos deixara de seguir a discussão e fora-se embora, para o lado do rio. (*Mayombe*, 49)
162. Sem Medo é um desinteressado, a terceira camisa que tinha ofereceu-a ao guia, que acabou por fugir com ela, entregando-se aos tugas. (*Mayombe*, 50)
163. Eu libertei-me, graças ao marxismo. (*Mayombe*, 50)
164. Lá está ele, e ri quando um se fere, e zanga-se quando um hesita, e é esse sadismo maternal que os faz ultrapassarem-se, vencerem o medo e lançarem-se no espaço para agarrarem uma liana fugidia. (*Mayombe*, 50)
165. Não posso acreditar, recuso-me a acreditar. (*Mayombe*, 50)
166. Este marcara-lhe encontro, na véspera à tarde, num bar, e não apareceu. (*Mayombe*, 50)
167. A lembrança fê-la sobressaltar. (*Mayombe*, 52)
168. Uma raiva surda invadia-o gradualmente. (*Mayombe*, 51)
169. A escola encontrava-se numa elevação, escondida por arvoredos. (*Mayombe*, 51)
170. As várias casas de adobe espalhavam-se num raio de 50 metros, servindo de escola e hospital. (*Mayombe*, 51)
171. O Comissário dirigiu-se com ela para o quarto. (*Mayombe*, 51)
172. Esperou que ela o convidasse e depois sentou-se na cama. (*Mayombe*, 51)
173. Ele formou-a politicamente, mas nem isso o convenceu de que estavam em pé de igualdade. (*Mayombe*, 52)
174. Virou-se para ele e agarrou-lhe na mão. (*Mayombe*, 52)
175. Agarrou o Comissário pelo braço, levou-o para a varanda, confidenciando: (*Mayombe*, 53)
176. Meteu a mão no bolso e entregou-lhe uma nota de 500 francos. (*Mayombe*, 53)
177. Vamos primeiro almoçar, uns congoleses ofereceram-me uma galinha. (*Mayombe*, 53)
178. A galinha sabia mal ao Comissário, sabia-lhe a dinheiro do Movimento. (*Mayombe*, 53)
179. Embrenhado em rancores íntimos, limitou-se a resmungar monossílabos às perguntas de André. (*Mayombe*, 53)
180. . Mas este despachou-o. (*Mayombe*, 53)
181. Verdade calou-se e continuou o caminho. (*Mayombe*, 54)
182. Ondina recebeu-o a princípio com hostilidade. (*Mayombe*, 54)
183. Mas Ivone depois saiu do quarto e ela enterneceu-se. (*Mayombe*, 54)
184. Saíram abraçados e foram-se meter pelo capim, o mais longe possível da escola. (*Mayombe*, 54)

185. O Comissário convencia-se que ela não tinha prazer e perdia-se em divagações, auscultando as reações dela, sem se entregar realmente, e sem gozar. (*Mayombe*, 54)
186. O Comissário convencia-se que ela não tinha prazer e perdia-se em divagações, auscultando as reações dela, sem se entregar realmente, e sem gozar. (*Mayombe*, 54)
187. Ela sentia-se espiada e deixava de gozar: (*Mayombe*, 54)
188. Ondina recusava-se a aceitar de face esta realidade. (*Mayombe*, 55)
189. Eu venho resolver o problema e ele prega-me fintas. (*Mayombe*, 55)
190. Mas passou-me 500 francos, sem eu pedir, (*Mayombe*, 55)
191. Ondina acariciou-o para apagar a ruga que se cavara na fronte do Comissário. (*Mayombe*, 56)
192. Fala-me do combate. O Comissário obedeceu-lhe, contando o que se passara. (*Mayombe*, 56)
193. Sem Medo tinha razão, parece-me (*Mayombe*, 56)
194. Debruçou-se sobre ele e viu-lhe a ruga na fronte. (*Mayombe*, 56)
195. Debruçou-se sobre ele e viu-lhe a ruga na fronte. (*Mayombe*, 56)
196. Ela soergueu-se num repelão. (*Mayombe*, 56)
197. O Comissário afagou-lhe de novo o cabelo. (*Mayombe*, 56)
198. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. (*Mayombe*, 56)
199. Esqueceu por momentos a irritação e entregou-se. (*Mayombe*, 56)
200. André bateu-lhe no braço. (*Mayombe*, 57)
201. Ele não autorizara Verdade a ficar e André fizera-o. (*Mayombe*, 58)
202. O cortejo de cinco homens meteu-se na mata, na noite, em passo acelerado... (*Mayombe*, 58)
203. O Comandante virou-se depois para o Comissário. (*Mayombe*, 59)
204. O Comissário levantou-se e pegou na farda lavada (*Mayombe*, 59)
205. Isso fê-lo esquecer o riso trocista de Sem Medo, quando lhe contara os dissabores de Dolisie. (*Mayombe*, 59)
206. O Comandante ouviu-o, os olhos fixos no cano da AKA. (*Mayombe*, 59)
207. O Comissário lançou-lhe uma mirada inquieta, depois continuou: (*Mayombe*, 59)
208. A princípio não, mas agora as coisas normalizaram-se. (*Mayombe*, 59)
209. Um par de macacos perseguia-se nas árvores próximas. (*Mayombe*, 59)
210. Mas o amor realizado é também uma combinação, diz-se mesmo que os velhos casais acabam por se assemelhar fisicamente. (*Mayombe*, 59)
211. Mas era preciso conhecer melhor Ondina, conheço-a mal... (*Mayombe*, 59)
212. Senão cai-se na rotina, na mornez das relações e, portanto, na mediocridade. (*Mayombe*, 60)
213. Mas tu fechas-te no teu complexo, na consciência da tua incultura que, afinal, é só aparente; (*Mayombe*, 60)
214. ela sente isso e considera-se intelectualmente superior, daí até ao desprezo só vai um passo. (*Mayombe*, 60)
215. O Comissário vestiu-se. (*Mayombe*, 60)
216. Isso vê-se numa mulher, acredita. (*Mayombe*, 60)
217. Sem Medo bateu-lhe no ombro. (*Mayombe*, 61)
218. O Comissário meteu-se na discussão, era o seu trabalho. (*Mayombe*, 61)
219. O Comandante deitou-se no catre, fumando. (*Mayombe*, 61)
220. Ondina devia ser uma artista na cama, sentia-se, tinha fogo escondido sob a capa criada pela educação de menina de Luanda. (*Mayombe*, 61)

221. Ela enfrentara o olhar apreciador que ele lhe deitara, convidara-o para tomar um café no seu quarto. (*Mayombe*, 62)
222. Ela sentou-se na cama, ele ficou de pé, bebendo o café. (*Mayombe*, 62)
223. Ele mirou-as descaradamente e fez o olhar subir lentamente do joelho à ponta da cueca branca que se adivinhava, deixou-o aí longamente, (*Mayombe*, 62)
224. Daí, o olhar de Sem Medo fixou-se na chávena (*Mayombe*, 62)
225. Sem Medo por vezes perdia-se na contemplação das coxas, era o que ela tinha de mais excitante, lembravam-lhe outras, (*Mayombe*, 62)
226. Mantinha o porte indiferente do gigante do Mayombe, e o júbilo esbatia-se suavemente no olhar dela (*Mayombe*, 62)
227. O gesto agradou-lhe. (*Mayombe*, 62)
228. O Comandante bateu-lhe no ombro. (*Mayombe*, 63)
229. O rapaz olhou-o, perplexo e atemorizado. (*Mayombe*, 63)
230. Este levantou-se e avançou para o meio da casa. (*Mayombe*, 63)
231. Sem Medo olhava-o, o cenho carregado. (*Mayombe*, 63)
232. O Comandante levantou-se por sua vez. (*Mayombe*, 64)
233. Os ruídos da mata tornaram-se perceptíveis, ritmados pelo ruído do pé do Comandante martelando o solo. (*Mayombe*, 64)
234. O Comissário ia falar, mas a brusca saída do outro deixou-o com a fala suspensa. (*Mayombe*, 64)
235. As coisas um dia vão-se resolver, mas não interessa agora com a boca. (*Mayombe*, 64)
236. Tu, cala-te (*Mayombe*, 65)
237. Ekuikui ia a sair, mas Teoria segurou-lhe no braço. (*Mayombe*, 65)
238. Teoria pegou no braço de Pangu-Akitina e puxou-o para fora. (*Mayombe*, 66)
239. Kiluanje controlava-se bem. (*Mayombe*, 66)
240. Teoria puxava-o, mas o enfermeiro repelia-o com brutalidade. (*Mayombe*, 66)
241. Nós calámo-nos, quando vimos o que Pangu queria. (*Mayombe*, 66)
242. Agora chamou-nos escravos dos kikongos... (*Mayombe*, 66)
243. Até agora, o Comissário limitava-se a seguir o Comandante, a imitá-lo: mesmo nos gestos, no estilo de combater, na indiferença aparente com que enfrenta o inimigo. (*Mayombe*, 67)
244. Hoje opôs-se publicamente ao Comandante, levantou a voz para o criticar. (*Mayombe*, 67)
245. Esta atitude faz-me pensar que a relação de forças no Comando vai mudar. (*Mayombe*, 67)
246. O Comandante acordara mudo e o seu olhar fixava-se obstinadamente no relógio. (*Mayombe*, 68)
247. Depois do almoço, a esperança de ver chegar um grupo de Dolisie esvaiu-se. (*Mayombe*, 68)
248. Os outros imitaram-no. (*Mayombe*, 68)
249. Muatiânvua deitou-se a fumar. (*Mayombe*, 68)
250. Sem Medo manteve-se calado. (*Mayombe*, 68)
251. Há coisa no ar, pensou Sem Medo, sente-se no ambiente abafado da Base, no nervosismo dos homens. (*Mayombe*, 69)
252. O Sol forte do meio da tarde feriu-lhes a vista e tiveram de se habituar aos poucos, piscando longamente os olhos. (*Mayombe*, 69)
253. Muatiânvua e Sem Medo tiraram a camisa e puseram-na a secar sobre o caminho em que se encontravam.. (*Mayombe*, 69)

254. As nuvens acumulavam-**se** sobre a floresta, à sua frente. (*Mayombe*, 69)
255. Uma nuvem isolada tem a individualidade que **lhe** é dada pela sua mutabilidade inquieta e caprichosa; esta individualidade perde-**se** na massa que se concentra e que vale pelo seu peso, pela sua potência selvagem. (*Mayombe*, 69)
256. E aqui aproxima-**se** trovada. (*Mayombe*, 69)
257. Por momentos, pareceu-**lhe** que a nuvem passaria ao lado e percorreria livremente o seu caminho precipitado. (*Mayombe*, 69)
258. O Comandante olhou-**o** fixamente. (*Mayombe*, 70)
259. E eu digo-**vos** a vocês, que são uns destribalizados aqui, que não são kikongos nem kimbundos: (*Mayombe*, 70)
260. Sem Medo bateu-**lhe** no braço. (*Mayombe*, 71)
261. Sem Medo interrompeu-**se**. (*Mayombe*, 73)
262. Ekuikui aproximou-**se** dele. (*Mayombe*, 73)
263. a pele endurece e dá origem a picos defensivos, a coesão interna torna-**se** maior (*Mayombe*, 75)
264. Mas começa-**se** a mentir ao povo, (*Mayombe*, 76)
265. Como todos os do teu grupo, pensas que se não pode dizer a verdade ao povo, senão ele desmobiliza-**se** (i). (*Mayombe*, 76)
266. Para que o moribundo não desanime, não se suicide, prometem-**lhe** a cura; (*Mayombe*, 76)
267. O vocabulário trai-**te**, Comandante! (*Mayombe*, 76)
268. Eu sei, ele falou-**me** disso. (*Mayombe*, 77)
269. Tu és mais um homem para esta fase da luta, recusas-**te** a pensar no futuro. (*Mayombe*, 77)
270. A ti vejo-**te** claramente, como um quadro político. (*Mayombe*, 77)
271. Num canto descobrimos-**te** a uma mesa, sozinho, com uma garrafa de cerveja à frente. (*Mayombe*, 77)
272. Por isso gosto das grandes cidades ou então da mata, onde se não é anónimo, antes pelo contrário, é-**se** singular, mas em que realmente uma pessoa sente ser uma personalidade singular, (i) (*Mayombe*, 78)
273. Teoria sentou-**se** também, com a arma entre os joelhos, contemplando o Comissário e Sem Medo. (*Mayombe*, 78)
274. Por momentos, pareceu-**lhe** que a nuvem passaria ao lado e percorreria livremente o seu caminho precipitado. (*Mayombe*, 69)
275. O Comandante olhou-**o** fixamente. (*Mayombe*, 70)
276. E eu digo-**vos** a vocês, que são uns destribalizados aqui, que não são kikongos nem kimbundos: (*Mayombe*, 70)
277. Sem Medo bateu-**lhe** no braço. (*Mayombe*, 71)
278. Tropeçavam nos troncos caídos, escorregavam no chão lamacento, enrodilhavam-**se** nas lianas que os vigiavam. (*Mayombe*, 71)
279. O Comissário tinha mesmo preparado o café e encheu-**lhe** a lata de leite que servia de caneca. (*Mayombe*, 71)
280. O Comissário sentou-**se** na cama, ao lado dele. (*Mayombe*, 71)
281. Se sofrem, consolam-**se**, pensando que o amanhã será melhor. (*Mayombe*, 72)
282. Muatiânvua vira-**os** e não despegava os olhos dos dois vultos. (*Mayombe*, 72)
283. As coisas passam-**se** entre os responsáveis. (*Mayombe*, 72)
284. O centralismo reforça-**se**, a democracia desaparece (*Mayombe*, 74)
285. Evidentemente! Comissário, compreende-**me** bem. (*Mayombe*, 76)

286. Eu era novo no Movimento, tinha chegado há pouco de Kinshasa, tinha-te visto uma vez no bureau. (*Mayombe*, 77)
287. Vários guerrilheiros ameaçaram mesmo desertar, mas ficaram-se nas palavras. (*Mayombe*, 83)
288. Camarada Comissário, parece-me que o camarada está a ser muito liberalista. (*Mayombe*, 83)
289. A situação agrava-se ainda mais. (*Mayombe*, 83)
290. Os problemas disciplinares competem-lhe a si, por isso deve decidir sobre eles com toda a autoridade e sem pedir a opinião de ninguém. (*Mayombe*, 84)
291. O Comissário virou-lhe as costas e afastou-se para a Base. (*Mayombe*, 84)
292. O Comandante apanhou-te sem o Das Operações, já te virou ao contrário e te meteu no bolso. (*Mayombe*, 84)
293. O Comissário deitou-se no catre, tentando acalmar-se. (*Mayombe*, 84)
294. Uma ruga cavou-se na testa de Sem Medo. (*Mayombe*, 85)
295. Vendo que a fuga é impossível, organizam-se, fazem agitação junto dos outros presos (*Mayombe*, 85)
296. Esse Mundo Novo... apanhou-me no rio, passou-me uma xingadela porque estou a deixar abandalhar a disciplina na Base. (*Mayombe*, 85)
297. Mas estava-me a gritar a opinião dele. (*Mayombe*, 85)
298. Anda tudo nervoso e deve-se ter isso em consideração, mas também é preciso não deixar apodrecer a coisa. (*Mayombe*, 85)
299. O André dá-lhes sempre dinheiro às escondidas, quando vão a Dolisie. (*Mayombe*, 87)
300. Como vês, enganaste-te redondamente. (*Mayombe*, 88)
301. Às vezes dá-me para isso. (*Mayombe*, 88)
302. Sem Medo estendeu-lhe o maço. (*Mayombe*, 88)
303. O riso de Sem Medo parecia vir muito do fundo e soltava-se, numa gargalhada atoadora. (*Mayombe*, 88)
304. Os recrutas queixavam-se de fraqueza, não estavam habituados a tal regime. (*Mayombe*, 89)
305. Sem Medo fez-se surdo aos seus protestos, obrigou-os a executar os exercícios habituais, (*Mayombe*, 89)
306. por isso o Comandante colocava-o sempre perto de si e escolhia-o como parceiro nos exercícios de pares. (*Mayombe*, 89)
307. A escola e o treino foram interrompidos pelo aviso do guarda: aproximava-se um grupo de homens. (*Mayombe*, 89)
308. O ambiente distendeu-se imediatamente na Base, com gritos e gargalhadas, abraços à mistura. (*Mayombe*, 89)
309. Sem Medo encostou-se a uma árvore. (*Mayombe*, 89)
310. Este ordenou-lhe com a cabeça o que tinha a fazer. (*Mayombe*, 90)
311. Um sorriso perpassou-lhe nos lábios e, sobretudo, nos olhos. (*Mayombe*, 90)
312. Interrompeu a conversa, rasgou precipitadamente o envelope e sentou-se na cama. (*Mayombe*, 90)
313. Sem Medo estudava-lhe as reações. (*Mayombe*, 90)
314. O Chefe de Operações aproximou-se. (*Mayombe*, 90)
315. O André enterrou-se definitivamente. (*Mayombe*, 90)
316. Este mirou-o. (*Mayombe*, 91)
317. Embrulhou o cobertor, meteu-o no sacador e apertou as correias. (*Mayombe*, 91)
318. O Comandante pôs-lhe a mão no ombro. (*Mayombe*, 91)

319. O Comissário virou-se para ele, mexeu os lábios e, repentinamente, deu-lhe as costas e saiu. (*Mayombe*, 91)
320. O Comandante seguia-o a dez metros de distância. (*Mayombe*, 91)
321. No entanto, o Comissário parou e virou-se para trás. (*Mayombe*, 91)
322. Considerem-me desertor, se quiserem. (*Mayombe*, 91)
323. Sem Medo estendeu-lhe o maço de cigarros que viera com o Das Operações. (*Mayombe*, 92)
324. O Comissário aceitou-o. (*Mayombe*, 92)
325. A segunda hipótese agrada-me muito mais, mas não avisei na Base nem trouxe o sacador. (*Mayombe*, 92)
326. Pela primeira vez, Sem Medo chamara-o pelo nome (*Mayombe*, 93)
327. O Comandante apanhou-te sem o Das Operações, já te virou ao contrário e te meteu no bolso. (*Mayombe*, 84)
328. A Ondina escreveu-me. (*Mayombe*, 93)
329. Sentiu no corpo as convulsões do corpo do Comissário e lembrou-se doutro momento (*Mayombe*, 93)
330. A mesma sensação amparou-se dele e quis repelir o Comissário. (*Mayombe*, 94)
331. O pânico apossou-se de Sem Medo, abraçando um Comissário moribundo que tremia. (*Mayombe*, 94)
332. Sem Medo seguiu-o. (*Mayombe*, 94)
333. Por fim, sentou-se numa pedra. (*Mayombe*, 94)
334. A água caía-lhe da cabeça e escorria pelo pescoço, molhando a camisa. (*Mayombe*, 94)
335. O Comissário apontou-lhe a AKA. (*Mayombe*, 95)
336. Segurou o cano e puxou-o. (*Mayombe*, 95)
337. Perto da Base, Sem Medo entregou-lhe a arma. (*Mayombe*, 95)
338. O Comissário acabou por pegar no seu, olhou-o com um sorriso envergonhado e começou a comer. (*Mayombe*, 95) Desculpa, dá-me mais um cigarro. (*Mayombe*, 95)
339. O Comandante estendeu-lhe o maço. (*Mayombe*, 95)
340. No outro dia querias conhecer o meu segredo, lembras-te? (*Mayombe*, 95)
341. Ela chamava-se Leli, era uma mestiça. (*Mayombe*, 96)
342. Mas as coisas arranjavam-se. (*Mayombe*, 96)
343. Por azar, a Leli convenceu-se que gramava um outro. (*Mayombe*, 96)
344. Um dia apareceu-me em casa dizendo que se ia embora. (*Mayombe*, 96)
345. O meu emprego ressentia-se com isso, mas não me importava. (*Mayombe*, 96)
346. Ela importava-se, dizia que eu ia arranjar mulheres, (*Mayombe*, 96)
347. E saiu de casa. Nessa noite revolvi-me no mais atroz ciúme. (*Mayombe*, 96)
348. Dominei a vontade que tinha de lhe dizer a verdade e expliquei-lhe que nessa noite refletira e que, afinal, ela já não me interessava. (*Mayombe*, 96)
349. Eu encontrava Leli frequentemente, comportava-me com ela como o melhor amigo, o confidente. (*Mayombe*, 96)
350. O fato de me perder fê-la imediatamente vacilar. (*Mayombe*, 96)
351. Leli sempre fora uma comediente, mas conhecia-a bem de mais para ser enganado: (*Mayombe*, 97)
352. Jantávamos juntos quase todos os dias e ela confidenciava-me as suas amarguras. (*Mayombe*, 97)
353. Eu, sub-repticiamente, levava-a a aperceber-se da vaidade do outro, das suas pretensões, das suas ideias atrasadas. (*Mayombe*, 97)
354. Sem Medo tirou os pés da água e esfregou-os distraidamente. (*Mayombe*, 97)

355. Nessa noite convidei-a a minha casa. (*Mayombe*, 97)
356. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. (*Mayombe*, 97)
357. O Comandante calou-se, os olhos perdidos no vago. (*Mayombe*, 97)
358. Enquanto estivemos separados, habituei-me à nova personalidade que me forjara. (*Mayombe*, 97)
359. Quando era miúdo, escondia-me para inventar aventuras extraordinárias em que participava.... (*Mayombe*, 78)
360. A Revolução deu-me oportunidade de as criar na ação. (*Mayombe*, 78)
361. Mas isso tudo leva-nos longe do assunto principal e não jantei por causa dele... (*Mayombe*, 79)
362. Talvez ainda não tenha topado muito bem e as complicações teóricas baralham-no... (*Mayombe*, 79)
363. Complicações que ele vê, mas que não existem, entenda-se! (*Mayombe*, 80)
364. O papo abriu-me o apetite. (*Mayombe*, 80)
365. A mim, levantou-me o moral. (*Mayombe*, 80)
366. oram para a casa do Comando, livres como as volutas de fumo que se libertavam na mata. Tranquilizados, Muatiânvua e os companheiros foram-se deitar. (*Mayombe*, 80)
367. O diamante entrou-lhe no peito, chupou-lhe a força, chupou, até que ele morreu. (*Mayombe*, 81)
368. A imensidão do mar que nada pode modificar ensinou-me a paciência. (*Mayombe*, 82)
369. O cano encostou-se-lhe ao ventre. (*Mayombe*, 95)
370. Entrei em casa e disse-lho. Ela não acreditou. (*Mayombe*, 98)
371. Então vocês agora metem-se com as mulheres dos outros? (*Mayombe*, 102)
372. Um deles, no cume da montanha, pôs-se a chorar, a dizer que não avançava mais. (*Mayombe*, 102)
373. Outro disse-lhe: (*Mayombe*, 102)
374. O café pode-se arranjar. (*Mayombe*, 108)
375. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para a discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. (*Mayombe*, 109)
376. Os olhos de Sem Medo desciam sensualmente pelas vertentes escarpadas da Huíla ou pelas doces vertentes do Huambo e deleitavam-se, espalhando-se no mar.. (*Mayombe*, 110)
377. O sonho leva-me a criar o futuro. (*Mayombe*, 111)
378. Ela sentou-se num banco, as mãos entre as coxas. (*Mayombe*, 111)
379. Ondina levantou o braço e deixou-o cair, em seguida, desalentada. (*Mayombe*, 112)
380. Ele parou o jipe, deu-me boleia. (*Mayombe*, 112)
381. Não irias assim para o capim, conheço-te. (*Mayombe*, 112)
382. Ela fitou-o, viu as mãos que se revolviam. (*Mayombe*, 112)
383. Ele beijou-me no jipe. (*Mayombe*, 112)
384. Eu sentia-me só, André é um belo homem. (*Mayombe*, 112)
385. Ele agradava-me como homem, é tudo. (*Mayombe*, 113)
386. Ela repeliu-o docemente. (*Mayombe*, 113)
387. Eu amo-te, Ondina. (*Mayombe*, 113)
388. Ele afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe o pescoço. (*Mayombe*, 113)
389. Ondina deixou-se abraçar. (*Mayombe*, 113)
390. Quando procurou os lábios, ela libertou-se. (*Mayombe*, 113)
391. O Comissário abraçou-a com violência, apertou-a de encontro a si. (*Mayombe*, 114)
392. Ele despiu-se rapidamente, dominando-a, enquanto ela se debatia. (*Mayombe*, 114)

393. Ele acariciou-a brutalmente, depois derrubou-a sobre a cama. (*Mayombe, 114*)
394. Ele acariciou-a brutalmente, depois derrubou-a sobre a cama. (*Mayombe, 114*)
395. Ela saiu do torpor e afagou-lhe a cabeça. (*Mayombe, 114*)
396. Disse-te isso hoje, ofereceu-te o último cigarro. (*Mayombe, 116*)
397. Ela olhava-me a desafiar. (*Mayombe, 116*)
398. Olhei-a e ela fixava-me. (*Mayombe, 117*)
399. E ela aprestou-se ao complô, porque é uma vaca que gosta de homem e porque assim o seu Comissário vai subir. (*Mayombe, 117*)
400. Simples como água! Fui levado, mas desforrei-me. (*Mayombe, 117*)
401. De qualquer modo, estou-me marimbando. (*Mayombe, 117*)
402. Considerarão que sou um bom militante, pois autocritiquei-me. (*Mayombe, 117*)
403. E não me fazem baixar de posto, mandam-me para outro sítio. (*Mayombe, 117*)
404. Sem Medo sentiu-se só. (*Mayombe, 118*)
405. Sem Medo saltou para o jipe, Hungo sentou-se ao lado. (*Mayombe, 118*)
406. O Comandante não lhe respondeu, mas dirigiu-se ao quarto que fora designado para Ondina. (*Mayombe, 120*)
407. O João falou-me agora. (*Mayombe, 120*)
408. Sem Medo acendeu-lhe o cigarro. (*Mayombe, 120*)
409. Afinal enganara-se. (*Mayombe, 121*)
410. Depois de a reconquistar, senti-me liberto. (*Mayombe, 97*)
411. O hábito de ter outras mulheres levou-me à busca de outras mulheres. (*Mayombe, 97*)
412. Ela sabia-o, mas perdoava. Pensava que o fazia por vingança tardia. (*Mayombe, 97*)
413. Pus discos, dançámos e, por fim, ataquei-a. (*Mayombe, 97*)
414. Ao fim de dois meses, analisei-me profundamente. (*Mayombe, 98*)
415. «Acabou, já não gosto de ti, habituei-me a viver sem ti.» (*Mayombe, 98*)
416. Disse-me algumas verdades, falou-me por exemplo do meu orgulho sem limites que tudo sacrificava a ele. (*Mayombe, 98*)
417. Leli entretanto procurava-me, tentando recuperar-me. (*Mayombe, 98*)
418. A vida modelou-me para a guerra. (*Mayombe, 99*)
419. Sem Medo observou-o. (*Mayombe, 99*)
420. Sem Medo mergulhou e deixou-se ficar submerso até perder o fôlego. (*Mayombe, 99*)
421. Eu não o sabia ainda, deixei-me convencer pela vida sem histórias que levávamos. (*Mayombe, 100*)
422. Ela mais tarde mostrou-me os poemas. (*Mayombe, 100*)
423. E ele utilizou os golpes baixos: conhecia-me melhor que eu a ele. (*Mayombe, 100*)
424. A Esfinge ficava-me melhor. (*Mayombe, 100*)
425. Ao fim de um mês, a mulher abandonou-o. (*Mayombe, 101*)
426. Era casada, o marido abandonou-a, penso que por ter feito dela um capacho tal que se fartou de limpar os pés nela. (*Mayombe, 101*)
427. Eu já a conhecia antes, ela tinha um corpo bastante excitante, a ocasião ofereceu-se, aproveitei. (*Mayombe, 101*)
428. Depois do amor pôs-se a chorar, a dizer que já não merecia o marido, que era uma puta, etc. (*Mayombe, 101*)
429. Os guerrilheiros apontavam sempre os sítios e deleitavam-se a dizer os nomes. (*Mayombe, 102*)
430. Venceram o Cala-a-Boca e meteram-se pelo capim alto que fustigava os rostos e se introduzia na roupa, provocando comichões. (*Mayombe, 102*)
431. Angola apresentava-se atrás deles (*Mayombe, 102*)

432. O velho Kandimba trouxe-lhe meio pão. (*Mayombe, 102*)
433. Sem Medo comeu-o à porta, observando a rua. (*Mayombe, 102*)
434. Então vocês agora metem-se com as mulheres dos outros? (*Mayombe, 102*)
435. Kandimba passou-lhe a toalha. (*Mayombe, 102*)
436. É um escândalo para o Movimento, deixe-me ir embora. (*Mayombe, 103*)
437. Este sentou-se à frente da secretária. (*Mayombe, 104*)
438. Pega num grupo que aqui seja tribalista, separa-o e espalha-o noutra Região. (*Mayombe, 104*)
439. E complicam-se cada vez mais com o tempo que passa. (*Mayombe, 105*)
440. E não têm em conta outros fatores, ou subestimam-nos. (*Mayombe, 105*)
441. O velho serviu-os. (*Mayombe, 105*)
442. Geralmente, quando uma pessoa bebe, torna-se sincero. (*Mayombe, 106*)
443. Mas parece-me ser duro. É decidido, tem boa formação, tem conhecimentos de organização, é dinâmico. (*Mayombe, 108*)
444. Os olhos de Sem Medo iluminaram-se. (*Mayombe, 110*)
445. É que tu és mesmo mulher para ele, e o João sabe-o. (*Mayombe, 121*)
446. O Comissário deixou-se de novo cair sobre a cadeira. (*Mayombe, 122*)
447. O Comissário olhou-o em silêncio. (*Mayombe, 122*)
448. Então tu disseste-lhe que ela tem razão? (*Mayombe, 122*)
449. O Comissário levantou-se. (*Mayombe, 122*)
450. Tu traíste-me. (*Mayombe, 122*)
451. Então traí-te, João. (*Mayombe, 122*)
452. Tu querias-me só, como tu. (*Mayombe, 122*)
453. O Comissário levantou-se, devagar, esfregando a face. (*Mayombe, 123*)
454. Saiu, batendo com a porta. Tremendo, Sem Medo deixou-se cair na cadeira. (*Mayombe, 123*)
455. Os papéis acumulavam-se à sua frente (*Mayombe, 123*)
456. A mão ardia-lhe com a violência da bofetada. (*Mayombe, 123*)
457. Não, não beberia mais. Esvaziou o primeiro copo, encheu-o de novo. (*Mayombe, 123*)
458. A cerveja muito gelada provocou-lhe uma nevralgia. (*Mayombe, 123*)
459. O Comissário ameaçara-o. (*Mayombe, 123*)
460. A mulher viu-o agarrado ao ventre, rindo até às lágrimas. (*Mayombe, 123*)
461. Esvaziou o copo e levantou-se da mesa, sorridente. (*Mayombe, 124*)
462. Ao passar pela criada, cumprimentou-a, afagando-lhe a bunda. (*Mayombe, 124*)
463. Ele contou-me o mesmo discurso. (*Mayombe, 124*)
464. Ontem tinha-me rasgado um vestido, hoje rasgou o outro. (*Mayombe, 124*)
465. Mas depois deixou-se cair na cadeira. (*Mayombe, 125*)
466. Continuo a reagir como pai! Ele desembulha-se. (*Mayombe, 125*)
467. A forma é ainda infantil, dirás tu, mas a forma modifica-se depois. (*Mayombe, 125*)
468. — Ele ofendeu-te (*Mayombe, 125*)
469. Ele é que se criou um mito sobre mim, agora apercebe-se que estava enganado. (*Mayombe, 126*)
470. Ele apercebeu-se por si próprio e agora, pelo caminho, a cada passada, vai desmoronando a estátua que construía. (*Mayombe, 126*)
471. Vamos comer, que isto abriu-me o apetite. (*Mayombe, 126*)
472. a entrada em Angola não era bastante camuflada, prestava-se bem a ataques. (*Mayombe, 127*)
473. O Chefe do Depósito chegou, entrou no bureau e deixou-se cair numa cadeira. (*Mayombe, 127*)

474. Eu vi-**os** de todas as línguas e cores. (*Mayombe*,129)
475. Os guerrilheiros apreciam-**no** como Comandante, mas desconfiam dele porque é kikongo. (*Mayombe*,129)
476. Eu aprecio-**o** e não desconfio dele. (*Mayombe*,129)
477. As cidades pequenas põem-**me** doente. (*Mayombe*,130)
478. Mas as cidades pequenas, em que todos sabem tudo, põem-**me** doente. (*Mayombe*,130)
479. No outro dia observei-**te**. (*Mayombe*,130)
480. Não *me* vês como economista, vês-**me** então como? (*Mayombe*,131)
481. Ondina olhou-**o**. (*Mayombe*,132)
482. Sem Medo observou-**a** à vontade. (*Mayombe*,132)
483. No aspecto sexual, por exemplo, a tua moral por vezes impede-**te** de satisfazer os teus desejos? (*Mayombe*,132)
484. — Era o seu drama, dizia-**me** ele. (*Mayombe*,133)
485. – Sem Medo sorriu-**lhe** com ternura. (*Mayombe*,133)
486. Depois compreendi que nunca poderia ser como ele e conformei-**me**. (*Mayombe*,133)
487. Ela provocava-**me**, acariciava-me e eu fazia-me desentendido. (*Mayombe*,134)
488. Ela provocava-me, acariciava-**me** e eu fazia-me desentendido. (*Mayombe*,134)
489. Ela provocava-me, acariciava-me e eu fazia-**me** desentendido. (*Mayombe*,134)
490. Porque era mulher do meu amigo, o qual, aliás, estava-**se** marimbando para que eu dormisse com ela ou não. (*Mayombe*,134)
491. Um camarada perguntou-**lhe** se não ficou zangado. (*Mayombe*,134)
492. Ondina levantou os braços e deixou-**os** de novo cair. (*Mayombe*,134)
493. A barba aprofundava-**lhe** o aspecto de leão que dorme tranquilamente, seguro de si. (*Mayombe*,135)
494. Ao pé dele, Ondina sentia-**se** uma garota intimidada, precisando de se salientar para chamar a atenção sobre si. (*Mayombe*,135)
495. O desafio contra ele tornara-**se** impossível, o duelo não tinha sentido: (*Mayombe*,135)
496. Depois segurou-**lhe** num braço e puxou-a para si. (*Mayombe*,136)
497. Depois segurou-**lhe** num braço e puxou-**a** para si. (*Mayombe*,136)
498. Ondina levantou-**se** e seguiu-o, apertando as coxas para não gritar. (*Mayombe*,136)
499. Ondina levantou-se e seguiu-**o**, apertando as coxas para não gritar. (*Mayombe*,136)
500. Ela ia despir-**se** sofregamente, mas Sem Medo impediu-**a** com um gesto. (*Mayombe*,136)
501. A meio da noite, acenderam-**se** cigarros. (*Mayombe*,136)
502. Se alguém, por acaso, bater à porta, põe-**te** atrás dela. (*Mayombe*,136)
503. Só ergueu-**se** na cama e ofereceu-**lhe** o peito jovem. (*Mayombe*,137)
504. Só ergueu-se na cama e ofereceu-**lhe** o peito jovem. (*Mayombe*,137)
505. Sem Medo mordeu-**lhe** levemente o bico da mama e ela torceu-se para trás, entregando-se. (*Mayombe*,137)
506. Sem Medo mordeu-**lhe** levemente o bico da mama e ela torceu-**se** para trás, entregando-se. (*Mayombe*,137)
507. Ele afastou-**se**. (*Mayombe*,137)
508. Afagou-**lhe** as coxas com a mão livre e ela apertou-**lhe** a mão. (*Mayombe*,137)
509. Ele controlava-**se** demasiado, ou controlava-me demasiado, não sei. (*Mayombe*,137)
510. Ele controlava-se demasiado, ou controlava-**me** demasiado, não sei. (*Mayombe*,137)
511. Foi violento, apaixonado, pagava-**se**, desferrava-se, sem se preocupar com o prazer que despertava no outro. (*Mayombe*,137)
512. Foi violento, apaixonado, pagava-se, desferrava-**se**, sem se preocupar com o prazer que despertava no outro. (*Mayombe*,137)

513. Esmagou-o no cinzeiro e Ondina deitou-se sobre ele. (*Mayombe, 138*)
514. Sem Medo deixou-se abraçar. (*Mayombe, 138*)
515. Ela afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe a barba, os olhos. (*Mayombe, 138*)
516. Ela afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe a barba, os olhos. (*Mayombe, 138*)
517. Comigo, seria o contrário: ias-te submeter a mim. (*Mayombe, 138*)
518. Ondina encostou-se a ele e murmurou: (*Mayombe, 138*)
519. Sem Medo atrapalhou-se a vestir as calças, esqueceu Ondina, abriu a porta. (*Mayombe, 138*)
520. Ondina escondia-se atrás da porta, agora aberta. (*Mayombe, 139*)
521. Vewê agachou-se no chão para procurar as botas. (*Mayombe, 139*)
522. Sem Medo procurou as botas, enfiou-as, vestiu uma camisa de farda. (*Mayombe, 139*)
523. Ondina apertou-lhe as mãos. (*Mayombe, 139*)
524. Ondina deixou-se cair, soluçando, sobre a cama. (*Mayombe, 139*)
525. Sem Medo beijou-lhe a nuca e saiu, fechando cuidadosamente a porta. (*Mayombe, 139*)
526. Não sabia o que fazer, lembrei-me que deixei a pistola no quarto, fui buscar. (*Mayombe, 140*)
527. Lembrei-me do guarda, que estava do outro lado, fui-lhe avisar. (*Mayombe, 140*)
528. O Chefe do Depósito distribuiu-as. (*Mayombe, 140*)
529. Ela apertou-lhe as mãos. (*Mayombe, 141*)
530. Atravessaram a cidade adormecida e meteram-se pelo mato, a caminho da fronteira. (*Mayombe, 141*)
531. .. Sem Medo pôs-se a pensar nas três gerações de combatentes que estavam representadas por ele. (*Mayombe, 141*)
532. O camião tinha-se atrasado, por causa do pó. (*Mayombe, 141*)
533. Andaram mais uns quilómetros e o caminho tornou-se impraticável. (*Mayombe, 141*)
534. A fronteira manifestava-se por uma linha de montanhas coroadas de árvores. (*Mayombe, 141*)
535. Sem Medo pôs-se à frente da coluna, imprimindo-lhe um ritmo diabólico. (*Mayombe, 142*)
536. A noite de amor marcara-lhe profundamente as feições. (*Mayombe, 142*)
537. Este, de vez em quando, virava-se para trás e piscava-lhe o olho. (*Mayombe, 142*)
538. Sem Medo meteu-se à frente da coluna. (*Mayombe, 143*)
539. O Chefe de Operações pôs-se ao lado de Sem Medo. (*Mayombe, 143*)
540. Mundo Novo aproximou-se de Sem Medo. (*Mayombe, 143*)
541. Mas ele colou-se ao meu lado e não me lembrei do que já tinha feito antes. (*Mayombe, 144*)
542. É um miúdo corajoso, portou-se muito bem. (*Mayombe, 144*)
543. — Era! Mas ele portou-se bem. (*Mayombe, 144*)
544. Sem Medo deixou-o e foi ter com o Chefe de Operações. (*Mayombe, 144*)
545. O outro não respondeu, mas pôs-se a caminho. (*Mayombe, 144*)
546. Mundo Novo aproximou-se e, a seguir, o Chefe do Depósito. (*Mayombe, 145*)
547. Eles são sempre barulhentos, um acampamento tuga ouve-se a um quilómetro, à noite. (*Mayombe, 145*)
548. Mundo Novo instalou-se naturalmente no Comando, pensou Sem Medo. (*Mayombe, 145*)
549. E fica-lhe bem. (*Mayombe, 145*)
550. A última hipótese era a mais otimista, agarrava-se a ela. (*Mayombe, 145*)
551. A esperança instalava-se nele e adormecia. (*Mayombe, 145*)
552. Ondina sobrepunha-se então e a paz instalava-se nele. (*Mayombe, 145*)

553. Ondina sobrepunha-se então e a paz instalava-se nele. (*Mayombe*, 145)
554. Ondina estava ligada a João e trazia-o logo a seguir. (*Mayombe*, 145)
555. Mas roubavam-nos nos preços, o suor era pago por uns tostões sem valor. (*Mayombe*, 146)
556. Os brancos durante séculos massacraram-nos, porque não massacrá-los? (*Mayombe*, 146)
557. A Base era o seu filho, criou-a contra todos. (*Mayombe*, 146)
558. Bateu no ombro do Chefe de Operações e apercebeu-se de que ele já estava acordado. (*Mayombe*, 147)
559. A angústia ganhou-o. (*Mayombe*, 147)
560. essa é a sua ocasião de dominar e, se de fato impôs a sua lei, contenta-se com a derrota. (*Mayombe*, 148)
561. Mundo Novo chegou-se a ele e sussurrou: (*Mayombe*, 149)
562. Os guerrilheiros sentaram-se silenciosamente. (*Mayombe*, 149)
563. Sem Medo pôs-se de pé e segredou aos homens: (*Mayombe*, 149)
564. Sem Medo recebeu-o como um primeiro sinal de boas vindas. (*Mayombe*, 149)
565. Despiu-se totalmente e meteu-se na água. (*Mayombe*, 150)
566. Os homens que estavam na margem esquerda do regato atravessaram-no e juntaram-se aos outros. (*Mayombe*, 150)
567. Os homens que estavam na margem esquerda do regato atravessaram-no e juntaram-se aos outros. (*Mayombe*, 150)
568. O mulato ouviu o barulho duma pedrinha rolando na falésia e virou-se.. (*Mayombe*, 150)
569. Os braços foram-se afastando lentamente do corpo, até ficar na posição de Cristo na cruz. (*Mayombe*, 150)
570. O Comandante baixou a arma e mostrou-se. (*Mayombe*, 150)
571. Os guerrilheiros aproximavam-se do alto da falésia. (*Mayombe*, 150)
572. O Comandante, incrédulo, aliviado, sem compreender nada, virou-se para os seus homens. (*Mayombe*, 151)
573. Os guerrilheiros viraram-se para baixo e viram Teoria. (*Mayombe*, 151)
574. A ordem transmitiu-se a todos os guerrilheiros. (*Mayombe*, 151)
575. Os homens olhavam-se, apalpavam-se para ver que em face de si estavam companheiros, e abraçavam-se. (*Mayombe*, 151)
576. Os homens olhavam-se, apalpavam-se para ver que em face de si estavam companheiros, e abraçavam-se. (*Mayombe*, 151)
577. Os homens olhavam-se, apalpavam-se para ver que em face de si estavam companheiros, e abraçavam-se. (*Mayombe*, 151)
578. Mas o Comissário percebeu o gesto e estendeu-lhe uma mão fria. (*Mayombe*, 151)
579. Apertou-lhe molemente a mão. (*Mayombe*, 151)
580. Correu para o seu catre e deitou-se nele. (*Mayombe*, 151)
581. Acendeu o seu primeiro cigarro e consumiu-o raivosamente. (*Mayombe*, 151)
582. Os responsáveis foram-se reunindo na casa do Comando. (*Mayombe*, 151)
583. O Comissário sentou-se no catre. (*Mayombe*, 151)
584. — Estávamos de prevenção, tínhamos cavado abrigos, tínhamos-te enviado para
585. Trouxe tanta gente, arrancou-os das camas, paralisou todo o trabalho do Movimento em Dolisie, e ainda ri? (*Mayombe*, 152)
586. Vewê encolhia-se num canto, fascinado pelo Comandante. (*Mayombe*, 152)
587. Mas eu disse-lhe que ouvi gritar «apanha vivos» e puxei-o para fora. (*Mayombe*, 152)
588. Mas eu disse-lhe que ouvi gritar «apanha vivos» e puxei-o para fora. (*Mayombe*, 152)
589. Teriam de ir dois e o efetivo reduzia-se demasiado. (*Mayombe*, 153)

590. Silêncio fez-se. (*Mayombe, 153*)
591. Este fumava, fixando o teto. O cigarro tremia-lhe na mão. (*Mayombe, 153*)
592. Nunca combateu, falta-lhe sangue-frio. (*Mayombe, 153*)
593. Entretanto, os civis regressariam a Dolisie e tentava-se enviar mais guerrilheiros para a zona. (*Mayombe, 154*)
594. Sem Medo e o Comissário despediram-se com um frio aperto de mão. (*Mayombe, 154*)
595. quando há que defender um camarada, esquece tudo e atira-se para a frente. (*Mayombe, 154*)
596. Ele forja-se a couraça dum Comandante, couraça cheia de espinhos agressivos, e eu vejo-o ainda como larva de borboleta. (*Mayombe, 155*)
597. Ele forja-se a couraça dum Comandante, couraça cheia de espinhos agressivos, e eu vejo-o ainda como larva de borboleta. (*Mayombe, 155*)
598. Sem Medo olhou-a e perturbou-se. (*Mayombe, 155*)
599. Sem Medo olhou-a e perturbou-se. (*Mayombe, 155*)
600. Ela fitava-o, num convite mudo. (*Mayombe, 155*)
601. Sem Medo atirou-se, vestido, para o sítio que o corpo dela marcara (*Mayombe, 156*)
602. O calor que vinha da cama penetrava-o, o desejo entrou nele com violência. (*Mayombe, 156*)
603. Ondina-Leli atirava-se no vazio para cair nos seus braços. (*Mayombe, 156*)
604. Pioneiros ofereceram-se e três foram aceites para municiar os morteiros. (*Mayombe, 156*)
605. Tu serves-te dos homens, neste momento é necessário. (*Mayombe, 157*)
606. Eu não posso manipular os homens, respeito-os demasiado como indivíduos. (*Mayombe, 157*)
607. O Comandante ficou um segundo hesitante, depois, num ímpeto, abraçou-o. (*Mayombe, 158*)
608. Depois indicou-lhe o sítio onde dormir. (*Mayombe, 159*)
609. Sem Medo esforçou-se por adormecer, mas não o conseguiu. (*Mayombe, 159*)
610. — Neste momento amo-te. (*Mayombe, 159*)
611. Ela acariciou-lhe a cabeça. (*Mayombe, 159*)
612. Ela aninhou-o no seu seio. (*Mayombe, 159*)
613. Amo-te e, ao mesmo tempo, fazes-me medo, pois és demasiado senhor de ti. (*Mayombe, 159*)
614. Mundo Novo encarregava-se de tudo para ele poder descansar. (*Mayombe, 160*)
615. Ela abraçou-o. (*Mayombe, 161*)
616. — O teu homem é o João, mete-o bem na cabeça. (*Mayombe, 161*)
617. Às quatro horas, Sem Medo levantou-se. (*Mayombe, 161*)
618. A presença do Comandante colocava-o em posição subalterna. (*Mayombe, 161*)
619. O Comissário pegou na arma de maus modos e seguiu-o ao rio. (*Mayombe, 161*)
620. Sem Medo sentou-se no tronco habitual. (*Mayombe, 161*)
621. — Estaremos muito perto e do morro o acampamento vê-se bem. (*Mayombe, 162*)
622. Não queriam que ele combatesse, davam-lhe os comunicados de guerra para escrever. (*Mayombe, 163*)
623. A progressão até ao Pau Caído passou-se normalmente. (*Mayombe, 163*)
624. O grupo de artilharia separou-se, foi ganhar o morro onde pernoitaria. (*Mayombe, 163*)
625. Nessa altura, deslocou-se o grupo de bazukeiros, comandado pelo Chefe de Operações. (*Mayombe, 163*)
626. O grupo de assalto mantinha-se naquele local, e começaria a progressão às cinco e meia da manhã. (*Mayombe, 163*)

627. Sem Medo aproximou-se de Teoria. (*Mayombe, 163*)
628. Vê-se que é ainda um bocado forçado, mas fica-lhe bem. (*Mayombe, 164*)
629. Ondina tentava agarrá-lo, puxá-lo para o calor do seu seio e ele debatia-se. (*Mayombe, 164*)
630. Ondina domesticava os homens e ele, no fundo, sentia-se fraco contra ela. (*Mayombe, 164*)
631. Ele começava a envelhecer, a repartir o prazer, a solidão pesava-lhe. (*Mayombe, 164*)
632. O seu «não» saiu-lhe como um suspiro de alívio. (*Mayombe, 164*)
633. Sem Medo segredou-lhe: (*Mayombe, 164*)
634. Os problemas do Movimento resolvem-se, fazendo a ação armada. (*Mayombe, 164*)
635. A mobilização do povo de Cabinda faz-se desenvolvendo a ação. (*Mayombe, 164*)
636. Os problemas pessoais resolvem-se na ação. (*Mayombe, 164*)
637. O Comissário aproximou-se. (*Mayombe, 164*)
638. Os dois grupos dividiram-se, fechando completamente a fuga do inimigo. (*Mayombe, 165*)
639. Sem Medo deitou-se, esfregando a face contra uma liana. (*Mayombe, 165*)
640. era um personagem; mas ele arrancara-lhe a capa, o personagem era destruído. (*Mayombe, 165*)
641. Sem Medo observou-os. (*Mayombe, 165*)
642. PanguAkitina sorriu-lhe. (*Mayombe, 165*)
643. O primeiro grupo inimigo que compreendeu o que se passava precipitou-se para uma trincheira. (*Mayombe, 165*)
644. Milagre levantou-se, avançou dois passos e lançou um obus que aniquilou os inimigos antes que se instalassem convenientemente na trincheira. (*Mayombe, 165*)
645. O Comissário levantou a cabeça e olharam-se. (*Mayombe, 166*)
646. Sem Medo fez-lhe um gesto imperioso de parar. (*Mayombe, 166*)
647. O grupo de Sem Medo fez fogo e eles deixaram-se cair num talude, ficando abrigados do fogo. (*Mayombe, 166*)
648. João apercebera-se da existência do talude e avançou para ficar à frente do inimigo, quando este se metesse na vala. (*Mayombe, 166*)
649. Teoria seguiu-o imediatamente. (*Mayombe, 166*)
650. Teoria abaixou-se para ele. (*Mayombe, 166*)
651. Ekuikui tocou-lhe no braço. (*Mayombe, 167*)
652. Os guerrilheiros perseguiam-no. (*Mayombe, 167*)
653. A Breda calara-se para sempre. João debruçou-se sobre Sem Medo. (*Mayombe, 167*)
654. Este apertou-lhe o ombro. (*Mayombe, 167*)
655. — A Ondina grama-te. (*Mayombe, 168*)
656. Os guerrilheiros agitavam-se. (*Mayombe, 168*)
657. Uma brisa ligeira levantou-se e farrapos brancos de flores de mafumeira caíram docemente. (*Mayombe, 168*)
658. O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. (*Mayombe, 169*)
659. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral (*Mayombe, 169*)
660. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. (*Mayombe, 169*)
661. Os homens olharam o vulto do Comandante e viram-lhe o sorriso nos lábios. Sorria à vida ou à morte? (*Mayombe, 169*)
662. Um a um, os guerrilheiros ajoelharam-se ao lado dele e imitaram-no. (*Mayombe, 169*)
663. Um a um, os guerrilheiros ajoelharam-se ao lado dele e imitaram-no. (*Mayombe, 169*)

664. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição. (*Mayombe*, 169)
665. Puseram os corpos do Comandante e de Lutamos no buraco e taparam-nos. (*Mayombe*, 170)
666. Os homens dividem-se dos dois lados da fronteira. (*Mayombe*, 171)
667. Agora trata-se de agir com muita cautela. (*Mayombe*, 92)
668. Isso libertou-a de mim, mas, ao mesmo tempo, chocou-a. (*Mayombe*, 96)
669. Isso libertou-a de mim, mas, ao mesmo tempo, chocou-a. (*Mayombe*, 96)
670. Mas isso passa-lhe! (*Mayombe*, 80)
671. Vamos deixar passar a vaga, preparar as coisas para outra missão e depois reúne-se, quando o ambiente esfriar. (*Mayombe*, 80)
672. Isso aliás dá-me força para combater. (*Mayombe*, 99)
673. Enfim, isso pode-se discutir, mas ainda não almocei... (*Mayombe*, 105)
674. Isso passa-lhe. (*Mayombe*, 107)
675. — Depois despiu-me. (*Mayombe*, 124)
676. Isso disseram-me os velhos dos Dembos e isso diz a história do MPLA. (*Mayombe*, 146)
677. Isso passa-lhe! (*Mayombe*, 155)
678. — Isso aprende-se. (*Mayombe*, 158)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

0

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. Topa-se bem que estás à rasca, embora tentes esconder. (*Mayombe*, 5)
2. Sentou-se numa pedra e ficou a observar Sem Medo. (*Mayombe*, 9)
3. Ofereço-me sempre para as missões, mesmo contra a opinião do Comando. (*Mayombe*, 10)
4. Ofereci-me. (*Mayombe*, 10)
5. Calem-se, porra! – disse o Comandante. (*Mayombe*, 12)
6. Espantou-se ao ver o Comissário com cara de caso e, mais atrás, o Chefe de Operações. (*Mayombe*, 12)
7. Fazia-o por hábito, o seu passado de caçador nos planaltos do Centro tinha-o marcado. (*Mayombe*, 12)
8. Chegou-se ao Comandante e disse: (*Mayombe*, 13)
9. Reuniram-se os três. (*Mayombe*, 13)
10. Cerquem-nos e, às dez em ponto, prendam-nos. (*Mayombe*, 14)
11. Leva-nos lá. (*Mayombe*, 16)
12. Encontraram-se então com o grupo do Chefe de Operações. (*Mayombe*, 17)

13. E demos-lhe mesmo uma Guia de Marcha – disse Sem Medo, de mau humor. (*Mayombe*, 17)
14. Bazukem-no e depois metam fogo – ordenou o Comandante. (*Mayombe*, 17)
15. Perguntou-lhe: (*Mayombe*, 18)
16. Levantou-se e foi à mata. (*Mayombe*, 19)
17. Fizemo-vos mal? (*Mayombe*, 21)
18. Confessei-me na manhã seguinte e escondi o fato, pois seria expulso. (*Mayombe*, 22)
19. Despediram-se dos trabalhadores, o mecânico dizendo que não tinha importância, era pouco dinheiro. (*Mayombe*, 22)
20. Roubara-a durante a noite. (*Mayombe*, 24)
21. Calou-se um momento, observando o professor: Teoria ouvia, o ar impenetrável. (*Mayombe*, 25)
22. Defendi-me como pude, mais do medo que ele me inspirava que propriamente dos murros que recebia. (*Mayombe*, 25)
23. Deixaram-se cair numa espécie de clareira, controlaram o grupo para ver se estavam todos. (*Mayombe*, 28)
24. Limitou-se a deitar-lhe um bocado de álcool sobre o ferimento. (*Mayombe*, 28)
25. Restava-lhes o arroz e as latarias, aliás raras. (*Mayombe*, 29)
26. Deixa-se levar pelo Comandante, está sempre contra o Chefe de Operações. (*Mayombe*, 29)
27. Abraçavam-se, nus, à sombra confidente dos coqueiros, e deixavam-se cair na areia. (*Mayombe*, 31)
28. Sentia-se mal, a angústia irradiara do ventre para o peito e a respiração tornava-se ofegante. (*Mayombe*, 31)
29. Encontramo-nos na Base. (*Mayombe*, 35)
30. Ao meio-dia chegaram perto duma aldeia: ouviam-se gritos e choros de crianças. (*Mayombe*, 35)
31. Abraçaram-se às lianas, cobriram-se com as folhas que dos seus braços nasciam, e prepararam-se para ali passar a noite. (*Mayombe*, 36)
32. Viste-o recuar? – perguntou o Comandante. (*Mayombe*, 32)
33. Entregamos-lhe o dinheiro e pedimos desculpa... (*Mayombe*, 34)
34. Restava-lhe um, que seria guardado para o dia seguinte. (*Mayombe*, 34)
35. Afastaram-se de novo para prepararem o almoço. (*Mayombe*, 35)
36. Emboscaram-se ao lado dele. (*Mayombe*, 36)
37. Deixaram-na passar. (*Mayombe*, 36)
38. Trouxemos-lhe o seu dinheiro – disse o Comissário. (*Mayombe*, 36)
39. Encontrámo-lo sem problemas. (*Mayombe*, 38)
40. Ofereceu-nos mesmo o dinheiro. (*Mayombe*, 38)
41. Formam-se aqui – disse o Comissário. (*Mayombe*, 43)
42. Encontravam-se na casa do Comando, lugar de reunião à tardinha, antes de ouvirem a emissão de rádio do MPLA. (*Mayombe*, 43)
43. Quer-se engrossar o efetivo à toa, não se olha à qualidade. (*Mayombe*, 43)
44. Acho-te uma piada! (*Mayombe*, 44)
45. Ficam-te bem esses sentimentos! Por isso a minha escolha é justa. (*Mayombe*, 44)
46. Pode-se encontrar. (*Mayombe*, 47)
47. Fala-me dos que conheço, dos homens que conheci. (*Mayombe*, 48)
48. E misturou-se a eles, enquanto Mundo Novo perseguia teimosamente com o olhar as lianas... (*Mayombe*, 49)

49. Recuso-me a acreditar no que diz Sem Medo. (*Mayombe*, 49)
50. Virou-lhe as costas e partiu para a sala. (*Mayombe*, 51)
51. Vieram-me dizer que te viram no bar (*Mayombe*, 52)
52. Aproximaram-se. Os olhos dela brilharam. (*Mayombe*, 52)
53. Beijaram-se. Estava perdoado, pensou ele. (*Mayombe*, 52)
54. Vieram-me chamar de urgência. (*Mayombe*, 53)
55. Guardou-o com a sensação de que estava a ser comprado: era o preço da sua compreensão. (*Mayombe*, 53)
56. Sentaram-se à mesa e logo apareceram mais cinco que se sentaram e mais a mulher de André. (*Mayombe*, 53)
57. Cruzou-se com Verdade, que acompanhava uma mulher. (*Mayombe*, 54)
58. Prepara-te para partir esta noite. (*Mayombe*, 54)
59. Prepara-te! (*Mayombe*, 54)
60. Mando-o, porque lá há pouco efetivo, porque veio para uma missão que já cumpriu. (*Mayombe*, 54)
61. Mentiam-se depois um ao outro, dizendo terem tido um vivo prazer. (*Mayombe*, 54)
62. encontravam-se por dois ou três dias, de dois em dois meses, ou mais. (*Mayombe*, 54)
63. Recusava-se a aceitar que estavam no impasse. (*Mayombe*, 55)
64. Preocupa-se com certas pessoas, não com os militantes. (*Mayombe*, 55)
65. Veio-me agora uma ideia. (*Mayombe*, 55)
66. Deixa-te disso! (*Mayombe*, 55)
67. Deu-te 500 francos e ainda refilas! (*Mayombe*, 55)
68. Ora, trata-a como mãe dos seus filhos... (*Mayombe*, 55)
69. Fala-me do combate. O Comissário obedeceu-lhe, contando o que se passara. (*Mayombe*, 56)
70. Calaram-se, pensando os dois em Sem Medo. (*Mayombe*, 56)
71. Debruçou-se sobre ele e viu-lhe a ruga na fronte. (*Mayombe*, 56)
72. Afagou-lhe os cabelos. (*Mayombe*, 56)
73. Acompanho-te – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 59)
74. Atirou-a sobre o capim. (*Mayombe*, 59)
75. Calou-se, riu silenciosamente, afagando a AKA. (*Mayombe*, 60)
76. Fizera-o com ele e com outros mais. (*Mayombe*, 61)
77. Sentaste-te sem pedir licença, como se fosse a tua cama. (*Mayombe*, 63)
78. Sai-me daqui, desaparece! (*Mayombe*, 63)
79. Sentou-se no catre. (*Mayombe*, 63)
80. Vão-se resolver como? (*Mayombe*, 65)
81. Vão-se resolver, é o que eu digo. (*Mayombe*, 65)
82. Lembras-te do grupo do Tomás Ferreira assassinado pela UPA? (*Mayombe*, 65)
83. Irritaram-no e depois calaram-se, para ser ele a enterrar-se. (*Mayombe*, 66)
84. Levantou-se, pegou na AKA, chamou Lutamos e Muatiânvua. (*Mayombe*, 68)
85. Sentaram-se no alto do monte, vigiando o horizonte. (*Mayombe*, 69)
86. Sentaram-se sobre um tronco caído, à entrada da Base, as armas nos joelhos. (*Mayombe*, 72)
87. Deve-se dizer que o Partido é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado. (*Mayombe*, 76)
88. Respondi-lhe que não recuarás porque as tuas razões de lutar são sinceras. (*Mayombe*, 77)
89. Disseram-me: está ali o Sem Medo, o chefe de seção Sem Medo. (*Mayombe*, 77)
90. Apertou-lhe o braço. (*Mayombe*, 78)

91. Tornou-se um mediador entre os adversários, em vez de juiz. (*Mayombe*, 83)
92. Parece-me que há três tipos de indivíduos perante a prisão – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 84)
93. Vejo-te no segundo grupo – disse Teoria. (*Mayombe*, 85)
94. — Parecia-me há pouco que não estavas totalmente seguro da tua posição. (*Mayombe*, 86)
95. Restam-me três. (*Mayombe*, 88)
96. Entrega-a. (*Mayombe*, 89)
97. Deitou-se na cama, fixando o capim do teto, a carta na mão. (*Mayombe*, 90)
98. Parece-me que o camarada Comandante tem de ir lá. (*Mayombe*, 90)
99. — estou-me marimbando. (*Mayombe*, 91)
100. Considerem-me desertor, se quiserem. (*Mayombe*, 91)
101. Estou-me cagando para os problemas políticos! (*Mayombe*, 92)
102. Passou-lhe um braço pelo ombro. (*Mayombe*, 93)
103. Levantou-se, pegou na arma e caminhou para trás, em direção da Base. (*Mayombe*, 94)
104. Ergueu-se num repelão. (*Mayombe*, 94)
105. Vou-me embora. (*Mayombe*, 94)
106. Deixa-me passar! (*Mayombe*, 94)
107. Sentaram-se sobre um tronco. (*Mayombe*, 95)
108. Acendeu-lhe o cigarro sem ripostar. (*Mayombe*, 95)
109. Contou-me que não tivera coragem de ir ter com o outro, dormira na casa duma amiga. (*Mayombe*, 96)
110. Disse-lhe que não queria mais nada com ela, ia arranjar uma outra mulher. (*Mayombe*, 96)
111. Vi-a desamparada. (*Mayombe*, 96)
112. Deixei-a desiludir-se completamente do outro. (*Mayombe*, 97)
113. Mas a ele... Disse-o de uma maneira superficial, talvez mais para saber a minha opinião. (*Mayombe*, 97)
114. Provoquei-o e lutámos. (*Mayombe*, 78)
115. Chamou-o a sós! (*Mayombe*, 79)
116. Enfrentavam-se agora sobre o caminho, o Comissário segurando a arma com as duas mãos... (*Mayombe*, 92)
117. Deste-me a única boa notícia que ouvi desde há anos. (*Mayombe*, 111)
118. Tomaram-no em silêncio. (*Mayombe*, 111)
119. Fazes-me lembrar os velhos funcionários que temem a concorrência das novas gerações. (*Mayombe*, 111)
120. Vou-me embora e tu encontrarás outra mulher. (*Mayombe*, 112)
121. Conheces-me, João? (*Mayombe*, 112)
122. Sei lá. Apeteceu-me. (*Mayombe*, 112)
123. Vou-me embora e tu encontrarás outra mulher. (*Mayombe*, 112)
124. Viu-nos voltar ao jipe. (*Mayombe*, 113)
125. Beijou-lhe os lábios, quase mordendo. (*Mayombe*, 114)
126. Diz-me que ficas comigo. (*Mayombe*, 114)
127. Deixas-me só? (*Mayombe*, 115)
128. Disse-te isso hoje, ofereceu-te o último cigarro. (*Mayombe*, 116)
129. Enfrenta-o já hoje. (*Mayombe*, 116)
130. Desintoxica-te de vez, és suficientemente forte para aguentar, não precisas de ir diminuindo o vício gradualmente. (*Mayombe*, 116)

131. Liberta-te, João, salta no abismo, recusa o último cigarro. (*Mayombe*, 116)
132. Eis-me no comboio, a caminho de Brazzaville, a caminho do desterro, sentado à frente dum homem que não responde senão por monossílabos (*Mayombe*, 116)
133. Olhei-a e ela fixava-me. (*Mayombe*, 117)
134. Foi-lhe fácil convencer o Comissário, que só faz o que ele quer e que tem ambições. (*Mayombe*, 117)
135. Conheço-o. (*Mayombe*, 120)
136. Trata-se dum guerrilheiro teu. (*Mayombe*, 118)
137. Vontade de beber uma cerveja. Meteu-se a caminho da cadeia. (*Mayombe*, 118)
138. Tiraram-me os miúdos, não mereço confiança para os educar. (*Mayombe*, 120)
139. Conheço-o. (*Mayombe*, 120)
140. Sentou-se também na cama. (*Mayombe*, 120)
141. Conheço-me. (*Mayombe*, 121)
142. Respeito-o demasiado para abusar dele. (*Mayombe*, 121)
143. Analisei-me e vi que estava liberto. (*Mayombe*, 98)
144. Repeti-lho: (*Mayombe*, 98)
145. Poupo-te a descrição da cena. (*Mayombe*, 98)
146. Disse-me algumas verdades, falou-me por exemplo do meu orgulho sem limites que tudo sacrificava a ele. (*Mayombe*, 98)
147. Recuperaste-a só para a deixares a seguir, para satisfazer o teu amor-próprio. (*Mayombe*, 98)
148. Tornei-me demasiado independente. (*Mayombe*, 79)
149. Podia-se dizer que havia uma semana não se alimentavam devidamente. (*Mayombe*, 83)
150. Vou-te provar que me gramas. (*Mayombe*, 114)
151. Deixou-se cair aos seus pés e soluçou baixo. (*Mayombe*, 114)
152. Ligou-me fatalmente a ela, num sentimento que não é de maneira nenhuma o amor, mas que me amarrou. (*Mayombe*, 98)
153. Tornou-se o meu nome de guerra, até que me deram a alcunha de Sem Medo, nem sei porquê. (*Mayombe*, 100)
154. Deixa-te disso! Moral revolucionária, nada. (*Mayombe*, 106)
155. Tirei-lhe a Leli quando o quis. (*Mayombe*, 100)
156. Levantaram-se e partiram para a Base, sem falar. (*Mayombe*, 102)
157. Arranja-me um pão, mais velho. (*Mayombe*, 102)
158. Vão-me matar, eu sei que me vão matar. (*Mayombe*, 103)
159. Levantou-se da cadeira, agarrou o braço do dirigente. (*Mayombe*, 103)
160. Deixe-me ir embora. (*Mayombe*, 103)
161. Vão-me matar. (*Mayombe*, 103)
162. Deixa-te de chorar como uma galinha – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 103)
163. Agoniava-o ver homens aterrorizados pela morte: um comportamento de traidor. (*Mayombe*, 104)
164. Levantaram-se e foram para o quarto ao lado. (*Mayombe*, 105)
165. Encostaram-se à varanda. (*Mayombe*, 108)
166. Levantaram-se da mesa (*Mayombe*, 108)
167. Encostaram-se à varanda. (*Mayombe*, 108)
168. Pensa-se nisso. (*Mayombe*, 109)
169. Agrada-te a ideia? (*Mayombe*, 109)
170. segurou-lhe no braço. (*Mayombe*, 121)
171. Compreendes-me? (*Mayombe*, 121)

172. Disseste-**lhe** mesmo que ela fazia bem. (*Mayombe, 122*)
173. Traíste-**me**, Sem Medo. (*Mayombe, 122*)
174. Traí-**te**. (*Mayombe, 122*)
175. Querias-**me** a mim e por isso deixaste-me ir até ao fracasso. (*Mayombe, 123*)
176. Desprezo-**te**. (*Mayombe, 123*)
177. Levantou-**se** e caminhou pela sala. (*Mayombe, 123*)
178. Sentou-**se** na mesa do canto e encomendou uma cerveja. (*Mayombe, 123*)
179. Bebeu-**a** pelo gargalo até ao fim e pediu outra. (*Mayombe, 123*)
180. Levou-**a** para o bureau e fechou a porta. (*Mayombe, 124*)
181. Sentou-**a** à secretária (*Mayombe, 124*)
182. Tinha-**te** dito que ele se tornava homem, viste já um pouco que é verdade. (*Mayombe, 125*)
183. Introduziram-**no** no bureau. (*Mayombe, 126*)
184. Admirou-**se** ao ver Sem Medo. (*Mayombe, 126*)
185. — Avisaste-**o**? (*Mayombe, 126*)
186. — Faça-**me** a lista desses (*Mayombe, 127*)
187. Eis-**me** agora a resolver problemas de par de calças, pensou ele. (*Mayombe, 128*)
188. Podias-**me** convidar a passear. (*Mayombe, 130*)
189. Sentaram-**se** no chão de cimento, contemplando as estrelas e os quintais vazios. (*Mayombe, 130*)
190. Via-**a** difusamente pela luz que vinha do candeeiro da rua. (*Mayombe, 132*)
191. Achas-**me** um tipo sem moral? (*Mayombe, 132*)
192. — Dá-**me** um cigarro. (*Mayombe, 134*)
193. — Tinha-**o** esquecido. (*Mayombe, 135*)
194. — És uma boa aluna! Repetes-**me** o que *te* lancei no outro dia... (*Mayombe, 135*)
195. Vencera-**a** com a tranquilidade de quem está habituado a vencer e já não dá importância à vitória. (*Mayombe, 135*)
196. Virou-**se** para ela. (*Mayombe, 136*)
197. Deixou-**se** penetrar aos poucos pelo desejo dela, crescendo nele o seu. (*Mayombe, 136*)
198. Abraçou-**a**. (*Mayombe, 136*)
199. Beijaram-**se** longamente. (*Mayombe, 136*)
200. Afiou-**lhe** as coxas com a mão livre e ela apertou-**lhe** a mão. (*Mayombe, 137*)
201. Esmagou-**o** no cinzeiro e Ondina deitou-**se** sobre ele. (*Mayombe, 138*)
202. Ele aceitou-**a**. (*Mayombe, 138*)
203. Sinto-**me** como um animal selvagem que tem de ser domado. (*Mayombe, 138*)
204. Ele abanou a cabeça. Beijou-**a**. (*Mayombe, 138*)
205. — Procura-**me** aqui o raio das botas... (*Mayombe, 139*)
206. Devem-**se** ter atrapalhado. (*Mayombe, 140*)
207. Lembrei-**me** do guarda, que estava do outro lado, fui-**lhe** avisar. (*Mayombe, 140*)
208. Encontramo-**nos** no bureau. (*Mayombe, 140*)
209. — Promete-**me** que farás tudo. (*Mayombe, 141*)
210. — Encontrei-**o**. (*Mayombe, 141*)
211. Abraçaram-**se**. (*Mayombe, 142*)
212. — Aproximámo-**nos** do Pau Caído, vimos muitos rastos. (*Mayombe, 142*)
213. — Deixa-**te** disso! (*Mayombe, 143*)
214. Deitaram-**se** sem comer. (*Mayombe, 143*)
215. Deitaram-**se** no chão, lado a lado, os corpos tocando-**se**. (*Mayombe, 144*)
216. Ouviam-**se** vozes abafadas na Base. (*Mayombe, 144*)

217. Mantiveram-se deitados uns bons quinze minutos. (*Mayombe*,144)
218. Deitaram-se ao lado um do outro, sem vontade de falar. (*Mayombe*,145)
219. Dividiram-se em dois grupos de cerca de vinte homens cada. (*Mayombe*,147)
220. A água estava fria e a roupa molhada colava-se em arrepios ao corpo. (*Mayombe*,149)
221. Despiu-se totalmente e meteu-se na água. (*Mayombe*,150)
222. Abraçaram-se apertadamente. (*Mayombe*,151)
223. Pareceu-lhe que o ia atacar. (*Mayombe*,151)
224. Teoria deu-lhe uma rajada e a seguir uma outra. (*Mayombe*,151)
225. — Vergo-me à maioria do Comando. (*Mayombe*,153)
226. Decidiu-se atacar o Pau Caído, (*Mayombe*,153)
227. — Esperava-te. (*Mayombe*,156)
228. Levantou-se com o Sol que raiava, os olhos pesados e a cabeça doendo. (*Mayombe*,156)
229. — Espanta-te? (*Mayombe*,156)
230. Conhece-me, não? (*Mayombe*,158)
231. Foi-se deitar, sorrindo (*Mayombe*,159)
232. Desejas-me, é diferente. (*Mayombe*,159)
233. Acenderam-se cigarros. (*Mayombe*,159)
234. — Amo-te, Sem Medo. (*Mayombe*,159)
235. Amo-te e, ao mesmo tempo, fazes-me medo, pois és demasiado senhor de ti. (*Mayombe*,159)
236. — Desejo-te – disse ela. (*Mayombe*,160)
237. Amaram-se. (*Mayombe*,160)
238. Amaram-se de novo. (*Mayombe*,161)
239. Amaram-se sem se falarem. (*Mayombe*,161)
240. Olharam-se em silêncio. (*Mayombe*,162)
241. Deixa-se dominar, não nos apoia. (*Mayombe*,163)
242. Ouviam-se vozes, gritos e gargalhadas. (*Mayombe*,163)
243. Calaram-se. (*Mayombe*,164)
244. Vê-se que é ainda um bocado forçado, mas fica-lhe bem. (*Mayombe*,164)
245. Deitaram-se. (*Mayombe*,164)
246. Virou-se para Teoria. Este ainda não dormia. (*Mayombe*,164)
247. Levantaram-se às cinco e um quarto. (*Mayombe*,164)
248. Fizera-o sozinho, desafiando a coragem de Sem Medo. (*Mayombe*,166)
249. Deixem-me aqui. Morrerei no Mayombe. (*Mayombe*,168)
250. — Suporta-se. (*Mayombe*,168)
251. — Peço-te perdão, Sem Medo. (*Mayombe*,168)
252. — Deixa-os ir, João. (*Mayombe*,169)
253. Afastou-se uns passos dos outros e lançou um obus de bazuka que foi estoirar no tronco duma amoreira. (*Mayombe*,170)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. Por mim, se ele acha que pode continuar, não **me** oponho. (*Mayombe*, 5)
2. ... não **se** perguntara. (*Mayombe*, 6)
3. Nunca vi essa criança, não **a** verei jamais. (*Mayombe*, 8)
4. O plano não **me** agrada. (*Mayombe*, 8)
5. Aliás, não **me** venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo. (*Mayombe*, 10)
6. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não **se** passa o mesmo. (*Mayombe*, 10)
7. Então porque não **se** juntam a nós? (*Mayombe*, 11)
8. A guerra popular não **se** mede em número de inimigos mortos. (*Mayombe*, 14)
9. O povo daqui não **nos** conhece, só ouve a propaganda inimiga, tem medo de nós. (*Mayombe*, 14)
10. Não **se** mexam! – gritou, saltando para perto do trabalhador velho. (*Mayombe*, 16)
11. Habitados a que nós façamos uma ação e depois recuemos para o Congo, nunca **se** aperceberão de que é o mesmo grupo – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 18)
12. Pararam às cinco horas, para procurarem lenha seca e prepararem o campamento: às seis horas, no Mayombe, era noite escura e não **se** poderia avançar. (*Mayombe*, 20)
13. Ninguém **se** manifestou. (*Mayombe*, 23)
14. As guerras não **se** ganham com demagogias, só para se ter apoio das bases! Lutamos, aproxima-te. (*Mayombe*, 24)
15. Eu iria até ao fim, morreria se fosse necessário, mas não **me** rendia. (*Mayombe*, 25)
16. Abriram os sacadores, onde tudo estava molhado, o pano de dormir, a comida, as munições, tiraram latas de leite e beberam o leite frio, pois não **se** poderia acender fogo com aquela chuvada. (*Mayombe*, 28)
17. Não **te** preocupes (*Mayombe*, 30)
18. Teoria não **se** ofereceu, notou Sem Medo. (*Mayombe*, 33)
19. Ninguém **se** queria oferecer, porque Muatiãnvua é um destribalizado. (*Mayombe*, 33)
20. É protegido, não **lhe** acontece mais que uns quinze dias de cadeia e depois fica em Dolisie. (*Mayombe*, 39)
21. Não, não **se** pode. (*Mayombe*, 39)
22. O Mayombe tinha criado o fruto, mas não **se** dignou mostrá-lo aos homens: (*Mayombe*, 42)
23. Quer-se engrossar o efetivo à toa, não **se** olha à qualidade. (*Mayombe*, 43)
24. Sem Medo tinha-lhe lido integralmente o pensamento e, magnânimo, não **lhe** queria ferir mais os escrúpulos. (*Mayombe*, 45)
25. Mas não **me** esqueci de si. (*Mayombe*, 53)
26. A mim nunca **me** faltou nada. (*Mayombe*, 55)
27. Que ele se interessava por ti, realmente nunca **me** passou pela cabeça. (*Mayombe*, 55)
28. ... indiferente aos pedidos dos homens que queriam beber água, indiferente às lianas que **lhe** batiam na cara, defraudado, violado, jurando vingança, procurando a companhia e a segurança de Sem Medo, que **já** se não desiludia de nada, porque com nada **se** iludia (i). (*Mayombe*, 58)
29. Sexualmente vocês não **se** dão bem, não é? (*Mayombe*, 59)

30. Vocês ainda não **se** fundiram um no outro, nenhum dos dois **se** deixou fundir. (*Mayombe*, 59)
31. Não **te** podes convencer que ela ficou conquistada no momento em que te aceitou, isso era só o prelúdio. (*Mayombe*, 60)
32. Ainda não **te** livraste desse complexo. (*Mayombe*, 60)
33. Serve de guia, de inspirador para a ação, mas não **te** resolve os problemas práticos... (*Mayombe*, 60)
34. E dos tais que me entregaria a mulher para tomar conta dela... Eu nunca **o** faria. (*Mayombe*, 61)
35. E, de qualquer modo, a Ondina não **me** interessa. (*Mayombe*, 61)
36. Ondina não **lhe** interessava? (*Mayombe*, 61)
37. Não percebeste nada, então não **te** metas! (*Mayombe*, 64)
38. Ninguém **lhe** ligou importância. (*Mayombe*, 64)
39. Como não **se** aperceberam? (*Mayombe*, 65)
40. Não **se** pode falar nada. (*Mayombe*, 65)
41. Eu vou – disse Vewê – essa conversa não **me** interessa. (*Mayombe*, 65)
42. Mas foi mais forte do que eu, não **me** controlava, fiz o que me passou pela cabeça. (*Mayombe*, 67)
43. Nem caça **se** encontra – disse Muatiânvua. (*Mayombe*, 68)
44. Os civis falam em Dolisie não **se** deve enviar comida porque nós não fazemos guerra e que o Comando está dividido por tribalismo e ambição... (*Mayombe*, 70)
45. Eu, quando tenho uma coisa a dizer-te, ou ao Das Operações, não **vos** chamo à capela para criticar, já reparaste? (*Mayombe*, 72)
46. Os homens gostam de se flagelar com o passado e nunca **se** sentem contentes sem o fazer. (*Mayombe*, 72)
47. Para que o moribundo não desanime, não **se** suicide, prometem-lhe a cura; (*Mayombe*, 76)
48. Não **me** vejo. (*Mayombe*, 77)
49. Simplesmente, e em toda a sinceridade, não **me** vejo. (*Mayombe*, 77)
50. A mim, não **me** vejo. (*Mayombe*, 77)
51. Não **me** vejo em Angola independente. (*Mayombe*, 77)
52. Nunca **me** esqueci dessa cena, tu a olhares a garrafa vazia, longe, muito longe do mundo que te rodeava. (*Mayombe*, 77)
53. A minha boca não **o** revelará a ninguém. (*Mayombe*, 78)
54. ... o Comando não **se** pronuncia sobre elas. (*Mayombe*, 83)
55. Não **se** pode abandonar a disciplina só por medo duma rebelião. (*Mayombe*, 83)
56. Não **se** pode entrar numa casa sem se assistir a uma discussão. (*Mayombe*, 84)
57. Nunca **se** lamentam, porque sabem ser inútil. (*Mayombe*, 85)
58. Nem sempre **se** consegue ser o que se deseja. (*Mayombe*, 85)
59. – Se fosse outro, não **me** admiraria. (*Mayombe*, 87)
60. Não **te** engasgues! (*Mayombe*, 88)
61. O Comissário parecia não **se** aperceber da presença de Sem Medo. (*Mayombe*, 91)
62. Não **me** disseste onde ias. (*Mayombe*, 91)
63. E não **me** interessa nada pelo Movimento. (*Mayombe*, 92)
64. Não **me** obrigues a ser eu a defender o nome do Movimento contra ti, Comissário. (*Mayombe*, 92)
65. Nunca **me** prenderias. (*Mayombe*, 92)
66. Seria forçado, pois não **te** posso deixar ir sozinho. (*Mayombe*, 92)

67. Nunca **me** prenderias! (*Mayombe*, 92)
68. Seria forçado, pois não **te** posso deixar ir sozinho. (*Mayombe*, 92)
69. Não **me** tentes impedir. (*Mayombe*, 95)
70. Não **me** digas que agora vais começar a fumar. (*Mayombe*, 95)
71. Não **se** diz que o cigarro é o único fiel companheiro? (*Mayombe*, 95)
72. O meu emprego ressentia-se com isso, mas não **me** importava. (*Mayombe*, 96)
73. No primeiro mês, Leli não **me** pertenceu, pertencia ao outro. (*Mayombe*, 97)
74. — Não, isso sou eu agora a explicar, naquele momento não **o** seria capaz de fazer (**i**). (*Mayombe*, 97)
75. Talvez, não **me** importo. (*Mayombe*, 112)
76. Não **me** gramavas então. (*Mayombe*, 112)
77. Não, não **me** interessa. (*Mayombe*, 112)
78. Não, não **to** poderia esconder. (*Mayombe*, 113)
79. Eu não **me** importo. (*Mayombe*, 113)
80. Não **me** importo! (*Mayombe*, 113)
81. Eu não gosto de ti, não **te** quero mais. (*Mayombe*, 114)
82. Mas não **te** posso dizer, João. (*Mayombe*, 115)
83. Ficaram os dois acordados, mas não **se** falaram. (*Mayombe*, 116)
84. Enquanto ele não vem, ou enquanto o verdadeiro culpado não **se** apresentar, sou obrigado a mandar prender os dois camaradas. (*Mayombe*, 119)
85. Não **me** deixes só, por favor. (*Mayombe*, 120)
86. O Comandante não **lhe** respondeu, mas dirigiu-se ao quarto que fora designado para Ondina. (*Mayombe*, 120)
87. Nunca mais **lhe** fui fiel. (*Mayombe*, 97)
88. O passado estava morto, nem **me** emocionava ao pensar no outro ou em Leli nos braços do outro. (*Mayombe*, 98)
89. Leli viva não **me** conseguiu reconquistar. (*Mayombe*, 98)
90. Esta história não **te** choca? (*Mayombe*, 99)
91. Não **me** explicaste uma coisa, Comandante. (*Mayombe*, 100)
92. E não **lhe** deste porrada? (*Mayombe*, 100)
93. As coisas não **se** passaram linearmente. (*Mayombe*, 100)
94. O André não **vos** dá dinheiro? (*Mayombe*, 103)
95. Ninguém **se** atrevia a defender o André. (*Mayombe*, 104)
96. Mas não **te** iludas. (*Mayombe*, 104)
97. Então uma pessoa vem da Base, está cansado, e tu não **lhe** dás comida? (*Mayombe*, 105)
98. Não **me** esqueço uma reunião que fiz com os estudantes e em que tu apareceste bêbado a cair. (*Mayombe*, 106)
99. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem te importares com o que te poderia suceder no futuro, não **me** devias ter pedido para **lhe** ir falar. (*Mayombe*, 122)
100. Não vou lutar contigo não **te** dou essa confiança. (*Mayombe*, 123)
101. Pensa que é medo, se quiseres não **me** importo, já te enganaste tanto sobre mim que é mais uma. (*Mayombe*, 123)
102. Não, não **se** ia embebedar como um miúdo. (*Mayombe*, 123)
103. Que eu pensava que ele era um miúdo, que fizera tudo para o destruir, mas que ele não era um miúdo e não **se** deixaria destruir. (*Mayombe*, 124)
104. Não **te** compreendo, Sem Medo. (*Mayombe*, 126)
105. — Não **te** assustes, mais velho! (*Mayombe*, 126)
106. — Não **te** sabia tão galanteador, Sem Medo. (*Mayombe*, 128)

107. — O André não **se** preocupava com isso – disse Ondina. (*Mayombe, 130*)
108. Não **te** vejo como economista, sentado a uma secretária. (*Mayombe, 130*)
109. Não **me** vês como economista, vê-*me* então como? (*Mayombe, 131*)
110. — Não sei. Isso não **me** preocupa. (*Mayombe, 131*)
111. Não **te** vejo também como marinheiro, não é esse o teu género. (*Mayombe, 131*)
112. — Em suma, não tenho futuro. Mas isso não **me** atrapalha. (*Mayombe, 131*)
113. Se queres uma mulher, nada **te** retém. (*Mayombe, 132*)
114. Mulher que *lhe* agradasse não **lhe** escapava, mesmo se fosse a sua irmã. (*Mayombe, 132*)
115. Eu não **me** casaria, é o mais simples. (*Mayombe, 133*)
116. — Não **me** deixaste acabar. (*Mayombe, 134*)
117. Sem Medo não **se** prestava a ele, não por receio, mas por desinteresse pela conquista. (*Mayombe, 135*)
118. — Está bem. Mas aqui há um mês não **o** pensavas. (*Mayombe, 135*)
119. — Não **lhe** seria nada agradável saber. (*Mayombe, 136*)
120. Não **se** admirou com a constatação. (*Mayombe, 137*)
121. — O passado não **se** apaga, Sem Medo. (*Mayombe, 137*)
122. — Sim, não **me** importo. (*Mayombe, 138*)
123. Vewê entrou, Sem Medo não **o** impediu. (*Mayombe, 139*)
124. — Não **o** vi. (*Mayombe, 140*)
125. Mas não **se** pôde impedir de pensar que o Comandante *lhe* parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez *se* tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros. (*Mayombe, 141*)
126. Mas não **o** quer, para não mais o fazer sofrer. (*Mayombe, 142*)
127. Nunca **se** deve agir em função do futuro. (*Mayombe, 142*)
128. — Não. Pode haver uma mina, nunca **se** sabe. (*Mayombe, 143*)
129. Mas ele colou-*se* ao meu lado e não **me** lembrei do que já tinha feito antes. (*Mayombe, 144*)
130. Não **me** chateies! (*Mayombe, 144*)
131. No entanto, a conclusão não **lhe** agradou totalmente. (*Mayombe, 144*)
132. Mas uma guerra não **se** faz só com ódio e o exército colonial recuperou o território, o território livre voltou a ser território ocupado. (*Mayombe, 146*)
133. Não **me** sinto eu, estou demasiado angustiado, a emoção não é controlada. (*Mayombe, 147*)
134. O verdadeiro senhor, o conquistador, não **se** aborrece por ter perdido: (*Mayombe, 148*)
135. Não **se** fala de outra coisa, só se fala do Comandante. (*Mayombe, 154*)
136. — Então não **me** devias ter dito.. (*Mayombe, 155*)
137. — Não **te** percebo. (*Mayombe, 157*)
138. — Não **me** podes perceber. (*Mayombe, 157*)
139. Nem **te** sei explicar, é tudo ainda tão confuso. (*Mayombe, 157*)
140. Olhou para o recém-chegado e, embora a cara não **lhe** fosse estranha, era incapaz de saber onde o vira antes. (*Mayombe, 158*)
141. Não **o** posso fazer. (*Mayombe, 160*)
142. O Comissário não **se** aproximava. (*Mayombe, 164*)
143. Sem Medo também não **o** fez. (*Mayombe, 164*)
144. Ninguém já **se** camuflava. (*Mayombe, 167*)
145. Não **te** compreendi, fui um imbecil. (*Mayombe, 168*)

3.2. Ênclise (em frases frases matriz, negativas)

0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Se foi por teimosia ou não, isso só ele **o** sabe. (*Mayombe*, 6)
2. Também **me** parece que sim (*Mayombe*, 10)
3. A essa arte de desorientação **se** chama formação política! (*Mayombe*, 10) F
4. Imediatamente **se** lembrariam de que não sou igual aos outros. (*Mayombe*, 10)
5. Mas, quando a primeira rajada soou, o tuga acordou do torpor e tudo nele **se** pôs a vibrar. (*Mayombe*, 16)
6. Quando estava no Seminário, uma coisa sempre **me** intrigou, era uma nota discordante. (*Mayombe*, 22)
7. Porque **se** pensa que não foi ele e que foi outro? (*Mayombe*, 23)
8. Serás julgado ao chegar à Base. A tua arma fica com Ekuikui, que **te** vai guardar. (*Mayombe*, 24)
9. Que raio de guerrilheiro **me** saíste tu, que te deixas roubar? (*Mayombe*, 24)
10. Porque **me** falas nisso? – perguntou Teoria. (*Mayombe*, 25)
11. O Comissário escorregou e rebolou na lama, até **se** conseguir agarrar a uma liana. (*Mayombe*, 28)
12. E como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até **se** poderem governar. (*Mayombe*, 29)
13. Mas, o que **se** vê agora aqui? (*Mayombe*, 29)
14. Mais uma vez Leli voltava e **se** impunha. (*Mayombe*, 31)
15. Fosse ele kikongo ou kimbundo e logo quatro ou cinco **se** ofereceriam... (*Mayombe*, 33)
16. O Chefe de Operações também **se** encontrava ali ao lado. (*Mayombe*, 33)
17. Que **se** deve fazer a um tipo que rouba dinheiro do Movimento? (*Mayombe*, 39)
18. Mas que **lhe** acontece na realidade? (*Mayombe*, 39)
19. Quem **lhe** deu esse nome? Nunca vi que fosse assim tão corajoso. (*Mayombe*, 41)
20. Logo os olhos de Mundo Novo **se** iluminaram e continuou, mais firme: (*Mayombe*, 48)
21. Na manhã do dia seguinte, o Comissário estava na casa de André às sete horas, mas já este **se** eclipsara. (*Mayombe*, 50)
22. Ou talvez aceitasse e **lhe** dissesse na mesma as quatro verdades. (*Mayombe*, 53)
23. Mais uma vez **lhe** ia cortar o encontro com Ondina. (*Mayombe*, 54)
24. A solução do problema só **me** seria possibilitada se dormisse com ela, pensou Sem Medo. (*Mayombe*, 59)
25. Porque **o** dizes? (*Mayombe*, 59)
26. Já **te** disse que uma mulher deve ser conquistada permanentemente (*Mayombe*, 60)

27. Já o tínhamos varrido! (*Mayombe*, 64)
28. Que se passa então, camaradas? (*Mayombe*, 69)
29. Tudo te parecia indiferente, o barulho, as pessoas que dançavam, as mulheres que passavam à frente da mesa, fazendo-te sinais. (*Mayombe*, 77)
30. ... tudo isso hoje **me** é difícil. (*Mayombe*, 79)
31. O Comandante apanhou-te sem o Das Operações, já te virou ao contrário e te meteu no bolso. (*Mayombe*, 84)
32. O Comandante apanhou-te sem o Das Operações, já te virou ao contrário e **te** meteu no bolso. (*Mayombe*, 84)
33. Por isso se queixam. (*Mayombe*, 84) F
34. Aí será demasiado tarde, pois o mal já se terá passado. (*Mayombe*, 84)
35. Que se passa, Comissário? (*Mayombe*, 85)
36. Muitas vezes me pergunto se não será a única solução que nos resta... (*Mayombe*, 87)
37. E quanto menos **se** come, mais vício de fumar se tem. (*Mayombe*, 88)
38. E quanto menos se come, mais vício de fumar **se** tem. (*Mayombe*, 88)
39. De que se trata? (*Mayombe*, 89)
40. — Mas que se passa então? (*Mayombe*, 89)
41. Quem mo garante? (*Mayombe*, 91)
42. Já me aconteceu. (*Mayombe*, 95)
43. ... tudo isso hoje **me** é difícil. (*Mayombe*, 79)
44. pois as árvores que estavam perto da Base já se tinham esgotado. (*Mayombe*, 83)
45. Das duas, uma: ou **te** prendo ou te acompanho. (*Mayombe*, 92)
46. Das duas, uma: ou te prendo ou **te** acompanho. (*Mayombe*, 92)
47. Lá se abria o caminho da América, mas se fechava o caminho da vida para o homem negro. (*Mayombe*, 110)
48. Que me interessa? (*Mayombe*, 114)
49. Que me interessa amanhã? (*Mayombe*, 114)
50. Novamente se entrelaçaram. (*Mayombe*, 114)
51. O Comissário só mais tarde apareceu em Dolisie, já o Comandante **se** deitara. (*Mayombe*, 114)
52. Porque quem se pode enganar sobre o complô que foi preparado contra mim? (*Mayombe*, 116)
53. Só os burros são teimosos, **se** mantêm no erro. (*Mayombe*, 117)
54. No fundo, no fundo, quem se vai tramar é o Sem Medo. (*Mayombe*, 118)
55. Todos aqui **me** conhecem. (*Mayombe*, 119)
56. Por isso te vou dar os ensinamentos que dela tirei. (*Mayombe*, 98) F
57. Só se pode provar que um plano é mau, quando ele não atingir o objetivo proposto. (*Mayombe*, 99)
58. Mas então porque se convenceu que gramava o outro? (*Mayombe*, 100)
59. Mesmo na cama **nos** tornámos rotineiros. (*Mayombe*, 100)
60. Tudo se passava no interior, nas convulsões da pedra, nas correntes de ar percorrendo os túneis cavados pelo tempo (*Mayombe*, 100)
61. «Agora já me conheces, já estás prevenida». (*Mayombe*, 101)
62. «Cala a boca, não chora, quem te mandou vir para a Revolução?». (*Mayombe*, 102)
63. As coisas ainda se podem arranjar com o Comissário. (*Mayombe*, 106)
64. E ele, Sem Medo, não o compreendiera, até lhe dera uma chapada. (*Mayombe*, 123)
65. Nunca quiseste aconselhar-me, várias vezes te pedi. (*Mayombe*, 123)
66. — Mas o que se passou, merda! Conta lá duma vez! (*Mayombe*, 124)

67. Ao menos que **me** castiguem e mandem para o Leste! (*Mayombe, 128*)
68. — Sim, só **te** vejo como militar. (*Mayombe, 131*)
69. — Que **lhe** aconteceu? (*Mayombe, 132*)
70. Sei o que é isso, já **o** sofri, não poderia repeti-lo. (*Mayombe, 133*)
71. Se casasse, o que **se** passaria? (*Mayombe, 133*)
72. — Já **me** disseram isso. (*Mayombe, 136*)
73. — Quantas mulheres já **se** apaixonaram por ti, Sem Medo? (*Mayombe, 136*)
74. — Só **me** importaria por causa do João. (*Mayombe, 136*)
75. — Talvez **te** dominasse também. (*Mayombe, 138*)
76. — Já **o** prometi, Ondina. (*Mayombe, 141*)
77. — Como **o** sabe? (*Mayombe, 142*)
78. Mas quem não **o** faz? (*Mayombe, 142*)
79. Vários guerrilheiros **se** puseram entre ele e o Chefe de Operações, que abria a mata à catanada. (*Mayombe, 143*)
80. Alguns guerrilheiros adormeceram, mal **se** deitaram. (*Mayombe, 143*)
81. O frio do Mayombe ia penetrar-lhes os ossos, talvez viesse a chuva, mas quem **se** importava? (*Mayombe, 143*)
82. A quantos metros **se** aproximaram? (*Mayombe, 145*)
83. Talvez só Mundo Novo **me** acompanhe. (*Mayombe, 147*)
84. ...embora essas características só **se** possam manifestar totalmente em situação de chefia. (*Mayombe, 148*)
85. Cinco minutos depois, já **se** viam os vultos dos paus. (*Mayombe, 149*)
86. Precisavam de avançar até onde estava o soldado, pois só dali **se** podia fechar a fuga do inimigo pelo outro lado do rio, obrigando-o a subir a montanha, onde o esperava o outro grupo. (*Mayombe, 150*)
87. Só **se** viam seis camaradas. (*Mayombe, 150*)
88. Que **se** passa? – sussurrou. (*Mayombe, 150*)
89. — Que **se** passou então? (*Mayombe, 151*)
90. Teoria, ainda sumariamente vestido, também **se** encolhia. (*Mayombe, 152*)
91. Agora, só **nos** resta rir. (*Mayombe, 152*)
92. Poucos de vocês **o** teriam feito, se estivessem no caso dele. (*Mayombe, 153*)
93. Não **se** fala de outra coisa, só **se** fala do Comandante. (*Mayombe, 154*)
94. O Povo só **o** compreende, quando ele **se** explica pela ação. (*Mayombe, 154*)
95. E de que maneira **se** explicou, sukua! (*Mayombe, 154*)
96. Logo **se** reteve. Pensou no Comissário e na sua hostilidade. (*Mayombe, 155*)
97. Para ti, tudo **se** passa em função do objetivo político a atingir. (*Mayombe, 157*)
98. Como **te** decidiste? (*Mayombe, 158*)
99. Isso **lhe** quis explicar, mas ele não pode compreender. (*Mayombe, 160*) **F**
100. Quem **me** defenderá dos outros, quem terá a coragem de **se** opor ao tribalismo? (*Mayombe, 163*)
101. Só **lhes** restava a fuga. (*Mayombe, 166*)
102. Por **isso** **se** ria dos que diziam que era um trilho cortando, nítido, o verde do Mayombe. (*Mayombe, 171*)

4.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

0

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. — O problema é que se trata duma operação de guerra e não dum passeio. (*Mayombe*, 5)
2. E era esse segredo de cada um que os fazia combater (*Mayombe*, 7)
3. A minha história é a dum alienado que se aliena, esperando libertar-se. (*Mayombe*, 8)
4. Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos **me** não chamassem negro(i). (*Mayombe*, 8)
5. Homem, queria ser negro, para que os negros **me** não odiassem(i). (*Mayombe*, 8)
6. Mas é o lado militar que me preocupa. (*Mayombe*, 8)
7. Pois é esse lado ignorado da operação que me agrada. (*Mayombe*, 8)
8. O que me chateia é avançar sem saber ao certo o que se vai fazer. (*Mayombe*, 8)
9. Náufragos numa ilha que se chama Mayombe (*Mayombe*, 9)
10. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo. (*Mayombe*, 10)
11. É o teu trabalho: mostrar tantas aldeias aos camaradas que eles **se** perderão se, um dia, voltarem à sua. (*Mayombe*, 10)
12. Mas ai de quem tocar num trabalhador ou num homem do povo sem que se dê ordem. (*Mayombe*, 11)
13. O silêncio pesado que seguiu a afirmação de Sem Medo não foi afastado para trás, como as lianas que nos batem na cara. (*Mayombe*, 11)
14. O silêncio era o Mayombe, sempre ele, presente, por muitas lianas que se afastassem para trás. (*Mayombe*, 11)
15. Então porque não **se** juntam a nós? (*Mayombe*, 11)
16. Ekuikui contemplava os elefantes que se afastavam calmamente
17. Acho que se tem de fazer um interrogatório. (*Mayombe*, 13)
18. Que pensas que se deve fazer? (*Mayombe*, 13)
19. De qualquer modo, esta ação pode não impedir que se faça também uma emboscada. (*Mayombe*, 14)
20. Os camaradas aceitarão passar um pouco de fome, se lhes explicarmos o interesse da coisa. (*Mayombe*, 14)
21. Vamos rodear os grupos, aprisioná-los, destruir o que se puder, apanhar a serra, etc. (*Mayombe*, 14)
22. O silêncio que se seguiu furou os ouvidos dos guerrilheiros. (*Mayombe*, 15)
23. Deve ter sido uma árvore que lhe caiu em cima, pensou Mundo Novo. (*Mayombe*, 16)
24. O silêncio da serra parando subitamente não interrompeu as reflexões do português, que se sentava ao volante do camião. (*Mayombe*, 16)
25. Sem querer saber o que se passava, pôs o camião em marcha e arrancou. (*Mayombe*, 16)

26. Foi nesse momento que se ouviu a segunda rajada, feita por Mundo Novo, que se confundiu com a rajada de Lutamos. (*Mayombe*, 17)
27. O Comandante, acabando por dominar-se, fez uma cara de desgosto e ordenou que se lançasse fogo ao buldozer, visto que nada podiam recuperar. (*Mayombe*, 17)
28. O buldozer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. (*Mayombe*, 19)
29. Nestas coisas o Comissário é um mole, ele pensa que é com boas palavras que se convence o povo de Cabinda, este povo de traidores. (*Mayombe*, 20)
30. Sobretudo quando Milagre caiu com a bazuka e os guerrilheiros vieram ver o que se passara. (*Mayombe*, 20)
31. Foi essa nota discordante que me empurrou para o sacrilégio e, mais tarde, para o ateísmo. (*Mayombe*, 22)
32. Porque é que os padres, tão puros, tão castos, tão bondosos e tão santos, que nos preparavam para servir Deus, para merecer Deus, prometendo-nos as delícias da vida celestial, nos faziam a vida negra no Seminário. (*Mayombe*, 22)
33. E comunguei em pecado mortal, pois, se o não fizesse, notar-se-ia que qualquer coisa se passava. (*Mayombe*, 22)
34. Aí aprendi que se devem enfrentar os inimigos, é a única maneira de se encontrar a paz interior. (*Mayombe*, 22)
35. Porque é que os padres, tão puros, tão castos, tão bondosos e tão santos, que nos preparavam para servir Deus, para merecer Deus, prometendo-nos as delícias da vida celestial, nos faziam a vida negra no Seminário. (*Mayombe*, 22)
36. Se um responsável erra, por que é que esse erro se torna numa desconfiança em relação aos guerrilheiros? (*Mayombe*, 23)
37. Mas Sem Medo não olhava Lutamos, que se aproximou com o sacador aberto. (*Mayombe*, 24)
38. Fui o responsável do que se passou, sei qual a importância da coisa no aspecto político e... (*Mayombe*, 24)
39. Que raio de guerrilheiro me saíste tu, que te deixas roubar? (*Mayombe*, 24)
40. Que raio de guerrilheiro me saíste tu, que te deixas roubar? (*Mayombe*, 24)
41. Eram dados que se tinha de ter em conta, pensava Sem Medo. (*Mayombe*, 24)
42. ...tivera de fingir estar morto, o que era confirmado pelo sangue que lhe corria da testa e tingia a água do rio. (*Mayombe*, 25)
43. Durante dias, senti-me um tipo nojento, um covarde, um fraco, sentia que um miúdo qualquer me bateria e eu fugiria... (*Mayombe*, 25)
44. Havia qualquer coisa que ele queria descobrir em Teoria, qualquer coisa que lhe escapava. (*Mayombe*, 25)
45. É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas. (*Mayombe*, 26)
46. Só há a conversa franca que me parece o melhor, a mim que não sou escritor. (*Mayombe*, 27)
47. Deve ser horrível morrer com a sensação que os últimos instantes de vida destruíram toda a ideia que se tem de si próprio, toda a ideia que se levou uma vida inteira a forjar de si próprio. (*Mayombe*, 27)
48. Quando parecia que se aproximavam do cume, surgia nova elevação. (*Mayombe*, 27)
49. Senão podem ficar fixos ao chão, pois o clima aqui é tão fértil que, com a chuva, se criam raízes dum dia para o outro. (*Mayombe*, 28)

50. Viram como o Comandante **se** preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? (*Mayombe*, 28)
51. É como esse parvo do Comissário, que não percebe nada do que **se** passa. (*Mayombe*, 29)
52. É engraçado, pensava Sem Medo, ao ir de um para outro, mesmo os que não **me** gramam nada parece que **me** adoram. (*Mayombe*, 30)
53. Ele conhecia as palavras, as palavras que mil vezes **lhe** martelaram a memória, por isso só os olhos de Leli falavam agora. (*Mayombe*, 31)
54. Os dois sabiam o que **se** ia passar. (*Mayombe*, 32)
55. Os dois voluntários não precisaram de chegar à emboscada, pois encontraram Muatiânvua, que **se** dirigia tranquilamente para o sítio de recuo. (*Mayombe*, 33)
56. Aí é que vocês **se** enganam. (*Mayombe*, 34)
57. Avançaram prudentemente, evitando os trilhos que **se** deparavam na mata. (*Mayombe*, 35)
58. Foram acordados pelas primeiras vozes que **se** libertavam do espaço limitado da sanzala, para se irem combinar ao orvalho que avivava o verde das folhas. (*Mayombe*, 36)
59. Lutamos surgiu então da ramagem com que **se** camuflava. (*Mayombe*, 36)
60. Esperaram que os passos **se** afastassem, depois despediram-se dos trabalhadores. (*Mayombe*, 37)
61. Só depois de esgotar o cigarro, até sentir os dedos queimados, é que Sem Medo **se** lembrou que ainda tinha o sacador nas costas. (*Mayombe*, 38)
62. em Medo apertou as mãos, cujos nós **se** tornaram brancos. (*Mayombe*, 40)
63. E o Comissário seguia-o, esse miado que só faz o que **lhe** diz o Sem Medo. (*Mayombe*, 41)
64. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe **lhes** indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que **o** desafiavam: (*Mayombe*, 42)
65. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus **se** vergava à coragem, graças a Prometeu que **lhes** dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. (*Mayombe*, 42)
66. Cada um contava uma história que conhecesse sobre ele, até que uma ideia clara **se** formasse sobre o novo recruta. (*Mayombe*, 43)
67. É para ele não pensar que o fato de ser meu parente **lhe** dá privilégios. (*Mayombe*, 44)
68. Sorriu com meia boca, esgar que **lhe** ficou colado aos lábios. (*Mayombe*, 44)
69. O Das Operações não ousava reagir à alusão, era um tapete que **se** metia debaixo dos pés do Comandante. (*Mayombe*, 44)
70. O Comissário, momentos depois, censurou-se por se congratular com o que **se** passava: para se absolver, acabou com a discussão apressadamente. (*Mayombe*, 45)
71. És um Jesus Cristo, tu e o teu conceito da honra: não queres que Judas seja castigado à tua frente, embora sabendo que ele **te** denunciou com o seu beijo. (*Mayombe*, 45)
72. Depois da partida do grupo, a maior parte dos guerrilheiros foi ocupar a sala que **se** encontrava no centro da Base e que servia de escola. (*Mayombe*, 45)
73. É certo que uma pessoa que **se** aperfeiçoa está a pensar no seu futuro pessoal também, está a calcular que assim poderá viver melhor. (*Mayombe*, 47)
74. Crês que haja alguma coisa que **se** faça, desinteressadamente na vida? (*Mayombe*, 47)
75. Por isso, é necessário mostrar-lhe sempre que o pouco conquistado não chega e que **se** deve prosseguir. (*Mayombe*, 49)
76. Se eu sei isso, a frio, e mesmo assim **me** decido a lutar, se pretendo ajudar esses pequenos egoístas contra os grandes egoístas que tudo açambarcaram, então não vejo porquê haveria de desistir quando outros continuam. (*Mayombe*, 49)

77. Podia ter ido ver a Ondina, desde que cheguei nem a procurei, e ando para aqui atrás dum homem que se esconde de mim! (*Mayombe*, 50)
78. Os operários e os camponeses são desinteressados, são a vanguarda do povo, vanguarda para, que não transporta com ela o pecado original da burguesia de que os intelectuais só muito dificilmente se podem libertar. (*Mayombe*, 50) +SC
79. No entanto, com que remorsos se revolveria no leito se um recruta se ferisse gravemente! (*Mayombe*, 50)
80. Vieram-me dizer que te viram no bar.... (*Mayombe*, 52)
81. O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, aceitando-o, pois podia aspirar a pessoas mais cultivadas. (*Mayombe*, 52)
82. Se se arranjar a comida, mando um grupo lá e fico uns dias. (*Mayombe*, 52)
83. Mas já estava a imaginar como se desculparia em seguida para partir e o gelo que de novo se formaria entre eles. (*Mayombe*, 52)
84. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... (*Mayombe*, 52)
85. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... (*Mayombe*, 52)
86. Pois é esse o problema de que lhe falei. (*Mayombe*, 53)
87. Sentaram-se à mesa e logo apareceram mais cinco que se sentaram e mais a mulher de André. (*Mayombe*, 53)
88. A dúvida foi aumentando à medida que se aproximava da escola. (*Mayombe*, 54)
89. Os responsáveis formavam uma casta que se arrogava todos os privilégios, diziam os militantes. (*Mayombe*, 54)
90. ...ele não permitia que se formasse a verdadeira intimidade dos amantes que podem falar naturalmente, sem preconceitos. (*Mayombe*, 54)
91. Pararam em baixo duma mangueira majestosa, à sombra da qual se sentaram. (*Mayombe*, 54)
92. Era quando se afastavam que ela realmente sentia um desejo intenso que ficara insatisfeito. (*Mayombe*, 55)
93. Tu não gostas do André porque ele me trata sempre bem. (*Mayombe*, 55)
94. Que ele se interessava por ti, realmente nunca me passou pela cabeça. (*Mayombe*, 55)
95. Pode ser que se interesse. (*Mayombe*, 55)
96. Ondina acariciou-o para apagar a ruga que se cavara na fronte do Comissário. (*Mayombe*, 56)
97. Fala-me do combate. O Comissário obedeceu-lhe, contando o que se passara. (*Mayombe*, 56)
98. Isto foi agora mesmo um congolês que me deu... (*Mayombe*, 57)
99. Às quatro da manhã, quando se preparavam para partir, o Comissário perguntou aos outros (*Mayombe*, 58)
100. ... indiferente aos pedidos dos homens que queriam beber água, indiferente às lianas que lhe batiam na cara, defraudado, violado, jurando vingança, procurando a companhia e a segurança de Sem Medo, que já se não desiludia de nada, porque com nada se iludia (*i*). (*Mayombe*, 58)
101. Sem Medo montava a guarda, enquanto o Comissário se lavava. (*Mayombe*, 59)
102. Mas o Comandante não ousou desfazer o casal que se preparava para o amor. (*Mayombe*, 59)
103. Há qualquer coisa que me choca, quando os vejo juntos. (*Mayombe*, 59)
104. Há qualquer coisa que me choca, quando os vejo juntos. (*Mayombe*, 59)

105. É como se **se** vigiassem constantemente, uma espécie de desafio entre vocês os dois, utilizando os terceiros no vosso duelo. (*Mayombe*, 59)
106. ... quais os centros de prazer, quais as defesas que **se** forjam (*Mayombe*, 60)
107. O concerto vem depois e é aí que **se** vê a raça, o talento, do maestro. (*Mayombe*, 60)
108. És tu que **a** levass a dar esse passo. (*Mayombe*, 60)
109. Não te podes convencer que ela ficou conquistada no momento em que **te** aceitou, isso era só o prelúdio. (*Mayombe*, 60)
110. Que choque seria para ele, se **lhe** dissesse que só poderia conhecer verdadeiramente Ondina e aconselhá-los decentemente, estudando-a sexualmente. (*Mayombe*, 61)
111. Ou, se **o** fizesse, era já admitindo que tudo poderia acontecer (*Mayombe*, 61)
112. E dos tais que **me** entregaria a mulher para tomar conta dela... Eu nunca o faria. (*Mayombe*, 61)
113. Ela enfrentara o olhar apreciador que ele **lhe** deitara, convidara-o para tomar um café no seu quarto. (*Mayombe*, 62)
114. Ele mirou-as descaradamente e fez o olhar subir lentamente do joelho à ponta da cueca branca que **se** adivinhava, deixou-o aí longamente, (*Mayombe*, 62)
115. O que **o** fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela **lhe** teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que se conheceram. (*Mayombe*, 62)
116. O que o fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela **lhe** teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que se conheceram. (*Mayombe*, 62)
117. O que o fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela **lhe** teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que **se** conheceram. (*Mayombe*, 62)
118. Mas, quando **se** tratava duma menina bem educada, com maneiras estudadas de cidadina que nasceu no muceque e que quer chegar a viver na Baixa (*Mayombe*, 62)
119. Estava o Comandante nestas observações, quando Vewê entrou na casa e **se** sentou no catre de Sem Medo. (*Mayombe*, 62)
120. Quer dizer que **me** perdeste o medo... (*Mayombe*, 63)
121. Se a familiaridade **lhe** é conferida pelo fato de ser meu parente, então isso é mau; (*Mayombe*, 63)
122. Pensas que o fato de ser meu primo **te** dá direitos que os outros não se permitem ter? (*Mayombe*, 63)
123. Pensas que o fato de ser meu primo te dá direitos que os outros não **se** permitem ter? (*Mayombe*, 63)
124. Olhou para trás do Comandante, para o grupo de espectadores que **se** formara atrás da janela, sem que o Comandante os visse. (*Mayombe*, 63)
125. Falou alto para que todos ouvissem: — Achei normal... Como o camarada Comandante **se** podia sentar na minha cama sem pedir autorização. (*Mayombe*, 63) **+SC**
126. Não assisti ao que **se** passou – disse o Comissário (*Mayombe*, 64)
127. Os combatentes ouviam atentamente, adivinhando a tensão que **se** criara entre os dois homens. (*Mayombe*, 64)
128. Teoria notou que Kiluanje **se** interrompera no discurso, mas que, ao vê-lo, voltou a falar. (*Mayombe*, 64)
129. Com quê então que **se** vão resolver? (*Mayombe*, 64)
130. E digam, se quiserem, que é porque sou umbundo, que não **me** interessa, estou cagando! (*Mayombe*, 65)
131. Camarada professor, quando **se** entra em discussão tribal, o melhor é deixar, não se meter no meio. (*Mayombe*, 65)
132. Tinha percebido que **se** falava de kimbundos e kikongos. (*Mayombe*, 65)

133. Se não **se** falou, afinal, não é discussão tribal. (*Mayombe*, 65)
134. Você disse que as coisas **se** iam resolver, mas não de boca (*Mayombe*, 65)
135. Éramos nós que **os** protegíamos de vocês, que vinham com as catanas... (*Mayombe*, 65)
136. Mas foi mais forte do que eu, não me controlava, fiz o que **me** passou pela cabeça. (*Mayombe*, 67)
137. Para que o progresso **se** faça, é necessário que um elemento crie o seu contrário (*Mayombe*, 67)
138. Formado na escola marxista, guardou da sua classe de origem uma boa dose de anticomunismo, o qual **se** revela pela recusa da igualdade proletária. (*Mayombe*, 67)
139. Defensor verbal do direito à revolta, adepto da contestação permanente, abusa da autoridade logo que a contestação **se** faz contra ele. (*Mayombe*, 67)
140. Surge logicamente uma luta entre eles, luta que **se** traduz por posições práticas antagónicas. (*Mayombe*, 67)
141. Este fez uma ideia superior de Vewê, que **o** ousava desafiar, e ficou desiludido, (*Mayombe*, 68)
142. Não foi Vewê que **o** desiluiu, foi ele que se iluiu sobre Vewê. (*Mayombe*, 68)
143. Não foi Vewê que **o** desiluiu, foi ele que **se** iluiu sobre Vewê. (*Mayombe*, 68)
144. Andaram ininterruptamente até às três horas, inclinando-se para subir as montanhas a pique que **se** elevavam sempre à sua frente. (*Mayombe*, 68)
145. Uma nuvem isolada tem a individualidade que **lhe** é dada pela sua mutabilidade inquieta e caprichosa; esta individualidade perde-se na massa que se concentra e que vale pelo seu peso, pela sua potência selvagem. (*Mayombe*, 69)
146. Uma nuvem isolada tem a individualidade que **lhe** é dada pela sua mutabilidade inquieta e caprichosa; esta individualidade perde-se na massa que **se** concentra e que vale pelo seu peso, pela sua potência selvagem. (*Mayombe*, 69)
147. Sem Medo identificou-se a uma nuvem cinzenta, com fímbrias brancas, que corria em revolução constante, e parecia poder escapar-se, poder passar ao lado da massa de nuvens que **se** adensava sobre o Mayombe. (*Mayombe*, 69)
148. o certo é que a nuvenzita foi engolida pela massa cinzento-escura e **se** desfez nela. (*Mayombe*, 69)
149. O que **se** passa é que está a haver agitação na Base. (*Mayombe*, 69)
150. Sabes porque **to** pergunto, não? (*Mayombe*, 70)
151. Calou-se, porque a voz **lhe** saía dificilmente, pela contração da garganta. (*Mayombe*, 71)
152. Quando **se** levantava numa reunião muitos tremiam intimamente: (*Mayombe*, 71)
153. O que **nos** une, a mim e ao Comissário, é muito forte, demasiado forte. (*Mayombe*, 71)
154. Quero pedir-te desculpa do que **se** passou ontem – disse o Comissário. (*Mayombe*, 72)
155. ... e a controlarem os responsáveis, se na prática não **lhes** das exemplos? (*Mayombe*, 72)
156. Queres que **te** ordene a flagelação para expiaries o sacrilégio? (*Mayombe*, 72)
157. são os militantes sempre dispostos a autocriticar-se, a reconhecer erros que não cometeram, apenas porque isso **lhes** dá a impressão de serem bons militantes. (*Mayombe*, 73)
158. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia **se** acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se o fizessem em público os crentes tornar-se-iam cétricos. (*Mayombe*, 73)
159. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se **o** fizessem em público os crentes tornar-se-iam cétricos. (*Mayombe*, 73)
160. Então, achas que tudo **se** deveria fazer em frente do povo? (*Mayombe*, 73)

161. Mas não acredito numa série de coisas que se dizem ou se impõem, em nome do marxismo. (*Mayombe*, 73)
162. Mas não acredito numa série de coisas que se dizem ou se impõem, em nome do marxismo. (*Mayombe*, 73)
163. Pelo menos dos guerrilheiros, dos militantes, vanguarda do povo, como se diz. (*Mayombe*, 73)
164. «Vocês» representa todos os que não têm humor, que se tomam a sério (*Mayombe*, 73)
165. Sei que não te ofendes com isso. (*Mayombe*, 74)
166. A partir de que momento pensas que me ofenderei? (*Mayombe*, 74)
167. O dramático é que não se pode escapar a isso... (*Mayombe*, 74)
168. A mentira começa quando se diz que o proletariado tomou o poder. (*Mayombe*, 75)
169. ... e é o princípio da desconfiança, à qual se sucederá a desmobilização. (*Mayombe*, 76)
170. Se se fizer uma política no geral justa e se conseguir melhorar o nível de vida do povo, este fará confiança. (*Mayombe*, 76)
171. Como todos os do teu grupo, pensas que se não pode dizer a verdade ao povo, senão ele desmobiliza-se (i). (*Mayombe*, 76)
172. Isso é que vos choca? (*Mayombe*, 77)
173. Como te vês em Angola independente? (*Mayombe*, 77)
174. O que me não impede de lutar por essa independência (i). (*Mayombe*, 77)
175. A primeira vez que te vi, não, a segunda vez, estavas num bar a beber uma cerveja. (*Mayombe*, 77)
176. Tens um segredo, uma coisa que te faz ser um solitário, mais solitário que nós todos. (*Mayombe*, 78)
177. Por isso gosto das grandes cidades ou então da mata, onde se não é anónimo, antes pelo contrário, é-se singular, mas em que realmente uma pessoa sente ser uma personalidade singular, (i) (*Mayombe*, 78)
178. Se achas que te faria bem contar, podes ter confiança. (*Mayombe*, 78)
179. Mas não penses que é um segredo temível que me leva a ser solitário. (*Mayombe*, 78)
180. Penso que já me habituei demasiado a ser o único dono de mim próprio, para me poder partilhar. (*Mayombe*, 79)
181. Sabes o que se passa na Base? (*Mayombe*, 79)
182. Os kikongos, por seu lado, defendem o André e querem que tu te coloques como o líder militar kikongo (*Mayombe*, 79)
183. Falou também a sós com o Mundo Novo, que depois me veio sondar (*Mayombe*, 79)
184. oram para a casa do Comando, livres como as volutas de fumo que se libertavam na mata. Tranquilizados, Muatiânvua e os companheiros foram-se deitar. (*Mayombe*, 80)
185. não é mais que gotas de suor esmagadas pelas toneladas de terra que o cobrem. (*Mayombe*, 81)
186. O Comissário corria constantemente dum sítio para o outro, resolvendo os litígios que se multiplicavam. (*Mayombe*, 83)
187. O Comissário não queria ceder, mas acabou por reconhecer que a situação era anormal e que a irritação se apoderava de todos. (*Mayombe*, 83)
188. Eu acho que não se pode transigir. (*Mayombe*, 83)
189. Porque a minha comuna é mais pequena que a tua, porque o intendente te deu uma comuna a mais, (*Mayombe*, 84)
190. Se algo de grave se passar, a responsabilidade será sua. (*Mayombe*, 84)
191. Até sou obrigado a ouvir as opiniões que me querem impor, como a sua... (*Mayombe*, 84)
192. Há em primeiro lugar os que se conformam; (*Mayombe*, 84)

193. são os desesperados, que se deixam destruir, que se queixam constantemente mas que aceitam, no fundo, a desgraça. (*Mayombe*, 84)
194. são os desesperados, que se deixam destruir, que se queixam constantemente mas que aceitam, no fundo, a desgraça. (*Mayombe*, 84)
195. ...criam novos logo que aqueles falharam, que vivem em oposição direta com os guardas, que levam pancada todo o tempo mas que se levantam em seguida. (*Mayombe*, 85)
196. Que serei responsável do que se passar, qualquer dia há tiros, que não deverei ligar às opiniões dos outros. (*Mayombe*, 85)
197. Que pensas então que se deve fazer? (*Mayombe*, 86)
198. Pôr nas cordas dois guerrilheiros que se insultem? (*Mayombe*, 86)
199. Mas penso que também não se pode deixar abandalhar... (*Mayombe*, 86)
200. O problema é que não se pode castigar agora. (*Mayombe*, 86)
201. Se o senhor André se dignou abrir a bolsa. (*Mayombe*, 86)
202. ...feitas dentro de normas que ele se criou (*Mayombe*, 87)
203. Vai exatamente sabotar o setor que o pode liquidar. (*Mayombe*, 87)
204. Muitas vezes me pergunto se não será a única solução que nos resta... (*Mayombe*, 87)
205. Mas mesmo esses talvez marchassem, se eu os convencesse. (*Mayombe*, 87)
206. eles são uma minoria que não se oporia, porque eu estava com os amotinados. (*Mayombe*, 87)
207. Se não o faço, não é por isso. (*Mayombe*, 87)
208. Não digas pois que te sujeitarias à opinião da massa, se sabes perfeitamente que podes influenciar essa massa. (*Mayombe*, 87)
209. – Devo dizer-te que, se nunca te falei nisso, foi por medo de te incitar. (*Mayombe*, 88)
210. Eu não sou viciado, é egoísmo fumar um dos poucos que te restam. (*Mayombe*, 88)
211. Aí já terei um motivo sério que me fará esquecer os escrúpulos. (*Mayombe*, 88)
212. Só o ajudante dele é que o encontra. (*Mayombe*, 89)
213. O Comandante foi à cozinha ordenar que se preparasse um almoço abundante (*Mayombe*, 90)
214. Isso é um problema pessoal, não temos que nos meter. (*Mayombe*, 90)
215. Escondido. Tem medo da reação dos militantes, é o que se diz. (*Mayombe*, 90)
216. Não podes falar assim, não sabes o que se passou ao certo. (*Mayombe*, 93)
217. Uma sarna que não se cura, uma sarna que fica até à morte, como a infâmia. (*Mayombe*, 93)
218. Nada. Claro que não lhe vou fazer nada. (*Mayombe*, 94)
219. O Movimento que se encarregue. (*Mayombe*, 94)
220. O que me interessa é ela. (*Mayombe*, 94)
221. Um dia apareceu-me em casa dizendo que se ia embora. (*Mayombe*, 96)
222. A tática é totalmente diferente, com uma prostituta não há praticamente uma relação de forças que se cria, tudo se faz à base do dinheiro. (*Mayombe*, 96)
223. Se tinha ciúmes é porque me amava. Ingénio! (*Mayombe*, 96)
224. Dominei a vontade que tinha de lhe dizer a verdade e expliquei-lhe que nessa noite refletira e que, afinal, ela já não me interessava. (*Mayombe*, 96)
225. Foi com requinte que me moldei a personalidade que lhe devia apresentar. (*Mayombe*, 97)
226. Comigo nunca o fizera, porque me respeitava. (*Mayombe*, 97)
227. Enquanto estivemos separados, habituei-me à nova personalidade que me forjara. (*Mayombe*, 97)
228. Até que me convenci que inventar estórias não chegava e que era preciso agir, chegar até esse duelo de morte. (*Mayombe*, 78)

229. Diz que se vai embora, pede a transferência, pede perdão... (Mayombe, 93)
230. Saber realmente o que se passou. (Mayombe, 94)
231. É assim que te vais tornando homem, pensou Sem Medo. (Mayombe, 94)
232. Pensei que te quisesses vingar. (Mayombe, 94)
233. Desde que o sonho te não tire faculdades para o presente, isso não é proibido. (Mayombe, 111) **Interpolação**
234. Bolas! Há muito tempo que te não via tão otimista, tão seguro de ti. (Mayombe, 111)
235. Olha, aí está quem me pode substituir. (Mayombe, 111)
236. — Está bem. Que queres saber? Como se passou. — Como se passou? Queres os detalhes? (Mayombe, 112)
237. Até que, um dia, me atirarás à cara com o que se passou. (Mayombe, 113)
238. Vou-te provar que me gramas. (Mayombe, 114)
239. disse ela quando se afastaram. (Mayombe, 114)
240. O que se passou pode não ter importância... (Mayombe, 114)
241. Quem se mete entre um homem e uma mulher nunca resolve nada, antes complica. (Mayombe, 115)
242. O Comissário baixou os olhos, que, num instante, se tinham perturbado. (Mayombe, 115)
243. A pasta vai ao lado dele, fechada à chave, cheia de documentos que me hão-de comprometer. (Mayombe, 116)
244. Basta ver a sua cara para saber que o processo me será desfavorável. (Mayombe, 116)
245. E onde estão os meus companheiros que me não defenderam? (I) (Mayombe, 116)
246. ...até veio da Base quando teve conhecimento do que se passava, só para estar presente para poder enterrar-me mais. (Mayombe, 116)
247. Saberá que foi Sem Medo que o não quis fuzilar?(i) (Interpolação) (Mayombe, 116)
248. Não tinham fatos em que se agarrar, o Sem Medo e o seu grupo. (Mayombe, 116)
249. Os seus olhos que prometiam, que se não baixavam (i). (Mayombe, 116)
250. Porque não é aquele miado do Comissário que lhe dá gozo, isso vê-se logo. (Mayombe, 117)
251. Foi zelosa, as mulheres são sempre assim, têm de modificar um plano a seu favor, se quinze minutos lhes bastam. Elas demoram duas horas. (Mayombe, 117)
252. Quem pode atacar um homem que se não defende? (Mayombe, 117)
253. ...o responsável para ela só vale enquanto lhe pode trazer benefícios. (Mayombe, 118)
254. Ele bem sabia que se não o fizesse perderia a força. (Mayombe, 118)
255. Fora nomeado provisoriamente responsável de Dolisie, enquanto não se designasse o responsável definitivo. (Mayombe, 118)
256. Vão cumprir a pena dele, enquanto se não souber exatamente o que se passou. (i) (Mayombe, 119)
257. Vão cumprir a pena dele, enquanto se não souber exatamente o que se passou. (i) (Mayombe, 119)
258. ...o responsável para ela só vale enquanto lhe pode trazer benefícios. (Mayombe, 118)
259. Pensaram que se não tomariam medidas porque, como o André é kikongo e cometeu crimes,(i) (Mayombe, 119)
260. Estão habituados a que se atrasem as coisas, que se faça um inquérito e depois se decida. (Mayombe, 120)
261. Estão habituados a que se atrasem as coisas, que se faça um inquérito e depois se decida. (Mayombe, 120)
262. Até que um deles fale, se acuse e diga que o outro não tem nada a ver. (Mayombe, 120)
263. Preciso de encontrar um homem que se não deixe dominar (i). (Mayombe, 121)

264. Acho que não **se** meterá nas coisas, desde que perceba que a base de tudo é tribalismo. (*Mayombe*, 79)
265. Ela sabia-o, mas perdoava. Pensava que **o** fazia por vingança tardia. (*Mayombe*, 97)
266. Estava toda chocada com o que **se** passara e maravilhada ainda por eu a ter aceitado. (*Mayombe*, 97)
267. Não sei se compreendes, mas o problema é que ela **se** apercebeu que **me** amava irresistivelmente quando sentiu que **me** perdeu. (*Mayombe*, 98)
268. Ligou-me fatalmente a ela, num sentimento que não é de maneira nenhuma o amor, mas que **me** amarrou. (*Mayombe*, 98)
269. Quando **me** interesse por alguém, zás!, (*Mayombe*, 98)
270. Dir-se-ia que toda a tua vida **te** levou para a estratégia militar, Sem Medo. (*Mayombe*, 99)
271. Não sei se **te** disse que era mestiça... (*Mayombe*, 98)
272. Mas se **te** digo que não faz mal... (*Mayombe*, 99)
273. Se **se** torna igual, a paixão desaparece. (*Mayombe*, 100)
274. A culpa foi minha que **me** acomodei à situação, que não **me** apercebi que a rotina é o pior inimigo do amor. (*Mayombe*, 100)
275. Ela nunca teve grande espírito crítico, é preciso que **se** diga. (*Mayombe*, 100)
276. Só depois de viverem juntos é que eu **o** conheci bem. (*Mayombe*, 100)
277. Foi o nome que **me** dei, a Esfinge. (*Mayombe*, 100)
278. Tornou-se o meu nome de guerra, até que **me** deram a alcunha de Sem Medo, nem sei porquê. (*Mayombe*, 100)
279. O amante que **se** quer fazer amar deve dosear essa descoberta. (*Mayombe*, 100)
280. Se uma pessoa **se** mostra toda ao outro, o interesse da descoberta desaparece. (*Mayombe*, 100)
281. Contou tudo tal qual **se** via. (*Mayombe*, 101)
282. Foi na Europa. Há quatro meses que **se** separara do marido. (*Mayombe*, 101)
283. Se foi para a cama comigo é porque estava realmente com necessidade de homem, é das tais coisas a que uma pessoa **se** habitua, mesmo se mediocrementemente. (*Mayombe*, 101)
284. Mas há mulheres que **se** não submetem, que encontram no amor o contrapeso a essa inferioridade social. (*Mayombe*, 101)
285. No bureau encontrou o velho Kandimba, que **lhe** disse não haver almoço. (*Mayombe*, 102)
286. ...e um André amarrotado, perdido todo o porte aristocrático que **lhe** conferia o corpo esguio (*Mayombe*, 103)
287. Se **te** matarem, também não se perde muito. (*Mayombe*, 103)
288. Fizemos ontem uma reunião de militantes, onde **se** explicou tudo. (*Mayombe*, 104)
289. Todas as acusações são verdadeiras, como é que **o** iam defender? (*Mayombe*, 104)
290. Sem sabermos do que **se** passava, nós estávamos para marchar sobre Dolisie e prendê-lo, porque morríamos de fome e a comida não chegava. (*Mayombe*, 105)
291. É preciso que ele dispare para que **se** tomem medidas. (*Mayombe*, 105)
292. Não percebo o que **se** passa aqui. (*Mayombe*, 105)
293. Há uma série de casos similares que **se** passam, toda a gente sabe, e não se faz nada. (*Mayombe*, 106)
294. Quem **te** viu na Europa, nunca diria que ias aguentar isto. (*Mayombe*, 106)
295. Só quando provoca escândalo é que o Movimento **se** mete. (*Mayombe*, 106)
296. Isso é moral cristã, que **se** interessa pelas aparências. (*Mayombe*, 106)
297. Por isso, quando chego ao limiar que **me** vai fazer sincero para os outros (*Mayombe*, 107)
298. Agora por causa do que **se** passou (*Mayombe*, 107)
299. E estarás de acordo em que **se** tirem quadros da guerrilha? (*Mayombe*, 107)

300. Uma pessoa está habituada a não discutir, a não pôr em questão uma série de ensinamentos que **lhe** vieram da infância. (*Mayombe, 109*)
301. Mas, se **me** dessem a escolher, preferiria ir para outra Região (*Mayombe, 109*)
302. Isso não será um complexo que **te** ficou? (*Mayombe, 109*)
303. que estejamos para aqui a discutir Freud, quando **nos** encontramos em plena confusão política, (*Mayombe, 110*)
304. Viu as vertentes imponentes da Tundavala, onde o Mundo **se** abria para gerar o deserto do Namibe: (*Mayombe, 110*)
305. Quando **me** propôs para irmos para o capim, aceitei. (*Mayombe, 112*)
306. Ondina não quererá, ainda **te** não apercebeste, João? (*Mayombe, 116*)
307. O mal é que ele tem de estar longe, não terá ocasião de **se** mostrar com a nova pele que **se** construirá, que o ajudaste a construir-se. (*Mayombe, 121*)
308. — Era preciso tempo. — Era, sim. E também que eu **o** amasse. (*Mayombe, 121*)
309. Sem Medo foi fechar a porta de entrada, para que não **o** vissem chorar. (*Mayombe, 122*)
310. Mais tarde, sim, se **se** reencontrarem. (*Mayombe, 122*)
311. Sempre o sim ou o não, quando **se** não sabe o caminho a tomar(**i**). (*Mayombe, 122*)
312. Para que só **te** tivesse a ti, (*Mayombe, 122*)
313. Pensas que **me** liquidaste, que afastaste de mim o amor. (*Mayombe, 123*)
314. Verás no que **me** vou tornar. (*Mayombe, 123*)
315. Tem medo que **me** embebede e não tenha dinheiro. (*Mayombe, 123*)
316. Começou a falar, a dizer que tu e eu estávamos enganados com ele, que **se** não deixaria abater. (**i**) (*Mayombe, 124*)
317. — Que ele **se** deixara convencer que eras um homem excepcional em todos os domínios, que afinal não eras nada. (*Mayombe, 124*)
318. Que **se** poderá andar nu nas ruas. (*Mayombe, 131*)
319. Ele é que **se** criou um mito sobre mim, agora apercebe-se que estava enganado. (*Mayombe, 126*)
320. Sem Medo ficou vendo as ancas que **se** afastavam. (*Mayombe, 128*)
321. ...basta que **me** mantenham um mês neste posto. (*Mayombe, 128*)
322. Mas não foi tão rápido como **se** imaginava. (*Mayombe, 129*)
323. Mas aprendi que as palavras só valem quando correspondem ao que **se** faz na prática. (*Mayombe, 129*)
324. Dir-se-ia que **aqui** **se** juntaram todos os que querem viver da Revolução. (*Mayombe, 130*)
325. — Saía sempre que **lhe** apetecia. (*Mayombe, 130*)
326. Agradeço que nunca **me** compares ao André. (*Mayombe, 130*)
327. Há economistas que **se** mexem, que não trabalham num bureau. (*Mayombe, 131*)
328. — Pensas realmente isso? — Se **te** digo! (*Mayombe, 131*)
329. Isso é que **me** enraivece. (*Mayombe, 131*)
330. E o pior é que **nos** convencemos com as nossas próprias desculpas, deixamos de ser lúcidos. (*Mayombe, 131*)
331. Nós somos piores, porque **nos** alienamos a nós próprios. (*Mayombe, 131*)
332. Há correntes que **já** **se** quebraram mas continuamos a transportá-las connosco, por medo de as deitarmos fora e depois nos sentirmos nus. (*Mayombe, 131*)
333. Que **se** poderá rir à vontade, sem que ninguém se volte para ti e ponha um dedo na cabeça. (*Mayombe, 131*)
334. Que **se** faça amor quando se quiser, sem pensar nas consequências. (*Mayombe, 131*)
335. De outro modo é um parvo que **se** ilude sobre si mesmo. (*Mayombe, 133*)
336. — Há mulheres que **me** fazem poeta. (*Mayombe, 134*)

337. — Tu próprio disseste que nunca **se** diz tudo. (*Mayombe, 135*)
338. Isso significa que **me** farto da pessoa. (*Mayombe, 135*)
339. — Foi o que ele **me** disse. (*Mayombe, 135*)
340. — És uma boa aluna! Repetes-me o que **te** lancei no outro dia... (*Mayombe, 135*)
341. eles vêm sempre bater na cabeça de quem **os** proferiu. (*Mayombe, 135*)
342. Demasiado seguro de si, fora isso que **a** irritara quando se conheceram. (*Mayombe, 135*)
343. Demasiado seguro de si, fora isso que **a** irritara quando **se** conheceram. (*Mayombe, 135*)
344. Quantas choraram, quantas fugiram antes de cair na rede de onde **se** não volta mais **(i)**? (*Mayombe, 136*)
345. Sempre o humor a travar uma conversa que **se** torna perigosa. (*Mayombe, 136*)
346. Julgas que **se** não rebola ainda na cama, pensando em ti? (*Mayombe, 137*)
347. Quando **me** forçou, foi maravilhoso. (*Mayombe, 137*)
348. Dum homem forte que **me** domine. (*Mayombe, 138*)
349. O homem tem atração pelo que **lhe** faz medo. (*Mayombe, 138*)
350. Não aceitaste o Comissário porque ele **se** submeteu a ti. (*Mayombe, 138*)
351. — Chegar à Base. Salvar o que **se** puder salvar. (*Mayombe, 139*)
352. — Se alguma coisa **lhe** sucedeu... (*Mayombe, 139*)
353. Oh, se alguma coisa **lhe** sucedeu, sou eu a culpada... (*Mayombe, 139*)
354. Afinal o inimigo já tinha avançado, porque **nos** atacou. (*Mayombe, 139*)
355. A Base foi atacada, não sabemos o que **se** passa com os nossos camaradas. (*Mayombe, 140*)
356. Viste como todos **se** ofereceram? (*Mayombe, 141*)
357. Mas não se pôde impedir de pensar que o Comandante **lhe** parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez se tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros. (*Mayombe, 141*)
358. Mas não se pôde impedir de pensar que o Comandante **lhe** parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez **se** tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros. (*Mayombe, 141*)
359. O capim alto dos bordos do caminho fustigava as costas dos guerrilheiros, que **se** abaixavam constantemente para não apanharem com ele na cara. (*Mayombe, 141*)
360. Acho que o que **nos** separa é a linguagem. (*Mayombe, 144*)
361. Mastigou uma folha, para que o amargor **lhe** tirasse a vontade de fumar. (*Mayombe, 144*)
362. Gesto irrisório, a vontade não vinha da boca, embora **se** manifestasse por um excesso de saliva. (*Mayombe, 144*)
363. Era absurdo que o Comissário ou Muatiânvua **se** enganassem e corressem para o inimigo. (*Mayombe, 145*)
364. Mas não por Cabinda, que não **me** interessa. (*Mayombe, 147*)
365. Foram despertando docemente os homens, os quais **se** levantavam imediatamente. (*Mayombe, 147*)
366. Escravos são os que **se** entregam ao jogo sem se dominarem ou o inverso. (*Mayombe, 148*)
367. ... mas aquele mesmo Frank, Schulz, Ahmed ou Ngonga que **se** metia à sua frente. (*Mayombe, 148*)
368. «No jogo, o homem que **se** domina e ao mesmo tempo se entrega não pode ser escravo. (*Mayombe, 148*)
369. «No jogo, o homem que se domina e ao mesmo tempo **se** entrega não pode ser escravo. (*Mayombe, 148*)

370. O revolucionário tem de fazer um compromisso entre o ódio abstrato ao inimigo e a simpatia que o inimigo-indivíduo **lhe** possa inspirar. (*Mayombe, 148*)
371. E seu momento de perda de lucidez é quando o ódio abstrato **se** concretiza no indivíduo e avança, raivosamente lícido, contra os soldados que procuram impedi-*lo* de avançar, não porque são inimigos. (*Mayombe, 148*)
372. Além disso, se subissem a falésia a partir do sítio onde **se** encontravam, não surgiriam no meio da Base. (*Mayombe, 150*)
373. Esperar não podiam: se um tuga **se** lavava, outros viriam a seguir. (*Mayombe, 150*)
374. Depois, o Teoria veio explicar o que **se** passara. (*Mayombe, 151*)
375. quando ouviram, vindo do catre do Comandante, uma espécie de ronco profundo, saído do estômago, e que em breve **se** libertou na mais monumental gargalhada da história da Base. (*Mayombe, 152*)
376. — Que querem que **se** faça? (*Mayombe, 152*)
377. Mas o camarada Comandante falou e bem no esforço extraordinário que **se** fez. (*Mayombe, 153*)
378. O Mundo Novo adivinhou que **se** pensava nele para responsável e já está a assumir o seu papel, pensou Sem Medo, ou é naturalmente que **se** assume como quadro consciente? (*Mayombe, 153*)
379. O próprio Comissário olhou, perplexo, o Comandante que **lhe** vinha em socorro. (*Mayombe, 153*)
380. — Porque não fazer um julgamento público, uma reunião de todos os camaradas que **aqui se** encontram agora? (*Mayombe, 153*)
381. Ele falou de maneira que todos sentiram que **se** comportaram como heróis. (*Mayombe, 154*)
382. O Povo só o compreende, quando ele **se** explica pela ação. (*Mayombe, 154*)
383. Mais uma chapada no orgulho do Comissário, que já se tomava pelo melhor. (*Mayombe, 154*)
384. Há muito tempo que **se** não fazia uma ação tão importante e fora sempre ele, Sem Medo, que as comandara. (*Mayombe, 155*)
385. Não sei por que **me** nomearam... (*Mayombe, 156*)
386. Milagre levantou-se, avançou dois passos e lançou um obus que aniquilou os inimigos antes que **se** instalassem convenientemente na trincheira. (*Mayombe, 165*)
387. ...mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, **se** comportam como tal. (*Mayombe, 157*)
388. Mas o que **me** convenceu mesmo foi quando os camaradas se arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. (*Mayombe, 158*)
389. Mas o que **me** convenceu mesmo foi quando os camaradas **se** arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. (*Mayombe, 158*)
390. O Pau Caído ficava ao lado dum morro acessível, no qual **se** podiam instalar os morteiros. (*Mayombe, 162*)
391. Vai embora, foi dito que **se** vai embora para o Leste. (*Mayombe, 163*)
392. Mas que será feito do meu povo se o único cabinda **se** portar mal? (*Mayombe, 163*)
393. Só poderiam fazê-*lo* pela esquerda, onde **se** encontrava o grupo do Comissário. (*Mayombe, 165*)
394. O primeiro grupo inimigo que compreendeu o que **se** passava precipitou-se para uma trincheira. (*Mayombe, 165*)
395. João apercebera-se da existência do talude e avançou para ficar à frente do inimigo, quando este **se** metesse na vala. (*Mayombe, 166*)

396. Era um filme. Lutamos, que estava no grupo do Comissário, também percebeu o que se passava. (*Mayombe, 166*)
397. Estava a dez metros do talude, quando a rajada da Breda o apanhou em pleno ventre, lá onde lhe nascia o formigueiro. (*Mayombe, 166*)
398. É a única homenagem que lhe podemos prestar. (*Mayombe, 169*)
399. Os homens cavaram rápido, eletrizados pelo Comissário, o qual se esvaía no buraco que alargava. (*Mayombe, 169*)
400. O Comissário não falou, como lhe competia. (*Mayombe, 170*)
401. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu. (*Mayombe, 171*)
402. Há os que precisam de escrever para despir a pele que lhes não cabe já. (*Mayombe, 171*)
403. Quantos há que sabem onde se encontra esse caminho de areia no meio da areia? (*Mayombe, 171*)
404. Impossível de encontrar o camarada André, que se anda a esconder dos militantes. (*Mayombe, 89*)
405. No fundo, no fundo, quem se vai tramar é o Sem Medo. (*Mayombe, 118*)
406. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. (*Mayombe, 4*)
407. À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. (*Mayombe, 4*)
408. O Comandante Sem Medo contemplou-o fixamente, enquanto o professor se sentava, gritando calado para esconder as dores insuportáveis. (*Mayombe, 5*)
409. — Eu é que sei como me sinto. (*Mayombe, 5*)
410. Num passeio, um tipo pode agir contra toda a razão, só porque lhe apetece ir pela esquerda em vez de ir pela direita. (*Mayombe, 5*)
411. Segredo doloroso, de que o Comissário se não apercebia, de que o Chefe de Operações se não interessava (i). (*Mayombe, 6*)
412. Segredo doloroso, de que o Comissário se não apercebia, de que o Chefe de Operações se não interessava (i). (*Mayombe, 6*)
413. Amigada com outro, porque a deixei, porque Manuela não foi suficientemente forte para me reter no Amboim. (*Mayombe, 7*)
414. Acendera mesmo um cigarro, segundo se pôde aperceber Sem Medo. (*Mayombe, 16*)
415. Foi nesse momento que se ouviu a segunda rajada, feita por Mundo Novo, que se confundiu com a rajada de Lutamos. (*Mayombe, 17*)
416. Foi nesse momento que se ouviu a segunda rajada, feita por Mundo Novo, que se confundiu com a rajada de Lutamos. (*Mayombe, 17*)
417. Ele e Mundo Novo encavalitaram-se numa pedra, enquanto os outros se espalhavam em grupos pelo Lombe, lavando-se ou conversando. (*Mayombe, 25*)
418. Mas, quando se não é escritor, é preciso desabafar, falando. (*Mayombe, 26*) **Interpolação**
419. O Chefe de Operações aproximou-se deles, mas, como os viu conversando baixo, afastou-se. (*Mayombe, 27*)
420. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. (*Mayombe, 28*)
421. Fora aí, na cegueira da floresta e da chuva, que Leli viera, se impusera de novo. (*Mayombe, 31*)
422. Os soldados que se encontravam na estrada estavam mortos ou feridos. (*Mayombe, 32*)
423. A dez metros do sítio onde se encontravam, já puderam erguer-se um pouco e afastarem-se, pois tinham árvores interpostas. (*Mayombe, 32*)

424. A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se atemorizava, se inibia. (*Mayombe*, 52)
425. A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se atemorizava, se inibia. (*Mayombe*, 52)
426. A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se atemorizava, se inibia. (*Mayombe*, 52)
427. Mas já estava a imaginar como se desculpava em seguida para partir e o gelo que de novo se formaria entre eles. (*Mayombe*, 52)
428. E saiu, um soluço galopando, a raiva toda concentrada em André, que o obrigava a correr-lhe atrás,.. (*Mayombe*, 53)
429. O Comissário queria refilar, dizer que via o jipe a andar dum lado para o outro, por isso havia dinheiro, que se morria de fome na Base, que ele lhe mentira. (*Mayombe*, 53)
430. O Comissário queria refilar, dizer que via o jipe a andar dum lado para o outro, por isso havia dinheiro, que se morria de fome na Base, que ele lhe mentira. (*Mayombe*, 53)
431. Com que direito André se metia a decidir das permissões? (*Mayombe*, 58)
432. Outras só podem ser estudadas na intimidade, no modo como se entregam, (*Mayombe*, 59)
433. Entraram na casa do Comando, onde se encontravam vários guerrilheiros (*Mayombe*, 61)
434. Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro(i). (*Mayombe*, 8)
435. É engraçado, pensava Sem Medo, ao ir de um para outro, mesmo os que não me gramam nada parece que me adoram. (*Mayombe*, 30)
436. É engraçado, pensava Sem Medo, ao ir de um para outro, mesmo os que não me gramam nada parece que me adoram. (*Mayombe*, 30)
437. Levantou para ele uns olhos límpidos, onde se lia o temor. (*Mayombe*, 63)
438. Olhou para trás do Comandante, para o grupo de espectadores que se formara atrás da janela, sem que o Comandante os visse. (*Mayombe*, 63)
439. salvo no momento da confissão, para que se sintam mesquinhos em face do sofrimento do Cristo: (*Mayombe*, 73)
440. Uma coisa, por exemplo, que me põe doente é a facilidade com que vocês aplicam um rótulo a uma pessoa (*Mayombe*, 73)
441. Como lhe disse, a Direção já foi avisada. (*Mayombe*, 90)
442. Como vês, há erros que se não corrigem (i). (*Mayombe*, 96)
443. Ondina ficou deitada, os olhos fechados, as coxas na mesma posição, enquanto ele se levantava num repelão, já arrependido. (*Mayombe*, 114)
444. É o cigarro alimentando o vício, aquele que se diz ser o último. (*Mayombe*, 116)
445. Todos aqueles que me lisonjeavam, que andavam à minha volta esperando uma migalha, fugiram com medo dos kimbundos. (*Mayombe*, 116)
446. Um tronco de árvore em que um civil se deixara cair, recusando seguir, era a «árvore do Nuno»; (*Mayombe*, 102)
447. Quando me sentia fora de mim, adormecia. (*Mayombe*, 106)
448. O silêncio que se seguiu colocou uma barreira entre os dois. (*Mayombe*, 132)
449. Mulher que lhe agradasse não lhe escapava, mesmo se fosse a sua irmã. (*Mayombe*, 132)
450. — Quando o sentisse, ir-me-ia embora. (*Mayombe*, 138)
451. Quando o soldado se virasse, ele matá-lo-ia. (*Mayombe*, 150)
452. ...as pernas afastadas, no meio do rio que lhe ia até aos joelhos. (*Mayombe*, 150)
453. Quando se apercebeu de que os camaradas tinham fugido, (*Mayombe*, 152)
454. Quando se sentaram à mesa, Mundo Novo disse. (*Mayombe*, 156)

455. Por isso vou até ao fim, sabendo que, em relação ao ideal que **me** fixei, a minha ação é metade inútil, ou melhor, só em metade é útil. (*Mayombe*, 157)
456. Mas o que **me** convenceu mesmo foi quando os camaradas *se* arriscaram tanto para **me** devolver o dinheiro. (*Mayombe*, 158)
457. Sem Medo correu para os braços que **se** abriam para ele. (*Mayombe*, 159)
458. Manter a ternura pelo mesmo homem, embora **se** deseje outros a momentos diferentes. (*Mayombe*, 159)
459. A personagem que **me** construí seria destruída num segundo e morreria com o sentimento de ter sido um impostor. (*Mayombe*, 160)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

1. O que sei é que os homens teimosos são-**no** geralmente até ao fim, sobretudo quando há um risco. (*Mayombe*, 6)

6. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, sem proclisadores

6.1. Próclise

0

6.2. Ênclise

1. Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-**se** um efetivo suficiente. (*Mayombe*, 4)
2. Vinha por vezes juntar-**se** a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. (*Mayombe*, 4)
3. — O Comando pensa que deves voltar ou esperar-**nos** aqui. (*Mayombe*, 5)
4. Se quer partir a cabeça, se escolheu partir a cabeça, devemos dar-**lhe** a liberdade de partir a cabeça. (*Mayombe*, 6)
5. Teoria foi deitar-**se**. (*Mayombe*, 6)
6. Porque não dar-**lhe** uma possibilidade? (*Mayombe*, 6)
7. E Manuela, como poderia ela situar-**se** na vida de alguém perseguido pelo problema da escolha, do sim ou do não? (*Mayombe*, 8)
8. Sem Medo foi lavar-**se** perto do Comissário. (*Mayombe*, 8)
9. Somos tão poucos que não podemos permitir-**nos** o luxo de sermos surpreendidos. (*Mayombe*, 8)

10. Ou porque sou o Comandante e deve apoiar-se para estar bem comigo e poder subir... ou porque tu és o Comissário, cargo logo a seguir ao dele, e deve estar contra ti, destruir-te, mostrar os teus erros, para apanhar o teu lugar. (*Mayombe*, 9)
11. Ou porque sou o Comandante e deve apoiar-se para estar bem comigo e poder subir... ou porque tu és o Comissário, cargo logo a seguir ao dele, e deve estar contra ti, destruir-te, mostrar os teus erros, para apanhar o teu lugar. (*Mayombe*, 9)
12. Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. (*Mayombe*, 10)
13. Camarada Comandante, o camarada Verdade acha que devíamos apanhar os trabalhadores da exploração e fuzilá-los, porque trabalham para os colonialistas. (*Mayombe*, 10)
14. O Chefe de Operações nada disse; deixou-os passar por ele e limitou-se a segui-los. (*Mayombe*, 12)
15. E voltou a sentar-se. (*Mayombe*, 13)
16. Ele ia mas é avisar os trabalhadores, afugentá-los... (*Mayombe*, 13)
17. São forçados a aumentar as patrulhas, pois aqui há população e eles querem cortar-nos dela. (*Mayombe*, 14)
18. Vamos rodear os grupos, aprisioná-los, destruir o que se puder, apanhar a serra, etc. (*Mayombe*, 14)
19. Eu vou com dois camaradas pôr-me na picada, para lá do camião. (*Mayombe*, 14)
20. Ao cheiro da pólvora veio misturar-se um cheiro mais característico. (*Mayombe*, 17)
21. Nesse dia, os tugas não ousariam aproximar-se. (*Mayombe*, 18)
22. Disparar sobre ele e matá-lo, como faz a UPA? (*Mayombe*, 19)
23. Tentámos apanhá-lo vivo, mas fugiu. (*Mayombe*, 19)
24. Libertá-lo como aos outros? (*Mayombe*, 19)
25. Haveria uma revolta dos guerrilheiros. Levá-lo para o Congo? (*Mayombe*, 19)
26. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. (*Mayombe*, 20)
27. Podem vendê-la? (*Mayombe*, 21)
28. Podem utilizá-la? (*Mayombe*, 21)
29. Mesmo o branco, podíamos matá-lo, não quisemos. (*Mayombe*, 21)
30. Ekuikui chorava, dizendo que ainda à noite estava no seu bolso, quisera entregá-la ao Comissário. (*Mayombe*, 22)
31. O que queria era ver-se livre e o problema da nota atrasava a partida e a liberdade. (*Mayombe*, 22)
32. os tugas não esperarão encontrar-nos na estrada. (*Mayombe*, 23)
33. Já revistámos o Ekuikui, vamos fazê-lo a todos. (*Mayombe*, 23)
34. Lutamos estava a vestir-se, quando Sem Medo deu um salto terrível, rugindo, sobre o grupo do fundo. (*Mayombe*, 24)
35. Segurou um braço de Ingratidão do Tuga, que tentou libertar-se, e a nota de cem escudos caiu no chão. (*Mayombe*, 24)
36. Temos o nome dele e do kimbo, talvez consigamos lá chegar e entregar-lhe. (*Mayombe*, 24)
37. quando os camaradas reagiram, ele pôde esconder-se entre as pedras e voltar à Base, nu. (*Mayombe*, 25)
38. Tenho procurado sempre dominar-me, vencer-me... compreendes? (*Mayombe*, 26)
39. A questão é conseguir dominar o medo e ultrapassá-lo. (*Mayombe*, 26)

40. A religião soube desde o princípio servir-**se** de certas necessidades subjetivas, nasceu mesmo dessas necessidades. (*Mayombe*, 27)
41. Penso sempre que assustar-**me** é pior. (*Mayombe*, 27)
42. É melhor preparar-**se** o almoço, não? (*Mayombe*, 27)
43. Como tratá-**lo**, se todos os pensos estavam molhados? (*Mayombe*, 28)
44. Ao irem atacar o Posto de Miconje, a imagem de Leli viera confundir-**se** com a chuva que formava torrentes de lama. (*Mayombe*, 31)
45. Sem Medo quis levantar-**se** para correr, correr até ao sítio onde estava o inimigo, despejar todos os carregadores até apagar a imagem de Leli. (*Mayombe*, 31)
46. É preciso ir buscá-**lo**. (*Mayombe*, 32)
47. O Comissário veio sentar-**se** ao lado do Comandante, a testa jovem cortada por uma ruga. (*Mayombe*, 33)
48. Eu não. Mas devia dizer-**te**. (*Mayombe*, 35)
49. Impossível ver-**lhes** a cara, na escuridão. (*Mayombe*, 36)
50. Não poderiam pará-**los**, para **lhes** perguntar quem eram. (*Mayombe*, 36)
51. Mas o Comandante não pudera conter-**se**. (*Mayombe*, 38)
52. Partiram apressadamente, tentando afastar-**se** da zona perigosa. (*Mayombe*, 38)
53. Podia repetir-**te** os exemplos... (*Mayombe*, 39)
54. Os exemplos de fora, do exterior, dos refugiados fardados de militantes, vêm influenciar os combatentes, enfraquecer-**lhes** o moral. (*Mayombe*, 39)
55. Já sentiste o punhal enterrar-**se** na barriga de alguém? (*Mayombe*, 40)
56. Poderia ter evitado fazê-**lo**, mas todos evitavam, não houve voluntários, não tive coragem, sim, não tive coragem, de mandar um camarada executá-lo, escolhi-me a mim próprio como voluntário, para dar o exemplo. (*Mayombe*, 40)
57. Poderia ter evitado fazê-lo, mas todos evitavam, não houve voluntários, não tive coragem, sim, não tive coragem, de mandar um camarada executá-**lo**, escolhi-me a mim próprio como voluntário, para dar o exemplo. (*Mayombe*, 40)
58. E foi a responsabilidade mais difícil de assumir, comparado com isso é brincadeira ser-**se** voluntário para assaltar um quartel... (*Mayombe*, 40)
59. Para os homens que apreciam a vida humana, que lutam porque apreciam a vida humana, camarada, é muito difícil ser-**se** voluntário para executar à punhalada um homem, mesmo que seja um traidor miserável. (*Mayombe*, 40)
60. Um intelectual, que nada conhece da vida, que não sofreu, um homem desses é que pode condenar-**nos**? (*Mayombe*, 41)
61. O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-**lo** aos homens: (*Mayombe*, 42)
62. Vão causar-**nos** problemas. (*Mayombe*, 43)
63. Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-**me** mais. (*Mayombe*, 46)
64. Devo dizer-**te** que nunca vi ninguém totalmente e permanentemente desinteressado. (*Mayombe*, 48)
65. Mas podes abandonar, se as dificuldades forem grandes, podes cansar-**te** mais facilmente que outro que seja mais otimista. (*Mayombe*, 48)
66. Por isso, é necessário mostrar-**lhe** sempre que o pouco conquistado não chega e que se deve prosseguir. (*Mayombe*, 49)
67. Como se fosse possível fazer-**se** uma Revolução só com homens interesseiros, egoístas! (*Mayombe*, 50)

68. Ao vê-lo, dir-se-ia que não tem alma. (*Mayombe*, 50)
69. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à lata? (*Mayombe*, 50)
70. Mas foi ele que correu a peito descoberto para salvar o Muatiânvua, quando caíram na emboscada, e que chorou ao vê-lo ileso. (*Mayombe*, 50)
71. Ele tentou segurar-lhe a mão, ela evitou, olhando em volta. (*Mayombe*, 51)
72. Queria explicar-lhe o que significa beber uma cerveja gelada quando se está meses e meses na mata. (*Mayombe*, 52)
73. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... (*Mayombe*, 52)
74. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... (*Mayombe*, 52)
75. A impressão de que o amor é melhor quando com uma quitata custou a abandoná-lo, mesmo depois de várias experiências com Ondina. (*Mayombe*, 52)
76. Vou encontrá-lo agora. (*Mayombe*, 52)
77. O Comissário sentiu um calor indefinível subir-lhe pelo corpo e toda a amargura desapareceu. (*Mayombe*, 52)
78. Era verdade, ele ali estava a prová-lo. (*Mayombe*, 54)
79. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. (*Mayombe*, 56)
80. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. (*Mayombe*, 56)
81. O Comissário queria mas é fugir de Dolisie e refugiar-se na sua Base. (*Mayombe*, 57)
82. Tinha vontade de ir arrancar André da cama e esbofeteá-lo. (*Mayombe*, 58)
83. É o que dá querer ser-se mais papista que o Papa! (*Mayombe*, 58)
84. É o que dá ser-se ingénuo. (*Mayombe*, 58)
85. Foi pena o Comissário ter-se esquecido de trazer mais óleo (*Mayombe*, 59)
86. Vamos nomear-te caçador oficial da Base. (*Mayombe*, 59)
87. Vocês os dois podem completar-se, pois têm muito para ensinar um ao outro. (*Mayombe*, 60)
88. Conquistá-la sexualmente, penso que ainda não o fizeste. (*Mayombe*, 60)
89. Sempre achei ridículo o indivíduo que pega no Mao e passa uma noite a lê-lo.. (*Mayombe*, 60)
90. Posso dar-te uma orientação, mas não os detalhes do procedimento. (*Mayombe*, 61)
91. ... e viu a garganta dela contrair-se, (*Mayombe*, 62)
92. O camarada Pangu-Akitina veio aqui insultar-nos (*Mayombe*, 66)
93. Tentei impedi-los, fui mesmo contra todos os que ali estavam, não tive medo de me meter. (*Mayombe*, 67)
94. Até agora, o Comissário limitava-se a seguir o Comandante, a imitá-lo: mesmo nos gestos, no estilo de combater, na indiferença aparente com que enfrenta o inimigo. (*Mayombe*, 67)
95. ... o Chefe de Operações fazer-se contra o Comandante, defensor do niilismo pequeno-burguês. (*Mayombe*, 68)
96. Elas vêm dos desertos e vão cruzar-se, penetrar-se, sobre o Mayombe. (*Mayombe*, 69)

97. Sem Medo identificou-se a uma nuvem cinzenta, com fímbrias brancas, que corria em revolução constante, e parecia poder escapar-se, poder passar ao lado da massa de nuvens que se adensava sobre o Mayombe. (*Mayombe*, 69)
98. Cofiou a barba, enquanto os olhos pareciam soltar-se do rosto anguloso. (*Mayombe*, 69)
99. Está muito bem, devia fazê-lo mais vezes. (*Mayombe*, 70)
100. ...não tentem atirar-me contra o Comissário, com intrigas, do disse que disse, comigo não pega. (*Mayombe*, 70)
101. Queria falar-te. (*Mayombe*, 71)
102. Eu vivo o presente; quando faço amor, não penso nas vezes em que não encontrei prazer, ou que será necessário lavar-me a seguir (*Mayombe*, 72)
103. Quero pedir-te desculpa do que se passou ontem – disse o Comissário. (*Mayombe*, 72)
104. – Não devia falar-te assim à frente dos guerrilheiros. (*Mayombe*, 72)
105. É desautorizar-te e tirar a confiança dos guerrilheiros no Comando. (*Mayombe*, 72)
106. Mas não devia falar-te ali. (*Mayombe*, 72)
107. Deveria ter-te dito isso à parte. (*Mayombe*, 72)
108. Precisamente porque tu sempre evitas fazer-me críticas públicas. (*Mayombe*, 72)
109. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se o fizessem em público os crentes tornar-se-iam céticos. (*Mayombe*, 73)
110. O militante tem de entrar no círculo, pertencer à casta, isto é, tornar-se dirigente, para saber da roupa suja que se lava nas altas instâncias. (*Mayombe*, 73)
111. Objetivamente, será necessário apertar-se a vigilância no interior do Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. (*Mayombe*, 74)
112. Quem toma o poder é um pequeno grupo de homens, na melhor das hipóteses, representando o proletariado ou querendo representá-lo. (*Mayombe*, 75)
113. Negá-lo é demagogia, é populismo. (*Mayombe*, 75)
114. O Comissário deitou-se no catre, tentando acalmar-se. (*Mayombe*, 84)
115. Eu preferiria ver-me no terceiro – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 85)
116. — Pô-los de guarda suplementar? (*Mayombe*, 86)
117. Toda a verdade está escrita, gravada em pedra, nem dois mil anos de história poderão adulterá-la. (*Mayombe*, 86)
118. Podia abastecer-nos, não achas? (*Mayombe*, 86)
119. – Devo dizer-te que, se nunca te falei nisso, foi por medo de te incitar. (*Mayombe*, 88)
120. O melhor era deixá-lo sair por si mesmo da apatia. (*Mayombe*, 90)
121. Se quiserem, podem complicar-te a vida. (*Mayombe*, 93)
122. E vens tu falar-me de pequenos aspectos formais, como Guias de Marcha... (*Mayombe*, 93)
123. Sei que estás a procurar um pretexto qualquer, queres reter-me na Base, tens medo que eu ande assim à noite. (*Mayombe*, 93)
124. Não podia repeli-lo, ele precisava de se aninhar no seu colo e deixar escapar toda a raiva, todo o desespero que nele se acumulara. (*Mayombe*, 94)
125. Tornar-se homem é criar uma casca à volta, cheia de picos que protejam, uma casca cada vez mais dura, impenetrável. (*Mayombe*, 94)
126. Mas observei nela a desilusão cavar-se, à medida que o tempo passava e conhecia melhor o outro. (*Mayombe*, 97)

127. Eu aparecia frequentemente com raparigas e sentia o ciúme dela avivar-se. (*Mayombe*, 97)
128. Deixei-a desiludir-se completamente do outro. (*Mayombe*, 97)
129. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. (*Mayombe*, 97)
130. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. (*Mayombe*, 97)
131. Como não era tipo para ficar só na invenção das estórias, tinha dois únicos caminhos na vida: ou escrevê-las ou vivê-las. (*Mayombe*, 78)
132. Como não era tipo para ficar só na invenção das estórias, tinha dois únicos caminhos na vida: ou escrevê-las ou vivê-las. (*Mayombe*, 78)
133. Viver duradoiramente com uma mulher, respeitar os seus desejos, confrontá-los com os meus, (*Mayombe*, 79)
134. De qualquer modo, quando a reconquistei era sincero, não pensava abandoná-la depois. (*Mayombe*, 98)
135. Leli entretanto procurava-me, tentando recuperar-me. (*Mayombe*, 98)
136. E que, quando alguém quer fazer uma asneira, deves deixá-lo fazer a asneira. (*Mayombe*, 99)
137. Ainda tinha esperanças em que o marido voltasse e não queria traí-lo, mesmo que num momento de separação. (*Mayombe*, 101)
138. Foi preciso levá-la a reviver os momentos de separação do marido, levá-la a ver o marido nos braços de outra, pô-la a chorar, para depois as carícias a aquecerem até ser capaz de perder a cabeça. (*Mayombe*, 101)
139. Quando a noite viesse bem o sentiria revolver-se na cama. (*Mayombe*, 102)
140. Sem sabermos do que se passava, nós estávamos para marchar sobre Dolisie e prendê-lo, porque morríamos de fome e a comida não chegava. (*Mayombe*, 105)
141. Pode estragar-se. (*Mayombe*, 108)
142. Como os católicos que recusam pôr em dúvida a existência de Deus, porque isso poderia perturbá-los. (*Mayombe*, 109)
143. E é cansativo lutar-se sem povo. (*Mayombe*, 109)
144. Por outro lado, devo dizer-te que gosto desta Região e que ela tem possibilidades. (*Mayombe*, 109)
145. A culpa é nossa, não temos sabido aproveitá-las. (*Mayombe*, 109)
146. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para a discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. (*Mayombe*, 109)
147. Evitavam fitar-se. (*Mayombe*, 111)
148. Mesmo que não fales, não poderás esquecer-lo. (*Mayombe*, 113)
149. Ele procurou abraçá-la. (*Mayombe*, 113)
150. O Comissário tentou de novo abraçá-la. (*Mayombe*, 113)
151. E depois disso, passaste a gramá-lo? (*Mayombe*, 113)
152. Posso dizer-te agora, João, mas que valor tem isso dito numa cama, depois de se fazer amor? (*Mayombe*, 114)
153. Amanhã, a frio, poderei dizer-te o contrário. (*Mayombe*, 114)
154. Hei-de habituar-me aos poucos à ideia. (*Mayombe*, 115)
155. Como dizer-te que se eu tentasse fazer-vos colar talvez fosse eu o ácido que acabaria por corroer a vossa frágil ligação? (*Mayombe*, 115)

156. Como dizer-te que se eu tentasse fazer-vos colar talvez fosse eu o ácido que acabaria por corroer a vossa frágil ligação? (*Mayombe, 115*)
157. As coisas devem passar-se só entre vocês, nunca aceites um conselheiro no casal, João. (*Mayombe, 115*)
158. Também tu queres libertar-te, dizendo tu a última palavra. (*Mayombe, 115*)
159. Como dizê-lo? Que direito tenho de dizê-lo? (*Mayombe, 116*)
160. Ao vê-la na estrada, não tive nenhum pensamento. (*Mayombe, 116*)
161. ...até veio da Base quando teve conhecimento do que se passava, só para estar presente para poder enterrar-me mais. (*Mayombe, 116*)
162. O Comissário foi deitar-se, amuado. (*Mayombe, 116*)
163. Nem vale a pena denunciá-lo, ninguém acreditará. (*Mayombe, 117*)
164. Não destes tipos que nem ousaram defender-me, não da plebe. (*Mayombe, 117*)
165. Deveria ter desconfiado da Ondina e tê-la levado para um sítio bem escondido, onde não pudessem arranjar testemunhas. (*Mayombe, 117*)
166. O Comissário foi ajudá-la a mudar as suas coisas. (*Mayombe, 118*)
167. Para isso teve de largar o volante e baixar-se por causa do vento. (*Mayombe, 118*)
168. Não seria muita ousadia pedir-lhe um cigarro? (*Mayombe, 120*)
169. Evitava fazê-lo para não chocar as pessoas. (*Mayombe, 120*)
170. É difícil recusar-lhe algo, fica tão desamparado, é tão criança! (*Mayombe, 120*)
171. Terei tendência a dominá-lo. (*Mayombe, 120*)
172. Se rompermos, isso pode temperá-lo. (*Mayombe, 121*)
173. Sem Medo, desculpa tratar-te assim mas é mais fácil (*Mayombe, 121*)
174. Quis dizer-to ontem, mas não estava seguro. (*Mayombe, 122*)
175. Mas nem deves pensar nisso, deves libertar-te. (*Mayombe, 122*)
176. Mas não procuraste convencê-la do contrário. (*Mayombe, 122*)
177. Nunca quiseste aconselhar-me, várias vezes te pedi. (*Mayombe, 123*)
178. Nunca quiseste falar com ela e tu poderias tê-la convencido. (*Mayombe, 123*)
179. A chapada de Sem Medo fê-lo abater-se contra a parede oposta. (*Mayombe, 123*)
180. Voltou a enchê-lo. (*Mayombe, 123*)
181. Sentiu o que vinha, mas não pôde evitá-lo. (*Mayombe, 123*)
182. ..os restos de cerveja deixados sobre as mesas, levou a criada a virar-se. (*Mayombe, 123*)
183. Ondina procurou dominar-se. (*Mayombe, 124*)
184. Que nós queríamos liquidá-lo, amachucá-lo, que abusávamos da sua ingenuidade (*Mayombe, 124*)
185. Que nós queríamos liquidá-lo, amachucá-lo, que abusávamos da sua ingenuidade (*Mayombe, 124*)
186. Para isso, não queria saber mais de mim, ia passar-se de mim, ia esquecer-me imediatamente. (*Mayombe, 124*)
187. Para isso, não queria saber mais de mim, ia passar-se de mim, ia esquecer-me imediatamente. (*Mayombe, 124*)
188. E que tu sempre tentaras impedir-me de o amar, ou, pelo menos, não ajudaste. (*Mayombe, 124*)
189. . Não deves preocupar-te com o que ele diz, ele diz não importa quê, amanhã já terá passado. (*Mayombe, 125*)
190. A partir de agora, ele não precisará de mitos para viver, vai tornar-se um homem livre. (*Mayombe, 126*)

191. Ondina foi fechar-se no quarto, refletindo. (*Mayombe*,126)
192. Vieram agora informar-me que os tugas estão no Pau Caído. (*Mayombe*,127)
193. Podem procurar-me para um assunto urgente. (*Mayombe*,130)
194. — Não queria comparar-te ao André, desculpa. (*Mayombe*,130)
195. Há correntes que já *se* quebraram mas continuamos a transportá-las connosco, por medo de as deitarmos fora e depois nos sentirmos nus. (*Mayombe*,131)
196. — Estás a ofender-me. (*Mayombe*,132)
197. Um homem deve conhecer exatamente os seus limites e aceitá-los. (*Mayombe*,133)
198. Sei o que é isso, já *o* sofri, não poderia repeti-lo. (*Mayombe*,133)
199. Ela ia despir-se sofregamente, mas Sem Medo impediu-a com um gesto. (*Mayombe*,136)
200. — Estava a afirmá-lo, por isso escusas de responder. (*Mayombe*,137)
201. — Podes ajudá-lo a apagar o passado, aos poucos ele esquecera. (*Mayombe*,137)
202. Eu vou salvá-lo, se for possível. (*Mayombe*,139)
203. Ao virar-se, Sem Medo apercebeu o vulto branco do lençol e lembrou-se de Ondina. (*Mayombe*,139)
204. O frio do Mayombe ia penetrar-lhes os ossos, talvez viesse a chuva, mas quem *se* importava? (*Mayombe*,143)
205. Vou aproximar-me da Base, tentar ouvir qualquer coisa. (*Mayombe*,144)
206. — Mas pelo lado do rio é impossível ver-se qualquer coisa. (*Mayombe*,145)
207. Logo a seguir, o rosto de Leli vinha acordá-lo, mergulhando-o em suores frios. (*Mayombe*,145)
208. Só às seis horas os primeiros luazes conseguiriam infiltrar-se pelas copas das árvores (*Mayombe*,147)
209. Era preciso dispersar os homens pela pequena colina contígua ao rio, subi-la sem barulho, e só então abrir fogo. (*Mayombe*,147)
210. E seu momento de perda de lucidez é quando o ódio abstrato *se* concretiza no indivíduo e avança, raivosamente lúcido, contra os soldados que procuram impedi-lo de avançar, não porque são inimigos. (*Mayombe*,148)
211. Sem Medo viu Mundo Novo colocar-se na primeira posição, do outro lado do regato. (*Mayombe*,149)
212. Se eu pudesse chegar até ele e apunhalá-lo, tudo estaria salvo. (*Mayombe*,150)
213. A certeza de que a Base estava intacta começava a instalar-se aos poucos em todos. (*Mayombe*,151)
214. Fixando o teto, estava atento aos gestos do outro, que evitava olhá-lo ... (*Mayombe*,151)
215. A gargalhada fez estremecer os homens, subiu através dos troncos das árvores e foi misturar-se ao vento que agitava as folhas do Mayombe. (*Mayombe*,152)
216. Voltou a deitar-se. (*Mayombe*,152)
217. À noite, Sem Medo sentiu o Comissário revolver-se na cama, mas acabou por adormecer, vencido por duas noites em claro. (*Mayombe*,153)
218. Esse Comissário é um miado, quer opor-se à toa ao Comandante, e acaba por cair no ridículo. (*Mayombe*,154)
219. Mas o fato levou a uma grande mobilização e Sem Medo soube aproveitá-la e apoiá-la. (*Mayombe*,154)
220. Mas o fato levou a uma grande mobilização e Sem Medo soube aproveitá-la e apoiá-la. (*Mayombe*,154)
221. estava a preparar-se a sua transferência para o Leste. (*Mayombe*,155)

222. — Fico só a ver-te dormir. (*Mayombe*, 156)
223. Sem Medo meteu Mundo Novo ao corrente dos assuntos urgentes, foi ainda apresenta-lo no Depósito como novo responsável. (*Mayombe*, 156)
224. Por exemplo, eu fico contente quando um jovem decide construir-se uma personalidade, mesmo que isso politicamente signifique um individualismo. (*Mayombe*, 157)
225. Pouco depois de se deitar, Sem Medo ouviu o velho Kandimba chamá-lo de fora. (*Mayombe*, 158)
226. Venho apresentar-me. (*Mayombe*, 158)
227. — Bem, aquela conversa que os camaradas tiveram connosco começou a convencer-me. (*Mayombe*, 158)
228. Ondina vinha despertá-lo da sonolência. (*Mayombe*, 159)
229. Tentaria modificar-te à minha imagem. (*Mayombe*, 160)
230. O amor, o desejo, ou a paixão podem fazer-me abandonar essa imagem. (*Mayombe*, 160)
231. — Vou conquistar-te de tal modo que correrás para mim logo que destruas o Pau Caído. (*Mayombe*, 161)
232. Sem Medo notou que o Comissário ficara descontente ao vê-lo. (*Mayombe*, 161)
233. O objetivo da operação era liquidar o inimigo, obrigá-lo a abandonar o Pau Caído. (*Mayombe*, 162)
234. — Podemos aniquilá-los – disse Sem Medo. (*Mayombe*, 162)
235. Não, a culpa é de quem não soube convencê-los. (*Mayombe*, 163)
236. Nunca mais escreveu os comunicados de guerra, passou a vivê-los. (*Mayombe*, 163)
237. Veio integrar-se no Movimento. (*Mayombe*, 164)
238. Ondina tentava agarrá-lo, puxá-lo para o calor do seu seio e ele debatia-se. (*Mayombe*, 164)
239. Ondina tentava agarrá-lo, puxá-lo para o calor do seu seio e ele debatia-se. (*Mayombe*, 164)
240. Isso sentiu ao despedir-se dela. (*Mayombe*, 164)
241. Só poderiam fazê-lo pela esquerda, onde se encontrava o grupo do Comissário. (*Mayombe*, 165)
242. Tenta reconquistá-la. (*Mayombe*, 168)
243. — Vou vê-lo. (*Mayombe*, 168)
244. O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. (*Mayombe*, 169)
245. Vamos enterrá-lo aqui. (*Mayombe*, 169)
246. Vamos levá-lo para outro sítio. (*Mayombe*, 169)
247. O Mayombe recuperaria o que os homens ousaram tirar-lhe. (*Mayombe*, 170)
248. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando -se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago. (*Mayombe*, 4)
249. Porque não dar-lhe uma possibilidade? (*Mayombe*, 6)
250. É a ti que compete politizar-nos e defender a posição política justa. (*Mayombe*, 6)
251. Os companheiros começavam a mexer-se, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. (*Mayombe*, 7)
252. O fel deve estar a sufocá-lo (*Mayombe*, 44)
253. Mundo Novo deu por terminada a limpeza da arma. Começou a montá-la cuidadosamente. (*Mayombe*, 46)

254. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à lata? (*Mayombe*, 50)
255. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à lata? (*Mayombe*, 50)
256. Sempre a preocupar-se com as necessidades dos militantes... (*Mayombe*, 55)
257. O fogo dela acabou por apagar-se cedo de mais e, quando voltou a abandonar-se, já ele terminara. (*Mayombe*, 56)
258. Voltou a concentrar-se na conversa. (*Mayombe*, 59)
259. são os militantes sempre dispostos a autocriticar-se, a reconhecer erros que não cometeram, apenas porque isso lhes dá a impressão de serem bons militantes. (*Mayombe*, 73)
260. Porque estás sempre a dizer «você», a incluir-me num grupo? (*Mayombe*, 73)
261. Muatiânvua continuava a observá-los, de longe. (*Mayombe*, 73)
262. Todo organismo vivo tende a cristalizar, se é obrigado a fechar-se sobre si próprio, se o meio ambiente é hostil: (*Mayombe*, 75)
263. O silêncio ia invadindo a Base, ao aproximar-se a hora de recolher. (*Mayombe*, 76)
264. Eu, quando tenho uma coisa a dizer-te, ou ao Das Operações, não vos chamo à capela para criticar, já reparaste? (*Mayombe*, 72)
265. Está a ver-se que só faltam tiros! (*Mayombe*, 83)
266. Voltou a deitar-se. (*Mayombe*, 86)
267. O Comissário pegou num cigarro, depois voltou a pô-lo no maço. (*Mayombe*, 88)
268. Seria a idade que levaria o riso a enterrar-se no corpo? (*Mayombe*, 88)
269. Daí a cair-se no culto da personalidade... (*Mayombe*, 94)
270. Um dia ela voltou a repetir-me que ia ter com o outro. (*Mayombe*, 96)
271. Eu, sub-repticiamente, levava-a a aperceber-se da vaidade do outro, das suas pretensões, das suas ideias atrasadas. (*Mayombe*, 97)
272. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. (*Mayombe*, 97)
273. Lá estás tu a desculpar-te! (*Mayombe*, 79)
274. E depois disso, passaste a gramá-lo? (*Mayombe*, 113)
275. O Comissário voltou a deitar-se, a cabeça no seio, chorando. (*Mayombe*, 114)
276. Mas amanhã começará a reprovar-me. (*Mayombe*, 120)
277. há um vidro a separar-me dela, é o medo de voltar a sentir o que senti ao saber da morte de Leli. (*Mayombe*, 98)
278. Levei três horas a convencê-la. (*Mayombe*, 101)
279. E não são tipos como o André que ajudam a vencê-lo. (*Mayombe*, 104)
280. Quantos relatórios foram feitos a avisar-vos? (*Mayombe*, 105)
281. E continuei a confessar-me, sem coragem de lavar o sacrilégio. (*Mayombe*, 22)
282. E continuei a encontrar-me com a criada nos anexos (*Mayombe*, 22)
283. Num rompante inconsciente, como a libertar-se, Teoria disse: (*Mayombe*, 26)
284. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, (*Mayombe*, 26)
285. Limitou-se a deitar-lhe um bocado de álcool sobre o ferimento. (*Mayombe*, 28)
286. Estou a ficar velho, pensou ele, começo a tornar-me previdente. (*Mayombe*, 34)
287. Estranha situação que leva o que dá a esconder-se, pensou Mundo Novo. (*Mayombe*, 36)
288. A lavar-te as fraldas... (*Mayombe*, 44)

289. E saiu, um soluço galopando, a raiva toda concentrada em André, que o obrigava a correr-lhe atrás,.. (Mayombe, 53)
290. Ao irem atacar o Posto de Miconje, a imagem de Leli viera confundir-se com a chuva que formava torrentes de lama. (Mayombe, 31)
291. Teoria notou que Kiluanje se interrompera no discurso, mas que, ao vê-lo, voltou a falar. (Mayombe, 64)
292. Consegui convencê-los a irmos para outro bar, a deixar-te sozinho. (Mayombe, 77)
293. Conquistá-la sexualmente, penso que ainda não o fizeste. (Mayombe, 60)
294. — Pô-los de guarda suplementar? (Mayombe, 86)
295. Evitava fazê-lo para não chocar as pessoas. (Mayombe, 120)
296. Quis dizer-to ontem, mas não estava seguro. (Mayombe, 122)
297. É desautorizar-te e tirar a confiança dos guerrilheiros no Comando. (Mayombe, 72)
298. — Porquê o deixaste beijar-te? (Mayombe, 112)
299. Os brancos durante séculos massacraram-nos, porque não massacrá-los? (Mayombe, 146)
300. Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos... (Mayombe, 146)
301. Há intelectuais que têm vergonha do seu pecado original, que parecem desculpar-se de o ser, (Mayombe, 75)

7. Próclise/Ênclise ao infinitivo simples, com proclisadores

7.1. Próclise

1. Posso ser liberalista de vez em quando, pois tenho-te sempre como anjo-da-guarda para me guiar. (Mayombe, 6)
2. Amigada com outro, porque a deixei, porque Manuela não foi suficientemente forte para me reter no Amboim. (Mayombe, 7)
3. Para o saber, temos de agir, fazer mexer as coisas, partir as estruturas caducas que impedem o desenvolvimento da luta. (Mayombe, 9)
4. Tinham acabado de se lavar. (Mayombe, 9) -SC
5. Quando eu estou, ele comete erros só para me contradizer. (Mayombe, 10)
6. Tens de te habituar aos homens e não aos ideais. (Mayombe, 10) -SC
7. Eram fotografias que tirava aos elementos do grupo e que classificava num ficheiro mental, sem mais se preocupar. (Mayombe, 13)
8. Eles andarão ainda mais e teremos pois mais oportunidade de lhes dar porrada. (Mayombe, 14)
9. Depois recuamos com os trabalhadores e estudaremos a possibilidade de se voltar à estrada para fazer a emboscada. (Mayombe, 14)
10. Mundo Novo olhou Sem Medo e este olhou o trabalhador que pedira para se afastar. (Mayombe, 17)
11. E vão levar os machados e catanas dos que fugiram, para lhes entregar. (Mayombe, 21)

12. Aí aprendi que se devem enfrentar os inimigos, é a única maneira de se encontrar a paz interior. (*Mayombe*, 22)
13. As guerras não se ganham com demagogias, só para se ter apoio das bases! Lutamos, aproxima-te. (*Mayombe*, 24)
14. Teoria apertou os lábios, o que não impediu um gemido teimoso de lhe sair da boca. (*Mayombe*, 28)
15. Passados momentos, o Chefe de Operações foi fazer um reconhecimento, à procura do melhor sítio para se fazer a emboscada. (*Mayombe*, 29)
16. Quem é voluntário para o ir buscar? (*Mayombe*, 32)
17. E os outros minhotos ou transmontanos disparavam raivosamente para o cobrir. (*Mayombe*, 33)
18. Quando mando recuar, é para recuar! – gritou Sem Medo, para se convencer. (*Mayombe*, 33)
19. Eu e mais dois camaradas ficamos perto da aldeia, para vos proteger em caso de necessidade. (*Mayombe*, 35)
20. Fez sinal ao Comissário para se aproximar e segredou-lhe ao ouvido: (*Mayombe*, 35)
21. No entanto, eles esperavam um homem para lhe entregar o seu dinheiro. (*Mayombe*, 36)
22. Não poderiam pará-los, para lhes perguntar quem eram. (*Mayombe*, 36)
23. Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (*Mayombe*, 42)
24. O Comissário, momentos depois, censurou-se por se congratular com o que se passava; para se absolver, acabou com a discussão apressadamente. (*Mayombe*, 45)
25. O nosso efetivo agora é de trinta guerrilheiros, tem de se prever um maior orçamento mensal. (*Mayombe*, 45)
26. Tem de se arranjar um novo enfermeiro, para substituir por uns dias o Pangu-Akitina, que deve ir a Ponta Negra tratar da vista... (*Mayombe*, 45)
27. Para se lutar duma maneira coerente, é necessário um mínimo de otimismo, de confiança nos homens. (*Mayombe*, 48)
28. É preciso ter uma fé profunda, para se poder suportar sempre tudo. (*Mayombe*, 48)
29. Ele ficou parado, o chapéu na mão, olhando a porta e Ondina, Ondina e a porta, sem se decidir. (*Mayombe*, 53)
30. O Comissário convencia-se que ela não tinha prazer e perdia-se em divagações, auscultando as reações dela, sem se entregar realmente, e sem gozar. (*Mayombe*, 54)
31. com o tempo ele acabaria por se descontrair e se entregar. (*Mayombe*, 54)
32. com o tempo ele acabaria por se descontrair e se entregar. (*Mayombe*, 54)
33. Só para o caso de Pangu-Akitina é que teria de se esperar a resposta de Brazzaville... (*Mayombe*, 57)
34. .. e sal, para se preparar convenientemente a carne. (*Mayombe*, 59)
35. Ao falar dela, há uma admiração latente pela sua maneira de se exprimir, uma procura das suas frases, da sua pronúncia mesmo. (*Mayombe*, 60)
36. Ondina procurava o duelo, não deixava de o fitar de frente, uma luzinha brilhando no fundo do olho. (*Mayombe*, 62)
37. era afinal uma necessidade imperiosa de se julgar e se refazer a pele que caía durante o duelo. (*Mayombe*, 62)
38. mas não são maneiras de se falar a um guerrilheiro. (*Mayombe*, 64)
39. Camarada professor, quando se entra em discussão tribal, o melhor é deixar, não se meter no meio. (*Mayombe*, 65)

40. Até parece que a caça combinou com o André, para **nos** deixar morrer de fome. (Mayombe, 68)
41. O Sol forte do meio da tarde feriu-lhes a vista e tiveram de **se** habituar aos poucos, piscando longamente os olhos. (Mayombe, 69) -SC
42. Mas sempre aparecia um inimigo feito pelas suas palavras para **lhe** sabotar o estágio ou a promoção. (Mayombe, 71)
43. Os homens gostam de **se** flagelar com o passado e nunca se sentem contentes sem **o** fazer. (Mayombe, 72)
44. Tu tens necessidade de **te** sentir em falta e estás a confessar-te. (Mayombe, 72)
45. Homens que trabalham há muito tempo juntos cada vez têm menos necessidade de falar, de comunicar, portanto de **se** defrontar. (Mayombe, 75)
46. O organismo vivo, verdadeiramente vivo, é aquele que é capaz de **se** negar para renascer de forma diferente (Mayombe, 75)
47. ...será dona e senhora, com ela o conformismo, o trabalho ordenado mas sem paixão, a incapacidade de tudo **se** pôr em causa e reformular de novo. (Mayombe, 75)
48. Para isso, têm de **se** criar estruturas socialistas, estou de acordo. (Mayombe, 76)
49. Tem de se aumentar, tem de **se** exagerar, para aquecer as esperanças que farão as pessoas aguentar os primeiros tempos duros. (Mayombe, 76)
50. Um dia, pediu para **lhe** falar. (Mayombe, 83)
51. Não se pode entrar numa casa sem **se** assistir a uma discussão. (Mayombe, 84)
52. Nunca fugi à responsabilidade, camarada Mundo Novo, não precisa de **me** lembrar isso. (Mayombe, 84)
53. – Devo dizer-te que, se nunca te falei nisso, foi por medo de **te** incitar. (Mayombe, 88)
54. Estás para aí a puxar discussão, para **me** distrair e me atrasar, (Mayombe, 94)
55. Estás para aí a puxar discussão, para **me** distrair e **me** atrasar, (Mayombe, 94)
56. Não faças isso, João, ou terei de **te** prender. (Mayombe, 95)
57. Se não houvesse revolução, com certeza acabaria como escritor, que é outra maneira de **se** ser solitário. (Mayombe, 78)
58. Penso que já me habituei demasiado a ser o único dono de mim próprio, para **me** poder partilhar. (Mayombe, 79)
59. Querem pois um conflito, de modo que eu tenha de **me** apoiar neles contra ti. (Mayombe, 79)
60. eu não preciso de **me** apoiar numa tribo para sentir a minha força. (Mayombe, 82)
61. Era preciso marchar duas horas para **se** chegar ao sítio virgem onde havia ainda frutos. (Mayombe, 83)
62. No entanto, foi capaz de **me** cravar um cigarro... (Mayombe, 106)
63. Não tenho o direito de **te** manter nessa situação. (Mayombe, 113)
64. Ele foi brutal, sem **se** importar que ela gozasse. (Mayombe, 114)
65. É sempre o caso quando tem de **se** pedir o auxílio de terceiros. (Mayombe, 115)
66. Tanto bastaria para **me** tramar. Devia ser esse o plano. (Mayombe, 117)
67. A ação deixará de **se** exercer. (Mayombe, 117)
68. Mas, dos guardas da cadeia, um dos dois teve de **lhe** abrir a porta ou deixá-lo fazer. (Mayombe, 119)
69. O fato de **me** perder fê-la imediatamente vacilar. (Mayombe, 96)
70. Dominei a vontade que tinha de **lhe** dizer a verdade e expliquei-lhe que nessa noite refletira e que, afinal, ela já não me interessava. (Mayombe, 96)
71. Eu precisava de **me** libertar dela, da influência que Leli tinha sobre mim. (Mayombe, 97)

72. Para isso tinha de a reconquistar, de me sentir superior a ela, de ser capaz de agir apenas racionalmente, apenas movido pela razão, sem sentimentos. (*Mayombe*, 97)
73. Para isso tinha de a reconquistar, de me sentir superior a ela, de ser capaz de agir apenas racionalmente, apenas movido pela razão, sem sentimentos. (*Mayombe*, 97)
74. — Tinha de o fazer para me libertar, compreendes? (*Mayombe*, 98)
75. Hoje não posso amar nenhuma mulher, pelo medo de lhe fazer mal. (*Mayombe*, 98)
76. Tinha de conhecer o adversário para melhor o liquidar. (*Mayombe*, \00)
77. Por vezes tinha vontade de lhe rogar que voltasse. (*Mayombe*, \00)
78. A mulher sem personalidade, que vive em função do outro, a submissa, é como o homem que aceita a desgraça sem se revoltar. (*Mayombe*, 101)
79. Sem Medo acabou de se vestir e foi ao gabinete. (*Mayombe*, 103)
80. No entanto, foi capaz de me cravar um cigarro... (*Mayombe*, 106)
81. Tem de se considerar uma série de aspectos. (*Mayombe*, 106)
82. E se ele tivesse de lutar para te reconquistar? (*Mayombe*, 121)
83. O mal é que ele tem de estar longe, não terá ocasião de se mostrar com a nova pele que se construirá, que o ajudaste a construir-se. (*Mayombe*, 121)
84. Fizera alguma coisa para a convencer? (*Mayombe*, 122)
85. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem te importares com o que te poderia suceder no futuro, não me devias ter pedido para lhe ir falar. (*Mayombe*, 122)
86. Porque é que a afirmação dum homem tem de se fazer sempre em oposição a todos os outros? (*Mayombe*, 125)
87. — Não disse para me avisar? (*Mayombe*, 126)
88. Eles lá saberão o que hão-de fazer, não tenho que me preocupar. (*Mayombe*, 127) -SC
89. Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios. (*Mayombe*, 131)
90. Fui demasiado marcado pelos tabus para o poder ser. (*Mayombe*, 132)
91. A um momento dado, pensei ser essa a solução, fiz tudo para me criar uma filosofia libertina. (*Mayombe*, 132)
92. Para ele, toda a mulher devia ser livre de o aceitar ou de o recusar, assim como ele era livre de desejar ou não qualquer mulher. (*Mayombe*, 133)
93. — Uma mulher tem medo de te amar, de se prender a ti... (*Mayombe*, 135)
94. Demasiado tarde para o ajudar. (*Mayombe*, 137)
95. Não tinha havido tempo de se pensar em preparar comida, no momento da partida. (*Mayombe*, 143)
96. Ninguém tinha trazido panos para se cobrir. (*Mayombe*, 143)
97. Gostava de lhe explicar isto. (*Mayombe*, 147)
98. Estou contente por vos encontrar todos vivos. (*Mayombe*, 152)
99. Pouco depois de se deitar, Sem Medo ouviu o velho Kandimba chamá-lo de fora. (*Mayombe*, 158)
100. Mas o que me convenceu mesmo foi quando os camaradas se arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. (*Mayombe*, 158)
101. E saiu do quarto para se ir equipar. (*Mayombe*, 161)
102. Quem me defenderá dos outros, quem terá a coragem de se opor ao tribalismo? (*Mayombe*, 163)
103. Só o João, um João temperado, teria força para não se deixar dominar. (*Mayombe*, 164)
104. ... e para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. (*Mayombe*, 171)

7.2. Ênclise

1. O Comandante, acabando por dominar-se, fez uma cara de desgosto e ordenou que se lançasse fogo ao buldozer, visto que nada podiam recuperar. (*Mayombe*, 17)
2. Voltou a passar para o rio, observou um pouco o grupo, e acabou por sentar-se ao lado de Mundo Novo. (*Mayombe*, 45)
3. O fogo dela acabou por apagar-se cedo de mais e, quando voltou a abandonar-se, já ele terminara. (*Mayombe*, 56)
4. Mas fico pasmado em ouvir-te falar assim. (*Mayombe*, 87)
5. Preciso de vê-la, de falar com ela... (*Mayombe*, 93)
6. Como dizê-lo? Que direito tenho de dizê-lo? (*Mayombe*, 116)
7. Mesmo eu, por vezes, tenho dificuldade em compreender-me. (*Mayombe*, 126)
8. O cansaço da viagem e do trabalho intenso acabou por vencê-lo. (*Mayombe*, 156)

8.1. Próclise/ênclise ao infinitivo flexionado, sem proclisadores

8.1 Próclise

0

8.2 Ênclise

1. Mas depois viram o trabalhador de pé, as pernas afastadas, o recto bestificado em êxtase e as fezes a deslizarem-lhe pelas coxas, e a pingarem sobre o chão. (*Mayombe*, 17)
2. Foi essa a tua vingança, reconquistares-me para me abandonares ao saberes que eu estava de novo presa a ti. (*Mayombe*, 31)
3. Lá está ele, e ri quando um se fere, e zanga-se quando um hesita, e é esse sadismo maternal que os faz ultrapassarem-se, vencerem o medo e lançarem-se no espaço para agarrarem uma liana fugidia. (*Mayombe*, 50)
4. Lá está ele, e ri quando um se fere, e zanga-se quando um hesita, e é esse sadismo maternal que os faz ultrapassarem-se, vencerem o medo e lançarem-se no espaço para agarrarem uma liana fugidia. (*Mayombe*, 50)
5. Mas o tempo parecia ser incompetente para resolver a questão, pois era raro verem-se; (*Mayombe*, 54)
6. Acendeu um cigarro e ficou a ver as volutas destacarem-se na noite e perderem-se, mais alto, na escuridão do Mayombe. (*Mayombe*, 73)
7. Acendeu um cigarro e ficou a ver as volutas destacarem-se na noite e perderem-se, mais alto, na escuridão do Mayombe. (*Mayombe*, 73)
8. E depois, no jipe, as suas coxas abrirem-se... (*Mayombe*, 117)
9. Não parava, queria mais, sempre mais, nem sentia os mosquitos a picarem-lhe a bunda. (*Mayombe*, 117)

9. Próclise/ênclise ao infinitivo flexionado, com proclisadores

9.1 Próclise

1. Foi essa a tua vingança, reconquistares-me para **me** abandonares ao saberes que eu estava de novo presa a ti. (*Mayombe*, 31)
2. Foram acordados pelas primeiras vozes que se libertavam do espaço limitado da sanzala, para **se** irem combinar ao orvalho que avivava o verde das folhas. (*Mayombe*, 36)
3. Esperaram ainda uns minutos, os nervos tensos, para **se** certificarem que os trabalhadores não os iam trair. (*Mayombe*, 37)
4. Os guerrilheiros obrigaram-no a pôr-se no meio da casa, para **lhe** estudarem as características e encontrarem o nome conveniente. (*Mayombe*, 43)
5. Então, porque não pediste licença para **te** sentares? (*Mayombe*, 63)
6. Conquistaste o direito de **te** sentares na minha cama sem pedir autorização. (*Mayombe*, 63)
7. ...para serem atraídas em massa informe, **se** tornarem prisioneiras do seu próprio conteúdo. (*Mayombe*, 69)
8. Isso virá, talvez, mas por enquanto ainda podes ouvir umas verdades sem **te** ofenderes. (*Mayombe*, 74)
9. Os outros quiseram ir ter contigo, para **se** sentarem à mesa vaga. (*Mayombe*, 77)
10. Todos aproveitarão a desculpa do enervamento para não **se** conterem. (*Mayombe*, 83)
11. Todos aproveitarão a desculpa do enervamento para não **se** conterem. (*Mayombe*, 83)
12. Os abraços dos que chegavam e dos que os esperavam mostravam não só a alegria de **se** reencontrarem como também o sentimento de quebra do isolamento. (*Mayombe*, 89)
13. Há mulheres que querem saber exatamente como o homem é, para **se** acomodarem a ele, para moldarem o seu comportamento segundo o do marido. (*Mayombe*, 101)
14. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem **te** importares com o que te poderia suceder no futuro, não me devias ter pedido para **lhe** ir falar. (*Mayombe*, 122)
15. É medo de **nos** enfrentarmos, é um medo que nos ficou dos tempos em que tínhamos Deus (*Mayombe*, 131)
16. Marcharam todo o dia, pois tinham de abrir o caminho e dar voltas para não **se** aproximarem do trilho normal. (*Mayombe*, 143)
17. é um meio de **se** confrontarem com o outro eu. (*Mayombe*, 148)

9.2 Ênclise

10.2. Próclise/Ênclise ao gerúndio sem proclisador

10.1. Próclise

0

10.2. Ênclise

1. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando -se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago. (*Mayombe*, 4)
2. Só fazendo-o sair dos quartéis, pois que informações não temos. (*Mayombe*, 8)
3. O estoiro da bazuka rivalizou com o de um gigante desmoronando-se. (*Mayombe*, 17)
4. O mecânico estava desconfiado, os olhos inquietos passavam de uns a outros, fixando-se mais em Sem Medo. (*Mayombe*, 18)
5. Porque é que os padres, tão puros, tão castos, tão bondosos e tão santos, que nos preparavam para servir Deus, para merecer Deus, prometendo-nos as delícias da vida celestial, nos faziam a vida negra no Seminário. (*Mayombe*, 22)
6. Depois do mata-bicho, despediram-se dos trabalhadores, devolvendo-lhes tudo o que lhes pertencia. (*Mayombe*, 22)
7. Ele e Mundo Novo encavalitaram-se numa pedra, enquanto os outros se espalhavam em grupos pelo Lombe, lavando-se ou conversando. (*Mayombe*, 25)
8. ...o problema é que os intelectuais o exageram, dando-lhe demasiada importância. (*Mayombe*, 26)
9. A maior parte, porém, deitou-se mesmo diretamente no chão, tapando-se com o pano já molhado. (*Mayombe*, 28)
10. O Comandante percorria constantemente a fila de combatentes, acordando-os suavemente para não os assustar (*Mayombe*, 30)
11. Milagre, expondo-se perigosamente, bazukou uma moita donde vários inimigos faziam fogo nutrido. (*Mayombe*, 32)
12. O Comissário segurou no braço de cada companheiro, indicando-lhes que nada fizessem. (*Mayombe*, 36)
13. Os lábios tremeram. Falou baixinho, dominando-se a custo: (*Mayombe*, 40)
14. O Comandante dirigiu-se com o grupo de novos recrutas para uma clareira, obrigando-os a fazerem exercícios e explicando-lhes os rudimentos da guerrilha. (*Mayombe*, 45)
15. o Comandante, de tronco nu, cambalhotando também, levantando-se para em seguida rolar pelo solo, misturando explicações a encorajamentos e gritos. (*Mayombe*, 46)
16. Sentando-se perto deles, perguntou: (*Mayombe*, 47)
17. Podia dizer-te que tenho pena deles, tão mal treinados e arriscando-se a morrer logo no primeiro combate. (*Mayombe*, 48)
18. Os outros temperam-se, tornando-se mais relativos, menos exigentes. (*Mayombe*, 49)
19. Levantando-se, Sem Medo disse: (*Mayombe*, 49)

20. Lá está ele, ali, no meio dos jovens, rasgando-se nas raízes da mata, rastejando, triturando os ombros contra o solo duro, putrefato e húmido do Mayombe, enrouquecendo com os gritos e imprecacões que blasfema, emasculando-se no sémen da floresta.. (*Mayombe*, 50)
21. no sémen gerador de gigantes, suando a lama que sai da casca das arvores, beliscando-se nos frutos escondidos por baixo das folhas caldas, lá está ele, ali, no meio dos jovens, ensinando o que sabe, totalmente, entregando-se aos alunos, abrindo-se como as coxas duras duma virgem, e ele, que está ali, diz que o faz interesseiramente. (*Mayombe*, 50)
22. O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, aceitando-o, pois podia aspirar a pessoas mais cultivadas. (*Mayombe*, 52)
23. Disparou para a cidade, sem falar a ninguém, vingando-se nas pedra do caminho, (*Mayombe*, 53)
24. André chegou pouco depois dele. Alto, magro, uma pêra fina aguçando-lhe o rosto, ar de intelectual-aristocrata, eis André. (*Mayombe*, 53)
25. Que choque seria para ele, se lhe dissesse que só poderia conhecer verdadeiramente Ondina e aconselhá-los decentemente, estudando-a sexualmente. (*Mayombe*, 61)
26. o fracasso gravando-lhe uma ponta de vergonha no rosto. (*Mayombe*, 61)
27. ...Ekuikui, outros guerrilheiros e, num canto, confidenciando-se pensamentos íntimos (*Mayombe*, 64)
28. Camaradas, parem por favor – gritou Teoria, metendo-se no meio. (*Mayombe*, 64)
29. Sem Medo, de certa maneira, criou o Comissário, formando-o. (*Mayombe*, 67)
30. Andaram ininterruptamente até às três horas, inclinando-se para subir as montanhas a pique que se elevavam sempre à sua frente. (*Mayombe*, 68)
31. Contemplava as copas das árvores que percorriam os ares, desdobrando-se, deixando um ou outro fragmento azul de céu. (*Mayombe*, 68)
32. Tudo te parecia indiferente, o barulho, as pessoas que dançavam, as mulheres que passavam à frente da mesa, fazendo-te sinais. (*Mayombe*, 77)
33. Depois apareceu o outro, metido a poeta, fazendo-lhe versos, falando bem. (*Mayombe*, 100)
34. Fumaram em silêncio, observando-se. (*Mayombe*, 107)
35. Os olhos de Sem Medo desciam sensualmente pelas vertentes escarpadas da Huíla ou pelas doces vertentes do Huambo e deleitavam-se, espaiando-se no mar.. (*Mayombe*, 110)
36. Ele despiu-se rapidamente, dominando-a, enquanto ela se debatia. (*Mayombe*, 114)
37. Sem Medo saltou do jipe e mostrou a Ordem de Serviço, nomeando-o responsável de Dolisie. (*Mayombe*, 118)
38. Ao passar pela criada, cumprimentou-a, afagando-lhe a bunda. (*Mayombe*, 124)
39. Ondina estava na sua posição habitual, a cabeça baixada para o chão, as mãos entre as coxas, que sobressaíam da saia subida, o ventre dilatando-se suavemente. (*Mayombe*, 132)
40. Sem Medo mordeu-lhe levemente o bico da mama e ela torceu-se para trás, entregando-se. (*Mayombe*, 137)
41. Apareceu também o Chefe do Depósito, vestindo-se. (*Mayombe*, 140)
42. Sem Medo pôs-se à frente da coluna, imprimindo-lhe um ritmo diabólico. (*Mayombe*, 142)
43. Deitaram-se no chão, lado a lado, os corpos tocando-se. (*Mayombe*, 144)
44. A quinze metros deles estava um homem claro, lavando-se no rio. (*Mayombe*, 149)
45. Precisavam de avançar até onde estava o soldado, pois só dali se podia fechar a fuga do inimigo pelo outro lado do rio, obrigando-o a subir a montanha, onde o esperava o outro grupo. (*Mayombe*, 150)

46. – disse o Comissário, dirigindo-se ao Chefe de Operações, mas falando para Sem Medo. (*Mayombe*, 151)
47. – disse Vewê, levantando-se e virando-se para o Comandante. (*Mayombe*, 152)
48. Mas Ondina vinha no sonho, oferecendo-se nua a ele .. (*Mayombe*, 156)
49. Ele pertence à geração que vencerá e que, ultrapassando-se, te poderá compreender e aceitar. (*Mayombe*, 160)
50. Eu compreendo-te, mas não te aceito tal como és. (*Mayombe*, 160)
51. — É inútil parecermos dois galos enfrentando-se. (*Mayombe*, 162)
52. Nesse momento apercebeu um vulto esguio que saltava no ar e rebolou, agachando-se. (*Mayombe*, 166)
53. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição. (*Mayombe*, 169)
54. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. (*Mayombe*, 169)

11. Próclise/Ênclise ao gerúndio, com proclisado

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo. (*Mayombe*, 10)
2. Diz que é isso o que se decidiu fazer. (*Mayombe*, 10)
3. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo. (*Mayombe*, 10)
4. Que pensas que se deve fazer? (*Mayombe*, 13)
5. Acendera mesmo um cigarro, segundo se pôde aperceber Sem Medo. (*Mayombe*, 16)
6. Pararam às cinco horas, para procurarem lenha seca e prepararem o campamento: às seis horas, no Mayombe, era noite escura e não se poderia avançar. (*Mayombe*, 20)
7. Aí aprendi que se devem enfrentar os inimigos, é a única maneira de se encontrar a paz interior. (*Mayombe*, 22)
8. Serás julgado ao chegar à Base. A tua arma fica com Ekuikui, que te vai guardar. (*Mayombe*, 24)
9. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. (*Mayombe*, 28)
10. Abriram os sacadores, onde tudo estava molhado, o pano de dormir, a comida, as munições, tiraram latas de leite e beberam o leite frio, pois não se poderia acender fogo com aquela chuvada. (*Mayombe*, 28)

11. O Comissário escorregou e rebolou na lama, até **se** conseguir agarrar a uma liana. (Mayombe, 28)
12. E como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até **se** poderem governar. (Mayombe, 29)
13. Eram dados que **se** tinha de ter em conta, pensava Sem Medo. (Mayombe, 24)
14. Os dois sabiam o que **se** ia passar. (Mayombe, 32)
15. Ninguém **se** queria oferecer, porque Muatiânvua é um destribalizado. (Mayombe, 33)
16. Quer-**se** engrossar o efetivo à toa, não se olha à qualidade. (Mayombe, 43)
17. Sem Medo tinha-lhe lido integralmente o pensamento e, magnânimo, não **lhe** queria ferir mais os escrúpulos. (Mayombe, 45)
18. Pode-**se** encontrar. (Mayombe, 47)
19. É preciso ter uma fé profunda, para **se** poder suportar sempre tudo. (Mayombe, 48)
20. Vieram-**me** dizer que te viram no bar (Mayombe, 52)
21. Vieram-**me** chamar de urgência. (Mayombe, 53)
22. Mais uma vez **lhe** ia cortar o encontro com Ondina. (Mayombe, 54)
23. Não **te** podes convencer que ela ficou conquistada no momento em que te aceitou, isso era só o prelúdio. (Mayombe, 60)
24. As coisas um dia vão-**se** resolver, mas não interessa agora com a boca. (Mayombe, 64)
25. Não **se** pode falar nada. (Mayombe, 65)
26. Vão-**se** resolver como? (Mayombe, 65)
27. Vão-**se** resolver, é o que eu digo. (Mayombe, 65)
28. Você disse que as coisas **se** iam resolver, mas não de boca (Mayombe, 65)
29. Este fez uma ideia superior de Vewê, que **o** ousava desafiar, e ficou desiludido, (Mayombe, 68)
30. Então, achas que tudo **se** deveria fazer em frente do povo? (Mayombe, 73)
31. O dramático é que não **se** pode escapar a isso... (Mayombe, 74)
32. Mas começa-**se** a mentir ao povo, (Mayombe, 76)
33. Deve-**se** dizer que o Partido é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado. (Mayombe, 76)
34. Falou também a sós com o Mundo Novo, que depois **me** veio sondar (Mayombe, 79)
35. Penso que já me habituei demasiado a ser o único dono de mim próprio, para **me** poder partilhar. (Mayombe, 79)
36. oram para a casa do Comando, livres como as volutas de fumo que **se** libertavam na mata. Tranquilizados, Muatiânvua e os companheiros foram-**se** deitar. (Mayombe, 80)
37. Podia-**se** dizer que havia uma semana não se alimentavam devidamente. (Mayombe, 83)
38. Não **se** pode abandalhar a disciplina só por medo duma rebelião. (Mayombe, 83)
39. Eu acho que não **se** pode transigir. (Mayombe, 83)
40. Até sou obrigado a ouvir as opiniões que **me** querem impor, como a sua... (Mayombe, 84)
41. Não **se** pode entrar numa casa sem **se** assistir a uma discussão. (Mayombe, 84)
42. Mas estava-**me** a gritar a opinião dele. (Mayombe, 85)
43. Mas penso que também não **se** pode deixar abandalhar... (Mayombe, 86)
44. O problema é que não **se** pode castigar agora. (Mayombe, 86)
45. Vai exatamente sabotar o setor que **o** pode liquidar. (Mayombe, 87)
46. Impossível de encontrar o camarada André, que **se** anda a esconder dos militantes. (Mayombe, 89)

47. Seria forçado, pois não **te** posso deixar ir sozinho. (*Mayombe*, 92)
48. Nada. Claro que não **lhe** vou fazer nada. (*Mayombe*, 94)
49. Pensei que **te** quisesses vingar. (*Mayombe*, 94)
50. Não **me** tentes impedir. (*Mayombe*, 95)
51. — Não, isso sou eu agora a explicar, naquele momento não **o** seria capaz de fazer (**i**). (*Mayombe*, 97)
52. Foi com requinte que me moldei a personalidade que **lhe** devia apresentar. (*Mayombe*, 97)
53. Leli viva não **me** conseguiu reconquistar. (*Mayombe*, 98)
54. Por isso **te** vou dar os ensinamentos que dela tirei. (*Mayombe*, 98)
55. Só **se** pode provar que um plano é mau, quando ele não atingir o objetivo proposto. (*Mayombe*, 99)
56. O amante que **se** quer fazer amar deve dosear essa descoberta. (*Mayombe*, 100)
57. Vão-**me** matar, eu sei que me vão matar. (*Mayombe*, 103)
58. Vão-me matar, eu sei que **me** vão matar. (*Mayombe*, 103)
59. Vão-**me** matar. (*Mayombe*, 103)
60. Todas as acusações são verdadeiras, como é que **o** iam defender? (*Mayombe*, 104)
61. Enfim, isso pode-**se** discutir, mas ainda não almocei... (*Mayombe*, 105)
62. As coisas ainda **se** podem arranjar com o Comissário. (*Mayombe*, 106)
63. Por isso, quando chego ao limiar que **me** vai fazer sincero para os outros (*Mayombe*, 107)
64. O café pode-**se** arranjar. (*Mayombe*, 108)
65. Olha, aí está quem **me** pode substituir. (*Mayombe*, 111)
66. Não, não **to** poderia esconder. (*Mayombe*, 113)
67. Vou-**te** provar que me gramas. (*Mayombe*, 114)
68. Mas não **te** posso dizer, João. (*Mayombe*, 115)
69. Porque quem **se** pode enganar sobre o complô que foi preparado contra mim? (*Mayombe*, 116)
70. No fundo, no fundo, quem **se** vai tramar é o Sem Medo. (*Mayombe*, 118)
71. ...o responsável para ela só vale enquanto **lhe** pode trazer benefícios. (*Mayombe*, 118)
72. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem te importares com o que te poderia suceder no futuro, não **me** devias ter pedido para **lhe** ir falar. (*Mayombe*, 122)
73. Se era para teres a Ondina a qualquer preço, sem te importares com o que te poderia suceder no futuro, não **me** devias ter pedido para **lhe** ir falar. (*Mayombe*, 122)
74. Não, não **se** ia embebedar como um miúdo. (*Mayombe*, 123)
75. Verás no que **me** vou tornar. (*Mayombe*, 123)
76. Podias-**me** convidar a passear. (*Mayombe*, 130)
77. Que **se** poderá andar nu nas ruas. (*Mayombe*, 131)
78. Que **se** poderá rir à vontade, sem que ninguém se volte para ti e ponha um dedo na cabeça. (*Mayombe*, 131)
79. Comigo, seria o contrário: ias-**te** submeter a mim. (*Mayombe*, 138)
80. — Chegar à Base. Salvar o que **se** puder salvar. (*Mayombe*, 139)
81. Devem-**se** ter atrapalhado. (*Mayombe*, 140)
82. Lembrei-**me** do guarda, que estava do outro lado, fui-**lhe** avisar. (*Mayombe*, 140)
83. Mas não **se** pôde impedir de pensar que o Comandante **lhe** parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez **se** tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros. (*Mayombe*, 141)

84. Mas não *se* pôde impedir de pensar que o Comandante *lhe* parecia mais otimista que nunca, numa altura em que talvez *se* tivesse de voltar a partir do zero, com a perda dos melhores guerrilheiros. (*Mayombe*,141)
85. Nunca *se* deve agir em função do futuro. (*Mayombe*,142)
86. ...embora essas características só *se* possam manifestar totalmente em situação de chefia. (*Mayombe*,148)
87. O revolucionário tem de fazer um compromisso entre o ódio abstrato ao inimigo e a simpatia que o inimigo-indivíduo *lhe* possa inspirar. (*Mayombe*,148)
88. Precisavam de avançar até onde estava o soldado, pois só dali *se* podia fechar a fuga do inimigo pelo outro lado do rio, obrigando-o a subir a montanha, onde o esperava o outro grupo. (*Mayombe*,150)
89. Entretanto, os civis regressariam a Dolisie e tentava-*se* enviar mais guerrilheiros para a zona. (*Mayombe*,154)
90. — Então não *me* devias ter dito.. (*Mayombe*,155)
91. — Não *me* podes perceber. (*Mayombe*,157)
92. Nem *te* sei explicar, é tudo ainda tão confuso. (*Mayombe*,157)
93. Foi-*se* deitar, sorrindo (*Mayombe*,159)
94. Não *o* posso fazer. (*Mayombe*,160)
95. Isso *lhe* quis explicar, mas ele não pode compreender. (*Mayombe*,160)
96. E saiu do quarto para *se* ir equipar. (*Mayombe*,161)
97. Fui demasiado marcado pelos tabus para *o* poder ser. (*Mayombe*,132) +SC
98. E saiu do quarto para *se* ir equipar. (*Mayombe*,161)
99. O Pau Caído ficava ao lado dum morro acessível, no qual *se* podiam instalar os morteiros. (*Mayombe*,162)
100. É a única homenagem que *lhe* podemos prestar. (*Mayombe*,169)

12.1.2. Não Subida

1. Só o fumo podia libertar-*se* do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago. (*Mayombe*,4)
2. Se quer partir a cabeça, se escolheu partir a cabeça, devemos dar-*lhe* a liberdade de partir a cabeça. (*Mayombe*, 6)
3. Teoria foi deitar-*se*. (*Mayombe*, 6)
4. Os companheiros começavam a mexer-*se*, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. (*Mayombe*, 7)
5. Somos tão poucos que não podemos permitir-*nos* o luxo de sermos surpreendidos. (*Mayombe*, 8)
6. E Manuela, como poderia ela situar-*se* na vida de alguém perseguido pelo problema da escolha, do sim ou do não? (*Mayombe*, 8)
7. SemMedo foi lavar-*se* perto do Comissário. (*Mayombe*, 8)

8. Ou porque sou o Comandante e deve apoiar-se para estar bem comigo e poder subir... ou porque tu és o Comissário, cargo logo a seguir ao dele, e deve estar contra ti, destruir-te, mostrar os teus erros, para apanhar o teu lugar. (*Mayombe*, 9)
9. Tinham acabado de se lavar. (*Mayombe*, 9)
10. Tens de te habituar aos homens e não aos ideais. (*Mayombe*, 10)
11. Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. (*Mayombe*, 10)
12. E voltou a sentar-se. (*Mayombe*, 13)
13. São forçados a aumentar as patrulhas, pois aqui há população e eles querem cortar-nos dela. (*Mayombe*, 14)
14. Ao cheiro da pólvora veio misturar-se um cheiro mais característico. (*Mayombe*, 17)
15. Nesse dia, os tugas não ousariam aproximar-se. (*Mayombe*, 18)
16. Tentámos apanhá-lo vivo, mas fugiu. (*Mayombe*, 19)
17. Podem vendê-la? (*Mayombe*, 21)
18. Podem utilizá-la? (*Mayombe*, 21)
19. Mesmo o branco, podíamos matá-lo, não quisemos. (*Mayombe*, 21)
20. Ekuikui chorava, dizendo que ainda à noite estava no seu bolso, quisera entregá-la ao Comissário. (*Mayombe*, 22)
21. E continuei a confessar-me, sem coragem de lavar o sacrilégio. (*Mayombe*, 22)
22. E continuei a encontrar-me com a criada nos anexos (*Mayombe*, 22)
23. Já revistámos o Ekuikui, vamos fazê-lo a todos. (*Mayombe*, 23)
24. Lutamos estava a vestir-se, quando Sem Medo deu um salto terrível, rugindo, sobre o grupo do fundo. (*Mayombe*, 24)
25. Segurou um braço de Ingratidão do Tuga, que tentou libertar-se, e a nota de cem escudos caiu no chão. (*Mayombe*, 24)
26. quando os camaradas reagiram, ele pôde esconder-se entre as pedras e voltar à Base, nu. (*Mayombe*, 25)
27. Sem Medo quis levantar-se para correr, correr até ao sítio onde estava o inimigo, despejar todos os carregadores até apagar a imagem de Leli. (*Mayombe*, 31)
28. Ao irem atacar o Posto de Miconje, a imagem de Leli viera confundir-se com a chuva que formava torrentes de lama. (*Mayombe*, 31)
29. É preciso ir buscá-lo. (*Mayombe*, 32)
30. O Comissário veio sentar-se ao lado do Comandante, a testa jovem cortada por uma ruga. (*Mayombe*, 33)
31. Estou a ficar velho, pensou ele, começo a tornar-me previdente. (*Mayombe*, 34)
32. Eu não. Mas devia dizer-te. (*Mayombe*, 35)
33. Não poderiam pará-los, para lhes perguntar quem eram. (*Mayombe*, 36)
34. Partiram apressadamente, tentando afastar-se da zona perigosa. (*Mayombe*, 38)
35. Podia repetir-te os exemplos... (*Mayombe*, 39)
36. Um intelectual, que nada conhece da vida, que não sofreu, um homem desses é que pode condenar-nos? (*Mayombe*, 41)
37. Vão causar-nos problemas. (*Mayombe*, 43)
38. O fel deve estar a sufocá-lo (*Mayombe*, 44)
39. O nosso efetivo agora é de trinta guerrilheiros, tem de se prever um maior orçamento mensal. (*Mayombe*, 45)
40. Tem de se arranjar um novo enfermeiro, para substituir por uns dias o Pangu-Akitina, que deve ir a Ponta Negra tratar da vista... (*Mayombe*, 45)

41. Mundo Novo deu por terminada a limpeza da arma. Começou a montá-la cuidadosamente. (*Mayombe*, 46)
42. Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-me mais. (*Mayombe*, 46)
43. Podia dizer-te que tenho pena deles, tão mal treinados e arriscando-se a morrer logo no primeiro combate. (*Mayombe*, 48)
44. Devo dizer-te que nunca vi ninguém totalmente e permanentemente desinteressado. (*Mayombe*, 48)
45. Mas podes abandonar, se as dificuldades forem grandes, podes cansar-te mais facilmente que outro que seja mais otimista. (*Mayombe*, 48)
46. Também poderia dizer-te que é para formar mais guerrilheiros, para a luta avançar. (*Mayombe*, 48)
47. Ele tentou segurar-lhe a mão, ela evitou, olhando em volta. (*Mayombe*, 51)
48. Queria explicar-lhe o que significa beber uma cerveja gelada quando se está meses e meses na mata. (*Mayombe*, 52)
49. Vou encontrá-lo agora. (*Mayombe*, 52)
50. Queria explicar-lhe que não prestara atenção à conversa, com vontade de vir vê-la, que ela se refletia na espuma da cerveja, que se não fosse a má língua... (*Mayombe*, 52)
51. Era verdade, ele ali estava a prová-lo. (*Mayombe*, 54)
52. O fogo dela acabou por apagar-se cedo de mais e, quando voltou a abandonar-se, já ele terminara. (*Mayombe*, 56)
53. É o que dá querer ser-se mais papista que o Papa! (*Mayombe*, 58)
54. Vamos nomear-te caçador oficial da Base. (*Mayombe*, 59)
55. Voltou a concentrar-se na conversa. (*Mayombe*, 59)
56. Vocês os dois podem completar-se, pois têm muito para ensinar um ao outro. (*Mayombe*, 60)
57. Posso dar-te uma orientação, mas não os detalhes do procedimento. (*Mayombe*, 61)
58. O camarada Pangu-Akitina veio aqui insultar-nos (*Mayombe*, 66)
59. Elas vêm dos desertos e vão cruzar-se, penetrar-se, sobre o Mayombe. (*Mayombe*, 69)
60. Sem Medo identificou-se a uma nuvem cinzenta, com fímbrias brancas, que corria em revolução constante, e parecia poder escapar-se, poder passar ao lado da massa de nuvens que se adensava sobre o Mayombe. (*Mayombe*, 69)
61. O Sol forte do meio da tarde feriu-lhes a vista e tiveram de se habituar aos poucos, piscando longamente os olhos. (*Mayombe*, 69)
62. Está muito bem, devia fazê-lo mais vezes. (*Mayombe*, 70)
63. ...não tentem atirar-me contra o Comissário, com intrigas, do disse que disse, comigo não pega. (*Mayombe*, 70)
64. Queria falar-te. (*Mayombe*, 71)
65. Quero pedir-te desculpa do que se passou ontem – disse o Comissário. (*Mayombe*, 72)
66. – Não devia falar-te assim à frente dos guerrilheiros. (*Mayombe*, 72)
67. Mas não devia falar-te ali. (*Mayombe*, 72)
68. Deveria ter-te dito isso à parte. (*Mayombe*, 72)
69. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se o fizessem em público os crentes tornar-se-iam cétricos. (*Mayombe*, 73)
70. Muatiânvua continuava a observá-los, de longe. (*Mayombe*, 73)

71. Quem toma o poder é um pequeno grupo de homens, na melhor das hipóteses, representando o proletariado ou querendo representá-lo. (*Mayombe*, 75)
72. Tem de se aumentar, tem de **se** exagerar, para aquecer as esperanças que farão as pessoas aguentar os primeiros tempos duros. (*Mayombe*, 76)
73. Para isso, têm de **se** criar estruturas socialistas, estou de acordo. (*Mayombe*, 76)
74. Consegui convencê-los a irmos para outro bar, a deixar-te sozinho. (*Mayombe*, 77)
75. Querem pois um conflito, de modo que eu tenha de **me** apoiar neles contra ti. (*Mayombe*, 79)
76. Está a ver-se que só faltam tiros! (*Mayombe*, 83)
77. O Comissário deitou-se no catre, tentando acalmar-se. (*Mayombe*, 84)
78. Podia abastecer-nos, não achas? (*Mayombe*, 86)
79. Voltou a deitar-se. (*Mayombe*, 86)
80. Toda a verdade está escrita, gravada em pedra, nem dois mil anos de história poderão adulterá-la. (*Mayombe*, 86)
81. O Comissário pegou num cigarro, depois voltou a pô-lo no maço. (*Mayombe*, 88)
82. – Devo dizer-te que, se nunca te falei nisso, foi por medo de te incitar. (*Mayombe*, 88)
83. Se quiserem, podem complicar-te a vida. (*Mayombe*, 93)
84. Sei que estás a procurar um pretexto qualquer, queres reter-me na Base, tens medo que eu ande assim à noite. (*Mayombe*, 93)
85. E vens tu falar-me de pequenos aspectos formais, como Guias de Marcha... (*Mayombe*, 93)
86. Não podia repeli-lo, ele precisava de se aninhar no seu colo e deixar escapar toda a raiva, todo o desespero que nele se acumulara. (*Mayombe*, 94)
87. Um dia ela voltou a repetir-me que ia ter com o outro. (*Mayombe*, 96)
88. Procurou ainda lamentar-se, mas eu disse-lhe que era o mais natural, que nada tinha a reprovar-se. (*Mayombe*, 97)
89. Para isso tinha de **a** reconquistar, de me sentir superior a ela, de ser capaz de agir apenas racionalmente, apenas movido pela razão, sem sentimentos. (*Mayombe*, 97)
90. Leli entretanto procurava-me, tentando recuperar-me. (*Mayombe*, 98)
91. E que, quando alguém quer fazer uma asneira, deves deixá-lo fazer a asneira. (*Mayombe*, 99)
92. Ainda tinha esperanças em que o marido voltasse e não queria traí-lo, mesmo que num momento de separação. (*Mayombe*, 101)
93. Tem de **se** considerar uma série de aspectos. (*Mayombe*, 106)
94. Pode estragar-se. (*Mayombe*, 108)
95. Como os católicos que recusam pôr em dúvida a existência de Deus, porque isso poderia perturbá-los. (*Mayombe*, 109)
96. Por outro lado, devo dizer-te que gosto desta Região e que ela tem possibilidades. (*Mayombe*, 109)
97. A culpa é nossa, não temos sabido aproveitá-las. (*Mayombe*, 109)
98. Mesmo que não fales, não poderás esquecê-lo. (*Mayombe*, 113)
99. O Comissário tentou de novo abraçá-la. (*Mayombe*, 113)
100. Posso dizer-te agora, João, mas que valor tem isso dito numa cama, depois de se fazer amor? (*Mayombe*, 114)
101. Amanhã, a frio, poderei dizer-te o contrário. (*Mayombe*, 114)
102. Hei-de habituar-me aos poucos à ideia. (*Mayombe*, 115)

103. Como dizer-te que se eu tentasse fazer-**vos** colar talvez fosse eu o ácido que acabaria por corroer a vossa frágil ligação? (*Mayombe, 115*)
104. As coisas devem passar-**se** só entre vocês, nunca aceites um conselheiro no casal, João. (*Mayombe, 115*)
105. Também tu queres libertar-**te**, dizendo tu a última palavra. (*Mayombe, 115*)
106. É sempre o caso quando tem de **se** pedir o auxílio de terceiros. (*Mayombe, 115*)
107. ...até veio da Base quando teve conhecimento do que se passava, só para estar presente para poder enterrar-**me** mais. (*Mayombe, 116*)
108. O Comissário foi deitar-**se**, amuado. (*Mayombe, 116*)
109. Não destes tipos que nem ousaram defender-**me**, não da plebe. (*Mayombe, 117*)
110. O Comissário foi ajudá-**la** a mudar as suas coisas. (*Mayombe, 118*)
111. Mas, dos guardas da cadeia, um dos dois teve de **lhe** abrir a porta ou deixá-lo fazer. (*Mayombe, 119*)
112. Se rompermos, isso pode temperá-**lo**. (*Mayombe, 121*)
113. Quis dizer-**to** ontem, mas não estava seguro. (*Mayombe, 122*)
114. Mas nem deves pensar nisso, deves libertar-**te**. (*Mayombe, 122*)
115. Nunca quiseste aconselhar-**me**, várias vezes te pedi. (*Mayombe, 123*)
116. Nunca quiseste falar com ela e tu poderias tê-**la** convencido. (*Mayombe, 123*)
117. Voltou a enchê-**lo**. (*Mayombe, 123*)
118. Sentiu o que vinha, mas não pôde evitá-**lo**. (*Mayombe, 123*)
119. Nunca quiseste falar com ela e tu poderias tê-**la** convencido. (*Mayombe, 123*)
120. Sentiu o que vinha, mas não pôde evitá-**lo**. (*Mayombe, 123*)
121. Nunca quiseste aconselhar-**me**, várias vezes te pedi. (*Mayombe, 123*)
122. Que nós queríamos liquidá-**lo**, amachucá-**lo**, que abusávamos da sua ingenuidade (*Mayombe, 124*)
123. Para isso, não queria saber mais de mim, ia passar-**se** de mim, ia esquecer-me imediatamente. (*Mayombe, 124*)
124. Para isso, não queria saber mais de mim, ia passar-se de mim, ia esquecer-**me** imediatamente. (*Mayombe, 124*)
125. E que tu sempre tentaras impedir-**me** de o amar, ou, pelo menos, não ajudaste. (*Mayombe, 124*)
126. . Não deves preocupar-**te** com o que ele diz, ele diz não importa quê, amanhã já terá passado. (*Mayombe, 125*)
127. . Não deves preocupar-**te** com o que ele diz, ele diz não importa quê, amanhã já terá passado. (*Mayombe, 125*)
128. Porque é que a afirmação dum homem tem de **se** fazer sempre em oposição a todos os outros? (*Mayombe, 125*)
129. A partir de agora, ele não precisará de mitos para viver, vai tornar-**se** um homem livre. (*Mayombe, 126*)
130. Ondina foi fechar-**se** no quarto, refletindo. (*Mayombe, 126*)
131. Vieram agora informar-**me** que os tugas estão no Pau Caído. (*Mayombe, 127*)
132. — Não queria comparar-**te** ao André, desculpa. (*Mayombe, 130*)
133. Podem procurar-**me** para um assunto urgente. (*Mayombe, 130*)
134. Há correntes que já *se* quebraram mas continuamos a transportá-**las** connosco, por medo de as deitarmos fora e depois nos sentirmos nus. (*Mayombe, 131*)
135. — Estás a ofender-**me**. (*Mayombe, 132*)
136. Sei o que é isso, já *o* sofri, não poderia repeti-**lo**. (*Mayombe, 133*)

137. Sei o que é isso, já o sofri, não poderia repeti-lo. (*Mayombe*,133)
138. Ela ia despir-se sufregamente, mas Sem Medo impediu-a com um gesto. (*Mayombe*,136)
139. – Estava a afirmá-lo, por isso escusas de responder. (*Mayombe*,137)
140. — Podes ajudá-lo a apagar o passado, aos poucos ele esquecerá. (*Mayombe*,137)
141. Eu vou salvá-lo, se for possível. (*Mayombe*,139)
142. O frio do Mayombe ia penetrar-lhes os ossos, talvez viesse a chuva, mas quem se importava? (*Mayombe*,143)
143. Vou aproximar-me da Base, tentar ouvir qualquer coisa. (*Mayombe*,144)
144. Logo a seguir, o rosto de Leli vinha acordá-lo, mergulhando-o em suores frios. (*Mayombe*,145)
145. Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos... (*Mayombe*,146)
146. Só às seis horas os primeiros luares conseguiriam infiltrar-se pelas copas das árvores (*Mayombe*,147)
147. A certeza de que a Base estava intacta começava a instalar-se aos poucos em todos. (*Mayombe*,151)
148. A gargalhada fez estremecer os homens, subiu através dos troncos das árvores e foi misturar-se ao vento que agitava as folhas do Mayombe. (*Mayombe*,152)
149. Voltou a deitar-se. (*Mayombe*,152)
150. Esse Comissário é um miado, quer opor-se à toa ao Comandante, e acaba por cair no ridículo. (*Mayombe*,154)
151. Mas o fato levou a uma grande mobilização e Sem Medo soube aproveitá-la e apoiá-la. (*Mayombe*,154)
152. estava a preparar-se a sua transferência para o Leste. (*Mayombe*,155)
153. — Fico só a ver-te dormir. (*Mayombe*,156)
154. Sem Medo meteu Mundo Novo ao corrente dos assuntos urgentes, foi ainda apresenta-lo no Depósito como novo responsável. (*Mayombe*,156)
155. Venho apresentar-me. (*Mayombe*,158)
156. — Bem, aquela conversa que os camaradas tiveram connosco começou a convencer-me. (*Mayombe*,158)
157. Ondina vinha despertá-lo da sonolência. (*Mayombe*,159)
158. O amor, o desejo, ou a paixão podem fazer-me abandonar essa imagem. (*Mayombe*,160)
159. Tentaria modificar-te à minha imagem. (*Mayombe*,160)
160. O amor, o desejo, ou a paixão podem fazer-me abandonar essa imagem. (*Mayombe*,160)
161. — Vou conquistar-te de tal modo que correrás para mim logo que destruas o Pau Caído. (*Mayombe*,161)
162. — Podemos aniquilá-los – disse Sem Medo. (*Mayombe*,162)
163. Não, a culpa é de quem não soube convencê-los. (*Mayombe*,163)
164. Veio integrar-se no Movimento. (*Mayombe*,164)
165. Ondina tentava agarrá-lo, puxá-lo para o calor do seu seio e ele debatia-se. (*Mayombe*,164)
166. Isso sentiu ao despedir-se dela. (*Mayombe*,164)
167. Só poderiam fazê-lo pela esquerda, onde se encontrava o grupo do Comissário. (*Mayombe*,165)
168. Tenta reconquistá-la. (*Mayombe*,168)
169. — Vou vê-lo. (*Mayombe*,168)

170. O Comissário apertou-*lhe* mais a mão, querendo transmitir-*lhe* o sopro de vida. (*Mayombe*, 169)
171. Vamos enterrá-*lo* aqui. (*Mayombe*, 169)
172. Vamos levá-*lo* para outro sítio. (*Mayombe*, 169)
173. O Mayombe recuperaria o que os homens ousaram tirar-*lhe*. (*Mayombe*, 170)
174. Amanhã, a frio, poderei dizer-*te* o contrário. (*Mayombe*, 114)
175. Posso dizer-*te* agora, João, mas que valor tem isso dito numa cama, depois de *se* fazer amor? (*Mayombe*, 114)
176. Quis dizer-*to* ontem, mas não estava seguro. (*Mayombe*, 122)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

1. Os recrutas iam-*se* aproximando, ao verem o Comandante fumar. (*Mayombe*, 48)
2. – estou-*me* marimbando. (*Mayombe*, 91)
3. Estou-*me* cagando para os problemas políticos! (*Mayombe*, 92)
4. É assim que *te* vais tornando homem, pensou Sem Medo. (*Mayombe*, 94)
5. De qualquer modo, estou-*me* marimbando. (*Mayombe*, 117)
6. Porque era mulher do meu amigo, o qual, aliás, estava-*se* marimbando para que eu dormisse com ela ou não. (*Mayombe*, 134)
7. Os braços foram-*se* afastando lentamente do corpo, até ficar na posição de Cristo na cruz. (*Mayombe*, 150)
8. Os responsáveis foram-*se* reunindo na casa do Comando. (*Mayombe*, 151)

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. O motorista do buldozer tinha-*se* metido no mato, ao ouvir a primeira rajada. (*Mayombe*, 17)
2. Um dos nossos camaradas tinha-*o* roubado. (*Mayombe*, 36)
3. Os guerrilheiros tinham-*nos* seguido, para verem se, de fato, iam sair da aldeia ou se a ela voltavam. (*Mayombe*, 37)

4. Sem Medo tinha-lhe lido integralmente o pensamento e, magnânimo, não lhe queria ferir mais os escrúpulos. (*Mayombe*, 45)
5. Eu era novo no Movimento, tinha chegado há pouco de Kinshasa, tinha-te visto uma vez no bureau. (*Mayombe*, 77)
6. Foi pena o Comissário ter-se esquecido de trazer mais óleo (*Mayombe*, 59)
7. O que o fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela **lhe** teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que se conheceram. (*Mayombe*, 62)
8. Já **o** tínhamos varrido! (*Mayombe*, 64)
9. Uma nuvem isolada tem a individualidade que **lhe** é dada pela sua mutabilidade inquieta e caprichosa; esta individualidade perde-se na massa que se concentra e que vale pelo seu peso, pela sua potência selvagem. (*Mayombe*, 69)
10. Aí será demasiado tarde, pois o mal já **se** terá passado. (*Mayombe*, 84)
11. O Comissário baixou os olhos, que, num instante, **se** tinham perturbado. (*Mayombe*, 115)
12. Deveria ter desconfiado da Ondina e tê-la levado para um sítio bem escondido, onde não pudessem arranjar testemunhas. (*Mayombe*, 117)
13. Depois de os guerrilheiros estarem alinhados e o Chefe do Depósito **lhe** ter apresentado a formatura, o Comandante disse (*Mayombe*, 119)
14. Nunca quiseste falar com ela e tu poderias tê-la convencido. (*Mayombe*, 123)
15. Tinha-te dito que ele se tornava homem, viste já um pouco que é verdade. (*Mayombe*, 125)
16. Ontem tinha-me rasgado um vestido, hoje rasgou o outro. (*Mayombe*, 124)
17. O camião tinha-se atrasado, por causa do pó. (*Mayombe*, 141)
18. — Estávamos de prevenção, tínhamos cavado abrigos, tínhamos-te enviado para controlar o caminho. (*Mayombe*, 151)

12.3.2. Não Subida

0

Outras ocorrências de pronomes clíticos

13. Interpolação

1. Segredo doloroso, de que o Comissário **se** não apercebia, de que o Chefe de Operações **se** não interessava (**i**). (*Mayombe*, 6)
2. Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos **me** não chamassem negro(**i**). (*Mayombe*, 8)
3. Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos **me** não chamassem negro(**i**). (*Mayombe*, 8)
4. Homem, queria ser negro, para que os negros **me** não odiassem(**i**). (*Mayombe*, 8)

5. Por isso gosto das grandes cidades ou então da mata, onde se não é anônimo, antes pelo contrário, é-se singular, mas em que realmente uma pessoa sente ser uma personalidade singular, (i) (*Mayombe*, 78)
6. Como vês, há erros que se não corrigem (i). (*Mayombe*, 96)
7. Mas há mulheres que se não submetem, que encontram no amor o contrapeso a essa inferioridade social. (*Mayombe*, 101)
8. E onde estão os meus companheiros que me não defenderam? (I) (*Mayombe*, 116)
9. Quem pode atacar um homem que se não defende? (*Mayombe*, 117)
10. Quem pode atacar um homem que se não defende? (*Mayombe*, 117)
11. Pensaram que se não tomariam medidas porque, como o André é kikongo e cometeu crimes, (i) (*Mayombe*, 119)
12. Sempre o sim ou o não, quando se não sabe o caminho a tomar (i). (*Mayombe*, 122)
13. Começou a falar, a dizer que tu e eu estávamos enganados com ele, que se não deixaria abater. (i) (*Mayombe*, 124)
14. Começou a falar, a dizer que tu e eu estávamos enganados com ele, que se não deixaria abater. (i) (*Mayombe*, 124)
15. Quantas choraram, quantas fugiram antes de cair na rede de onde se não volta mais (i)? (*Mayombe*, 136)
16. Há muito tempo que se não fazia uma ação tão importante e fora sempre ele, Sem Medo, que as comandara. (*Mayombe*, 155)
17. Há os que precisam de escrever para despir a pele que lhes não cabe já. (*Mayombe*, 171)

14. Mesóclise

1. E comunguei em pecado mortal, pois, se o não fizesse, notar-se-ia que qualquer coisa se passava. (*Mayombe*, 22)
2. E ele serviria de mãe e deixá-lo-ia chorar no seu colo. (*Mayombe*, 93)
3. — Quando o sentisse, ir-me-ia embora. (*Mayombe*, 138)
4. Não podia avançar mais, ele aperceber-se-ia. (*Mayombe*, 150)
5. E é por isso que achas que os responsáveis devem criticar-se a sós, como o padre e o sacristão, que só na sacristia se acusam de roubarem as amantes respectivas, porque se o fizessem em público os crentes tornar-se-iam céticos. (*Mayombe*, 73)
6. Dir-se-ia que toda a tua vida te levou para a estratégia militar, Sem Medo. (*Mayombe*, 99)
7. Não fosse o sentido de orientação de Lutamos, ter-se-iam perdido mil vezes nas curvas do Lombe. (*Mayombe*, 38)
8. Isso impedir-me-á de continuar? (*Mayombe*, 49)
9. Ao vê-lo, dir-se-ia que não tem alma. (*Mayombe*, 50)
10. O futuro ver-me-á, pois, apoiar os elementos proletários contra este intelectual que, à força de arriscar a vida por razões subjetivas, subiu a Comandante (*Mayombe*, 68)
11. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á ao ambiente policial (*Mayombe*, 74)
12. Então tudo repousará nele e cair-se-á no culto da personalidade, no endeusamento (*Mayombe*, 75)
13. Quando a situação mudar, criticar-se-ão os que neste momento tomaram atitudes erradas. (*Mayombe*, 84)
14. Ter-te-ia escrito na mesma. (*Mayombe*, 113)

15. Fá-lo-ia no bureau, depois de comer o pão. (*Mayombe*, 102)
16. Falar-se-ia mas não haveria provas. (*Mayombe*, 117)
17. Dir-se-ia que aqui se juntaram todos os que querem viver da Revolução. (*Mayombe*, 130)
18. Ser-lhe-ia fiel. (*Mayombe*, 133)
19. — Quando o sentisse, ir-me-ia embora. (*Mayombe*, 138)
20. A vida ensiná-lo-á a ser mais relativo. (*Mayombe*, 149)
21. — Reencontrar-nos-emos no Leste – disse ela. (*Mayombe*, 155)
22. Ele adaptar-se-á, é um homem diferente. (*Mayombe*, 159)
23. Destruir-te-ia, dominar-te-ia. (*Mayombe*, 160)
24. — Opor-me-ei. E eu sou um responsável. (*Mayombe*, 161)
25. Tu substituir-me-ás aqui. (*Mayombe*, 161)

15. Grupo Clítico

1. Uma ruga cavou-se-lhe entre os olhos. (*Mayombe*, 9)
2. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à luta? (*Mayombe*, 50)
3. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. (*Mayombe*, 56)
4. As carícias dele tornaram-se mais insistentes e ela sentiu o ventre abrir-se-lhe em calor. (*Mayombe*, 56)
5. Sabes porque to pergunto, não? (*Mayombe*, 70)
6. Quem mo garante? (*Mayombe*, 91)
7. O cano encostou-se-lhe ao ventre. (*Mayombe*, 95)
8. Entrei em casa e disse-lho. Ela não acreditou. (*Mayombe*, 98)
9. Quis dizer-to ontem, mas não estava seguro. (*Mayombe*, 122)

2- A Sul. O Sombreiro

ANEXO (*corpus* 2)

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. Tal honraria lhe subiu à cabeça de forma intempestiva, levando-o a cometer todo o tipo de despautérios, até mesmo trocar de símbolos sagrados. (*A Sul. O Sombreiro*, 11)

2. No entanto, o sacerdote sufocava e **se** derretia em suor. (A Sul. O Sombreiro, 20)
3. Depois o governador **se** chegou à frente na cadeira. (A Sul. O Sombreiro, 21)
4. Carlos chegou a falar do assunto do avô, porém Mbaxi **lhe** confiou, na sua habitual economia de palavras, (A Sul. O Sombreiro, 29)
5. À boca pequena **se** dizia ter sido, não um oficial, mas o próprio navegador Diogo Cão que pusera barriga numa princesa do reino, princesa do Soyo. (A Sul. O Sombreiro, 29)
6. Mas **te** posso assegurar, o meu pai mulato nunca me apresentou o seu, como se tivesse sido um daqueles pássaros que voa pelo céu e nunca voltas a ver, nem um ovo deixa, nem mesmo uma pena marcando o rasto. (A Sul. O Sombreiro, 29)
7. Quando estavam nesse estado de ânimo, ele então mudava de atitude, **se** tomava carinhoso, com afagos, até os levar para a cama. (A Sul. O Sombreiro, 31)
8. E **lhe** atirei com a tigela à cara, não sou seu criado para a lavar, foi por piedade cristã que o fiz, você é tão porco que a tinha num nojo. (A Sul. O Sombreiro, 31)
9. E ela **se** adaptou ao novo meio, depois de Mbaxi a comprar ao dono mulato, evitando o iminente embarque para o Brasil. (A Sul. O Sombreiro, 32)
10. Os brancos, comerciantes, **se** estabeleciam perto do sítio de embarque. (A Sul. O Sombreiro, 32)
11. Na infância dele, **se** começou a plantar mandioca por todo o lado onde podia haver rega, mesmo parca. (A Sul. O Sombreiro, 32)
12. Com a decadência, começava a tentar explorar as suas suspeitas origens aristocráticas, mas **lhe** valiam de pouco, porventura mais um copo numa taberna perto do cais, oferta de quem não conhecia as linhagens. (A Sul. O Sombreiro, 33)
13. Claro, havia alguns jesuítas que também traficavam, pelo menos **se** dizia na cidade. (A Sul. O Sombreiro, 34)
14. Subiram as barrocas antes do alvorecer e **se** meteram pelo mato rasteiro. (A Sul. O Sombreiro, 36)
15. O primeiro poço cavado **se** chamou maianga do rei, supondo Carlos Rocha se tratar de honra devida ao rei de Portugal. (A Sul. O Sombreiro, 37)
16. Caminhando para sul, com Mulende atrás, **se** perguntava muitas coisas e uma delas era qual o passo a seguir. (A Sul. O Sombreiro, 37)
17. Antes do nascer do sol, avisou Mulende, toma o meu punhal, **te** ofereço e agora vem comigo. (A Sul. O Sombreiro, 37)
18. Alguns exércitos portugueses já tinham sido dizimados e comidos (**se** contava) na margem esquerda do Kwanza e nas irredutíveis terras da Kissama. (A Sul. O Sombreiro, 38)
19. Carlos puxou do último resto de carne, dividiu-o com Mulende, **se** serviu também da farinha. (A Sul. O Sombreiro, 39)
20. Mas **se** afastaram do rio e pernoitaram num montículo calvo, sem acender fogueira. (A Sul. O Sombreiro, 39)
21. Esteve para ir no Bengo uma vez com o pai, mas logo a mãe **se** interpôs, que vai lá fazer a criança?, (A Sul. O Sombreiro, 39)
22. já com uma promessa de libertação próxima por parte do governador, **lhe** montaram uma armadilha... (A Sul. O Sombreiro, 43)
23. O kissama **se** tinha tornado muito famoso por ter vencido um enorme exército vosso, sete anos antes. (A Sul. O Sombreiro, 49)
24. Os jesuítas, ao falarem de pátria, **se** referiam a Espanha, Portugal ou França, grandes territórios, mandando em muitos povos. (A Sul. O Sombreiro, 51)
25. Porém **se** sentia mais próximo, na maneira de ver as coisas e nos sentimentos, do seu escravo Mulende que de um Mexia qualquer. (A Sul. O Sombreiro, 52)
26. Subiu a um morro pequeno e **lhe** fez gesto de se aproximar com cautela. (A Sul. O Sombreiro, 52)

27. Em breve o sol **se** transformou em poalha de ouro sobre o rio poderoso e ele pôde descortinar a força tranquila das águas moventes, com ruído de kissonde. (A Sul. O Sombreiro, 52)
28. Estava a vinte metros deles e **se** podiam distinguir os guerreiros, postados dos dois lados (A Sul. O Sombreiro, 53)
29. Mulende entretanto **se** espreguiçou, acordado pelos primeiros raios brincando com a cabeça dele. (A Sul. O Sombreiro, 53)
30. O instinto **lhe** dizia para se conservar longe daquele governador. (A Sul. O Sombreiro, 53)
31. Apesar de haver pouca gente e muita dela apenas a chegar e a partir aos magotes, **se** notava um alvoroço alegre e barulhento no meio de toda a dor, (A Sul. O Sombreiro, 56)
32. Se não te deres bem, prometo, **te** deixo voltar para Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 57)
33. Mulende **se** agitou, mas permaneceu calado. (A Sul. O Sombreiro, 57)
34. ... pois Kalumbo era muito próxima de Luanda e os portugueses **se** reforçavam em soldados e comerciantes, (A Sul. O Sombreiro, 57)
35. O passeante descuidado pensava aquilo ter terra por baixo e **se** aventurava pisar nela. (A Sul. O Sombreiro, 58)
36. Mesmo sabendo nadar, gente **se** afogava. (A Sul. O Sombreiro, 58)
37. Por vezes **se** encostava à margem, mas com alguma mudança de vento voltava a se deslocar. (A Sul. O Sombreiro, 58)
38. Crescera solta, pois as plantas **se** iam reproduzindo, com flores brancas e amarelas. (A Sul. O Sombreiro, 58)
39. Em Luanda **se** dizia, na Kissama se cavava um pouco, nem chegava a um metro em certos sítios e o sal aparecia, duro de tão compacto. (A Sul. O Sombreiro, 59)
40. Em Luanda se dizia, na Kissama **se** cavava um pouco, nem chegava a um metro em certos sítios e o sal aparecia, duro de tão compacto. (A Sul. O Sombreiro, 59)
41. O mulato **se** aproximou da cerca e meteu conversa com os residentes. Perguntou logo quem eram. (A Sul. O Sombreiro, 59)
42. — A carne tem mais valor, em Luanda **se** apanha muito peixe. (A Sul. O Sombreiro, 61)
43. Mas Carlos **se** mantinha vigilante. (A Sul. O Sombreiro, 61)
44. Uma vantagem, **se** afastavam do Kwanza onde poderiam cruzar com o governador trajando de escuro, alvo das profecias de Na Gongga. (A Sul. O Sombreiro, 62)
45. E a sua prática corrente é de quem não respeita Deus nem os seus mandamentos, pois continuam tendo as mulheres que podem, **se** apoderam tranquilamente do que não é deles (A Sul. O Sombreiro, 65)
46. Chamei dois guardas e **lhe** dei voz de prisão. (A Sul. O Sombreiro, 72)
47. — Sei que foi uma medida forte e **me** trará inconvenientes, (A Sul. O Sombreiro, 73)
48. ..cerca de dois mil, tinha tentado uma revolta perto de Massangano e **se** retirara para a região da Kissama. (A Sul. O Sombreiro, 73)
49. Na vila, **se** enfiava pelas barrocas escorregadias separando a parte alta e a baixa, sem medo dos catos e cobras, escondendo-se em cubatas. (A Sul. O Sombreiro, 79)
50. Os homens sabem suportar as dores e esconder, eles **o** dizem ou **se** diz deles. (A Sul. O Sombreiro, 80)
51. O meu pai **me** contou das suas boas intenções quando pediu audiência ao governador. (A Sul. O Sombreiro, 86)
52. ... Mulende não tinha essa noção do tempo, o dono **lhe** tinha dito, estamos há dois anos aqui, como andarão as coisas por Luanda? (A Sul. O Sombreiro, 90)
53. Os três olharam para o lado dele, mas não o viram imediata mente, pois **se** escondia atrás do tronco. (A Sul. O Sombreiro, 91)
54. . Mulende **se** fez ver junto do tronco e eles **se** assustaram um pouco mais. (A Sul. O Sombreiro, 92)

55. Afinal **se** defenderia melhor, acompanhado. (A Sul. O Sombreiro, 92)
56. De repente, o branco **se** decidiu. (A Sul. O Sombreiro, 93)
57. Não creio Mbaxi capaz disso, **me** parece um homem de bem (A Sul. O Sombreiro, 95)
58. De repente, **lhe** tinha dado uma saudade. (A Sul. O Sombreiro, 97)
59. Battell **se** embebedava com o hidromel e mais fluida saía a história da sua vida. (A Sul. O Sombreiro, 97)
60. À hora do escurecer, Batteil **se** despediu, vou dormir ao lado. (A Sul. O Sombreiro, 99)
61. Na carta **lhe** contava também a receção que fiz aos embaixadores do rei do Ndongo, nada menos que quinze. (A Sul. O Sombreiro, 104)
62. E **me** parecia que tínhamos de dar uma lição a este Axilambanza, muito insolente e cada vez mais audacioso e forte. (A Sul. O Sombreiro, 105)
63. Os jesuítas vindos em 1575 com Paulo Dias de Novais **se** apoderaram imediatamente da parte próxima do lugar onde acostavam os batéis e chatas, (A Sul. O Sombreiro, 117)
64. André Velho **se** recusava visitar a filha desde o matrimónio dela, para não ter de entrar numa das casas dos jesuítas. . (A Sul. O Sombreiro, 118)
65. e o Cerveira **se** permitiu soltar. (A Sul. O Sombreiro, 119)
66. André Velho, contemplando também ele o mar da Chicala, **se** atreveu a pensar, vai dar tudo no mesmo. (A Sul. O Sombreiro, 124)
67. André Velho **se** levantou. (A Sul. O Sombreiro, 125)
68. Tempos depois, quando Gaspar Álvares se ligou em negócios a Manuel Cerveira Pereira, **lhe** ofereceu o rapaz, é muito fino e precisa de aprender mais da vida e da nossa língua, não é com um velho como eu que aprenderá. (A Sul. O Sombreiro, 128)
69. Bem, ele estava atascado neles, pois **se** tornara no criado do governador. (A Sul. O Sombreiro, 129)
70. E **se** dava bem com o seu antigo dono, Gaspar Álvares, o qual também o protegeu quando era criança, (A Sul. O Sombreiro, 130)
71. Na fortaleza tocou o sino de aviso, duas naus **se** avistavam ao longe, apesar da névoa sobre o mar. (A Sul. O Sombreiro, 135)
72. Entre muitas coisas da vida do rei morto aos dezoito anos **se** conta o episódio célebre da caçada no Alentejo. (A Sul. O Sombreiro, 136)
73. Já se viam os pendões e bandeiras dos barcos, **se** tratava mesmo de um governador. (A Sul. O Sombreiro, 137)
74. Sonhos **se** sonham, não se partilham. (A Sul. O Sombreiro, 147)
75. No princípio o comerciante **se** zangava, eles insistiam, ele deixou de se zangar, o nome pegou, mesmo só Filipe se apresentava por vezes com a alcunha. (A Sul. O Sombreiro, 147)
76. E atrás da casa **se** abria um quintal cercado de um muro alto, antes inexistente. (A Sul. O Sombreiro, 147)
77. Sempre seguiu num dos escravos, **lhe** apalpou os braços, abriu a boca e viu os dentes. (A Sul. O Sombreiro, 148)
78. Disse a Mulende para o esperar em casa, **se** despediu de sô Filipe, (A Sul. O Sombreiro, 150)
79. Nessa altura **se** descobriu que este era o meio mais rápido de atingir esta parte de África com grandes naus, por causa das correntes e dos ventos. (A Sul. O Sombreiro, 153)
80. A nau já estava aparelhada, a cidade inteira **se** preparava para ir assistir à partida, pois despertava todo o interesse ver um governador expulso em ferros da colónia. (A Sul. O Sombreiro, 158)
81. Os escravos também tinham vindo à despedida, mas **se** destacavam apenas pela mole imensa e silenciosa, pois não tinham direito de manifestar qualquer opinião sobre assunto de brancos. (A Sul. O Sombreiro, 159)

82. Mbaxi **se** postava mais à frente, longe dos escravos, mas lateral em relação aos portugueses. (A Sul. O Sombreiro, 159)
83. O prisioneiro entrou a bordo do batei e **lhe** levaram à nau, sempre em pé, desafiador, arrogante e destemido, até o atirarem para o porão. (A Sul. O Sombreiro, 160)
84. há gente em Angola e Kongo, mancomunada com gente daqui, que não aceita no trono de Portugal um castelhano ou austríaco, use a origem que melhor achar, e **me** fizeram acusações adulteradas por eu defender sempre os interesses de Sua Majestade. (A Sul. O Sombreiro, 161)
85. Continua, no entanto, a ter apoiantes e **se** acoitaram quase todos em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 162)
86. Cerca de um ano após ter chegado a Lisboa, «o rei absolveu-o das culpas injustamente impostas, pois **se** verificou, nos trâmites do processo, não ter pecado pelos abusos de que era acusado, antes se mostrara sempre obediente (A Sul. O Sombreiro, 163)
87. Talvez tenha apertado o nariz de nojo por se sentar junto de um odiado bacharel, mas dessa vez **lhe** deu jeito. (A Sul. O Sombreiro, 163)
88. Uma fome desesperada **se** apossara da Europa e a Espanha, ingerido Portugal, era a encruzilhada de todos os caminhos brilhantes da riqueza. (A Sul. O Sombreiro, 164)
89. O rei **lhe** confessou, muito admirado, bendita a coincidência, 1-lernan Cortez tinha preferido um semelhante para levar na conquista do Novo Mundo. (A Sul. O Sombreiro, 166)
90. E, pelo andar das coisas, não teriam de esperar tanto assim pela morte do Mbaxi, este **se** encarregava de dar cabo da saúde rapidamente. (A Sul. O Sombreiro, 167)
91. O padre **se** admirou, um rapaz tão forte e atacado pela febre das sezões? (A Sul. O Sombreiro, 170)
92. Mas Carlos Rocha achou estranho terem começado as tremuras mal ele entrara no presídio e **lhe** perguntou, o que tens? (A Sul. O Sombreiro, 170)
93. E Mulende, posto num catre, **lhe** segurou a mão, fica comigo. (A Sul. O Sombreiro, 170)
94. Mulende segurava a mão dele e segredou, **me** leva daqui, me leva daqui, quero sair. (A Sul. O Sombreiro, 170)
95. Mulende segurava a mão dele e segredou, me leva daqui, **me** leva daqui, quero sair. (A Sul. O Sombreiro, 170)
96. O padre entretanto tinha seguido o grupo e abençoou o rapaz, que te cures depressa conforme o desejo de Nosso Senhor, mas Mulende **se** levantou, ainda um pouco tonto, sem tremuras. (A Sul. O Sombreiro, 170)
97. O padre **se** intrometeu na conversa. (A Sul. O Sombreiro, 170)
98. Carlos e o kaxiko pegaram imediatamente nele e **lhe** trouxeram para fora, com o padre a fazer consecutivos sinais da cruz e já arrependido de não ter trazido água benta consigo. (A Sul. O Sombreiro, 171)
99. Fizeram mesmo um bom fogo e **se** instalaram para ali passar a noite. (A Sul. O Sombreiro, 172)
100. E **me** puxavam e eu tinha calor e tinha muito frio e um bocado calor e bué de frio, friiio... (A Sul. O Sombreiro, 172)
101. Sabiam, o urro de leão **se** ouvia a mais de uma légua, se o vento ajudasse. (A Sul. O Sombreiro, 172)
102. Uma ou outra hiena ou coruja **se** intrometia no concerto alheio. (A Sul. O Sombreiro, 172)
103. Em breve **se** ouviam vozes no fortim da Muxima. (A Sul. O Sombreiro, 172)
104. O sargento **lhe** deu de comer e informou permanecer tudo mais ou menos quieto. Algumas pessoas vindas do ocidente e sul contavam, (A Sul. O Sombreiro, 173)
105. Outras **se** sentiam muito bem, numa tranquilidade estranha. (A Sul. O Sombreiro, 174)
106. Carlos Rocha nunca se preocupara a sério com o assunto mas agora, pensando bem, o escravo ou ex-escravo **lhe** aparecia de forma diferente. (A Sul. O Sombreiro, 175)

107. Um kimbo **se** destacava no meio. (A Sul. O Sombreiro, 178)
108. Mulende tremia igualmente mas **se** levantou também. (A Sul. O Sombreiro, 179)
109. Depois **se** ouviu uma voz de comando e os guerreiros pararam. (A Sul. O Sombreiro, 179)
110. Enquanto isso, Mulende e Carlos **se** deixaram cair no chão, ficando sentados a descansar. (A Sul. O Sombreiro, 180)
111. De facto **se** revelara muito perigoso acompanhar o seu dono desmiolado. (A Sul. O Sombreiro, 180)
112. Ainda não era o fim de tarde e o fumo **se** sentia ao longe. (A Sul. O Sombreiro, 182)
113. Mulende, pelo contrário, **se** encolhia a cada resposta do amo. (A Sul. O Sombreiro, 183)
114. Não, eles **nos** vão levar ao grande jaga ou a um rival dele, importante também. (A Sul. O Sombreiro, 183)
115. Passado algum tempo saiu e **se** juntou ao grupo. (A Sul. O Sombreiro, 187)
116. Depois **se** dirigiram para um outro terreiro cercado de vissapas espinheiras, com algumas cubatas dentro e um grande njango. (A Sul. O Sombreiro, 187)
117. — Os brancos são estranhos, **se** preocupam mesmo com os ossos. (A Sul. O Sombreiro, 190)
118. Kingrêje **me** explicou, tinham medo que eu ficasse com força demais. (A Sul. O Sombreiro, 190)
119. Está bem, **te** dou os homens. (A Sul. O Sombreiro, 191)
120. Se encontrases esses ossos do tal branco, isso **me** dá força (A Sul. O Sombreiro, 190)
121. Battell **me** contou muita coisa, mas nunca falou no pequeno ar busto que encontrei em Caxinde. (A Sul. O Sombreiro, 193)
122. Eram frequentes, ele **me** chamava para lhe contar muitas coisas da minha vivência em Luanda e com os brancos. (A Sul. O Sombreiro, 193)
123. Muhongo e Mulende **me** faziam companhia. (A Sul. O Sombreiro, 194)
124. Mas logo a seguir Muhongo disse, estou muito cansada, entrou na cubata do meu amigo, **se** deitou na esteira dele. (A Sul. O Sombreiro, 194)
125. Mulende estranhou, as duas têm sono ao mesmo tempo e **se** deitam nas nossas esteiras? (A Sul. O Sombreiro, 194)
126. Me deitei e **a** envolvi. (A Sul. O Sombreiro, 194)
127. Nada, nada, **lhe** disse eu, acariciando o corpo sedoso. (A Sul. O Sombreiro, 194)
128. Um dia Kandalu **se** deitou na esteira que eu tinha na minha cubata, tenho sono, estou cansada. (A Sul. O Sombreiro, 194)
129. O problema **se** começou a pôr em relação à família. (A Sul. O Sombreiro, 195)
130. Battell, segundo suas próprias afirmações, **se** deitava com umas e outras, o que não causava problema, (A Sul. O Sombreiro, 195)
131. Por vezes ultrapassava o nome, **se** enfurecia e o fogo rugia em labaredas, já não era um fogo zinho, era uma chana inteira a arder, uma floresta em chamas, um inferno. (A Sul. O Sombreiro, 195)
132. Terminada a missão de nos trazer a Caxinde, **se** preparava para o regresso ao jagado familiar. (A Sul. O Sombreiro, 195)
133. Battell disse, uma pessoa **se** habitua. (A Sul. O Sombreiro, 196)
134. Alguns acabam mesmo por comer carne humana, **se** tornam jagas, porém eu nunca aceitei, tenho princípios cristãos. (A Sul. O Sombreiro, 196)
135. Adivinhando dúvidas na fala de Kalandula, **lhe** perguntei se era mesmo verdade estar Ngola Kiluanji no fim da vida. (A Sul. O Sombreiro, 197)
136. Depois **se** come outra qualquer, nuncce, mbambi, pacaça... (A Sul. O Sombreiro, 197)
137. Ia procurar uma aldeia, esperar que alguém aparecesse num caminho dando ao rio, por exemplo, e depois **lhe** saltava em cima e o prendia? (A Sul. O Sombreiro, 197)
138. A decisão tinha de ser tomada, pois Imbe Kalandula **se** aprontava para partir, como já se sabia há muito. (A Sul. O Sombreiro, 197)

139. Quando voltássemos **se** faria a festa a sério. (A Sul. O Sombreiro, 199)
140. Se ascendíamos à mais alta, um oceano verde **se** apresentava aos nossos olhos (A Sul. O Sombreiro, 201)
141. Mbombe também já andava a pensar o mesmo, **me** disse, tínhamos de sair da floresta e só podia ser para sudoeste (A Sul. O Sombreiro, 201)
142. Nessa noite, Kandalu **se** chegou mais a mim. (A Sul. O Sombreiro, 201)
143. De vez em quando **me** parecia vê-la ter um estremecimento, mas podia ser provocado pelo trilho que ia sendo talhado à sua frente. (A Sul. O Sombreiro, 202)
144. — Na Muxima os portugueses **me** disseram, ele estava perto. (A Sul. O Sombreiro, 183)
145. Fez uma cara séria, de zangado mesmo, para que o escravo não rompesse em agradecimentos ou louvores, fica calmo e calado, **lhe** disse em português. (A Sul. O Sombreiro, 185)
146. Lhe falei palavras de amor, em kimbundo e português, só abanou a cabeça, **se** aninhou mais, suspirou. (A Sul. O Sombreiro, 204)
147. Isso **me** dava forças dobradas. (A Sul. O Sombreiro, 205)
148. Kandalu **se** deitou ao pé de mim e repartimos o cobertor comum. (A Sul. O Sombreiro, 206)
149. Na mata as vozes enfurecidas **se** ouvem longe, no entanto (A Sul. O Sombreiro, 206)
150. Era lógico, **se** sentiam muito mais confiantes comandados por ele do que por um branco incapaz. (A Sul. O Sombreiro, 208)
151. Kandalu talvez não fosse uma jaga vulgar, **me** deixava manifestar ternura à frente do grupo, não se envergonhava quando os outros riam, ela ria também, à vontade. (A Sul. O Sombreiro, 209)
152. Ela nem respondeu, **se** limitou a sacudir um ombro. (A Sul. O Sombreiro, 209)
153. Conjeturas muito sérias e complicadas para os meus fracos conhecimentos sobre as pessoas, mas **me** ajudaram a passar os momentos dolorosos da confissão. (A Sul. O Sombreiro, 211)
154. Apesar de Manuel Pereira Forjaz não o ter melhor, neste caso **lhe** assistiria alguma razão. (A Sul. O Sombreiro, 214)
155. Em pleno serviço, o Forjaz **lhe** deu ordem de abandonar o lugar alheio. (A Sul. O Sombreiro, 214)
156. Encontrou no entanto o seu antigo servo Nzoji, feito homem livre, por ter continuado o seu louvável trabalho de espião, para o governador Forjaz primeiro e depois para Bento Banha, *se* oferecendo de novo para o seu serviço, pois **se** gabava de ter adquirido grande experiência nas dissimulações e perseguições clandestinas e portanto se sentia merecedor de um soldo mais compatível com as suas qualificações. (A Sul. O Sombreiro, 216)
157. Encontrou no entanto o seu antigo servo Nzoji, feito homem livre, por ter continuado o seu louvável trabalho de espião, para o governador Forjaz primeiro e depois para Bento Banha, *se* oferecendo de novo para o seu serviço, pois se gabava de ter adquirido grande experiência nas dissimulações e perseguições clandestinas e portanto **se** sentia merecedor de um soldo mais compatível com as suas qualificações. (A Sul. O Sombreiro, 216)
158. Logo foi tranquilizado, uma das recomendações do meu regimento é o de enviar uma expedição a desbravar os sertões até ao Monomotapa, **lhe** confiou o Cerveira, não esquecido da garrafa de vinho levada pelo capitão ao cárcere (A Sul. O Sombreiro, 217)
159. Se apresentou enfim em Luanda, exigindo um processo de inquérito e o governador, mais interessado em outros negócios e acochado ele próprio por inúmeras acusações, **lhe** disse em jeito de conciliação, o que passou passou e muita gente falou mas não provou nada, por isso não vou abrir nenhum processo, nem o ouvidor deve sequer se lembrar do assunto (A Sul. O Sombreiro, 218)
160. Esta ponderação **lhe** tinha sido pedida pessoalmente por El-rei, sempre desconfiado das macabras manobras do Vaticano contra o seu Império. (A Sul. O Sombreiro, 221)

161. Terá sido assim desde os primeiros vestígios, não havendo razão para alterações, pois **se** desconhece existência de falhas geológicas, (*A Sul. O Sombreiro*, 227)
162. O cunhado seguiu em breve, fazendo enorme falta como cirurgião, pois **se** pensava na altura que as sangrias ajudavam na cura do paludismo. (*A Sul. O Sombreiro*, 228)
163. Entretanto **se** foram descobrindo as ramificações da rebelião e eram numerosas. (*A Sul. O Sombreiro*, 235)
164. Kandalu **se** despediu dele como se fosse a última vez. (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
165. Entrou com o mosquete a tiracolo para falar com o chefe grande, mas ele não estava, **lhe** disseram os habitantes desconfiados. (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
166. Mas **se** encontrava doente, acamado numa cubata, sem capacidade de levantar. (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
167. A velha deu um passinho e **lhe** puxou com brandura para fora. (*A Sul. O Sombreiro*, 241)
168. — Ele **te** disse que não podias? (*A Sul. O Sombreiro*, 241)
169. Ela **me** contou, Kafeka **me** conta tudo. Os outros **se** queixam a ele, o verdadeiro chefe, (*A Sul. O Sombreiro*, 242)
170. Os jagas finalmente **se** convenceram da possibilidade de comida e também ajudaram na extração. (*A Sul. O Sombreiro*, 243)
171. E **se** admirava das conversas longas que observava Kandalu manter com Carlos Rocha. (*A Sul. O Sombreiro*, 244)
172. Muhongo **lhe** perguntou baixo, mas tens medo de quê? (*A Sul. O Sombreiro*, 244)
173. Porque ela ia falar e depois recuava, **se** calava. (*A Sul. O Sombreiro*, 246)
174. Mais sereno, Carlos Rocha **lhe** prometeu guardar segredo, pelo menos por enquanto. (*A Sul. O Sombreiro*, 247)
175. Quando toda a população estava reunida na praça central, mandou buscar o prisioneiro e **lhe** disse em voz clara mas pouco severa para se confessar perante o ma gote. (*A Sul. O Sombreiro*, 247)
176. —Talvez por causa dos feitos e lealdade anteriores, talvez por uma estranha tolerância para ele, Cerveira deixou-o amansar primeiro, depois **lhe** deu a palavra. (*A Sul. O Sombreiro*, 247)
177. Nzoji **se** apresentava de facto como um poço de contradições, esperando uma revolta que o libertasse da sua condição de cúmplice do poder despótico (*A Sul. O Sombreiro*, 252)
178. As poucas crianças existentes no acampamento pareciam compreender o peso da situação, pois **se** mantinham quietas (*A Sul. O Sombreiro*, 252)
179. Estive mesmo a pensar vou desistir, **me** parecia afastar demais. (*A Sul. O Sombreiro*, 253)
180. O sítio **se** chama Sumbe-Ambuela, o povo é sumbe. (*A Sul. O Sombreiro*, 253)
181. O eterno problema dos efetivos **se** punha, não tinha gente suficiente para avançar para norte e ocupar as minas. (*A Sul. O Sombreiro*, 254)
182. A este grupo de cinco proscritos **se** juntou frei Simão de Oliveira, o vigário, e o padre negro do Kongo, Manuel Rodrigues. (*A Sul. O Sombreiro*, 256)
183. ...pois o presente estava desmoralizado pelo comportamento da filha e **se** mantivera sempre demasiado próximo do governador. (*A Sul. O Sombreiro*, 258)
184. Quanto a Cerveira Pereira, **lhe** valeu o poder de persuasão do jesuíta. (*A Sul. O Sombreiro*, 258)
185. Os destinos **se** procuram, como dizem os mais velhos. (*A Sul. O Sombreiro*, 260)
186. — Carlos Rocha **se** desprezava quando era obrigado a lisonjear, mas não tinha escapatória. (*A Sul. O Sombreiro*, 264)
187. E **te** dominam. (*A Sul. O Sombreiro*, 264)
188. Carlos **se** afastou na direção da gruta, onde se encontrava o mosquete. (*A Sul. O Sombreiro*, 265)
189. Mas **lhe** apetecia um chá de caxinde, planta que ele trouxera da capital de Imbe Kalandula e enterrara perto do rio, onde crescia muito rapidamente. (*A Sul. O Sombreiro*, 268)

190. Parecia, a ideia **lhe** agradava. (A Sul. O Sombreiro, 268)
191. Com o tempo e o uso, o caminho até ao cimo **se** suavizaria. (A Sul. O Sombreiro, 268)
192. Carlos Rocha **se** afastou dela num repêlo. (A Sul. O Sombreiro, 270)
193. Quando Carlos Rocha **lhe** acariciava o ventre e falava palavras doces com a boca colada à barriga dela, **lhe** deixava fazer mas sem se comover. (A Sul. O Sombreiro, 270)
194. E **lhe** falou pois com todo o carinho de como os outros povos que conhecia tratavam dos rebentos, como consideravam os filhos o bem mais precioso que possuíam. (A Sul. O Sombreiro, 270)
195. E **te** tratou e te alimentou e te amou. (A Sul. O Sombreiro, 271)
196. E te tratou e **te** alimentou e te amou. (A Sul. O Sombreiro, 271)
197. E te tratou e te alimentou e **te** amou. (A Sul. O Sombreiro, 271)
198. Tu viste, elas **se** preocupavam com os filhos. (A Sul. O Sombreiro, 271)
199. E isso **se** passa com todas as pessoas daqui e do lado de lá do Kwanza. (A Sul. O Sombreiro, 271)
200. Mas **lhe** faltaram as forças e se deixou cair no catre. (A Sul. O Sombreiro, 275)
201. Mas **lhe** faltaram as forças e **se** deixou cair no catre. (A Sul. O Sombreiro, 275)
202. Fez esforço para não sorrir com a boa notícia, **se** manteve imperturbável. (A Sul. O Sombreiro, 276)
203. E riam os padres contando os escândalos e ria o maltratado governador, embora se queixando ai que não posso rir, **me** doem as feridas (A Sul. O Sombreiro, 279)
204. Gaspar Álvares **se** inclinava para o procurador e Cerveira para o reitor. (A Sul. O Sombreiro, 280)
205. Luis Mendes não **lhe** dava um regimento, por mais pequeno que fosse, pois **se** queixava de estar sitiado por todos os lados (A Sul. O Sombreiro, 280)
206. Essas tensões entre jesuítas eram muito raras, ou por não existirem ou por **se** passarem apenas no segredo dos claustros e por isso quer Cerveira quer Gaspar **se** admiraram e fitaram de forma intensa os dois prelados. (A Sul. O Sombreiro, 282)
207. Respirou duas vezes, **se** distendeu na cadeira, olhou o outro de lado. (A Sul. O Sombreiro, 284)
208. Desconfiou logo, **me** disse Kandalu **lhe** puseram barriga. (A Sul. O Sombreiro, 286)
209. Desconfiou logo, **me** disse Kandalu **lhe** puseram barriga. (A Sul. O Sombreiro, 286)
210. Kandalu também devia tomar, **me** explicou Muhongo. (A Sul. O Sombreiro, 287)
211. Por isso, antes que ele desse uma resposta à toa, só porque tinha de dar uma, **me** antecipei: (A Sul. O Sombreiro, 288)
212. Ao chegar perto de Kandalu e vendo o seu vulto já inequivocamente grávido, **me** sentia numa encruzilhada. (A Sul. O Sombreiro, 290)
213. Olha, olha, o rapaz tinha aprendido os jogos e agora **se** soltava, pensei eu. (A Sul. O Sombreiro, 291)
214. — Vi, **me** mostraram os canhões... (A Sul. O Sombreiro, 293)
215. Entrando por esse tema, **lhe** expliquei as diferentes formas de matar entre os brancos, com a mais atual e que a mim também horrorizava, a morte na fogueira. (A Sul. O Sombreiro, 296)
216. Talvez Kandalu não estivesse tão contente à minha espera em casa, mas **me** esqueci dela, por causa da bebedeira (A Sul. O Sombreiro, 298)
217. Luanda **me** está interdita por todas as razões, mesmo se posso ter um bispo a cobrir-me. (A Sul. O Sombreiro, 299)
218. ...sem sequer esperar autorização real, **lhe** bastava a do arcebispo e do chefe da nossa Ordem (A Sul. O Sombreiro, 300)
219. Tal chantagem **me** pôs a tremer de medo, é certo, pois bastava qualquer coisa correr mal para ele **me** apontar o dedo e dizer, eis a causa do fracasso (A Sul. O Sombreiro, 304)
220. Duas naus **se** aproximavam. (A Sul. O Sombreiro, 306)

221. Uma parte comprei, outra **me** fiaram, portanto. Deve ter sido isso que pôs furioso o governador Luís Mendes de Vasconcelos, vendo toda a comida **lhe** sair da cidade para a Corimba apoiando a reconquista de Benguela, (*A Sul. O Sombreiro, 308*)
222. E antes que **me** armasse com minha espada e adaga, oito homens **me** caíram em cima. (*A Sul. O Sombreiro, 309*)
223. Certamente **se** sentiam mais protegidos, mesmo com medo de mim, do que sozinhos em meio hostil. (*A Sul. O Sombreiro, 312*)
224. Sem reforços, seríamos massacrados, mais cedo ou mais tarde, pois os jagas **se** aliariam aos sobas locais e nos atacariam em Benguela. (*A Sul. O Sombreiro, 313*)
225. Sem reforços, seríamos massacrados, mais cedo ou mais tarde, pois os jagas **se** aliariam aos sobas locais e **nos** atacariam em Benguela. (*A Sul. O Sombreiro, 313*)
226. E **me** daria um qualquer presente, como recompensa dos bons serviços. (*A Sul. O Sombreiro, 315*)
227. A situação **se** tornava insustentável, cheia de armadilhas. (*A Sul. O Sombreiro, 322*)
228. Podia ser, os jagas **se** aliavam a quem fosse necessário. (*A Sul. O Sombreiro, 322*)
229. Sempre fora assim e os mais velhos **lhes** contavam muitas cenas passadas de um lado e outro do Kwanza, na longínqua Matamba ou no mítico Kassanje. (*A Sul. O Sombreiro, 322*)
230. Mbombe nunca **se** interessara muito por esse tipo de conhecimentos do antigamente, mas mesmo estando meio distraído ao pé da fogueira os ensinamentos dos mais velhos **lhe** entravam na cabeça. (*A Sul. O Sombreiro, 323*)
231. Esta figura **lhe** perturbava. (*A Sul. O Sombreiro, 323*)
232. Alguns diziam, a morte **se** passa apenas no corpo, há um espírito ficando a flutuar algures. (*A Sul. O Sombreiro, 323*)
233. Uns dias passaram e o clima do grupo **se** decompunha com rapidez. Aconteceu algo de inédito, dois rapazes se pegaram à pancada e em breve se enfrentavam com porrinhos na mão. (*A Sul. O Sombreiro, 325*)
234. Uns dias passaram e o clima do grupo **se** decompunha com rapidez. Aconteceu algo de inédito, dois rapazes se pegaram à pancada e em breve **se** enfrentavam com porrinhos na mão. (*A Sul. O Sombreiro, 325*)
235. Mbombe **se** meteu decididamente no meio deles, empurrou um e outro, praguejou, ameaçou, até os afastar, ficando a se olhar com rancor. (*A Sul. O Sombreiro, 325*)
236. Foi ficando cada vez mais calada, até começar a participar na conversa, e **te** lembrás aquela mulher que correu a fugir das abelhas mas **se** abanava nas costas para as abelhas não picarem o bebé?, (*A Sul. O Sombreiro, 327*)
237. Foi ficando cada vez mais calada, até começar a participar na conversa, e **te** lembrás aquela mulher que correu a fugir das abelhas mas **se** abanava nas costas para as abelhas não picarem o bebé?, (*A Sul. O Sombreiro, 327*)
238. Esse filho para ela deixara de ser um estorvo de que **se** deve rapidamente desembaraçar, **se** tornara uma presença desejada. (*A Sul. O Sombreiro, 327*)
239. — Os brancos **nos** descobriram e vêm aí. (*A Sul. O Sombreiro, 327*)
240. Mbombe **lhe** pedia opinião num assunto militar? (*A Sul. O Sombreiro, 327*)
241. O barulho das botas e de pés descalços a desfilar ao lado da gruta **lhe** fizeram recordar o barulho do kissonde a mudar de formigueiro. (*A Sul. O Sombreiro, 329*)
242. Se aproximou dela e **lhe** apertou a mão. (*A Sul. O Sombreiro, 329*)
243. Carlos Rocha **se** fez osga, colado em silêncio à parede. (*A Sul. O Sombreiro, 330*)
244. Bem, o chefe **nos** mandou ir ver de onde saíram os brancos. (*A Sul. O Sombreiro, 330*)
245. Carlos Rocha **se** precipitou e raptou aquela massa repugnante, mistura de fluidos esbranquiçados e sangue, apertando-a contra si. (*A Sul. O Sombreiro, 331*)
246. Interrompeu o trabalho em Kandalu, disse a Muhongo para continuar e **se** virou para ele. (*A Sul. O Sombreiro, 331*)

247. Entregou passivamente o recém-nascido a Kafeka, a qual virou o bebé de cabeça para baixo e um berro **se** soltou. (A Sul. O Sombreiro, 331)
248. Entretanto, Kandalu **se** apercebeu da situação. (A Sul. O Sombreiro, 331)
249. Eles mataram os teus pais e **te** tornaram jaga. (A Sul. O Sombreiro, 332)
250. — Esse problema **se** resolve quando Mbombe vier (A Sul. O Sombreiro, 332)
251. Voltou com a notícia, era um guerreiro mandado pelo chefe, dizer, os brancos tinham andado todo o dia com seus passos pesados e agora **se** preparavam para dormir. (A Sul. O Sombreiro, 333)
252. Depois **nos** encontras na outra gruta, como combinámos. (A Sul. O Sombreiro, 334)
253. Eu **te** acordo para partirmos. (A Sul. O Sombreiro, 334)
254. Os pastores **se** revoltaram e com eles os sobas da região, pois todos lucravam com aquela dádiva natural. (A Sul. O Sombreiro, 337)
255. E **se** queixava. (A Sul. O Sombreiro, 338)
256. Cerveira Pereira deveria permanecer na conquista, pois a sua experiência, a sua lealdade tantas vezes comprovada, a sua bravura, etc., etc., tudo encómos, **se** tornavam mais necessárias que nunca naqueles tempos tão conturbados da Pátria rodeada por inimigos (A Sul. O Sombreiro, 340)
257. O sol **se** escondia por trás do Sombreiro, dardejando céu e mar de violetas e laranjas incandescentes. (A Sul. O Sombreiro, 343)
258. Houve muitos pedidos, de moradores, de sacerdotes de todas as ordens, dos capitães mais antigos, os rogos e as preces **se** perdiam no mato... (A Sul. O Sombreiro, 342)
259. Daria uma boa maka durante muito tempo, pois os familiares **se** sentiam legítimos herdeiros e exigiam algumas restituições, fugindo os tribunais de se imiscuírem nos negócios da Companhia, demasiado poderosa para qualquer juiz. (A Sul. O Sombreiro, 345)
260. A frase **se** misturou aos lilases se esbatendo no mar. (A Sul. O Sombreiro, 346)
261. No meio de miséria e falha de futuro, Benguela **se** mantinha quieta, como parada ao sol, talvez derretida mesmo pelo astro e encharcada pelos seus pântanos. (A Sul. O Sombreiro, 348)
262. ...beberam, encheram as barrigas, apagaram com cuidado os vestígios da sua passagem e **se** desviaram para norte, (A Sul. O Sombreiro, 350)
263. .. e dias quase sem comer além de raízes e fruta, aos ziguezagues, para confundir possíveis perseguidores, **se** perdeu várias vezes mas prosseguiu, até reencontrar o casal na gruta. (A Sul. O Sombreiro, 350)
264. No entanto, o sítio **se** tornara vulnerável, demasiado conhecido, um obrigatório ponto de passagem. (A Sul. O Sombreiro, 350)
265. O bebé **se** portava bem e Kandalu tinha recuperado completamente. (A Sul. O Sombreiro, 351)
266. E **lhe** contaram muitas coisas que ele veio relatar. (A Sul. O Sombreiro, 351)
267. Mas um reconhecimento ao terreno **se** impunha. (A Sul. O Sombreiro, 351)
268. O homem tem feitiço muito forte, **lhe** espetaram punhais, **lhe** meteram num barco, chegou em Luanda ainda vivo. (A Sul. O Sombreiro, 352)
269. O homem tem feitiço muito forte, **lhe** espetaram punhais, **lhe** meteram num barco, chegou em Luanda ainda vivo. (A Sul. O Sombreiro, 352)
270. E esse essencial **lhe** era revelado mais pela entoação e as feições dos companheiros do que a compreensão das palavras. (A Sul. O Sombreiro, 352)
271. - Afinal **se** tratava da mesma pessoa, lembrás que eu falei? (A Sul. O Sombreiro, 352)
272. Efetivamente aquele barulho de tropa **lhe** tinha trazido muito medo, mais do que o regresso de Mbombe e dos jagas, isso é verdade. (A Sul. O Sombreiro, 353)
273. Depois **se** lembrou de Kandalu, mas ela não reagiu. (A Sul. O Sombreiro, 353)

274. Mulende **se** mexeu, incomodado, perdendo de repente posição cómoda para sentar. (*A Sul. O Sombreiro*, 354)
275. Os jagas **se** tornavam sedentários, eram tão violentos como qualquer outro povo querendo defender o seu território, se misturavam com os mundombe e já não matavam os filhos. (*A Sul. O Sombreiro*, 356)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. Para mim, foi Manuel Cerveira Pereira o mandante escondido no meio do exército de Massangano, mas, cala-**te** boca, só os mudos têm vida larga. (*A Sul. O Sombreiro*, 12)
2. A importância da missão obrigava-**o**. (*A Sul. O Sombreiro*, 17)
3. seria melhor para ele vir já para Luanda e embarcamos-**lo** logo que tenhamos transporte e a saúde dele permita. (*A Sul. O Sombreiro*, 22)
4. O juiz ouvidor recebeu-**o** com grandes gestos de amizade e levou-**o** a sentar no melhor cadeirão de palha da varanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 23)
5. E Nelinha cumpriu a sua obrigação, informou-**me**. (*A Sul. O Sombreiro*, 24)
6. E Sua Majestade, cá entre nós, assusta-**se** com facilidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 24)
7. — O caso arrastava-**se** sem necessidade nenhuma e recebi avisos da corte do vice-rei. (*A Sul. O Sombreiro*, 25)
8. O senhor bispo já tentou despachá-la para São Salvador, o Peres insurgiu-**se**, pois ela foi mandada para o degredo aqui em Angola e não no Kongo, claro, desculpa para não se separar dela. (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
9. O bispo podia ficar zangado comigo por uns tempos, mas passava-**lhe**. (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
10. — Esse frei António de Santo Estêvão saiu-**me** cá um devasso... (*A Sul. O Sombreiro*, 27)
11. Destratava-o, torturava-**o** mesmo, sempre com grandes ensinamentos sobre a necessidade de suportar para aprender. (*A Sul. O Sombreiro*, 30)
12. Carlos puxou do último resto de carne, dividiu-**o** com Mulende, se serviu também da farinha. (*A Sul. O Sombreiro*, 39)
13. Para dizer a verdade, ele antecedeu-**me** de uns doze anos, pois só aqui cheguei há dois e tal. (*A Sul. O Sombreiro*, 40)
14. Ele percebeu e disse, ninguém me verá sair com vocês, encontramo-**nos** para lá do morro que tem o grande imbondeiro em cima, só tenho de saber o dia e se de madrugada. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
15. Chegado a Luanda, o governador João Furtado de Mendonça incumbiu-**o** de ir com um patacho ao reino do Kongo (*A Sul. O Sombreiro*, 42)
16. Falei com ele e achei-**o** demasiado obediente e tímido para ser honesto. (*A Sul. O Sombreiro*, 42)
17. O governador encarregou-**me** de o vigiar, pois sendo nós relativamente novos no lugar e ignorantes de muitas coisas, (*A Sul. O Sombreiro*, 42)
18. Battell de facto ajudou-**nos** a vencer muitos sobas e sobetas rebeldes, pelo facto de lhes conhecer as manhas todas e falar a língua do país como eles próprios. (*A Sul. O Sombreiro*, 43)
19. Terá sido grande desgosto para um marinheiro, compreendo-**o**. (*A Sul. O Sombreiro*, 43)
20. Amarrámos-**lhe** as mãos atrás das costas e mandámos-**lo** indicar a lagoa da Kilunda, (*A Sul. O Sombreiro*, 44)

21. O governador mandou mais três barcos e enchemo-**los** com carne. (A Sul. O Sombreiro, 46)
22. Matam os adultos e comem-**nos**. (A Sul. O Sombreiro, 48)
23. Os outros capitães limitavam-**se** a ouvir, bebendo vinho pelas canecas metálicas. (A Sul. O Sombreiro, 48)
24. Entretanto, obrigámo-**lo** a ficar refugiado num território limitado com um fortim de estacas no meio, onde se acoitava com os seus capitães. (A Sul. O Sombreiro, 49)
25. Viu o dono já de pé e imitou-**o**. (A Sul. O Sombreiro, 53)
26. Mas o medo das serpentes de água impedia-**o**. (A Sul. O Sombreiro, 58)
27. Carlos preveniu-**o**, aprendera com o pai. (A Sul. O Sombreiro, 58)
28. De qualquer maneira, é meu filho e a mãe matava-**me** se soubesse que o vendi. (A Sul. O Sombreiro, 63)
29. Orei, porém, era mais impaciente ainda. E o regimento dele apanhou-**me** de surpresa. (A Sul. O Sombreiro, 64)
30. El-rei quer apenas tráfico de escravos e deixa-**me** impotente para procurar a prata. (A Sul. O Sombreiro, 66)
31. A rainha da Inglaterra morreu e sucedeu-**lhe** o rei James, o qual fez a paz com a grande Espanha. (A Sul. O Sombreiro, 68)
32. Por exemplo, os meus amigos jesuítas avisaram-**me** logo que voltei à cidade. Se preparava mudança no governo e há um governador nomeado para vir para Luanda substituir-me. (A Sul. O Sombreiro, 68)
33. Nós enfrentávamos sérios problemas militares com a deserção dos jagas e aparecia-**me** pela frente um capitão da maior experiência (A Sul. O Sombreiro, 75)
34. Mandeí-o sentar num cadeirão e sentei-**me** no outro. (A Sul. O Sombreiro, 75)
35. Fez gesto de se levantar em protesto, mas depois deixou-**se** cair. (A Sul. O Sombreiro, 76)
36. Isso passa-**lhe**, pensei. (A Sul. O Sombreiro, 77)
37. O capitão-mor mostrou-**me** os homens propostos para seguirem com ele. (A Sul. O Sombreiro, 77)
38. Mas o Custódio tinha sido comedido, propunha-**se** levar apenas dezoito. (A Sul. O Sombreiro, 77)
39. E numa das noites de travessia, deixe-**o** escorregar para o rio, com correntes e tudo. (A Sul. O Sombreiro, 78)
40. A minha mãe apercebeu-**se** de alguma coisa diferente em mim, pois perguntava, que se passa contigo, andas tão alheada de tudo. (A Sul. O Sombreiro, 79)
41. Os meus irmãos são seres especiais e amo-**os** muito, como se deve, mas contar-lhes seria não partilhar um segredo, apenas passar-lhes a dor que sinto, sem a diminuir em mim. (A Sul. O Sombreiro, 80)
42. A minha mãe dizia isso e ela sabia mais de homens do que era suposto, pelo menos gabava-**se** a meia voz de não ser fácil de enganar por eles. (A Sul. O Sombreiro, 81)
43. Mas foi vencido na funesta batalha de Alcácer-Quibir e aí morreu, diz-**se**, com o melhor da cavalaria portuguesa e a fina flor da nobreza de então. (A Sul. O Sombreiro, 82)
44. Nunca falei sequer com tal indivíduo, olhou-**me** duas ou três vezes na missa, se tanto, pois não estive ali a contar. (A Sul. O Sombreiro, 85)
45. No dia seguinte, o meu pai cumprimentou-**me** muito suavemente, bem fizeste em não sair do quarto. (A Sul. O Sombreiro, 85)
46. O pai beijou-**me** a testa, coisa que não fazia há muitos anos. (A Sul. O Sombreiro, 85)
47. — Sei, nota-**se** logo... (A Sul. O Sombreiro, 94)
48. Se quiser, conto-**lhe** imediatamente. (A Sul. O Sombreiro, 94)
49. Necessidade de justificar... o quê, nem se sabe também, esquece-**se**... (A Sul. O Sombreiro, 96)

50. O inglês acompanhava-o aos kimbos, punha todas as mulheres a rir e a dançar com o seu kimbundo de jaga, acabava por desaparecer no mato (A Sul. O Sombreiro, 100)
51. O inglês sória, quando ele inquiria sobre as ausências, então não foi esse o nosso trato, você casa e eu desenrasco-me com viúvas? (A Sul. O Sombreiro, 101)
52. Antes, Rocha aparecia mais afoitamente às pessoas, mas a presença de Battell levou-o a tomar também maiores precauções, não eram inúteis em tempos tão complicados. (A Sul. O Sombreiro, 101)
53. Ele rendeu-se logo e jurou ser inocente pois de facto estava a ser pressionado pelo grande soba Axilambanza, familiar do próprio rei do Ndongo. (A Sul. O Sombreiro, 105)
54. O bacharel Manuel Nogueira incomoda-me. (A Sul. O Sombreiro, 107)
55. Infelizmente o meu primo João de Araújo não está cá na cidade, deixei-o a comandar o forte de Kambambe, na esperança de aparecer alguma prata e contrariar as previsões pessimistas de Sua Majestade, que até já me mandou abandonar as minas e tratar apenas dos resgates. (A Sul. O Sombreiro, 108)
56. O dito Nogueira inclinou-se de novo em vénia de cavalheiro. (A Sul. O Sombreiro, 112)
57. Resistiu pouco tempo e desviou-os para a sua esquerda, como fazem os mentirosos. (A Sul. O Sombreiro, 112)
58. O ouvidor ficou vermelho, o vigário interessou-se pela lança de um dos guardas (A Sul. O Sombreiro, 112)
59. Apeei-me do cavalo e cumprimentei-o com todo o respeito. (A Sul. O Sombreiro, 113)
60. Ele encaminhou-me para lá. (A Sul. O Sombreiro, 113)
61. Despedimo-nos com muita urbanidade e fui cumprimentar todos os frades, mesmo o que estava deitado. (A Sul. O Sombreiro, 116)
62. Poderia ter destruído completamente o soba, mas deixou-o ficar, para servir de instrumento quando precisasse. (A Sul. O Sombreiro, 118)
63. O Coelho estava ligado ao governador, supõe-se que é familiar ou pelo menos de casa dele, (A Sul. O Sombreiro, 120)
64. Depois meteu-se no barulho o primo João de Araújo, outro facínora... (A Sul. O Sombreiro, 120)
65. O governador arrojou-se a mandar prender um sindicante nomeado por D. Filipe (A Sul. O Sombreiro, 120)
66. — Ele defende-se com o facto de o Butaca ter sido enviado pelo vice-rei — disse o vigário. (A Sul. O Sombreiro, 120)
67. — Sim, parece-me bem ir para esses crimes de extorsões. (A Sul. O Sombreiro, 121)
68. — Pelo que percebi, preocupa-se com os dos outros (A Sul. O Sombreiro, 123)
69. — Esses pensamentos macabros dão-lhe para a poesia (A Sul. O Sombreiro, 123)
70. Sottomayor fez uma careta de contrariedade mas teve o sangue-frio suficiente para fazer sinal a Nelinha, deixa-nos sós. (A Sul. O Sombreiro, 125)
71. Saias laicas, entenda-se. (A Sul. O Sombreiro, 125)
72. — Goze este espetáculo único e acalme-se. (A Sul. O Sombreiro, 126)
73. E trabalhava bem na espionagem, pois a sua memória para caras e nomes ajudava-o no serviço. (A Sul. O Sombreiro, 129)
74. Gosto da palavra dos pretos, maluvo, dá-me sempre a ideia de maluco, que é como as pessoas ficam quando o tomam em excesso. (A Sul. O Sombreiro, 133)
75. Até pode ter alguém enfiado aqui em casa, essas coisas fazem-se. (A Sul. O Sombreiro, 126)
76. Agitaram-se, espalharam-se. (A Sul. O Sombreiro, 136)
77. Tiraram-me da cela, voltaram a pôr os ferros nos braços e nas pernas, como se fosse possível fugir mesmo sem eles, levaram-me para a salinha contígua onde os presos recebiam as visitas. (A Sul. O Sombreiro, 139)

78. Nem me deixou sentar à mesa. Fiquei de pé. Gaspar Álvares, vendo a minha situação, levantou-se e tentou abraçar-me. (A Sul. O Sombreiro, 139)
79. A cela não me permite esticar as pernas, deito-me em curva em cima de um cobertor de muito uso. (A Sul. O Sombreiro, 140)
80. Mas, diga-me, já transpirou alguma coisa sobre o processo? Porque me prenderam e me enviam assim para o reino? (A Sul. O Sombreiro, 140)
81. O guarda de rosto vermelho mexeu-se, mas não ousou interferir na conversa que ouvia com toda a atenção, provavelmente com ordens de a ir contar na íntegra ao Forjaz. (A Sul. O Sombreiro, 140)
82. — Caramba, essa determinação tinha-me dado muito jeito... (A Sul. O Sombreiro, 141)
83. Estava cada vez mais apoplético, porque o calor apertava e via-se mesmo que o animal quase explodia de calor e de sangue na cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 141)
84. Gaspar Álvares encolheu os ombros, apertou-me a mão já que os abraços eram proibidos, talvez para evitarem que ele me passasse um punhal e eu tomasse a fortaleza de assalto, sozinho. (A Sul. O Sombreiro, 141)
85. -Depois faço-lhe chegar o papel da doação para assinar. (A Sul. O Sombreiro, 142)
86. Enquanto o padre ia rezando, eu divertia-me com a situação do guarda e fiz-lho perceber pois o fitei de maneira alongada. (A Sul. O Sombreiro, 142)
87. O padre Sousa aconselhou-me muito bem para ter humildade na desgraça, suportar tudo como Nosso Senhor Jesus Cristo consentiu todos os tormentos para nossa salvação, que me inspirasse no seu exemplo e no seu sacrifício para resistir e perdoar a quem me fazia mal, pois no dia do Juízo Final tudo se esclareceria e eu estaria à direita de Deus-Pai por ser um bom cristão (A Sul. O Sombreiro, 142)
88. — Tu és... ora deixa ver, lembro-me já. (A Sul. O Sombreiro, 147)
89. O meu pai falou-me do seu avô Xavier... (A Sul. O Sombreiro, 151)
90. Estranhamente, tinha de reconhecer, esse relato incomodava-o. (A Sul. O Sombreiro, 154)
91. Brincar com a caneca ajudou-o a esconder a perturbação. (A Sul. O Sombreiro, 155)
92. Ele vai recordar-se, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. - (A Sul. O Sombreiro, 162)
93. Cerca de um ano após ter chegado a Lisboa, «o rei absolveu-o das culpas injustamente impostas, pois se verificou, nos trâmites do processo, não ter pecado pelos abusos de que era acusado, antes se mostrara sempre obediente (A Sul. O Sombreiro, 163)
94. — El-rei D. Filipe fez-me saber que é de seu muito agrado receber o cunhado, logo que esteja recuperado de todos estes agravos e canseiras. (A Sul. O Sombreiro, 164)
95. Em gesto inédito e aparatoso, o católico rei Filipe de Espanha e Portugal levou-o às cavaliarias pessoais, lhe dizendo para escolher um cavalo digno de ser cavalgado na primeira batalha de Benguela (A Sul. O Sombreiro, 166)
96. homem sorriu, fez-lhe que sim com a cabeça, falou para o grupo: (A Sul. O Sombreiro, 171)
97. E isso dói-te. (A Sul. O Sombreiro, 271)
98. O padre encolheu os ombros, resignado, e acompanhou-o lá dentro. (A Sul. O Sombreiro, 172)
99. Estava com orelha meio distraída e depois uma palavra chamou-lhe a atenção. (A Sul. O Sombreiro, 174)
100. Ficou algum tempo medindo-o, depois deu a ordem para o grupo, amarrem-nos e peguem nas coisas deles. (A Sul. O Sombreiro, 179)
101. O velho fez um gesto e os guardas empurraram-nos para longe. (A Sul. O Sombreiro, 183)
102. O grupo do irmão, assim ele chamava ao anterior chefe, tinha-os capturado perto do Kwanza por andarem a fazer alguns reconhecimentos. (A Sul. O Sombreiro, 186)
103. Carlos mirou-o mais uma vez de lado para confirmar a impressão inicial. (A Sul. O Sombreiro, 187)

104. - Com atraso, mas trago-**te** os cumprimentos e a amizade do Kingrêje, que muito bem me falou do teu poder e da tua justiça. (*A Sul. O Sombreiro*, 188)
105. Mukilango avisava sempre, esses rápidos são traiçoeiros, muitas pedras pontiagudas, rasgam-**te** todo se vais para lá. (*A Sul. O Sombreiro*, 196)
106. Mulende tentou reclamar antes da partida, mas o ar decidido e de poucos amigos de Carlos Rocha dissuadiu-**o**. (*A Sul. O Sombreiro*, 177)
107. Deu ordens, dividem-**se** em três grupos, tu, tu e tu vão por aquele lado, muito devagar. (*A Sul. O Sombreiro*, 204)
108. Me encostei a Kandalu, forcei-**a** a sentar, eu de costas num tronco e ela no meu peito. (*A Sul. O Sombreiro*, 204)
109. Este arcebispo, raivoso por ter sido preterido nos favores de D. Beatriz de Viseu pelo seu rival Cerveira, talvez por este lhe dar música como fazia em Luanda, mandou-**o** prender de imediato. (*A Sul. O Sombreiro*, 212)
110. Malaquias e Margarida perceberam logo o recado, o qual de facto não era para eles, mas para André Velho: esconde-**te** o tempo que quiseres... (*A Sul. O Sombreiro*, 213)
111. Foi o amigo Gaspar a confirmar a explicação, alforriou o escravo e introduziu-**o** na corte do novo governador com muitas recomendações, (*A Sul. O Sombreiro*, 216)
112. — Se não tivermos reforço de tropa, não saímos daqui, foda-**se** (*A Sul. O Sombreiro*, 233)
113. Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela se transformaria em sede episcopal, quase lhe dizendo, olha, é para ti, aguenta-**te** que te farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidades (*A Sul. O Sombreiro*, 234)
114. Os batéis alcançaram-**no** a remos, prenderam os três fugitivos e trouxeram-**nos** para Benguela. (*A Sul. O Sombreiro*, 235)
115. A curiosidade levou-**as** à aproximação. (*A Sul. O Sombreiro*, 244)
116. Pelo contrário, Luís Mendes de Vasconcelos mandou-**me** dizer a Sua Senhoria que não despacharia nada para Benguela, mesmo com ordens reais, (*A Sul. O Sombreiro*, 250)
117. De facto, a corrente de Benguela levou-**o** ao seu destino, Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 259)
118. Ebo-Kalunda media-**o** e media as suas intenções. (*A Sul. O Sombreiro*, 263)
119. Se o chefe recusasse autorização, fingiam ir embora e instalavam-**se** um pouco ao lado, provisoriamente. (*A Sul. O Sombreiro*, 265)
120. Ou eu ou Muhongo ou Kafeka, uma de nós aperta-**lhe** logo o pescoço quando ele nascer e deixa de respirar. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
121. Claro, claro. Eu acompanho-**o**. (*A Sul. O Sombreiro*, 274)
122. O barbeiro tapou-**o** melhor, para não mostrar partes do corpo despido ao sacerdote. (*A Sul. O Sombreiro*, 275)
123. Trabalhamos como escravos, adoramo-**lo**, levamos uma vida pia e recatada, mas podemos não ser escolhidos... (*A Sul. O Sombreiro*, 282)
124. Mas a frase que disse lembrou-**me** o que aprendi sobre Calvino. (*A Sul. O Sombreiro*, 282)
125. Esse suficiente, e apenas esse suficiente, lembrou-**me** Calvino. (*A Sul. O Sombreiro*, 282)
126. O Vasconcelos tinha-**o** mandado sentar no cadeirão à frente da sua mesa, porque julgava que ele ainda mal se aguentava nas pernas. (*A Sul. O Sombreiro*, 284)
127. Quanto a Kandalu, aparentemente ninguém a associava com os jagas, tomavam-**na** como Mulende, uma semelhante. (*A Sul. O Sombreiro*, 291)
128. O escrivão convocava-**me** a Luanda para depor no caso de um escravo fugido e que se tinha apresentado a mim de livre vontade. (*A Sul. O Sombreiro*, 308)
129. Virei-o num repente e pespeguei-**lhe** um pontapé no traseiro que o levou ao chão. (*A Sul. O Sombreiro*, 309)

130. Os padres prometeram-lhes que eu não ida recorrer do meu justo direito de vingança e cumpri a promessa. (*A Sul. O Sombreiro, 312*)
131. Saltámos pois dos navios e pusemo-nos em marcha no rumo dos morros. (*A Sul. O Sombreiro, 313*)
132. Encontraram outra gruta e camuflaram-na melhor com pedras e ramos. (*A Sul. O Sombreiro, 326*)
133. Os inimigos, a começar pelo novo governador de Luanda, acusavam-no do mesmo, de enriquecer desalmadamente. (*A Sul. O Sombreiro, 341*)
134. O Correia de Sousa destratou-os, insultando-os de muitos nomes vis e de traidores, tal como fizera aos outros. (*A Sul. O Sombreiro, 342*)
135. Entretanto, os nossos amigos do colégio, com medo que o governador invadissem o local para prender o arriscado Gaspar Álvares, de que ambicionava a fortuna, mandaram-no escondido para o Pinda (*A Sul. O Sombreiro, 342*)
136. Enfim, perante tantos rogos e revolta da população, ameaçando uma amotinação com apoio de parte dos militares, o governador comutou a pena de morte do ouvidor e mandou-o para as masmorras. (*A Sul. O Sombreiro, 342*)
137. As sobrinhas olhavam-no, embevecidas. (*A Sul. O Sombreiro, 347*)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. **Se** recostou na cadeira, mexeu o pé direito docemente dentro da bota, sentindo a dorzinha no meio do líquido. (*A Sul. O Sombreiro, 20*)
2. **Lhe** passou brevemente pela cabeça a tentação de regatear um pouco, negociando futuros apoios do governador. (*A Sul. O Sombreiro, 21*)
3. **Se** via dali de cima, na suave descida para sul, a grande casa de adobe que mandara construir, um muro alto à volta. (*A Sul. O Sombreiro, 23*)
4. **Me** contavam os outros rapazes dominados (*A Sul. O Sombreiro, 30*)
5. **Se** borrou desavergonha da mente, com um fedor insuportável. (*A Sul. O Sombreiro, 31*)
6. **Se** aconselhou com o padre João Domingos, o qual corroborou o medo da mãe. (*A Sul. O Sombreiro, 33*)
7. **Se** afastaram e o jovem Carlos perdeu o resto da discussão, prolongada por palavras e gestos veementes. (*A Sul. O Sombreiro, 35*)
8. **Se** projetava cavar aí um poço, criando uma nova maianga. (*A Sul. O Sombreiro, 37*)
9. **Se** vendia também aos moradores, tão cara como a vinda do Bengo. (*A Sul. O Sombreiro 37*)
10. **Se** falava e poucos duvidavam. (*A Sul. O Sombreiro, 38*)
11. **Se** sentaram na margem, olhando. Olhando só, sem palavras. (*A Sul. O Sombreiro, 39*)
12. **Se** alegrou quando lhe foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. (*A Sul. O Sombreiro, 41*)
13. **Se** tratava da antiga história do Congo e do barco holandês. (*A Sul. O Sombreiro, 45*)
14. **Se** foram arrastando, levantando pó com os pés. (*A Sul. O Sombreiro, 61*)
15. **Se** chegou mais a Mbaxi e fez sinal ao taberneiro para servir a caneca vazia do outro. (*A Sul. O Sombreiro, 62*)
16. **Se** tratava de mudar a maneira de tratar os sobas. (*A Sul. O Sombreiro, 65*)
17. **Lhe** chamam Mbaxi uns, Sebastião Rocha outros. (*A Sul. O Sombreiro, 94*)

18. **Se** despediam fora da residência quando apareceu a figura de preto. (*A Sul. O Sombreiro*, 123)
19. **Se** usou, apostou, deu murros nas paredes, de raiva e impotência. (*A Sul. O Sombreiro*, 143)
20. **Lhe** chamavam muitas vezes o Kibobo. (*A Sul. O Sombreiro*, 147)
21. — **Lhe** paguei uns copos antes por ser amigo da minha família. (*A Sul. O Sombreiro*, 155)
22. **Se** deitaram e dormiram até ouvir os leões. (*A Sul. O Sombreiro*, 172)
23. **Se** esconderam atrás de uma árvore. (*A Sul. O Sombreiro*, 178)
24. **Se** agacharam, se enrolaram no chão, suportando os pontapés. (*A Sul. O Sombreiro*, 179)
25. **Se** levantou e não teve dúvidas, tremeu sem vergonha. (*A Sul. O Sombreiro*, 179)
26. **Lhes** deixaram os pés livres, quem ia tentar frigar? (*A Sul. O Sombreiro*, 179)
27. **Se** tratava de um velho muito seco com uma voz fraca, nada semelhante ao ser forte e imponente descrito pelo Kingrêje. (*A Sul. O Sombreiro*, 182)
28. **Lhes** obrigaram a sentar junto de uma fogueira. (*A Sul. O Sombreiro*, 183)
29. **Lhes** deram a comida da véspera e até um pouco de kissângua demasiado fermentada, quase azeda. (*A Sul. O Sombreiro*, 184)
30. **Se** limitou a aceitar o mosquete e colocá-lo ao ombro. Olhou Mulende, renascido. (*A Sul. O Sombreiro*, 185)
31. **Se** perdia na memória das pessoas quem projetara aquela avenida ou quem plantara as árvores todas alinhadas durante mais de quinhentos metros. (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
32. **Me** arrisquei e preparei um pouco para Imbe Kalandula, numa das nossas sessões de conversa. (*A Sul. O Sombreiro*, 193)
33. **Me** deitei e a envolvi. (*A Sul. O Sombreiro*, 194)
34. **Me** disse, foi o meu tio o primeiro. (*A Sul. O Sombreiro*, 194)
35. **Me** disse, ia se encontrar com jagas da margem direita do Kwanza, muito ativos a kanzar peças para as vender aos portugueses de Massangano e Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 197)
36. **Se** dizia... (*A Sul. O Sombreiro*, 197)
37. **Nos** despedimos de Imbe Kalandula, não sabia se para sempre. (*A Sul. O Sombreiro*, 199)
38. **Me** debrucei sobre ela, estava sem sentidos. (*A Sul. O Sombreiro*, 202)
39. **Me** lembrei de fingir uma zanga, berrar com ela, ameaçar, pois talvez fosse um capricho qualquer. (*A Sul. O Sombreiro*, 203)
40. **Me** encostei a Kandalu, forcei-a a sentar, eu de costas num tronco e ela no meu peito. (*A Sul. O Sombreiro*, 204)
41. **Lhe** falei palavras de amor, em kimbundo e português, só abanou a cabeça, se aninhou mais, suspirou. (*A Sul. O Sombreiro*, 204)
42. **Lhe** lembrou alguma coisa, podia ser. (*A Sul. O Sombreiro*, 204)
43. **Me** olharam, acusadores, silenciosos. (*A Sul. O Sombreiro*, 206)
44. **Se** enganou, os mujimbos voam sempre mais rápido. (*A Sul. O Sombreiro*, 213)
45. **Se** apresentou enfim em Luanda, exigindo um processo de inquérito e o governador, mais interessado em outros negócios e acossado ele próprio por inúmeras acusações, lhe disse em jeito de conciliação, o que passou passou e muita gente falou mas não provou nada, por isso não vou abrir nenhum processo, nem o ouvidor deve sequer se lembrar do assunto (*A Sul. O Sombreiro*, 218)
46. **Se** deu quando Gaspar Penso, vindo de Portugal como governador e seu homem de confiança, ia tentar um atentado à vida do próprio Cerveira. (*A Sul. O Sombreiro*, 235)
47. Os olhos se habituaram à escuridão e ao fumo. **Se** apercebeu afinal do estado grave do mais-velho deitado na esteira, incapaz de se soerguer. (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
48. **Lhe** parecia ser um pouco ao sul, mais perto do mar, mas não tinha a certeza, pedia também indicações. (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
49. **Me** mostrou os buracos, vi mesmo. O sítio se chama Sumbe-Ambuela, o povo é sumbe. (*A Sul. O Sombreiro*, 253)
50. **Lhe** deram voz de prisão: (*A Sul. O Sombreiro*, 257)

51. **Lhe** apunhalaram várias vezes. (*A Sul. O Sombreiro*, 257)
52. **Se** percebe por isso o rubor que cobria as faces da moça, (*A Sul. O Sombreiro*, 257)
53. **Se** limitaram a enfiar a carcaça balbuciante num frágil batel com um mastro partido, puseram algum peixe e vinagre a bordo, pouca água, e empurraram a embarcação para o mar. (*A Sul. O Sombreiro*, 259)
54. **Se** passava a vau quase todo ele e só havia uns metros com profundidade maior, mas facilmente transponível. (*A Sul. O Sombreiro*, 261)
55. **Se** misturaram aqui. (*A Sul. O Sombreiro*, 264)
56. **Se** afastou de novo, agora na direção leste, para a curva do rio, até desaparecer da vista dos sumbes. (*A Sul. O Sombreiro*, 265)
57. **Se** sentia muito mais calmo agora, passada com distinção a prova dos sumbes. (*A Sul. O Sombreiro*, 268)
58. **Se** preparou para uma grande discussão. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
59. **Lhe** falo tem o mambo do alembamento, ela diz é muito fácil resolver, atacas um kimbo antes de chegarmos a Caxinde, eu mesma te ajudo, o resto o teu branco dá para pagares. (*A Sul. O Sombreiro*, 286)
60. **Se** compreendíamos o sentido das discussões, por se passarem numa língua conhecida, as relações perdiam esse caráter, pelo menos se tornavam mais razoáveis. (*A Sul. O Sombreiro*, 289)
61. **Me** sentia um verdadeiro professor, explicando a um mau aluno as primeiras noções da vida. (*A Sul. O Sombreiro*, 293)
62. **Me** preparei mesmo para lhe dar uma lição completa, contando a história do Kongo e das coisas de Luanda, vistas segundo o meu entendimento, o que já observara na vida e aprendera nas conversas do meu pai, quando ele era um homem lúcido. (*A Sul. O Sombreiro*, 293)
63. **Me** disse o chefe. (*A Sul. O Sombreiro*, 294)
64. **Lhe** dei um abraço, agradecendo o bom trato e prometendo, venha a Benguela, não se arrependerá, bons negócios o esperam. (*A Sul. O Sombreiro*, 310)
65. **Lhe** passavam um óleo mal cheiroso feito de umas raízes maceradas no pilão pequeno que nunca abandonavam. (*A Sul. O Sombreiro*, 320)
66. **Se** acercou de Rocha, antes mesmo de este atingir a caverna onde estaria Kandalu. (*A Sul. O Sombreiro*, 324)
67. **Se** chegou mais para ele, talvez pensando no filho que dela ia sair. (*A Sul. O Sombreiro*, 327)
68. **Se** aproximou dela e lhe apertou a mão. (*A Sul. O Sombreiro*, 329)
69. **Se** desembaraçam das crias, mas tem de haver algum ritual, claro, ninguém faz nada sem ritual. (*A Sul. O Sombreiro*, 331)
70. **Se** ouvia uma conversa entre Undu e as duas, mas permaneciam perto das fogueiras dos jagas, sem se aproximarem da caverna. (*A Sul. O Sombreiro*, 333)
71. **Lhe** contava em breve prosa como o governador Correia de Sousa punha em perigo aquela conquista com sua brutalidade e traição. (*A Sul. O Sombreiro*, 342)
72. **Se** tinha metido na cova momentos antes, ao avistar a aldeia com nome de cidade e de reino, temendo ser notado. (*A Sul. O Sombreiro*, 349)
73. **Se** revolveu no buraco e conseguiu espetar a cabeça de modo a observar sem ser visto. (*A Sul. O Sombreiro*, 349)
74. **Lhe** parecia preferível avançar pelo leito arenoso do Cavaco para os morros do interior e ali encontrar um sítio isolado. (*A Sul. O Sombreiro*, 351)
75. **Me** envaideceu Carlos (*A Sul. O Sombreiro*, 352)
76. **Lhes** disse estou morar sozinho, fugi dos jagas que queriam me matar. (*A Sul. O Sombreiro*, 353)
77. **Se** convenceu a si próprio? (*A Sul. O Sombreiro*, 355)

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. Moveu-se nas sombras. A uns dizia, como engolir isso, um rei espanhol e ainda mais um governante espanhol? (A Sul. O Sombreiro, 11)
2. Tornou-se na sé da cidade já depois de 2000. (A Sul. O Sombreiro, 14)
3. Escrevi-lhe a avisar deste assunto — disse André Velho. (A Sul. O Sombreiro, 25)
4. Derrotou-o em batalhas sucessivas. Com essa vitória, não só se aproximou das montanhas da prata, como fez milhares de escravos. (A Sul. O Sombreiro, 18)
5. Destratava-o, torturava-o mesmo, sempre com grandes ensinamentos sobre a necessidade de suportar para aprender. (A Sul. O Sombreiro, 30)
6. Aconselhei-me com o padre jesuíta que sempre nos acompanhava, Jorge Pereira, meu amigo e sacerdote de grande merecimento, (A Sul. O Sombreiro, 42)
7. Amarrámos-lhe as mãos atrás das costas e mandámo-lo indicar a lagoa da Kilunda, (A Sul. O Sombreiro, 44)
8. — Deixavam-no ter as mulheres? — perguntei eu. (A Sul. O Sombreiro, 47)
9. Lembro-me desse desastre, foi de facto grande, mas não acredito em tantas baixas. (A Sul. O Sombreiro, 49)
10. Despediu-se de forma humilde e foi preparar a partida. (A Sul. O Sombreiro, 75)
11. Vi-o levantar-se devagar, o chapéu a rodar entre as mãos, a cabeça em exercícios rápidos de raciocínio. (A Sul. O Sombreiro, 76)
12. Apresente-se a ele. (A Sul. O Sombreiro, 76)
13. Empertigou-se numa saudação muda, (A Sul. O Sombreiro, 77)
14. — Leve-o para Massangano com ferros. (A Sul. O Sombreiro, 78)
15. Sinto-o desde a descoberta do segredo escondido entre os meus pais. (A Sul. O Sombreiro, 80)
16. Olhei-os de frente, sem os largar, desde o primeiro momento. (A Sul. O Sombreiro, 110)
17. Apeei-me do cavalo e cumprimentei-o com todo o respeito. (A Sul. O Sombreiro, 113)
18. Interrogo-me se alguma vez tivemos força para de facto arrasar com o rei do Ndongo. (A Sul. O Sombreiro, 118)
19. — Deixem-me preocupar somente com o corpo do governador, que bem gostaria de ver balançando numa corda. (A Sul. O Sombreiro, 123)
20. — Vê-se. (A Sul. O Sombreiro, 126)
21. Lembre-se do espanhol que era capitão-mor... (A Sul. O Sombreiro, 127)
22. Surpreende-nos sempre porque reage muito depressa. (A Sul. O Sombreiro, 127)
23. Agitaram-se, espalharam-se. (A Sul. O Sombreiro, 136)
24. Chama-se «Crónica d'el rei D. Sebastião» e foi escrito por Bernardo da Cruz. . (A Sul. O Sombreiro, 136)
25. Tiraram-me da cela, voltaram a pôr os ferros nos braços e nas pernas, como se fosse possível fugir mesmo sem eles, levaram-me para a salinha contígua onde os presos recebiam as visitas. (A Sul. O Sombreiro, 139)
26. Atiraram-me para uma cela tão acanhada que não me podia deitar por terra, esticado. Sem catre nem cadeira. (A Sul. O Sombreiro, 139)
27. Humilhou-me, mandando prender à frente de todos. (A Sul. O Sombreiro, 140)
28. Lembrei-me do Nzoji, já o meu amigo ia a sair. (A Sul. O Sombreiro, 141)
29. Poupava-me a humilhação. (A Sul. O Sombreiro, 142)

30. — Deixe-se disso. (A Sul. O Sombreiro, 153)
31. — Lembra-se de mim, sô Filipe? (A Sul. O Sombreiro, 147)
32. Estudavam-se. (A Sul. O Sombreiro, 151)
33. Ficou-se pelo Soyo. (A Sul. O Sombreiro, 153)
34. — Deixe-me acabar, já agora, falta pouco. (A Sul. O Sombreiro, 154)
35. Interessa-lhe agora? (A Sul. O Sombreiro, 154)
36. Empurraram-nos para o caminho e continuaram a marcha para sul. (A Sul. O Sombreiro, 180)
37. Levava-os para algum acampamento ou kimbo ou mesmo para a célebre Caxinde. (A Sul. O Sombreiro, 180)
38. Encontrei-o todo satisfeito com dois filhos nos braços. (A Sul. O Sombreiro, 197)
39. Recebeu-o no gabinete com os desejos de boas-vindas, tendo o bispo pedido desculpa por não estar presente no porto (A Sul. O Sombreiro, 219)
40. Pôs-se em sentido, muito esticado por ser bastante baixo, e disse: (A Sul. O Sombreiro, 251)
41. Deve-me três cavalos, é bom não esquecer. (A Sul. O Sombreiro, 284)
42. Deixam-nos a nós, mas levam Muhongo e Kandalu. (A Sul. O Sombreiro, 288)
43. Entrega-me logo a quem não deve. (A Sul. O Sombreiro, 300)
44. Encostei-lhe a ponta do punhal ao pescoço, aconselhei: (A Sul. O Sombreiro, 308)
45. Virei-o num repente e pespeguei-lhe um pontapé no traseiro que o levou ao chão. (A Sul. O Sombreiro, 309)
46. Dava-me muito jeito levar comigo o capitão espanhol Morales, mas não valia a pena sonhar com isso. (A Sul. O Sombreiro, 310)
47. Acalmaram-se portanto. (A Sul. O Sombreiro, 312)
48. Pusemo-nos ao trabalho, os escravos cavando com os poucos aparelhos que sobraram dos desmandos de Benguela e mais duas pás (A Sul. O Sombreiro, 313)
49. Esperava-se a chegada já anunciada.... (A Sul. O Sombreiro, 314)
50. Mandou-me a mim e aquele que nos acompanhou a Sumbe-Ambuela, sabes de quem falo... (A Sul. O Sombreiro, 330)
51. — Mandam-me definir aqui. (A Sul. O Sombreiro, 341)
52. — Forçam-me a isto. (A Sul. O Sombreiro, 341)
53. Opôs-se o reitor Vogado. (A Sul. O Sombreiro, 345)
54. Levaram-nos a conhecer o soba do local, o tal Peringue, que afinal já não era o mesmo que se submetera a Cerveira Pereira mas um seu descendente. (A Sul. O Sombreiro, 356)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. Até hoje não se descobriu como o capitão-mor apareceu apunhalado num ermo escuro (A Sul. O Sombreiro, 12)
2. Não se calaram por respeito, antes por temor. (A Sul. O Sombreiro, 12)
3. As coisas não se passavam como aqui em África, onde o chefe é sempre alguém conhecido por todos os responsáveis e comungando da mesma maneira de ver as coisas... (A Sul. O Sombreiro, 15)
4. — É claro, D. Conceição não se pôs a escutar à sua janela. (A Sul. O Sombreiro, 24)

5. E nem se trata bem de proteção, pois não lhe farão nada de mal lá no reino. (A Sul. O Sombreiro, 25)
6. Não se faz. (A Sul. O Sombreiro, 26)
7. — Não se pode recusar uma branca, não é? (A Sul. O Sombreiro, 27)
8. No entanto, se o ouvidor recebeu uma cópia da ordem do rei ou se o governador lhe falar nisso com alguma insistência, por mim não me importo de despachar o Peres, já está a causar muita confusão. (A Sul. O Sombreiro, 27)
9. Mas te posso assegurar, o meu pai mulato nunca me apresentou o seu, como se tivesse sido um daqueles pássaros que voa pelo céu e nunca voltas a ver, nem um ovo deixa, nem mesmo uma pena marcando o rasto. (A Sul. O Sombreiro, 29)
10. O tendala seria um bom protetor, em gente de António Dias Mossungo nem o próprio Manuel Cerveira Pereira se atreveria a tocar. O tendala não só tinha mais homens, como podia facilmente se diluir na selva e aparecer em aliança com os terríveis jagas, (A Sul. O Sombreiro, 34)
11. — Não se pode contestar uma ordem da Companhia, caro João. (A Sul. O Sombreiro, 35)
12. Jerónimo Vogado era superior a João Domingos na hierarquia da ordem, mas este não se deixava intimidar quando se considerava com a razão. (A Sul. O Sombreiro, 35)
13. Sobre os elefantes não se discutia se tinham alma e se deviam ser salvos do fogo dos infernos, como acontecia com os negros. (A Sul. O Sombreiro, 36)
14. Nunca se sabia de onde apareciam os jagas, que outros chamavam yakas ou imbangala ou benguelas ou... ou... (A Sul. O Sombreiro, 38)
15. Ele percebeu e disse, ninguém me verá sair com vocês, encontramos-nos para lá do morro que tem o grande imbondeiro em cima, só tenho de saber o dia e se de madrugada. (A Sul. O Sombreiro, 41)
16. Não se incomodam com o peso. (A Sul. O Sombreiro, 46)
17. Ke-Sango é extremamente respeitado e se há doenças numerosas ou a guerra não lhes corre bem (A Sul. O Sombreiro, 49)
18. Mas não lhe pertencia, até podia ser considerado inimigo dos Ngola, mesmo se involuntariamente. (A Sul. O Sombreiro, 51)
19. Nunca lhe tinham explicado muito bem de onde ele tinha vindo, podia ser da desconhecida e temível Matamba, (A Sul. O Sombreiro, 54)
20. Tudo maneiras de dizer, não vos indicamos nunca o sítio das minas. (A Sul. O Sombreiro, 66)
21. ...ao que repetia o escrivão Jerónimo Pereira, isso é que você queria saber para depois contar tudo, o tipo não se desmanchava, mesmo borracho a cair (A Sul. O Sombreiro, 69)
22. — E não lhe rebento a cara porque nem isso merece. (A Sul. O Sombreiro, 72)
23. Não lhe agradava a concentração de gente nossa à volta das minas de Kambambe e aproveitaria qualquer pretexto para nos arrastar até ao litoral. (A Sul. O Sombreiro, 73)
24. Não se tratava de providência divina? (A Sul. O Sombreiro, 75)
25. Nem lhe dei tempo de alinhar as ideias, sabia que com ele a iniciativa contava muito. (A Sul. O Sombreiro, 76)
26. Nem reparei nos nomes, não me interessavam, apenas o número dos que ficavam na cidade. (A Sul. O Sombreiro, 77)
27. Os ingleses são conhecidos por teimosos como mulas, naquelas circunstâncias ninguém lhe arrancaria uma palavra, azeda ou doce. (A Sul. O Sombreiro, 77)
28. Mais calmo por saber que Custódio Antunes não me ia tentar levar toda a soldadesca, fiz as contas. (A Sul. O Sombreiro, 78)
29. Talvez outra qualquer não lhe desse tanta importância e até justificasse as ações dos intervenientes. (A Sul. O Sombreiro, 80)

30. Até o meu pai, homem pouco dado a sentimentalismos, conserva alguns e não os vende por nada, diz este ou aquele não há preço que os pague, são fiéis como cães. (A Sul. O Sombreiro, 81)
31. Entretanto, havia os que diziam ser de facto o eremita o verdadeiro rei, enquanto outros diziam, nem se parece um pouco, (A Sul. O Sombreiro, 83)
32. E ele não o fez, nem deixou os criados fazer, portanto nem sequer devia cumprimentar-me por ter cumprido ape nas a minha obrigação como filha e como senhora decente. (A Sul. O Sombreiro, 85)
33. Os três olharam para o lado dele, mas não o viram imediata mente, pois se escondia atrás do tronco. (A Sul. O Sombreiro, 91)
34. Não lhe parecia haver movimentações, mas era melhor estar precavido, sobretudo se houvesse jagas no terreno, pois estes pareciam nascer da terra, como o kisonde, num salto estavam sobre ele. (A Sul. O Sombreiro, 92)
35. — Não se importa que eu fique um tempo por aí a caçar também? (A Sul. O Sombreiro, 93)
36. — Não lhe aconteceu nada de especial, derreteu toda a fazenda que tinha em vinho. (A Sul. O Sombreiro, 95)
37. Devia saber que ele é do Kongo, não lhe parece? (A Sul. O Sombreiro, 96)
38. Necessidade de justificar... o quê, nem se sabe também, esquece-se... (A Sul. O Sombreiro, 96)
39. Nunca lhe fiz mal, de facto nem nos encontrámos, mas se puder deitar-me as mãos me torna num pudim, certamente por intrigas antigas. (A Sul. O Sombreiro, 98)
40. — No Kongo nunca me sentiria em segurança. (A Sul. O Sombreiro, 98)
41. Havia mulheres da vida, estavam lá mesmo para aliviar os homens, mas também não me chegava. (A Sul. O Sombreiro, 99)
42. No entanto, essas visitas de negócios à barra não se faziam sem precauções prévias. (A Sul. O Sombreiro, 101)
43. Pareceu não ouvir, nem para trás se virou (A Sul. O Sombreiro, 204)
44. Por outro lado, que se pode esperar de gente tão dura, tirada às cadeias de Portugal e do Brasil para encherem aqui o nosso exército e os presídios? (A Sul. O Sombreiro, 105)
45. Pelo menos da fama não se livra, embora pessoalmente pouco possa dizer sobre o rapaz, nunca o tive sob meu comando. (A Sul. O Sombreiro, 109)
46. Bem, talvez não o atacassem, evitam tomar a iniciativa, pois parece ser o sítio frequentado por muitos mistérios, credices próprias deste povo de pagãos. (A Sul. O Sombreiro, 109)
47. Tem artes de se escapar para trabalhos de secretaria e ninguém se lembra de o despachar para longe da mulher. (A Sul. O Sombreiro, 109)
48. Nem eles se podiam esgueirar para dentro da casa sem parecerem conspiradores, nem eu podia dar meia volta e parecer um covarde. (A Sul. O Sombreiro, 110)
49. Já não fazia muito calor, por isso pus o cavalo a passo, não se justificavam grandes correrias à procura de vento. (A Sul. O Sombreiro, 110)
50. Não se podia ser mais direto. (A Sul. O Sombreiro, 112)
51. Não me pareceu hostil ao responder. (A Sul. O Sombreiro, 113)
52. Não lhe quis dizer o que todos sabíamos, chegaram seis, três morrerão no espaço de um ano, mais coisa menos coisa. (A Sul. O Sombreiro, 114)
53. — Vontade não lhe faltará. (A Sul. O Sombreiro, 114)
54. Não se lembrou de ir apresentar-se ao governador, estava à espera de maior avanço no trabalho. (A Sul. O Sombreiro, 114)
55. Achei graça à referência sobre a pobreza da Igreja, ninguém se escusava a esse argumento verdadeiramente decisivo para pedinchar esmolas. (A Sul. O Sombreiro, 114)
56. É bom, a cidade ainda é pequena, todos os habitantes devem estreitar as relações, não lhe parece? (A Sul. O Sombreiro, 115)

57. André Velho quis convencer o genro a procurar outra coisa, não **lhe** agradava dar dinheiro a ganhar aos jesuítas, mas todas as casas para alugar na baixa da cidade **lhes** pertenciam. (*A Sul. O Sombreiro, 117*)
58. Portanto, o que possam ter ouvido e reproduzido para o governador não **lhe** será de grande valia. (*A Sul. O Sombreiro, 126*)
59. E, em todo o caso, não **me** parece possível o governador expulsar outro sindicante, quanto mais cometer crimes de sangue (*A Sul. O Sombreiro, 126*)
60. — Talvez ao bacharel não **se** atreva. (*A Sul. O Sombreiro, 127*)
61. Porém, Nzoji não **se** dava mal com a sua situação, comida garantida, sem maus tratos (*A Sul. O Sombreiro, 128*)
62. E não **lhe** custava fazer porque Cerveira se portava corretamente com ele, embora fosse acusado de crueldade por muita gente. (*A Sul. O Sombreiro, 129*)
63. Para infelicidade dele, estava cortado do mundo dos antepassados, pois os jagas nunca **lhe** ensinaram o nome da mãe de sua mãe e mesmo o desta esquecera. (*A Sul. O Sombreiro, 129*)
64. Eles não **te** viram, pois não? (*A Sul. O Sombreiro, 131*)
65. A prata de Kambambe tardava em aparecer em quantidades suficientes e ninguém **se** interessava mais por ela, o próprio rei tinha insistido em se abandonar a missão e ocupar pacificamente território e almas. (*A Sul. O Sombreiro, 132*)
66. Por isso não **me** escapam as escolhidas, mesmo se por vezes é necessário mandar o marido para uma missão prolongada no mato, de preferência uma diligência proveitosa, para juntar o útil ao agradável. (*A Sul. O Sombreiro, 134*)
67. Escapou a Margarida, é certo, mas corre na cidade que acabou por não escapar, pois até serenata mereceu, e da fama não **se** livra. (*A Sul. O Sombreiro, 134*)
68. Não **me** importo pela substituição, pois a conquista de Angola já não **me** interessa, tenho outra ideia em mente, muito mais grandiosa. (*A Sul. O Sombreiro, 134*)
69. As grandes nações não **se** fazem assim, com pensamentos de terreiro, de defender o pequeno bocado. (*A Sul. O Sombreiro, 136*)
70. Não **lhes** daria esse prazer. (*A Sul. O Sombreiro, 139*)
71. Nem **me** deixou sentar à mesa. Fiquei de pé. Gaspar Álvares, vendo a minha situação, levantou-se e tentou abraçar-me. (*A Sul. O Sombreiro, 139*)
72. A cela não **me** permite esticar as pernas, deito-me em curva em cima de um cobertor de muito uso. (*A Sul. O Sombreiro, 140*)
73. — Não **me** posso queixar. (*A Sul. O Sombreiro, 140*)
74. Porque não **o** conheço de lado nenhum, o que é raro entre fidalgos. (*A Sul. O Sombreiro, 140*)
75. Nunca **se** ouviu falar. (*A Sul. O Sombreiro, 141*)
76. — É sua propriedade e não **lhe** pode ser retirado. (*A Sul. O Sombreiro, 141*)
77. — Então eu ofereço-lho de novo, não **o** quero vender. (*A Sul. O Sombreiro, 141*)
78. Várias vezes quis castigá-lo a sério, sacudir a mangonha, mas não **se** sentia capaz de exercer violência sobre o jovem e o escravo abusava da sua benevolência quase fraternal. (*A Sul. O Sombreiro, 144*)
79. Não **lhe** faria nada de mal, mas mostraria o seu descontentamento. (*A Sul. O Sombreiro, 145*)
80. Sonhos se sonham, não **se** partilham. (*A Sul. O Sombreiro, 147*)
81. Se morresse de repente, Carlos Rocha não **se** ia admirar. (*A Sul. O Sombreiro, 147*)
82. Carlos não **se** lembrava daquela cara, nos últimos tempos em Luanda estava sempre atento aos rostos dos possíveis pumbeiros, com medo de que algum **lhe** agarrasse para **o** transformar em escravo. (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
83. Mbanza-Kongo já não **lhe** chegava? (*A Sul. O Sombreiro, 149*)

84. Mas mudemos de assunto, os meus problemas não **lhe** servem para nada. (A Sul. O Sombreiro, 151)
85. E é de borla, não **lhe** cobro nada pela informação. (A Sul. O Sombreiro, 154)
86. — Não **me** falou de tesouro, mas é fácil imaginar que pode haver. (A Sul. O Sombreiro, 154)
87. — Desculpe, senhor, mas essa estória não **me** interessa. (A Sul. O Sombreiro, 154)
88. Se não o quiser fazer, não **me** diz respeito à mesma. (A Sul. O Sombreiro, 155)
89. E tinha calor, preguiça, como o Mulende, não **lhe** apetecia correr. (A Sul. O Sombreiro, 156)
90. Simão de Oliveira nem pediu desculpa pelo incómodo, nem **lhe** perguntou pelas dores, foi logo perguntando: (A Sul. O Sombreiro, 256)
91. — Não **me** pergunto o que a Pátria fará de mim mas o que ainda poderei fazer por Ela. (A Sul. O Sombreiro, 164)
92. Cerveira não **se** fez rogado, escolheu um branco puro sangue, dos nascidos na Andaluzia, conhecida pelo bom pasto que fazia enriquecer os músculos dos animais, fortalecendo-os e os tomando maleáveis. (A Sul. O Sombreiro, 166)
93. E não **te** posso castigar. (A Sul. O Sombreiro, 169)
94. Aliás, nunca **se** tinha envolvido numa batalha, por mais pequena. (A Sul. O Sombreiro, 173)
95. Carlos Rocha nunca **se** preocupara a sério com o assunto mas agora, pensando bem, o escravo ou ex-escravo **lhe** aparecia de forma diferente. (A Sul. O Sombreiro, 175)
96. Mas ninguém **lhe** tinha ensinado nada e nunca o vira a fazer manipulações com raízes ou folhas, técnica habitual de kimbanda. (A Sul. O Sombreiro, 175)
97. Beberam todos e os rapazes jagas brincaram um pouco, atirando água uns nos outros mas não **se** banharam. (A Sul. O Sombreiro, 180)
98. Aqui já não sei **se** está perto, se **me** afastaram dele. (A Sul. O Sombreiro, 183)
99. Se punha muitas questões, não **lhes** encontrava resposta, esperava. (A Sul. O Sombreiro, 186)
100. Imbe Kalandula nem **se** preocupara em convocar seus comandantes e conselheiros, certamente numerosos, para ouvir o forasteiro. (A Sul. O Sombreiro, 187)
101. Não conheces, ninguém já **se** lembra, mas tu sentes o espírito dele a vadiar por cima das árvores, às vezes a perturbar a vida das pessoas, isso é que interessa. (A Sul. O Sombreiro, 190)
102. Bem sabia que Battell teve ocasião de conhecer Luanda, mas talvez não **lhe** fosse agradável conversar sobre ela. (A Sul. O Sombreiro, 193)
103. Mulende encolheu os ombros ao argumento religioso, isso não **lhe** tocava. (A Sul. O Sombreiro, 199)
104. Havia pouco alimento e mesmo o meu mosquete não **se** revelava muito útil. (A Sul. O Sombreiro, 200)
105. Naquelas florestas não **se** tinha vista para nada, só árvores. (A Sul. O Sombreiro, 201)
106. — Não, desta vez não **se** vai fazer dessa maneira (A Sul. O Sombreiro, 205)
107. Kandalu talvez não fosse uma jaga vulgar, me deixava manifestar ternura à frente do grupo, não **se** envergonhava quando os outros riam, ela ria também, à vontade. (A Sul. O Sombreiro, 209)
108. Os jagas não sabem o que são anos ou idade, nem **lhe** dão importância. (A Sul. O Sombreiro, 209)
109. E não **se** ligam por senti mento a ninguém a não ser os seus chefes. (A Sul. O Sombreiro, 210)
110. Hoje não **me** fale de pátria e necessidade nacional, (A Sul. O Sombreiro, 217)
111. ... e aí esperar melhores dias, não **se** fiava nas promessas de governadores prestes a cair em desgraça. (A Sul. O Sombreiro, 218)

112. De facto nem o governador nem El-rei, o qual muito se honrava de representar em Angola neste momento e no grande reino do sul do Kwanza quando Deus criasse as condições para tão grande empreendimento, se deviam imiscuir nas decisões do bispo, elas só cabendo à Santa Sé (A Sul. O Sombreiro, 219)
113. ...no meio de bons cristãos desde o governador ao mais ínfimo escravo, não me apercebo das manobras dilatórias do rei do Kongo nem dos sacerdotes (A Sul. O Sombreiro, 221)
114. Tentando convencer o chefe local de que as suas razões eram pacíficas, Carlos Rocha não se podia apresentar com a tropa de jagas, (A Sul. O Sombreiro, 238)
115. Por isso convenceu Mbombe e os outros a arriscar entrar sozinho na ombala, nada me vai suceder de mal. (A Sul. O Sombreiro, 238)
116. O ancião reagiu positivamente ao nome Kikombo, mas Kubal não lhe dizia nada, conforme explicou, todos os rios assim se chamavam. (A Sul. O Sombreiro, 240)
117. Carlos Rocha na ocasião preferiu não disparar o mosquete, para não se fazer notar por populares existindo eventualmente por ali (A Sul. O Sombreiro, 243)
118. Antes não se apercebera dos sintomas ensinados pelas mais velhas sobre a gravidez, a falta de apetite, tonturas, má disposição. (A Sul. O Sombreiro, 245)
119. Quanto aos companheiros jagas, pouco se importava, mas surgir gorda e disforme aos olhos de Carlos não lhe agradava mesmo nada. (A Sul. O Sombreiro, 246)
120. Bem, pensou Nzoji, quem quer cometer crime assim tão grave não o confessa antes de o executar, endoideceu. (A Sul. O Sombreiro, 248)
121. Cerveira Pereira não se alterou com a cena que observara do seu posto de comando. (A Sul. O Sombreiro, 247)
122. E minas não se inventam tão facilmente no terreno como na corte. (A Sul. O Sombreiro, 247)
123. Não lhe deram tempo para cálculos. (A Sul. O Sombreiro, 254)
124. O governador, porém, não se dava por vencido e tentou num repente se levantar da cama. (A Sul. O Sombreiro, 257)
125. Os amotinados não se fizeram rogados e apanharam todos os bens de Manuel Cerveira (A Sul. O Sombreiro, 258)
126. Vai haver discussões e gritos, é normal, não se mostrem nesse caso. (A Sul. O Sombreiro, 262)
127. Nunca se sabia até que ponto o instinto combativo dos jagas era contido pelas ordens de um chefe pouco apreciado. (A Sul. O Sombreiro, 262)
128. Os sumbes com efeito não se assustaram com a presença de um homem só e aparentemente desarmado. (A Sul. O Sombreiro, 262)
129. Não te mandou aqui? (A Sul. O Sombreiro, 263)
130. Quem não se sentia atraído por uma arma daquelas? (A Sul. O Sombreiro, 265)
131. — Não me agrada ter jagas perto da minha libata. (A Sul. O Sombreiro, 266)
132. — Não te aconselho subir muito. (A Sul. O Sombreiro, 266)
133. Só ele parecia saber, mas não lhes dizia nada. (A Sul. O Sombreiro, 268)
134. Não te lembras dela, eras muito pequena, mas ela existiu. (A Sul. O Sombreiro, 271)
135. As mães, as verdadeiras mães, não os deixaram, levaram-nos às costas ou pela mão, sempre atentas, sempre a cuidar deles, apesar de ser uma grande viagem, muitos dias a andar. (A Sul. O Sombreiro, 271)
136. — Nunca se pergunta isso a um chefe. (A Sul. O Sombreiro, 272)
137. ... pois o cobre afluía de facto mas em pequena quantidade, não se podia falar de minas e muitas vezes era mais o chumbo que outra coisa. (A Sul. O Sombreiro, 273)
138. O padre estava perturbado e não se preocupou com fúteis joguinhos de poder. (A Sul. O Sombreiro, 273)
139. ...isto evidentemente acompanhado por alguns escandalizados sinais da cruz e sorrisos contritos, não se vá pensar mal da santidade dos sacerdotes, (A Sul. O Sombreiro, 279)

140. Luis Mendes não **lhe** dava um regimento, por mais pequeno que fosse, pois se queixava de estar sitiado por todos os lados (A Sul. O Sombreiro, 280)
141. — Nem a brincar **lhe** consinto paralelismos ou comparações (A Sul. O Sombreiro, 282)
142. — Sabe muito bem, não **me** venha com conversas fiadas. (A Sul. O Sombreiro, 284)
143. E eu não **me** importo. (A Sul. O Sombreiro, 286)
144. O meu interesse maior era ficar longe dos brancos que me assustavam, não **me** auguravam nada de bom, (A Sul. O Sombreiro, 286)
145. Ela diz com aquelas ervas não **lhe** põem barriga, conhecimento dos mais velhos. (A Sul. O Sombreiro, 287)
146. Quanto a Kandalu, aparentemente ninguém **a** associava com os jagas, tomavam-na como Mulende, uma semelhante. (A Sul. O Sombreiro, 291)
147. O jovem, por seu lado, considerou a oportunidade para observar melhor a terra, não **se** importando com o facto de ser afastado (A Sul. O Sombreiro, 291)
148. Conhecia mal a história dos colonizadores, saí de Luanda ainda moço, mas não **me** lembrava de ouvir de um governador ser expulso de Luanda ou do Kongo e depois voltar para dirigir nova colónia. (A Sul. O Sombreiro, 292)
149. O rei nunca **lhes** mostrou o sítio, por ter percebido era uma arma para negócios mais corretos. (A Sul. O Sombreiro, 292)
150. Nunca **te** vão dar. (A Sul. O Sombreiro, 292)
151. E quando **lhe** mostrares o sítio, ele não **te** dá armas, vai te subjugar para trabalhares com os teus homens a apanhar o cobre e ele leva nos barcos para o Puto, a terra dele (A Sul. O Sombreiro, 293)
152. E deixa disso, ninguém **te** vai reconhecer lá, eras muito miúdo em Luanda e ninguém reparava num rapaz escravo, para eles somos todos iguais. (A Sul. O Sombreiro, 295)
153. Não recusei logo, mas também não **me** comprometi. (A Sul. O Sombreiro, 297)
154. Pouco **me** interessam os outros, essa treta de ser eu o pastor do rebanho nunca **me** convenceu, (A Sul. O Sombreiro, 303)
155. Mas a corte não **me** satisfiz o pedido. (A Sul. O Sombreiro, 312)
156. Não **se** podia perder tempo com ninharias. (A Sul. O Sombreiro, 313)
157. Com alguma sorte, ninguém **se** aperceberia da nossa presença. (A Sul. O Sombreiro, 313)
158. Cheguei com as febres terças, mas já não **me** assustavam, sabia quanto tempo duravam, embora me enfraquecessem. (A Sul. O Sombreiro, 314)
159. El-rei D. Filipe haveria de mostrar a fina barra de cobre na corte e dizer, aquele fidalgo é homem de palavra, nunca **me** enganou e por isso cessem de vez os falatórios e as intrigas, não aceito ouvir mais ninguém com aleivosias e calúnias contra quem tão bem me serve. (A Sul. O Sombreiro, 315)
160. — Mas as finanças reais não **o** permitem. (A Sul. O Sombreiro, 316)
161. Mas não **me** podia conter nas críticas ao comportamento do governador Luís Mendes, sumido no interior, fazendo guerras injustas, (A Sul. O Sombreiro, 316)
162. Undu não sabia da existência da nova fortificação, nem **lhe** fora explicado porquê Mulende se ausentara por duas semanas da capital de Ebo-Kalunda. (A Sul. O Sombreiro, 320)
163. Mbombe nunca **se** interessara muito por esse tipo de conhecimentos do antigamente, mas mesmo estando meio distraído ao pé da fogueira os ensinamentos dos mais velhos **lhe** entravam na cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 323)
164. Esta figura **lhe** perturbava. (A Sul. O Sombreiro, 323)
165. E, depois de morto, não **se** pode evitar que **lhe** tirem um braço ou outra parte do corpo. (A Sul. O Sombreiro, 323)
166. Porém, o essencial nunca **lhe** escapava. (A Sul. O Sombreiro, 352)
167. Percebeu sem dúvida a pergunta com intenção, mas já não **se** ofendeu. (A Sul. O Sombreiro, 353)
168. Carlos Rocha não **se** tranquilizou, tinha uma família a defender. (A Sul. O Sombreiro, 353)

169. — Não se pode ter tudo — disse Carlos Rocha. (*A Sul. O Sombreiro*, 355)
170. Sábios como qualquer pastor que consegue ver a longínquas distâncias e compreende o mundo através do ritmo dos pés das vacas, não se importaram com a mentira necessária. (*A Sul. O Sombreiro*, 356)
171. Até mesmo os soldados dele se queixavam, ansiavam por outro chefe, nem o soldo **lhes** pagava a tempo e nunca completo, pois inventava dívidas e carregava no preço da farinha de guerra comprada em Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 356)

3.2. Ênclise (em frases matriz, negativas)

0 Ocorrências

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Que se dane. (*A Sul. O Sombreiro*, 9)
2. Jorge Pereira de seu nome, logo se pôs aos gritos em Massangano dizendo que João Coutinho, antes de ir desta vida miserável... (*A Sul. O Sombreiro*, 12)
3. Mas cada um se pôs a jeito, ou para abrandar a pancada anunciada ou para estender a mão à fortuna corrupta. (*A Sul. O Sombreiro*, 12)
4. O barbeiro já lhe tinha explicado, era questão de tempo. (*A Sul. O Sombreiro*, 16)
5. Mais cedo ou mais tarde se voltaria contra o curandeiro, dado como incompetente ou até mesmo sabotador. (*A Sul. O Sombreiro*, 17)
6. Derrotou-o em batalhas sucessivas. Com essa vitória, não só se aproximou das montanhas da prata, como fez milhares de escravos. (*A Sul. O Sombreiro*, 18)
7. E com tão solenes e pias palavras **se** despediu o governador, satisfeito com a conversa, em todos os aspetos. (*A Sul. O Sombreiro*, 22)
8. Tudo se sabe, as palavras correm pelo mato mais depressa que as onças. (*A Sul. O Sombreiro*, 22)
9. Bem, já lhe falei sobre este trato com o bispo... (*A Sul. O Sombreiro*, 25)
10. Mas não quis revelar um assunto do meu superior, já lhe disse que respeito muito a lealdade... (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
11. Desde que a minha Rosa morreu, só me contento com negrinhas e uma ou outra mu lata. (*A Sul. O Sombreiro*, 27)
12. Por isso **lhe** cortei a palavra, conta coisas novas. (*A Sul. O Sombreiro*, 45)
13. E outro ponto **nos** unia: a sua devoção aos padres da Companhia, (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
14. Por isso se mantinham de pé. (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
15. Mas só lhe fazem oferendas e por vezes dançam para ele, não há rezas nem procissões. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
16. Talvez aquele tempo todo em que só podia encontrar maluco **lhe** provocasse saudades demasiado grandes de vinho feito de outras frutas. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)

17. Carlos Rocha sempre **se** sentiu confuso quando os brancos vinham com a conversa do patriotismo. (A Sul. O Sombreiro, 51)
18. Pelos jesuítas também **se** apercebera, (A Sul. O Sombreiro, 51)
19. Só **te** dedicas à pesca e caça? (A Sul. O Sombreiro, 60)
20. Quase o mesmo **lhe** dissera o padre João Domingos. (A Sul. O Sombreiro, 62)
21. Que **me** diz? (A Sul. O Sombreiro, 63)
22. Só lamento o escravo que ele roubou, esse eu podia vender, ainda **me** dava umas boas massas. (A Sul. O Sombreiro, 63)
23. Assim **se** submeteram uns cento e cinquenta sobas antes da nossa vinda, todos batizados e leais a el-rei, mas vassalos dos conquista dores. (A Sul. O Sombreiro, 65)
24. Com os sobas também **nos** abastecíamos de soldados para enquadrar nas guerras pretas. (A Sul. O Sombreiro, 66)
25. Com isso **se** enfraquece o poderio militar, com isso se atrasa também o trabalho das minas. (A Sul. O Sombreiro, 66)
26. Está prometida a um moço tenente, sei, mas sempre **se** pode agradar a todos. (A Sul. O Sombreiro, 67)
27. Talvez **o** fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-se em assuntos tão escabrosos. (A Sul. O Sombreiro, 67)
28. Bem basta o que dizem de mim, porquê arranjar pendência também com o inglês, por muito bom soldado que seja e muito **me** conviesse guardá-lo aqui? (A Sul. O Sombreiro, 68)
29. Sobretudo agora que o soberano pretende centralizar os lucros do tráfico, isto ainda **se** toma menos atraente. (A Sul. O Sombreiro, 69)
30. Até **me** deu uma ideia, há um pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que me pode interessar, verei com calma. (A Sul. O Sombreiro, 69)
31. Sempre **se** fez, os prisioneiros são escravos do comandante vitorioso. (A Sul. O Sombreiro, 70)
32. Ainda não tinha encontrado barco para me desembaraçar do estropício e já **me** chegavam outras más notícias. (A Sul. O Sombreiro, 73)
33. Ao cumprimentar, quase **me** beijava as mãos. (A Sul. O Sombreiro, 75)
34. Só que entretanto outros planos para ele **me** tinham ocorrido. (A Sul. O Sombreiro, 75)
35. Já **lhe** dei ordens de se apresentar a si. (A Sul. O Sombreiro, 78)
36. Não feitas a mim, sempre **me** tratou com doçura, o contrário do que fazia à minha mãe. (A Sul. O Sombreiro, 79)
37. Desse segredo, nunca partilhado com mais ninguém, nem com a Nelinha, a irmã que me segue na idade, difícilmente **me** desembaraço. (A Sul. O Sombreiro, 80)
38. Cá **me** têm para sofrer sozinha. (A Sul. O Sombreiro, 80)
39. Se calhar tinha razão, os homens são mais fracos do que parecem e também **se** confessam no vinho com assombrosa facilidade. (A Sul. O Sombreiro, 81)
40. Até hoje **se** discute se era ou não o bom D. Sebastião saindo do nevoeiro. (A Sul. O Sombreiro, 84)
41. E a música também **se** revelou muito má, nem soube escolher os tocadores, mais duros de dedos que os arcabuzeiros. (A Sul. O Sombreiro, 84)
42. Assim **se** criam os boatos, assim se arruinam reputações. (A Sul. O Sombreiro, 85)
43. Assim se criam os boatos, assim **se** arruinam reputações. (A Sul. O Sombreiro, 85)
44. Já **me** tinham ciciado ser essa uma das suas vinganças, uma mulher despreza-o e ele finge ter trato com ela através de serenatas públicas. (A Sul. O Sombreiro, 85)
45. E o senhor ouvidor faça o relatório a quem quiser, até ao papa, pouco **se me** dá, farto de intrigas contra mim está Sua Majestade, nem as ouve. (A Sul. O Sombreiro, 86)
46. ...e ou a senhora **me** explica tudo agora ou esse filho que tem no ventre não vai ficar vivo porque vou tirá-lo com este punhal (A Sul. O Sombreiro, 88)

47. Já o tinha feito, pronto, agora devia ficar atento e não escorregar mais uma vez. (A Sul. O Sombreiro, 93)
48. — Já o fez. Ia disparar sobre um golungo quando o assustaram ao entrar na clareira. (A Sul. O Sombreiro, 93)
49. Eu é que flui obrigado a fugir, senão ainda me vendia como escravo, só para beber durante mais uns tempos. (A Sul. O Sombreiro, 95)
50. Dizem, ali se fazem grandes negócios (A Sul. O Sombreiro, 96)
51. Carlos disse haver lugar, não dentro de casa, onde ele gostava de ficar sozinho, nem mesmo Mulende aí se acoitava, mas no interior da vedação. (A Sul. O Sombreiro, 99)
52. Sua Majestade tiraria o chapéu largo e assim me cumprimentaria se ao vivo lhe contasse o que escrevi, um relato acerca dos meus sucessos contra os sobas rebeldes que faziam perigar esta conquista. (A Sul. O Sombreiro, 104)
53. Para não dizerem que sou contra eles, ainda lhes forneci o pedreiro que começou a construção e algum material, além de lhes deixar o recheio da ermida. (A Sul. O Sombreiro, 107)
54. Outros sindicantes vêm apresentar-se ao chegar, até Filipe Butaca o fez, embora de forma desajeitada. (A Sul. O Sombreiro, 108)
55. Só me consola ver as caras resignadas dos maridos cujas mulheres requisito para serviço na fortaleza e depois fecho num quarto já aparelhado. (A Sul. O Sombreiro, 108)
56. O verdadeiro valor só em guerra se manifesta. (A Sul. O Sombreiro, 109)
57. Alguém me contou em Massangano, as pessoas acreditam ser uma ofensa tão grande aos espíritos do local provocar inimizades ou batalhas, que já viram exércitos derretidos pela vontade dos deuses. (A Sul. O Sombreiro, 109)
58. Já se viam os caboucos para o futuro convento. (A Sul. O Sombreiro, 112)
59. Muito me admiravam as ideias do frade, para dizer a verdade pareciam muito pouco franciscanas. (A Sul. O Sombreiro, 115)
60. E o tema das conversas deles é sempre o mesmo, já me contaram. (A Sul. O Sombreiro, 115)
61. Ele próprio se gaba de ter alcançado metade das senhoras casadas de Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 122)
62. E toda a euforia se perdeu com aquela presença detestada. (A Sul. O Sombreiro, 123)
63. Mas apenas lhe era permitido pensar e nunca formular a reflexão, nem ao mais chegado familiar, nem mesmo à sua falecida Rosa (A Sul. O Sombreiro, 124)
64. E assim se meteu pela casa do vigário, ao lado da obra que haveria de ser durante séculos a sé de Luanda, mas se arrastando a construção no tempo pela sempre alegada falta de dinheiro por parte da Igreja de Roma e falta de vontade por parte dos governadores que se seguiam no trono da Cidade Alta. (A Sul. O Sombreiro, 124)
65. Por isso lhe digo para respirar. (A Sul. O Sombreiro, 126)
66. Eu até compreendia e me entristecia com o dilema deles, pobres governantes presos por um lado e outro. (A Sul. O Sombreiro, 132)
67. E quando havia vários chefes na cadeia de comando, como era o caso, pois conquistadores e capitães por um lado, governador pelo outro, todos mandávamos neles e lhes exigíamos esforço continuado, ainda mais o caso se complicava para os chefes menores. (A Sul. O Sombreiro, 132)
68. Muitas vezes os jagas se dividiam em apoios militares. (A Sul. O Sombreiro, 129)
69. Porém, noutros braços me entregaram. (A Sul. O Sombreiro, 135)
70. Mas logo se juntava muita gente na praia, esperando. (A Sul. O Sombreiro, 135)
71. Não era nada, a história sempre correu pelo reino, a castidade dele só se revelava em relação às mulheres. (A Sul. O Sombreiro, 136)
72. Já se viam os pendões e bandeiras dos barcos, se tratava mesmo de um governador. (A Sul. O Sombreiro, 137)

73. O barquinho veio e já se distinguia a figura do meu sucessor, de pé, equilibrando-se de forma autoritária, as plumagens do chapéu voando. Saltou levemente para terra e quatro soldados imitaram-no. (A Sul. O Sombreiro, 138)
74. Ali mesmo, na praia, me desalojaram do cavalo e me prenderam com grilhetas, como um meliante, um inimigo, um traidor. (A Sul. O Sombreiro, 138)
75. Ali mesmo, na praia, me desalojaram do cavalo e me prenderam com grilhetas, como um meliante, um inimigo, um traidor. (A Sul. O Sombreiro, 138)
76. — Pouco se sabe. (A Sul. O Sombreiro, 140)
77. Ou então apenas me mandaram chamar, o que é lógico por haver novo governador. (A Sul. O Sombreiro, 140)
78. — Já se sabem as obscuras raízes do indivíduo? (A Sul. O Sombreiro, 140)
79. Se a justiça dos homens falha, só nos podemos socorrer da divina. (A Sul. O Sombreiro, 142)
80. Olhando para cima, também se notava haver construções novas na Cidade Alta, algumas imponentes. (A Sul. O Sombreiro, 145)
81. E todos lhe tocavam e admiravam, está um homem forte, está mesmo um homem.
82. ... enfim, ninguém se entendia, só mesmo os olhos da mãe, agora calada, se faziam compreender. (A Sul. O Sombreiro, 145)
83. O comerciante lá se decidiu a subir a oferta. (A Sul. O Sombreiro, 149)
84. — Que me importa? (A Sul. O Sombreiro, 153)
85. Algo de muito grave se passou. (A Sul. O Sombreiro, 153)
86. Por muito que não queira, o Mbaxi sempre se sente tocado pelo nome de Diogo Cão, há uma hipótese, mesmo que ténue, de ser avô dele. Compreendo isso, você não? (A Sul. O Sombreiro, 155)
87. Apenas me pareceu cor reto ser-lhe útil. (A Sul. O Sombreiro, 155)
88. Já se foram mais de cem anos desde a chegada de Diogo Cão. (A Sul. O Sombreiro, 156)
89. Lá se foi a travessia terrestre do sul de África. Só mais de dois séculos depois se concretizaria com Serpa Pinto, Livingstone, Capelo e Ivens. (A Sul. O Sombreiro, 158)
90. Lá se foi a travessia terrestre do sul de África. Só mais de dois séculos depois se concretizaria com Serpa Pinto, Livingstone, Capelo e Ivens. (A Sul. O Sombreiro, 158)
91. Não seria o caso, pois os dois sempre se entenderam, embora sem grandes intimidades. (A Sul. O Sombreiro, 159)
92. Também as senhoras se juntavam aos cachos, com as filhas do ouvidor em lugar de destaque. (A Sul. O Sombreiro, 160)
93. E sempre me dá jeito aproveitar uns dias em Salvador com a Rosália, uma mulata cheirando a jasmim, segundo confidenciou (A Sul. O Sombreiro, 160)
94. No primeiro dia aligeiraram as correntes que levava apenas nos pés e mais tarde mesmo essas lhe tiraram. (A Sul. O Sombreiro, 160)
95. — Já me chegou a fortuna vinda do Brasil com Francisco Rocha. (A Sul. O Sombreiro, 161)
96. Algum se lembrará de mim. (A Sul. O Sombreiro, 161)
97. Pouco depois da conversa com o cunhado, a própria mulher se apresentava na cadeia contando ter sido visitada pelo corregedor Bartolomeu Rodrigues Lucas, nomeado pelo rei para conhecer as culpas e devassas tiradas em Angola pelo bacharel Manuel Nogueira, o qual se encontrava em maus lençóis pelas suas intrigas, palavras do próprio corregedor. (A Sul. O Sombreiro, 163)
98. Cerca de um ano após ter chegado a Lisboa, «o rei absolveu-o das culpas injustamente impostas, pois se verificou, nos trâmites do processo, não ter pecado pelos abusos de que era acusado, antes se mostrara sempre obediente (A Sul. O Sombreiro, 163)
99. Só lhe faltava vencer a preguiça e ir mesmo buscar a água para aspergir sobre todos, (A Sul. O Sombreiro, 171)
100. Entretanto, deitado no chão exterior, Mulende logo se aquietou. (A Sul. O Sombreiro, 171)

101. Ainda nem tivera tempo para chorar saudades de Luanda e já o dono **lhe** dizia, vamos nos entregar na bocarra daquele canibal do Kalandula. (A Sul. O Sombreiro, 176)
102. Mulende não **lhe** interessava, só o atrevi mento de Carlos Rocha. (A Sul. O Sombreiro, 179)
103. Mulende, pelo menos, já **se** tinha preparado mentalmente para entrar num caldeirão e ser cozido aos poucos. (A Sul. O Sombreiro, 180)
104. Assim **se** iam espalhando pelo sul do Kwanza como se tinham antes espalhado pelo norte, desde as terras de Kassanje até ao mar. (A Sul. O Sombreiro, 181)
105. A bem dizer, o governador de Benguela se tinha metido como exemplo na discussão que tocava gente muito mais importante, pois de príncipes **se** tratava. (A Sul. O Sombreiro, 283)
106. Se encontravam alguma matebeira, já **se** não andava nesse dia. Cortavam-na, tiravam a seiva e esperavam até fermentar numa cabaça andando sempre na cabeça de um deles (i). (A Sul. O Sombreiro, 186)
107. Alguém **me** contou o sítio onde ele morreu e está enterrado. (A Sul. O Sombreiro, 189)
108. Até **os** enterram nas igrejas. (A Sul. O Sombreiro, 190)
109. Além disso era comércio incerto e Imbe Kalandula de cada vez **se** sentia aldrabado nos preços. (A Sul. O Sombreiro, 197)
110. Tinha desconfianças das feiras do outro lado do rio, pois tudo **se** passava muito próximo dos domínios do senhor do Ndongo e este reino se apresentava muito instável, com o rei velho e doente. (A Sul. O Sombreiro, 197)
111. Lá é como no Kongo, tudo **se** complica com as regras que os padres ensinaram de os filhos substituírem os pais no trono. (A Sul. O Sombreiro, 198)
112. Logo três guerreiros **se** ergueram e o ajudaram. (A Sul. O Sombreiro, 206)
113. Só isso **me** fez sentir melhor. (A Sul. O Sombreiro, 207)
114. Por isso o voltou a enxertar junto de Bento Banha Cardoso, um grande cabo de guerra mas muito limitado em manobras políticas, o qual também se afeiçoou ao jovem, dinâmico, eficiente e silencioso, e até **lhe** passou a pagar um soldo, o qual ele agora queria aumentado. (A Sul. O Sombreiro, 217)
115. Cerveira ainda **lhe** falou do conhecimento existente na corte de nunca os navios dos hereges holandeses serem incomodados pelo rei do Kongo quando atracavam no Pinda (A Sul. O Sombreiro, 220)
116. Os humores dos soberanos sempre foram instáveis, ora dão um prémio a uma pessoa, ora **lhe** mandam cortar a cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 224)
117. Manuel Cerveira também **se** pode queixar de a senhora suprema da morte, o paludismo, não fazer distinções familiares: (A Sul. O Sombreiro, 228)
118. O padre jesuíta também **lhe** merecia confiança, mas não abusava muito dele, por causa da contenção de linguagem obrigatória em conversa com um sacerdote. (A Sul. O Sombreiro, 233)
119. Aqui não há palmeiras para o maluvo, raramente **se** vê uma matebeira. (A Sul. O Sombreiro, 233)
120. Tudo **se** sabia. (A Sul. O Sombreiro, 235)
121. Quem **ma** pode dar? (A Sul. O Sombreiro, 239)
122. O ancião reagiu positivamente ao nome Kikombo, mas Kubal não **lhe** dizia nada, conforme explicou, todos os rios assim **se** chamavam. (A Sul. O Sombreiro, 240)
123. Uma pessoa deve ser humilde quando entra na casa de outro, assim **me** ensinaram. (A Sul. O Sombreiro, 241)
124. Já **se** sabia, viajantes têm sempre problemas de fome, (A Sul. O Sombreiro, 242)
125. O mujimbo corre que um grupo de jagas anda em guerra na região e todos **se** escondem. (A Sul. O Sombreiro, 242)
126. A essa altura, já Imbe Kalandula **se** encontraria do outro lado do Kwanza e Caxinde muito vazia de habitantes, sem diversões, por tanto. (A Sul. O Sombreiro, 245)
127. E lá **se** foi o sonho de uma revolta bem feita (A Sul. O Sombreiro, 248)

128. A raiva ou o medo, algo **lhe** deve ter feito morder a língua. Talvez por causa dos feitos e lealdade anteriores, talvez por uma estranha tolerância para ele, Cerveira deixou-o amansar primeiro, depois **lhe** deu a palavra. (A Sul. O Sombreiro, 247)
129. Logo **se** conteve, Nzaji não passava de um antigo escravo, de um negro. (A Sul. O Sombreiro, 252)
130. Comeu bem quando chegou, bebeu bem, todos **lhe** estão a tratar bem. (A Sul. O Sombreiro, 253)
131. E assim **se** despediram, parecendo grandes amigos. (A Sul. O Sombreiro, 267)
132. Talvez na visita apazada para a próxima Lua **lhe** fixasse algum tributo, estava no seu mais elementar direito, era com efeito o dono da terra. (A Sul. O Sombreiro, 267)
133. Ali **se** tratava de um degredo. E Kafeka também estava farta de isolamento, se queixava todo o tempo. (A Sul. O Sombreiro, 268)
134. Quem não **se** sentia atraído por uma arma daquelas? (A Sul. O Sombreiro, 265)
135. E a ilha também **lhes** agradava. (A Sul. O Sombreiro, 268)
136. Que **lhes** interessava a autorização para ali permanecerem? (A Sul. O Sombreiro, 268)
137. — Então, meu filho, que **lhe** fizeram? (A Sul. O Sombreiro, 275)
138. Pelo caminho, resolveria alguns assuntos pendentes, pois muitos **lhe** de viam muito. (A Sul. O Sombreiro, 277)
139. ...o verdadeiro criador do espião, bastante falta **lhes** podia fazer o moço tão hábil e fiel. (A Sul. O Sombreiro, 280)
140. — Então só **lhe** resta aguardar. (A Sul. O Sombreiro, 284)
141. Só **te** peço para **me** ajudares a fugir com Kandalu, cobrir de alguma forma a figa. (A Sul. O Sombreiro, 288)
142. Eu seria um dos alvos principais, mas já **me** tinham conhecido. (A Sul. O Sombreiro, 291)
143. Já **se** sabia em Luanda, uma frota avançava com reforços mandados pelo rei para o bicho peçonhento recuperar o poder em Benguela. (A Sul. O Sombreiro, 299)
144. Por isso **se** meteu na aventura de avançar com catorze homens pelos morros da Catumbela (A Sul. O Sombreiro, 301)
145. Subiu morros e mais morros **lhe** surgiram pela frente. (A Sul. O Sombreiro, 301)
146. Em bela enrascada **nos** tinha metido o louco que antes nos governava e dizia ser este o melhor sítio para **se** construir uma cidade. (A Sul. O Sombreiro, 302)
147. Pouco **me** interessam os outros, essa treta de ser eu o pastor do rebanho nunca **me** convenceu, (A Sul. O Sombreiro, 303)
148. Fui para baixo de uma enorme mafumeira, assim **lhe** chamam os nativos, onde havia sombra apazível e ótima vista sobre o canal. (A Sul. O Sombreiro, 306)
149. Logo a questão do aquartelamento **se** pôs. (A Sul. O Sombreiro, 307)
150. Ajeitando as roupas e limpando o pó, vermelho de faces mas de coração enfraquecido, lá **se** foi para a cidade o ouvidor, orelhas caídas, como um rafeiro escorraçado. (A Sul. O Sombreiro, 309)
151. De manhã, já **se** viam as velas do meu barco, quando irrompeu Luís Mendes pelo nosso acampamento, com o filho atrás, o jovem promovido a capitão-mor sem ter dado um tiro numa batalha. (A Sul. O Sombreiro, 309)
152. Vá lá, honra **lhe** seja feita, o comandante da nau não **me** pôs a ferros, antes **me** alojou no seu camarote, aqui fica bem enquanto não **se** resolve a pendência. (A Sul. O Sombreiro, 310)
153. Com gente desta **se** faz um império? (A Sul. O Sombreiro, 311)
154. Como **me** sentia tranquilo sabendo ter dois padres da Companhia com os jovens! (A Sul. O Sombreiro, 311)
155. Em S. Filipe havia um negro daquela região que dizia saber do sítio onde tiravam o metal, por isso **nos** servia de guia. (A Sul. O Sombreiro, 313)

156. Em vez de irmos a pé, preferi o mar, sempre **nos** cansávamos menos. (A Sul. O Sombreiro, 312)
157. Só **me** consolava pensar no tesouro que levava e nos mimos a receber em Luanda pelos sacerdotes do colégio. (A Sul. O Sombreiro, 314)
158. O padre Mateus Cardoso logo **se** decidiu dirigir a fundição de algumas pedras. (A Sul. O Sombreiro, 314)
159. Também **se** afirmava haver já decisão sobre novo governador, embora ninguém sou besse quando arribaria. (A Sul. O Sombreiro, 315)
160. Então já **me** poderia retirar para Lisboa, de nome lavado. (A Sul. O Sombreiro, 315)
161. Logo o reitor **se** lembrou de comemorar a boa nova, mandando buscar uma garrafa de vinho. (A Sul. O Sombreiro, 315)
162. Outros mais esclarecidos com a escrita seriam convincentes na denúncia dos desmandos do Vasconcelos, mas também **me** cabia o dever de prevenir Sua Majestade, embora soubesse estar o governador já substituído no papel. (A Sul. O Sombreiro, 317)
163. André Velho quis convencer o genro a procurar outra coisa, não **lhe** agradava dar dinheiro a ganhar aos jesuítas, mas todas as casas para alugar na baixa da cidade **lhes** pertenciam. (A Sul. O Sombreiro, 117)
164. Em África pouco **se** ligava a essas questões de virgindade, mesmo entre os brancos, dada a enorme falta de mulheres para os moradores. (A Sul. O Sombreiro, 317)
165. Uma questão prática **se** punha de imediato. (A Sul. O Sombreiro, 318)
166. A ele tanto **lhe** fazia, possuía tantas! (A Sul. O Sombreiro, 318)
167. Ainda **se** houvesse umas palmeiras, mas nem matebeiras cresciam, apesar de se darem bem em qualquer tipo de terreno, mesmo na areia salgada. (A Sul. O Sombreiro, 319)
168. Mbombe já **se** via em Sumbe-Ambuela arrasando as palmeiras e se embebedando. (A Sul. O Sombreiro, 322)
169. Mbombe gostava mais desta interpretação e já **se** via protegido por pedras e delas saindo para o seu glorioso destino. (A Sul. O Sombreiro, 323)
170. Logo a dúvida **se** instalava, como saber se o corpo ficava intacto, como providenciar isso? (A Sul. O Sombreiro, 323)
171. Além disso, um problema moral **se** punha a Carlos, o de não implicar Ebo -Kalunda. (A Sul. O Sombreiro, 325)
172. Por sorte se distraiu com os gritos mais fortes de Kandalu e toda a sua atenção **se** voltou para ela. (A Sul. O Sombreiro, 330)
173. Só depois Kafeka **lhe** aperta o pescoço. (A Sul. O Sombreiro, 331)
174. Os três sabiam, os jagas eram ótimos pisteiros, conversavam com um capim partido, duas folhas pisadas, irmão capim quem te partiu, irmãs folhas quem **vos** pisou, e obtinham as respostas certas. (A Sul. O Sombreiro, 334)
175. Até **lhe** trouxera no Rindo sorte, pois desviara a atenção suspeitosa dos jagas. (A Sul. O Sombreiro, 336)
176. Cerveira abriu a boca, no que poderia ser uma tentativa de riso, mas só **se** viam os parques dentes podres. (A Sul. O Sombreiro, 341)
177. — Mas quem **lhe** fez isso? (A Sul. O Sombreiro, 352)
178. — Também, que inimigo **nos** vem procurar aqui? (A Sul. O Sombreiro, 355)
179. Dali **se** via o kimbo dos mundombe, e, muito ao fiando, o mar, com o Sombreiro como referência. (A Sul. O Sombreiro, 355)
180. Até mesmo os soldados dele **se** queixavam, ansiavam por outro chefe, nem o soldo **lhes** pagava a tempo e nunca completo, pois inventava dívidas e carregava no preço da farinha de guerra comprada em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 356)
181. Até as nuvens **lhe** respeitavam. (A Sul. O Sombreiro, 356)

4.2. Ênclise (em frases finitas matriz, com proclisadores)

0 ocorrências

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. escapando a todas as chacinas que **se** seguiram aos éditos dos reis católicos de Portugal, imitadores baratos dos da sangrenta Espanha, terminando os meus parentes por se prosternarem borrados de medo na Igreja de S. Domingos.. (A Sul. O Sombreiro, 8)
2. Tudo no maior sigilo, como **se** deve. (A Sul. O Sombreiro, 10)
3. o antigo convento dos franciscanos, constituindo o que até hoje **se** chama a Cidade Alta, atualmente como antes, o centro do poder político. (A Sul. O Sombreiro, 14)
4. E ouvira algumas considerações do Duque sobre como **se** governam impérios tão poderosos como a Espanha, representando um mundo complexo, dividido (A Sul. O Sombreiro, 15)
5. O governador anterior tinha usado a casa de pau-a-pique perto da Companhia, a que mais tarde **se** chamaria palácio, muito sombreada por frondosas árvores, mulembas. (A Sul. O Sombreiro, 18)
6. — Senhor governador, se **me** der uma ordem, eu ponho o padre no primeiro barco. (A Sul. O Sombreiro, 20)
7. Os responsáveis da Companhia já tinham pedido a substituição de Jorge Pereira e se **o** faziam até era mais por uma questão de respeito às hierarquias da conquista, (A Sul. O Sombreiro, 20)
8. O Kafuxi também não é flor que **se** cheire mas servia de contenção contra o ódio do Ngola, como sempre aconselhava o grande capitão Bento Banha Cardoso (A Sul. O Sombreiro, 23)
9. Tinha de haver prudência, saber primeiro o que **se** passou realmente com o Kafuxi para explorar bem a coisa. (A Sul. O Sombreiro, 23)
10. Era uma vivenda rodeada de varandas, duas delas viradas para o mar e já recebendo alguma aragem, coberta de molhos de capim como **se** usava na terra e no Kongo, o que refrescava o ambiente. (A Sul. O Sombreiro, 23)
11. Pela maneira como **me** olham de esquelha... (A Sul. O Sombreiro, 24)
12. Mas só entre nós, que você também **se** tornou amigo dele. (A Sul. O Sombreiro, 25)
13. Mas faço-o porque o senhor bispo **me** autorizou. (A Sul. O Sombreiro, 25)
14. Mesmo nas coisas sem importância, quanto menos informação **lhe** dermos, melhor. (A Sul. O Sombreiro, 25)
15. Deixou ficar mesmo assim, o ouvidor que **se** queixasse para dentro. (A Sul. O Sombreiro, 26)
16. No entanto, se o ouvidor recebeu uma cópia da ordem do rei ou se o governador **lhe** falar nisso com alguma insistência, por mim não me importo de despachar o Peres, já está a causar muita confusão. (A Sul. O Sombreiro, 27)
17. não acredites em tudo o que **se** diz (A Sul. O Sombreiro, 29)
18. Além de estar sempre a me mandar fazer os trabalhos mais complicados, tal vez porque **lhe** irritava eu saber escrever enquanto ele, analfabeto de várias gerações, não distinguia o ponto do traço, deu de embirrar e gritar por tudo e por nada. (A Sul. O Sombreiro, 30)

19. A tática dele era sempre a mesma: rapaz que **lhe** interessasse primeiro sofria. (A Sul. O Sombreiro, 30)
20. E **lhe** atirei com a tigela à cara, não sou seu criado para a lavar, foi por piedade cristã que **o** fiz, você é tão porco que **a** tinha num nojo. (A Sul. O Sombreiro, 31)
21. Tão porca como a sua roupa, cujo mau cheiro **se** nota a uma légua. (A Sul. O Sombreiro, 31)
22. Havia mais movimento na ilha, território do rei do Kongo, onde **se** recolhia o nzimbo, a principal moeda, que **se** apresentava sob a forma de conchas muito pequenas. (A Sul. O Sombreiro, 32)
23. Mesmo os que vendiam vinho ou aguardente, ou farinha de guerra, como **se** chamava a de mandioca, vinda no princípio do Brasil, depois do Kongo. (A Sul. O Sombreiro, 32)
24. De facto, ninguém controlava o tendala, só **se** tornando macio quando **lhe** convinha entrar num negócio grande de venda de escravos ou marfim. (A Sul. O Sombreiro, 34)
25. Jerónimo Vogado era superior a João Domingos na hierarquia da ordem, mas este não se deixava intimidar quando **se** considerava com a razão. (A Sul. O Sombreiro, 35)
26. Levou consigo o jovem Mulende, um escravo que **lhe** pertencia... (A Sul. O Sombreiro, 36)
27. Também porque **se** afeiçoara ao jovem, mais novo uns cinco anos, e já ouvira o pai propor a sua venda a um taberneiro. (A Sul. O Sombreiro, 36)
28. E, o pior de todos os perigos, os famosos jagas, hordas de guerreiros que **se** aliavam por vezes aos portugueses, (A Sul. O Sombreiro, 38)
29. Claro, a nós conta sempre a parte boa, a que **lhe** realça o valor ou nos convence de encetar algo que o favoreça, escondendo as suas patifarias. (A Sul. O Sombreiro, 40)
30. E o que **me** interessava era usar a sua habilidade para nosso proveito, (A Sul. O Sombreiro, 40)
31. Estávamos ainda em Massangano com o governador Coutinho, **nos** preparando a rumar para Kambambe, onde **se** encontram as montanhas de prata, quando ele **nos** apareceu, meio esgazeados (A Sul. O Sombreiro, 40)
32. Os trapos com que **se** cobria já não tinham cor, de tanto barro terem absorvido da terra onde dormia e do fumo com que **se** aquecia. (A Sul. O Sombreiro, 40)
33. Os trapos com que **se** cobria já não tinham cor, de tanto barro terem absorvido da terra onde dormia e do fumo com que **se** aquecia. (A Sul. O Sombreiro, 40)
34. Reconheci logo o valor dele, quando **se** apresentou em Massangano, dizendo fugir dos jagas. (A Sul. O Sombreiro, 40)
35. Se alegrou quando **lhe** foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. (A Sul. O Sombreiro, 41)
36. ...mais parecendo mulato embora **se** vissem umas farripas louras de cabelo por baixo dos nós de muitas proveniências e que **lhes** perguntou em português, quando partem e para onde? (A Sul. O Sombreiro, 41)
37. Aconselhei-me com o padre jesuíta que sempre **nos** acompanhava, Jorge Pereira, meu amigo e sacerdote de grande merecimento, (A Sul. O Sombreiro, 42)
38. Battell jurou ter ido a convite do capitão do navio para beber uma aguardente como **se** fazia na terra dele, não em Liga, até porque **lhe** tinham prometido a liberdade mal chegasse a Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 43)
39. Battell jurou ter ido a convite do capitão do navio para beber uma aguardente como **se** fazia na terra dele, não em Liga, até porque **lhe** tinham prometido a liberdade mal chegasse a Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 43)
40. Numa das viagens, parámos no rio Cuvo, onde **se** tentou fazer um forte mas os donos da terra, (A Sul. O Sombreiro, 46)
41. Como não **nos** queriam deixar partir, pois os nossos mosquetes **lhes** eram de grande serventia, houve negociações. (A Sul. O Sombreiro, 47)

42. E quando atacam uma aldeia, só guardam as crianças e jovens, que se tornam seus filhos e são preparados... (A Sul. O Sombreiro, 47)
43. E Kalando, como lhe chamava para abreviar o nome, começou a deixar-me andar mais solto, apenas com um homem a tomar conta. (A Sul. O Sombreiro, 47)
44. Outros povos põem uma cabaça no alto da palmeira e fazem um furo, de onde vai caindo, gota a gota, a seiva doce, que depois de fermentar se torna no vinho. (A Sul. O Sombreiro, 47)
45. O capitão-mor era o espanhol Vilória mas o temor vinha todo para mim, o que me aquecia o coração. (A Sul. O Sombreiro, 48)
46. Depois de um grande trago, limpou os bigodes que lhe tapavam completa mente a boca e continuou o relato: (A Sul. O Sombreiro, 49)
47. Afinal é onde se nasce, não é? (A Sul. O Sombreiro, 51)
48. Ele estava afastado da corrente e no cume de um outeiro, o que lhe dava visão privilegiada sobre a luminosidade se refletindo nos verdes da floresta, (A Sul. O Sombreiro, 52)
49. Este optou pela primeira solução que lhe ocorreu, vamos subir o rio. (A Sul. O Sombreiro, 53)
50. Se se tinham afastado tanto de Luanda para sul, também era disparatado agora voltarem para norte. (A Sul. O Sombreiro, 53)
51. ...no fim, que se devia afastar sempre de homens brancos altos e magros vestidos de preto, muito perigosos para o seu destino. (A Sul. O Sombreiro, 54)
52. Quando se fixasse num sítio, enviaria mensagem à mãe. (A Sul. O Sombreiro, 54)
53. E isso significava que o pai ou se tinha regenerado ou morrera. (A Sul. O Sombreiro, 54)
54. — Com armadilhas até elefante se pode apanhar. (A Sul. O Sombreiro, 55)
55. Quem diria, o rapaz tinha estima mesmo pela vila de Luanda e pela vida que lá se levava. (A Sul. O Sombreiro, 56)
56. Se não te deres bem, prometo, te deixo voltar para Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 57)
57. Havia colmeias de mel no mato, mas teria de aparecer alguém que lhes ensinasse a utilizar o fumo para drogar as abelhas, de modo que estas não lhes picassem enquanto rouba vamos favos. (A Sul. O Sombreiro, 58)
58. De qualquer maneira, é meu filho e a mãe matava-me se soubesse que o vendi. (A Sul. O Sombreiro, 63)
59. Foi um ver se te avias, os sobas todos a escapar e a recusar qualquer negócio com os portugueses. (A Sul. O Sombreiro, 65)
60. E, ainda por cima, sempre que se pergunta aos da terra o sítio exato onde encontraram a prata que os vemos usar como adorno.... (A Sul. O Sombreiro, 66)
61. No entanto, os meus inimigos, que os tenho em Lisboa e em Madrid, dizem que de chumbo se trata. (A Sul. O Sombreiro, 67)
62. Ao menos em Luanda há mulheres que me podem distrair. (A Sul. O Sombreiro, 67)
63. Vai esconder-se debaixo das saias da primeira mulher que encontrar, talvez da degredada Inês, a qual tem passado em casa dele várias noites, desde que o judeu disfarçado de padre se foi embora. (A Sul. O Sombreiro, 67)
64. Levei comigo o inglês Battell, um grande oficial que me habituei a estimar. (A Sul. O Sombreiro, 67)
65. O rei hesitou, porque sabia da minha fidelidade e também porque certamente o partido que restou do duque de Alba me protege, respeitando as velhas fidelidades. (A Sul. O Sombreiro, 68)
66. Chamaram o barbeiro que lhe salvou a vida, pois a pancada foi tanta, (A Sul. O Sombreiro, 69)
67. O que me dá algum tempo para congeminar alguns negócios e tentar reverter a política do palácio, (A Sul. O Sombreiro, 69)

68. Até **me** deu uma ideia, há um pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que me pode interessar, verei com calma. (A Sul. O Sombreiro, 69)
69. Até **me** deu uma ideia, há um pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que **me** pode interessar, verei com calma. (A Sul. O Sombreiro, 69)
- 70.
71. Como se eu fosse um merdoso qualquer, sem honra nem gratidão pelos que **se** empenham na defesa da minha dignidade e que cumprem as minhas ordens. (A Sul. O Sombreiro, 70)
72. — guinchava ele, que até **se** escutava na rua. (A Sul. O Sombreiro, 70)
73. Acho também perfeitamente normal que **me** tivesse apoderado de todos os prisioneiros que o nosso exército conseguiu apanhar quando o derrotou. (A Sul. O Sombreiro, 70)
74. Acho também perfeitamente normal que me tivesse apoderado de todos os prisioneiros que o nosso exército conseguiu apanhar quando o derrotou. (A Sul. O Sombreiro, 70)
75. O que **me** dói, e doeu muito ao meu primo, foi quererem transformar uma vitória importante sobre um soba traidor, vitória que **nos** valeu uma melhoria de relações com o rei de Angola, numa sórdida manobra para **lhe** ficar com trezentas peças. (A Sul. O Sombreiro, 70)
76. O certo é que **se** travaram de razões em plena taberna e João de Araújo mostrou a sua lealdade para comigo... (A Sul. O Sombreiro, 70)
77. Mas estes entes erráticos, de olhos furados por tanto tentarem ler papéis inúteis, de mentes obscurecidas por decora rem leis e procurarem nelas os buracos que todas têm, buracos por onde **se** esgueiram nas suas negociatas sujas, julgam que nos enganam e subjugam. (A Sul. O Sombreiro, 71)
78. Mas estes entes erráticos, de olhos furados por tanto tentarem ler papéis inúteis, de mentes obscurecidas por decora rem leis e procurarem nelas os buracos que todas têm, buracos por onde **se** esgueiram nas suas negociatas sujas, julgam que **nos** enganam e subjugam. (A Sul. O Sombreiro, 71)
79. como uma dezena de pessoas testemunhará se **você** o quiser. (A Sul. O Sombreiro, 71)
80. Em vez de responder a uma pergunta direta como **lhe** fiz, fica satisfeito se eu prender o seu escrivão, não é que o velhaco vem lembrar-me que eu não tinha respondido à sua pergunta, anterior à minha? (A Sul. O Sombreiro, 71)
81. Deve ter sido o meu ar ou então ele próprio não conseguiu agarrar as palavras que involuntariamente **lhe** saíram da boca. (A Sul. O Sombreiro, 72)
82. É conhecida a imagem: a pessoa ainda não acabou de falar e já está desesperadamente a puxar as palavras que **lhe** vão saindo da boca como um regato de uma fonte. (A Sul. O Sombreiro, 72)
83. O soldado que **me** trouxe a notícia pintou a situação nas cores mais escuras: (A Sul. O Sombreiro, 73)
84. ... tinha sido traído pelo próprio irmão, Jerónimo de Almeida, o qual **se** fez governador de Angola. (A Sul. O Sombreiro, 74)
85. Como **se** o assunto já não **lhe** dissesse respeito. (A Sul. O Sombreiro, 76)
86. Se **me** defraudasse o desejo, podia contar com a minha má vontade futura, a qual era conhecida e temida de todos (A Sul. O Sombreiro, 76)
87. Descobri em noite de tempestade, com a trovoadas abafando vozes, mas não o suficiente para eu não ouvir o que entre eles **se** disse, faiscando em berros destemperados. (A Sul. O Sombreiro, 79)
88. A minha mãe apercebeu-se de alguma coisa diferente em mim, pois perguntava, que **se** passa contigo, andas tão alheada de tudo. (A Sul. O Sombreiro, 79)
89. Os meus irmãos são seres especiais e amo-os muito, como **se** deve, mas contar-**lhes** seria não partilhar um segredo, apenas passar-**lhes** a dor que sinto, sem a diminuir em mim. (A Sul. O Sombreiro, 80)
90. Desconfio, não é por amor que **nos** vigia, mas como o avarento vigia o pote com as moedas que tem enterradas no quintal. (A Sul. O Sombreiro, 80)

91. É qualquer coisa que está sempre comigo, que **me** vem atormentar em mo mento de tranquilidade... (A Sul. O Sombreiro, 80)
92. No entanto, ficaria mais aliviada se **o** partilhasse com alguém? (A Sul. O Sombreiro, 80)
93. Até o meu pai, homem pouco dado a sentimentalismos, conserva alguns e não **os** vende por nada, diz este ou aquele não há preço que **os** pague, são fiéis como cães. (A Sul. O Sombreiro, 81)
94. Um vazio que nunca mais **se** fechou. (A Sul. O Sombreiro, 81)
95. Não só por ser a minha mãe, mas por **me** falar como se eu fosse uma adulta, por **me** contar coisas que mais ninguém me explicou, com a exceção do tal segredo, sobre esse nunca lhe perguntei nem ela se abriu, o que **me** parece hoje óbvio, não poderíamos abordar essa questão em vida dela. (A Sul. O Sombreiro, 81)
96. E os escravos, conforme **me** ensinaram desde pequena, nunca são de fiar totalmente, porque estão sempre à espera da primeira ocasião para **nos** enganarem e fugirem. (A Sul. O Sombreiro, 81)
97. Outra, que **se** volatilizou na poeira do deserto. (A Sul. O Sombreiro, 82)
98. Outra, horrível e achincalhante, afirma ter-se afogado no rio com pouco caudal, como o são os raros do norte de África, mas a armadura de cavaleiro era tão pesada que **não** **se** pôde levantar do chão e morreu na pouca água. (A Sul. O Sombreiro, 82)
99. A Ericeira, terra de muito nevoeiro, viu aparecer, anos depois da batalha, um eremita, que **se** dizia o rei Sebastião (A Sul. O Sombreiro, 83)
100. Foi então que **se** hospedou na casa dos meus avós maternos, pois conheciam os parentes dele, (A Sul. O Sombreiro, 83)
101. Meu pai resolveu ir à Ericeira procurar o pretendente, ver com os seus próprios olhos para saber se era ou não o nosso soberano, tendo intenção de o apoiar se ficasse convencido da real majestade, mas não deu com o sítio onde **se** escondia. (A Sul. O Sombreiro, 83)
102. Se **me** pretendia impressionar, só o fez pela negativa. (A Sul. O Sombreiro, 84)
103. Mas nisto estou com o meu pai, só respeito quem **se** dá ao respeito. (A Sul. O Sombreiro, 84)
104. A minha mãe dizia, o teu pai fez bem nessa altura e com nobreza de alma, embora **nos** tenha criado grande perigo. (A Sul. O Sombreiro, 84)
105. A única coisa que **se** salvava era o poema, mas estragado pela má dicção do governador, mais habituado a gritar ordens de combate do que a declamar poesia. (A Sul. O Sombreiro, 84)
106.e não é um bacharel qualquer enviado pelo vice-rei fantoche que **me** vai levantar autos ou inquirir decisões. (A Sul. O Sombreiro, 86)
107. Quando **se** borda ou costura sozinha, como eu gosto de fazer no antigo quarto da minha mãe, isolada do mundo e suas ganâncias e maldades e sujidades, temos todo o tempo para pensar no que é bom ou poderia ser e no que **nos** atormenta e deveríamos deixar nas sombras da memória. (A Sul. O Sombreiro, 87)
108. Quando **se** borda ou costura sozinha, como eu gosto de fazer no antigo quarto da minha mãe, isolada do mundo e suas ganâncias e maldades e sujidades, temos todo o tempo para pensar no que é bom ou poderia ser e no que **nos** atormenta e deveríamos deixar nas sombras da memória. (A Sul. O Sombreiro, 87)
109. dado que fiquei ausente sete meses a senhora nunca poderia estar grávida se **me** fosse leal (A Sul. O Sombreiro, 88)
110. Era o maior manancial de caça de toda a região, onde **se** podia escolher sempre a carne apetecida naquele dia. (A Sul. O Sombreiro, 90)
111. Tinha sido intuitivo criar aquele ponto que no exército **se** poderia chamar uma carreira de tiro. (A Sul. O Sombreiro, 91)
112. Só um descortinou o mosquete e apontou para ele, sítio para onde os outros dois **se** viraram. (A Sul. O Sombreiro, 91)

113. ...e ficava muito nervoso quando **lhe** faltava o tabaco. (A Sul. O Sombreiro, 93)
114. — Desconfiei que não **me** estava a dar o nome verdadeiro. (A Sul. O Sombreiro, 94)
115. Só quando **me** disse o nome é que associei. Já o tinha visto em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 94)
116. Preferi então andar na caça, viver no mato, à espera que aconteça algo que **me** liberte do perigo. (A Sul. O Sombreiro, 95)
117. — Uma pessoa se habitua a culpar um outro de tudo o que **lhe** aconteceu, é só mesmo um hábito. (A Sul. O Sombreiro, 96)
118. E, novidade, havia uma pequena jangada de paus de bimba amarrados uns aos outros, o que **lhes** permitia irem pescar no meio da lagoa, perto de um banco de caniços e papiros (A Sul. O Sombreiro, 96)
119. ...e sagrados de várias partes do mundo, embora ele não soubesse que da mesma bebida **se** tratava, nem o nome dos livros sagrados. (A Sul. O Sombreiro, 97)
120. todos sabiam que o verdadeiro poder no Kongo era dos padres e só não era maior porque as diferentes ordens **se** guerreavam umas às outras, sobretudo franciscanos e jesuítas. (A Sul. O Sombreiro, 98)
121. — Para completar o que **me** contou, diga só mais uma coisa. (A Sul. O Sombreiro, 98)
122. Como **lhe** contei, fui lá várias vezes comerciar em nome do governador anterior e conheço a zona e gente. (A Sul. O Sombreiro, 98)
123. Aposto que no kimbo onde arranjar noiva, eu consigo encontrar uma viúva que **me** resolve provisoriamente o problema. (A Sul. O Sombreiro, 100)
124. Rocha ou Battell só apareciam para fazer o comércio quando **se** tinham inteirado que não havia gente do governador pelas cercanias. (A Sul. O Sombreiro, 101)
125. Sua Majestade tiraria o chapéu largo e assim me cumprimentaria se ao vivo **lhe** contasse o que escrevi, um relato acerca dos meus sucessos contra os sobas rebeldes que faziam perigar esta conquista. (A Sul. O Sombreiro, 104)
126. Ngola Kiluanji, a partir de então, queria aumentar o comércio connosco e pedia jesuítas que **lhes** ensinassem a verdadeira religião e não os padres que têm mulher em casa. (A Sul. O Sombreiro, 104)
127. Disse ainda o rei do Ndongo pela voz do embaixador principal, um fidalgo falando um razoável português, que **nos** dava toda a prata que pudéssemos retirar das minas ... (A Sul. O Sombreiro, 104)
128. Houve conquistadores e alguns capitães que não apreciaram a iniciativa do rei do Ndongo, pois assim fica mais longe a guerra que **lhe** possamos fazer. (A Sul. O Sombreiro, 104)
129. Antes disso, reuni os capitães e contei o que já **se** sabia. (A Sul. O Sombreiro, 105)
130. ...El-rei quer o máximo de paz aqui, para poder alimentar a América com mão-de-obra, é só isso que **lhe** interessa. (A Sul. O Sombreiro, 105)
131. Derrotámos o soba, o qual **se** rendeu, entregando muitas peças. (A Sul. O Sombreiro, 105)
132. Mandou o emissário Baltasar Lopes a Luanda, onde então eu **me** encontrava, para reclamar e fazer ameaças inauditas. (A Sul. O Sombreiro, 105)
133. O vigário passa a vida em concílios pouco apostólicos com o ouvidor André Velho e agora também com um bacharel recém-chegado, de nome Manuel Nogueira, o qual ainda **se** não apresentou a mim, o que não é normal e me cheirou logo a esturro (i). (A Sul. O Sombreiro, 106)
134. O comércio de peças com o interior não se ressentiu como temíamos, pois os sobas sentiam que havia uma mão forte na região e queriam andar todos enfeitados com as missangas que **lhes** fornecíamos. (A Sul. O Sombreiro, 106)
135. E são tão fortes que não **lhes** posso chegar. (A Sul. O Sombreiro, 106)
136. Infelizmente o meu primo João de Araújo não está cá na cidade, deixei-o a comandar o forte de Kambambe, na esperança de aparecer alguma prata e contrariar as previsões

- pessimistas de Sua Majestade, que até já **me** mandou abandonar as minas e tratar apenas dos resgates. (A Sul. O Sombreiro, 108)
137. Numa tarde, resolvi dar o meu passeio para fora da fortaleza, indo até ao fim desta parte alta, onde se constrói o convento de São José. (A Sul. O Sombreiro, 110)
138. Estava eu já muito próximo e pareceu que os três **se** concertaram em voz baixa, (A Sul. O Sombreiro, 111)
139. O vigário devia benzer-se três vezes antes e depois de entrar no templo dos jesuítas, como se faz para afastar o Maligno, escapei do inferno. (A Sul. O Sombreiro, 111)
140. Das que se tem de repente e **nos** iluminam, como vindas diretamente de Deus. (A Sul. O Sombreiro, 112)
141. Não escondi a gargalhada que dei ao partir e que lhes deve ter chegado aos ouvidos descoroçoados. (A Sul. O Sombreiro, 112)
142. Com quem julgavam eles que se metiam? (A Sul. O Sombreiro, 112)
143. O frade Piedade, dos franciscanos, que me parecia uma boa pessoa e capaz de transmitir recados de forma fiel, servia muito bem para levar a cabo a minha ideia. (A Sul. O Sombreiro, 112)
144. Frade, não esmoreça como que lhe digo, é com muita amizade que previno. (A Sul. O Sombreiro, 113)
145. Logo que não se arrombe com a Fazenda Real... (A Sul. O Sombreiro, 114)
146. — Pois, como lhe dizia, vi o senhor vigário. (A Sul. O Sombreiro, 114)
147. E como se têm encontrado muitas vezes, já teceram laços bastante chegados. (A Sul. O Sombreiro, 115)
148. Toquei no crucifixo de prata pendurado ao pescoço, o qual me afastava dos perigos e do mau olhado. (A Sul. O Sombreiro, 116)
149. No entanto, deixou de fazer guerra ao Kafuxi só porque este **lhe** deu umas peças. (A Sul. O Sombreiro, 118)
150. E, como muitos **me** referiram, fez coisa parecida com Ngola Kiluanji. (A Sul. O Sombreiro, 118)
151. tinha avançado André Velho, tomando as rédeas da conversa, como lhe competia por ser o mais idoso e juiz. (A Sul. O Sombreiro, 118)
152. Mas para o que nos interessa podemos usar esse argumento, brandido por vários inimigos do governador. (A Sul. O Sombreiro, 119)
153. É bom mostrar a péssima qualidade de comandante de uma pessoa que faz ou desfaz guerras conforme lhe interessam ou não. (A Sul. O Sombreiro, 119)
154. embora constasse nas tabernas dos Coqueiros e até na fortaleza de S. Miguel que se voluntariou muito ligeiramente para fugir de um enorme desfalque feito à Fazenda Real, deixado no limbo pela sua ausência. (A Sul. O Sombreiro, 120)
155. — E sem deixar arrefecer a pena, acrescente as pressões sobre os colonos para se alistarem em guerras inventadas de que depois se libertam contra o pagamento de uma soma. (A Sul. O Sombreiro, 121)
156. enfim, como lhe disse, tem todas as denúncias feitas pelos comerciantes e mora dores. (A Sul. O Sombreiro, 122)
157. — Pois é, o nosso corpo corrupto é que nos provoca sempre os piores males — disse o ouvidor. (A Sul. O Sombreiro, 123)
158. — Felizmente temos santos, como o nosso vigário, que não se preocupam com o próprio corpo. (A Sul. O Sombreiro, 123)
159. Como se o homem tivesse trato com o diabo, corajoso como a puta que o pariu, se permitindo rir deles, sugerindo sei o que fazem, sei tudo, tenho os meus espões bem infiltrados (A Sul. O Sombreiro, 123)
160. E assim **se** meteu pela casa do vigário, ao lado da obra que haveria de ser durante séculos a sé de Luanda, mas **se** arrastando a construção no tempo pela sempre alegada falta de

- dinheiro por parte da Igreja de Roma e falta de vontade por parte dos governadores que se seguiam no trono da Cidade Alta. (A Sul. O Sombreiro, 124)
161. Que sabe dos nossos encontros em sua casa e do que se fala. (A Sul. O Sombreiro, 125)
162. Como se tivesse um espião aqui. (A Sul. O Sombreiro, 125)
163. Passou o braço por cima do ombro do padre, o qual esticava a gola da batina que lhe apertava o pescoço, e levou-o para a varanda de trás da casa, de onde se contemplava o espantoso pôr do sol no mar da Corimba. (A Sul. O Sombreiro, 125)
164. Provavelmente o mais velho não se referia ao local de onde se via, mas sim ao pôr do sol de Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 126)
165. Deixou que a escrava enchesse as canecas e se retirasse. (A Sul. O Sombreiro, 126)
166. O senhor vigário é capaz de não conhecer, mas aí no mato há uma cobra que me lembra este governador. (A Sul. O Sombreiro, 127)
167. Só quando viu o vigário sair é que Nzoji se despegou da mulemba e caminhou para a fortaleza. (A Sul. O Sombreiro, 127)
168. Tempos depois, quando Gaspar Álvares se ligou em negócios a Manuel Cerveira Pereira, lhe ofereceu o rapaz, é muito fino e precisa de aprender mais da vida e da nossa língua, não é com um velho como eu que aprenderá. (A Sul. O Sombreiro, 128)
169. O grupo que o perfilhou saltou para a margem direita do Kwanza, alguns anos depois. (A Sul. O Sombreiro, 128)
170. Os próprios padres por vezes eram apanhados em faltas evidentes, como quando se dividiram, padres brancos num partido, padres mulatos no outro (A Sul. O Sombreiro, 128)
171. E os pregadores do amor pelo próximo, se te batem numa face oferece a outra face mas não ripostes, faziam exatamente o contrário, lutavam uns contra os outros (A Sul. O Sombreiro, 129)
172. Acreditava portanto mais em certas forças que lhe deram a conhecer os jagas em criança, como Nzambi ou Kalunga, ou nos seres misteriosos habitando os rios e os lagos, (A Sul. O Sombreiro, 129)
173. E Ngola Kiluanji, o poder mais constante de que se lembrava de ouvir os mais velhos, o senhor de Kabassa, por vezes tinha de se defender de jagas enquanto era aliado dos jagas que dominavam a Matamba. (A Sul. O Sombreiro, 129)
174. Se não lhe interessasse tanto, poderia esperar para o dia seguinte. (A Sul. O Sombreiro, 131)
175. Daí a facilidade com que procuravam esquecer no maluco as queixas do seu povo, queixas quase silenciosas, temerosas, mas queixas na mesma, que se manifestavam na prática pela fraqueza dos braços no trabalho e diminuição da fertilidade das mulheres. (A Sul. O Sombreiro, 132)
176. Nzoji meteu conversa com uma das escravas dele, a qual, a rir, lhe contou ter o dono um grande parceiro na bebida do maluco, ela costuma servi-los do moringue. (A Sul. O Sombreiro, 133)
177. Umas pessoas bebem vinho a mais enquanto outras se contêm. (A Sul. O Sombreiro, 133)
178. Basta ter uma alcoviteira que lhes vai falar, convencer com favores ou ameaçar se os favores não chegarem. (A Sul. O Sombreiro, 134)
179. Atiraram-me para uma cela tão acanhada que não me podia deitar por terra, esticado. Sem catre nem cadeira. (A Sul. O Sombreiro, 139)
180. Vejam só os pensamentos que me ocorriam, em vez de me concentrar na amizade de Gaspar Álvares, o qual foi obrigado a sustentar o gesto de aproximação. (A Sul. O Sombreiro, 139)
181. Um cobertor sujo no chão, onde me sentei. (A Sul. O Sombreiro, 139)
182. Mas, diga-me, já transpirou alguma coisa sobre o processo? Porque me prenderam e me enviam assim para o reino? (A Sul. O Sombreiro, 140)
183. Mal sabia ele, verde nos mistérios desta terra, como as pragas se realizam facilmente em chão angolano. (A Sul. O Sombreiro, 140)
184. Pois ficava a saber do meu desprezo e da praga que lhe rogava. (A Sul. O Sombreiro, 140)

185. Basta ouvir as histórias das velhas, como **me** contaram. (*A Sul. O Sombreiro, 140*)
186. Gaspar Álvares encolheu os ombros, apertou-me a mão já que os abraços eram proibidos, talvez para evitarem que ele **me** passasse um punhal e eu tomasse a fortaleza de assalto, sozinho. (*A Sul. O Sombreiro, 141*)
187. O padre Sousa aconselhou-me muito bem para ter humildade na desgraça, suportar tudo como Nosso Senhor Jesus Cristo consentiu todos os tormentos para nossa salvação, que me inspirasse no seu exemplo e no seu sacrifício para resistir e perdoar a quem **me** fazia mal, pois no dia do Juízo Final tudo se esclareceria e eu estaria à direita de Deus-Pai por ser um bom cristão (*A Sul. O Sombreiro, 142*)
188. O padre Sousa aconselhou-me muito bem para ter humildade na desgraça, suportar tudo como Nosso Senhor Jesus Cristo consentiu todos os tormentos para nossa salvação, que **me** inspirasse no seu exemplo e no seu sacrifício para resistir e perdoar a quem **me** fazia mal, pois no dia do Juízo Final tudo se esclareceria e eu estaria à direita de Deus-Pai por ser um bom cristão (*A Sul. O Sombreiro, 142*)
189. Se até os escravos eram obrigados ao batismo coletivo antes da travessia, para não morrerem em pecado, como **me** negariam o direito à confissão, a mim, católico de nascimento e tradição ancestral de linhagem? (*A Sul. O Sombreiro, 143*)
190. O pai é que devia ter medo, se não **se** portasse decentemente. (*A Sul. O Sombreiro, 145*)
191. Uma das primeiras regras aprendidas com o pai e com outros era que um dono de escravos não **os** podia considerar seres humanos, com risco de perder firmeza e portanto autoridade. (*A Sul. O Sombreiro, 145*)
192. ...como não considerar humano um ser com quem **se** vive durante anos e anos, partilhando alegrias e sobretudo canseiras e sofrimento? (*A Sul. O Sombreiro, 145*)
193. Quando **lhe** deixei, não dava ainda flores. (*A Sul. O Sombreiro, 146*)
194. Ia dirigir-se primeiro a Mulende, que **se** encolheu em desespero, pois percebia toda a conversa, diferentemente dos outros escravos, só competentes em kimbundo, (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
195. Carlos não **se** lembrava daquela cara, nos últimos tempos em Luanda estava sempre atento aos rostos dos possíveis pumbeiros, com medo de que algum **lhe** agarrasse para o transformar em escravo. (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
196. O estranho da coisa era ele pensar em visitar essas paragens do sul, por onde Battell andara, no momento exato em que **lhe** aparece um pumbeiro de São Salvador em Luanda falando de um mito que **lhe** tocava na família, verdadeira mente ou não. (*A Sul. O Sombreiro, 154*)
197. O estranho da coisa era ele pensar em visitar essas paragens do sul, por onde Battell andara, no momento exato em que **lhe** aparece um pumbeiro de São Salvador em Luanda falando de um mito que **lhe** tocava na família, verdadeira mente ou não. (*A Sul. O Sombreiro, 154*)
198. — E então? Depois do que **me** contou, que espera de mim? (*A Sul. O Sombreiro, 154*)
199. Os escravos tinham percebido enfim o que **se** passava. (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
200. A loja de sô Filipe devia ser a única na baixa onde não **se** vendia vinho ou comida. (*A Sul. O Sombreiro, 149*)
201. Afinal era a primeira vez que **se** viam e bebiam juntos. (*A Sul. O Sombreiro, 150*)
202. Se **me** perguntar se vim a negócios, nem sei responder. (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
203. — E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não **lhe** poderia dar um conselho, se mo pedisse, claro. (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
204. — E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não **lhe** poderia dar um conselho, se **mo** pedisse, claro. (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
205. Pelo menos é o que **se** afirma na minha família, conhecedora dos casos (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
206. Carlos Rocha acedeu a beber mais uma caneca que o taberneiro **lhe** tinha posto em frente. (*A Sul. O Sombreiro, 152*)

207. Este tipo deve estar a gozar comigo, ou então a levar a conversa para algum campo que **lhe** interessa e eu não descortino. (A Sul. O Sombreiro, 152)
208. Os padres do Mbanza-Kongo conservam muitos mistérios entre si, são tão mestres nisso que até o papa **se** queixa. (A Sul. O Sombreiro, 153)
209. **Se** **se** encontrar a pessoa certa. (A Sul. O Sombreiro, 154)
210. Foi por isso que quis conversar consigo, quando **se** apresentou ao sô Filipe. (A Sul. O Sombreiro, 155)
211. **Se** não **o** quiser fazer, não me diz respeito à mesma. (A Sul. O Sombreiro, 155)
212. Se era verdade o que **lhe** contara sobre a dívida de gratidão, então por esse lado podia estar descansado, Zala Nkundu seria mais um aliado que um inimigo. (A Sul. O Sombreiro, 156)
213. Quem **se** cruzava com ele é que virava a cabeça para apreciar a presença imponente. (A Sul. O Sombreiro, 156)
214. Gesto amistoso de quem foi o seu capitão de muitas guerras e particularmente na tomada de Kambambe, para a construção de cujo forte **se** gabava de ter carregado pedra às costas? (A Sul. O Sombreiro, 157)
215. Como **se** fosse arma letal nas mãos de um agrilhado. (A Sul. O Sombreiro, 158)
216. Quando **se** não apunhalavam pelas costas. (A Sul. O Sombreiro, 159)
217. Foi a ideia do cobre de Benguela que **lhe** fez resistir até Lisboa. (A Sul. O Sombreiro, 160)
218. Quero que leve uma parte e **se** estabeleça o mais perto possível da corte. (A Sul. O Sombreiro, 161)
219. Ele vai recordar-se, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. E conte da minha triste situação, por uma conspiração dos inimigos de Sua Majestade, dos que querem ainda hoje um rei português, mesmo sendo filho de judia como esse António prior do Grato que **se** rebelou há muito e obteve o que merecia, perdendo a cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 162)
220. E venha regularmente contar-me o que **se** passa (A Sul. O Sombreiro, 162)
221. Pouco depois da conversa com o cunhado, a própria mulher se apresentava na cadeia contando ter sido visitada pelo corregedor Bartolomeu Rodrigues Lucas, nomeado pelo rei para conhecer as culpas e devassas tiradas em Angola pelo bacharel Manuel Nogueira, o qual **se** encontrava em maus lençóis pelas suas intrigas, palavras do próprio corregedor. (A Sul. O Sombreiro, 163)
222. Os comerciantes tinham deixado de ir mais a sul, como nos tempos de Battell, até à Baía da Torre, porque os governadores não **lhes** concediam tropa... (A Sul. O Sombreiro, 168)
223. ...e incapazes de combater dóceis crianças competentes no entanto de trabalhar em todas as tarefas pesadas sem se queixarem sem se rebelarem aceitando de boa mente o destino que os padres **lhes** indicavam como sendo o da salvação. (A Sul. O Sombreiro, 165)
224. O regimento onde **se** garantiam os direitos e deveres do conquistador, precisões como proceder na guerra e na paz, nos negócios, nas explorações de caminhos e minas e na ajuda aos padres enviados com ele para salvar almas, na administração da justiça e como se repartiam os lucros da empreitada, (A Sul. O Sombreiro, 166)
225. O regimento onde **se** garantiam os direitos e deveres do conquistador, precisões como proceder na guerra e na paz, nos negócios, nas explorações de caminhos e minas e na ajuda aos padres enviados com ele para salvar almas, na administração da justiça e como **se** repartiam os lucros da empreitada, (A Sul. O Sombreiro, 166)
226. Era objetivo de Carlos continuar a avançar pela margem esquerda do rio para o interior, tentando evitar encontros perigosos, chegando ao planalto de que **lhe** tinham falado como região só conhecida por gentes do Ndongo. (A Sul. O Sombreiro, 168)
227. E deu uma gargalhada, no exterior, quando Mulende **se** sacudiu, passou a mão pela cabeça, sentado no chão e falou, já estou melhor. (A Sul. O Sombreiro, 170)

228. O padre entretanto tinha seguido o grupo e abençoou o rapaz, que **te** cures de pressa conforme o desejo de Nosso Senhor, mas Mulende se levantou, ainda um pouco tonto, sem tremuras. (A Sul. O Sombreiro, 170)
229. Como quando **se** zangava e ficava três dias sem falar. (A Sul. O Sombreiro, 170)
230. - Entras e juro que **te** trago logo para fora se voltares a ter tremuras. (A Sul. O Sombreiro, 171)
231. O sargento deu ordem para todos, vamos entrar que **se** faz noite. (A Sul. O Sombreiro, 171)
232. Com os escravos que **se** deitavam ao relento, deviam ser perto de cem pessoas, o que provoca sempre barulhos, (A Sul. O Sombreiro, 172)
233. Se não **o** quiser fazer, não **me** diz respeito à mesma. (A Sul. O Sombreiro, 155)
234. Beber água, na situação em que **se** encontrava, parecia o máximo de sorte possível. (A Sul. O Sombreiro, 157)
235. Ia já a caminho do destino, que **se** julgava fácil e rápido de atingir, quando ouviu a notícia da situação precária do forte de Kambambe, ameaçado pelas forças do rei do Ndongo. (A Sul. O Sombreiro, 157)
236. Do outro lado do rio, os portugueses estavam a criar feiras, que reuniam regularmente, onde **se** negociavam peças. (A Sul. O Sombreiro, 197)
237. Cerveira ouviu meio distraído os mujimbos que Baltazar **lhe** quis passar sobre os últimos acontecimentos relevantes no sertão. (A Sul. O Sombreiro, 158)
238. Ele vai recordar-se, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. E conte da minha triste situação, por uma conspiração dos inimigos de Sua Majestade, dos que querem ainda hoje um rei português, mesmo sendo filho de judia como esse António prior do Grato que **se** rebelou há muito e obteve o que merecia, perdendo a cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 162)
239. O kaxiko da véspera, que entretanto **se** tinha aproximado, confirmou com a cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 173)
240. Malunga seria uma figurinha de madeira que **se** fixa no leito de um rio, perto da margem, entre rochas por exemplo, numa espécie de pequeno santuário. (A Sul. O Sombreiro, 174)
241. As pessoas mais sensíveis aos espíritos, como Mulende, por vezes com dotes divinatórios ou até de cura, reagiam violentamente quando **se** chegava a esses sítios de forte presença espiritual. (A Sul. O Sombreiro, 174)
242. E quando **lhe** contou a prevenção da velha Na Gongga sobre homens brancos vestidos de escuro, Mulende estremeceu. (A Sul. O Sombreiro, 175)
243. Embora **lhe** agradasse até certo ponto a ideia de se aproximar do sítio onde podia ter nascido, uma vez que a cidade **lhe** estava no momento interdita. (A Sul. O Sombreiro, 175)
244. Claro, Mulende tremeu dos pés à cabeça quando o dono **lhe** apresentou o mirabolante plano. (A Sul. O Sombreiro, 175)
245. Nessa altura foi chamado pelo capitão do forte, o qual **lhe** pediu tardias explicações sobre a razão da sua estadia na Muxima. (A Sul. O Sombreiro, 176)
246. - Vou tentar descobrir uma terra de que **se** fala na minha família. (A Sul. O Sombreiro, 177)
247. Durante o princípio de marcha, o escravo que já não **o** era mas não tinha nenhum papel a provar o aforro, pensava no que **lhe** tinha sido prometido. (A Sul. O Sombreiro, 177)
248. Durante o princípio de marcha, o escravo que já não **o** era mas não tinha nenhum papel a provar o aforro, pensava no que **lhe** tinha sido prometido. (A Sul. O Sombreiro, 177)
249. O próprio homem que **o** afrontava pareceu surpreso. (A Sul. O Sombreiro, 179)
250. Faziam um jagado, que **se** chamava a um poder localizado debaixo de um grande jaga e aí permaneciam. (A Sul. O Sombreiro, 181)
251. Carlos percebera por viajantes que o poder **se** consolidava muito na Matamba, (A Sul. O Sombreiro, 181)
252. E, de facto, os jovens guerreiros também revelavam respeito quando **se** falava na Matamba. (A Sul. O Sombreiro, 182)

253. O chefe do grupo que os trouxera mostrava porém muito respeito por ele, batendo palmas a dar as informações e batendo palmas a ouvir as ordens do velho. (A Sul. O Sombreiro, 182)
254. Carlos Rocha fazia como o Kingrêje **lhe** tinha ensinado, observava, aprendia. (A Sul. O Sombreiro, 186)
255. Nem sequer um feiticeiro veio se saracotear a afastar maus espíritos, o mínimo de ritual para qualquer soba que **se** preze receber visitas. (A Sul. O Sombreiro, 188)
256. - Com atraso, mas trago-te os cumprimentos e a amizade do Kingrêje, que muito bem **me** falou do teu poder e da tua justiça. (A Sul. O Sombreiro, 188)
257. Sabes, foi o único branco que **me** serviu lealmente. (A Sul. O Sombreiro, 188)
258. Se **me** ajudares a ir até lá com proteção, porque aquilo é terra de sumbes, que são fortes guerreiros... (A Sul. O Sombreiro, 189)
259. Os assistentes, que **entretanto** **se** tinham aproximado e rodeavam o njango, aplaudiram e riram, Imbe Kalandula brinca com os sumbes, nem precisa de **lhes** rosnar para eles fugirem como mabecos. (A Sul. O Sombreiro, 189)
260. Se **lhes** deres os ossos, eles podem trocar armas e pólvora por escravos. Ficam muito gratos ao grande jaga Imbe Kalandula. (A Sul. O Sombreiro, 190)
261. como é que **se** chama? (A Sul. O Sombreiro, 191)
262. Tem de ser no lugar que **me** disseram, assim eles vão acreditar, vão ver mesmo. (A Sul. O Sombreiro, 191)
263. Se uma sua mulher **lhe** contasse, ele dava uma surra para ela aprender a não gozar com um chefe tão temido. (A Sul. O Sombreiro, 191)
264. Até pode ser que fiquem muito agradecidos e **me** forneçam armas. (A Sul. O Sombreiro, 191)
265. De longas folhas verde-claras, bem cheirosas quando **se** calcava um pouco na mão. (A Sul. O Sombreiro, 193)
266. Se eu **lhe** desse geribita, então, teria dado urros de contentamento. (A Sul. O Sombreiro, 193)
267. Fiquei fora da cubata, para não parecer que **me** aproveitava da rapariga. (A Sul. O Sombreiro, 194)
268. Kandalu afastou o pano de casca batida de imbondeiro com que **se** tapara e me servia habitualmente de cobertor. (A Sul. O Sombreiro, 194)
269. Kandalu afastou o pano de casca batida de imbondeiro com que se tapara e **me** servia habitualmente de cobertor. (A Sul. O Sombreiro, 194)
270. E eram todas bravias quando **se** zangavam. (A Sul. O Sombreiro, 194)
271. Não passou muito tempo até conhecer o feitio difícil de Kandalu, quando os kalundús **lhe** atravessavam à frente dos olhos. (A Sul. O Sombreiro, 194)
272. Já tínhamos comido o que elas **nos** tinham trazido das suas casas e a fogueira estava acesa, colocada entre as nossas duas cubatas. Escurecia. (A Sul. O Sombreiro, 194)
273. Eu estava embeijado pelos modos aguerridos de Kandalu, afinal até tinha sido ela a me escolher, e adorava quando **se** zangava porque sabia que de pois haveria quente reconciliação. (A Sul. O Sombreiro, 195)
274. O jovem chefe de grupo que **nos** tinha trazido, Mukilango, herdeiro do soba do Demba, era o único conselheiro disponível. (A Sul. O Sombreiro, 195)
275. — Pensávamos que **se** estavam apenas a divertir. (A Sul. O Sombreiro, 195)
276. As mulheres tinham um sítio diferente, ainda mais acima, onde também lavavam os poucos trajes com que **se** cobriam. (A Sul. O Sombreiro, 196)
277. Primeiro tens de saber se ela **te** quer para marido. (A Sul. O Sombreiro, 196)
278. Percebendo a alusão, devo ter ficado mesmo da cor que ele **me** chamava, branco. (A Sul. O Sombreiro, 196)

279. E como arranjar um escravo, se de facto **me** decidisse a oferecê-lo? (A Sul. O Sombreiro, 196)
280. Comi o que **me** competia de fruta-pão e inhame meio assado, bebi água. (A Sul. O Sombreiro, 203)
281. .. sobretudo quando eu falava, meu foguinho, meu fogueiro que **me** queima por dentro, meu mel queimado, minha queimada no capim, minha fogueira na Lua. (A Sul. O Sombreiro, 203)
282. Às vezes temos umas visões que **nos** levam para longe e nos atormentam, ouvira as velhas falar disso, nos meus tempos de Luanda, em conversas sobre kalundús e feitiços. (A Sul. O Sombreiro, 204)
283. — Vamos fazer como Mbombe disse, divididos em grupo, ele é um bom guerreiro, conhece como **se** ataca. (A Sul. O Sombreiro, 205)
284. Mbombe não tentou sequer explicar porque **se** ausentaram, nem me dirigiu a palavra. (A Sul. O Sombreiro, 206)
285. Apesar da distância razoável a que **nos** encontrávamos, falámos forte de mais. (A Sul. O Sombreiro, 206)
286. Não conseguimos informações, mas aquele caminho vai nos levar para outro kimbo e está na direção que **me** interessa. (A Sul. O Sombreiro, 207)
287. Amanhã falo com ele, espero que ele compreenda e **me** desculpe se o desautorizei. (A Sul. O Sombreiro, 207)
288. Faz parte do plano que **me** leva ao sul e que Imbe Kalandula conhece. (A Sul. O Sombreiro, 208)
289. E instintivamente sabemos, sempre é melhor ir num grupo em que os chefes não **se** digladiam. (A Sul. O Sombreiro, 208)
290. ... enquanto o resto do grupo ficava fora deitado junto de fogueiras, que voltei a insistir com Kandalu, explica lá o que aconteceu naquele kimbo abandonado que **te** pôs tão triste, tens de me contar, agora estamos juntos (A Sul. O Sombreiro, 208)
291. Das que se tem de repente e **nos** iluminam, como vindas diretamente de Deus. (A Sul. O Sombreiro, 112)
292. Apressou a partida de Lisboa, a qual já estava muito avançada, com a bússola virada para a pessoa de André Velho, desta vez é que não **me** escapas, pois chego antes da notícia da minha libertação. (A Sul. O Sombreiro, 213)
293. E onde seria que **lhe** doía mais? (A Sul. O Sombreiro, 214)
294. O bispo, frei Manuel Batista, estava por sinal em Luanda quando **se** finou o Forjaz. (A Sul. O Sombreiro, 215)
295. A mãe de Carlos Rocha ficou na dúvida se ela **se** referia ao homem vestido de preto, detestado pela velha quimbanda (A Sul. O Sombreiro, 215)
296. Luanda não era terra que **se** desejasse, sobretudo depois de perdida a ilusão da prata. (A Sul. O Sombreiro, 216)
297. De joelhos não parou de orar em voz alta e segura, até o fatídico momento em que uma machadada **lhe** cortou a cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 216)
298. ...estava já ele entrando no planalto central, até aí virgem da presença de qualquer homem branco, onde **se** falava outra língua, não o kimbundo desta região. (A Sul. O Sombreiro, 217)
299. Custódio Antunes também se apresentou logo a cumprimentá-lo, ainda suado da correria pelo mato, pois se encontrava no sítio do Ango quando **lhe** chegou a maravilhosa notícia. (A Sul. O Sombreiro, 217)
300. A pedido de Manuel Cerveira Pereira, aceitava voltar a envergar a farda ingrata, mas é apenas porque o amigo **me** pede, só por isso. (A Sul. O Sombreiro, 217)
301. Por isso o voltou a enxertar junto de Bento Banha Cardoso, um grande cabo de guerra mas muito limitado em manobras políticas, o qual também **se** afeiçoou ao jovem, dinâmico,

- eficiente e silencioso, e até lhe passou a pagar um soldo, o qual ele agora queria aumentado. (A Sul. O Sombreiro, 217)
302. Vinham também na expedição os membros da família em que **se** apoiaria nos maus momentos, para além do fiel João de Araújo. (A Sul. O Sombreiro, 218)
303. De facto nem o governador nem El-rei, o qual muito **se** honrava de representar em Angola neste mo mento e no grande reino do sul do Kwanza quando Deus criasse as condições para tão grande empreendimento, *se* deviam imiscuir nas decisões do bispo, elas só cabendo à Santa Sé (A Sul. O Sombreiro, 219)
304. Manuel Cerveira estava inclinado a escrever no próximo relatório um parecer favorável ao bispo do Kongo e Angola, pessoa com quem **se** podia contar apesar de ser franciscano, (A Sul. O Sombreiro, 221)
305. Alguns estudiosos não sabem explicar até hoje como **se** consegue usar de estratégias defensivas quando *se* atacam poderes estrangeiros, mas aparentemente tal dúvida militar nunca ocorreu à coroada cabeça austríaco-espanhola (A Sul. O Sombreiro, 222)
306. Alguns estudiosos não sabem explicar até hoje como *se* consegue usar de estratégias defensivas quando **se** atacam poderes estrangeiros, mas aparentemente tal dúvida militar nunca ocorreu à coroada cabeça austríaco-espanhola (A Sul. O Sombreiro, 222)
307. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco **lhe** interessavam, e lhe trazer quantidade de homens de armas e mantimentos, para refazer o que **se** ia esgotando por morte ou consumo em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 223)
308. ...estando já muito ciente de onde e como **se** podiam encontrar as ditas jazidas, aumentando com o tempo o valor virtual delas. (A Sul. O Sombreiro, 223)
309. Eram demasiados inimigos para serem atacados por junto, como **lhe** explicava o seu espião predileto, Nzoji. (A Sul. O Sombreiro, 229)
310. Por fim também apareceu Peringue, mais preocupado com a vizinhança ameaçadora dos jagas. Cerveira aceitou os cinco escravos que o soba **lhe** trouxe como prova de boa vontade (A Sul. O Sombreiro, 230)
311. À pergunta sobre ouro, referida por Battell, dizia desconhecer o tal rio onde **se** encontrava abundância do mineral. (A Sul. O Sombreiro, 231)
312. Com o familiar ficava mais à vontade, dizia as coisas como **lhe** vinham ao espírito, sem peias. (A Sul. O Sombreiro, 233)
313. Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela **se** transformaria em sede episcopal, quase **lhe** dizendo, olha, é para ti, aguenta-te que te farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidade (A Sul. O Sombreiro, 234)
314. Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela *se* transformaria em sede episcopal, quase **lhe** dizendo, olha, é para ti, aguenta-te que **te** farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidade (A Sul. O Sombreiro, 234)
315. Ou Malaquias era muito hábil, fazendo as coisas pela calada, ou possuía feitiço poderoso que **o** escondia dos olhos da Justiça. (A Sul. O Sombreiro, 236)
316. Kandalu se despediu dele como **se** fosse a última vez. (A Sul. O Sombreiro, 239)
317. Dava para entender o que **lhe** diziam, um kimbundo mais nasalizado talvez, com algumas palavras desconhecidas pelo meio. (A Sul. O Sombreiro, 239)
318. Mas também não era obrigado a ser muito específico nas respostas, desde que os habitantes da ombala **se** não aproximassem muito da sua escolta para a reconhecerem como um conjunto de jagas (i). (A Sul. O Sombreiro, 240)
319. — Vamos rápido antes que **vos** vejam (A Sul. O Sombreiro, 241)
320. Até que na sombra à sua esquerda **se** mexeu uma velha escanzelada (A Sul. O Sombreiro, 241)

321. Carlos Rocha não sabia se era conveniente acreditar na fala de uma velha meio tonta, como **lhe** parecia, sobretudo ao vê-la à luz do dia. (A Sul. O Sombreiro, 241)
322. Fizeram fogueiras e assaram os tubérculos para acompanharem a carne do nunc que **lhes** tinha aparecido pela frente. (A Sul. O Sombreiro, 243)
323. Esse branco tinha de facto hábitos estranhos, ainda bem que **lhe** coubera Mulende e não ele no momento das partilhas. (A Sul. O Sombreiro, 244)
324. Foi o pretexto para aparecerem mais vezes, até que Kandalu **se** deitou na esteira do branco. (A Sul. O Sombreiro, 245)
325. Tinha de explicar ao homem que ia ficar disforme, horrível, período em que as mulheres **se** escondem dos olhares masculinos até voltarem a aparecer esbeltas e ágeis. (A Sul. O Sombreiro, 246)
326. Isso se estivesse na sua casa. As condições no mato não eram normais, tinha de **se** mostrar aos olhos de todos, a menos que **se** enfiasse numa gruta e proibisse visitas, exceto de Muhongo e Kafeka. (A Sul. O Sombreiro, 246)
327. Sobretudo porque **se** sabia haver jagas nessas direções. (A Sul. O Sombreiro, 247)
328. É claro, o André Coronado foi desarmado e atirado para as masmorras, onde **o** fixaram com ferros à trave central. (A Sul. O Sombreiro, 247)
329. Nzaji se apresentava de facto como um poço de contradições, esperando uma revolta que **o** libertasse da sua condição de cúmplice do poder despótico (A Sul. O Sombreiro, 252)
330. Vinha magro e cansado, mas os olhos brilhavam intensamente na companhia imponente do soba Ebo-Kalunda, senhor do território onde **se** dizia encontrarem as verdadeiras minas de cobre. (A Sul. O Sombreiro, 252)
331. Problema dele é os jagas que **lhes** atacam muito para roubar e matar, por isso precisa das armas dos brancos para **lhe** defender e ao seu povo contra os jagas. (A Sul. O Sombreiro, 253)
332. Era realmente um grupo multicultural, como **se** diz hoje, pois constituído por dois cris tão-novos, o mouro André Coronado que **se** tinha rebelado antes, (A Sul. O Sombreiro, 256)
333. Foi então que o frade Simão, dos sete o mais perto dele, **lhe** segurou por mero instinto numa perna, impedindo-o de se erguer. (A Sul. O Sombreiro, 257)
334. Entretanto, sem esperar que **se** lembrassem dele para a natural vingança, o violento primo do governador, João de Araújo, se misturou com o pó dos morros rodeando Benguela. (A Sul. O Sombreiro, 258)
335. ..baixando os olhos sempre que alguém **a** felicitava pelo faturado enlace. (A Sul. O Sombreiro, 258)
336. e sábios conselhos do jesuíta, convencidos que a natureza **se** encarregaria de fazer o que **lhes** faltava a coragem de consumir. (A Sul. O Sombreiro, 259)
337. ... no sítio bastante acidentado onde tinham pela primeira vez chegado ao Kikombo, quando pelo barulho **se** fez anunciar o grande sé quito de Ebo-Kalunda, regressando de Benguela, (A Sul. O Sombreiro, 260)
338. Rapidamente notara o chefe, fácil de distinguir pelo modo como **se** movimentava e dava ordens, na margem do outro lado. (A Sul. O Sombreiro, 261)
339. Brilhava ao sol, por causa do óleo com que **o** besuntavam para **lhe** aumentarem a dignidade, fazendo realçar músculos firmes. (A Sul. O Sombreiro, 261)
340. Mas só se **me** agarrarem ou quiserem espetar uma facada. (A Sul. O Sombreiro, 261)
341. Se **lhe** acontecesse alguma coisa má, teriam de se justificar ao Grande Jaga. (A Sul. O Sombreiro, 262)
342. Apenas ajeitou o pano que **lhe** tapava parte das pernas, pensativo. (A Sul. O Sombreiro, 262)
343. — E onde estão eles, que não **os** vejo? (A Sul. O Sombreiro, 263)
344. Olhou a comitiva, que **se** sentava agora na margem, à espera de ordens. (A Sul. O Sombreiro, 263)

345. — Pelo menos é o que se diz em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 264)
346. — Como te disse, devem estar muito espalhados. (A Sul. O Sombreiro, 265)
347. Nunca fogem do perigo e só fazem o que lhes ordeno. (A Sul. O Sombreiro, 266)
348. Mas disso até conhecia alguma coisa, a partir do que o pai lhe contara sobre as manobras dos portugueses e dos padres para chegarem às minas de cobre do Kongo (A Sul. O Sombreiro, 267)
349. Certamente não, porque então se sentiria ameaçado. (A Sul. O Sombreiro, 267)
350. Pediu a Kandalu que lhe fizesse uma infusão. (A Sul. O Sombreiro, 268)
351. Horrorizado, entendeu o que lhe tinham ensinado, os jagas não guardam os próprios filhos, são mortos à nascença. (A Sul. O Sombreiro, 270)
352. Quando Carlos Rocha lhe acariciava o ventre e falava palavras doces com a boca colada à barriga dela, lhe deixava fazer mas sem se comover. (A Sul. O Sombreiro, 270)
353. - Se tu existes, se estás viva, foi porque a mamãe te deixou viver. Falo da tua verdadeira mãe, a que morreu naquele kimbo que atravessámos, não a que está em Caxinde e que chamas mãe. (A Sul. O Sombreiro, 271)
354. Quando lhes deram o mujimbo da chegada de um bote todo desconjuntado, sem vela, mastro partido, um homem ferido e possivelmente moribundo a bordo. (A Sul. O Sombreiro, 273)
355. Em muito mau estado, como lhe disse. Ferimentos, fome, sede, muita debilidade... (A Sul. O Sombreiro, 274)
356. Ficou uns seis dias sem alimento senão algum peixe com vinagre que lhe meteram no barco. (A Sul. O Sombreiro, 274)
357. Levou o padre à divisão onde estava o governador de Benguela deitado num catre, com o macambúzio cirurgião-barbeiro à cabeça, o mesmo que em tempos lhe tratava dos pés. (A Sul. O Sombreiro, 275)
358. — Como lhe disse, ia mesmo propor. (A Sul. O Sombreiro, 275)
359. Como se revoltaram em Benguela por uma pena justíssima, o papel dos dois religiosos na conjura, feliz mente surgindo o amparo precioso do padre jesuíta, o único que tentou lhe tratar das feridas. (A Sul. O Sombreiro, 275)
360. Sobretudo os cunhados que se mexessem, os quais já conheciam todas as travessas e vielas das decisões burocráticas. (A Sul. O Sombreiro, 277)
361. Foi assim que lhe contaram, provando da última pipa acabada de abrir, (A Sul. O Sombreiro, 278)
362. ...proclamando pelas mas o enxovalho feito à família com a ida do alferes Malaquias para Benguela quando Margarida estava mais uma vez prenha, enquanto os habitantes se riam do acaso que a levava a engravidar estando o marido fora tanto tempo. (A Sul. O Sombreiro, 278)
363. Também não sabia se de facto estariam a caminho as duas sobrinhas da esposa, como esta lhe confiou em carta recebida ainda em Benguela, as quais poderiam distraí-lo um pouco na sua solidão de velho, (A Sul. O Sombreiro, 279)
364. ... atentos a tudo o que mexia no Atlântico e alfinetando uns e outros, há muito esquecida a aliança de que só se orgulhavam os portugueses. (A Sul. O Sombreiro, 281)
365. Era pelo menos o que se dizia em Luanda contra o Vasconcelos. (A Sul. O Sombreiro, 281)
366. Como se não soubesse que os homens lhe faziam falta e o material todo estava a ser usado para defender a conquista de Angola. (A Sul. O Sombreiro, 284)
367. O Vasconcelos tinha-o mandado sentar no cadeirão à frente da sua mesa, porque julgava que ele ainda mal se aguentava nas pernas. (A Sul. O Sombreiro, 284)
368. Como se não soubesse que os homens lhe faziam falta e o material todo estava a ser usado para defender a conquista de Angola. (A Sul. O Sombreiro, 284)
369. Os cavalos que Sua Majestade lhe entregou para mos deixar em Benguela e que trouxe para Luanda sem me dar cavaco. (A Sul. O Sombreiro, 284)

370. Ia um jaga connosco, Undu, um dos jovens apresentados a Ebo-Kalunda e que não **me** largava. (A Sul. O Sombreiro, 285)
371. O meu interesse maior era ficar longe dos brancos que **me** assustavam, não me auguravam nada de bom, (A Sul. O Sombreiro, 286)
372. O chefe que **me** propunha trair. (A Sul. O Sombreiro, 290)
373. Mulende não se importou muito, pelo que **me** disse. (A Sul. O Sombreiro, 291)
374. Alguns de nós conseguem, porque eles acham que **lhes** somos fiéis. (A Sul. O Sombreiro, 292)
375. ...ser afastado do sítio onde **se** bebia maluvo. (A Sul. O Sombreiro, 292)
376. Verás, o que eles **te** dão são missangas. (A Sul. O Sombreiro, 292)
377. E quando **lhe** mostrares o sítio, ele não te dá armas, vai te subjugar para trabalhares com os teus homens a apanhar o cobre e ele leva nos barcos para o Puto, a terra dele (A Sul. O Sombreiro, 293)
378. . E eu previa já ali acontecer o que **se** passara no norte. (A Sul. O Sombreiro, 293)
379. A conversa foi longa e só parou quando a noite mais cerrada **se** abatera sobre a povoação. (A Sul. O Sombreiro, 294)
380. Eu e Kandalu ficámos gozando a amizade e os bons tratos de Ebo-Kalunda, **lhe** explicando como os brancos **se** vestiam, comiam, bebiam, combatiam, conspiravam. (A Sul. O Sombreiro, 296)
381. Falei de religião, o que **lhe** fez muita confusão na cabeça, confusão que já tinha trazido de Benguela por ter assistido a uma missa sem nada entender. (A Sul. O Sombreiro, 296)
382. Desapareceu no mar, como da outra vez, corrigi eu, muito supersticioso quando **se** tratava de gente vestida de preto. (A Sul. O Sombreiro, 297)
383. .. e dos barcos saíam os homens sedentos do nosso sangue, comandados pelo demoníaco ser que **nos** governou? (A Sul. O Sombreiro, 299)
384. ... sendo a teimosia e força do capitão Dias Ferreira, o qual **se** mantivera sempre acima das disputas pelo poder (A Sul. O Sombreiro, 300)
385. dizem ser do tamanho de um continente, todos os dias se descobrem novas terras, onde uma pessoa **se** mete e nunca mais é descoberta, levando vida folgada. (A Sul. O Sombreiro, 300)
386. E prometo apanhar o primeiro barco, se o Senhor **mo** permitir, e me mandar para o Brasil, deixando para trás quem quiser ficar ou quem não puder partir. (A Sul. O Sombreiro, 303)
387. Para terminar, eu, Simão de Oliveira, proclamo S. Filipe de Benguela amaldiçoada para a eternidade, pois uma cidade (ou o que **lhe** queiram chamar) criada por tal criatura da corte do demo só pode ser azarada e enfeitiçadora. (A Sul. O Sombreiro, 304)
388. O escrivão convocava-me a Luanda para depor no caso de um escravo fugido e que **se** tinha apresentado a mim de livre vontade. (A Sul. O Sombreiro, 308)
389. Estava só à espera do meu patacho que **se** encontrava ainda em Luanda e devia chegar nesse dia à Corimba com as minhas coisas para embarcarmos tudo e zarparmos. (A Sul. O Sombreiro, 308)
390. — Desapareça antes que **me** trema a mão e **lhe** corte a garganta sem querer. (A Sul. O Sombreiro, 309)
391. Virei-o num repente e pespeguei-lhe um pontapé no traseiro que **o** levou ao chão. (A Sul. O Sombreiro, 309)
392. Enquanto **me** levavam no batel da praia (A Sul. O Sombreiro, 310)
393. Vá lá, honra **lhe** seja feita, o comandante da nau não **me** pôs a ferros, antes me alojou no seu camarote, aqui fica bem enquanto não **se** resolve a pendência. (A Sul. O Sombreiro, 310)
394. ...eis um comandante de navio, pessoa honesta, capacitada, o qual será sempre beneficiado em qualquer negócio onde **me** encontre, (A Sul. O Sombreiro, 311)
395. Desapareça antes que **me** trema a mão e **lhe** corte a garganta sem querer. (A Sul. O Sombreiro, 309)

396. Por uma questão de prudência, enviei à frente os dois padres, que com eles conversaram muito, **os** confessaram e **lhes** deram missa. (A Sul. O Sombreiro, 312)
397. Por uma questão de prudência, enviei à frente os dois padres, que com eles conversaram muito, os confessaram e **lhes** deram missa. (A Sul. O Sombreiro, 312)
398. Eu sabia não ser Sumbe-Ambuela o sítio onde desembarcámos e **se** dizia haver grandes minas. (A Sul. O Sombreiro, 313)
399. Talvez o soba não apreciasse que **lhe** aparecêssemos na costa sem aviso (A Sul. O Sombreiro, 313)
400. Esperei até que a maior parte **se** recompusesse ou fosse de vez visitar as celestiais moradas. (A Sul. O Sombreiro, 314)
401. Em Luanda encontrei o meu velho amigo padre Mateus Cardoso, que antes andava pelos matos a converter almas, bem como o reitor Vogado e demais eclesiásticos, todos muito animados com as notícias que **lhes** trazia da nova conquista. (A Sul. O Sombreiro, 314)
402. ...já anunciada de um ouvidor de nome Fajardo que **lhe** vinha fazer uma sindicância, de cujo Fajardo dizia o velho Gaspar Álvares ser fino como um furão na contabilidade (A Sul. O Sombreiro, 315)
403. El-rei D. Filipe haveria de mostrar a fina barra de cobre na corte e dizer, aquele fidalgo é homem de palavra, nunca **me** enganou e por isso cessem de vez os falatórios e as intrigas, não aceito ouvir mais ninguém com aleivosias e calúnias contra quem tão bem **me** serve. (A Sul. O Sombreiro, 315)
404. - Sempre disse que muita falta **me** fazia um fundidor e um mineiro (A Sul. O Sombreiro, 316)
405. Era incompreensível, satânico mesmo, o que **lhes** tinha sucedido em espaço de meses. (A Sul. O Sombreiro, 317)
406. Para evitar o escândalo e a revolta da população, o bispo despachou o criminoso para a Índia sem mais delongas, ficando a pobre moça entregue às madres do Carmo enquanto **se** não encontrasse solução. (interpolação) (A Sul. O Sombreiro, 317)
407. A solução surgiu quando eu **me** queixei da solidão e de tanta doença. Mandavam Ana para ficar comigo, até eu **lhe** arranjar um bom partido. (A Sul. O Sombreiro, 317)
408. Se de facto **se** fixasse por ali. (A Sul. O Sombreiro, 319)
409. Undu não sabia da existência da nova fortificação, nem **lhe** fora explicado porque Mulende **se** ausentara por duas semanas da capital de Ebo-Kalunda. (A Sul. O Sombreiro, 320)
410. Era sempre o rotineiro, vamos por aqui ou por ali, fazemos isto ou aquilo, não atacamos ou atacamos, se alguém propunha algo que **lhe** desagradasse, lá vinha a missão confiada pelo Grande Jaga, a ameaça de separar a cabeça do corpo e nunca mais renascer, (A Sul. O Sombreiro, 323)
411. Todos os outros estavam espantados, o motivo era uma banalidade ridícula, mas quando dois jovens **se** põem à luta assim, o motivo não conta para nada. (A Sul. O Sombreiro, 325)
412. Foi nessa altura que Carlos Rocha **lhe** segredou, uma noite: (A Sul. O Sombreiro, 327)
413. ...e da outra mergulhando no rio e apanhando o filho só **porque** um remoinho nas águas **lhe** pareceu um jacaré, ou estória parecida observada no kimbo dos sumbes. (A Sul. O Sombreiro, 327)
414. Esse filho para ela deixara de ser um estorvo de que **se** deve rapidamente desembaraçar, se tornara uma presença desejada. (A Sul. O Sombreiro, 327)
415. Já ouvia vozes gritadas em português quando **se** foi aproximando da caverna, os ramos atrás a apagar as suas próprias pegadas e colocados em seguida na entrada. (A Sul. O Sombreiro, 328)
416. Como **se** passavam as coisas, ele poderia estar presente no parto e impedir que estrangulassem o recém-nascido. (A Sul. O Sombreiro, 329)
417. Mandou-me a mim e aquele que **nos** acompanhou a Sumbe-Ambuela, sabes de quem falo... (A Sul. O Sombreiro, 330)

418. Já era uma sorte saber existir um cordão umbilical, que as tradições mandam enterrar em sítios especiais, pois é muito perigoso que algum feiticeiro dele **se** apodere. (A Sul. O Sombreiro, 331)
419. Só aqui não estava, como **se** apressariam as mulheres a explicar ao recém-chegado, um bebé sobrevivera. (A Sul. O Sombreiro, 333)
420. Como queriam descobrir as minas se não obedeciam ao rei e **lhe** facilitavam tropas? (A Sul. O Sombreiro, 339)
421. O governador de Angola que **se** apoderasse do que restava em Benguela e avançasse para as terras dos sumbes a explorar o cobre. (A Sul. O Sombreiro, 340)
422. Era cedo para juntar as duas conquistas, um trabalho ciclópico, embora **se** tratasse de excelente ideia para o futuro. (A Sul. O Sombreiro, 340)
423. ..seu projeto entrar na ordem prestigiada, por conseguinte pedia que **lhe** fizessem noviço, em troca de toda a sua fortuna, no meando a Companhia como único herdeiro. (A Sul. O Sombreiro, 343)
424. A intenção era contarem na corte o que **se** passava em Angola, para o que deviam apanhar o primeiro barco com destino à Europa, pois naus nunca faltavam no Pinda (A Sul. O Sombreiro, 342)
425. — Apenas quero que **me** entregue o traidor Gaspar Álvares, que os meus homens viram entrar aqui ontem. (A Sul. O Sombreiro, 345)
426. Cerveira Pereira não sabia mais na altura, mas hoje podemos acrescentar à cena que o dito governador João Correia de Sousa teve intuição do que **lhe** podia acontecer (A Sul. O Sombreiro, 347)
427. Carlos Rocha já estava habituado a correr riscos, embora não **se** considerasse um homem de ação, muito menos um guerreiro. (A Sul. O Sombreiro, 349)
428. ...com uma cruz em cima, e outra casa maior ainda, também de pau-a-pique, mas com duas torres pequenas onde **se** acoitavam sentinelas. (A Sul. O Sombreiro, 349)
429. Os jagas, se foram atrás deles, acabaram por lhes perder o rasto a sul e nunca pensariam que eles afinal **se** tinham voltado a aproximar do Kikombo. (A Sul. O Sombreiro, 350)
430. Por isso aceitara alterar os planos, quando fugiu do grupo de jagas e **se** meteu com Kandalu e o bebé pelos morros, enquanto Mulende fugia para norte, (A Sul. O Sombreiro, 349)
431. De facto, não sabem o que aconteceu com o grupo de guerreiros, o certo é que na época mais ou menos calculada, **lhes** apareceu na gruta o amigo Mulende, cansado e magro, mas satisfeito. (A Sul. O Sombreiro, 350)
432. Estava alegre como quando **se** conheceram em Caxinde, feliz por ser mãe. (A Sul. O Sombreiro, 351)
433. Foi atacado pelo governador Cerveira, aquele mesmo vestido de negro que **te** avisaram fica longe dele... (A Sul. O Sombreiro, 352)
434. ...depois saía um líquido grosso, de que **se** fazem os braceletes e pulseiras (A Sul. O Sombreiro, 253)
435. Com tanto onjiri e golungo e mbambi, não faltavam de certeza leões e onças, pois onde está o capim está o cabrito, como **se** diz, mas de dia os predadores dormiam nas sombras. (A Sul. O Sombreiro, 354)
436. Agora precisavam apenas de permanecer com relativa segurança, longe dos jagas de Imbe Kalandula e, sobretudo, longe daquele fantasma vestido de negro que **lhes** roçava pelo nariz sem o sentirem. (A Sul. O Sombreiro, 355)
437. Acabariam por divisar, em dias de céu limpo, onde **se** situavam as duas pequenas torres de vigia da fortaleza de Benguela. (A Sul. O Sombreiro, 355)
438. Levaram-nos a conhecer o soba do local, o tal Peringue, que afinal já não era o mesmo que **se** submetera a Cerveira Pereira mas um seu descendente. (A Sul. O Sombreiro, 356)

439. Depois de novo o mujimbo redentor, o governador partiu na Luanda mais as duas mulheres dele, muito marreco e a tropeçar nas botas, ia esquecendo a espada em casa, o padre é que **lha** deu. (A Sul. O Sombreiro, 357)
440. Para este livro, utilizei várias fontes, mas destaco apenas as que mais **me** ajudaram (A Sul. O Sombreiro, 359)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

0 ocorrências

6. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, sem proclisadores

6.1. Verbo no infinitivo

6.1.1. Próclise

1. O vigário voltou a **se** servir do maluco. (A Sul. O Sombreiro, 24)
2. A um certo momento, os rapazes não sabiam ou queriam **se** defender, achavam serem nojentos, fracos, estúpidos, não havia ninguém mais asqueroso que eles no mundo (A Sul. O Sombreiro, 31)
3. Quis **se** virar para mim, tentou bater com a mão peluda, mas eu usava punhal. (A Sul. O Sombreiro, 31)
4. Tinha a idade, podia **se** oferecer para o exército, sempre com falta de gente para conquistar o interior e as sonhadas minas de prata. (A Sul. O Sombreiro, 33)
5. O tendala seria um bom protetor, em gente de António Dias Mossungo nem o próprio Manuel Cerveira Pereira se atreveria a tocar. O tendala não só tinha mais homens, como podia facilmente **se** diluir na selva e aparecer em aliança com os terríveis jagas, (A Sul. O Sombreiro, 34)
6. O negócio podia **se** fechar a qualquer momento. (A Sul. O Sombreiro, 36)
7. Outra era **se** meter pelo mato e caçar elefantes. (A Sul. O Sombreiro, 36)
8. Sabia atirar com mosquete, mesmo arcabuz, e conhecia caçadores com quem **se** associar. (A Sul. O Sombreiro, 36)
9. O primeiro poço cavado se chamou maianga do rei, supondo Carlos Rocha **se** tratar de honra devida ao rei de Portugal. (A Sul. O Sombreiro, 37)
10. sendo dono de várias caravanas, Gaspar doava ao colégio na cidade, para que os nossos amigos da Companhia de Jesus pudessem **se** dedicar sem cuidados ao ensino. (A Sul. O Sombreiro, 48)
11. Diziam **se** contar por milhares e não centenas os inimigos mortos. (A Sul. O Sombreiro, 49)
12. Formada por raízes de plantas aquáticas se embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia **se** ter desprendido do seu solo original. (A Sul. O Sombreiro, 58)
13. A culpa é da mãe, sempre a **lhe** meter ideias na cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 62)

14. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem me ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou **me** dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América... (A Sul. O Sombreiro, 67)
15. O meu pai até corou ao **me** contar estas últimas palavras do governador e me pedia mudamente perdão. (A Sul. O Sombreiro, 86)
16. Carlos Rocha nunca descobria como ele fazia aquilo, nem os do kimbo, mas acreditava que ia **se** encontrar com uma mulher, nem sempre a mesma. (A Sul. O Sombreiro, 100)
17. Pode **se** dizer, era um fanático. (A Sul. O Sombreiro, 118)
18. Se ele morrer, já tem alguma riqueza para pagar o funeral e não **lhe** acontecer nada a si nem aos manos. (A Sul. O Sombreiro, 146)
19. Prometeu **lhe** pagar uns copos por essa informação? (A Sul. O Sombreiro, 155)
20. O escrivão poderia **se** perder pelos matos do Brasil, ir mais a sul para território espanhol ou até para outra parte do mundo torrar a fazenda respeitável e ninguém descobriria o seu rasto. (A Sul. O Sombreiro, 161)
21. Foi então por ele proferida a frase que, devidamente retocada e traduzida, viria a **se** tomar célebre noutras bocas e circunstâncias: (A Sul. O Sombreiro, 164)
22. Eu entrava e sentia logo me puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a **me** gritar... (A Sul. O Sombreiro, 172)
23. **Se** meter entre os dois poderes será aconselhável? (A Sul. O Sombreiro, 173)
24. E da única vez que viu o governador Cerveira, ficou completamente transtornado, gritou para Carlos, ele pode **te** fazer mal, ele pode te fazer mal, a velha tem razão. (A Sul. O Sombreiro, 175)
25. Não falava com eles nem os entendia, nada disso, mas frequentemente parecia **lhes** adivinhar os movimentos. (A Sul. O Sombreiro, 175)
26. Ainda nem tivera tempo para chorar saudades de Luanda e já o dono **lhe** dizia, vamos **nos** entregar na bocarra daquele canibal do Kalandula. (A Sul. O Sombreiro, 176)
27. Sei é que eles vão **te** comer e a mim também. (A Sul. O Sombreiro, 176)
28. Seria preferível tentar entrar uma terceira vez no forte de Muxima, **se** babar e ter convulsões, aí ao menos poderia **se** habituar. (A Sul. O Sombreiro, 180)
29. Ficaram assim sabendo **se** tratar de um grupo de reconhecimento que chegara mesmo ao rio Kwanza para contactar grupos da margem oposta. (A Sul. O Sombreiro, 181)
30. Nem tinha sequer a certeza de estar no grupo certo, pois podia **se** tratar de chefias diferentes. (A Sul. O Sombreiro, 181)
31. Vão **nos** comer. (A Sul. O Sombreiro, 183)
32. Quando o Grande Jaga viesse devia **se** prosternar em sinal de respeito. (A Sul. O Sombreiro, 187)
33. — Se eu encontrar os ossos, talvez vão **te** respeitar mais. (A Sul. O Sombreiro, 190)
34. A coisa deve ser séria para este branco de cor preta vir arriscar **me** encontrar. (A Sul. O Sombreiro, 191)
35. **Me** disse, ia **se** encontrar com jagas da margem direita do Kwanza, muito ativos a kanzar peças para as vender aos portugueses de Massangano e Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 197)
36. — Podes **me** pedir emprestada ao meu tio. (A Sul. O Sombreiro, 199)
37. Kandalu foi **lhes** levar a comida que guardara. (A Sul. O Sombreiro, 206)
38. Não conseguimos informações, mas aquele caminho vai **nos** levar para outro kimbo e está na direção que **me** interessa. (A Sul. O Sombreiro, 207)
39. — Amanhã vou **lhe** falar e esclarecer tudo. (A Sul. O Sombreiro, 207)
40. Tinha conseguido vencer uma batalha, **me** desviar de um escolha importante, motivo de satisfação. (A Sul. O Sombreiro, 208)

41. De uma vez, ele ousou **lhe** apertar o braço numa discussão e levou logo uma palmada no peito, afastando qualquer intimidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 209)
42. Podia **se** lembrar de algumas cenas, embora não quisesse. (*A Sul. O Sombreiro*, 210)
43. ... o tempo que quiseses, mas vou **te** bater onde mais dói. (*A Sul. O Sombreiro*, 214)
44. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco **lhe** interessavam, e **lhe** trazer quantidade de homens de armas e mantimentos, para refazer o que se ia esgotando por morte ou consumo em Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 223)
45. Os pumbeiros e os seus patrões podem **se** estabelecer em Benguela e continuarem com os negócios aqui, como os do Kongo fazem em Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 224)
46. Mulende lamentava, o meu amo é louco, vai **se** meter na boca das feras, também não é a primeira vez. (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
47. Queria apenas atravessar o território e **se** estabelecer num sítio chamado Kikombo, à beira de um rio de nome Kubal. (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
48. Preferi **me** apresentar sozinho ao mais-velho venerável para não ofender os espíritos do kimbo com a minha falta de respeito. (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
49. — Não pode **nos** manter neste atoleiro de morte lenta, no meio destes pântanos, com fome e sede. (*A Sul. O Sombreiro*, 248)
50. Levou também uma carta ao governador de Angola, intimando-o a **lhe** despachar sem perda de tempo as tropas e mantimentos ordenados pelo rei. (*A Sul. O Sombreiro*, 250)
51. Seria rebaixamento exagerado **lhe** honrar com um abraço. (*A Sul. O Sombreiro*, 252)
52. Ao ponto de esquecer tomar os evitantes, que certamente serão úteis para quem não quer **se** chatear com gravidezes. (*A Sul. O Sombreiro*, 287)
53. — Eu julgava ia **te** dar uma grande novidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 287)
54. Por isso não posso arriscar chegar a Luanda e **me** sair da batina um bispo mancomunado com os nossos inimigos. (*A Sul. O Sombreiro*, 300)
55. — Eles vão **vos** descobrir. (*A Sul. O Sombreiro*, 328)
56. O bebé estava limpo e Kafeka ia **se** inclinar para ele quando Rocha deu o segundo bote. (*A Sul. O Sombreiro*, 331)
57. E Kandalu precisa **se** alimentar muito. (*A Sul. O Sombreiro*, 334)
58. Em caso de perigo, podiam **se** esconder com facilidade, desde que evitassem deixar vestígios da sua presença fora, junto do imbondeiro, onde viveriam mais tempo. (*A Sul. O Sombreiro*, 355)
59. Esses só queriam **se** perder nos matos. (*A Sul. O Sombreiro*, 31)
60. Todos diziam **se** tratar da justiça de el-rei, mas isso era uma imagem, interesses dos conquistadores, defendidos pelos ouvidores e outros juízes. (*A Sul. O Sombreiro*, 102)
61. Andrew Battell conseguiu descer o rio Bengo sem percalços e na foz encontrou o comandante de um patacho português seu conhecido, o qual aceitou **lhe** dar boleia até ao reino do Loango, a norte do Kongo (*A Sul. O Sombreiro*, 103)
62. Mbombe foi mais prático, embora discordando compreendeu a ideia, vou atrás sem dar nas vistas e **me** esconder para observar como tudo corre. (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
63. *Lhes* disse estou morar sozinho, fugi dos jagas que queriam **me** matar. (*A Sul. O Sombreiro*, 353)
64. Além de estar sempre a **me** mandar fazer os trabalhos mais complicados, tal vez porque **lhe** irritava eu saber escrever enquanto ele, analfabeto de várias gerações, não distinguia o ponto do traço, deu de embirrar e gritar por tudo e por nada. (*A Sul. O Sombreiro*, 30)

65. Carlos Rocha nasceu portanto no sítio onde começava dificilmente a se erguer a cidade de São Paulo de Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 32)
66. Ou do governador Cerveira Pereira, que tinha entrevisto uma vez na vila de Luanda, muito direito, com uma espada a lhe bater na coxa esquerda e aquele andar estranho de quem finge não coxear. (A Sul. O Sombreiro, 52)
67. A culpa é da mãe, sempre a lhe meter ideias na cabeça. (A Sul. O Sombreiro, 62)
68. O inglês voltou a lhe bater no ombro, pelos vistos era gesto habitual nele. (A Sul. O Sombreiro, 96)
69. Depois o sô governador chegou, eles estavam a se despedir. (A Sul. O Sombreiro, 130)
70. Olharam descoroçoados para Carlos, mudos perguntando, estás a nos trair? (A Sul. O Sombreiro, 149)
71. Em Luanda tentara se informar de barcos indo para o sul, mas não havia perspectivas a breve prazo. (A Sul. O Sombreiro, 168)
72. Eu entrava e sentia logo me puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a me gritar... (A Sul. O Sombreiro, 172)
73. A bela Margarida também podia acrescentar ao luto do pai o luto pelo marido, pois o Malaquias não ia se safar. (A Sul. O Sombreiro, 276)
74. — Mas vocês estão a me fazer perder tempo, a andar para trás. (A Sul. O Sombreiro, 183)
75. Mas nunca chegavam a se embebedar realmente, coisa tão frequente nos jovens de outros povos. (A Sul. O Sombreiro, 186)
76. Nem sequer um feiticeiro veio se saracotear a afastar maus espíritos, o mínimo de ritual para qualquer soba que se preze receber visitas. (A Sul. O Sombreiro, 188)
77. Eu estava embeijado pelos modos aguerridos de Kandalu, afinal até tinha sido ela a me escolher, e adorava quando se zangava porque sabia que de pois haveria quente reconciliação. (A Sul. O Sombreiro, 195)
78. Finge que é muito fraco, finge estar doente, para ver quem é que começa a se pôr demasiado de pé. (A Sul. O Sombreiro, 198)
79. E eu fico a morder-me de ciúmes e a me acusar de ser um fraco que nem a soube guardar. (A Sul. O Sombreiro, 197)
80. Resolvi não dizer nada, só ajudá-la a se aprontar. (A Sul. O Sombreiro, 203)
81. Por isso ia escrevendo ao rei, dando conta dos seus sucessos militares, que os teve, derrotando alguns sobas menores que ousaram antes se revoltar, mas, como sempre insistia em afirmar ao soberano, (A Sul. O Sombreiro, 222)
82. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco lhe interessavam, e lhe trazer quantidade de homens de armas e mantimentos, para refazer o que se ia esgotando por morte ou consumo em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 223)
83. Nzoji, por seu lado, começava a se arrepender de ter escolhido o barco errado. (A Sul. O Sombreiro, 237)
84. Quando devia se rebolar de raiva, agora como vamos fazer, não sabias evitar? (A Sul. O Sombreiro, 246)
85. — Não pode nos manter neste atoleiro de morte lenta, no meio destes pântanos, com fome e sede. (A Sul. O Sombreiro, 248)
86. Estava a tarde a se aproximar do fim quando aparece, igualmente apressado (A Sul. O Sombreiro, 309)
87. Tudo começara quando resolveu forçar o rei do Kongo a lhe indicar o local das almejadas minas de cobre.. (A Sul. O Sombreiro, 342)

88. Carlos também, ao **lhe** fazer festas enquanto conversavam, mas levava para outro lado. (*A Sul. O Sombreiro*, 244)
89. Uma parte comprei, outra me fiaram, portanto. Deve ter sido isso que pôs furioso o governador Luís Mendes de Vasconcelos, vendo toda a comida **lhe** sair da cidade para a Corimba apoiando a reconquista de Benguela, (*A Sul. O Sombreiro*, 308)
90. Uma vantagem suplementar para quem queria **se** estabelecer: avançando um pouco com o rio.. (*A Sul. O Sombreiro*, 355)

6.1.2. Ênclise

1. *Ao menos, o Deus verdadeiro dizia e obrigou a gravá-lo em fogo na pedra, quem com ferro mata com ferro morre, olho por olho, dente por dente.* (*A Sul. O Sombreiro*, 8)
2. Assim é que é falar, nada de lamechices e perdões sem sentido, quem tem poder, poder a sério, sabe usá-lo com fúria, com rancor, sem perdão. (*A Sul. O Sombreiro*, 8)
3. Não posso defender em público ideias religiosas tão perigosas como as que acabo de expor, apenas guardá-las nos recessos do silêncio temeroso, como fizeram o meu avô e o meu pai... (*A Sul. O Sombreiro*, 8)
4. Manuel Cerveira Pereira fingiu não reparar na hipocrisia e respondeu ser normal fazê-lo. (*A Sul. O Sombreiro*, 18)
5. Tenho um pedido a fazer-lhe, senhor vigário. (*A Sul. O Sombreiro*, 21)
6. Se o bispo o manda embora, mesmo cumprindo ordens do paço, o padre Peres pode acusá-lo de perseguição por causa da Inês. (*A Sul. O Sombreiro*, 26)
7. Caçar elefantes ao menos não levantava dúvidas teológicas, era só matar bichos e ficar-lhes com as presas, (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
8. Podia levá-lo, o escravo era seu. (*A Sul. O Sombreiro*, 36)
9. Por isso ele era o único a ousar dialogar com o inglês e até mesmo a interromper-me, se **lhe** apetecesse. (*A Sul. O Sombreiro*, 48)
10. De um flanco tem uma aldeia, mas nós vamos só cumprimentá-los e depois fazemos uma cubata do outro lado, para ficarmos isolados. (*A Sul. O Sombreiro*, 55)
11. Por isso o convidei a acompanhar-me à cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 68)
12. Pode tê-lo matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
13. Aceitou vender-nos escravos. (*A Sul. O Sombreiro*, 46)
14. Estou velho demais senão ia mesmo apanhá-lo lá para o castigar. (*A Sul. O Sombreiro*, 62)
15. Sua Majestade quer impedir-nos de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em **lhes** pôr luz nas cabeças duras. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
16. Vai esconder-se debaixo das saias da primeira mulher que encontrar, talvez da degredada Inês, a qual tem passado em casa dele várias noites, desde que o judeu disfarçado de padre **se** foi embora. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
17. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-se em assuntos tão escabrosos. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
18. Bem basta o que dizem de mim, porquê arranjar pendência também com o inglês, por muito bom soldado que seja e muito **me** conviesse guardá-lo aqui? (*A Sul. O Sombreiro*, 68)

19. Não posso negar-lhe a petição, sem ficar mal visto. (A Sul. O Sombreiro, 68)
20. Por isso o convidei a acompanhar-me à cidade. (A Sul. O Sombreiro, 68)
21. Por exemplo, os meus amigos jesuítas avisaram-me logo que voltei à cidade. Se preparava mudança no governo e há um governador nomeado para vir para Luanda substituir-me. (A Sul. O Sombreiro, 68)
22. E poucos sabem o que andam a fazer, se não forem os bacharéis a aconselhá-los (A Sul. O Sombreiro, 72)
23. Não disse nada, e podia tê-lo chamado à razão, mas memorizei a ousadia. (A Sul. O Sombreiro, 74)
24. Mas passou a dizer-lhe respeito diretamente quando falei de novo como conclusão: (A Sul. O Sombreiro, 76)
25. Por um lado, queria mandar-me à merda ou a partes ainda mais ruins, por outro, tinha aprendido a respeitar a autoridade e instintivamente se retraía. (A Sul. O Sombreiro, 76)
26. Vi-o levantar-se devagar, o chapéu a rodar entre as mãos, a cabeça em exercícios rápidos de raciocínio. (A Sul. O Sombreiro, 76)
27. Resolvi alterar-lhe os planos, até mais ver. (A Sul. O Sombreiro, 78)
28. Podia dedicar-me à suave Margarida. (A Sul. O Sombreiro, 78)
29. Outra, horrível e achincalhante, afirma ter-se afogado no rio com pouco caudal, como o são os raros do norte de África, mas a armadura de cavaleiro era tão pesada que não se pôde levantar do chão e morreu na pouca água. (A Sul. O Sombreiro, 82)
30. Os outros argumentavam, o sofrimento e o ar seco do deserto fazem envelhecer prematuramente, não há dúvidas que é o nosso rei, basta ouvi-lo. (A Sul. O Sombreiro, 83)
31. Vou mandá-lo para o Brasil, sim, porque é o primeiro navio que daqui sai, sorte dele não ser despachado para a Malásia, apenas porque não há um próximo barco a partir para lá. (A Sul. O Sombreiro, 86)
32. Podiam chamar-lhe batei e não ficava mal para nome de um marinheiro. (A Sul. O Sombreiro, 98)
33. Por vezes, no entanto, é preciso dar lições a estes negros boçais e fazer-lhes guerra dura. (A Sul. O Sombreiro, 105)
34. Outros sindicantes vêm apresentar-se ao chegar, até Filipe Butaca o fez, embora de forma desajeitada. (A Sul. O Sombreiro, 108)
35. Baixam os olhos, os cornudos. Bem posso gabar-me, há cerca de cinquenta mulheres casadas em Luanda e dessas já alcancei metade. (A Sul. O Sombreiro, 109)
36. Um destes dias, vou lembrar-me do assunto, para comprovar o seu valor militar. (A Sul. O Sombreiro, 109)
37. Não temos forças para reparar e aumentar o forte e até nem seria prudente, pois os kissamas iam interpretar as obras como uma provocação e atacá-lo. (A Sul. O Sombreiro, 109)
38. Atrás de mim caminhavam dois soldados, não tanto para proteção, pois não preciso, sei muito bem proteger-me, graças a Deus. (A Sul. O Sombreiro, 110)
39. Parei o cavalo mesmo à frente deles, curioso por ver a atitude do tal bacharel, forçado a apresentar-se ou a ser apresentado. (A Sul. O Sombreiro, 111)
40. O vigário devia benzer-se três vezes antes e depois de entrar no templo dos jesuítas, como se faz para afastar o Maligno, escapei do inferno. (A Sul. O Sombreiro, 111)
41. — Posso oferecer-lhe uma bebida, senhor governador? (A Sul. O Sombreiro, 113)
42. — Vim inteirar-me do andamento das obras. (A Sul. O Sombreiro, 113)
43. Mas devo dizer, o trabalho está a avançar, estamos todos muito contentes e esperançados que possamos mudar-nos no Natal. (A Sul. O Sombreiro, 113)
44. Não se lembrou de ir apresentar-se ao governador, estava à espera de maior avanço no trabalho. (A Sul. O Sombreiro, 114)
45. Ao despedir-me, atirei assim como por acaso: (A Sul. O Sombreiro, 115)
46. Poderia arrasá-lo depois da fundação de Kambambe (A Sul. O Sombreiro, 118)

47. Mas é importante diminuí-lo exatamente onde parece ser o seu ponto forte, a capacidade militar. (A Sul. O Sombreiro, 119)
48. Os restantes frades quiseram retê-lo, a noite vai cair e temos de rezar. (A Sul. O Sombreiro, 124)
49. E podemos encontrar-nos na casa de um ou de outro, ou numa taberna ao pé do porto, faz bem para desentorpecer as pernas. (A Sul. O Sombreiro, 126)
50. O colono reparou nele por isso mesmo e começou a usá-lo para recados e pequenos trabalhos dentro de casa. (A Sul. O Sombreiro, 128)
51. Como espiar a casa de um inimigo ou segui-lo pelo mato ou pela cidade, sem ser notado. (A Sul. O Sombreiro, 128)
52. Nzoji meteu conversa com uma das escravas dele, a qual, a rir, lhe contou ter o dono um grande parceiro na bebida do maluvo, ela costuma servi-los do moringue. (A Sul. O Sombreiro, 133)
53. E só lá poderei ir se vier outro governador render-me no posto. (A Sul. O Sombreiro, 135)
54. Nem me deixou sentar à mesa. Fiquei de pé. Gaspar Álvares, vendo a minha situação, levantou-se e tentou abraçar-me. (A Sul. O Sombreiro, 139)
55. Várias vezes quis castigá-lo a sério, sacudir a mangonha, mas não se sentia capaz de exercer violência sobre o jovem e o escravo abusava da sua benevolência quase fraternal. (A Sul. O Sombreiro, 144)
56. Ia dirigir-se primeiro a Mulende, que se encolheu em desespero, pois percebia toda a conversa, diferentemente dos outros escravos, só competentes em kimbundo, (A Sul. O Sombreiro, 148)
57. O rapaz preferiu não enfrentar a desilusão na face deles, evitando fitá-los. (A Sul. O Sombreiro, 149)
58. Mas essa informação pode ser-lhe útil. (A Sul. O Sombreiro, 154)
59. — Escusa de se aborrecer, juro não ter sido minha intenção maçá-lo. (A Sul. O Sombreiro, 155)
60. Apenas me pareceu correto ser-lhe útil. (A Sul. O Sombreiro, 155)
61. Teve de ceder e deixá-los sozinhos na exígua sala de visitas, Pedro Sousa não só era sacerdote como superior dos jesuítas, (A Sul. O Sombreiro, 159)
62. Ele vai recordar-se, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. E conte da minha triste situação, por uma conspiração dos inimigos de Sua Majestade, dos que querem ainda hoje um rei português, mesmo sendo filho de judia como esse E venha regularmente contar-me o que se passa (A Sul. O Sombreiro, 162)
63. Embora sem saber porque seguiu o desejo de Mulende, pediu aos kaxikos, vamos levá-lo para fora. (A Sul. O Sombreiro, 170)
64. O chefe ia conduzi-los a alguém mais poderoso. (A Sul. O Sombreiro, 180)
65. Só mesmo a argumentação podia salvá-los. (A Sul. O Sombreiro, 181)
66. Se limitou a aceitar o mosquete e colocá-lo ao ombro. Olhou Mulende, renascido. (A Sul. O Sombreiro, 185)
67. O povo todo veio esperá-los na tal avenida larga ladeada por palmeiras gigantes, apenas com um tufo de penas lá em cima. (A Sul. O Sombreiro, 186)
68. — Bem, venho contar-te um segredo e propor-te um negócio. (A Sul. O Sombreiro, 188)
69. Enganá-los... Mas não ia dar certo, eles são desconfiados. (A Sul. O Sombreiro, 191)
70. Não estava muito disposto a deixá-la e passar para outra, (A Sul. O Sombreiro, 195)
71. E como arranjar um escravo, se de facto me decidisse a oferecê-lo? (A Sul. O Sombreiro, 196)
72. Outra era participar dele, financiá-lo mesmo. (A Sul. O Sombreiro, 199)
73. De vez em quando me parecia vê-la ter um estremecimento, mas podia ser provocado pelo trilha que ia sendo talhado à sua frente. (A Sul. O Sombreiro, 202)

74. Nós estacámos e depois de tentar reanimar a minha mulher, resolvi levá -la para baixo. (A Sul. O Sombreiro, 202)
75. Levantou, vamos apanhá-los. (A Sul. O Sombreiro, 204)
76. Afrontar um grupo de guerreiros jagas, dizer-lhes que não iam comer os seus inimigos, pitéu sempre esperado? (A Sul. O Sombreiro, 205)
77. E pode tê-la educado de forma diversa, mesmo se involuntariamente. (A Sul. O Sombreiro, 211)
78. Furioso com a decisão do vice-rei, o rei mandou o arcebispo soltá-lo, tendo usado na ordem de soltura linguagem quase de carroceiro (A Sul. O Sombreiro, 212)
79. Lhe disse baixo, em conselho paternal, saia já daí e vá sentar-se no banco como os outros, (A Sul. O Sombreiro, 214)
80. Porém o vigário, se arrogando o direito de mostrar ser a face mais distinta da Igreja em Angola, a qual de facto representava, queria prová-lo a todos de forma indiscutível, (A Sul. O Sombreiro, 214)
81. Pode haver tráfico a partir de Benguela e manter-se o comércio a partir daqui e cada vez mais forte. (A Sul. O Sombreiro, 223)
82. Na corte tinha sido fácil encontrá-las. (A Sul. O Sombreiro, 247)
83. Tentou primeiro impedir-me de vender os escravos, exigindo depois uma taxa especial. (A Sul. O Sombreiro, 250)
84. Convidou Ebo-Kalunda a descansar mais uns dias e voltar ao seu sobado com alguns presentes, ele iria visitá-lo na melhor altura a Sumbe-Ambuela. (A Sul. O Sombreiro, 254)
85. Conto instalar-me aqui com a minha gente. (A Sul. O Sombreiro, 263)
86. — Chama a tua gente. Quero vê-los. (A Sul. O Sombreiro, 265)
87. E vai visitar-me à libata. (A Sul. O Sombreiro, 266)
88. Vem visitar-me, não deixes o pó as sentar no meu caminho. (A Sul. O Sombreiro, 266)
89. Mas Carlos mandou repô-las de novo nos seus lugares, para não revelar a presença alheia aos donos delas. (A Sul. O Sombreiro, 261)
90. É verdade tratar-se de Manuel Cerveira Pereira? (A Sul. O Sombreiro, 274)
91. — Posso ir vê-lo? (A Sul. O Sombreiro, 274)
92. Também não sabia se de facto estariam a caminho as duas sobrinhas da esposa, como esta lhe confiou em carta recebida ainda em Benguela, as quais poderiam distraí-lo um pouco na sua solidão de velho, (A Sul. O Sombreiro, 279)
93. Estava agora arrependido da deferência, devia tê-lo deixado de pé, como um suplicante qualquer. (A Sul. O Sombreiro, 284)
94. Sim, porque seria muito fácil deixá-lo sem assistência mais um tempo, pouco faltava para ele se finar de vez. (A Sul. O Sombreiro, 284)
95. Vou levá-la comigo até à libata do chefe, para ver como é um kimbo normal, não de jagas. (A Sul. O Sombreiro, 289)
96. .. Podia ter-me nomeado ca pelão do barco, até tinha autoridade, para isso era vigário em Benguela. (A Sul. O Sombreiro, 300)
97. Cheguei a vigário com muita luta e contra a vontade do governador, claro, vislumbrando com o cargo poder defender-me dele. (A Sul. O Sombreiro, 300)
98. Em vez de ficar com o escravo, deveria entregá-lo ao legítimo dono, um Diego qualquer. (A Sul. O Sombreiro, 308)
99. O escrivão devia achar-se pessoa de muita importância pois teve a ousadia de insistir e de maus modos, quase com ameaças. (A Sul. O Sombreiro, 308)
100. Não tive alternativa senão obrigá-lo a ponderar a sua falta de educação. (A Sul. O Sombreiro, 308)
101. Que prazer vê-lo esturricar numa fogueira da Santa Inquisição! Mas estávamos em Luanda... (A Sul. O Sombreiro, 309)

102. Fique sabendo, Luís Mendes mandou esfaqueá-lo e o capitão Morales recusou, que não viera de Luanda para isso. (A Sul. O Sombreiro, 310)
103. Mais tarde soube, o reitor dos jesuítas foi falar ao governador, apontando-lhe o dedo, está a pôr em perigo uma conquista apenas por despeito, já é altura de deixar Cerveira Pereira ir cumprir a missão pelo rei confiada, isto vai saber-se na corte, (A Sul. O Sombreiro, 310)
104. A alguns vi na cidade e o governador Vasconcelos nunca aceitou prendê-los para mos entregar, acobertava desertores e traidores só para me prejudicar. (A Sul. O Sombreiro, 311)
105. Era pouca coisa, uma miséria, mas com determinação pode vencer-se qualquer batalha. (A Sul. O Sombreiro, 312)
106. Contra tantas atribulações, muito deveria regozijar-me e agradecer a Deus por ainda não ter embarcado com Caronte. (A Sul. O Sombreiro, 318)
107. Percebendo o gesto, ela ia ajudá-lo a guardar o filho, dando o passo necessário? (A Sul. O Sombreiro, 331)
108. Ou então não acreditaram, pois devem tê-los visto passar para o interior, quando procuravam poiso seguro. (A Sul. O Sombreiro, 356)
109. E será difícil depois resgatar-te da triste condição de escravo. (A Sul. O Sombreiro, 33)
110. E Kalando, como *lhe* chamava para abreviar o nome, começou a deixar-me andar mais solto, apenas com um homem a tomar conta. (A Sul. O Sombreiro, 47)
111. Bem basta o que dizem de mim, porquê arranjar pendência também com o inglês, por muito bom soldado que seja e muito *me* conviesse guardá-lo aqui? (A Sul. O Sombreiro, 68)
112. Por isso ele era o único a ousar dialogar com o inglês e até mesmo a interromper-me, se *lhe* apetecesse. (A Sul. O Sombreiro, 48)
113. Não posso negar-lhe a petição, sem ficar mal visto. (A Sul. O Sombreiro, 68)
114. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-se em assuntos tão escabrosos. (A Sul. O Sombreiro, 67)
115. por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e começou a bater-lhe, para ver se o Jerónimo confessava. (A Sul. O Sombreiro, 69)
116. — Sua Majestade tem todas as razões para confiar em mim e não é um bacharel qualquer que vem ditar-me ordens. (A Sul. O Sombreiro, 70)
117. Em vez de responder a uma pergunta direta como *lhe* fiz, fica satisfeito se eu prender o seu escrivão, não é que o velhaco vem lembrar-me que eu não tinha respondido à sua pergunta, anterior à minha? (A Sul. O Sombreiro, 71)
118. ...e ou a senhora *me* explica tudo agora ou esse filho que tem no ventre não vai ficar vivo porque vou tirá-lo com este punhal (A Sul. O Sombreiro, 88)
119. Enquanto você está a negociar, estou eu no mato a regalar-me... (A Sul. O Sombreiro, 100)
120. — Estava a referir-me a atividades profanas. (A Sul. O Sombreiro, 115)
121. Veio a saber-se que era um escravo fugido nessa noite de uma herdade próxima, tão cansado de ter corrido durante toda a noite que não teve força de evitar o cavalo do rei. (A Sul. O Sombreiro, 137)
122. Não posso negar-lhe a petição, sem ficar mal visto. (A Sul. O Sombreiro, 68)
123. Só cercá-los para que não se escapem e espalhem por aí. (A Sul. O Sombreiro, 205)
124. por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e começou a bater-lhe, para ver se o Jerónimo confessava. (A Sul. O Sombreiro, 69)
125. O mais certo é ele ter alguém a vigiar-nos. (A Sul. O Sombreiro, 126)
126. Que eu não posso gabar-me de ter seduzido a bela deusa fortuna. (A Sul. O Sombreiro, 135)
127. Gaspar Álvares foi o primeiro dos meus amigos a conseguir visitar-me. (A Sul. O Sombreiro, 139)
128. E eu fico a morder-me de ciúmes e a *me* acusar de ser um fraco que nem a soube guardar. (A Sul. O Sombreiro, 197)

129. Pior que perdê-la devia ser o remorso de não ter feito tudo para a merecer. (A Sul. O Sombreiro, 197)
130. Tinha de partir e não queria deixá-la. (A Sul. O Sombreiro, 199)
131. O empréstimo não tinha prazo, podíamos pois dilatá-lo conforme as dificuldades da empreitada. (A Sul. O Sombreiro, 200)
132. Resolvi não dizer nada, só ajudá-la a se aprontar. (A Sul. O Sombreiro, 203)
133. — Mbombe, não vamos atacá-los. (A Sul. O Sombreiro, 205)
134. Custódio Antunes também se apresentou logo a cumprimentá-lo, ainda suado da correria pelo mato, pois se encontrava no sítio do Ango quando lhe chegou a maravilhosa notícia. (A Sul. O Sombreiro, 217)
135. E uma ameaça surgia nesse escrito virulento: que parecia só ter mão bem dura sobre o país indo a Lisboa ele próprio ferrá-la em cima, (A Sul. O Sombreiro, 225)
136. O soba, Cangombe, tinha afirmado ser jaga e por isso não manter boas relações com os vizinhos, o que levou Cerveira Pereira a nomeá-lo provisoriamente kiambole da guerra preta, isto é, capitão de um exército de africanos. (A Sul. O Sombreiro, 229)
137. Ele tem de obrigar o Vasconcelos a mandar-me homens. (A Sul. O Sombreiro, 234)
138. Trazia um exercito atrás de si. Convencê-los do pacifismo do seu exército seria uma obra-prima de enganos, mas devia ser perfeito...(A Sul. O Sombreiro, 239)
139. No entanto, os moradores de Luanda passavam a vida a denegrir-me e a atraçoar-me. (A Sul. O Sombreiro, 282)
140. Continuo a contar-vos o que diz o padre Mateus Cardoso na sua carta... (A Sul. O Sombreiro, 343)
141. Podia continuar a mantê-los tanto tempo afastados de Caxinde? (A Sul. O Sombreiro, 297)

7. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, com proclisadores

7.1. Verbo no infinitivo

7.1.1. Próclise

1. Mas o Cerveira ambicionava deitar as unhas sujas ao ridículo território, conquistado por se dizer haver imensas minas de prata no curso do rio. (A Sul. O Sombreiro, 11)
2. Depois de se tomar capitão-mor e governador em exercício, avançara contra o soba Kafuxi, um dos mais fortes e temidos nas cercanias de Kambambe, onde estavam as minas de prata. (A Sul. O Sombreiro, 18)
3. Não tivera tempo de se informar junto dos amigos da Companhia de Jesus, mas duvidava serem muito boas as relações entre eles e o vigário. (A Sul. O Sombreiro, 20)
4. E para me mandar despachar o Tomás Peres também não precisava de se incomodar. (A Sul. O Sombreiro, 22)
5. Porquê frei António precisava de se insurgir contra o governador? (A Sul. O Sombreiro, 22)
6. Tirou-se dos seus cuidados para lhe ir perguntar isso? (A Sul. O Sombreiro, 24)
7. E quando cá viesse, teria outra mulher para lhe aquecer os pés, eu tratava do assunto. (A Sul. O Sombreiro, 26)
8. Seria uma humilhação para o velho se apresentar descalço na taberna que o aceitava ainda, depois de se sentir lesado com a falta do filho, do escravo e do mosquete. (A Sul. O Sombreiro, 37)

9. Diziam que para **os** comer, pois praticavam o canibalismo. (A Sul. O Sombreiro, 38)
10. Posso ir convosco, sem **vos** causar transtorno algum? (A Sul. O Sombreiro, 41)
11. O governador encarregou-me de **o** vigiar, pois sendo nós relativamente novos no lugar e ignorantes de muitas coisas, (A Sul. O Sombreiro, 42)
12. — continuava o Kingrêje, depois de **se** inspirar na caneca de vinho. (A Sul. O Sombreiro, 48)
13. Subiu a um morro pequeno e lhe fez gesto de **se** aproximar com cautela. (A Sul. O Sombreiro, 52)
14. O instinto lhe dizia para **se** conservar longe daquele governador. (A Sul. O Sombreiro, 53)
15. Ela havia de **o** informar quando o perigo tivesse passado. (A Sul. O Sombreiro, 54)
16. Mas aproveitou o primeiro momento concedido para **se** queixar e aí estavam os maus presságios e os medos infantis. (A Sul. O Sombreiro, 56)
17. Seja o que Deus quiser, dizia eu, mas não me conformava, pois as minas de prata teimavam em **se** esconder na sua magnitude... (A Sul. O Sombreiro, 64)
18. Claro, a maior parte dos sobas ficava como meus afilhados, para **não** **lhes** chamar súbditos, (A Sul. O Sombreiro, 66)
19. Sua Majestade quer impedir-nos de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em **lhes** pôr luz nas cabeças duras. (A Sul. O Sombreiro, 67)
20. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem **me** ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou *me* dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América... (A Sul. O Sombreiro, 67)
21. Chegou à corte a acusação de eu ter atacado o soba Kafhxi apenas para **me** apoderar de um lote de trezentas peças que ele lá tinha à disposição, (A Sul. O Sombreiro, 70)
22. O que *me* dói, e doeu muito ao meu primo, foi quererem transformar uma vitória importante sobre um soba traidor, vitória que *nos* valeu uma melhoria de relações com o rei de Angola, numa sórdida manobra para **lhe** ficar com trezentas peças. (A Sul. O Sombreiro, 70)
23. É claro, a conversa não foi agradável de **se** ouvir. (A Sul. O Sombreiro, 70)
24. Ainda não tinha encontrado barco para **me** desembaraçar do estropício e já me chegavam outras más notícias. (A Sul. O Sombreiro, 73)
25. Não lhe agradava a concentração de gente nossa à volta das minas de Kambambe e aproveitaria qualquer pretexto para **nos** arrastar até ao litoral. (A Sul. O Sombreiro, 73)
26. Fez gesto de **se** levantar em protesto, mas depois deixou-se cair. (A Sul. O Sombreiro, 76)
27. Já lhe dei ordens de **se** apresentar a si. (A Sul. O Sombreiro, 78)
28. Depois acabou por esquecer a mudança. Ou se habituar à minha sisudez constante. (A Sul. O Sombreiro, 79)
29. Atento à minha pureza e à da Nelinha, com os outros ainda é cedo para **se** preocupar. (A Sul. O Sombreiro, 80)
30. Não só por ser a minha mãe, mas por **me** falar como se eu fosse uma adulta, por *me* contar coisas que mais ninguém *me* explicou, com a exceção do tal segredo, sobre esse nunca *lhe* perguntei nem *ela se* abriu, o que *me* parece hoje óbvio, não poderíamos abordar essa questão em vida dela. (A Sul. O Sombreiro, 81)
31. Não só por ser a minha mãe, mas por *me* falar como se eu fosse uma adulta, por **me** contar coisas que mais ninguém *me* explicou, com a exceção do tal segredo, sobre esse nunca *lhe* perguntei nem *ela se* abriu, o que *me* parece hoje óbvio, não poderíamos abordar essa questão em vida dela. (A Sul. O Sombreiro, 81)

32. No entanto, não tenho razão de **me** queixar dos nossos escravos, mesmo se por vezes parecem indolentes, mas esse é o tempo certo deles para fazerem as coisas, diferente do nosso, mais apressado (*A Sul. O Sombreiro, 81*)
33. ...com alguns fidalgos a confirmarem a verdadeira identidade do eremita, o qual dizia ter de pagar sete anos de anonimato e provação para **se** redimir do mal que tinha feito a Portugal, (*A Sul. O Sombreiro, 83*)
34. Meu pai resolveu ir à Ericeira procurar o pretendente, ver com os seus próprios olhos para saber se era ou não o nosso soberano, tendo intenção de **o** apoiar se ficasse convencido da real majestade, mas não deu com o sítio onde se escondia. (*A Sul. O Sombreiro, 83*)
35. Durante a noite fui cosendo as pontas e descobri, o governador organizou a serenata como já fez com mulheres casadas, para **me** desonrar. (*A Sul. O Sombreiro, 85*)
36. e mais cedo ou mais tarde haveremos de **nos** enfrentar com violência, parece uma sina já escrita. (*A Sul. O Sombreiro, 85*)
37. E já agora, cúmulo da arrogância, contou o meu pai, avise sua filha Margarida que esta noite levo tocadores para **lhe** dar música, (*A Sul. O Sombreiro, 86*)
38. cheirou uma escrava sim uma velha escrava sabedora das coisas desta terra e que depois de **me** estudar muito tempo disse tu podes parir és de boa barriga (*A Sul. O Sombreiro, 89*)
39. Conhecia bem a clareira e o melhor sítio onde **se** posicionar, um tronco caído que marcava o fim da floresta, ele mesmo tinha abatido essa árvore grande para servir de apoio ao tiro certo. (*A Sul. O Sombreiro, 91*)
40. Devia masé interrogar o outro, o intruso é que tinha de **se** explicar. (*A Sul. O Sombreiro, 93*)
41. — Também tenho de **lhe** confessar uma coisa, (*A Sul. O Sombreiro, 94*)
42. Meses sem pensar na cidade, mas bastava alguém vindo de lá para **lhe** despertar lembranças. (*A Sul. O Sombreiro, 97*)
43. ...e combater para o enriquecimento dos portugueses, esperava que o governador mudasse para **se** apresentar em Luanda e reclamar a partida para a Inglaterra. (*A Sul. O Sombreiro, 98*)
44. Tanta arrogância, a par dos avisos que os meus amigos da Companhia me têm dado, indica que já existe alguma decisão real em **me** tirar daqui, ou, pelo menos, uma forte proposta. (*A Sul. O Sombreiro, 108*)
45. Tem artes de **se** escapar para trabalhos de secretaria e ninguém **se** lembra de o despachar para longe da mulher. (*A Sul. O Sombreiro, 109*)
46. Tem artes de **se** escapar para trabalhos de secretaria e ninguém **se** lembra de **o** despachar para longe da mulher. (*A Sul. O Sombreiro, 109*)
47. Os chapéus iam e vinham, rodando de mão para mão, exceto André Velho que não sabia como **se** postar, até por fim se perfilar rigidamente, como lhe convinha perante o governador. (*A Sul. O Sombreiro, 111*)
48. Os chapéus iam e vinham, rodando de mão para mão, exceto André Velho que não sabia como **se** postar, até por fim **se** perfilar rigidamente, como lhe convinha perante o governador. (*A Sul. O Sombreiro, 111*)
49. Ah, aqueles pescoços mesmo em posição para **lhes** brandir com uma espadeirada! (*A Sul. O Sombreiro, 111*)
50. O franciscano transmitiu o pedido a um escravo, que logo desapareceu para **se** incumbir da tarefa. (*A Sul. O Sombreiro, 113*)
51. A Páscoa, de todos os modos, também é um período muito importante, bom para **se** inaugurar uma obra tão santa. (*A Sul. O Sombreiro, 113*)
52. Ah, como gostava de **me** tomar no seu confessor... (*A Sul. O Sombreiro, 122*)

53. E Ngola Kiluanji, o poder mais constante de que se lembrava de ouvir os mais velhos, o senhor de Kabassa, por vezes tinha de se defender de jagas enquanto era aliado dos jagas que dominavam a Matamba. (A Sul. O Sombreiro, 129)
54. O mesmo Gaspar Álvares que chicoteou até à morte um escravo por se deitar com uma sua preferida. (A Sul. O Sombreiro, 130)
55. Mandados a sondar os boatos nas tabernas, melhor sítio para se saber das novidades, os meus homens de confiança foram unânimes nas opiniões. (A Sul. O Sombreiro, 134)
56. Mas tudo acaba por se saber. (A Sul. O Sombreiro, 137)
57. Deus tinha poderes de ler a minha mente e tinha ainda poderes para me conceder essa graça. (A Sul. O Sombreiro, 142)
58. E até me perdoar o pecado de lhe pedir isso. (A Sul. O Sombreiro, 142)
59. À despedida, o bom padre disse num sussurro que os meus amigos tinham sido impedidos de me ver. (A Sul. O Sombreiro, 143)
60. Esqueceu as duas futuras noivas, entre as quais acabara por não se decidir, e não se despediu das pessoas dos kimbos. (A Sul. O Sombreiro, 144)
61. No princípio o comerciante se zangava, eles insistiam, ele deixou de se zangar, o nome pegou, mesmo só Filipe se apresentava por vezes com a alcunha. (A Sul. O Sombreiro, 147)
62. Carlos não se lembrava daquela cara, nos últimos tempos em Luanda estava sempre atento aos rostos dos possíveis pumbeiros, com medo de que algum lhe agarrasse para o transformar em escravo. (A Sul. O Sombreiro, 148)
63. Por isso tinha a certeza de não o conhecer. (A Sul. O Sombreiro, 148)
64. Teria de lhe explicar. (A Sul. O Sombreiro, 150)
65. Disse a Mulende para o esperar em casa, se despediu de sô Filipe, (A Sul. O Sombreiro, 150)
66. Mas está difícil falar com ele para explicar a coisa e lhe perguntar se o governo continua interessado ou não. (A Sul. O Sombreiro, 151)
67. Carlos Rocha estava desesperado pela insistência do pumbeiro em lhe relatar factos que o incomodavam (A Sul. O Sombreiro, 154)
68. E ele disse o que sabia de sua livre vontade e sem me pretender vender nada. (A Sul. O Sombreiro, 155)
69. Tinham acabado de lhe contar o mujimbo e ficou natural mente confundido. (A Sul. O Sombreiro, 155)
70. — Escusa de se aborrecer, juro não ter sido minha intenção maçá -lo. (A Sul. O Sombreiro, 155)
71. Saiu da taberna sem se despedir. (A Sul. O Sombreiro, 155)
72. A partida do governador foi de facto um espetáculo digno de se ver. (A Sul. O Sombreiro, 159)
73. Preciso de sair da cadeia e ser nomeado conquistador pelo rei para lhe chegar. (A Sul. O Sombreiro, 162)
74. Um dia haveria de se nomear o lugar de Benguela-Velha e mais tarde Porto Amboim. (A Sul. O Sombreiro, 168)
75. E o mujimbo colhido no forte de Imbe Kalandula estar perto da Muxima era suficiente para o aterrorizar. (A Sul. O Sombreiro, 175)
76. Embora lhe agradasse até certo ponto a ideia de se aproximar do sítio onde podia ter nascido, uma vez que a cidade lhe estava no momento interdita. (A Sul. O Sombreiro, 175)
77. Para se meter nas mãos de Imbe Kalandula! (A Sul. O Sombreiro, 177)
78. Depois deixou de se importar com esses aspetos filosóficos, muito mais atento ao caminho de kimbundo que usavam, (A Sul. O Sombreiro, 178)
79. Ele sabia, tinha de mostrar certezas para se fazer respeitar. (A Sul. O Sombreiro, 183)

80. Um branco da cor dele vir de tão longe para **lhe** contar, é porque havia alguma razão forte, ninguém é tão maluco assim. (A Sul. O Sombreiro, 191)
81. Eram frequentes, ele me chamava para **lhe** contar muitas coisas da minha vivência em Luanda e com os brancos. (A Sul. O Sombreiro, 193)
82. Para **se** apagar com umas carícias e umas palavras meigas. (A Sul. O Sombreiro, 195)
83. Terminada a missão de **nos** trazer a Caxinde, *se* preparava para o regresso ao jagado familiar. (A Sul. O Sombreiro, 195)
84. Pior que perdê-la devia ser o remorso de não ter feito tudo para **a** merecer. (A Sul. O Sombreiro, 197)
85. Imbe Kalandula arranjou um grupo de vinte guerreiros para **nos** acompanhar ao sul. (A Sul. O Sombreiro, 198)
86. Mais tarde, devagar, haveria de **lhe** ensinar a ser contra o hábito de comer carne humana, porém ainda era cedo para utilizar o argumento moral. (A Sul. O Sombreiro, 199)
87. ... e essa de facto era a última das minhas preocupações, então veria ainda Kalandula, para **lhe** servir de intermediário nas negociações com os portugueses. (A Sul. O Sombreiro, 199)
88. Mas havia comida suficiente para **nos** alimentar e nenhum morador. (A Sul. O Sombreiro, 206)
89. ... enquanto o resto do grupo ficava fora deitado junto de fogueiras, que voltei a insistir com Kandalu, explica lá o que aconteceu naquele kimbo abandonado que **te** pôs tão triste, tens de **me** contar, agora estamos juntos (A Sul. O Sombreiro, 208)
90. Fez uma devassa de última hora, acusou Cerveira Pereira de **se** ter locupletado com um pavilhão (A Sul. O Sombreiro, 212)
91. Este arcebispo, raivoso por ter sido preterido nos favores de D. Beatriz de Viseu pelo seu rival Cerveira, talvez por este **lhe** dar música como fazia em Luanda, mandou-o prender de imediato. (A Sul. O Sombreiro, 212)
92. Não perguntou por ele com intenção de **se** vingar de algo, até simpatizava com o frade, apesar da amizade deste com o vigário e André Velho. (A Sul. O Sombreiro, 216)
93. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (A Sul. O Sombreiro, 219)
94. Tinha de **se** apressar. (A Sul. O Sombreiro, 224)
95. Luís Mendes de Vasconcelos, nomeado no ano anterior mas sem nenhuma pressa de deixar Lisboa para **se** meter nas makas de Luanda (A Sul. O Sombreiro, 225)
96. perdeu logo o irmão Ambrósio, sem sequer ter tido tempo de pelear em Benguela e **se** tornar adulto. (A Sul. O Sombreiro, 228)
97. O soba rebelde foi convertido ao cristianismo por muitas orações e poder de convencimento dos sacerdotes do reduto, que tiveram a glória de **lhe** salvar a alma, pois, a seguir ao batismo, foi de capitado à frente de toda a colónia. (A Sul. O Sombreiro, 230)
98. Cerveira depositava esperanças de o Cuporolo, o primeiro rio a sul da baía da Torre, **se** tratar do mesmo referido como mina de onde fora retirado o ouro de Imbe Kalandula. (A Sul. O Sombreiro, 231)
99. Mesmo sem nada disso para **os** diferenciar, tinham um porte guerreiro difícil de encobrir, os olhos mirando fixamente a direito, (A Sul. O Sombreiro, 238)
100. Isso se estivesse na sua casa. As condições no mato não eram normais, tinha de **se** mostrar aos olhos de todos, a menos que **se** enfiasse numa gruta e proibisse visitas, exceto de Muhongo e Kafeka. (A Sul. O Sombreiro, 246)
101. É verdade que vinha com um séquito de mulheres que cuidaram dele antes de **se** apresentar no governador. (A Sul. O Sombreiro, 253)
102. Problema dele é os jagas que **lhes** atacam muito para roubar e matar, por isso precisa das armas dos brancos para **lhe** defender e ao seu povo contra os jagas. (A Sul. O Sombreiro, 253)

103. — Vimos aqui só para **lhe** fazer uma pergunta. (*A Sul. O Sombreiro*, 256)
104. Mbombe segredou para ele, estamos muito longe para correr e **te** ajudar, o terreno não é bom, devíamos ficar abaixo, camuflados na vegetação. (*A Sul. O Sombreiro*, 260)
105. — Vim para **me** estabelecer. (*A Sul. O Sombreiro*, 266)
106. Percebendo a conversa terminada, os membros da comitiva começaram a **se** levantar. (*A Sul. O Sombreiro*, 266)
107. Não considero o alembamento uma compra, apenas uma compensação por a tua família **te** perder com o casamento. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
108. E até era capaz de **se** virar de repente ao contrário, para ele parar com as carícias indesejadas. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
109. Quando Carlos Rocha **lhe** acariciava o ventre e falava palavras doces com a boca colada à barriga dela, **lhe** deixava fazer mas sem **se** comover. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
110. Nem gosto de falar nisso, para não **te** lembrar. (*A Sul. O Sombreiro*, 271)
111. No princípio supus serem ordens de Mbombe, não tanto para **me** servir de guardacostas mas para **me** espiar. (*A Sul. O Sombreiro*, 285)
112. No princípio supus serem ordens de Mbombe, não tanto para **me** servir de guardacostas mas para **me** espiar. (*A Sul. O Sombreiro*, 285)
113. Na caça tem de **se** estar concentrado para ter êxito. (*A Sul. O Sombreiro*, 287)
114. Tenho só que falar antes com Ebo-Kalunda, **me** mostrar importante para ele, um conselheiro sabedor dos brancos. (*A Sul. O Sombreiro*, 288)
115. E ele já era suficiente para **me** provocar suores frios. (*A Sul. O Sombreiro*, 290)
116. Não podia falar com o muata na presença de Undu, por isso pedi a Kandalu para **o** levar em mais um passeio. (*A Sul. O Sombreiro*, 291)
117. Me preparei mesmo para **lhe** dar uma lição completa, contando a história do Kongo e das coisas de Luanda, vistas segundo o meu entendimento, o que já observara na vida e aprendera nas conversas do meu pai, quando ele era um homem lúcido. (*A Sul. O Sombreiro*, 293)
118. Ebo-Kalunda mandou vir mais maluvo para **se** festejar tão boas notícias, bebemos até cair, repetindo muitas juras de amizade, as mulheres do cheferindo e servindo vinho, servindo e rindo. (*A Sul. O Sombreiro*, 298)
119. Em bela enrascada nos tinha metido o louco que antes nos governava e dizia ser este o melhor sítio para **se** construir uma cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 302)
120. Sempre fui capaz de **me** aliar a quem me permitia sucessos e soube evitar os excessos, quer de confiança, quer de desespero. (*A Sul. O Sombreiro*, 303)
121. Os soldos eram exagerados, mas a única forma de **os** convencer a me acompanharem no momento certo. (*A Sul. O Sombreiro*, 307)
122. Então, à frente dos meus homens, um bastardo qualquer, um reles marrano, tinha o arrojo de **me** insultar com tais palavras ameaçadoras? (*A Sul. O Sombreiro*, 309)
123. Bom proveito tivesse com eles, que ainda haviam de **lhe** espetar algum punhal nas costas, como a mim fizeram. (*A Sul. O Sombreiro*, 311)
124. Desta forma, tinha companhia para **me** alegrar a velhice, enquanto elas não casavam ou eu não regressasse ao reino. (*A Sul. O Sombreiro*, 318)
125. Essa casa dos Coqueiros acabaria por **me** ser atribuída por Gaspar Álvares, para uso sempre que fosse à cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 318)
126. De qual quer forma, o volume dela e o manifesto sofrimento em **se** mexer podia servir de desculpa para evitar grandes marchas no imediato. (*A Sul. O Sombreiro*, 319)
127. Ele será obrigado a arranjar outro grupo para **me** trazer de novo aqui e completar o trabalho. Não deve ficar muito contente. (*A Sul. O Sombreiro*, 320)
128. — Temos de a levar de tipoia. (*A Sul. O Sombreiro*, 321)
129. A morte muitas vezes vem repentinamente, não dá tempo para **se** precaver de nada. (*A Sul. O Sombreiro*, 323)

130. Teria de **se** antecipar às mulheres e segurar no bebé (*A Sul. O Sombreiro*, 329)
131. A mulher encolheu os ombros, muxoxou, coisa de branco, homem a ver um espetáculo tão feio de **se** ver. (*A Sul. O Sombreiro*, 330)
132. ...nomeada de S. Francisco primeiro e depois St.º António por um dos padres que vieram com a primeira expedição, sendo a última praia antes de **se** chegar ao cabo que termina com o Sombreiro em cima. (*A Sul. O Sombreiro*, 336)
133. Sempre é tempo para **se** mudar... (*A Sul. O Sombreiro*, 343)
134. Os jagas, se foram atrás deles, acabaram por **lhes** perder o rasto a sul e nunca pensariam que eles afinal **se** tinham voltado a aproximar do Kikombo. (*A Sul. O Sombreiro*, 350)

7.1.2. Ênclise

1. O maldito há de perseguir-**me**. (*A Sul. O Sombreiro*, 140)

8. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, sem Proclisador

8.1. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, sem proclisadores

8.1.1 Próclise

1. A ideia era evitar Luanda e **nos** metermos pelo Kongo. (*A Sul. O Sombreiro*, 44)
2. Entretanto, nunca acontecia os espanhóis **se** identificarem como portugueses. (*A Sul. O Sombreiro*, 51)
3. A questão **se** resumia mesmo a não **se** sentir identificado com um povo, pois havia muitos e em conflito. (*A Sul. O Sombreiro*, 52)
4. ...pois tinham de terminar a ponta do Mussulo, entrar na baía da Corimba, passando a rebentação e **se** desviarem para passarem no canal que corre entre a ilha.. (*A Sul. O Sombreiro*, 135)
5. E, ao **se** despedirem, pensavam que era para sempre, atendendo ao perigo das viagens por mar e às vilanias cegas da política. (*A Sul. O Sombreiro*, 159)
6. Eu entrava e sentia logo **me** puxarem, me puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a me gritar... (*A Sul. O Sombreiro*, 172)
7. Eu entrava e sentia logo me puxarem, **me** puxarem, primeiro era as pernas, depois os braços e vozes a me gritar... (*A Sul. O Sombreiro*, 172)
8. Disseste, Imbe Kalandula mandou **te** obedecerem, ele aceitou. (*A Sul. O Sombreiro*, 207)
9. Mandou a maior parte do bando para a primeira curva do rio, devendo ficar em silêncio, e alguns frecheiros **se** camuflarem em cima dos morros. (*A Sul. O Sombreiro*, 260)
10. Cobrarei até **mos** pagar. (*A Sul. O Sombreiro*, 284)
11. Nzaji nunca esquecerá os pedaços de pele a **se** soltarem do corpo colados ao chicote, depois pedaços de carne. (*A Sul. O Sombreiro*, 130)

12. — Se era para matar, porquê terem tanto trabalho a **nos** trazerem aqui? (A Sul. O Sombreiro, 183)
13. Filhos, sobrinhos, todos a **se** olharem nas costas, medindo forças, negociando apoios... (A Sul. O Sombreiro, 198)
14. já esquecido nos escombros da memória, ouviu as vozes dela e dos irmãos e dos amigos brincando a **se** darem de pinos no rio, (A Sul. O Sombreiro, 208)
15. Porque se até a água tem nome quando é pouca, água, para quê um monte dela **se** chamar de outra maneira, rio? (A Sul. O Sombreiro, 240)
16. Portanto, o governador de Luanda, com chefes a **se** rebelarem todos os meses em algum ponto da volúvel fronteira do norte (A Sul. O Sombreiro, 281)
17. ... um rei do Ndongo ameaçando as fortalezas e os ferozes jagas a **se** movimentarem em qualquer dos campos, (A Sul. O Sombreiro, 281)
18. ... um bom amigo, estando ambos convidados a **se** protegerem na cidade se precisassem. (A Sul. O Sombreiro, 350)

8.1.2 Ênclise

1. Essa latitude permitia meterem-**no** num barco e dizerem depois se tratar de uma razão de força maior. (A Sul. O Sombreiro, 21)
2. Então porquê protegê-**lo**? (A Sul. O Sombreiro, 25)
3. Parecia ser muito perigoso pô-**lo** à frente de tantos homens, mas estávamos faltos de oficiais... (A Sul. O Sombreiro, 42)
4. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-**se** em assuntos tão escabrosos. (A Sul. O Sombreiro, 67)
5. Os meus irmãos são seres especiais e amo-os muito, como *se* deve, mas contar-lhes seria não partilhar um segredo, apenas passar-lhes a dor que sinto, sem a diminuir em mim. (A Sul. O Sombreiro, 80)
6. Os meus irmãos são seres especiais e amo-os muito, como *se* deve, mas contar-lhes seria não partilhar um segredo, apenas passar-lhes a dor que sinto, sem a diminuir em mim. (A Sul. O Sombreiro, 80)
7. — E quanto ao assunto em causa, não adianta assustarmo-**nos**. (A Sul. O Sombreiro, 126)
8. O governador detinha a autoridade máxima da terra e servi-**lo** era melhor que ser escravo de um kaxiko qualquer, mesmo *se* comerciante e dono de caravanas. (A Sul. O Sombreiro, 129)
9. seguro da confissão para conspirarmos, minando o moral dos soldados e murmurávamos-lhes ao ouvido os perigos que suas almas corriam (A Sul. O Sombreiro, 304)
10. O preocupado comandante não quis responder ao meu desabafo, mas percebi dar-**me** razão. (A Sul. O Sombreiro, 310)
11. Talvez o fizessem de boa vontade, meus amigos como são, mas acho ser demasiado indecente da minha parte obrigá-los a meterem-**se** em assuntos tão escabrosos. (A Sul. O Sombreiro, 67)
12. Por exemplo, os meus amigos jesuítas avisaram-**me** logo que voltei à cidade. Se preparava mudança no governo e há um governador nomeado para vir para Luanda substituir-me. (A Sul. O Sombreiro, 68)
13. Darem-**no** de pasto aos tubarões? (A Sul. O Sombreiro, 276)

14. Atirarem-**no** para morrer de sede? (A Sul. O Sombreiro, 276)
15. Eu ouvia abelhas zumbindo por todos os lados, deviam ser os kalundús a entrarem na cabeça de Mulende, a aparvoarem-**no** com violência. (A Sul. O Sombreiro, 289)

9 Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, com proclisadores

9.1 Próclise

1. ...escapando a todas as chacinas que se seguiram aos éditos dos reis católicos de Portugal, imitadores baratos dos da sangrenta Espanha, terminando os meus parentes por se prosternarem borrados de medo na Igreja de S. Domingos.. (A Sul. O Sombreiro, 8)
2. Vou avisar os padres da Companhia para o chamarem a Luanda e aguardar embarque. (A Sul. O Sombreiro, 22)
3. O senhor bispo já tentou despachá-la para São Salvador, o Peres insurgiu-se, pois ela foi mandada para o degredo aqui em Angola e não no Kongo, claro, desculpa para não se separar dela. (A Sul. O Sombreiro, 26)
4. Battell de facto ajudou-nos a vencer muitos sobas e sobetas rebeldes, pelo facto de lhes conhecer as manhas todas e falar a língua do país como eles próprios. (A Sul. O Sombreiro, 43)
5. Fiz um gesto para lha encherem. (A Sul. O Sombreiro, 49)
6. Podem passar durante um dia inteiro para depois **se** voltarem a meter na terra, no novo formigueiro. (A Sul. O Sombreiro, 53)
7. Carlos avivou o fogo com um pauzinho, só para sacudir ligeiramente as brasas e **se** libertarem da cinza que as cobria. (A Sul. O Sombreiro, 56)
8. O pumbeiro deu uma ordem e os guardas começaram a pressionar os escravos para se levantarem, o que fizeram a custo. (A Sul. O Sombreiro, 61)
9. Porque seria de mau tom pedir aos padres da Companhia para me fazerem relatório destas aventuras amorosas do velho desbragado. (A Sul. O Sombreiro, 67)
10. Os meus inimigos têm travado uma guerra sem quartel para me fazerem demitir, com as mais vis infâmias. (A Sul. O Sombreiro, 68)
11. Eles querem que deixemos as espadas, para se apoderarem do poder com as penas sujas. (A Sul. O Sombreiro, 73)
12. E os escravos, conforme **me** ensinaram desde pequena, nunca são de fiar totalmente, porque estão sempre à espera da primeira ocasião para nos enganarem e fugirem. (A Sul. O Sombreiro, 81)
13. Toda a cidade ficou com a suspeição, para ele **lhe** dar música é porque ela **lhe** concedeu alguma coisa em troca. (A Sul. O Sombreiro, 85)
14. Não tanto como quereriam, mas a suficiente para me detetarem. (A Sul. O Sombreiro, 98)
15. É certo, compramos peças em vez de nos apoderarmos delas. (A Sul. O Sombreiro, 105)
16. Para não dizerem que sou contra eles, ainda **lhes** forneci o pedreiro que começou a construção e algum material, além de lhes deixar o recheio da ermida. (A Sul. O Sombreiro, 107)
17. O facto de me ignorar ostensivamente tira-**me** muitas vezes o sono. É porque vem com muito convencimento, de espáduas largas. (A Sul. O Sombreiro, 107)

18. As visitas ainda estavam de chapéus na mão, para **se** despedirem uns dos outros, como parecia. (A Sul. O Sombreiro, 110)
19. Atacou sobas nossos aliados, sobretudo o Axilambanza, por este **lhe** negar acesso ao caminho dos escravos. (A Sul. O Sombreiro, 118)
20. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (A Sul. O Sombreiro, 219)
21. — E sem deixar arrefecer a pena, acrescente as pressões sobre os colonos para **se** alistarem em guerras inventadas de que depois se libertam contra o pagamento de uma soma. (A Sul. O Sombreiro, 121)
22. Mas mesmo a Nelinha e a Margarida, quando tratam com a criadagem, falam em kimbundo para **se** fazerem entender. (A Sul. O Sombreiro, 126)
23. Virei o cavalo para ele e ia desmontar e saudá-lo com o devido respeito, quando o novo governador de repente deu ordem aos quatro soldados para **me** tirarem do cavalo. (A Sul. O Sombreiro, 138)
24. — Pelos vistos, nem esperaram as conclusões do sindicante Nogueira para **o** mandarem prender. (A Sul. O Sombreiro, 140)
25. Mas o filho não era o mesmo que fugira, o filho era um homem e com algumas posses, não muitas, exagero dos irmãos em **lhe** chamarem rico. (A Sul. O Sombreiro, 145)
26. Com a ajuda de Zala Nkundu, amarraram as mãos dos dois escravos, para não **se** escapulirem da loja. (A Sul. O Sombreiro, 149)
27. tendo sido concedido o prazo de oito meses para **se** justificar, o que ele fez muito rapidamente com a ajuda de um bacharel. (A Sul. O Sombreiro, 163)
28. Talvez tenha apertado o nariz de nojo por **se** sentar junto de um odiado bacharel, mas dessa vez **lhe** deu jeito. (A Sul. O Sombreiro, 163)
29. ...e incapazes de combater dóceis crianças competentes no entanto de trabalhar em todas as tarefas pesadas sem **se** queixarem sem **se** rebelarem aceitando de boa mente o destino que os padres **lhes** indicavam como sendo o da salvação. (A Sul. O Sombreiro, 165)
30. ...e incapazes de combater dóceis crianças competentes no entanto de trabalhar em todas as tarefas pesadas sem **se** queixarem sem **se** rebelarem aceitando de boa mente o destino que os padres **lhes** indicavam como sendo o da salvação. (A Sul. O Sombreiro, 165)
31. Era um riacho, em comparação com o Kwanza, mas dava para uns mergulhos e **nos** lavarmos bem. (A Sul. O Sombreiro, 195)
32. Logo entrámos em regiões que eles só conheciam indiretamente, por outros **lhes** terem contado cenas de incursões passadas. (A Sul. O Sombreiro, 200)
33. nosso grupo vai entrar no kimbo, falar com eles, para **se** acalmarem. (A Sul. O Sombreiro, 205)
34. Vamos então, vocês avancem por ali, sem fazer barulho, vocês pelo outro lado para **lhes** fecharem a fuga, nós vamos pelo caminho, a direito até ao kimbo. (A Sul. O Sombreiro, 205)
35. Nzoji sempre recebia um choque ao entrar no gabinete, apesar de **se** preparar antes para enfrentar a vaga de odor podre proveniente da cama, das roupas atiradas (A Sul. O Sombreiro, 130)
36. Porque Cerveira não acreditava na outra possibilidade, a de ele efetivamente **se** não meter nas conspirações, ou por lealdade ou covardia. (A Sul. O Sombreiro, 236)
37. Um grupo de jagas tinha penetrado em pleno território sumbe sem estes **se** aperceberem. (A Sul. O Sombreiro, 242)
38. só tinham falado antes em experimentar com eles, para ver se era sexo diferente, sem **se** dividirem os companheiros. (A Sul. O Sombreiro, 245)
39. ...ainda nem sequer tinha reparado nela, sempre rodeado do seu harém de concubinas treinadas para **o** satisfazerem em todos os aspetos. (A Sul. O Sombreiro, 247)

40. Quando toda a população estava reunida na praça central, mandou buscar o prisioneiro e lhe disse em voz clara mas pouco severa para se confessar perante o magote. (A Sul. O Sombreiro, 247)
41. E aquilo não era novidade suficiente para Muhongo se cansar a contar. (A Sul. O Sombreiro, 247)
42. — O soba diz está muito contente com a maneira de o senhor governador lhe receber. (A Sul. O Sombreiro, 253)
43. Brilhava ao sol, por causa do óleo com que o besuntavam para lhe aumentarem a dignidade, fazendo realçar músculos firmes. (A Sul. O Sombreiro, 261)
44. Vieste de tão longe para te instalares aqui, só para ficar? (A Sul. O Sombreiro, 263)
45. Carlos Rocha também conhecia essas manifestações de poder, não por as observar amiudadamente, sempre fugindo de sítios com alguma autoridade, mas por lhe terem sido contadas pelo seu pai e sobretudo por Andrew Bartell. (A Sul. O Sombreiro, 264)
46. Esperara que o chefe estivesse cansado, com calor, e o convidasse para se sentar numa sombra. (A Sul. O Sombreiro, 262)
47. Vieste de tão longe para te instalares aqui, só para ficar? (A Sul. O Sombreiro, 263)
48. Essas tensões entre jesuítas eram muito raras, ou por não existirem ou por se passarem apenas no segredo dos claustros e por isso quer Cerveira quer Gaspar se admiraram e fitaram de forma intensa os dois prelados. (A Sul. O Sombreiro, 282)
49. Sim, porque seria muito fácil deixá-lo sem assistência mais um tempo, pouco faltava para ele se finar de vez. (A Sul. O Sombreiro, 284)
50. Os cavalos que Sua Majestade lhe entregou para mos deixá-los em Benguela e que trouxe para Luanda sem me dar cavaco. (A Sul. O Sombreiro, 284)
51. Agora, depois de ela se abrir, eu compreendia, a causa devia residir nos sofrimentos quando criança. (A Sul. O Sombreiro, 287)
52. Só te peço para me ajudares a fugir com Kandalu, cobrir de alguma forma a figa. (A Sul. O Sombreiro, 288)
53. Eu vou mandar hoje mesmo o Undu avisar o Mbombe para se retirarem um pouco para o interior dos monos, assim vocês têm espaço de passar sem haver perigo de encontro. (A Sul. O Sombreiro, 295)
54. Por sorte morava mesmo ao lado e enfrentou o terrível sol de janeiro para em passinhos rápidos se deslocar à residência oficial. (A Sul. O Sombreiro, 273)
55. Tal chantagem me pôs a tremer de medo, é certo, pois bastava qualquer coisa correr mal para ele me apontar o dedo e dizer, eis a causa do fracasso (A Sul. O Sombreiro, 304)
56. Porque ele justificava os fracos sucessos com a pouca tenacidade das pessoas, todas com vontade de fugir para Luanda ou outro sítio qualquer, usando de mil expedientes para se desenfiam pelos matos procurando (A Sul. O Sombreiro, 304)
57. É claro, o dito escrivão correu até os bofes lhe saírem pela boca. (A Sul. O Sombreiro, 309)
58. Enviou ordens de manhã para me soltarem. (A Sul. O Sombreiro, 310)
59. A solução surgiu quando eu me queixei da solidão e de tanta doença. Mandavam Ana para ficar comigo, até eu lhe arranjar um bom partido. (A Sul. O Sombreiro, 317)
60. Por isso sempre peço para vocês se esconderem e só Undu foi comigo. (A Sul. O Sombreiro, 322)
61. Depois de se confessar ao jesuíta de dia, com o qual discutia assuntos de máxima transcendência mas nunca os acontecimentos de dentro de casa, como por exemplo as relações com as sobrinhas da mulher, sentou de novo à mesa para escrever ao rei. (A Sul. O Sombreiro, 340)
62. Era o golpe final nas suas ambições de se retirar em glória. (A Sul. O Sombreiro, 340)

63. e já sem ânimo de o esconder, os pés em chagas dentro das botas cambaias, acompanhado pelas duas moças, esquecidas de se mostrarem alegres, (A Sul. O Sombreiro, 342)
64. Por não se encontrarem em casa ou por terem sido avisados, alguns vereadores e o juiz escaparam. (A Sul. O Sombreiro, 343)
65. Daria uma boa maka durante muito tempo, pois os familiares se sentiam legítimos herdeiros e exigiam algumas restituições, fugindo os tribunais de se imiscuírem nos negócios da Companhia, demasiado poderosa para qualquer juiz. (A Sul. O Sombreiro, 345)
66. Era uma fraqueza de Correia de Sousa, se rodeava dos mais imbecis e incompetentes para não lhe fazerem sombra ou pretenderem o poder supremo, só por serem servis e lambe-botas. (A Sul. O Sombreiro, 345)
67. Por não se encontrarem em casa ou por terem sido avisados, alguns vereadores e o juiz escaparam. (A Sul. O Sombreiro, 343)

9.2 Ênclise

0 ocorrências

10. Verbo no gerúndio sem proclisador

10.1 Próclise

1. Estava com alguma pressa, por isso enfrentava o suor gotejando do fato escuro de pano grosso e se aglomerando nas botas altas... (A Sul. O Sombreiro, 16)
2. Porém, se tratando de um mar rano... fica difícil esconder a presença de Tomás Peres nesta vila de Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 19)
3. Não perdera o ar preocupado, mas relaxou um pouco, se recostando para trás na cadeira. (A Sul. O Sombreiro, 20)
4. Ainda por cima se tratando de jagas... (A Sul. O Sombreiro, 41)
5. Falei com ele, posso morrer, mas não aguento mais esta ausência de mar, só dois rios sujos em confluência — se referindo à situação do presídio, na embocadura do rio Lucala no Kwanza. (A Sul. O Sombreiro, 44)
6. Os oficiais tocavam conspirativos uns nos outros, se divertindo com a próxima história do inglês. (A Sul. O Sombreiro, 45)
7. Ele estava afastado da corrente e no cume de um outeiro, o que lhe dava visão privilegiada sobre a luminosidade se refletindo nos verdes da floresta, (A Sul. O Sombreiro, 52)
8. Fletiram para a direita, e durante algum tempo continuavam a ouvir a trovoada se distanciando. (A Sul. O Sombreiro, 53)
9. Formada por raízes de plantas aquáticas se embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia se ter desprendido do seu solo original. (A Sul. O Sombreiro, 58)

10. Um desentendimento entre os próprios jagas, muitas vezes **se** enredando em lutas de partilhas de escravos (*A Sul. O Sombreiro, 74*)
11. O caçador fez sinal ao escravo de ficar parado, ele ia continuar a avançar pé ante pé. Mulende obedeceu, **se** cosendo atrás do arbusto (*A Sul. O Sombreiro, 90*)
12. e **se** estudando mutuamente. (*A Sul. O Sombreiro, 111*)
13. Sobretudo **se** tratando desse ladrão. (*A Sul. O Sombreiro, 119*)
14. Como se o homem tivesse trato com o diabo, corajoso como a puta que o pariu, **se** permitindo rir deles, sugerindo sei o que fazem, sei tudo, tenho os meus espiões bem infiltrados (*A Sul. O Sombreiro, 123*)
15. E assim **se** meteu pela casa do vigário, ao lado da obra que haveria de ser durante séculos a sé de Luanda, mas **se** arrastando a construção no tempo pela sempre alegada falta de dinheiro por parte da Igreja de Roma e falta de vontade por parte dos governadores que se seguiam no trono da Cidade Alta. (*A Sul. O Sombreiro, 124*)
16. Estado de espírito de um verdadeiro devoto **se** entregando nos braços de Deus. (*A Sul. O Sombreiro, 135*)
17. — perguntou o homem, **se** aproximando. (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
18. Ele intuiu o terror deles, adivinhando males **lhes** acontecendo no futuro com novo proprietário, ao menos este já conheciam e não era dos piores, nem chicote usava. (*A Sul. O Sombreiro, 149*)
19. Mirava lá de cima, meio escondido pelos catos-candelabro, **se** ajudando com o binóculo de marinheiro usado para sondar o oceano, espreitando navios piratas. (*A Sul. O Sombreiro, 160*)
20. ... e logo assados que morriam de prazer de ser devorados pelos novos deuses vindos da desgastada Europa sem falar nas pessoas estúpidas ignorantes ingênuas **se** deixando *kanzar* com a maior facilidade (*A Sul. O Sombreiro, 165*)
21. Em gesto inédito e aparatoso, o católico rei Filipe de Espanha e Portugal levou-o às cavalações pessoais, **lhe** dizendo para escolher um cavalo digno de ser cavalgado na primeira batalha de Benguela (*A Sul. O Sombreiro, 166*)
22. Mulende revirava os olhos e principiou com convulsões, **se** babando de espuma na boca, sem poder responder. (*A Sul. O Sombreiro, 170*)
23. Só que, conforme explicara o Kingrêje, era preciso ter cuidado com essas relações de parentesco, **se** tratando de jagas. (*A Sul. O Sombreiro, 185*)
24. Os pisteiros foram sozinhos, silenciosos, sem pisar uma folha seca, sem tocar num galho de árvore, como onças em sonhos, avançando, **se** fazendo sinais incompreensíveis para mim, mas eu não era jaga (*A Sul. O Sombreiro, 204*)
25. Fiquei só abraçado a ela, **lhe** acariciando os ombros, absorvendo em mim o ligeiro tremor do seu corpo, olhando as línguas se soltando da fogueira num fgozinho lento, como o nome dela. (*A Sul. O Sombreiro, 209*)
26. Mandou Baltazar Rebelo de Aragão cangar uns soldados que tinham fugido para lá de Kambambe, **se** internando em terras do Libolo, o que o velho capitão cumpriu com zelo, prendendo-os a todos. (*A Sul. O Sombreiro, 225*)
27. Tremeu e gemeu durante uma semana, sendo Nzoji a sua ama-seca, **lhe** dando infusões de plantas desconhecidas. (*A Sul. O Sombreiro, 228*)
28. Carlos cumprimentou com todo o respeito, batendo palmas e fazendo vénias, **se** mantendo meio dentro meio fora da cubata, de forma a ser visto por Mbombe. (*A Sul. O Sombreiro, 240*)
29. Raquítica, curvada, roída pela velhice, tão anciã como o sekulo doente, **se** apoiando dificilmente numa bengala com figuras esculpidas. (*A Sul. O Sombreiro, 241*)
30. As razões do descaminho encontradas pelos assistentes, depois dos acontecimentos dessa manhã, podiam ser muitas, mas a prevalecente foi a influência do forte sol **lhe** crestando os miolos. (*A Sul. O Sombreiro, 248*)

31. Percebendo que só perdiam tempo e o governador se manteria irredutível, irromperam pelo quarto, um **se** apoderando logo das armas (*A Sul. O Sombreiro*, 256)
32. Afinal, D. Filipe era um dos homens mais poderosos do mundo e o seu braço ia longe, **se** vingando pesadamente de quem pusesse em causa a sua soberania e maltratasse os protegidos. (*A Sul. O Sombreiro*, 258)
33. Tal vez estivesse apenas com raiva de o outro ter conseguido escapar à sua vingança por artes maléficas, **se** deixando morrer. (*A Sul. O Sombreiro*, 276)
34. Mas estava desesperado, **me** sentindo apertado por um laço múltiplo, com os portugueses de um lado com seus pumbeiros inescrupulosos (*A Sul. O Sombreiro*, 290)
35. Eu e Kandalu ficámos gozando a amizade e os bons tratos de Ebo-Kalunda, **lhe** explicando como os brancos *se* vestiam, comiam, bebiam, combatiam, conspiravam. (*A Sul. O Sombreiro*, 296)
36. ...todos falando mal uns dos outros, **se** acusando, os padres também em luta uns com os outros, um jesuíta, mais um padre branco e um preto. (*A Sul. O Sombreiro*, 297)
37. ...e os hábitos cordatos deles, mas **lhe** tratando da barriga, muito inchada, assim como as pernas. (*A Sul. O Sombreiro*, 320)
38. Mas como entrar em conversa com um tipo tão arrogante, tão fechado, sabendo tudo, **se** escudando sempre com o medo infundido por Imbe Kalandula? (*A Sul. O Sombreiro*, 323)
39. Exceto os filhos de algum chefe muito grande, os quais cresciam meio abando nados pelos pais ou parentes, **se** arrastando ou gatinhando primeiro pelo chão, se bamboleando depois sobre pernas ainda fracas, nunca seguros por um adulto. (*A Sul. O Sombreiro*, 326)
40. A bolsa das águas a rebentar, o grito de Kandalu, Kafeka e Muhongo **se** precipitando para ajudar no parto... (*A Sul. O Sombreiro*, 327)
41. Foi escrevendo cartas e relatórios ao rei, **se** queixando da falta de apoio por parte do governador de Angola, (*A Sul. O Sombreiro*, 336)
42. Como se o homem tivesse trato com o diabo, corajoso como a puta que o pariu, **se** permitindo rir deles, sugerindo sei o que fazem, sei tudo, tenho os meus espiões bem infiltrados (*A Sul. O Sombreiro*, 123)
43. Ele estava afastado da corrente e no cume de um outeiro, o que **lhe** dava visão privilegiada sobre a luminosidade **se** refletindo nos verdes da floresta, (*A Sul. O Sombreiro*, 52)
44. Porém o vigário, **se** arrogando o direito de mostrar ser a face mais distinta da Igreja em Angola, a qual de facto representava, queria prová-lo a todos de forma indiscutível, (*A Sul. O Sombreiro*, 214)
45. Finalmente um conjurado com força, um capitão, embora de sangue mouro ou árabe, **se** dizendo espanhol. (*A Sul. O Sombreiro*, 248)
46. Adulto, jogava nas tabernas com os marinheiros, **me** arriscando em golpes ousados que por vezes obrigavam as navalhas a murmurar suas ameaças metálicas. (*A Sul. O Sombreiro*, 303)
47. Talvez a pouca luz **se** refletindo nos olhos dele fossem aviso suficiente (*A Sul. O Sombreiro*, 332)

6.2.2. Ênclise

1. Tal honraria lhe subiu à cabeça de forma intempestiva, levando-o a cometer todo o tipo de despautérios, até mesmo trocar de símbolos sagrados. (*A Sul. O Sombreiro, 11*)
2. É verdade, Carlos Rocha tinha um documento do ouvidor declarando-o homem livre (*A Sul. O Sombreiro, 38*)
3. Uma coisa que espantava muito Mulende, obrigando-o a ficar horas a observar, era a ilha móvel na lagoa. (*A Sul. O Sombreiro, 58*)
4. O João aproveitou pois para o interrogar, pagando-lhe mais vinho. (*A Sul. O Sombreiro, 69*)
5. Somando-se os canhões das naus e das fortalezas, juntava-se suficiente poderio. (*A Sul. O Sombreiro, 78*)
6. Na vila, se enfiava pelas barrocas escorregadias separando a parte alta e a baixa, sem medo dos catos e cobras, escondendo-se em cubatas. (*A Sul. O Sombreiro, 79*)
7. embora dotada de jeito para costura e cozinha, esta pouco usada por as escravas se encarregarem de fabricar os ali mentos, deixando-me reservada apenas a costura e os bordados. (*A Sul. O Sombreiro, 87*)
8. Continuava a juntar sal, trocando-o pela carne que caçava? (*A Sul. O Sombreiro, 103*)
9. Tudo isto não impede que tenham escrito para o reino queixando-se da minha fraqueza, segundo eles, em relação a Ngola Kiluanji, pois deveria continuar o esforço de guerra até o derrotar definitivamente. (*A Sul. O Sombreiro, 105*)
10. E revolviam os chapéus, virados agora para mim, vendo-me aproximar (*A Sul. O Sombreiro, 110*)
11. — Nada — afirmou o bacharel, antecipando-se ao juiz. (*A Sul. O Sombreiro, 120*)
12. Ele que aguente com estas cobras aqui se agitando, em breve ferrando-lhe os dentes. (*A Sul. O Sombreiro, 135*)
13. O barquinho veio e já se distinguia a figura do meu sucessor, de pé, equilibrando-se de forma autoritária, as plumagens do chapéu voando. Saltou levemente para terra e quatro soldados imitaram-no. (*A Sul. O Sombreiro, 138*)
14. Devia ter ficado todo o tempo no porão da nau, na viagem para cá, revolvendo-se no próprio vômito, porque já era tempo de apresentar um tom de pele mais escurecido, se tivesse apanhado sol suficiente na travessia. (*A Sul. O Sombreiro, 139*)
15. Mas deve ter contado a conversa com Gaspar Álvares, julgando-se o governador muito astuto por usar tais meios. (*A Sul. O Sombreiro, 143*)
16. Sendo as confissões conversas exclusivamente entre padre e confesso, o guarda tinha de sair da sala, deixando-nos livres para trocar opiniões. (*A Sul. O Sombreiro, 143*)
17. Alguns desses preenchiam umas mesas da taberna, olhando-os à socapa. (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
18. Mandou Baltazar Rebelo de Aragão cangar uns soldados que tinham fugido para lá de Kambambe, se internando em terras do Libolo, o que o velho capitão cumpriu com zelo, prendendo-os a todos. (*A Sul. O Sombreiro, 225*)
19. Mandou preparar festejos e equipar um batei para nele ir cumprimentar o colega, convidando-o para terra. (*A Sul. O Sombreiro, 231*)
20. . O religioso Francisco Delgado ficou sob proteção da Igreja e solto pouco depois por responsabilidade do padre Simão de Oliveira, tomando-se num dos maiores revoltosos do arraial. (*A Sul. O Sombreiro, 235*)
21. Levou também uma carta ao governador de Angola, intimando-o a lhe despachar sem perda de tempo as tropas e mantimentos ordenados pelo rei. (*A Sul. O Sombreiro, 250*)
22. Foi então que o frade Simão, dos sete o mais perto dele, lhe segurou por mero instinto numa perna, impedindo-o de se erguer. (*A Sul. O Sombreiro, 257*)

23. Mais tarde soube, o reitor dos jesuítas foi falar ao governador, apontando-lhe o dedo, está a pôr em perigo uma conquista apenas por despeito, já é altura de deixar Cerveira Pereira ir cumprir a missão pelo rei confiada, isto vai saber-se na corte, (*A Sul. O Sombreiro*, 310)
24. Carlos Rocha se precipitou e raptou aquela massa repugnante, mistura de fluidos esbranquiçados e sangue, apertando-a contra si. (*A Sul. O Sombreiro*, 331)
25. Sua Majestade escrevia, intimando-o a parar com a procura do cobre, pois as amostras enviadas revelavam muito pouco teor, (*A Sul. O Sombreiro*, 339)
26. Quando tive de subir para o cargo deixado por João Coutinho, mantive a mesma política e subjuguéi mais uns tantos, mas mantendo-os vivos para serem úteis, (*A Sul. O Sombreiro*, 66)
27. Deu umas passadas, forçando-se por parecer seguro. (*A Sul. O Sombreiro*, 95)
28. Estes não tiravam os olhos dele, acusando-o de os abandonar à sua má sorte. (*A Sul. O Sombreiro*, 150)
29. Cerveira não se fez rogado, escolheu um branco puro sangue, dos nascidos na Andaluzia, conhecida pelo bom pasto que fazia enriquecer os músculos dos animais, fortalecendo-os e os tomando maleáveis. (*A Sul. O Sombreiro*, 166)
30. Apanhando-me num sítio desses, enterro logo a batina e sem remorsos. (*A Sul. O Sombreiro*, 300)
31. O governador foi indelicado ao extremo para o reitor, pondo-o na rua com pesadas palavras, todos os testemunhos confirmam. (*A Sul. O Sombreiro*, 310)
32. Mais tarde soube, o reitor dos jesuítas foi falar ao governador, apontando-lhe o dedo, está a pôr em perigo uma conquista apenas por despeito, já é altura de deixar Cerveira Pereira ir cumprir a missão pelo rei confiada, isto vai saber-se na corte, (*A Sul. O Sombreiro*, 310)
33. Os dois padres ficaram divididos pelas naus, para educarem os soldados, preparando-os para os perigos e dificuldades das jornadas futuras. (*A Sul. O Sombreiro*, 311)

11 Verbo no gerúndio com Proclisador

11.1. Próclise

1. Havia outro barco no porto prestes a ser aviado para a Bahia, daí se dirigindo para Lisboa. (*A Sul. O Sombreiro*, 160)
2. ... e inclinados para a frente, quase se tocando nas extremidades, no meio dos quais havia centenas ou milhares de crânios humanos. (*A Sul. O Sombreiro*, 187)
3. Cerveira bem tentava por vezes conversar com o padre, falando do futuro breve no qual, esperava muito, Benguela se transformaria em sede episcopal, quase lhe dizendo, olha, é para ti, aguenta-te que te farei bispo, mas o outro não respondia às amabilidade (*A Sul. O Sombreiro*, 234)
4. untar algumas ávidas mãos de altos funcionários, os eternos sugadores de sangue alheio se distribuindo pelas diferentes câmaras e repartições, fingindo resolver assuntos do rei, mas só se preocupando com os próprios. (*A Sul. O Sombreiro*, 277)
5. Foi assim se entretendo com pensamentos benignos até o dia começar a escurecer. (*A Sul. O Sombreiro*, 179)

6. A mulher tinha morrido e ele parecia um fantasma, não **me** servindo para nada. (*A Sul. O Sombreiro*, 312)

11.2.2. Ênclise

0 ocorrências

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. Tirou-se dos seus cuidados para **lhe** ir perguntar isso? (*A Sul. O Sombreiro*, 24)
2. — Não **se** pode recusar uma branca, não é? (*A Sul. O Sombreiro*, 27)
3. Mas **te** posso assegurar, o meu pai mulato nunca me apresentou o seu, como se tivesse sido um daqueles pássaros que voa pelo céu e nunca voltas a ver, nem um ovo deixa, nem mesmo uma pena marcando o rasto. (*A Sul. O Sombreiro*, 29)
4. Na infância dele, **se** começou a plantar mandioca por todo o lado onde podia haver rega, mesmo parca. (*A Sul. O Sombreiro*, 32)
5. — Não **se** pode contestar uma ordem da Companhia, caro João. (*A Sul. O Sombreiro*, 35)
6. Como não **nos** queriam deixar partir, pois os nossos mosquetes **lhes** eram de grande serventia, houve negociações. (*A Sul. O Sombreiro*, 47)
7. Podem passar durante um dia inteiro para depois **se** voltarem a meter na terra, no novo formigueiro. (*A Sul. O Sombreiro*, 53)
8. Estava a vinte metros deles e **se** podiam distinguir os guerreiros, postados dos dois lados (*A Sul. O Sombreiro*, 53)
9. ...no fim, que **se** devia afastar sempre de homens brancos altos e magros vestidos de preto, muito perigosos para o seu destino. (*A Sul. O Sombreiro*, 54)
10. — Com armadilhas até elefante **se** pode apanhar. (*A Sul. O Sombreiro*, 55)
11. **Se** foram arrastando, levantando pó com os pés. (*A Sul. O Sombreiro*, 61)
12. Está prometida a um moço tenente, sei, mas sempre **se** pode agradar a todos. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
13. Ao menos em Luanda há mulheres que **me** podem distrair. (*A Sul. O Sombreiro*, 67)
14. Até **me** deu uma ideia, há um pavilhão que pertenceu ao governador João Coutinho que **me** pode interessar, verei com calma. (*A Sul. O Sombreiro*, 69)
15. Acho também perfeitamente normal que **me** tivesse apoderado de todos os prisioneiros que o nosso exército conseguiu apanhar quando o derrotou. (*A Sul. O Sombreiro*, 70)
16. Mais calmo por saber que Custódio Antunes não **me** ia tentar levar toda a soldadesca, fiz as contas. (*A Sul. O Sombreiro*, 78)
17. É qualquer coisa que está sempre comigo, que **me** vem atormentar em mo mento de tranquilidade... (*A Sul. O Sombreiro*, 80)

18. Outra, horrível e achincalhante, afirma ter-se afogado no rio com pouco caudal, como o são os raros do norte de África, mas a armadura de cavaleiro era tão pesada que não se pôde levantar do chão e morreu na pouca água. (A Sul. O Sombreiro, 82)
19. ...e não é um bacharel qualquer enviado pelo vice-rei fantoche que me vai levantar autos ou inquirir decisões. (A Sul. O Sombreiro, 86)
20. Era o maior manancial de caça de toda a região, onde se podia escolher sempre a carne apetecida naquele dia. (A Sul. O Sombreiro, 90)
21. Tinha sido intuitivo criar aquele ponto que no exército se poderia chamar uma carreira de tiro. (A Sul. O Sombreiro, 91)
22. Houve conquistadores e alguns capitães que não apreciaram a iniciativa do rei do Ndongo, pois assim fica mais longe a guerra que lhe possamos fazer. (A Sul. O Sombreiro, 104)
23. E são tão fortes que não lhes posso chegar. (A Sul. O Sombreiro, 106)
24. Nem eles se podiam esgueirar para dentro da casa sem parecerem conspiradores, nem eu podia dar meia volta e parecer um covarde. (A Sul. O Sombreiro, 110)
25. Não se podia ser mais direto. (A Sul. O Sombreiro, 112)
26. Não escondi a gargalhada que dei ao partir e que lhes deve ter chegado aos ouvidos descoroçoados. (A Sul. O Sombreiro, 112)
27. Não lhe quis dizer o que todos sabíamos, chegaram seis, três morrerão no espaço de um ano, mais coisa menos coisa. (A Sul. O Sombreiro, 114)
28. Nzaji meteu conversa com uma das escravas dele, a qual, a rir, **lhe** contou ter o dono um grande parceiro na bebida do maluvo, ela costuma servi-los do moringue. (A Sul. O Sombreiro, 133)
29. Basta ter uma alcoviteira que **lhes** vai falar, convencer com favores ou ameaçar se os favores não chegarem. (A Sul. O Sombreiro, 134)
30. Atiraram-me para uma cela tão acanhada que não me podia deitar por terra, esticado. Sem catre nem cadeira. (A Sul. O Sombreiro, 139)
31. — Não me posso queixar. (A Sul. O Sombreiro, 140)
32. Ou então apenas me mandaram chamar, o que é lógico por haver novo governador. (A Sul. O Sombreiro, 140)
33. — É sua propriedade e não **lhe** pode ser retirado. (A Sul. O Sombreiro, 141)
34. — Então eu ofereço-lho de novo, não o quero vender. (A Sul. O Sombreiro, 141)
35. Se a justiça dos homens falha, só **nos** podemos socorrer da divina. (A Sul. O Sombreiro, 142)
36. Se morresse de repente, Carlos Rocha não se ia admirar. (A Sul. O Sombreiro, 147)
37. — E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não **lhe** poderia dar um conselho, se **mo** pedisse, claro. (A Sul. O Sombreiro, 151)
38. Se não o quiser fazer, não me diz respeito à mesma. (A Sul. O Sombreiro, 155)
39. E ele disse o que sabia de sua livre vontade e sem me pretender vender nada. (A Sul. O Sombreiro, 155)
40. Cerveira ouviu meio distraído os mujimbos que Baltazar **lhe** quis passar sobre os últimos acontecimentos relevantes no sertão. (A Sul. O Sombreiro, 158)
41. E não **te** posso castigar. (A Sul. O Sombreiro, 169)
42. — Pensávamos que se estavam apenas a divertir. (A Sul. O Sombreiro, 195)
43. O problema se começou a pôr em relação à família. (A Sul. O Sombreiro, 195)
44. Enquanto o padre ia rezando, eu divertia-me com a situação do guarda e fiz-lho perceber pois o fitei de maneira alongada. (A Sul. O Sombreiro, 142)
45. E não **te** posso castigar. (A Sul. O Sombreiro, 169)
46. Não, eles **nos** vão levar ao grande jaga ou a um rival dele, importante também. (A Sul. O Sombreiro, 183)
47. — Não, desta vez não se vai fazer dessa maneira (A Sul. O Sombreiro, 205)

48. Este arcebispo, raivoso por ter sido preterido nos favores de D. Beatriz de Viseu pelo seu rival Cerveira, talvez por este lhe dar música como fazia em Luanda, mandou-o prender de imediato. (*A Sul. O Sombreiro*, 212)
49. De facto nem o governador nem El-rei, o qual muito se honrava de representar em Angola neste mo mento e no grande reino do sul do Kwanza quando Deus criasse as condições para tão grande empreendimento, se deviam imiscuir nas decisões do bispo, elas só cabendo à Santa Sé (*A Sul. O Sombreiro*, 219)
50. Manuel Cerveira estava inclinado a escrever no próximo relatório um parecer favorável ao bispo do Kongo e Angola, pessoa com quem se podia contar apesar de ser franciscano, (*A Sul. O Sombreiro*, 221)
51. Alguns estudiosos não sabem explicar até hoje como se consegue usar de estratégias defensivas quando se atacam poderes estrangeiros, mas aparentemente tal dúvida militar nunca ocorreu à coroadada cabeça austríaco-espanhola (*A Sul. O Sombreiro*, 222)
52. ...estando já muito ciente de onde e como se podiam encontrar as ditas jazidas, aumentando com o tempo o valor virtual delas. (*A Sul. O Sombreiro*, 223)
53. Os humores dos soberanos sempre foram instáveis, ora dão um prémio a uma pessoa, ora lhe mandam cortar a cabeça. (*A Sul. O Sombreiro*, 224)
54. Manuel Cerveira também se pode queixar de a senhora suprema da morte, o paludismo, não fazer distinções familiares: (*A Sul. O Sombreiro*, 228)
55. Comeu bem quando chegou, bebeu bem, todos lhe estão a tratar bem. (*A Sul. O Sombreiro*, 253)
56. Tentando convencer o chefe local de que as suas razões eram pacíficas, Carlos Rocha não se podia apresentar com a tropa de jagas, (*A Sul. O Sombreiro*, 238)
57. Por isso convenceu Mbombe e os outros a arriscar entrar sozinho na ombala, nada me vai suceder de mal. (*A Sul. O Sombreiro*, 238)
58. Quem ma pode dar? (*A Sul. O Sombreiro*, 239)
59. ... pois o cobre aflorava de facto mas em pequena quantidade, não se podia falar de minas e muitas vezes era mais o chumbo que outra coisa. (*A Sul. O Sombreiro*, 273)
60. ...o verdadeiro criador do espião, bastante falta lhes podia fazer o moço tão hábil e fiel. (*A Sul. O Sombreiro*, 280)
61. Nunca te vão dar. (*A Sul. O Sombreiro*, 292)
62. E deixa disso, ninguém te vai reconhecer lá, eras muito miúdo em Luanda e ninguém reparava num rapaz escravo, para eles somos todos iguais. (*A Sul. O Sombreiro*, 295)
63. Para terminar, eu, Simão de Oliveira, proclamo S. Filipe de Benguela amaldiçoada para a eternidade, pois uma cidade (ou o que lhe queiram chamar) criada por tal criatura da corte do demo só pode ser azarada e enfeitiçadora. (*A Sul. O Sombreiro*, 304)
64. Não se podia perder tempo com ninharias. (*A Sul. O Sombreiro*, 313)
65. Então já me poderia retirar para Lisboa, de nome lavado. (*A Sul. O Sombreiro*, 315)
66. ...já anunciada de um ouvidor de nome Fajardo que lhe vinha fazer uma sindicância, de cujo Fajardo dizia o velho Gaspar Álvares ser fino como um furão na contabilidade (*A Sul. O Sombreiro*, 315)
67. Mas não me podia conter nas críticas ao comportamento do governador Luís Mendes, sumido no interior, fazendo guerras injustas, (*A Sul. O Sombreiro*, 316)
68. E, depois de morto, não se pode evitar que lhe tirem um braço ou outra parte do corpo. (*A Sul. O Sombreiro*, 323)
69. Esse filho para ela deixara de ser um estorvo de que se deve rapidamente desembaraçar, se tornara uma presença desejada. (*A Sul. O Sombreiro*, 327)
70. Cerveira Pereira não sabia mais na altura, mas hoje podemos acrescentar à cena que o dito governador João Correia de Sousa teve intuição do que lhe podia acontecer (*A Sul. O Sombreiro*, 347)
71. — Não se pode ter tudo — disse Carlos Rocha. (*A Sul. O Sombreiro*, 355)

72. Os jagas, se foram atrás deles, acabaram por lhes perder o rasto a sul e nunca pensariam que eles afinal **se** tinham voltado a aproximar do Kikombo. (A Sul. O Sombreiro, 350)

12.1.2. Não Subida

1. Assim é que é falar, nada de lamechices e perdões sem sentido, quem tem poder, poder a sério, sabe usá-**lo** com fúria, com rancor, sem perdão. (A Sul. O Sombreiro, 8)
2. O vigário voltou a **se** servir do maluvo. (A Sul. O Sombreiro, 24)
3. Se o bispo o manda embora, mesmo cumprindo ordens do paço, o padre Peres pode acusá-**lo** de perseguição por causa da Inês. (A Sul. O Sombreiro, 26)
4. Além de estar sempre a **me** mandar fazer os trabalhos mais complicados, tal vez porque lhe irritava eu saber escrever enquanto ele, analfabeto de várias gerações, não distinguia o ponto do traço, deu de embirrar e gritar por tudo e por nada. (A Sul. O Sombreiro, 30)
5. A um certo momento, os rapazes não sabiam ou queriam **se** defender, achavam serem nojentos, fracos, estúpidos, não havia ninguém mais asqueroso que eles no mundo (A Sul. O Sombreiro, 31)
6. Quis **se** virar para mim, tentou bater com a mão peluda, mas eu usava punhal. (A Sul. O Sombreiro, 31)
7. Esses só queriam **se** perder nos matos. (A Sul. O Sombreiro, 31)
8. Carlos Rocha nasceu portanto no sítio onde começava dificilmente a **se** erguer a cidade de São Paulo de Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 32)
9. Tinha a idade, podia **se** oferecer para o exército, sempre com falta de gente para conquistar o interior e as sonhadas minas de prata. (A Sul. O Sombreiro, 33)
10. O tendala seria um bom protetor, em gente de António Dias Mossungo nem o próprio Manuel Cerveira Pereira se atreveria a tocar. O tendala não só tinha mais homens, como podia facilmente **se** diluir na selva e aparecer em aliança com os terríveis jagas, (A Sul. O Sombreiro, 34)
11. O negócio podia **se** fechar a qualquer momento. (A Sul. O Sombreiro, 36)
12. Podia levá-**lo**, o escravo era seu. (A Sul. O Sombreiro, 36)
13. Pode tê-**lo** matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. (A Sul. O Sombreiro, 41)
14. sendo dono de várias caravanas, Gaspar doava ao colégio na cidade, para que os nossos amigos da Companhia de Jesus pudessem **se** dedicar sem cuidados ao ensino. (A Sul. O Sombreiro, 48)
15. E Kalando, como *lhe* chamava para abreviar o nome, começou a deixar-**me** andar mais solto, apenas com um homem a tomar conta. (A Sul. O Sombreiro, 47)
16. Ela havia de **o** informar quando o perigo tivesse passado. (A Sul. O Sombreiro, 54)
17. De um flanco tem uma aldeia, mas nós vamos só cumprimentá-**los** e depois fazemos uma cubata do outro lado, para ficarmos isolados. (A Sul. O Sombreiro, 55)
18. Formada por raízes de plantas aquáticas se embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia se ter desprendido do seu solo original. (A Sul. O Sombreiro, 58)
19. Estou velho demais senão ia mesmo apanhá-**lo** lá para o castigar. (A Sul. O Sombreiro, 62)
20. Sua Majestade quer impedir-**nos** de atacar, como se fosse possível conquistar esta gente só com a palavra, apesar do esforço meritíssimo dos padres da Companhia em *lhes* pôr luz nas cabeças duras. (A Sul. O Sombreiro, 67)

21. Vai esconder-**se** debaixo das saias da primeira mulher que encontrar, talvez da degredada Inês, a qual tem passado em casa dele várias noites, desde que o judeu disfarçado de padre *se* foi embora. (A Sul. O Sombreiro, 67)
22. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem me ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou **me** dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América... (A Sul. O Sombreiro, 67)
23. Vai esconder-**se** debaixo das saias da primeira mulher que encontrar, talvez da degredada Inês, a qual tem passado em casa dele várias noites, desde que o judeu disfarçado de padre *se* foi embora. (A Sul. O Sombreiro, 67)
24. Começo a ficar cansado de tudo isto e se o rei insiste em eu governar apenas os sobas e as populações sem me ocupar da prata, acho que sim, vou fazer mesmo isso, vou **me** dedicar apenas a guerras para resgatar peças e enviar mais barcos para a América... (A Sul. O Sombreiro, 67)
25. por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e começou a bater-**lhe**, para ver se o Jerónimo confessava. (A Sul. O Sombreiro, 69)
26. Não posso negar-**lhe** a petição, sem ficar mal visto. (A Sul. O Sombreiro, 68)
27. por isso o meu primo o puxou para um canto escuro por trás da taberna e começou a bater-**lhe**, para ver se o Jerónimo confessava. (A Sul. O Sombreiro, 69)
28. — Sua Majestade tem todas as razões para confiar em mim e não é um bacharel qualquer que vem ditar-**me** ordens. (A Sul. O Sombreiro, 70)
29. Em vez de responder a uma pergunta direta como *lhe* fiz, fica satisfeito se eu prender o seu escrivão, não é que o velhaco vem lembrar-**me** que eu não tinha respondido à sua pergunta, anterior à minha? (A Sul. O Sombreiro, 71)
30. Não disse nada, e podia tê-**lo** chamado à razão, mas memorizei a ousadia. (A Sul. O Sombreiro, 74)
31. Mas passou a dizer-**lhe** respeito diretamente quando falei de novo como conclusão: (A Sul. O Sombreiro, 76)
32. Por um lado, queria mandar-**me** à merda ou a partes ainda mais ruins, por outro, tinha aprendido a respeitar a autoridade e instintivamente *se* retraía. (A Sul. O Sombreiro, 76)
33. Podia dedicar-**me** à suave Margarida. (A Sul. O Sombreiro, 78)
34. Vou mandá-**lo** para o Brasil, sim, porque é o primeiro navio que daqui sai, sorte dele não ser despachado para a Malásia, apenas porque não há um próximo barco a partir para lá. (A Sul. O Sombreiro, 86)
35. ...e ou a senhora *me* explica tudo agora ou esse filho que tem no ventre não vai ficar vivo porque vou tirá-**lo** com este punhal (A Sul. O Sombreiro, 88)
36. Podiam chamar-**lhe** batei e não ficava mal para nome de um marinheiro. (A Sul. O Sombreiro, 98)
37. O inglês voltou a **lhe** bater no ombro, pelos vistos era gesto habitual nele. (A Sul. O Sombreiro, 96)
38. Enquanto você está a negociar, estou eu no mato a regalar-**me**... (A Sul. O Sombreiro, 100)
39. Outros sindicantes vêm apresentar-**se** ao chegar, até Filipe Butaca o fez, embora de forma desajeitada. (A Sul. O Sombreiro, 108)
40. Baixam os olhos, os cornudos. Bem posso gabar-**me**, há cerca de cinquenta mulheres casadas em Luanda e dessas já alcancei metade. (A Sul. O Sombreiro, 109)
41. Um destes dias, vou lembrar-**me** do assunto, para comprovar o seu valor militar. (A Sul. O Sombreiro, 109)
42. O vigário devia benzer-**se** três vezes antes e depois de entrar no templo dos jesuítas, como *se* faz para afastar o Maligno, escapei do inferno. (A Sul. O Sombreiro, 111)
43. — Posso oferecer-**lhe** uma bebida, senhor governador? (A Sul. O Sombreiro, 113)
44. — Vim inteirar-**me** do andamento das obras. (A Sul. O Sombreiro, 113)

45. Mas devo dizer, o trabalho está a avançar, estamos todos muito contentes e esperançados que possamos mudar-**nos** no Natal. (*A Sul. O Sombreiro, 113*)
46. Não *se* lembrou de ir apresentar-**se** ao governador, estava à espera de maior avanço no trabalho. (*A Sul. O Sombreiro, 114*)
47. — Estava a referir-**me** a atividades profanas. (*A Sul. O Sombreiro, 115*)
48. Poderia arrasá-**lo** depois da fundação de Kambambe (*A Sul. O Sombreiro, 118*)
49. Os restantes frades quiseram retê-**lo**, a noite vai cair e temos de rezar. (*A Sul. O Sombreiro, 124*)
50. E podemos encontrar-**nos** na casa de um ou de outro, ou numa taberna ao pé do porto, faz bem para desentorpecer as pernas. (*A Sul. O Sombreiro, 126*)
51. O colono reparou nele por isso mesmo e começou a usá-**lo** para recados e pequenos trabalhos dentro de casa. (*A Sul. O Sombreiro, 128*)
52. E Ngola Kiluanji, o poder mais constante de que se lembrava de ouvir os mais velhos, o senhor de Kabassa, por vezes tinha de **se** defender de jagas enquanto era aliado dos jagas que dominavam a Matamba. (*A Sul. O Sombreiro, 129*)
53. Nzaji meteu conversa com uma das escravas dele, a qual, a rir, lhe contou ter o dono um grande parceiro na bebida do maluvo, ela costuma servi-**los** do moringue. (*A Sul. O Sombreiro, 133*)
54. E só lá poderei ir se vier outro governador render-**me** no posto. (*A Sul. O Sombreiro, 135*)
55. Que eu não posso gabar-**me** de ter seduzido a bela deusa fortuna. (*A Sul. O Sombreiro, 135*)
56. Veio a saber-**se** que era um escravo fugido nessa noite de uma herdade próxima, tão cansado de ter corrido durante toda a noite que não teve força de evitar o cavalo do rei. (*A Sul. O Sombreiro, 137*)
57. Nem me deixou sentar à mesa. Fiquei de pé. Gaspar Álvares, vendo a minha situação, levantou-se e tentou abraçar-**me**. (*A Sul. O Sombreiro, 139*)
58. Várias vezes quis castigá-**lo** a sério, sacudir a mangonha, mas não *se* sentia capaz de exercer violência sobre o jovem e o escravo abusava da sua benevolência quase fraternal. (*A Sul. O Sombreiro, 144*)
59. Ia dirigir-**se** primeiro a Mulende, que se encolheu em desespero, pois percebia toda a conversa, diferentemente dos outros escravos, só competentes em kimbundo, (*A Sul. O Sombreiro, 148*)
60. Depois o sô governador chegou, eles estavam a **se** despedir. (*A Sul. O Sombreiro, 130*)
61. Olharam descoroçados para Carlos, mudos perguntando, estás a **nos** trair? (*A Sul. O Sombreiro, 149*)
62. Mas essa informação pode ser-**lhe** útil. (*A Sul. O Sombreiro, 154*)
63. Tinham acabado de **lhe** contar o mujimbo e ficou natural mente confundido. (*A Sul. O Sombreiro, 155*)
64. O escrivão poderia **se** perder pelos matos do Brasil, ir mais a sul para território espanhol ou até para outra parte do mundo torrar a fazenda respeitável e ninguém descobriria o seu rasto. (*A Sul. O Sombreiro, 161*)
65. Ele vai recordar-**se**, conhece-me, sabe que sempre defendi a causa de Espanha. E conte da minha triste situação, por uma conspiração dos inimigos de Sua Majestade, dos que querem ainda hoje um rei português, mesmo sendo filho de judia como esse E venha regularmente contar-**me** o que se passa (*A Sul. O Sombreiro, 162*)
66. Foi então por ele proferida a frase que, devidamente retocada e traduzida, viria a **se** tomar célebre noutras bocas e circunstâncias: (*A Sul. O Sombreiro, 164*)
67. Em Luanda tentara **se** informar de barcos indo para o sul, mas não havia perspectivas a breve prazo. (*A Sul. O Sombreiro, 168*)
68. Embora sem saber porque seguiu o desejo de Mulende, pediu aos kaxikos, vamos levá-**lo** para fora. (*A Sul. O Sombreiro, 170*)

69. E da única vez que viu o governador Cerveira, ficou completamente transtornado, gritou para Carlos, ele pode **te** fazer mal, ele pode te fazer mal, a velha tem razão. (A Sul. O Sombreiro, 175)
70. Ainda nem tivera tempo para chorar saudades de Luanda e **já** o dono lhe dizia, vamos **nos** entregar na bocarra daquele canibal do Kalandula. (A Sul. O Sombreiro, 176)
71. Sei é que eles vão **te** comer e a mim também. (A Sul. O Sombreiro, 176)
72. Seria preferível tentar entrar uma terceira vez no forte de Muxima, **se** babar e ter convulsões, **ai** ao menos poderia **se** habituar. (A Sul. O Sombreiro, 180)
73. O chefe ia conduzi-**los** a alguém mais poderoso. (A Sul. O Sombreiro, 180)
74. Só mesmo a argumentação podia salvá-**los**. (A Sul. O Sombreiro, 181)
75. Vão **nos** comer. (A Sul. O Sombreiro, 183)
76. — Mas vocês estão **a** **me** fazer perder tempo, a andar para trás. (A Sul. O Sombreiro, 183)
77. Mas nunca chegavam **a** **se** embriagar realmente, coisa tão frequente nos jovens de outros povos. (A Sul. O Sombreiro, 186)
78. O povo todo veio esperá-**los** na tal avenida larga ladeada por palmeiras gigantes, apenas com um tufo de penas lá em cima. (A Sul. O Sombreiro, 186)
79. — Bem, venho contar-**te** um segredo e propor-**te** um negócio. (A Sul. O Sombreiro, 188)
80. — Se eu encontrar os ossos, talvez vão **te** respeitar mais. (A Sul. O Sombreiro, 190)
81. **Me** disse, ia **se** encontrar com jagas da margem direita do Kwanza, muito ativos a kanzar peças para as vender aos portugueses de Massangano e Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 197)
82. E eu fico a morder-**me** de ciúmes e a **me** acusar de ser um fraco que nem a soube guardar. (A Sul. O Sombreiro, 197)
83. Finge que é muito fraco, finge estar doente, para ver quem é que começa **a** **se** pôr demasiado de pé. (A Sul. O Sombreiro, 198)
84. — Podes **me** pedir emprestada ao meu tio. (A Sul. O Sombreiro, 199)
85. Tinha de partir e não queria deixá **-la**. (A Sul. O Sombreiro, 199)
86. Mais tarde, devagar, haveria **de** **lhe** ensinar a ser contra o hábito de comer carne humana, porém ainda era cedo para utilizar o argumento moral. (A Sul. O Sombreiro, 199)
87. O empréstimo não tinha prazo, podíamos pois dilatá-**lo** conforme as dificuldades da empreitada. (A Sul. O Sombreiro, 200)
88. Levantou, vamos apanhá-**los**. (A Sul. O Sombreiro, 204)
89. — Mbombe, não vamos atacá-**los**. (A Sul. O Sombreiro, 205)
90. Kandalu foi **lhes** levar a comida que guardara. (A Sul. O Sombreiro, 206)
91. Não conseguimos informações, mas aquele caminho vai **nos** levar para outro kimbo e está na direção **que** **me** interessa. (A Sul. O Sombreiro, 207)
92. — **Amanhã** vou **lhe** falar e esclarecer tudo. (A Sul. O Sombreiro, 207)
93. com Kandalu, explica lá o que aconteceu naquele kimbo abandonado **que** **te** pôs tão triste, tens **de** **me** contar, agora estamos juntos (A Sul. O Sombreiro, 208)
94. De uma vez, ele ousou **lhe** apertar o braço numa discussão e levou logo uma palmada no peito, afastando qualquer intimidade. (A Sul. O Sombreiro, 209)
95. Podia **se** lembrar de algumas cenas, embora não quisesse. (A Sul. O Sombreiro, 210)
96. E pode tê-**la** educado de forma diversa, mesmo se involuntariamente. (A Sul. O Sombreiro, 211)
97. **Lhe** disse baixo, em conselho paternal, saia já daí e vá sentar-**se** no banco como os outros, (A Sul. O Sombreiro, 214)
98. Porém o vigário, **se** arrogando o direito de mostrar ser a face mais distinta da Igreja em Angola, a qual de facto representava, queria prová-**lo** a todos de forma indiscutível, (A Sul. O Sombreiro, 214)
99. ... o tempo que quiseses, mas vou **te** bater onde mais dói. (A Sul. O Sombreiro, 214)

100. Por isso ia escrevendo ao rei, dando conta dos seus sucessos militares, que os teve, derrotando alguns sobas menores que ousaram antes se revoltar, mas, como sempre insistia em afirmar ao soberano, (A Sul. O Sombreiro, 222)
101. Tinha de se apressar. (A Sul. O Sombreiro, 224)
102. Nzoji, por seu lado, começava a se arrepender de ter escolhido o barco errado. (A Sul. O Sombreiro, 237)
103. Os pumbeiros e os seus patrões podem se estabelecer em Benguela e continuarem com os negócios aqui, como os do Kongo fazem em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 224)
104. Mulende lamentava, o meu amo é louco, vai se meter na boca das feras, também não é a primeira vez. (A Sul. O Sombreiro, 239)
105. Continuo a contar-vos o que diz o padre Mateus Cardoso na sua carta... (A Sul. O Sombreiro, 343)
106. Isso se estivesse na sua casa. As condições no mato não eram normais, tinha de se mostrar aos olhos de todos, a menos que se enfiasse numa gruta e proibisse visitas, exceto de Muhongo e Kafeka. (A Sul. O Sombreiro, 246)
107. Quando devia se rebolar de raiva, agora como vamos fazer, não sabias evitar? (A Sul. O Sombreiro, 246)
108. — Não pode nos manter neste atoleiro de morte lenta, no meio destes pântanos, com fome e sede. (A Sul. O Sombreiro, 248)
109. Tentou primeiro impedir-me de vender os escravos, exigindo depois uma taxa especial. (A Sul. O Sombreiro, 250)
110. Convidou Ebo-Kalunda a descansar mais uns dias e voltar ao seu sobado com alguns presentes, ele iria visitá-lo na melhor altura a Sumbe-Ambuela. (A Sul. O Sombreiro, 254)
111. Uma vantagem suplementar para quem queria se estabelecer: avançando um pouco com o rio.. (A Sul. O Sombreiro, 355)
112. — Chama a tua gente. Quero vê-los. (A Sul. O Sombreiro, 265)
113. E vai visitar-me à libata. (A Sul. O Sombreiro, 266)
114. Vem visitar-me, não deixes o pó as sentar no meu caminho. (A Sul. O Sombreiro, 266)
115. — Posso ir vê-lo? (A Sul. O Sombreiro, 274)
116. Também não sabia se de facto estariam a caminho as duas sobrinhas da esposa, como esta lhe confiou em carta recebida ainda em Benguela, as quais poderiam distraí-lo um pouco na sua solidão de velho, (A Sul. O Sombreiro, 279)
117. Estava agora arrependido da deferência, devia tê-lo deixado de pé, como um suplicante qualquer. (A Sul. O Sombreiro, 284)
118. Ao ponto de esquecer tomar os evitantes, que certamente serão úteis para quem não quer se chatear com gravidezes. (A Sul. O Sombreiro, 287)
119. Na caça tem de se estar concentrado para ter êxito. (A Sul. O Sombreiro, 287)
120. Vou levá-la comigo até à libata do chefe, para ver como é um kimbo normal, não de jagas. (A Sul. O Sombreiro, 289)
121. .. Podia ter-me nomeado ca pelão do barco, até tinha autoridade, para isso era vigário em Benguela. (A Sul. O Sombreiro, 300)
122. Cheguei a vigário com muita luta e contra a vontade do governador, claro, vislumbrando com o cargo poder defender-me dele. (A Sul. O Sombreiro, 300)
123. Em vez de ficar com o escravo, deveria entregá-lo ao legítimo dono, um Diego qualquer. (A Sul. O Sombreiro, 308)
124. O escrivão devia achar-se pessoa de muita importância pois teve a ousadia de insistir e de maus modos, quase com ameaças. (A Sul. O Sombreiro, 308)
125. Estava a tarde a se aproximar do fim quando aparece, igualmente apressado (A Sul. O Sombreiro, 309)

126. Mais tarde soube, o reitor dos jesuítas foi falar ao governador, apontando-lhe o dedo, está a pôr em perigo uma conquista apenas por despeito, já é altura de deixar Cerveira Pereira ir cumprir a missão pelo rei confiada, isto vai saber-se na corte, (A Sul. O Sombreiro, 310)
127. Era pouca coisa, uma miséria, mas com determinação pode vencer-se qualquer batalha. (A Sul. O Sombreiro, 312)
128. Contra tantas atribulações, muito deveria regozijar-me e agradecer a Deus por ainda não ter embarcado com Caronte. (A Sul. O Sombreiro, 318)
129. — Eles vão vos descobrir. (A Sul. O Sombreiro, 328)
130. Teria de se antecipar às mulheres e segurar no bebé (A Sul. O Sombreiro, 329)
131. Percebendo o gesto, ela ia ajudá-lo a guardar o filho, dando o passo necessário? (A Sul. O Sombreiro, 331)
132. O bebé estava limpo e Kafeka ia se inclinar para ele quando Rocha deu o segundo bote. (A Sul. O Sombreiro, 331)
133. Lhes disse estou morar sozinho, fugi dos jagas que queriam me matar. (A Sul. O Sombreiro, 353)
134. Em caso de perigo, podiam se esconder com facilidade, desde que evitassem deixar vestígios da sua presença fora, junto do imbondeiro, onde viveriam mais tempo. (A Sul. O Sombreiro, 355)
135. Ou então não acreditaram, pois devem tê-los visto passar para o interior, quando procuravam poiso seguro. (A Sul. O Sombreiro, 356)
136. Podia continuar a mantê-los tanto tempo afastados de Caxinde? (A Sul. O Sombreiro, 297)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

1. -Crescera solta, pois as plantas se iam reproduzindo, com flores brancas e amarelas. (A Sul. O Sombreiro, 58)
2. É conhecida a imagem: a pessoa ainda não acabou de falar e já está desesperadamente a puxar as palavras que lhe vão saindo da boca como um regato de uma fonte. (A Sul. O Sombreiro, 72)
3. Assim se iam espalhando pelo sul do Kwanza como se tinham antes espalhado pelo norte, desde as terras de Kassanje até ao mar. (A Sul. O Sombreiro, 181)
4. Entretanto se foram descobrindo as ramificações da rebelião e eram numerosas. (A Sul. O Sombreiro, 235)
5. Reunia escassas tropas e mantimentos para partir na expedição ao sul, esperando entretanto a vinda do novo governador, o qual deveria ficar com as makas e proveitos de Luanda, que pouco lhe interessavam, e lhe trazer quantidade de homens de armas e mantimentos, para refazer o que se ia esgotando por morte ou consumo em Luanda. (A Sul. O Sombreiro, 223)
6. Já ouvia vozes gritadas em português quando se foi aproximando da caverna, os ramos atrás a apagar as suas próprias pegadas e colocados em seguida na entrada. (A Sul. O Sombreiro, 328)
7. Se foram arrastando, levantando pó com os pés. (A Sul. O Sombreiro, 61)

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. O barbeiro já **lhe** tinha explicado, era questão de tempo. (*A Sul. O Sombreiro*, 16)
2. Se alegrou quando **lhe** foi respondido que voltavam no dia seguinte a Massangano, a cinco dias de viagem. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
3. Pode tê-**lo** matado ou apenas enganado, que importava, ninguém perdia tempo a fazer perguntas dessas. (*A Sul. O Sombreiro*, 41)
4. Battell jurou ter ido a convite do capitão do navio para beber uma aguardente como se fazia na terra dele, não em Liga, até porque **lhe** tinham prometido a liberdade mal chegasse a Luanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 43)
5. O kissama **se** tinha tornado muito famoso por ter vencido um enorme exército vosso, sete anos antes. (*A Sul. O Sombreiro*, 49)
6. Se **se** tinham afastado tanto de Luanda para sul, também era disparatado agora voltarem para norte. (*A Sul. O Sombreiro*, 53)
7. E isso significava que o pai ou **se** tinha regenerado ou morrera. (*A Sul. O Sombreiro*, 54)
8. Formada por raízes de plantas aquáticas se embrulhando umas nas outras, misturadas a bancos de nenúfares de grandes folhas, como havia nas margens, deve um dia se ter desprendido do seu solo original. (*A Sul. O Sombreiro*, 58)
9. Nunca **lhe** tinham explicado muito bem de onde ele tinha vindo, podia ser da desconhecida e temível Matamba, (*A Sul. O Sombreiro*, 54)
10. Crescera solta, pois as plantas **se** iam reproduzindo, com flores brancas e amarelas. (*A Sul. O Sombreiro*, 58)
11. A minha mãe dizia, o teu pai fez bem nessa altura e com nobreza de alma, embora **nos** tenha criado grande perigo. (*A Sul. O Sombreiro*, 84)
12. Só que entretanto outros planos para ele **me** tinham ocorrido. (*A Sul. O Sombreiro*, 75)
13. Outra, horrível e achincalhante, afirma ter-**se** afogado no rio com pouco caudal, como o são os raros do norte de África, mas a armadura de cavaleiro era tão pesada que não **se** pôde levantar do chão e morreu na pouca água. (*A Sul. O Sombreiro*, 82)
14. Já **me** tinham ciciado ser essa uma das suas vinganças, uma mulher despreza-o e ele finge ter trato com ela através de serenatas públicas. (*A Sul. O Sombreiro*, 85)
15. Mulende não tinha essa noção do tempo, o dono **lhe** tinha dito, estamos há dois anos aqui, como andarão as coisas por Luanda? (*A Sul. O Sombreiro*, 90)
16. De repente, **lhe** tinha dado uma saudade. (*A Sul. O Sombreiro*, 97)
17. Não escondi a gargalhada que dei ao partir e que **lhes** deve ter chegado aos ouvidos descoroçados. (*A Sul. O Sombreiro*, 112)
18. Fez uma devassa de última hora, acusou Cerveira Pereira de **se** ter locupletado com um pavilhão (*A Sul. O Sombreiro*, 212)
19. E como **se** têm encontrado muitas vezes, já teceram laços bastante chegados. (*A Sul. O Sombreiro*, 115)
20. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (*A Sul. O Sombreiro*, 219)

21. Esta ponderação **lhe** tinha sido pedida pessoalmente por El-rei, sempre desconfiado das macabras manobras do Vaticano contra o seu Império. (*A Sul. O Sombreiro*, 221)
22. — É sua propriedade e não **lhe** pode ser retirado. (*A Sul. O Sombreiro*, 141)
23. — Caramba, essa determinação tinha-**me** dado muito jeito... (*A Sul. O Sombreiro*, 141)
24. Fizeram fogueiras e assaram os tubérculos para acompanharem a carne do nunc que **lhes** tinha aparecido pela frente. (*A Sul. O Sombreiro*, 243)
25. Carlos Rocha aceitou a beber mais uma caneca que o taberneiro **lhe** tinha posto em frente. (*A Sul. O Sombreiro*, 152)
26. Era objetivo de Carlos continuar a avançar pela margem esquerda do rio para o interior, tentando evitar encontros perigosos, chegando ao planalto de que **lhe** tinham falado como região só conhecida por gentes do Ndongo. (*A Sul. O Sombreiro*, 168)
27. Horrificado, entendeu o que **lhe** tinham ensinado, os jagas não guardam os próprios filhos, são mortos à nascença. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
28. Aliás, nunca **se** tinha envolvido numa batalha, por mais pequena. (*A Sul. O Sombreiro*, 173)
29. O kaxiko da véspera, que entretanto **se** tinha aproximado, confirmou com a cabeça. (*A Sul. O Sombreiro*, 173)
30. Mas ninguém **lhe** tinha ensinado nada e nunca o vira a fazer manipulações com raízes ou folhas, técnica habitual de kimbanda. (*A Sul. O Sombreiro*, 175)
31. Durante o princípio de marcha, o escravo que já não o era mas não tinha nenhum papel a provar o aforro, pensava no que **lhe** tinha sido prometido. (*A Sul. O Sombreiro*, 177)
32. Mulende, pelo menos, já **se** tinha preparado mentalmente para entrar num caldeirão e ser cozido aos poucos. (*A Sul. O Sombreiro*, 180)
33. Carlos Rocha fazia como o Kingrêje **lhe** tinha ensinado, observava, aprendia. (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
34. O grupo do irmão, assim ele chamava ao anterior chefe, tinha-**os** capturado perto do Kwanza por andarem a fazer alguns reconhecimentos. (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
35. Os assistentes, que entretanto **se** tinham aproximado e rodeavam o njango, aplaudiram e riram, Imbe Kalandula brinca com os sumbes, nem precisa de **lhes** rosnar para eles fugirem como mabecos. (*A Sul. O Sombreiro*, 189)
36. Eu seria um dos alvos principais, mas já **me** tinham conhecido. (*A Sul. O Sombreiro*, 291)
37. O jovem chefe de grupo que **nos** tinha trazido, Mukilango, herdeiro do soba do Demba, era o único conselheiro disponível. (*A Sul. O Sombreiro*, 195)
38. Queria melhorar as relações com os franciscanos, embora estes até devessem estar gratos por **lhes** ter oferecido o terreno para o convento. (*A Sul. O Sombreiro*, 219)
39. Esta ponderação **lhe** tinha sido pedida pessoalmente por El-rei, sempre desconfiado das macabras manobras do Vaticano contra o seu Império. (*A Sul. O Sombreiro*, 221)
40. Fizeram fogueiras e assaram os tubérculos para acompanharem a carne do nunc que **lhes** tinha aparecido pela frente. (*A Sul. O Sombreiro*, 243)
41. Era realmente um grupo multicultural, como se diz hoje, pois constituído por dois cristãos-novos, o mouro André Coronado que **se** tinha rebelado antes, (*A Sul. O Sombreiro*, 256)
42. Horrificado, entendeu o que **lhe** tinham ensinado, os jagas não guardam os próprios filhos, são mortos à nascença. (*A Sul. O Sombreiro*, 270)
43. O Vasconcelos tinha-**o** mandado sentar no cadeirão à frente da sua mesa, porque julgava que ele ainda mal se aguentava nas pernas. (*A Sul. O Sombreiro*, 284)
44. Eu seria um dos alvos principais, mas já **me** tinham conhecido. (*A Sul. O Sombreiro*, 291)
45. .. Podia ter-**me** nomeado ca pelão do barco, até tinha autoridade, para isso era vigário em Benguela. (*A Sul. O Sombreiro*, 300)
46. Em bela enrascada **nos** tinha metido o louco que antes nos governava e dizia ser este o melhor sítio para **se** construir uma cidade. (*A Sul. O Sombreiro*, 302)

47. O escrivão convocava-me a Luanda para depor no caso de um escravo fugido e que se tinha apresentado a mim de livre vontade. (*A Sul. O Sombreiro*, 308)
48. Era incompreensível, satânico mesmo, o que lhes tinha sucedido em espaço de meses. (*A Sul. O Sombreiro*, 317)
49. Undu não sabia da existência da nova fortificação, nem lhe fora explicado porquê Mulende se ausentara por duas semanas da capital de Ebo-Kalunda. (*A Sul. O Sombreiro*, 320)
50. Se tinha metido na cova momentos antes, ao avistar a aldeia com nome de cidade e de reino, temendo ser notado. (*A Sul. O Sombreiro*, 349)

12.3.2. Não Subida

0 ocorrência

Outras ocorrências de pronomes clíticos

14. Interpolação

1. O vigário passa a vida em concílios pouco apostólicos com o ouvidor André Velho e agora também com um bacharel recém-chegado, de nome Manuel Nogueira, o qual ainda se não apresentou a mim, o que não é normal e me cheirou logo a esturro (i). (*A Sul. O Sombreiro*, 106)
2. Quando se não apunhalavam pelas costas. (*A Sul. O Sombreiro*, 159)
3. Se encontravam alguma matebeira, já se não andava nesse dia. Cortavam-na, tiravam a seiva e esperavam até fermentar numa cabaça andando sempre na cabeça de um deles (i). (*A Sul. O Sombreiro*, 186)
4. Mas também não era obrigado a ser muito específico nas respostas, desde que os habitantes da ombala se não aproximassem muito da sua escolta para a reconhecerem como um conjunto de jagas (i). (*A Sul. O Sombreiro*, 240)
5. Para evitar o escândalo e a revolta da população, o bispo despachou o criminoso para a Índia sem mais delongas, ficando a pobre moça entregue às madres do Carmo enquanto se não encontrasse solução. (interpolação) (*A Sul. O Sombreiro*, 317)
6. Porque Cerveira não acreditava na outra possibilidade, a de ele efetivamente se não meter nas conspirações, ou por lealdade ou covardia (i). (*A Sul. O Sombreiro*, 236)

15. Grupos clíticos 7

1. Fiz um gesto para **lha** encherem. (*A Sul. O Sombreiro, 49*)
2. E o senhor ouvidor faça o relatório a quem quiser, até ao papa, pouco **se me** dá, farto de intrigas contra mim está Sua Majestade, nem as ouve. (*A Sul. O Sombreiro, 86*)
3. — E devo confessar que conheço tão mal as coisas daqui que também não lhe poderia dar um conselho, se **mo** pedisse, claro. (*A Sul. O Sombreiro, 151*)
4. Quem **ma** pode dar? (*A Sul. O Sombreiro, 239*)
5. Os cavalos que Sua Majestade lhe entregou para **mos** deixar em Benguela e que trouxe para Luanda sem me dar cavaco. (*A Sul. O Sombreiro, 284*)
6. Cobrarei até **mos** pagar. (*A Sul. O Sombreiro, 284*)
7. Depois de novo o mujimbo redentor, o governador partiu na Luanda mais as duas mulheres dele, muito marreco e a tropeçar nas botas, ia esquecendo a espada em casa, o padre é que **lha** deu. (*A Sul. O Sombreiro, 357*)

3- Os da Minha Rua

ANEXO (*corpus M 3*)

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. — Maaaaãe, a tia Sita **me** convidou pra almoçar na casa dela. (*Os da Minha Rua, 14*)
2. E **me** deram mesmo. (*Os da Minha Rua, 19*)
3. e a tela toda branca **se** acendeu de luz brilhante antes mesmo de as luzes se apagarem (*Os da Minha Rua, 29*)
4. — a minha mãe **me** deu um beijinho. (*Os da Minha Rua, 82*)
5. Esse cheiro **se** misturava com o perfume que era o mesmo que a mãe dela usava. (*Os da Minha Rua, 84*)
6. Um sabor salgado **me** ficou na boca e eu gostei. (*Os da Minha Rua, 84*)
7. ...e todo mundo já grita bem alto, a Lara **me** ameaçou com a voz dela: (*Os da Minha Rua, 86*)
8. Estava bem atrapalhado eu, ela **me** segurava no braço com força. (*Os da Minha Rua, 86*)
9. A mãe do Bruno **me** chamou para eu comer o bolo horroroso com glacê e eu gritei logo acusando o lugar (*Os da Minha Rua, 86*)
10. O sol **se** pôs atrás das obras dos soviéticos. (*Os da Minha Rua, 108*)
11. O Nitó **me** avisou: (*Os da Minha Rua, 114*)
12. A sala toda **me** olhou. Eu seria o número cinquenta e um. (*Os da Minha Rua, 115*)
13. A professora **me** mandou escolher um lugar. (*Os da Minha Rua, 115*)
14. Então o stôr Sankarah **se** despediu da professora. (*Os da Minha Rua, 115*)
15. Um ar de confiança **me** encheu o peito, enquanto os olhares e os comentários se cruzavam todos na minha direção quieta. (*Os da Minha Rua, 115*)

16. Eu já tinha lido esse texto dois anos antes mas daquela vez a estória **me** parecia mais bem contada (*Os da Minha Rua, 125*)
17. E agora de repente **me** aparecia tudo ali de novo. (*Os da Minha Rua, 125*)
18. O cão **se** chamava Cão Tinhoso e tinha feridas penduradas (*Os da Minha Rua, 126*)
19. Um peso **me** atrapalhava a voz e eu nem podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens (*Os da Minha Rua, 129*)
20. e isso estava bem, era normal, mas um peso **me** fechou os lábios e eu não soube o que dizer à minha mãe, (*Os da Minha Rua, 138*)
21. — ela respirou devagar, **me** abraçou. (*Os da Minha Rua, 140*)
22. Pela primeira vez **me** apetece a palavra para te contar dessa cidade que não era a minha (*Os da Minha Rua, 146*)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. — Aqui divide-**se**. (*Os da Minha Rua, 15*)
2. — Põe a mão aqui — ensinou-**me**. (*Os da Minha Rua, 15*)
3. caímos juntos na relva, magoamo-**nos** um bocadinho, mas sobretudo rimos. (*Os da Minha Rua, 15*)
4. Depois sentava-**me** no colo da tia Rosa e começava a «encher o saco», como dizia o tio Chico. (*Os da Minha Rua, 18*)
5. A tia Rosa disse-**me** «fecha a boca, vai entrar mosca», e todos riram outra vez. (*Os da Minha Rua, 21*)
6. não me obrigava a pentear o cabelo e tinha-**se** esquecido das orelhas. (*Os da Minha Rua, 28*) **+SC**
7. O Mateus entrou, mexeu-**me** no cabelo como eu não gostava que fizessem (*Os da Minha Rua, 28*)
8. A minha mãe mandou-**me** ir lá levar dois copos de sumo tang. (*Os da Minha Rua, 30*)
9. A minha mãe ralhou-**me** bué depois desse telefonema, mas não foi mesmo de propósito. (*Os da Minha Rua, 30*)
10. Abri a porta do corredor, e um bafo quente tocou-**me** na cara. (*Os da Minha Rua, 32*)
11. Peguei na chave, aproximei-**me** do portão pequenino. (*Os da Minha Rua, 32*)
12. — Mas ela foi-**se** deitar porque tava muito incomodada. (*Os da Minha Rua, 37*) **+SC**
13. Tomou dois comprimidos para as dores antes do almoço, mas quando acabou de almoçar ainda tinha dores e disse-**me** que se ia deitar a ver se lhe passava a moinha. (*Os da Minha Rua, 37*)
14. Sim, eu sei, eu disse-**lhe** isso mesmo, mas ela parece que não acreditou. (*Os da Minha Rua, 38*)
15. A Genoveva ligou-**me**, assustada, diz que tu lhe deste uma lição sobre a menstruação (*Os da Minha Rua, 39*)
16. Assim acordou-**te** à mesma! (*Os da Minha Rua, 39*)
17. Era o sítio onde tinha nascido o meu pai: chama-**se** Namibe. (*Os da Minha Rua, 41*)
18. O meu avô disse-**me** que se chamava Moçâmedes. (*Os da Minha Rua, 41*)
19. Como toda a gente lhe chamava «primo Beto», eu também cheguei na sala e chamei-**lhe** de primo Beto. (*Os da Minha Rua, 42*)
20. Mas depois passou-**me** logo essa atrapalhação porque vi (*Os da Minha Rua, 42*)
21. Mas era uma velha queixinhas e o meu pai pôs-**me** de castigo. (*Os da Minha Rua, 42*)

22. O pai da Micaela, o primo Zequinha, foi mui to simpático e ensinou-me duas técnicas de caçar rolas (*Os da Minha Rua,43*)
23. Digo «tentar» porque a minha pontaria não era lá muito boa, então dediquei-me mais à técnica da cola branca na árvore. (*Os da Minha Rua,43*)
24. A minha mãe é muito querida porque ela sabia que já tínhamos passado aquele capítulo mas deixou-me repetir a lição. (*Os da Minha Rua,44*)
25. Como não queríamos dar outra volta, sentámo-nos numas pedras mais distantes da casa e eu tinha muita vergonha mas também muita vontade de lhe perguntar se ela queria namorar comigo. (*Os da Minha Rua,44*)
26. O primo Zequinha disse que até podiam matar elefantes com aquelas balas, eu pensei que não era verdade, mas o meu pai disse-me que sim. (*Os da Minha Rua,45*)
27. a mesa enchia-se de copos de cerveja, aperitivos e sobras (*Os da Minha Rua,47*)
28. — a tia Rosa agarrou-me no braço. (*Os da Minha Rua,49*)
29. A tia Rosa levantou-se, fomos juntos. (*Os da Minha Rua,49*)
30. O Vaz não disse nada, cumprimentou todos e no fim aproximou-se com receio do tio Chico. (*Os da Minha Rua,49*)
31. — O Rosa, vai-me lá buscar um fino, filha (*Os da Minha Rua,50*)
32. O tio apagou o candeeiro, enquanto a tia Rosa fez-me uma festinha na bochecha e endireitou o lençol, (*Os da Minha Rua,50*)
33. às vezes vinham também lanchar connosco, mas a tia Maria dava-lhes cada olhada que elas quase nem tinham coragem de tirar comida nenhuma. (*Os da Minha Rua,56*)
34. sorriu e fez-me um carinho na bochecha. (*Os da Minha Rua,58*)
35. — o tio Victor riu, olhou para mim, piscou-me o olho. (*Os da Minha Rua,63*)
36. Ele piscou-lhe o olho e continuou ainda mais entusiasmado. (*Os da Minha Rua,63*)
37. — A prancha de saltar é de chupa-chupa de morango, no chuveiro sai fanta de laranja, carrega-se num botão e ainda sai sprite... (*Os da Minha Rua,64*)
38. A minha mãe mandou-me ir preparar a farda. (*Os da Minha Rua,67*)
39. não me serviam bem, aleijavam-me no dedo grande e no mindinho também. (*Os da Minha Rua,68*)
40. os guardas da casa do Jika iam-se deitar, pousavam as akás no chão, lavavam-se ali numa torneira no jardim de trás. (*Os da Minha Rua,69*) +SC
41. O meu pai acordou-me cedo, mais cedo do que tínhamos combinado. (*Os da Minha Rua,69*)
42. Fui lá acima, vesti-me, calcei os quedes vermelhos da Tchi. (*Os da Minha Rua,69*)
43. até ao Largo 1.º de Maio, sim, o largo chamava-se mesmo 1.0 de Maio. (*Os da Minha Rua,70*)
44. Os pés doíam-me, magoavam-me em vários pontos, até já me doía a parte do calcanhar também. (*Os da Minha Rua,70*)
45. Os pés doíam-me, magoavam-me em vários pontos, até já me doía a parte do calcanhar também. (*Os da Minha Rua,70*)
46. Ainda ouvi a avó dizer à tia Maria «quando chegarmos a casa, a Madalena vai-me ouvir», de pois desligou. (*Os da Minha Rua,76*) +SC
47. A Mansa nem esperou eu ter acabado bem de decidir, tirou-me o bilhete da mão e foi a correr. (*Os da Minha Rua,81*)
48. O meu nariz perdia-se entre o pescoço suado dela e os cabelos loiros, compridos. (*Os da Minha Rua,84*)
49. Mas pode-se dizer que era uma voz grossa, muito grossa e rouca. (*Os da Minha Rua,85*) +SC
50. E falou-me com a voz grossa: — Anda cá, senta-te aqui perto de mim. (*Os da Minha Rua,86*)

51. Ela apertou-me no braço, quando eu ia sentar, e sentou-me no colo dela. (*Os da Minha Rua*,86)
52. Ela apertou-me no braço, quando eu ia sentar, e sentou-me no colo dela. (*Os da Minha Rua*,86)
53. A Lara sentou-se de outra maneira, endireitou o vestido e o cabelo. (*Os da Minha Rua*,86)
54. Quando a minha mãe ia me buscar mais cedo, encontrava-me com os olhos bem inchados. (*Os da Minha Rua*,89) -SC
55. Anos depois, naquela tarde, os meus pais levaram-me à casa da tia Rosa. (*Os da Minha Rua*,89)
56. A mãe saiu do carro, deu a volta, abriu-me a porta. (*Os da Minha Rua*,90)
57. A tia Rosa deixava-me fazer tudo. (*Os da Minha Rua*,91)
58. primeiro calam-se, depois adormecem devagarinho encostados na chucha das mããs. (*Os da Minha Rua*,91)
59. A tia Rosa, lembro-me muito bem, não dizia «tio Chico», ela sempre dizia «ti Chico». (*Os da Minha Rua*,91)
60. As rolas adormeciam ou calavam-se. (*Os da Minha Rua*,92)
61. Eu tinha que jantar cedo, pois os meus pais vinham-me buscar depois. (*Os da Minha Rua*,92) +SC
62. Depois do intervalo o Bruno passou-me secretamente a carta. (*Os da Minha Rua*,96)
63. Veio a correr e riu-se porque eu tinha lágrimas nos olhos. (*Os da Minha Rua*,97)
64. O camarada professor pousou o giz no quadro e deu-nos uma olhada de mandar calar. (*Os da Minha Rua*,100)
65. O camarada professor virou-se. (*Os da Minha Rua*,100)
66. O camarada professor andou devagar e sentou-se na secretária dele. (*Os da Minha Rua*,101)
67. Os mosquitos afastaram-se com o movimento mas depois voltaram de vagarinho. (*Os da Minha Rua*,109)
68. O Zé das Medalhas deu-lhe uma carga de porrada e trancou-lhe no quarto onde ela ficou a chorar a noite toda perto do espelho. (*Os da Minha Rua*,109)
69. O Zé das Medalhas deu-lhe uma carga de porrada e trancou-lhe no quarto onde ela ficou a chorar a noite toda perto do espelho. (*Os da Minha Rua*,109)
70. Eu não sabia e ele fez-me a surpresa. (*Os da Minha Rua*,114)
71. E mesmo numa de gesto discreto, ainda para toda turma ver, piscou-me o olho e com a mão fez-me um sinal de nenhum entendi mento. (*Os da Minha Rua*,115)
72. E mesmo numa de gesto discreto, ainda para toda turma ver, piscou-me o olho e com a mão fez-me um sinal de nenhum entendi mento. (*Os da Minha Rua*,115)
73. depois quase conseguia ver os espaços vazios encherem-se de pessoas que fizeram parte da minha infância. (*Os da Minha Rua*,120)
74. A escola enchia-se de crianças e até de professores, (*Os da Minha Rua*,120)
75. Depois o camarada professor Angel explicou-nos, com palavras um bocadinho difíceis (*Os da Minha Rua*,122)
76. Lá em cima na janela o camarada professor Angel tinha a mão dele no ombro da camarada professora María, e dava-lhe beijinhos na bochecha para ela não chorar tanto. (*Os da Minha Rua*,122)
77. Um pingo de chuva, sozinho, caiu-me na cabeça (*Os da Minha Rua*,122)
78. Eu lembrava-me de tudo (*Os da Minha Rua*,125)
79. Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pendurados em mim. Uns tinham-se virado para trás para ver bem a minha cara (*Os da Minha Rua*,129) +SC
80. A Ama e a Rafaela que eram muito branquinhas estavam com as bochechas todas vermelhas e os olhos também, o Olavo ameaçou-me devagar com o dedo dele a apontar para mim. (*Os da Minha Rua*,129)

81. A camarada professora levantou-se, veio de vagar para perto de mim, ficou quietinha. (*Os da Minha Rua*,129)
82. Ela mandou-me continuar. (*Os da Minha Rua*,129)
83. fui fechar a porta da casa de banho e da despensa, a bomba de água disparou e assustei-me, o vento estava a pôr-me nervoso, olhei a mangueira com mangas verdes (*Os da Minha Rua*,132)
84. ... decidi entrar em casa, assustei-me com a voz da minha mãe. (*Os da Minha Rua*,134)
85. – a minha cabeça deslocava-se devagarinho e subia as escadas.... (*Os da Minha Rua*,134)
86. entrei no meu quarto de tão poucos anos, fazia-me confusão entender porquê que eu vivia aquele quarto como um espaço antigo (*Os da Minha Rua*,136)
87. cada cidade nova transborda da primeira, cerca-a de estranhas fronteiras com os seus mundos de ninguém e as suas línguas próprias tão suaves e sedutoras que nos habituámos a ouvir sem pensar nas mensagens (*Os da Minha Rua*,146)
88. Tens razão, meu muito menino, com as palavras pode-se aprender a sair de um tempo e de um lugar porque «a infância é um ponto cardeal eternamente possível». (*Os da Minha Rua*,147) +SC

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

0

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. Aproximámo-nos da berma. (*Os da Minha Rua*,15)
2. Mandaram-nos sentar. (*Os da Minha Rua*,20)
3. Lembro-me ainda hoje: estava a dar o noticiário em língua nacional tchokwe. (*Os da Minha Rua*,21)
4. Mexia-se sempre devagarinho, bocejava, e era ca paz de ir procurar um bocadinho de sol para lhe acudir as feridas, ou então mesmo buscar regresso na casota dele. (*Os da Minha Rua*,23)
5. Chamava-se Cine Atlântico e era a maior sala com a maior quantidade de cadeiras (*Os da Minha Rua*,29)
6. — encostei-me no portão (*Os da Minha Rua*,37)
7. Dei-lhe um beijinho e fiquei ali, quieto, perto dela, a fazer-lhe festinhas também. (*Os da Minha Rua*,39)
8. Sentou-se. (*Os da Minha Rua*,50)
9. Dá-me o apito, filho, que eu tenho de ir lá a cima ver se deixei as janelas abertas. (*Os da Minha Rua*,58)
10. Dei-lhe o apito e ela fez uma coisa que fazia poucas vezes: (*Os da Minha Rua*,58)
11. Afastei-me aos poucos. (*Os da Minha Rua*,75)
12. Ouvia-se bem na sala o assobio do cinto ritmado com o choro cantado da Madalena. (*Os da Minha Rua*,78)

13. Lembro-me disso porque nós sabíamos mais ou menos as horas pelo modo como as sombras invadiam a sala de aulas. (*Os da Minha Rua*,79)
14. Fez-me sinal com a mão para eu me sentar perto dela. (*Os da Minha Rua*,86)
15. E falou-me com a voz grossa: — Anda cá, senta-te aqui perto de mim. (*Os da Minha Rua*,86)
16. — Dá-me lá um linguado — ela disse com a voz mais rouca e a fechar os olhos. (*Os da Minha Rua*,86)
17. Tocou-me nas costas, muito devagarinho, como se tivesse cuidado para não me sacudir muito. (*Os da Minha Rua*,92)
18. contei-lhe do padre que gostava da filha do Sinhôzinho, (*Os da Minha Rua*,110)
19. Apresentou-me os corredores perigosos: (*Os da Minha Rua*,114)
20. Chamaram-me, para irmos andando. (*Os da Minha Rua*,120)
21. Embalei-me naquelas gargalhadas para olhar bem para eles, para eles todos, os meus colegas da sétima classe (*Os da Minha Rua*,121)
22. Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pendurados em mim. Uns tinham-se virado para trás para ver bem a minha cara (*Os da Minha Rua*,129)
23. — via-se no espelho o meu corpo magro e a pele toda esticadinha a contornar os dedos da mão, (*Os da Minha Rua*,136)
24. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette. (*Os da Minha Rua*,140)
25. escrevo-te de um certo sul (*Os da Minha Rua*,143)
26. Apetece-me, pois a palavra, meu muito menino, para te dizer dessa cidade que se transforma do dia para a noite em cidades diferentes e outras e outras. (*Os da Minha Rua*,146)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. — A malta dá um jeito nisso depois, não te preocupes. Entra, Chico. (*Os da Minha Rua*,20)
2. Não me importei. (*Os da Minha Rua*,21)
3. Nós não lhe ligávamos nenhuma. (*Os da Minha Rua*,24)
4. Ninguém brincava com ele, nem já os mais-velhos lhe faziam só uma festinha de vez em quando. (*Os da Minha Rua*,24)
5. .. não me obrigava a pentear o cabelo e tinha-se esquecido das orelhas. (*Os da Minha Rua*,28)
6. ninguém lhe aguentava, o nome ‘do bandido careca era Kisse e quando soltaram o tio do Jerri (*Os da Minha Rua*,29)
7. Durante o dia, como havia luz do sol, não se notava tanto, mas a partir das cinco e meia da tarde todas elas recusavam jogar (*Os da Minha Rua*,31)
8. Não me lembro bem se os toques eram diferentes ou não, mas o tio Chico sabia quem estava no portão pelo modo como a campainha tocava. (*Os da Minha Rua*,47)
9. — Não me digas que tás outra vez com medo de me apertar a mão? (*Os da Minha Rua*,49)
10. E que o tio Victor tinha umas histórias de Benguela que, é verdade, nós, os de Luanda, até não lhe aguentávamos naquela imaginação de teatro fala do (*Os da Minha Rua*,62)

11. Agora já ninguém **me** perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se podiam ir lhe visitar um dia destes. (*Os da Minha Rua*, 63)
12. Primeiro houve aquele silêncio assim de cinco minutos que todos têm medo de ficar na lista e ninguém quase **se** mexe. (*Os da Minha Rua*, 80)
13. Não **me** apetecia sair dali, de uma das casas da minha infância de tantas brincadeiras. (*Os da Minha Rua*, 92)
14. Mas não **me** apetecia estar ali sem a tia Rosa e sem o tio Chico. (*Os da Minha Rua*, 92)
15. Quando o sino tocou ninguém **se** mexeu. (*Os da Minha Rua*, 102)
16. A Charlita não **se** mexeu. (*Os da Minha Rua*, 109)
17. ...sempre desconfiei dos gatos calmos, não **me** mexi, ele sim, devagarinho, saltou até perto das raízes da mangueira (*Os da Minha Rua*, 133)
18. não **me** mexi, as mãos estavam na corda (*Os da Minha Rua*, 133)

3.2. Ênclise (em frases finitas negativas)

0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Nós até às vezes **lhe** protegíamos doutros mais-velhos que vinham fazer confusão na nossa rua. (*Os da Minha Rua*, 13)
2. Isso era bom na casa do Lima, as bebidas estavam sempre a estalar, eu assim **me** imaginei já a saborear uma fanta bem gelada. (*Os da Minha Rua*, 19)
3. Muita gente **se** aproximou das escadas das trepadeiras. (*Os da Minha Rua*, 86)
4. Até **nos** pareceu que o bigode dele também estava irritado connosco. (*Os da Minha Rua*, 100)
5. Quase uma vontade de lágrimas **me** queria aparecer nos olhos, e eu não podia bandeirar. (*Os da Minha Rua*, 116) +SC
6. « filho, assim a pingar ainda **te** constipas » (*Os da Minha Rua*, 135)
7. — já **se** lê (*Os da Minha Rua*, 144)
8. Agora **me** lembro, meu muito menino, que, a bem dizer, (*Os da Minha Rua*, 145)
9. Assim **se** abriram janelas e fecharam portas para sempre. (*Os da Minha Rua*, 146)

4.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

0

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas (afirmativas/negativas)

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. — O meu sacana, já viste se eu sento aí a minha sogra e ela cai no chão, como é que tu vais ficar quando eu **te** der essa notícia? (*Os da Minha Rua*,19)
2. «Tudo a cores, como uma aquarela bem bonita», pensei, enquanto a tia Rosa **me** fazia festinhas na cabeça. (*Os da Minha Rua*,22)
3. Acho que o Kazukuta era um cão triste por que é assim que **me** lembro dele. (*Os da Minha Rua*,24)
4. ...o tio Joaquim que ficava até tarde a ler na sala, o tio Joaquim que **nos** puxava as orelhas (*Os da Minha Rua*,24)
5. Nem mesmo receber prendas como um bolo de anos que **lhe** quisemos só oferecer. (*Os da Minha Rua*,32) **+SC**
6. Tomou dois comprimidos para as dores antes do almoço, mas quando acabou de almoçar ainda tinha dores e disse-me que se ia deitar a ver se **lhe** passava a moinha. (*Os da Minha Rua*,37)
7. Tomou dois comprimidos para as dores antes do almoço, mas quando acabou de almoçar ainda tinha dores e disse-me que **se** ia deitar a ver se **lhe** passava a moinha. (*Os da Minha Rua*,37) **+SC**
8. Olhava para mim com os olhos muito abertos, não sei o que **lhe** estava a acontecer. (*Os da Minha Rua*,38) **+SC**
9. A professora Genoveva parecia que **se** estava a sentir mal. (*Os da Minha Rua*,38) **+SC**
10. A Genoveva ligou-me, assustada, diz que tu **lhe** deste uma lição sobre a menstruação (*Os da Minha Rua*,39)
11. — Ela esteve aqui e queria que eu **te** acordasse. (*Os da Minha Rua*,39)
12. O que **me** deixava mais curioso é que me disseram que lá havia um deserto (*Os da Minha Rua*,41)
13. O que me deixava mais curioso é que **me** disseram que lá havia um deserto (*Os da Minha Rua*,41)
14. Como toda a gente **lhe** chamava «primo Beto», eu também cheguei na sala e chamei-lhe de primo Beto. (*Os da Minha Rua*,42)
15. Eu usava aquele casaco azul bem antigo que a minha mãe **me** deu. (*Os da Minha Rua*,43)
16. No último dia de manhã é que o meu pai **se** lembrou de tirar fotografias a todos. (*Os da Minha Rua*,45)
17. Fiz um póster de joelho no chão estilo filme de cobói e o meu pai tirou uma foto que eu tenho até hoje, também com chapéu que **me** ficava grande mas que tinha assim aquele estilo do Trinitá. (*Os da Minha Rua*,45)
18. A tia abriu o portão para ele entrar assim rápido como ele **se** mexia tipo mosquito elétrico. (*Os da Minha Rua*,49)
19. O Amílcar adorava que **lhe** chamassem o senhor Policia, ficou vaidoso com a camisa azul (*Os da Minha Rua*,56)
20. O locutor deu alguma informação errada sobre o Carnaval, e um dos primos disse que não era assim, que aquele era o Carnaval da Vitória porque a 27 de março **se** comemorava o dia em que as forças armadas tinham expulsado o último sul-africano de solo angolano (*Os da Minha Rua*,57)

21. Mesmo vendo os olhos deles tão alegres, nunca entendi porquê que o sabor daquele sabão azul **lhes** acalmava mais que um carinho. (*Os da Minha Rua*,59)
22. o tio Victor também, depois rebentámos numa salva de palmas que até a minha mãe veio ver o que **se** estava a passar. (*Os da Minha Rua*,63) **+SC**
23. o meu pai abria as portas grandes da janela da sala, e víamos o abacateiro que **se** espreguiçava para acordar também. . (*Os da Minha Rua*,69)
24. Quando acabou o comício, ainda nos deram um sumo bué malaico com bolachas, mas as bolachas eram boas, nem sei para quê que levei cantil se sempre **me** esquecia de beber a tal água congelada no dia anterior. (*Os da Minha Rua*,71)
25. A Petra tinha o tom de pele escuro, bem bronzeado, e vinha com umas roupas bem bonitas que se fosse a minha mãe não **me** deixava vestir assim num dia normal de aulas. (*Os da Minha Rua*,79)
26. Cruzei os braços na carteira, escondi a cabeça, fechei os olhos, e pelos risos eu ia entendendo o que **se** passava ali (*Os da Minha Rua*,81)
27. Tinha as pernas meio abertas como fazem os rapazes, sentada uma posição que a minha avó Agnette me disse que as meninas nunca **se** deviam sentar. (*Os da Minha Rua*,86) **+SC**
28. Tinha as pernas meio abertas como fazem os rapazes, sentada uma posição que a minha avó Agnette **me** disse que as meninas nunca **se** deviam sentar. (*Os da Minha Rua*,86)
29. Depois, naquela parte que **se** canta «hoje é dia de festa, cantam as nossas almas» (*Os da Minha Rua*,86)
30. O meu pai conduzia distraído, mudando as estações do rádio conforme **lhe** apetecia. (*Os da Minha Rua*,89)
31. Eu olhava a cidade pela janela do carro, desde pequeno que eu gostava de fazer isso, ficar a olhar as pessoas na rua, o modo como **se** mexiam, como mexiam as mãos, (*Os da Minha Rua*,89)
32. Acho que ela percebeu que **se** **me** sacudisse muito podiam cair mais lágrimas. (*Os da Minha Rua*,92)
33. A mãe do Bruno disse à mãe do Helder, «foi ele mesmo que **me** chamou para eu **lhe** esfregar as costas». (*Os da Minha Rua*,96)
34. Ainda bocejou e sentimos o cheiro da bebida que sempre **lhe** acompanhava. (*Os da Minha Rua*,101)
35. — Pensam que a merda do salário que **me** pagam aqui é suficiente pra vos aturar? (*Os da Minha Rua*,101)
36. Antes de adormecer perguntei à avó se aquele bar ali perto do Hospital Maria Pia que afinal **se** chama Hospital Josina Machel, (*Os da Minha Rua*,106)
37. — veio me chamar para brincar e eu tive que **lhe** dizer que não tinha vontade, porque estava a pensar no fim da telenovela. (*Os da Minha Rua*,106)
38. Ninguém falava e só a Aurea fungava do nariz mas não conseguia recolher o ranho que **lhe** brilhava nas narinas. (*Os da Minha Rua*,108)
39. como ele **me** chamava em brincadeira e ternura só dele. (*Os da Minha Rua*,114)
40. Um ar de confiança me encheu o peito, enquanto os olhares e os comentários **se** cruzavam todos na minha direção quieta. (*Os da Minha Rua*,115)
41. Acho que ela não ia acreditar se eu **lhe** dissesse a verdade. (*Os da Minha Rua*,117)
42. Quando alguém **me** tocava no ombro, as imagens todas desapareciam, o mundo ganhava cores reais, sons fortes e a poeira também. (*Os da Minha Rua*,120)
43. A camarada professora Maria tinha a cara toda pintada, com exagero mesmo, mas eu não queria que ninguém **lhe** gozasse porque vi nos olhos dela a olhar para nós (*Os da Minha Rua*,121)
44. porque comecei a pensar que aquele grupo que **lhes** mandaram matar o Cão Tinhoso com tiros de pressão de ar, (*Os da Minha Rua*,127)

45. Um silêncio muito estranho invadiu a sala quando o Cabrito **se** sentou. (*Os da Minha Rua*,128)
46. e o abacateiro estremeceu como se fosse a última vez que eu ia olhar para ele e pensar que ele se mexia para me dizer certos segredos, não sei o que o abacateiro **me** disse, não soube mais entender (*Os da Minha Rua*,131)
47. ...parou de novo, foi a andar muito devagar, parecia que para ele não chovia e fazia um sol que **lhe** causava preguiça de partir, (*Os da Minha Rua*,133)
48. a água caiu mais forte e de tanto não ver nada tive medo que o gato voltasse às escondidas e **me** atacasse, decidi entrar em casa (*Os da Minha Rua*,133)
49. ... o barulho da caneta da minha irmã mais velha a escrever os pensamentos dela de domingo à tarde quando chove em Luanda, o que não **se** ouvia era o gritinho dos filhos desses pássaros.. (*Os da Minha Rua*,135)
50. ... os «gracilianos» como eu **lhes** chamava, ou a camisa amarela escura com manchas pretas (*Os da Minha Rua*,136)
51. ouvi lá em baixo, na varanda, os passos da avó Agnette que **se** ia sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros (*Os da Minha Rua*,139) **+SC**
52. eu dormi tanto tempo com a avó Agnette, onde ela **me** ensinou madrugadas e deu todas as histórias (*Os da Minha Rua*,139)
53. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que **se** transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. (*Os da Minha Rua*,140)
54. Não era só o que se via na mudança das roupas, mas também o que **se** podia cheirar com a chegada daquele Bruno tão lavadinho. (*Os da Minha Rua*,95) **+SC**
55. — E uma coisa que **se** encontra. (*Os da Minha Rua*,140)
56. — como se a pele **se** imbuísse de certo fechamento, os olhos pedissem calma à luz e os sons ficassem terrivelmente delicados de se dizer e de se ouvir (*Os da Minha Rua*,143)
57. que as frases que **te** queria entregar implicariam saber a tua localização geográfica (*Os da Minha Rua*,143) **+SC**
58. Apetece-me, pois a palavra, meu muito menino, para te dizer dessa cidade que **se** transforma do dia para a noite em cidades diferentes e outras e outras. (*Os da Minha Rua*,146)
59. Não, a figura daquelas bonecas que **se** abrem para revelar uma mais pequena (*Os da Minha Rua*,146)
60. cada cidade nova transborda da primeira, cerca-a de estranhas fronteiras com os seus mundos de ninguém e as suas línguas próprias tão suaves e sedutoras que **nos** habituámos a ouvir sem pensar nas mensagens (*Os da Minha Rua*,146)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

1. e a mãe da Romina tinha feito um embrulho todo simples e bonito que só pela tampa via-**se** logo que era a compota da delícia deles. (*Os da Minha Rua*,122)

6. Próclise/Ênclise em orações infinitivas, sem preposição ou com preposição *a*

6.1. Próclise (ao infinitivo não preposicionado ou com preposição *a*)

1. — Ndalú, vinha **te** perguntar uma coisa. (*Os da Minha Rua, 14*) -SC
2. — Hoje num queres **me** convidar pra almoçar na tua casa? (*Os da Minha Rua, 14*) -SC —
Posso **te** perguntar uma coisa? (*Os da Minha Rua, 16*) -SC
3. Um dia o tio Chico misturou vinho e whisky e depois mandou parar o carro que o filho dele ia a conduzir, começou **a me** abraçar e a falar à toa. (*Os da Minha Rua, 18*) -SC
4. Eu fiquei com vontade de chorar mas a tia Rosa veio **me** dizer que aquilo era normal. (*Os da Minha Rua, 18*) -SC
5. Quando eu contasse da televisão a cores exageradas na casa do Lima, os primos iam **me** acreditar, ou será que todos iam rir e me chamar de mentiroso com força? (*Os da Minha Rua, 21*) -SC
6. Quando eu contasse da televisão a cores exageradas na casa do Lima, os primos iam **me** acreditar, ou será que todos iam rir e **me** chamar de mentiroso com força? (*Os da Minha Rua, 21*)
7. — veio **te** dar banho de mangueira e te falou palavras tranquilas num kimbundu assim com cheiros da infância dele. (*Os da Minha Rua, 25*) -SC
8. O tio largou a mangueira, veio **nos** fazer festinhas. (*Os da Minha Rua, 25*) -SC
9. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo **lhe** incomodar. (*Os da Minha Rua, 36*) -SC
10. então menti que o meu pai estava maldisposto e eu **não** tinha conseguido **lhe** acordar. (*Os da Minha Rua, 37*) -SC
11. Fiquei todo satisfeito porque pensei que ela não fosse **me** queixar. (*Os da Minha Rua, 42*) -SC
12. Agora, devagarinho e sempre falando baixo, a avó Catarina veio **me** pedir o apito. (*Os da Minha Rua, 57*) -SC
13. Quando o tio Victor chegava de Benguela, as crianças até ficavam com vontade de fugar à escola só para ir **lhe** buscar no aeroporto dos voos das províncias (*Os da Minha Rua, 61*) -SC
14. Agora já ninguém me perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se podiam ir **lhe** visitar um dia destes. (*Os da Minha Rua, 63*) -SC
15. No tempo da Praia do Bispo, ninguém então podia **me** confiar num segredo de mangas verdes com sal. (*Os da Minha Rua, 78*) -SC
16. A camarada professora Berta entrou e eu estremeci, pensei que fossem **me** queixar do bilhete, mas nada, todos estavam parados, como borboletas! (*Os da Minha Rua, 82*) -SC
17. Cheguei perto das grades da gaiola das rolas. Prendi as mãos nos buraquinhos pequeninos e quase posso jurar que ouvi o barulho das rolas quando, ao fim da tarde, eu e a tia Rosa vínhamos **lhes** dar comida. (*Os da Minha Rua, 90*) -SC
18. e ia ao médico das vistas, quem sabe mesmo iam **lhe** dar uns óculos novos e aqueles óculos amarelos e feios iam sobrar para as outras quatro irmãs. (*Os da Minha Rua, 104*) -SC
19. A dona Isabel chamou as filhas para dentro de casa, o Paulinho saiu também a correr e a avó Nhé veio **nos** ralhar de estarmos ali no muro até tão tarde, (*Os da Minha Rua, 106*) -SC

20. — veio **me** chamar para brincar e eu tive que lhe dizer que não tinha vontade, porque estava a pensar no fim da telenovela. (*Os da Minha Rua*,106) **-SC**
21. Por acaso a camarada professora de português era bem porreira e nunca chegámos a **lhe** alcinhar. (*Os da Minha Rua*,126) **-SC**
22. era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem **lhe** matar a qualquer momento. (*Os da Minha Rua*,129) **-SC**
23. Como se quisesse **me** dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. (*Os da Minha Rua*,129) **-SC**
24. Aliás, ela já tinha dito, **ao** **me** escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha (*Os da Minha Rua*,129)
25. — o meu corpo todo molhado, pensei que a minha mãe ia **me** ralhar de eu estar a trazer a chuva para dentro de casa. (*Os da Minha Rua*,134) **-SC**

6.2. Ênclise (ao infinitivo sem preposição ou com a preposição a)

1. Dei-lhe um beijinho e fiquei ali, quieto, perto dela, **a** fazer-**lhe** festinhas também. (*Os da Minha Rua*,39)
2. A outra mão, eu lembro como se fosse agora, a outra mão ficava meio bruta meio lenta, no meu cabelo **a** coçar-**me** para dar sono. (*Os da Minha Rua*,91)
3. Quase ouvi de novo a voz da tia Rosa chamar-**me** para jantar. (*Os da Minha Rua*,92)
4. A minha turma quase sempre junta desde a terceira classe tinha começado **a** desfazer-**se** toda tipo uma onda rebentada nas calemas brutas de agosto. (*Os da Minha Rua*,113) **-SC**
5. O Bruno olhou com cara feia, mas conseguiu controlar-**se**, não riu nem estigou. (*Os da Minha Rua*,122) **-SC**
6. fui fechar a porta da casa de banho e da despensa, a bomba de água disparou e assustei-me, o vento estava **a** pôr-**me** nervoso, olhei a mangueira com mangas verdes (*Os da Minha Rua*,132) **-SC**
7. — a porta do meu quarto estava aberta e uma luz nenhuma saída dele entrando **a** chamar-**me**... (*Os da Minha Rua*,135)
8. ouvi lá em baixo, na varanda, os passos da avó Agnette que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-**me** da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros (*Os da Minha Rua*,139)
9. ouvi lá em baixo, na varanda, os passos da avó Agnette que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-**me** dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros (*Os da Minha Rua*,139)
10. ouvi lá em baixo, na varanda, os passos da avó Agnette que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-**me** de todos os outros (*Os da Minha Rua*,139)
11. de verdade ou não, deixar-**me** ser trespassado pelas lesmas (*Os da Minha Rua*,144)

7. Orações infinitivas preposicionado (preposições *de*, *para*, *por*, *sem*)

7.1. Próclise (ao infinitivo preposicionado)

1. Nem mesmo a tia Rosa fazia só o favor de **me** explicar (*Os da Minha Rua*,17)
2. Era simpático o Lima, e devia ser amigo do tio Chico porque o tio Chico gostava de **lhe** chamar «o sacana do Lima». (*Os da Minha Rua*,18)
3. por correremos que o Kazukuta acordava assim no modo lento de vir **nos** espreitar (*Os da Minha Rua*,23) -SC
4. Mexia-se sempre devagarinho, bocejava, e era ca paz de ir procurar um bocadinho de sol para **lhe** acudir as feridas, ou então mesmo buscar regresso na casota dele. (*Os da Minha Rua*,23)
5. ela disse que sim só para **me** despachar, ia toda contente de mãos dadas com o Mateus, davam beijinhos na boca e riam ‘toda hora. (*Os da Minha Rua*,28)
6. Mas também, ela escusava de **te** ligar pra **te** contar isso tudo. (*Os da Minha Rua*,39)
7. Mas também, ela escusava de **te** ligar pra **te** contar isso tudo. (*Os da Minha Rua*,39)
8. Como não queríamos dar outra volta, sentámo-nos numas pedras mais distantes da casa e eu tinha muita vergonha mas também muita vontade de **lhe** perguntar se ela queria namorar comigo. (*Os da Minha Rua*,44)
9. — Não me digas que tás outra vez com medo de **me** apertar a mão? (*Os da Minha Rua*,49)
10. Quando foi abraçado, o tio Chico fez questão de **lhe** dar um apertozito. (*Os da Minha Rua*,50)
11. A tia Maria era muito gorda e passava muitas horas na cozinha, de tal maneira que já ninguém gostava de **lhe** dar beijinho nas bochechas a cheirar a cebola e à margarina daquelas latas vermelhas. (*Os da Minha Rua*,56)
12. Eu tinha esquecido de **lhe** entregar o apito. (*Os da Minha Rua*,57)
13. Tocou-me nas costas, muito devagarinho, como se tivesse cuidado para não **me** sacudir muito. (*Os da Minha Rua*,92)
14. A mãe do Bruno disse à mãe do Helder, «foi ele mesmo que me chamou para eu **lhe** esfregar as costas». (*Os da Minha Rua*,96)
15. — Pensam que a merda do salário que **me** pagam aqui é suficiente pra **vos** aturar? (*Os da Minha Rua*,101)
16. Mas não, estavam só a falar de **me** «aquecer» num jogo de estátua. (*Os da Minha Rua*,116)
17. ...um dia vou a um médico porque eu devo ter esse problema de sempre imaginar as coisas em câmara lenta e ter vergonha de **me** dar uma vontade de lágrimas ali ao pé dos meus amigos. (*Os da Minha Rua*,120)
18. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de **me** estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar. (*Os da Minha Rua*,129) +SC
19. todas as vozes da tarde, da chuva, da trepadeira, das árvores, entravam pelo meu quarto para **me** dar sinais estranhos que o meu corpo não sabia aceitar (*Os da Minha Rua*,136)
20. sem **me** ralhar por eu estar a molhar a cozinha, sem me falar da asma e dos brônquios, sem quase olhar para mim, (*Os da Minha Rua*,137)
21. — como se a pele se imbuísse de certo fechamento, os olhos pedissem calma à luz e os sons ficassem terrivelmente delicados de **se** dizer e de **se** ouvir (*Os da Minha Rua*,143)
22. — como se a pele se imbuísse de certo fechamento, os olhos pedissem calma à luz e os sons ficassem terrivelmente delicados de **se** dizer e de **se** ouvir (*Os da Minha Rua*,143)

23. Apetece-me, pois a palavra, meu muito menino, para **te** dizer dessa cidade que se transforma do dia para a noite em cidades diferentes e outras e outras. (*Os da Minha Rua*, 146)

7.2. Ênclise (ao infinitivo preposicionado)

1. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-**lhe** acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo lhe incomodar. (*Os da Minha Rua*, 36)
+SC
2. ...a t-shirt estava tão molhada que voltei lá fora para deixá-**la** já pendurada na corda, parei um pouco a deixar a chuva cair sobre a cabeça (*Os da Minha Rua*, 132)

8. Próclise/ênclise ao infinitivo flexionado, sem preposição ou com a preposição *a*

8.1. Próclise

0

8.2 Ênclise

0

9. Próclise/ênclise ao infinitivo flexionado, com as preposições *de* e *para*

9.1 Próclise

1. Às vezes, mesmo no meio das brincadeiras, meio distraído, e antes de **me** gritarem com força para eu não estar assim tipo estátua, (*Os da Minha Rua*, 23)
2. Todos olhavam para mim para **me** culparem com os olhares deles. (*Os da Minha Rua*, 78)
3. os gatos nas chapas de zinco não sabiam bem onde era o buraco de **se** esconderem, os guardas da casa ao lado vieram a correr buscar as akás (*Os da Minha Rua*, 131)

9.2 Ênclise

0

10. Próclise/Ênclise ao gerúndio

10.1 Orações gerundivas afirmativas (sem proclisadores)

10.1.1. Próclise

1. «por mais que eu faça, não adianta, você nem nota, minha existência; e os dias passam correndo, vou acabar **te** perdendo, e os dias passam correndo, vou acabar te perdendo...». (*Os da Minha Rua*,93)
2. «por mais que eu faça, não adianta, você nem nota, minha existência; e os dias passam correndo, vou acabar te perdendo, e os dias passam correndo, vou acabar **te** perdendo...». (*Os da Minha Rua*,93)

10.1.2. Ênclise

0

10.2. Orações gerundivas negativas (ou com outros proclisadores)

10.2.1. Próclise

0

10.2.2. Ênclise

0

11. Próclise/Ênclise ao particípio passado

11.1 Próclise

1. A minha mãe tinha **me** obrigado a tomar banho, cortar as unhas e esfregar bem os pés mas ela era muito simpática, (*Os da Minha Rua*,28)
2. Por alguma razão o meu pai ainda não tinha **me** chamado para eu vir provar. (*Os da Minha Rua*,42)
3. Nesse ano, não sei porquê, ninguém tinha mostrado vontade de apitar, e a avó Catarina tinha **me** dado o apito. (*Os da Minha Rua*,57)
4. — a Madalena não gostava daquele apelido forçado que o meu primo Nitó tinha **lhe** aplicado (*Os da Minha Rua*,74)

11.2. Ênclise

0

12. Subida do clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. Mas pode-se dizer que era uma voz grossa, muito grossa e rouca. (*Os da Minha Rua*,85)
2. Nem mesmo receber prendas como um bolo de anos que **lhe** quisemos só oferecer. (*Os da Minha Rua*,32)
3. Tomou dois comprimidos para as dores antes do almoço, mas quando acabou de almoçar ainda tinha dores e disse-me que **se** ia deitar a ver se **lhe** passava a moinha. (*Os da Minha Rua*,37)
4. — Mas ela foi-se deitar porque tava muito incomodada. (*Os da Minha Rua*,37)
5. Olhava para mim com os olhos muito abertos, não sei o que **lhe** estava a acontecer. (*Os da Minha Rua*,38)
6. A professora Genoveva parecia que **se** estava a sentir mal. (*Os da Minha Rua*,38)
7. o tio Victor também, depois rebentámos numa salva de palmas que até a minha mãe veio ver o **que** **se** estava a passar. (*Os da Minha Rua*,63)
8. os guardas da casa do Jika iam-se deitar, pousavam as akás no chão, lavavam-se ali numa torneira no jardim de trás. (*Os da Minha Rua*,69)
9. Ainda ouvi a avó dizer à tia Maria «quando chegarmos a casa, a Madalena vai-me ouvir», de pois desligou. (*Os da Minha Rua*,76)
10. Tinha as pernas meio abertas como fazem os rapazes, sentada uma posição que a minha avó Agnette me disse que as meninas nunca **se** deviam sentar. (*Os da Minha Rua*,86)
11. Eu tinha que jantar cedo, pois os meus pais vinham-me buscar depois. (*Os da Minha Rua*,92)
12. Não era só o que se via na mudança das roupas, mas também o que **se** podia cheirar com a chegada daquele Bruno tão lavadinho. (*Os da Minha Rua*,95)
13. Quase uma vontade de lágrimas **me** queria aparecer nos olhos, e eu não podia bandeirar. (*Os da Minha Rua*,116)
14. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de **me** estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar. (*Os da Minha Rua*,129)
15. que as frases que **te** queria entregar implicariam saber a tua localização geográfica (*Os da Minha Rua*,143)
16. Tens razão, meu muito menino, com as palavras pode-se aprender a sair de um tempo e de um lugar porque «a infância é um ponto cardeal eternamente possível». (*Os da Minha Rua*,147)

12.1.2. Não Subida

1. — Ndalú, vinha **te** perguntar uma coisa. (*Os da Minha Rua,14*)
2. — Hoje num queres **me** convidar pra almoçar na tua casa? (*Os da Minha Rua,14*)
3. — Posso **te** perguntar uma coisa? (*Os da Minha Rua,16*)
4. Um dia o tio Chico misturou vinho e whisky e depois mandou parar o carro que o filho dele ia a conduzir, começou a **me** abraçar e a falar à toa. (*Os da Minha Rua,18*)
5. Eu fiquei com vontade de chorar mas a tia Rosa veio **me** dizer que aquilo era normal. (*Os da Minha Rua,18*)
6. Quando eu contasse da televisão a cores exageradas na casa do Lima, os primos iam **me** acreditar, ou será que todos iam rir e me chamar de mentiroso com força? (*Os da Minha Rua,21*)
7. — veio **te** dar banho de mangueira e te falou palavras tranquilas num kimbundu assim com cheiros da infância dele. (*Os da Minha Rua,25*)
8. O tio largou a mangueira, veio **nos** fazer festinhas. (*Os da Minha Rua,25*)
9. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo **lhe** incomodar. (*Os da Minha Rua,36*)
10. então menti que o meu pai estava maldisposto e eu não tinha conseguido **lhe** acordar. (*Os da Minha Rua,37*)
11. Fiquei todo satisfeito porque pensei que ela não fosse **me** queixar. (*Os da Minha Rua,42*)
12. Agora, devagarinho e sempre falando baixo, a avó Catarina veio **me** pedir o apito. (*Os da Minha Rua,57*)
13. Quando o tio Victor chegava de Benguela, as crianças até ficavam com vontade de fugar à escola só para ir **lhe** buscar no aeroporto dos voos das províncias (*Os da Minha Rua,61*)
14. Agora já ninguém me perguntava nada, falavam diretamente com o tio Victor, queriam mais pormenores da piscina e ainda saber se podiam ir **lhe** visitar um dia destes. (*Os da Minha Rua,63*)
15. No tempo da Praia do Bispo, ninguém então podia **me** confiar num segredo de mangas verdes com sal. (*Os da Minha Rua,78*)
16. A camarada professora Berta entrou e eu estremeci, pensei que fossem **me** queixar do bilhete, mas nada, todos estavam parados, como borboletas! (*Os da Minha Rua,82*)
17. Cheguei perto das grades da gaiola das rolas. Prendi as mãos nos buraquinhos pequeninos e quase posso jurar que ouvi o barulho das rolas quando, ao fim da tarde, eu e a tia Rosa vínhamos **lhes** dar comida. (*Os da Minha Rua,90*)
18. e ia ao médico das vistas, quem sabe mesmo iam **lhe** dar uns óculos novos e aqueles óculos amarelos e feios iam sobrar para as outras quatro irmãs. (*Os da Minha Rua,104*)
19. A dona Isabel chamou as filhas para dentro de casa, o Paulinho saiu também a correr e a avó Nhé veio **nos** ralhar de estarmos ali no muro até tão tarde, (*Os da Minha Rua,106*)
20. — veio **me** chamar para brincar e eu tive que **lhe** dizer que não tinha vontade, porque estava a pensar no fim da telenovela. (*Os da Minha Rua,106*)
21. A minha turma quase sempre junta desde a terceira classe tinha começado a desfazer-**se** toda tipo uma onda rebentada nas calemas brutas de agosto. (*Os da Minha Rua,113*)
22. O Bruno olhou com cara feia, mas conseguiu controlar-**se**, não riu nem estigou. (*Os da Minha Rua,122*)
23. Por acaso a camarada professora de português era bem porreira e nunca chegámos a **lhe** alcinhar. (*Os da Minha Rua,126*)
24. era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem **lhe** matar a qualquer momento. (*Os da Minha Rua,129*)
25. Como se quisesse **me** dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. (*Os da Minha Rua,129*)
26. fui fechar a porta da casa de banho e da despensa, a bomba de água disparou e assustei-me, o vento estava a pôr-**me** nervoso, olhei a mangueira com mangas verdes (*Os da Minha Rua,132*)

27. – o meu corpo todo molhado, pensei que a minha mãe ia **me** ralhar de eu estar a trazer a chuva para dentro de casa. (*Os da Minha Rua*,134)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

0

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. não me obrigava a pentear o cabelo e tinha-**se** esquecido das orelhas. (*Os da Minha Rua*,28)
2. Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só *por* ter-**lhe** acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo **lhe** incomodar. (*Os da Minha Rua*,36)
3. Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pendurados em mim. Uns tinham-**se** virado para trás para ver bem a minha cara (*Os da Minha Rua*,129)

12.3.2. Não Subida

1. A minha mãe tinha **me** obrigado a tomar banho, cortar as unhas e esfregar bem os pés mas ela era muito simpática, (*Os da Minha Rua*,28)
2. Por alguma razão o meu pai ainda não tinha **me** chamado para eu vir provar. (*Os da Minha Rua*,42)
3. Nesse ano, não sei porquê, ninguém tinha mostrado vontade de apitar, e a avó Catarina tinha **me** dado o apito. (*Os da Minha Rua*,57)
4. — a Madalena não gostava daquele apelido forçado que o meu primo Nitó tinha **lhe** aplicado (*Os da Minha Rua*,74)

4- Os Transparentes

ANEXO (corpus M4)

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. para os mais insistentes, **se** transformaria na chamada «continuação», onde os homens iriam comprar alguma coisa (*Os Transparentes*, 47)
2. — maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar anda a me acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, **me** dão porrada. gamo, num consigo despachar o material, ara chiça, omé! (*Os Transparentes*, 55)
3. — desculpe, mais-velho, estou só a pensar no caminho, **me** falaram na casa de uma mulher com dinheiro, que vai me comprar conchas, estou ainda a lembrar (*Os Transparentes*, 63)
4. e elas **se** retiraram para o interior da casa (*Os Transparentes*, 108)
5. — a falar do meu matako a esta hora, parece **lhe** dei confiança... (*Os Transparentes*, 174)
6. . e **me** lê... é isto que eu vinha dizer (*Os Transparentes*, 196)
7. — a mim **me** chamam só de VendedorDeConchas, para falar aqui assim, de falar mesmo, não é de abuso nem de falar à toa... (*Os Transparentes*, 198)
8. não sendo de fácil descrição, **se** afastava claramente dos padrões normais, ou mesmo animalescos (*Os Transparentes*, 241)
9. de algum modo a vida **se** encarregou de **lhe** organizar as horas e as ocupações (*Os Transparentes*, 257)
10. o seu corpo **se** aquietou, e as suas lágrimas cessaram e quis crer que sim, Luanda e algumas das suas gentes **lhe** atribuíam uma grande sorte, que começava assim (*Os Transparentes*, 258)
11. disse o Carteiro, e finalmente algumas pessoas **se** aperceberam da sua tranquila presença (*Os Transparentes*, 267)
12. uma vizinha **me** espreitou mas não me viu (*Os Transparentes*, 269)
13. prossegui, não foi preciso tocar porque a porta se abriu e adona Xilisbaba, eu **lhe** via pela primeira vez, veio por um grito no corredor (*Os Transparentes*, 269)
14. Só depois olhou e me viu, **me** olhou nos olhos (*Os Transparentes*, 269)
15. Ela **lhe** empurrou para a escuridão da cozinha, desapareceram, então espreitei ainda melhor (*Os Transparentes*, 270)
16. Ela **se** aproximou devagar mas olhar nas conchas que eu tinha penduradas na cintura... (*Os Transparentes*, 270)
17. E vi os olhos mais bonitos do mundo aparecerem numa outra escuridão, olhos escondidos de quem chora muito, **me** espantei naquele olhar como no olhar dos búzios que nem quero **lhes** apanhar (*Os Transparentes*, 270)
18. O Kota transparente **me** olhava e eu procurava olhar, o kota olhar a filha, a filha olhava e sentia o mar nas minhas conchas (*Os Transparentes*, 271)
19. Olhei o Kota de novo, **se** via nos dele que era pai dela, mexia os olhos para baixo e para cima (*Os Transparentes*, 271)
20. — ele **me** disse que posso ser... how do you say? arrested? (*Os Transparentes*, 308)
21. michel laban diá kimuezo: desde Luanda, **te** abraçamos. (*Os Transparentes*, 429)

22. — os detidos aqui só ficam à espera do julgamento, mas como o julgamento demora muito, depois **lhes** mandamos para outra comarca (*Os Transparentes*, 242)
23. então **se** assentara no trono da sua glória (*Os Transparentes*, 303)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. Odonato escutou a voz do fogo viu-**o** crescer nas árvores e nas casas, lembrou-se das brincadeiras em criança (*Os Transparentes*, 14)
2. Odonato escutou a voz do fogo viu-**o** crescer nas árvores e nas casas, lembrou-**se** das brincadeiras em criança (*Os Transparentes*, 14)
3. Odonato já não tinha força para desenhar nos lábios um gesto mínimo de espanto ou o que fosse um vulgar sorriso, a temperatura chegava-**lhe** à alma, os olhos ardiam por dentro (*Os Transparentes*, 14)
4. as mãos das mulheres atraíram-**se**, gesto delicado, (*Os Transparentes*, 15)
5. no rosto de Xilibaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou-**lhe** os traços — escarpas de sal —, pressentiu -**lhe** a tristeza pelo ar libertada, quis tomar -**lhe** o pulso mas o bombear do coração de Xilibaba... (*Os Transparentes*, 15)
6. no rosto de Xilibaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou -**lhe** os traços — escarpas de sal —, pressentiu-**lhe** a tristeza pelo ar libertada, quis tomar -**lhe** o pulso mas o bombear do coração de Xilibaba... (*Os Transparentes*, 15)
7. Xilibaba deixou-**se** escorregar encostando à parede as suas roupas... (*Os Transparentes*, 15)
8. Xilibaba viu-**o** ainda jovem e sonhador, atrevido com as mãos e a boca (*Os Transparentes*, 17)
9. o VendedorDeConchas apreciava pisar a areia da PraiaDaIlha e o chão brilhante dos seus pesadelos noturnos, tinha casa na vizinha província do Bengo mas apaixonara-**se** desde cedo por Luanda, (*Os Transparentes*, 18)
10. os pés do VendedorDeConchas, ao longo dos anos, cristalizaram -**se** como o fundo externo das canoas da Ilha, cacos e pregos apenas geravam uma ligeira comichão, mas apesar disso usava os chinelos de couro oferecidos pelo primo (*Os Transparentes*, 19)
11. os olhos semicerrados que não mostravam segredos ouvira falar de MariaComForça, dedicada a tantas atividades financeiras, e pensara que talvez pudesse interessar -**se** pelas suas conchas tinha -**as** de todas as cores e feitios (*Os Transparentes*, 19)
12. aos donos de restaurantes vendia -**as** como pratos de aperitivos ou cinzeiros (*Os Transparentes*, 20)
13. o VendedorDeConchas desculpava -**se** rapidamente (*Os Transparentes*, 20)
14. Amarelinha arregaçou um pouco o vestido e seguiu a mãe que conhecia as escadas melhor do que ela[s] cruzaram -**se**, no quarto andar, já muito ofegantes, com o vizinho Edú (*Os Transparentes*, 21)
15. Amarelinha espantou-**se**, uma vez mais, com a paciência daquele homem para executar a tarefa (*Os Transparentes*, 23)
16. Xilibaba aproximou -**se** (*Os Transparentes*, 24)
17. os amigos batizaram-**no** “Ciente do GrandCherokee” (*Os Transparentes*, 25)
18. o Carteiro decidiu fazer uma pausa, abriu o saco de couro e escolheu uma carta ao acaso, abriu -**a** cuidadosamente e certificou -**se** de que trazia consigo um pouco da cola branca de farinha que usava (*Os Transparentes*, 26)

19. os olhos habituaram -se à escuridão e pareceu -lhe estar isolado do mundo externo (*Os Transparentes*, 27)
20. os olhos habituaram -se à escuridão e pareceu -lhe estar isolado do mundo externo (*Os Transparentes*, 27)
21. a luz não tinha explicação de cor, inventava tons amarelos no branco sujo da parede, servia -se da água para se reinventar em novos cinzas que não sabiam ser escuros (*Os Transparentes*, 28)
22. os seus testículos acordaram sentiu -se embaraçado, cobriu a parte frontal do seu corpo (*Os Transparentes*, 28)
23. pensamentos húmidos invadiam-lhe a mente, transpirava por dentro como se lhe chegasse um medo infantil, divertido só depois subiu estranhando o silêncio (*Os Transparentes*, 28)
24. e surpreendia -o a ausência de crianças (*Os Transparentes*, 28)
25. o som do trompete massajou-lhe o ombro, assobiou -lhe delicadamente nos ouvidos suados, fé-lo sentar-se e encontrar outro copo cheio de água (*Os Transparentes*, 32)
26. o som do trompete massajou-lhe o ombro, assobiou -lhe delicadamente nos ouvidos suados, fé-lo sentar-se e encontrar outro copo cheio de água (*Os Transparentes*, 32)
27. o CamaradaMudo falou o Carteiro bebeu a água e desejou mais, mas ficou-se pelo desejo (*Os Transparentes*, 32)
28. como um rosto que conhecia de algum lugar, aproximou-se, limpou o suor que lhe escorria das sobrancelhas e leu o nome, era o mesmo do disco que agora tocava no lado B. (*Os Transparentes*, 32)
29. ouviu vozes do lado de fora, pousou o copo, aproximou-se do seu saco cheio de cartas, uma velha de cabelos brancos aproximou-se do CamaradaMudo, falaram (*Os Transparentes*, 32)
30. ouviu vozes do lado de fora, pousou o copo, aproximou-se do seu saco cheio de cartas, uma velha de cabelos brancos aproximou-se do CamaradaMudo, falaram (*Os Transparentes*, 32)
31. a velha despediu-se com um gesto fraco, subiu as escadas, o Carteiro aproveitou e saiu do apartamento (*Os Transparentes*, 33)
32. o CamaradaMudo desviou o balde, pegou num antigo abano de grelhados, vasto e gasto, abanou-se três vezes, (*Os Transparentes*, 33)
33. — sim, kota — despediu-se o Carteiro na escada, (*Os Transparentes*, 33)
34. sentiu-se bem, não tinha muito a esconder e nunca nutriu desconfiança pelos velhos (*Os Transparentes*, 33)
35. AvóKunjikise viu-o de costas, com o sol diluído, e tremeu como não tremia há muito, (*Os Transparentes*, 34)
36. Odonato virou-se devagar, não deixando à velha espaço ou sombra para dúvidas (*Os Transparentes*, 34)
37. AvóKunjikise olhou-o nos olhos, que era um modo de falar com aqueles que não entendiam bem o seu umbundu, disse-lhe muitas coisas, coisas adi vinhadas e sabidas há muito, mas só agora, naquele instante quente, finalmente entendidas (*Os Transparentes*, 35)
38. AvóKunjikise olhou-o nos olhos, que era um modo de falar com aqueles que não entendiam bem o seu umbundu, disse-lhe muitas coisas, coisas adi vinhadas e sabidas há muito, mas só agora, naquele instante quente, finalmente entendidas (*Os Transparentes*, 35)
39. o seu GuardaAsCostas ia sair mas o Ministro mandou-o entrar novamente (*Os Transparentes*, 36)
40. o motorista fez sinal negativo com o olhar, o policia mostrou-se confuso (*Os Transparentes*, 36)
41. a sua própria respiração assustava-o, sabia-se escondido e num lugar impróprio (*Os Transparentes*, 36)

42. o Carteiro aproximou-se, descendo os restantes degraus, sentiu o cheiro enjoativo do perfume caro do Ministro, adivinhou-lhe as roupas mas não soube quem era (*Os Transparentes*, 36)
43. o Carteiro aproximou-se, descendo os restantes degraus, sentiu o cheiro enjoativo do perfume caro do Ministro, adivinhou-lhe as roupas mas não soube quem era (*Os Transparentes*, 36)
44. o trânsito mantinha-se intenso e o seu telefone tinha ficado esquecido na viatura ministerial (*Os Transparentes*, 38)
45. a viatura moveu-se e parou uns metros à frente (*Os Transparentes*, 41)
46. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, voltou a sentar-se rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem lhe entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41)
47. o Carteiro pôs-se a caminhar no sentido contrário ao da viatura ministerial. (*Os Transparentes*, 42)
48. — mas bateram-lhe mesmo? (*Os Transparentes*, 43)
49. Paizinho serviu-se da gasosa e saiu, cumprimentando novamente Edú e perguntando se precisava de ajuda para caminhar (*Os Transparentes*, 45)
50. — ele aproximou-se de Nelucha, fato branco de linho amarrotado, blusa aberta e um crucifixo a dourar-se no escuro da sua pele molhada (*Os Transparentes*, 47)
51. — Nelucha afastou-se do pescoço dele e perguntou séria (*Os Transparentes*, 48)
52. — Edú sentou-se no minúsculo banco que lhe estava reservado por ser resistente (*Os Transparentes*, 51)
53. — ó filho... — Xilisbaba não sabia o que dizer aproximou-se do marido, sem olhar para ele (*Os Transparentes*, 52)
54. a cidade era mais simples vista dali. sentia-se menos na pele e nos olhos o peso doloroso dos seus problemas, dos seus dramas (*Os Transparentes*, 53)
55. Xilisbaba tocou a mão fria do marido, levou-a aos lábios para dar um beijo suave, gesto seu, antigo, de ternura acalmante, a sua respiração alterou-se, o seu olhar assumiu o susto dos que olham para aquilo que não podem compreender (*Os Transparentes*, 53)
56. Xilisbaba tocou a mão fria do marido, levou-a aos lábios para dar um beijo suave, gesto seu, antigo, de ternura acalmante, a sua respiração alterou-se, o seu olhar assumiu o susto dos que olham para aquilo que não podem compreender (*Os Transparentes*, 53)
57. Ciente desapareceu por meses, familiares em Benguela haviam-no visto lá pelo Sul (*Os Transparentes*, 56) +SC
58. só assim chegou enfraquecido à portaria do Hospital Militar, saiu da mota, estacionou-a perto da casota onde os guardas abriam a cancela (*Os Transparentes*, 57)
59. a cirurgia correu bem, o médico cubano que o operou mostrava-se fascinado não tanto pela façanha de o militar ter chegado por seus próprios pés, (*Os Transparentes*, 58)
60. a irmã aproximou-se com um olhar de preocupação (*Os Transparentes*, 59)
61. devagar, após a irmã, um homem alto, grande, de barbas esbranquiçadas, entrou também e ficou-se junto à porta (*Os Transparentes*, 59)
62. a irmã retirou-se sem olhar para o Coronel Hoffman, a porta fechou-se num silêncio duro (*Os Transparentes*, 59)
63. a irmã retirou-se sem olhar para o Coronel Hoffman, a porta fechou-se num silêncio duro (*Os Transparentes*, 59)
64. o tal Coronel Hoffman retirou-se, murmurando apenas um ameaçador «hum!» (*Os Transparentes*, 60)
65. ZéMesmo vestiu-se e preparou-se para abandonar o hospital, apesar das dores. (*Os Transparentes*, 60)
66. ZéMesmo vestiu-se e preparou-se para abandonar o hospital, apesar das dores. (*Os Transparentes*, 60)

67. o VendedorDeConchas mais o Cego dirigiram-se vagarosamente à enorme casa, cheia de guardas, que tinha o volvo parado à porta (*Os Transparentes*,64)
68. e saiu a rir pela porta aberta viam-se o jardim da casa, a relva cortada com desenhos lindos que o vendedor apreciava por fazerem conjunto com as flores, rosas, cravos, lindas trepadeiras que saíam do jardim e invadiam a varanda, catos, enormes rosas de porcelana e fetos de um verde escuro que lhe lembrava o mar (*Os Transparentes*,66)
69. o Cego e o vendedor afastaram-se rapidamente, (*Os Transparentes*,67)
70. — se quiseres dou-te 60 dólares e uma gasosa (*Os Transparentes*,69)
71. o guarda fingiu que pegava a arma do chão e o chinês apressou-se a desaparecer (*Os Transparentes*,70)
72. falou baixinho o Cego afastaram-se, dobraram a primeira esquina, esperaram um pouco, nem sinal do guarda (*Os Transparentes*,70)
73. PauloPausado, de rosto ensonado, toalha na cintura e cabelos húmidos, convidou-o a entrar (*Os Transparentes*,78)
74. — de nada, havendo outras coisas,já sabes, avisa-me (*Os Transparentes*,80)
75. — ahn — seguiu no tom irónico. viu a caixa, sentiu-lhe o peso — e isto, é o quê? (*Os Transparentes*,81)
76. — sim. queres comer o quê? apetece-te ovo estrelado rabanadas, torradas... fruta, café? (*Os Transparentes*,81)
77. — hum, boas coisas. apetece-me comer e fazer amor, ou vice-versa, conforme o senhor jornalista decidir... (*Os Transparentes*,81)
78. deixou o corpo cair todo sobre a mesa e alcançou a jarra, relaxou a barriga, afastou mais as pernas, levantou ligeiramente o rabo e ambos sabiam que era o sinal, o seu gemido diminuía, a sua voz se eriçava como a de uma pássaro em sufoco, as suas sobranceiras arqueavam-se e os lábios molhados contorciam-se em prazer e morna latência (*Os Transparentes*,82)
79. deixou o corpo cair todo sobre a mesa e alcançou a jarra, relaxou a barriga, afastou mais as pernas, levantou ligeiramente o rabo e ambos sabiam que era o sinal, o seu gemido diminuía, a sua voz se eriçava como a de uma pássaro em sufoco, as suas sobranceiras arqueavam-se e os lábios molhados contorciam-se em prazer e morna latência (*Os Transparentes*,82)
80. inúmeras questões se haviam levantado no cenário político luandense nas últimas semanas, mas o intrigante era tratar-se de assuntos que nasciam de bocas fidedignas no seio do poder mas sem a validação de qualquer órgão oficial, os boatos reproduziam-se sem que se entendesse a sua origem (*Os Transparentes*,83)
81. ...isso parece-vos bem? (*Os Transparentes*,84)
82. nessa noite derradeira, onde o fim do ano, sob o intenso calor noturno, anuncia a chegada do ano novo, ArturArriscado encontrava-se junto da meia-noite, num pequeno barco, fazendo a travessia do embarca dourado para a pacata IlhaDoMussulo. (*Os Transparentes*,87)
83. o barco parou, os presentes abraçaram-se como era costume fazer-se à meia noite. (*Os Transparentes*,88)
84. chegaram ao Mussulo embalados pela ondulação do álcool ingerido e deixaram-se tombar ali mesmo, à beira de uma qualquer praia (*Os Transparentes*,88)
85. — você está-me a ver assim sem farda, vem com esses arranques. sabe com quem está a falar? (*Os Transparentes*,88) +SC
86. os outros do grupo aproveitavam-se do medo para parecer que era respeito pelo militar irritado que acabava de ser incomodado (*Os Transparentes*,89)
87. — e a blái? — Artur referia-se à namorada de Paulo (*Os Transparentes*,90)
88. — mas a tecnologia está mais avançada inventam-se placas. (*Os Transparentes*,91)

89. ManRiscas só saiu, de facto, quando conseguiu derrubar as últimas gotas de whisky da garrafa de chivas, despediu-se alegando estar em perfeitas condições para conduzir até casa (*Os Transparentes*,92)
90. CienteDoGrã entrou munido de uma lanterna e de uma faca, dirigiu-se ao minúsculo escritório no primeiro andar. (*Os Transparentes*,92)
91. um jipe parou lá fora e Ciente assustou-se, já tinha a mão na porta do cofre e fechou-o abruptamente quando se virou para ir até à janela espreitar, um tipo baixo, de barriga pendente saía de um carro (*Os Transparentes*,93)
92. um jipe parou lá fora e Ciente assustou-se, já tinha a mão na porta do cofre e fechou-o abruptamente quando se virou para ir até à janela espreitar, um tipo baixo, de barriga pendente saía de um carro (*Os Transparentes*,93)
93. Cardoso levantou-se rapidamente, dirigiu-se à janela e fez dois disparos (*Os Transparentes*,94)
94. Cardoso levantou-se rapidamente, dirigiu-se à janela e fez dois disparos (*Os Transparentes*,94)
95. ... arrastou-se até ao elevador ausente e numa esquina escondida encontrou uma torneira antiga, rodou-a duas vezes, fez-se sentir um ruído na canalização... (*Os Transparentes*,94)
96. ... arrastou-se até ao elevador ausente e numa esquina escondida encontrou uma torneira antiga, rodou-a duas vezes, fez-se sentir um ruído na canalização... (*Os Transparentes*,94)
97. ... arrastou-se até ao elevador ausente e numa esquina escondida encontrou uma torneira antiga, rodou-a duas vezes, fez-se sentir um ruído na canalização... (*Os Transparentes*,94)
98. levantou-se rapidamente, (*Os Transparentes*,94)
99. Xi|isbaba dirigiu-se à cozinha e voltou com o machadinho da carne e o pau de bater o funji (*Os Transparentes*,95)
100. o CamaradaMudo assustou-se quando viu a quantidade de sangue que se havia misturado com as águas ali. (*Os Transparentes*,96)
101. Prancha movia-se lentamente... (*Os Transparentes*,98)
102. aumentava o frio do aparelho de ar condicionado mas o seu corpo seguia transpirando como que por missão vital, aproximava-se então do seu mini-bar, retirava dele um chivas, servia-se (*Os Transparentes*,98)
103. E não me aborreça o juízo, faça-se cumprir! (*Os Transparentes*,98)
104. — mas disse-me a secretária que seria melhor falar consigo primeiro (*Os Transparentes*,99)
105. — a senhora vai-se retirar (*Os Transparentes*,99) +SC
106. — sim, senhor Assessor — DonaCreusa retirou-se (*Os Transparentes*,100)
107. DonaCreusa dirigiu-se ao mini-bar mas não conseguia executar a missão com as mãos ocupadas, passou o saco de gelo na pequena mesa de centro (*Os Transparentes*,100)
108. — então você acha que esse saco encontra-se em condições de frequentar o meu gabinete? por favor, retire-se e volte quando encontrar outra solução (*Os Transparentes*,100)
109. — então leve o balde e molhe lá a sua mesa quando mudar o gelo, vamos, rápido, faça-se cumprir, que neste país tempo é dinheiro, e estamos aqui a trabalhar (*Os Transparentes*,100)
110. — DonaCreusa, faça-me uma ligação para o terminal do senhor Ministro... (*Os Transparentes*,102)
111. JoãoDevagar acompanhou os fiscais até à esquina mais próxima, onde foram incomodar outros peque nos empresários, apanhou um candongueiro e, de longe, despediu-se da esposa, fazendo sinal de que tudo estava bem encaminhado (*Os Transparentes*,106)
112. comprar pão, sabia-se no prédio, podia querer dizer muita coisa, até porque, pão mesmo, desse de se fazer à noite com o forno e sal, (*Os Transparentes*,106)
113. o candongueiro levou-o à berma do famoso Bairro Operário, (*Os Transparentes*,106)
114. entrou no BairroOperário, alegrou-se vendo as crianças brincarem nas mas de terra batida com brinquedos de antigamente, (*Os Transparentes*,107)

115. João flevar sentou-se no quintal, sob o imbon deiro, na companhia da Avó Teta (*Os Transparentes*, 108)
116. - essa conversa que andam a falar aqui no bairro, parece já ouvi na rádio também, do «enquipe-se» ou quê... isso é como então? (*Os Transparentes*, 109)
117. «o roxo fica-me bem, devo ter alguma veia francesa (*Os Transparentes*, 109)
118. a sua ascensão política dera-se rapidamente devido aos seus laços com o camarada Ministro (*Os Transparentes*, 110)
119. — então você demora-me assim? (*Os Transparentes*, 110)
120. — estou aqui a berrar como se fosse um cabrito, parece-lhe bem? (*Os Transparentes*, 110)
121. a senhora lembrou-se de me avisar para eu não me esquecer da chegada do americano? (*Os Transparentes*, 110)
122. — funeral! morreu-lhe um familiar da Gabela (*Os Transparentes*, 111)
123. — o Assessor sentou-se, serviu-se de mais um whisky (*Os Transparentes*, 111)
124. — o Assessor sentou-se, serviu-se de mais um whisky (*Os Transparentes*, 111)
125. — pois eu acho, Dona Creusa — serviu-se pela segunda vez — que a senhora vai ter de se desenrascar, tem cinco minutos para me conseguir um motorista com poucos familiares mortos ou por morrer (*Os Transparentes*, 112)
126. — diga que o Assessor da nossa excelência esta aqui a espera de um americano, e agora deixe-me fechar a janela que o ar condicionado assim está só a gastar gasolina (*Os Transparentes*, 115)
127. e mesmo insistindo com o senhor Assessor para que lhe fornecesse uma descrição, ainda que aproximada, este mantinha-se calado a Rimar dentro da viatura, (*Os Transparentes*, 115)
128. era gente de todas as cores, com cabelos e olhos de todos os tons, o motorista viu-se verdadeiramente atrapalhado para tentar adivinhar quem seria o americano, (*Os Transparentes*, 116)
129. ao americano soube-lhe bem entrar na ministerial viatura com as gélidas temperaturas do ar condicionado, incomodava-o, contudo, o cheiro do fumo do tabaco (*Os Transparentes*, 118)
130. o americano deixou os seus olhos passearem-se pela cidade, (*Os Transparentes*, 118)
131. tentou assobiar mas nenhum som lhe saiu dos lábios, demasiadas horas de voo ressecavam-lhe os lábios (*Os Transparentes*, 119)
132. — a viatura tem de ser identificada mesmo assim — ouviu-se a magra voz do agente que reclamava do mau estacionamento (*Os Transparentes*, 120)
133. o vento trouxe à casa uma simpática aragem, tal vez fosse chover pois o cheiro já vinha carregado de murmúrios de plantas e animais, uma certa maresia da baía de Luanda fazia-se sentir e a densidade era outra. (*Os Transparentes*, 125)
134. Clara retirou-se, irritada (*Os Transparentes*, 128)
135. Paulo serviu-se de whisky, não disse nada (*Os Transparentes*, 130)
136. Davide tirou da bolsa um grosso caderno de capa castanha, anotou algumas frases e números e serviu-se de outro whisky, no silêncio, só o peso da noite, (*Os Transparentes*, 130)
137. quando Davide se retirou, Paulo deixou-se estar à janela, fumando o seu último cigarro da noite, (*Os Transparentes*, 130)
138. a cidade parecia-lhe sempre ser outra, à noite não apenas devido ao novo jogo de luzes que nela se configurava, entre zonas mal iluminadas e zonas mesmo nada iluminadas, mas também porque o vento e as temperaturas pareciam com portar-se de outro modo, e assim também as gentes, os olhares(...) o modo como se relacionavam com os gatos e cães perdidos, o modo como receavam o voo rasante dos morcegos, (*Os Transparentes*, 130)
139. todos pararam de caminhar, no meio da escada, entreolharam-se (*Os Transparentes*, 133)
140. os fiscais caíram e molharam-se (*Os Transparentes*, 135)

141. ó jovem — dirigiram-se a Paizinho num tom menos simpático — demonstre lá o caminho da passagem das águas (*Os Transparentes,136*)
142. Edú apressou-se, antes que os fiscais lá conseguissem chegar, (*Os Transparentes,136*)
143. os fiscais detiveram-se algum tempo a olhar para o seu calção com o formato de fralda gigante (*Os Transparentes,137*)
144. Paizinho retirou-se (*Os Transparentes,137*)
145. porque senão seria a minha completa ruma de saúde, que ar minado já estou um pouco mas sentem-se, (*Os Transparentes,137*)
146. Camaradas, sentaram-se os fiscais, habituando os olhos à penumbra da casa (*Os Transparentes,138*)
147. enquanto DestaVez abria mais as janelas, DaOutra sentou-se perto dele demonstrando uma convicta curiosidade (*Os Transparentes,138*)
148. os fiscais puseram-se a caminhar pelo prédio, com cautela (*Os Transparentes,141*)
149. e os mil formatos das suas conchas a cheirar a mar, os fiscais distraidamente deixaram-se hipnotizar pelas formas e cores, o Vendedor aproveitou a sombra (*Os Transparentes,142*)
150. a água para descansar o corpo e as costas, e o Cego deixou-se estar a um canto com a bengala batendo de leve na parede (*Os Transparentes,142*)
151. — os camaradas deem-se ao respeito!... (*Os Transparentes,143*)
152. os fiscais olharam-se entre si, o Cego tossiu e o Vendedor, muito devagarinho, foi apanhando as suas conchas, uma a uma, para não interferir com a energia que se instalara no ar (*Os Transparentes,143*)
153. oCamaradaMudo espantou-se, não sabia, da parte (*Os Transparentes,143*)
154. — bem, meu amigo — sentou-se um dos fiscais perto de JoãoDevagar (*Os Transparentes,145*)
155. JoãoDevagar, contente, apertou a mão e despediu-se dos fiscais, ele também era amigo do dinheiro (*Os Transparentes,147*)
156. mais tarde, quando criticado por Odonato, fez-se de vítima dizendo que, encurralado pelas circunstâncias, (*Os Transparentes,147*)
157. preocupado com o estado de saúde de Ciente DoGrã, vira-se forçado a aceitar, em nome do prédio, a proposta dos fiscais. (*Os Transparentes,147*)
158. Xilisbaba retirou-se, foi pedir ajuda a Paizinho e outros para levarem CienteDoGrã novamente para o sexto andar, (*Os Transparentes,148*)
159. os feixes de luz, intensos, morriam mulatos ao verem-se chegados ao corpo de Odonato, a boca deJoão (*Os Transparentes,149*)
160. Devagar abriu-se e voltou-se a fechar sem dar tempo ao espanto, o espelho foi sendo pousado em câmara lenta com espanto e leve medo (*Os Transparentes,149*)
161. Devagar abriu-se e voltou-se a fechar sem dar tempo ao espanto, o espelho foi sendo pousado em câmara lenta com espanto e leve medo (*Os Transparentes,149*) +SC
162. Odonato descruzou os braços, baixou-os lentamente, olhando o amigo nos olhos (*Os Transparentes,149*)
163. de seguida, volto aqui, apanho-o, e vamos ao hotel buscar o americano, na reunião, (*Os Transparentes,156*)
164. o Ministro levantou-se, vestiu o casaco —,chame o meu motorista e avise que vou sair. (*Os Transparentes,156*)
165. Odonato começou por agradecer a visita do mé dico e apressou-se a explicar que não tinham dinheiro para pagar a consulta (*Os Transparentes,156*)
166. Xilisbaba apressou-se a fechar a janela para que a cinzentez interna da cozinha se acentuasse (*Os Transparentes,157*)
167. — Maria ComForça sentou-se num caixote (*Os Transparentes,159*)
168. — isso, senta-te aí. é aí mesmo! (*Os Transparentes,159*)

169. . mas Paizinho encolheu os ombros e sentou-se ao lado dela, no mesmo caixote antigo (*Os Transparentes*,159)
170. — MariaComForça levantou-se com ar impaciente, em retirada (*Os Transparentes*,160)
171. a mão de JoãoDevagar ergueu-se lentamente e os olhos de Paizinho e de MariaComForça viram-se na obrigação de a seguir: (*Os Transparentes*,160)
172. a mão de JoãoDevagar ergueu-se lentamente e os olhos de Paizinho e de MariaComForça viram-se na obrigação de a seguir: (*Os Transparentes*,160)
173. o dedo esticou-se e o prédio vizinho era apontado (*Os Transparentes*,160)
174. Paizinho olhava incrédulo para o galo, semicerrando os olhos: tratava-se de um galo desmunido do olho esquerdo, mas não entendia muito bem a referência ao tal nome «Camões» (*Os Transparentes*,161)
175. homem, beijavam-se à bruta (*Os Transparentes*,163)
176. ainda longe da zona onde a água pingava, sentiu-se molhada, (*Os Transparentes*,164)
177. com um suor quente nas mãos e entre os seios, a sua pele eriçou-se e a frescura do lugar fê-la deixar-se deslizar até ao chão: via tudo melhor agora (*Os Transparentes*,164)
178. a sua outra mão buscou água fresca na parede e trouxe-a ao seu pescoço (*Os Transparentes*,164)
179. naquele momento, DomCristalino, na sua luxuosa viatura, dirigia-se à reunião com o Ministro e o americano, (*Os Transparentes*,167)
180. no que um entendia de abrimento de portas, o outro conhecia de estratégia financeira, e se um se foi instalando nos meandros da política nacional, o outro foi-se tornando exímio entendedor dos domínios económicos da nação (*Os Transparentes*,168) +SC
181. a ideia era muito clara, tratava-se de intensas e variadas escavações no largo perímetro de Luanda que tinha como epicentro o próprio LargoDaMaianga, sendo que a esfera de ação se alastrava até depois do mercado RoqueSanteiro (*Os Transparentes*,171)
182. o jornalista deixou-se estar um pouco mais, talvez aguardando comentários e reações (*Os Transparentes*,173)
183. com o corpo suado e a visão turva, CienteDoG~ acordou e mexeu-se com a dificuldade causada pelo enorme curativo no seu matako, doía-lhe também a cabeça e tinha os pés inchados, (*Os Transparentes*,173)
184. com o corpo suado e a visão turva, CienteDoG~ acordou e mexeu-se com a dificuldade causada pelo enorme curativo no seu matako, doía-lhe também a cabeça e tinha os pés inchados, (*Os Transparentes*,173)
185. o jovem apressou-se a sair e AvóKunjikise simplesmente voltou a depositar a garrafa de água dentro da geleira (*Os Transparentes*,173)
186. o seu coração alegrou-se quando se aproximou do primeiro andar, com a frescura das águas a fazê-lo sentir-se melhor (*Os Transparentes*,174)
187. Ciente tropeçou em si mesmo, teve que se agarrar ao corrimão, faltavam-lhe as forças (*Os Transparentes*,174)
188. pode te acontecer duas coisas: ou te dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*,174)
189. lá fora, o sol chicoteou-o com uma onda violenta de calor e fraqueza, as suas pernas falharam, (*Os Transparentes*,175)
190. MariaComForça viu-se impossibilitada de fazer mais do que assistir a tudo (*Os Transparentes*,175)
191. aproximou-se do corpo desmaiado apenas para ver do que se tratava, um gritou «deve masé ser drogado, dá-lhe já umas bofas para ele te sentir», o outro, mais atento, viu que os panos amarrados à cintura poderiam esconder algo que valia a pena investigar (*Os Transparentes*,175)
192. quando terminaram os brindes, o americano sentiu-se quase bêbado (*Os Transparentes*,176)

193. ao sair do Ministério, Cristalino observou que o motorista tentava manobrar a viatura e, como o sol estava demasiado forte, deixou-se estar à sombra, aguardando (*Os Transparentes*,177)
194. a viatura de Cristalino aproximou-se, o seu motorista deu a volta e abriu a porta (*Os Transparentes*,178)
195. — o país dói-me... a guerra, os desentendimentos políticos, todos os nossos desentendimentos, (*Os Transparentes*,179)
196. Odonato começou a chorar devagarinho, AvóKunjikise retirou-se da cozinha deixando-o a sós com Xilisbaba que se aproximou docemente (*Os Transparentes*,180)
197. Odonato passou a mão pela testa, cobrindo um pouco os olhos do sol implacável, e entendeu que há já algum tempo não saía de casa, dentro de si prevalecia um conjunto contraditório de sensações, fazia calor mas sentia-se fresco, deveria estar absorvido pela apreensão de encontrar o seu filho (*Os Transparentes*,181)
198. quis pensar que a cidade era um deserto aberto e embora estivesse cercado de ruídos, e de tantos edifícios, a ideia fez-lhe sentido, um claro sentido (*Os Transparentes*,181)
199. Odonato viu-se de peito revoltado a sentir claras saudades de uma Luanda que ali havia sem já haver, talvez o tempo se sobrepunha para o fazer sofrer, os pássaros de um antigo Kinaxixi (*Os Transparentes*,182)
200. uma buzina alertou-o para a realidade, apressou o passo e chegou ao largo, mas a buzina insistia e o carro parou (*Os Transparentes*,182)
201. outras viaturas apressaram-se a buzinar para que o diálogo não se estendesse (*Os Transparentes*,183)
202. VendedorDeConchas insistiu com o Cego para que passassem novamente no prédio daquela entrada com água fresca, havia-se tornado um ritual de fim de dia, passarem no prédio, (*Os Transparentes*,183) +SC
203. o prédio tinha este dom de acolher quem entendesse dever acolher, banharam-se como se fossem os últimos cidadãos do mundo (*Os Transparentes*,185)
204. a tarde deixou-se vencer pela penumbra que vem do mar, (*Os Transparentes*,186)
205. Odonato regressou ao prédio com os pés e a garganta cheios de poeira, sentia sede e calor, e fez-se aproximar dos ruídos que escutou ali no primeiro andar, (*Os Transparentes*,186)
206. as unhas haviam ganhado novo contorno porque a transparência sugeria uma outra geometria ao seu corpo, distinguiam-se os ossinhos dos pés, nas zonas laterais começava (*Os Transparentes*,187)
207. assim mesmo, depois das escavações, vocês orientem-se com o petróleo. eu quero é a água (*Os Transparentes*,192)
208. Cristalino serviu-se de mais whisky (*Os Transparentes*,192)
209. com tantos canos novos a serem instalados, e tantos outros a serem removidos, vai-se instalar no subsolo de Luanda um labirinto de canos de petróleo, de gás e de água.. (*Os Transparentes*,192) +SC
210. entrou na cozinha, serviu-se de um copo de água, ficou a apreciar a conversa das duas mulheres (*Os Transparentes*,193)
211. — hoje não comprei, ele ofereceu-me algumas (*Os Transparentes*,194)
212. vou lá para cima, no terraço, ali seca-se o cabelo e arejam-se as ideias (*Os Transparentes*,194)
213. vou lá para cima, no terraço, ali seca-se o cabelo e arejam-se as ideias (*Os Transparentes*,194)
214. Odonato sentiu-se triste, repentinamente triste (*Os Transparentes*,194)
215. um sorriso invadiu-lhe o canto da boca, (*Os Transparentes*,194)
216. Odonato apercebeu-se de que eram só homens, momento raro na cidade e no prédio, (*Os Transparentes*,194)

217. o Cego desmanchou-se numa gargalhada tão minúscula que realmente parecia o contra exercício de um ator profissional, um riso bonito e sem som, como vulto ou sombra de sol nenhum (*Os Transparentes*,197)
218. o VendedorDeConchas ajudou-o a sentar-se (*Os Transparentes*,197)
219. o tom que era desconhecido tornava-se demasiado próximo (*Os Transparentes*,198)
220. voltou a pegar no seu pano de limpar as coisas, sentou-se lá atrás, recuperando a respiração, voltando do lugar de onde ainda não tinha conseguido regressar (*Os Transparentes*,198)
221. e JoãoDe vagar calou-se (*Os Transparentes*,199)
222. como eu agora estou mesmo a ficar, e vê-se..., (*Os Transparentes*,200)
223. Odonato deixou-se estar longas horas na berma do prédio observando a azáfama de carros circulando pelas artérias vastas ou apertadas da cidade de Luanda (*Os Transparentes*,201)
224. — bom, ao menos sabe-se onde está o Ciente, ele disse mais alguma coisa? (*Os Transparentes*,202)
225. Odonato encostou o seu corpo ao de Xilisbaba ela sentiu-se mais a si do que a ele (*Os Transparentes*,203)
226. «a guerra>’, dizia-se, «e uma lembrança sempre a sangrar, (*Os Transparentes*,209)
227. — vamos celebrar o quê? — o jornalista dirigiu-se à geleira (*Os Transparentes*,210)
228. — isto sim, parece-me inédito (*Os Transparentes*,212)
229. — o jornalista sentou-se para repousar o corpo, respirar fundo e recusar a oferta de um último e pequeno pedaço da omelete (*Os Transparentes*,212)
230. — Hoffman deu-lhe uma forte pancada nas costas — ação... reação! (*Os Transparentes*,212)
231. em vez de atacar o inimigo, busca-se um buraco no chão..., (*Os Transparentes*,212)
232. — e eu peço-lhe uma coisa até simples, entregue uma carta, esta carta (*Os Transparentes*,214)
233. os pés mexiam-se como notas de um piano epilético, (*Os Transparentes*,215)
234. tremiam os seus joelhos, espasmavam-se os músculos do pescoço (*Os Transparentes*,215)
235. o Carteiro deixou-se estar, numa súbita frescura. que lhe invadia a alma, ébrio mas sóbrio, cerrou os olhos e passou a ouvir a orquestra de sons brandos que o prédio lhe trazia (*Os Transparentes*,216)
236. as cascas caíam-lhe aos pés como se rissem, a porta aberta dançava com o vento breve (*Os Transparentes*,217)
237. — o Carteiro limpou as lágrimas do rosto, mostrou-se embaraçado (*Os Transparentes*,218)
238. ao cheiro dos hálitos de cerveja juntava-se o fumo suave vindo das enormes grelhas, (*Os Transparentes*,221)
239. a multidão viu o galo finalmente, e o galo, afetado pelo peso de tantos olhares, baixou a cabeça, esgueirou-se para um canto mais recuado, a multidão riu (*Os Transparentes*,222)
240. haja respeito, trata-se aqui de uma sessão solene, (*Os Transparentes*,223)
241. os fiscais DestaVez e DaOutra aceitaram, sem pagar, a cerveja que MariaComForça lhes ofereceu, deambularam pela festa, miraram de longe o recolhido galo, trocaram breves palavras com Edú e dirigiram-se intencionalmente à jovem jornalista (*Os Transparentes*,225)
242. -. a jovem faz-se acompanhar da necessária documentação? (*Os Transparentes*,225)
243. é uma nota, normalmente verde, de cinquenta dólares americanos, isto para não cobrarmos em euros, só porque no caso trata-se de uma madame jornalista (*Os Transparentes*,227)
244. — então deixo-lhe um aviso de amigo... cuidado com ela (*Os Transparentes*,232)
245. — Edú abraçou-a como podia, uma vez que o inchaço no entrepernas tornava este momento sempre algo embaraçoso (*Os Transparentes*,234)
246. — vamos entrar e falar de negócios, que não tenho o dia todo — apressou-se a entrar em casa da irmã. (*Os Transparentes*,234)
247. — depende — adiantou-se o Assessor (*Os Transparentes*,236)

248. pela porta entreaberta ouvia-se o telefone tocar na secretária de DonaCreusa, só um minuto — dirigiu-se ao interior da sala (*Os Transparentes*,236)
249. pela porta entreaberta ouvia-se o telefone tocar na secretária de DonaCreusa, só um minuto — dirigiu-se ao interior da sala (*Os Transparentes*,236)
250. — o Ministro esquecera-se por completo (*Os Transparentes*,236)
251. — então? — o Ministro virou-se para Cristalino (*Os Transparentes*,237)
252. o perigo estendia-se, portanto, aos prédios e habitações da cidade, o que incluía até edifícios governa mentais, a assembleia da república (*Os Transparentes*,237)
253. as escavações, explicava o nervoso cidadão americano, o que inicialmente era um quadro controlado mas ameaçador agora desmultiplicava-se numa perigosa combinação de riscos aparentemente incontornável (*Os Transparentes*,238)
254. os fiscais serviram-se de mais champanhe, SantosPrancha, nervoso, (*Os Transparentes*,238)
255. DonaCreusa retirou-se fechando a porta, SantosPrancha bebericou devagarinho do seu whisky quente (*Os Transparentes*,238)
256. — senhor Raago, vou falar em português uma coisa importante, mas se o senhor não entender, diga-me, que eu posso traduzir (*Os Transparentes*,238)
257. Cristalino sentou-se, olhou para a janela, pensativo ali mesmo, muito perto, também se efetuavam escavações ruidosas (*Os Transparentes*,239)
258. pelo telefone, DonaCreusa foi chamada e cumpriu-se o ritual da vinda do gelo (*Os Transparentes*,239)
259. «Angola faz saudação ao sol», lia-se num cartaz de bairro (*Os Transparentes*,240)
260. — é verdade, mas deram-me a indicação para encontrar o agente Belo, por causa de um detido (*Os Transparentes*,242)
261. — vim à procura do meu filho, disseram-me que ele está preso nesta esquadra (*Os Transparentes*,243)
262. AvóTeta, sentada sob a sombra vasta do seu modesto quintal, benzeu-se e disse algo num impercetível (*Os Transparentes*,245)
263. o cão magro voltou ao quintal, passeou-se pelos cantos, cheirou um pé curto de bananeira e veio sentar-se, manso e preguiçoso, aos pés da AvóTeta. (*Os Transparentes*,247)
264. bocejou e pôs-se a olhar para o jacó que assobiava uma melodia extensa (*Os Transparentes*,247)
265. — esse? — AvóTeta acaricou-lhe a cabeça e o lombo — esse cão come bué... nós é que não lhe damos! (*Os Transparentes*,247)
266. — ahn... — AvóTeta passou-lhe a cerveja que o miúdo trouxera (*Os Transparentes*,247)
267. mas o seu corpo desistiu antes do movimento vocal, a cortina abriu-se, esvoaçante, o agente Belo saiu ajustando o cinto às calças (*Os Transparentes*,248)
268. a cerveja chegou, Belo bebeu de um só trago quase todo o conteúdo da garrafa, tornou-se mais sério (*Os Transparentes*,247)
269. o sol abrandara um pouco e Odonato, na realidade, sentiu-se tentado a deixar o corpo permanecer ali, naquela sombra fresca e apetitosa, mas não fazia sentido já nada lhe prendia àquele lugar (*Os Transparentes*,251)
270. — está bem — Odonato levantou-se, mirou o cão uma vez última, assobiou para o jacó em jeito de despedida e não escondeu as mãos quando AvóTeta olhava para elas confirmando o que antes já havia sido pensado (*Os Transparentes*,251)
271. palavra sorte ficou-lhe na cabeça, levava alguns anos a entender os mistérios desse termo, vivera na rua, usara drogas, roubara roupas e comida, (*Os Transparentes*,257)
272. não se lembra bem como, aproximou-se do prédio, lá começou a lavar carros e a ganhar a confiança das pessoas, (*Os Transparentes*,257)

273. verificando que a permanente frescura afastava os mosquitos e que mesmo nas noites mais quentes o local se mantinha arejado, um forte rebuliço assaltou-lhe o peito e os olhos, chorou quieto a um canto, e deixou-se estar por muito tempo (*Os Transparentes*,258)
274. verificando que a permanente frescura afastava os mosquitos e que mesmo nas noites mais quentes o local se mantinha arejado, um forte rebuliço assaltou-lhe o peito e os olhos, chorou quieto a um canto, e deixou-se estar por muito tempo (*Os Transparentes*,258)
275. — o assistente brasileiro entendeu o sofrimento do rapaz, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso (*Os Transparentes*,258)
276. — o assistente brasileiro entendeu o sofrimento do rapaz, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso (*Os Transparentes*,258)
277. as luzes incomodavam-lhe os olhos (*Os Transparentes*,259)
278. — um outro assistente brasileiro entendeu a ansiedade do homem, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso (*Os Transparentes*,259)
279. — um outro assistente brasileiro entendeu a ansiedade do homem, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso (*Os Transparentes*,259)
280. — realmente, trata-se de uma água muito categórica — referiu o Carteiro (*Os Transparentes*,260)
281. a namorada do jornalista trancou-se na casa de banho enquanto este fumava à janela acompanhando auditivamente todos os seus movimentos, (*Os Transparentes*,263)
282. — desculpe não me levantar para cumprimentar, junte-se a nós (*Os Transparentes*,265)
283. mas quebrou-se o silêncio na direção daquele que não se podia recusar a falar caso os mais-velhos ali presentes lhe dirigissem uma questão (*Os Transparentes*,265)
284. Odonato sentiu um estranho calor invadir-lhe o corpo, Amarelinha supôs que já não devia estar ali e retirou-se, o Carteiro despediu-se resignado à sua condição desmotorizada, .. (*Os Transparentes*,267)
285. Odonato sentiu um estranho calor invadir-lhe o corpo, Amarelinha supôs que já não devia estar ali e retirou-se, o Carteiro despediu-se resignado à sua condição desmotorizada, .. (*Os Transparentes*,267)
286. — Xilisbaba confortou-o. (*Os Transparentes*,268)
287. Um miúdo mais velho cruzou-se comigo a descer com um enorme bidon vazio, era o cartador de água, (*Os Transparentes*,269)
288. atento aos ritmos do seu corpo leve e solto, equilibrava-se, o transparente homem, no peso do saco de comida que levava, dose reforçada (*Os Transparentes*,274)
289. — esconda masé o material que se o subintendente vê isso, fica-me já com o pitéu! (*Os Transparentes*,274)
290. — já. mas diga-me, quando é que posso ver o meu filho? (*Os Transparentes*,275)
291. — calma aí, rapaz, agarra a tua calma. tamos aqui a conversar, senta-te (*Os Transparentes*,277)
292. — chama-se «a dura vingança de um africano», foi-me recomendado por uns amigos. (*Os Transparentes*,279) +SC
293. a jornalista inglesa encontrou Odonato, à hora combinada, no meio da escadaria e ajudou-o a subir os andares que faltavam até ao sexto (*Os Transparentes*,279)
294. — a vida libertou-me (*Os Transparentes*,282)
295. — a vida libertou-me aos poucos do fardo da fome e da dor (*Os Transparentes*,282)
296. passei a beber água e sentia-me bem. cada vez melhor. até ao dia (*Os Transparentes*,283)
297. «não se deixe eclipsar, use óculos apropriados» lia-se noutro cartaz com o patrocínio do Partido (*Os Transparentes*,287)
298. os angolanos ao redor desmancharam-se numa forte risada que atrapalhou, por instantes, o brasileiro (*Os Transparentes*,287)
299. — epá, deixa-me em paz, já tou aqui com as minhas preocupações (*Os Transparentes*,291)

300. — mas acabaram de sair de aeroporto, esperaram três horas pelas malas, senhor agente, trata-se de um grupo de cientistas que vieram para testemunhar o nosso eclipse (*Os Transparentes*,291)
301. o brasileiro saiu do autocarro para Limar e aproximou-se dos policias (*Os Transparentes*,292)
302. nalguns pontos, havia sido pintada ou arranjada para a ocasião, mas mal saíram da zona do aeroporto depararam-se com inúmeros tapumes, prédios e ruas cercadas de vedações, (*Os Transparentes*,294)
303. o jovem riu-se (*Os Transparentes*,295)
304. — ah, sim, do quintal — recordou-se Noé, abrindo a garrafa de vinho, preparando uns copos (*Os Transparentes*,297)
305. outros dois na outra mesa imitaram o gesto e apressaram-se a terminar as suas cervejas quentes (*Os Transparentes*,297)
306. — você nem sabe o trabalho que aquilo me deu, ameaçaram-me com truques de kung fu, bruce lins do caralho... (*Os Transparentes*,297)
307. — eu não, que não tenho idade para isso, deixei-os lá estar quietinhos e voltei no dia seguinte (*Os Transparentes*,298)
308. — os gajos borraram-se todos, não? (*Os Transparentes*,298)
309. — cheguei lá, mandei dois tiros pro ar e perguntei onde é que estava o BruceLin, o gajo acagaçou-se e fugiu pelas traseiras (*Os Transparentes*,298)
310. — hoje voltamos lá, se você quiser, vamos lá agora mesmo, devem estar a tirar tudo, deilhes o prazo até hoje ao fim do dia (*Os Transparentes*,298)
311. Noé subiu à parte de trás da carrinha, com a arma no braço, e um estranho silêncio fez-se sentir entre os chineses (*Os Transparentes*,300)
312. Noé desceu, com ar abatido, juntou-se aos amigos num olhar parado que assistia à partida da viatura e finalmente proferiu a sua sentença (*Os Transparentes*,300)
313. «com as peles dos cabritos cobriu-lhe as mãos e a parte lisa do pescoço» (*Os Transparentes*,303)
314. — então remeto-lhe para mateus (*Os Transparentes*,303)
315. — então remeto-te para a puta que te pariu’, seu aldrabão de merda, porque a esquerda será sempre melhor e o teu mateus, la nos céus, poderia ter as coordenadas equivocadas (*Os Transparentes*,303)
316. responderam em coro os presentes Noé serviu mais vinho, JoãoDevagar despediu-se dos demais, enquanto o Esquerdista resmungava novamente (*Os Transparentes*,304)
317. é ainda pleno dia, tornou Jacob, e não é hora de se recolherem os rebanhos. dai de beber às ovelhas e levai-as de novo ao pasto»... dai de beber às ovelhas, senhor Noé! (*Os Transparentes*,304)
318. usando a ausência do som, provocando a multidão com essa intencional falta de sincronia, JoãoDevagar tornava-se o orquestrador de um teatro que se provocava e se alimentava a si mesmo, a multidão encarregava-se de ativar os conceitos que ele antes anunciara nos campos da «experimentação teatrológica, cinema tografal e performática», em suma, os pretendidos ecos da sua oitava arte (*Os Transparentes*,307)
319. entraram em grande na festa, Hoffman sorria e gabava-se da sua manobra vocal, dirigiu-se diretamente ao bar, trouxe bebidas para todos, propôs um brinde (*Os Transparentes*,314)
320. Hoffman apressou-se a abraçar os amigos para que entendessem, os demais, que eles eram seus acompanhantes (*Os Transparentes*,314)
321. algumas pessoas retiraram-se voluntariamente da festa, os seguranças deixaram-nos sair sem confusão, tudo parecia que ia voltar ao normal (*Os Transparentes*,317)
322. os seguranças davam-lhe fortes chapadas, imitando a desconhecida e estranha frase do coronel (*Os Transparentes*,322)

323. mais o vizinho que era imigrante de Cabo Verde e as respectivas filhas, despediu-se por fim do marido das filhas do cabo-verdiano, bem como das suas irmãs (*Os Transparentes*,322)
324. DavideAirosa pôs-se no fim, realmente não queria bater em ninguém, não achava bem, nem necessário, o mesmo disse PauloPausado tentando acalmar o americano que fez uma cara de horror (*Os Transparentes*,323)
325. Hoffman insistiu, empurrou-os para junto do gatuno, e tiveram que dar uma chapada mais ou menos forte ao gatuno, (*Os Transparentes*,323)
326. Hoffman despediu-se de Raago junto à porta do hotel (*Os Transparentes*,324)
327. houve pronunciamento oficial logo depois, primeiro na RádioNacional e depois na televisão, sucederam-se as condolências e as pré-cerimónias (*Os Transparentes*,329)
328. uma brusca tontura derrubou Odonato que com uma mão se apoiou no subintendente e com a outra buscou o ombro forte de Paizinho, o sol incomodava-o rompendo pelas vistas adentro, (*Os Transparentes*,333)
329. imagens do seu filho invadiram-lhe a mente e, de pois de beber alguns copos de água, fingiu sentir-se melhor, agradeceu ao subintendente a informação (*Os Transparentes*,334)
330. — o coveiro aproximava-se com uma pá decadente na mão (*Os Transparentes*,336)
331. o coveiro levantou-se, recuperou a pá enferrujada e fez menção de o atingir pelas costas, Paizinho aproximou-se rapidamente mas não chegou a tempo (*Os Transparentes*,337)
332. o coveiro levantou-se, recuperou a pá enferrujada e fez menção de o atingir pelas costas, Paizinho aproximou-se rapidamente mas não chegou a tempo (*Os Transparentes*,337)
333. Odonato baixou-se, rodopiou sobre si mesmo, esticou a perna (*Os Transparentes*,337)
334. o coveiro tentou levantar-se mas não mais se aproximou da pá, doíam-lhe os ossos das costas e de um arranhão da nuca saía um fio de sangue (*Os Transparentes*,338)
335. os três puseram-se a olhar entre si, como quem espreita a gruta do mistério, cada um com o leve pressentimento sabido (*Os Transparentes*,339)
336. ZéMesmo, lentamente, juntou-se a eles, baixou-se e segurou novamente o corpo, convidando assim os outros a fazerem o mesmo (*Os Transparentes*,340)
337. ZéMesmo, lentamente, juntou-se a eles, baixou-se e segurou novamente o corpo, convidando assim os outros a fazerem o mesmo (*Os Transparentes*,340)
338. o dolorido coveiro trancou o cadeado do portão principal com as mãos trémulas, recolheu-se no seu pobre casebre fumegante (*Os Transparentes*,340)
339. ao passar pelo primeiro andar o defunto tornou-se ainda mais pesado (*Os Transparentes*,341)
340. a custo o homem movimentou-se, trouxe consigo o banquinho, voltou a sentar-se nele, endireitou o botões da camisa e fez menção de arranjar o cabelo antes de atender (*Os Transparentes*,347)
341. desligou o telefone e. deixou-se estar num silêncio aflitivo que tanto podia acarretar uma boa como uma má notícia, NgaNelucha sentou-se perto dele, (*Os Transparentes*,347)
342. desligou o telefone e. deixou-se estar num silêncio aflitivo que tanto podia acarretar uma boa como uma má notícia, NgaNelucha sentou-se perto dele, (*Os Transparentes*,347)
343. no meio de sentimentos confusos, MariaComForça, ao saber da novidade sorriu e apressou-se a ir contar aos demais, ficara também incumbida de encontrar Paizinho e de lhe dar a boa nova, (*Os Transparentes*,348)
344. no Huambo, presume-se, à mesma hora, a senhora teria sido prevenida e já contara a vizinhos e amigos não só o paradeiro do seu filho desaparecido desde os anos da guerra como também da sua ida a Luanda num avião especialmente fretado pelo Ministério Da Reinserção social, (*Os Transparentes*,348)
345. Odonato, quase totalmente transparente, de mãos praticamente invisíveis, flutuava junto ao teto numa mansidão que imitava a parca densidade das nuvens, rodava sobre o seu corpo apoiando as mãos no teto e segurava-se ao fio de luz que pendia do alto (*Os Transparentes*,352)

346. — tira os cordões dos meus sapatos, ata um no outro e passa-me a ponta (*Os Transparentes*,352)
347. Odonato movia-se a custo na sua nova densidade, mas rapidamente atou o fio ao seu tornozelo num gesto resolutivo (*Os Transparentes*,352)
348. Xilisbaba, escondendo as lágrimas, procurou acalmar-se, retirou os atacadores dos sapatos, amarrou-os, descalçou os seus sapatos, subiu na cama e passou-lhe a ponta do fio semicomprido (*Os Transparentes*,352)
349. Xilisbaba, escondendo as lágrimas, procurou acalmar-se, retirou os atacadores dos sapatos, amarrou-os, descalçou os seus sapatos, subiu na cama e passou-lhe a ponta do fio semicomprido (*Os Transparentes*,352)
350. as lours foram acomodadas no fim da fileira de bancos de plástico, esforçaram-se por fazer uma expressão mais séria e digna para o evento (*Os Transparentes*,354)
351. os fiscais vinham vestidos a rigor e com a devida expressão fúnebre nos rostos, dirigiram-se primeiro a Xilisbaba e ao flutuante marido para prestar os seus elevados sentimentos (*Os Transparentes*,355)
352. o pastor fitou Odonato nos olhos, arrependeu-se da sua frase, tossiu (*Os Transparentes*,357)
353. quando a multidão estava toda de pé em respeitoso silêncio, a sonata foi abruptamente interrompida e ouviu-se a voz do locutor da RádioNacional anunciar (*Os Transparentes*,361)
354. as pessoas entreolharam-se, depois miraram o pastor, que por sua vez se virou para JoãoDevagar que, apanhado de surpresa, virou o olhar para cima, na direção de Odonato (*Os Transparentes*,361)
355. então a voz fez-se sentir grave e contínua (*Os Transparentes*,361)
356. Odonato pediu para ser descido ao nível das outras pessoas e assim, de baixo para cima, pôs-se a contemplar o estranho buraco que o corpo do filho fizera até ao rés do chão do prédio (*Os Transparentes*,363)
357. AvóKunjikise dobrou um dos seus panos e sentou-se no chão, o fio que atava Odonato ao mundo dos que andam junto ao solo foi amarrado num corrimão, Xi lisbaba sentou-se a seu lado, na sua diagonal direção, cruzou as pernas para o lado (*Os Transparentes*,363)
358. AvóKunjikise dobrou um dos seus panos e sentou-se no chão, o fio que atava Odonato ao mundo dos que andam junto ao solo foi amarrado num corrimão, Xi lisbaba sentou-se a seu lado, na sua diagonal direção, cruzou as pernas para o lado (*Os Transparentes*,363)
359. JoãoDevagarjá sentado puxou a mulher pela mão e MariaComForça agachou-se junto do seu corpo (*Os Transparentes*,365)
360. — ai, é o hábito, esse rapaz desapareceu-me hoje, nem atende o telefone (*Os Transparentes*,366)
361. — NgaNelucha ofereceu-se —,masjá não desço, doem-me as pernas (*Os Transparentes*,366)
362. — NgaNelucha ofereceu-se —,masjá não desço, doem-me as pernas (*Os Transparentes*,366)
363. Odonato fez-se sentir entre os goticulares momentos da água (*Os Transparentes*,367)
364. o seu olhar quieto deu uma mirada direta ao galo que se acalmou e pôs-se a mirar o corpo da moça e o corpo do moço por detrás dela (*Os Transparentes*,367)
365. — Amarelinha virou-se para ele deixando o rosto e a boca perto dele (*Os Transparentes*,367)
366. o corpo do VendedorfleConchas estremeceu e ele sentiu-se nu, buscava com as mãos, no ar; um gesto que o pudesse acalmar, com o pé certificou-se de que o saco estava perto, ouviu o ruído das conchas dentro do saco ao ser tocado e baixaram-se para se deitarem no chão, pelos seus corpos passeava a luz branca do luar, poucas estrelas podiam ser vistas no céu (*Os Transparentes*,368)
367. o corpo do VendedorfleConchas estremeceu e ele sentiu-se nu, buscava com as mãos, no ar; um gesto que o pudesse acalmar, com o pé certificou-se de que o saco estava perto,

- ouviu o ruído das conchas dentro do saco ao ser tocado e baixaram-se para se deitarem no chão, pelos seus corpos passeava a luz branca do luar, poucas estrelas podiam ser vistas no céu (*Os Transparentes*,368)
368. o corpo do VendedorfleConchas estremeceu e ele sentiu-se nu, buscava com as mãos, no ar; um gesto que o pudesse acalmar, com o pé certificou-se de que o saco estava perto, ouviu o ruído das conchas dentro do saco ao ser tocado e baixaram-se para se deitarem no chão, pelos seus corpos passeava a luz branca do luar, poucas estrelas podiam ser vistas no céu (*Os Transparentes*,368)
369. ele revira-se sobre si mesmo tentando não só escutar mas olhar a boca da velha que vai cantando (*Os Transparentes*,368)
370. ela chora, levanta-se devagar, conta a estória.. (*Os Transparentes*,369)
371. NgaNelucha vai fingir que já dorme e que quer dormir; está nua, está suada e sabe-lhe bem o vento que finta a janela para se fazer presente, (*Os Transparentes*,370)
372. a sua língua vai vibrar e as suas ancas farão novos movimentos, «deixa-me dormir... deixa-me dormir», (*Os Transparentes*,371)
373. a sua língua vai vibrar e as suas ancas farão novos movimentos, «deixa-me dormir... deixa-me dormir», (*Os Transparentes*,371)
374. —JoãoDevagar irrita-se (*Os Transparentes*,372)
375. MariaComForça deixou cair o pano no chão, sentou-se perto, muito perto do marido, apertou-lhe a mão com força, a sua mão estava fria (*Os Transparentes*,373)
376. olhou para a mulher como quem faz uma pergunta decisiva mas MariaComForça fez como fazem as mulheres, deixou-se estar quieta (*Os Transparentes*,373)
377. — JoãoDevagar gritava e gesticulava, MariaComForça segurava o seu corpo pelas costas, abraçava-o (*Os Transparentes*,374)
378. o gatuno desligou o telefone, JoãoDevagar ficou preso ao seu choro, deixou-se cair ao chão, chorando compulsivamente e repetindo <(aonde é que está o miúdo.., aonde é que tá esse miúdo...)>, vezes sem conta, com a mulher colada ao seu corpo, envolvendo-o com quantos braços podia, procurando entrar no ritmo respiratório dele (*Os Transparentes*,374)
379. JoãoDevagar abraçou-se a Xilisbaba e à sua mulher como se não tivesse mais força no corpo nem na voz (*Os Transparentes*,375)
380. a olhar a cidade Xilisbaba atou-o a uma antena, deu três nós e sentiu medo por aceder àquele pedido (*Os Transparentes*,376)
381. a velha, arrastando os pés e as peles do corpo, voltou à sua cama, beijou Amarelinha na testa e cobriu-se com um dos seus panos (*Os Transparentes*,376)
382. vinda de tão longe, basta-lhe ter provado a lágrima uma só vez (*Os Transparentes*,378)
383. — o Assessor sentia-se bem falando alto sobre o trabalho na presença do Ministro (*Os Transparentes*,385)
384. — o Assessor serviu-se de whisky novamente (*Os Transparentes*,386)
385. — mas quinze feriados parecem-me pouco, porque afinal o ano ainda tem trezentos e sessenta e cinco dias, isto sem falar dos anos bissextos (*Os Transparentes*,386)
386. — o Assessor serviu-se de mais whisky e ficou irritado porque não tinha mais gelo (*Os Transparentes*,388)
387. preparou a arma, chegou o seu queixo ao frio do metal e da madeira, sentiu-se calmo mas continuou respirando findo, incomodava-lhe a voz chorosa da mulher do lado de fora, (*Os Transparentes*,391)
388. preparou a arma, chegou o seu queixo ao frio do metal e da madeira, sentiu-se calmo mas continuou respirando findo, incomodava-lhe a voz chorosa da mulher do lado de fora, (*Os Transparentes*,391)
389. a chegada do camara da Presidente, alguns balões, amarelos, pretos, encarnados, soltavam-se das mãos de quem os agarrava e voavam em direção aos céus (*Os Transparentes*,391)

390. Hoffman afastou a mulher da porta e bateu com força — Paulo, Paulo, tás aí? (*Os Transparentes*,392)
391. as sirenes tornaram-se mais fortes, chegaram as motas que antecedem a viatura presidencial, a população estava num alvoroço de euforia alcoólica, os guardas apressaram-se a fazer um corredor de segurança, aproximaram-se as viaturas com vidros fumados de onde rapidamente saiu a figura de sua excelência (*Os Transparentes*,392)
392. as sirenes tornaram-se mais fortes, chegaram as motas que antecedem a viatura presidencial, a população estava num alvoroço de euforia alcoólica, os guardas apressaram-se a fazer um corredor de segurança, aproximaram-se as viaturas com vidros fumados de onde rapidamente saiu a figura de sua excelência (*Os Transparentes*,392)
393. as sirenes tornaram-se mais fortes, chegaram as motas que antecedem a viatura presidencial, a população estava num alvoroço de euforia alcoólica, os guardas apressaram-se a fazer um corredor de segurança, aproximaram-se as viaturas com vidros fumados de onde rapidamente saiu a figura de sua excelência (*Os Transparentes*,392)
394. Hoffman aleijou-se no ombro mas a porta cedeu à terceira tentativa (*Os Transparentes*,394)
395. olhou, não conseguia passar, tentou subir, escorregou sem se magoar, apanhou o seu saco de cartas e tentou por outro lado, mas a impossibilidade do acesso configurava-se cada vez mais perentória (*Os Transparentes*,398)
396. respirou fundo interpretando todos os odores, deixou-se invadir por uma estranha tristeza (*Os Transparentes*,398)
397. mas um trilho que era também um pouco seu, e assim triste, mudo por dentro, sentou-se num tronco cambuta, pousou o saco perto dos pés e pôs-se a ler a única carta oficial que lhe haviam endereçado (*Os Transparentes*,398)
398. mas um trilho que era também um pouco seu, e assim triste, mudo por dentro, sentou-se num tronco cambuta, pousou o saco perto dos pés e pôs-se a ler a única carta oficial que lhe haviam endereçado (*Os Transparentes*,398)
399. abriu-a lentamente, olhou de novo para todas as laterais da lixeira sem vislumbrar caminho de passagem, deixou-se estar assim, como se a mesma entidade do tempo que ali depositara o lixo viesse a encarregar-se de lhe abrir passagem (*Os Transparentes*,398)
400. — agora deixem-me aqui com as minhas amigas, tenho que fazer uma despedida, vou sentir saudades desta igreja (*Os Transparentes*,402)
401. elas descalçaram os sapatos altos, ele tirou os seus, num gesto quase simétrico as suecas aproximaram-se e tiraram os soutiãs uma da outra (*Os Transparentes*,402)
402. apertando os mamilos com força sem deixarem de olhar para ele que não se aproximava, beijaram-se as mulheres, lentamente, mas de um modo lascivo que permitisse ao empresário ver as suas línguas e os seus dedos atrevidos alternado (*Os Transparentes*,403)
403. o homem fechou os olhos e deixou-se perder no ritmo enérgico das suecas, as velas foram-se apagando, as ceras deixaram o seu cheiro no interior da igreja misturado aos suores e odores do sexo (*Os Transparentes*,403)
404. o homem fechou os olhos e deixou-se perder no ritmo enérgico das suecas, as velas foram-se apagando, as ceras deixaram o seu cheiro no interior da igreja misturado aos suores e odores do sexo (*Os Transparentes*,403) +SC
405. tentou ligar o rádio enorme da sala, o rádio recusou-se, a luz da vela tremeu e o homem mirou a chama (*Os Transparentes*,404)
406. e sentou-se (*Os Transparentes*,404)
407. os bichos pareciam-lhe mais atarantados que o normal e julgou tratar-se de algum produto que o pastor brasileiro tivesse aplicado na igreja (*Os Transparentes*,405)
408. Noé dirigiu-se à arca, retirou dois copos longos, para ocasiões especiais, serviu—os até ao topo, bebericou seu, deu um estalido, aprovou com um curto aceno de cabeça (*Os Transparentes*,405)

409. às vezes, sabe, acontece-me sentir coisas daquele género que o senhor (*Os Transparentes,406*)
410. — os mundos confundem-se todos, desculpe lá o discurso poético, mas todos somos água do mesmo rio (*Os Transparentes,406*)
411. — vá lá, homem, que mijar é um direito fundamental Noé acendeu a luz da casa de banho, deparou-se com outra barata, não conseguiu tocá-la antes da sua fuga ziguezagueada e veloz (*Os Transparentes,406*) -SC
412. — filha da puta, apanho-te outro dia, dou-te um banho de creolina e queimo-te a couraça (*Os Transparentes,406*)
413. — filha da puta, apanho-te outro dia, dou-te um banho de creolina e queimo-te a couraça (*Os Transparentes,406*)
414. — filha da puta, apanho-te outro dia, dou-te um banho de creolina e queimo-te a couraça (*Os Transparentes,406*)
415. veloz, o Esquerdista tirou da mala as suas desorganizadas anotações, deu-lhes uma última mirada de despedida, enfiou-as dentro de um saco opaco e abriu a arca, (*Os Transparentes,406*)
416. veloz, o Esquerdista tirou da mala as suas desorganizadas anotações, deu-lhes uma última mirada de despedida, enfiou-as dentro de um saco opaco e abriu a arca, (*Os Transparentes,406*)
417. — não, não são. às vezes acontece-me isso, não me lembro de quem são as frases, peço desculpa, deveria ter ficado calado (*Os Transparentes,406*)
418. — sentou-se DavideAirosa convidando-a a fazer o mesmo (*Os Transparentes,406*)
419. — a jornalista ajeitou-se e tirou um gravador do bolso (*Os Transparentes,406*)
420. o vento dava curvas naquele recinto que a própria água e o seu estranho fluxo permitia, assobios de vento confundiam-se assim com vozes antigas que dissessem coisas a quem as soubesse escutar (*Os Transparentes,409*)
421. a jornalista passou-lhe a mão no rosto (*Os Transparentes,409*)
422. as explosões sucederam-se, os ruídos misturavam-se às memórias das gentes de Luanda (*Os Transparentes,411*)
423. as explosões sucederam-se, os ruídos misturavam-se às memórias das gentes de Luanda (*Os Transparentes,411*)
424. ... buscou primeiro referências visuais que fumo impediu, entregou-se ao tato e queimou a ponta dos dedos (*Os Transparentes,413*)
425. a noite primeiro quis ser escura devido à falta de luz, depois reinventou-se num tom amarelo demasiado quente para ser vivido pela espécie humana (*Os Transparentes,415*)
426. tremiam todas as fundações da cidade, os mais antigos edifícios começaram a ruir, outros inclinavam-se para uma iminente implosão (*Os Transparentes,415*)
427. quis pensar o americano que aquela seria a sua última visão e deixou-se estar, à mistura com as rezas que improvisava, a olhar para o inseto albino agora de aspeto mais reluzente (*Os Transparentes,416*)
428. pôs outra toalha sobre as costas e, rastejando como um inseto maior, pôs-se a seguir a barata (*Os Transparentes,416*)
429. pela varanda uma porta comunicava com um quarto maior, a barata corria e ele seguia-a de perto, passaram por uma porta, tudo em fumo cinzento e sufocante, (*Os Transparentes,416*)
430. a última coisa que conseguiu vislumbrar foi a barata albina a esgueirar-se pela fresta de uma porta trancada, ergueu-se, com força quebrou a fechadura, vinha de fora mais fumo, (*Os Transparentes,416*)
431. conseguiu afastar a tampa de madeira e mergulhar nele, sentiu-se mal, bebeu um pouco de água e deixou-se estar quieto, (*Os Transparentes,416*)
432. conseguiu afastar a tampa de madeira e mergulhar nele, sentiu-se mal, bebeu um pouco de água e deixou-se estar quieto, (*Os Transparentes,416*)

433. Edú trazia na mão o seu banco minúsculo e pousou-o de imediato para se sentar perto da mulher NgaNelucha, que chorava compulsivamente e punha as mãos nos ouvidos para não escutar as explosões que se sucediam, (*Os Transparentes*,417)
434. quis resistir; mas Davide segurou-a com força (*Os Transparentes*,418)
435. sentaram-se perto dos outros, já encolhidos e quietos no que lhes parecia ser o centro do corredor; (*Os Transparentes*,419)
436. as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que tempera turas (*Os Transparentes*,419)
437. MariaComForça sentiu que devia invocar outras forças para aplacar as lágrimas da comadre, buscou com o olhar o rosto de Xilisbaba, adivinhou-lhe os traços, pressentiu-lhe a tristeza pelo ar libertado pelas narinas, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba (*Os Transparentes*,419)
438. a mão de Maria fez pressão de conforto e Xilisbaba deixou-se escorregar encostada à parede, quase deitada sobre o colo da amiga (*Os Transparentes*,419)
439. sentado na mesma posição há muitas horas, deixou-se estar quieto, confiante de que o fogo não lhe chegaria ao corpo, deixou-se estar quieto imitando a serenidade de um imbondeiro que não soubesse iniciar uma figa (*Os Transparentes*,420)
440. sentado na mesma posição há muitas horas, deixou-se estar quieto, confiante de que o fogo não lhe chegaria ao corpo, deixou-se estar quieto imitando a serenidade de um imbondeiro que não soubesse iniciar uma figa (*Os Transparentes*,420)
441. diminuía os ruídos para depois se voltarem a alimentar de explosões outras, reduziam-se as labaredas vindas das esquinas escava das para logo de seguida se reacenderem em verticais (*Os Transparentes*,421)
442. o Cego mexia as mãos de modo repentino e o VendedorDeConchas defendia-se do gesto como se não entendesse o objetivo daquela agitação, deixou-se estar de pescoço (*Os Transparentes*,423)
443. o Cego mexia as mãos de modo repentino e o VendedorDeConchas defendia-se do gesto como se não entendesse o objetivo daquela agitação, deixou-se estar de pescoço (*Os Transparentes*,423)
444. quase esticado a espreitar o céu através dos rios de flimo, as mãos do Cego finalmente chegaram-lhe à boca, o Cego pretendia ler o sorriso do outro (*Os Transparentes*,423)
445. — deixa-me sozinho, os velhos têm mesmo que morrer (*Os Transparentes*,423)
446. o VendedorDeConchas levantou-se, abriu a arca que continuava a funcionar, encontrou dentro dela tantos objetos que teve dificuldade em escolher o que agarrar, (*Os Transparentes*,425)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. — **te** peço, vê você que tens vistas abertas, eu estou sentir na pele, mas quero ainda imaginar na cor desse fogo (*Os Transparentes*, 11)
2. — **me** diz só a cor desse fogo... (*Os Transparentes*, 13)
3. — **me** deram tiro do rabo... (*Os Transparentes*,96)
4. **me** levem só no meu pai (*Os Transparentes*,96)
5. — **me** doem as bundas (*Os Transparentes*,97)
6. — **lhe** encontramos lá em baixo, junto da lagoinha, com um tiro nas bundas (*Os Transparentes*,132)

7. **Me** desconfortava mas não via, deu costas na minha direção (*Os Transparentes*,151)
8. — **se** preocupe não, cara, tá tudo certo, vai dá show (*Os Transparentes*,259)
9. — **me** fala uma coisa, meu irmão, aqui tem selva? eu vou poder ver a selva angolana? (*Os Transparentes*,287)

2.2. Ênclise (em frases finitas, com verbo inicial)

1. olhava -**o** todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem o tivesse conhecido com a pele e a língua mergulhava devagar (*Os Transparentes*, 18)
2. — dizia -**lhe** MariaComForça, a moradora do segundo andar (*Os Transparentes*, 23)
3. — riu -**se** o chefe (*Os Transparentes*, 26)
4. — irritou-**se** (*Os Transparentes*, 36)
5. — foda-**se**! (*Os Transparentes*, 39)
6. — faz-**se** o que se pode, o mbumbi dá um certo ritmo nas curvas — Edú riu (*Os Transparentes*, 48)
7. — apetece-**te** cozinhar? trouxe legumes, fruta e peixe para grelhar (*Os Transparentes*,52)
8. — num tá a ver merda nenhuma, mas não tem maka. dou-**te** as orientações, e ficas doze horas sem fumar, para estares nos conformes da «Operação Cardoso» (*Os Transparentes*,55)
9. — chamo-**me** José, mais conhecido por ZéMesmo (*Os Transparentes*,59)
10. — deixa-**te** disso (*Os Transparentes*,80)
11. — atrasei-**me**, veio cá o Carteiro (*Os Transparentes*,80)
12. — retirem-**se** consecutivamente! (*Os Transparentes*,89)
13. — lembras-**te** daquele estudo dos anos 80? (*Os Transparentes*,91)
14. — ouviu-**se** o som de uma bala a ser posta na câmara (*Os Transparentes*,94)
15. reuniram-**se** na casa de banho AvóKunjikise, Amarelinha e Abum, que sempre caminhava obedecendo ao que **lhe** fosse sugerido, sem chegar a desperta (*Os Transparentes*,96)
16. faça-**se** cumpri; DonaCreusa (*Os Transparentes*,98)
17. — retirou-**se** DonaCreusa (*Os Transparentes*,100)
18. — afastou-**se** o de solado agente (*Os Transparentes*,115)
19. - sentou-**se** Davide, cruzando as pernas, timidamente (*Os Transparentes*,125)
20. fazia-**lhe** lembrar algum lugar, foi rodando o espelho, (*Os Transparentes*,148)
21. tratava-**se**, era evidente, de uma barata albina (*Os Transparentes*,154)
22. — sente-**se**, homem. (*Os Transparentes*,155)
23. deitava-**se** meio de lado, numa tentativa de não forçar a bunda sobre a região onde se havia alojado a bala (*Os Transparentes*,156)
24. — sente-**se** bem? (*Os Transparentes*,157)
25. — apresento-**vos** a sala de cinema GaloCamões (*Os Transparentes*,161)
26. — queixou-**se** o Cego (*Os Transparentes*,163)
27. — metiam-**se** com ele os demais presentes, (*Os Transparentes*,169)
28. confirmou-**se** assim oficialmente, na figura do comandante em chefe das forças armadas (*Os Transparentes*,170)
29. esgueirou-**se** pela cozinha, matou a sede, tirou uma fruta e já ia a sair quando se cruzou com AvóKunjikise no corredor (*Os Transparentes*,173)
30. aproximou-**se** do corpo desmaiado apenas para ver do que se tratava, um gritou <(deve masé ser drogado, dá-**lhe** já umas bofas para ele te sentir)>, o outro, mais atento, viu que

- os panos amarrados à cintura poderiam esconder algo que valia a pena investigar (*Os Transparentes*,175)
31. aproximou-se dele, de repente, o Carteiro (*Os Transparentes*,177)
 32. apressou-se a ver quem era (*Os Transparentes*,182)
 33. tratava-se de uma barata albina, esbranquiçada sem ser transparente, achatada sem ser comprida (*Os Transparentes*,189)
 34. — mexeu-se um pouco, para testar a atenção da barata (*Os Transparentes*,189)
 35. baixou-se, acariciou o sapato e continuou olhando alternadamente para a mesa e para os olhos esbugalha dos de Pomposa (*Os Transparentes*,189)
 36. — sente-se, vizinho, estamos no campo da experimentação teatrológica, (*Os Transparentes*,194)
 37. 195
 38. — sente-se, vamos começar uma sessão experimental de teatro humano (*Os Transparentes*,194)
 39. levantou-se devagar mirando as suas próprias mãos e deslocando-se com a lenta velocidade de um conde nado tímido, (*Os Transparentes*,199)
 40. ajeitou-se na cadeira e continuou a mirar as mãos, levando a assistência a fazer o mesmo (*Os Transparentes*,199)
 41. ergueu-as, ambas, virando-as para a plateia como quem exhibe parte da sua intimidade, (*Os Transparentes*,199)
 42. — levantou-se para voltar ao seu lugar (*Os Transparentes*,200)
 43. fez-se sentir o silêncio (*Os Transparentes*,200)
 44. — deixe-me passar, não tenho aqui dinheiro para lhe dar (*Os Transparentes*,213)
 45. — passou-lhe a carta para as mãos —, a quem você puder. (*Os Transparentes*,214)
 46. — faça-me ainda um favor, camarada Carteiro (*Os Transparentes*,215)
 47. — deixe-se lá de conversas de Sucupira e desbobine o plano(*Os Transparentes*,231)
 48. — apresento-te aqui esta menina internacional que diz que não tem makas no coração (*Os Transparentes*,234)
 49. — dê-me licença, minha jovem (*Os Transparentes*,234)
 50. sentou-se sem dizer palavra, por respeito, cabendo à velha falar primeiro (*Os Transparentes*,246)
 51. — chamo-me Odonato, sou o pai do CienteDoGrã, recebi um telefonema e queria saber como é que pode mos combinar a situação (*Os Transparentes*,247)
 52. — ele sentou-se perto dela—, nem recebo uma (*Os Transparentes*,261)
 53. — ah, deixa-te disso, dou-te muito mais prendas que tu a mim (*Os Transparentes*,261)
 54. sentaram-se na sala, quietos, como se ambos gostassem de ver passar o tempo (*Os Transparentes*,280)
 55. — chama-se «a dura vingança de um africano», foi-me recomendado por uns amigos. (*Os Transparentes*,279)
 56. apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos » (*Os Transparentes*,303)
 57. — lembro-me bem, uma vez, na frente de combate (*Os Transparentes*,311)
 58. —puseram-se a caminho, a pé, porque a festa era per to, evitaram os buracos dos passeios, (*Os Transparentes*,312)
 59. — trata-me por Artur, como é que te chamas? (*Os Transparentes*,315)
 60. — vão-me desculpar, mas mesmo assim tão demasiados patos ainda, vamos fazer assim... (*Os Transparentes*,317) +SC
 61. passaram-se horas e muita dança, para não referir as incontáveis garrafas e latas de cerveja que foram consumidas, (*Os Transparentes*,318)
 62. despediram-se, entenderam finalmente quem era a criança batizada, Hoffman foi dar um abraço a Paulo Flores agradecendo o gesto ao microfone (*Os Transparentes*,322)

63. abraçaram-se, riram, ficaram mais quarenta e cinco minutos nesse modo de despedir que é uma extensão da noite, incluindo lembranças mais imediatas da festa (*Os Transparentes*,324)
64. — despediu-se DavideAirosa (*Os Transparentes*,324)
65. bebeu-se com aquela fária de conflito interno que a morte acarreta, misto de inquietude e revolta, saudade e indignação, o país embebedou-se lentamente ao som de música baixa e de imparáveis cânticos de resignação (*Os Transparentes*,330)
66. — dê-se ao respeito, camarada, o corpo ainda nem arrefeceu e já começaram as piadas? (*Os Transparentes*,332)
67. aproximaram-se, bateram palmas novamente, mas ninguém apareceu, dois banquinhos repousavam cá fora, pratos sujos, (*Os Transparentes*,336)
68. —, ajuda-me a levar o corpo do meu filho (*Os Transparentes*,338)
69. dividiram-se em dois grupos, o que trataria imediatamente de consertar os estragos do prédio e os que haveriam de dar um destino rápido (*Os Transparentes*,343)
70. — queixou-se o brasileiro (*Os Transparentes*,344)
71. — deixa-me então atender (*Os Transparentes*,347)
72. lamentavam-se os estrangeiros (*Os Transparentes*,363)
73. — deixa-me aqui, por favor (*Os Transparentes*,376)
74. — amarra-me aqui nestas antenas, fico aqui na berma, (*Os Transparentes*,376)
75. — pôs-se sério, o Assessor, enrugando as sobrancelhas numa manobra quase impossível (*Os Transparentes*,387)
76. abriu-a lentamente, olhou de novo para todas as laterais da lixeira sem vislumbrar caminho de passagem, deixou-se estar assim, como se a mesma entidade do tempo que ali depositara o lixo viesse a encarregar-se de lhe abrir passagem (*Os Transparentes*,398)
77. beijaram-se de bocas abertas, desajeitadas, estreando nos seus ventres um fogo que assim se autorizava a chegar. (*Os Transparentes*,410)
78. baixou-se, rastejou até à casa de banho, molhou a toalha numa bacia que estava no chão, (*Os Transparentes*,416)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. — não me deixe morrer sem saber a cor dessa luz quente as labaredas gritavam com força... (*Os Transparentes*, 12)
2. — uma moto? não me faças rir. (*Os Transparentes*, 25)
3. a larga tira da sacola era feita de um material que só imitava uma corda robusta mas nunca lhe havia deixado mal durante todos estes anos, (*Os Transparentes*, 30) +SC
4. — não te assustes, por favor — Odonato também tinha carinho na sua voz (*Os Transparentes*,53)
5. eu num te contei o que houve lá? (*Os Transparentes*,61)
6. enquanto o guarda juntava as coisas, depois de arrumado o saco, ninguém se moveu (*Os Transparentes*,69)
7. foram saindo mirando para trás, esperando que Pomposa entrasse em casa mas a madama não se retirava, intrigada com a lenta movimentação, na janela do portão, espreitava o chinês, (*Os Transparentes*,70)
8. —vamos só em frente, aqui não nos querem mais — (*Os Transparentes*,70)

9. — ainda não, muito obrigado, talvez quando descer o homem conhecia bem este prédio mas não se havia lembrado, ainda, de deixar com o jornalista Paulo Pausado uma das suas oficiais cartas com o pedido do meio de transporte (*Os Transparentes*,77)
10. — é verdade, o tempo passou e não **nos** levou com ele (*Os Transparentes*,80)
11. não **se** pode fazer isso. aquela maka das placas tectónicas (*Os Transparentes*,91)
12. eu nunca **te** disse nada. (*Os Transparentes*,91)
13. — não **te** preocupes, tá seguro (*Os Transparentes*,92)
14. Ciente sorriu, pois na realidade nem se lembrava já da combinação que ZéMesmo lhe havia passado por telefone (*Os Transparentes*,93)
15. E não **me** aborreça o juízo, faça-se cumprir! (*Os Transparentes*,98)
16. não **se** fala de outra coisa, e eu justamente pensei que, para não dar mais voz ao mujimbo, talvez fosse bom o governo assumir uma posição oficial (*Os Transparentes*,99)
17. — sim, não **se** fala de outra coisa, até mesmo os jornais da oposição já começam a especular (*Os Transparentes*,100)
18. — ê!, menino, aqui não **se** diz disparate (*Os Transparentes*,107)
19. — não **se** preocupe, mãezinha, eclipse é coisa lá dos céus, (*Os Transparentes*,109)
20. — não **me** parece bem, senhor Assessor, tive que me ausentar (*Os Transparentes*,110)
21. — podes — mas o Assessor não **se** mexia, permanecia com o olhar estático numa atitude misteriosamente calma (*Os Transparentes*,115)
22. — mas quinhentos não... ouve ainda, não viste aí um americano assim com ar bem desorientado, vim apanhar o gajo e nem lhe conheço nem nada (*Os Transparentes*,117)
23. tentou assobiar mas nenhum som **lhe** saiu dos lá bios, demasiadas horas de voo ressecavam-lhe os lábios (*Os Transparentes*,119)
24. — DavideAirosa, um jovem cientista angolano, nunca se esquecia de nomes ou páginas de livros (*Os Transparentes*,119)
25. — até não sei, mas é que agora estamos com ordens assim mesmo de identificar as viaturas, chefe, não **me** leve a mal... (*Os Transparentes*,120)
26. — e ninguém se preocupa com isso? (*Os Transparentes*,127)
27. — isso ninguém pode negar, só não se sabe que tipo de ideias são, convencidos! (*Os Transparentes*,128)
28. o americano não **se** incomodou com a ideia nem sentia nojo do inseto, (*Os Transparentes*,154)
29. — não **se** preocupe, vim fazer um favor à família com paciência, (*Os Transparentes*,157)
30. — não **se** preocupe, minha senhora, não estou assustado, apenas cientificamente curioso (*Os Transparentes*,157)
31. — para o HospitalMilitar não **me** parece boa ideia, doutor, como poderei explicar a bala? (*Os Transparentes*,158)
32. não **te** esqueças, é a oitava arte, o GaloCamões será respeitado e falado em todo o mundo, (*Os Transparentes*,162)
33. — estou mais avançado que isso, mais-velho, não **se** preocupe, o cinema GaloCamões é mesmo o cinema da oitava arte, eu não estou a brincar, (*Os Transparentes*,163)
34. não **se** esqueçam, meus amigos — dizia com a voz banhada em orgulho (*Os Transparentes*,170)
35. — desculpe, camarada Cristaj~íssim0, não **se** trata nada disso, não estou necessitado de dinheiro, muito agradecido (*Os Transparentes*,177)
36. — não **me** digues... epá, isso assim é mais complicado (*Os Transparentes*,183)
37. — não **se** assustem, é uma condição natural que me está a acontecer (*Os Transparentes*,187)
38. não **me** chame de senhora... (*Os Transparentes*,188)
39. — homem, não lhe posso ajudar (*Os Transparentes*,213) **+SC**
40. JoãoDevagar não se deixou perturbar (*Os Transparentes*,222)

41. Fató não **se** moveu, atirou à estrangeira um olhar tipo raio-x, causando à jornalista o incómodo que NgaNelucha não conseguira (*Os Transparentes*,234)
42. nos jornais e rádios **não se** falava de outra coisa, não tanto uma explicação científica do fenómeno, (*Os Transparentes*,239)
43. o sol abrandara um pouco e Odonato, na realidade, sentiu-se tentado a deixar o corpo permanecer ali, naquela sombra fresca e apetitosa, mas não fazia sentido **já nada lhe** prendia àquele lugar (*Os Transparentes*,251)
44. — não **me** fodam... (*Os Transparentes*,255)
45. a caminhar pela marginal, deixando penetrar na pele as salinidades da maresia, Odonato caminhava como há algum tempo **não se** permitia, absorvendo as vozes e os ruídos, as buzínadelas e os impropérios verbais, a horizontal beleza afinada do Banco Nacional DeAngola... (*Os Transparentes*,255)
46. **não se** lembra bem como, aproximou-se do prédio, lá começou a lavar carros e a ganhar a confiança das pessoas, (*Os Transparentes*,257)
47. depois já dentro do edifício, ali onde **não se** conseguia entender bem se era ainda rés do chão ou se já era um entre-andar antes do afamado primeiro andar com as misteriosas águas, até **que** por deliberação coletiva dos residentes, em assunto mesmo de reunião condómina, lhe foi atribuído o muito abandonado terceiro andar, (*Os Transparentes*,257)
+SC
48. se ele aceitasse e **não se** ofendesse, completamente esvaziado escuro, de ausentes portas e janelas bem arejadas, o qual aceitou com emoção e agrado, e nessa primeira noite, (*Os Transparentes*,257)
49. uma vizinha me espreitou mas não **me** viu (*Os Transparentes*,269)
50. — huin — riu a velha —, **não se** esquece a língua do nosso coração. (*Os Transparentes*,274)
51. — não **se** preocupe, é assim mesmo (*Os Transparentes*,275)
52. era uma espécie de desistência, mas **não lhe** posso explicar muito porque não era um pensamento pensado. foi sendo... foi sendo. (*Os Transparentes*,283) **+SC**
53. — não **me** assustei. achei justo (*Os Transparentes*,283)
54. «**não se** deixe eclipsar, use óculos apropriados» lia-se noutro cartaz com o patrocínio do Partido (*Os Transparentes*,287)
55. — **não me** chame de senhor, por favor, somos praticamente amigos... como é mesmo o seu nome? (*Os Transparentes*,295)
56. — então **não lhe** disse que eu vinha cájá para resolvermos aquele assunto? (*Os Transparentes*,297)
57. com esses chineses **nunca se** sabe... (*Os Transparentes*,298)
58. — tudo dá errado há muito tempo, Raago, **não te** preocupes, depois a gente dá um jeito, este é o modo angolano de ir fazendo as coisas, se fizéssemos logo tudo bem havia inúmeras desvantagens (*Os Transparentes*,308)
59. — mais ou menos é good enough, **não te** preocupes, quando saíres escreves os teus artigos, tiras as tuas conclusões (*Os Transparentes*,308)
60. — não, não podem prender um cidadão americano, muito menos nesta fase, **não te** preocupes, foi um bluff (*Os Transparentes*,308)
61. — olhem que o dono da festa, aqui o meu compadre, pode levar a mal, isso não **se** faz, sobretudo você, ó americano, convidado de última hora para não dizer outro nome (*Os Transparentes*,323)
62. — mas diga, homem, se há algo que podemos fazer, eu sou a pessoa certa, você **não me** está a conhecer? (*Os Transparentes*,333) **+SC**
63. MariaComForça desatara num pranto que acompanhava cada degrau com uma nova cantoria chorada, por respeito **ninguém lhe** mandou calar mas o som irritava, (*Os Transparentes*,341)

64. — homem, não **se** ponha com coisas, isto é um caso de vida ou morte (*Os Transparentes, 344*)
65. — não **se** espante quando ele chegar, não se ponha a fazer caretas, tente ficar num estado normal e, aconteça o que acontecer, faça a missa e deixe tudo andar normalmente (*Os Transparentes, 345*)
66. — nunca **se** sabe (*Os Transparentes, 347*)
67. mas não **se** tratava de algo que se relacionasse com a sua pessoa ou até com as popularidades do seu gigantesco inchaço testicular, (*Os Transparentes, 347*)
68. — e o Partido também, minha senhora, não **se** esqueça, tudo isto faz parte de um quadro de ações e esforços do Partido (*Os Transparentes, 348*)
69. - não **te** contei ainda, ligaram da Televisão Nacional, já encontraram a mãe dele (*Os Transparentes, 354*)
70. — pode ser, pode ser, nunca **se** sabe... tudo depende de quanto estamos a falar (*Os Transparentes, 356*)
71. ainda assim, o Partido no poder entende que, em Angola, não **se** vive o momento apropriado para as fulminantes celebrações que se avizinham (*Os Transparentes, 362*)
72. — não **te** assustes (*Os Transparentes, 367*)
73. — não **me** assustei (*Os Transparentes, 367*)
74. — não **me** podes ver (*Os Transparentes, 367*) **+SC**
75. — aqui aonde?, não **te** posso largar assim (*Os Transparentes, 376*) **+SC**
76. usem a cabeça, rapazes, a cabeça, não **se** esqueçam também do médio e do pequeno oriente, e até dos tempos mais recuados, as romas e as grécias... (*Os Transparentes, 388*)
77. sentia o suor escorrer do rosto para o braço, não **se** movia, não **se** emocionava, não **se** perturbava com os gritos ou os pontapés na porta da sua casa (*Os Transparentes, 393*)
78. — ManRiscas levantou o rosto para que o médico não **lhe** visse as lágrimas (*Os Transparentes, 396*)
79. o Esquerdista não **se** deu conta disso, nem mesmo imaginou algo parecido, mas a imagem daquela vela existia, de verdade (*Os Transparentes, 403*)
80. «não **te** apagues agora, luz de mim... (*Os Transparentes, 404*)
81. és a luz de que disponho para criar, não **te** apagues agora» (*Os Transparentes, 404*)
82. — não **me** lembro — não serão suas? (*Os Transparentes, 406*)
83. — não **nos** encontrámos tantas vezes assim (*Os Transparentes, 406*)
84. — não **me** deixa morrer sem saber a cor dessa luz falou o Cego sobre o grito das labaredas que bramiam com força (*Os Transparentes, 425*)

3.2. Ênclise (em frases matriz negativas)

0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. — ainda **me** diz qual é a cor desse fogo... (*Os Transparentes*, 11)
2. depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já **se** havia desencadeado o oculto é como um poema (*Os Transparentes*, 18) **+SC**
3. — na quarta-feira já **lhe** trago a raiz, hoje não havia. está melhor? (*Os Transparentes*, 32)
4. — é verdade, também **me** lembro (*Os Transparentes*, 42)
5. Paizinho aparecera há anos, sorrateiro, no prédio, com modos mansos e delicadezas desconfiáveis, mas cedo **se** revelou uma criança de olhos atentos e mãos ágeis, (*Os Transparentes*, 44) **Focalização de “cedo”, não de “mas”**
6. assim, no modo como a dama deixava o corpo do damo aproximar-se, **se** dava o jogo entre as energias corporais, (*Os Transparentes*, 47)
7. — não sei, Nelucha... para me deslocar..., ainda dançar é uma coisa, agora escadas, aviões, não sei. e ainda **nos** mandam pagar as contas... (*Os Transparentes*, 50)
8. — não íamos pagar nada, a minha irmã já **me** disse (*Os Transparentes*, 50)
9. Amarelinha já **se** havia sentado na sala a conferir os fios (*Os Transparentes*, 51)
10. — mambo duma loja., tenho lá os putos que lavam os carros, já **me** passaram as informações, (*Os Transparentes*, 55)
11. -tou mesmo a ver já **te** informaram demasiado. (*Os Transparentes*, 69)
12. — alguns até **se** negam de dar água num Carteiro a suar de cansaço. (*Os Transparentes*, 80)
13. inúmeras questões **se** haviam levantado no cenário político luandense nas últimas semanas, mas o intrigante era tratar-se de assuntos que nasciam de bocas fidedignas no seio do poder mas sem a validação de qualquer órgão oficial, os boatos reproduziam-se sem que se entendesse a sua origem (*Os Transparentes*, 83) **+SC F**
14. mesmo sem dados concretos, já **se** referia a evidência como um assunto a ser esclarecido pelos governantes e perscrutado pela comunicação social (*Os Transparentes*, 84)
15. — sempre **se** soube disso, mas eu achava que era pouco e que não se podia mexer (*Os Transparentes*, 84)
16. só **te** falei do que já está na boataria geral (*Os Transparentes*, 91)
17. esses gajos pensam que são vjúus, mas eu já **lhes** tirei a picture (*Os Transparentes*, 104)
18. — ó camarada agente, já **lhe** disse, pela pessoa do meu motorista improvisado, que não me chateie os cornos, esta viatura é do Ministério e nós estamos aqui a aguardar um passageiro (*Os Transparentes*, 114)
19. — quem **te** disse que eu vejo mal? (*Os Transparentes*, 116)
20. ainda **me** faz sair da viatura para vir apanhar todo esse calor? (*Os Transparentes*, 120)
21. — talvez **se** preocupem — supôs Paulo (*Os Transparentes*, 127)
22. talvez **se** preocupem daquele jeito angolano, tipo depois logo **se** vê o que acontece, primeiro vamos ainda encher os bolsos. (*Os Transparentes*, 127)
23. — eu já **vos** dou a categoria (*Os Transparentes*, 135)
24. — já **me** visitaram algumas entidades, a igreja, a televisão, etc. (*Os Transparentes*, 138)
25. — tudo **se** resolve — (*Os Transparentes*, 148)
26. o Assessor entrou com ar preocupado, possivelmente já **lhe** haviam dito que o Ministro tinha procurado por ele (*Os Transparentes*, 155) **+SC**
27. — são filmes para adultos, e o nosso cinema é de uma antiga modernidade, por isso **lhe** chamei oitava arte (*Os Transparentes*, 160) **F**
28. quem **te** deu confiança para me falares assim no meu matako? (*Os Transparentes*, 174)
29. pode te acontecer duas coisas: ou **te** dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*, 174)
30. por isso mesmo as festas **se** enchiam de uma gente que a garantia em sorrisos e animação até depois das cinco da manhã, (*Os Transparentes*, 180) **F**

31. Odonato viu-se de peito revoltado a sentir claras saudades de uma Luanda que ali havia sem já haver, talvez o tempo **se** sobrepunha para o fazer sofrer, os pássaros de um antigo Kinaxixi (*Os Transparentes*,182)
32. ainda **se** vai falar disso nas bródueis! o CamaradaMudo anuiu em ser o primeiro a falar (*Os Transparentes*,194) **+SC**
33. e ai **me** vieram as dores de estômago... (*Os Transparentes*,200)
34. não comer só **me** tem feito bem, já **te** expliquei (*Os Transparentes*,203) **+SC**
35. — então que **se** junte a nós, ainda há champanhe (*Os Transparentes*,237)
36. — que o Rambo **se** junte a nós, DonaCreusa! (*Os Transparentes*,237)
37. Cristalino sentou-se, olhou para a janela, pensativo ali mesmo, muito perto, também **se** efetuavam escavações ruidosas (*Os Transparentes*,239)
38. na rua havia anúncios enormes sobre o eclipse, já **lhe** chamavam «o mais angolano de todos os eclipses», (*Os Transparentes*,239)
39. — o Esquerdista propunha um brinde — a César o que é de César e os outros que **se** desenrasquem! (*Os Transparentes*,252)
40. a bom ritmo **se** bebia na BarcaDoNoé, ora silenciosos ora semifalantes, escutando as notícias ou os rumores vindos da rua... (*Os Transparentes*,252) **F**
41. teve que dizer; pois outros pés já lá **se** encontravam, numa espontânea reunião humana que se aglomerava ali, (*Os Transparentes*,259)
42. — tudo **se** resolve — murmurou o Cego, tentando apaziguar os ritmos chorosos da conversa (*Os Transparentes*,261)
43. Só depois olhou e **me** viu, me olhou nos olhos (*Os Transparentes*,269)
44. já **se** passou quase uma semana... (*Os Transparentes*,274)
45. «cá **se** fazem, cá **se** assistem», (*Os Transparentes*,287)
46. — quem **te** disse que eu vou olhar no eclipse? (*Os Transparentes*,291)
47. — e quem **te** disse que mesmo sem olhar não tens de usar? há pessoas que vão usar já desde a noite anterior (*Os Transparentes*,291)
48. — não diz isso, kota, já **me** bateram bué (*Os Transparentes*,321)
49. — tudo **se** resolve (*Os Transparentes*,339)
50. — ainda **se** põe com gracinhas? veja lá se quer ser despedido! (*Os Transparentes*,344)
51. alguém da televisão do Huambo **lhe** viera prevenir, assim, (*Os Transparentes*,348) **+SC**
52. Odonato foi puxado pela mulher e atado a um canteiro metálico ainda sem flores e ali **se** deixou estar por extensos minutos, suspenso, etéreo e transparente como era de sua atual condição (*Os Transparentes*,354)
53. pensaram que a condição de Odonato se devesse a um qualquer truque nacional, tiveram dúvidas quanto à natureza da cerimónia mas rapidamente **se** inteiraram, (*Os Transparentes*,354) **F**
54. e depois passaram um olhar de avaliação às instalações, conversaram brevemente com o pastor brasileiro e só depois **se** dirigiram a JoãoDe vagar (*Os Transparentes*,355)
55. — sempre **se** pode falar de «quanto», meus amigos, estamos em Luanda (*Os Transparentes*,356) **+SC**
56. CienteDoGrã cresceu e nasceu em Luanda, aqui foi criança, aqui **se** fez jovem, com as suas atividades muito próprias, em seus descaminhos (*Os Transparentes*,359)
57. a multidão quase **se** deixou cair em riso ao ouvir tamanha especulação religiosa de índole supostamente cultural (*Os Transparentes*,360)
58. tendo também em conta o estado de profunda consternação de toda a população da República de Angola, muito **se** ponderou sobre os acontecimentos e fenómenos que aconteceriam em solo nacional, (*Os Transparentes*,362)
59. ouve lá, já **te** falei, aqui fala o gatuno, vais querer negociar ou quê (*Os Transparentes*,372)
60. — já **te** disse, furei o gajo, tava armado que não me dava o telefone, furei o gajo com um tiro nas costas! (*Os Transparentes*,373)

61. — eu sei lá, já **te** disse, ficou no chão, não sou ambulância (*Os Transparentes*, 374)
62. a mesma brisa quase **lhe** extinguiu a luz da chama, eram sinais como este que traziam a mulher de volta à sua realidade, (*Os Transparentes*, 377)
63. — vim o mais rápido que pude, o que **se** passa? já ligaste para ele? (*Os Transparentes*, 392)
64. a carta vinha escrita em termos oficiais e cerimoniais, com introdução vasta sobre a receção das suas cartas deixadas com diversas pessoas em alguns dos principais ministérios do país, alguém **se** tinha dado ao trabalho de as juntar (*Os Transparentes*, 398)
+SC
65. — você sempre **me** diz isso (*Os Transparentes*, 406)
66. - o que era baba e ranho, o que era lagrima e medo, tudo isso **se** esvaiu numa sensação repentina (*Os Transparentes*, 413)
67. — ainda **me** diz qual é a cor desse fogo repetiu baixinho (*Os Transparentes*, 425)

4.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

0

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. o Cego falou em direção à mão do miúdo que **lhe** segurava o corpo pelo braço (*Os Transparentes*, 11)
2. ...fazia corredor para quem **se** atrevia a circular por entre a selva de labaredas que o vento açoitava. (*Os Transparentes*, 11)
3. ... quem fosse cego de ver devia sentir uma sensação amarela de invocar memórias, peixe grelhado com feijão de óleo de palma, um sol quente de praia ao meio -dia, ou o dia em que o ácido da bateria **lhe** roubou a animação de ver o mundo (*Os Transparentes*, 12)
4. o suor e os movimentos de Xilisbaba desfaziam a corda em fiapos empapados que depois **lhe** cobriam os pés, os demais olhavam para ela guiando -se pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos (*Os Transparentes*, 14)
5. Xilisbaba notou que o marido **se** tornava mais silencioso... (*Os Transparentes*, 17)
6. olhava -o todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem **o** tivesse conhecido com a pele e a língua mergulhava devagar (*Os Transparentes*, 18) +SC
7. como objetos exóticos que mais ninguém **se** lembrava de oferecer no natal (*Os Transparentes*, 20)
8. segundo **se** dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém **lhe** oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir -lhe o medo (*Os Transparentes*, 22)
9. se **te** dermos uma trotineta já vais com sorte. se não queres o emprego, tem quem queira. uma moto... olha que esta! (*Os Transparentes*, 25)

10. ele soube que era o local, porque havia ali um cheiro que não **se** deixava sentir e um vento que não queria circular, a água, que **se** pressentia sem se deixar ver, obedecia a um fluxo que não era natural, talvez uma força circular. (*Os Transparentes*, 27)
11. pensamentos húmidos invadiam-lhe a mente, transpirava por dentro como **se** **lhe** chegasse um medo infantil, divertido só depois subiu estranhando o silêncio (*Os Transparentes*, 28)
12. olhou para a porta, vislumbrou os gestos resolutos, treinados e cortantes do CamaradaMudo, viu que o seu joelho **se** movia para o lado a um ritmo compassado que não era o da música. (*Os Transparentes*, 32)
13. como um rosto que conhecia de algum lugar, aproximou-se, limpou o suor que **lhe** escorria das sobranceiras e leu o nome, era o mesmo do disco que agora tocava no lado B. (*Os Transparentes*, 32)
14. também não estou pior, isso é que **me** vale, mas tenho dores de corpo. nos 05505 de dentro... (*Os Transparentes*, 33)
15. AvóKunjikise sorriu, emitiu um som que quase não **se** escutou e prosseguiu a sua caminhada em direção ao sexto andar (*Os Transparentes*, 34)
16. — a velha pôs as duas mãos sobre o peito, como fazia desde menina, quando **se** queria acalmar (*Os Transparentes*, 34) +SC
17. a luz longínqua passava como **se** um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34) -SC
18. o som do quinto andar chegava ali, a velha batia com o pé e sorria para Odonato, ajeitava os panos que **lhe** cobriam os ombros e parte do pescoço (*Os Transparentes*, 35)
19. — quem vem lá que **se** identifique imediatamente ouviu o som do outro corpo cessar o movimento, e esperou (*Os Transparentes*, 36)
20. o Carteiro tocou o Ministro no braço que o sacudiu e retomou a marcha (*Os Transparentes*, 40)
21. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, voltou a sentar-se rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem **lhe** entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41)
22. era normal, nesse tempo, depois do caldo, haver um reacender da festa que **se** arrastaria, para alguns, até às dez horas da manhã (*Os Transparentes*, 47)
23. — ai, nossos recolheres bem obrigatórios... — Edú sorriu de olhos fechados recordando a derradeira noite em que **a** conquistara (*Os Transparentes*, 47)
24. junto das catorze horas, o ritmo ser retomado, sob o cheiro dos temperos femininos, numa tarde que **se** esticaria até à nova noite (*Os Transparentes*, 47)
25. e as passadas que evoluíam em contacto cada vez mais íntimo, pernas que **se** roçavam a ver se era possível, cinturas que denunciavam intenções (*Os Transparentes*, 47)
26. o desafio de Edú não era escrever o nome no chão, habilidade de que **se** julgava capaz, mesmo com o desafio de ser com o «ch» (*Os Transparentes*, 48)
27. — se não **se** importa, o «cha» escrevemos na próxi ma música — rematou Edú, quando a música terminou (*Os Transparentes*, 48)
28. — faz-se o que **se** pode, o mbumbi dá um certo ritmo nas curvas — Edú riu (*Os Transparentes*, 48)
29. — outra vez? — Edú pressentiu que **se** tratava de um assunto sério de mais para aquela hora do dia (*Os Transparentes*, 49)
30. — mas então porquê que não **te** decides de uma vez por todas? (*Os Transparentes*, 49)
31. — falar, falar... se eu já **te** disse que um kimbanda amigo meu é que está a ver o assunto. (*Os Transparentes*, 49)
32. enquanto ele não **se** pronunciar, ninguém mexe aqui. (*Os Transparentes*, 49)
33. eles é que pagam as despesas e se **te** quiserem operar, tu dizes que gostarias de ver outro médico e lá vamos nós para outro país. (*Os Transparentes*, 50) +SC
34. — Edú sentou-se no minúsculo banco que **lhe** estava reservado por ser resistente (*Os Transparentes*, 51)

35. — diz à tua irmã para vir cá, parece que temos bizno! no sexto andar, Xilisbaba entrou em casa e sentiu uma frescura que **lhe** desagradou (*Os Transparentes*,51)
36. uma translucidez brincava de reflexos nas suas veias, Xilisbaba olhava atentamente para que os minutos **lhe** dessem a certeza (*Os Transparentes*,54)
37. o que a população chamava de «sorte» era a quantidade de vezes que ZéMesmo **se** havia envolvido em confrontos físicos (*Os Transparentes*,57) +SC
38. — camaradas, o meu chefe é que foi para casa, está vamos a sair da discoteca, saiu tiro, para **lhe** proteger é que **me** balearam (*Os Transparentes*,58)
39. — ou choras agora ou choras em casa, quando eu **te** enfiar umas boas galhetas (*Os Transparentes*,60)
40. e saiu a rir pela porta aberta viam-se o jardim da casa, a relva cortada com desenhos lindos que o vendedor apreciava por fazerem conjunto com as flores, rosas, cravos, lindas trepadeiras que saíam do jardim e invadiam a varanda, catos, enormes rosas de porcelana e fetos de um verde escuro que **lhe** lembrava o mar (*Os Transparentes*,66)
41. na avenida o trânsito era intenso, motas de fabrico chinês circulavam por entre os carros enormes, jipes de marca americana, japonesa e coreana, muitos hiace na candonga de transportar o povo que realmente só **se** podia deslocar de candongueiro.. (*Os Transparentes*,70) +SC
42. «as lágrimas é que limpam a tristeza...», pensou Luanda fervia com a sua gente que vendia, que comprava para vender, que **se** vendia para ir depois comprar e gente que **se** vendia sem voltar a conseguir comprar (*Os Transparentes*,72)
43. por isso é que eu ando a distribuir cartas, a ver se algum desses tantos chefes **me** pode então dar uma mão, ou seja, uma moto (*Os Transparentes*,79)
44. nas casas onde vou nem já **me** oferecem um copo de água, ou um cumbu zito, quer dizer, sei que não é obrigação de ninguém, mas um gesto assim fica bem (*Os Transparentes*,79)
45. — e como sempre tiveste que **lhe** preparar um cafe zinho e bolinhos e uma sanduíche para o resto do dia, não? (*Os Transparentes*,80)
46. inúmeras questões se haviam levantado no cenário político luandense nas últimas semanas, mas o intrigante era tratar-se de assuntos que nasciam de bocas fidedignas no seio do poder mas sem a validação de qualquer órgão oficial, os boatos reproduziam-se sem que **se** entendesse a sua origem (*Os Transparentes*,83)
47. — sempre se soube disso, mas eu achava que era pouco e que não **se** podia mexer (*Os Transparentes*,84) +SC
48. PauloPausado falou — parece que alguém acha que **se** pode mexer e que não será tão pouco, são muitos os buracos já abertos na cidade (*Os Transparentes*,84) +SC
49. — primeiro a maka da água... ninguém sabe o que **se** passa, a água não vem, quando vem também vem, e quando dizem que vem depois avisam que pôde vir... (*Os Transparentes*,85)
50. certo final de ano, ainda nos idos tempos do recolher obrigatíssimo, Artur circulava munido de um salvo conduto de veracidade duvidosa mas que **o** salvara de inúmeras situações noturnas complicadas (*Os Transparentes*,87)
51. — mas o quê que **se** passa aqui? (*Os Transparentes*,88)
52. — e sabia como? só o arranque que eu **lhes** dei!, (*Os Transparentes*,90)
53. Ciente sorriu, pois na realidade nem se lembrava já da combinação que ZéMesmo **lhe** havia passado por telefone (*Os Transparentes*,93) +SC
54. um jipe parou lá fora e Ciente assustou-se, já tinha a mão na porta do cofre e fechou-o abruptamente quando **se** virou para ir até à janela espreitar, um tipo baixo, de barriga pendente saía de um carro (*Os Transparentes*,93)
55. — sai daí que já **te** vi, sai devagar (*Os Transparentes*,94)
56. — se já **me** viste, diz então onde é q'eu estou! (*Os Transparentes*,94)

57. foi buscar uma faca grande que alguém **lhe** havia ofertado há anos dizendo tratar-se do objeto usado por Rambo na gravação de um dos seus filmes,... (*Os Transparentes*,95) +SC
58. — mas vai lá ver o que **se** passa, vou pôr todo mundo na casa de banho (*Os Transparentes*,96)
59. reuniram-se na casa de banho AvóKunjikise, Amarelinha e Abum, que sempre caminhava obedecendo ao que **lhe** fosse sugerido, sem chegar a desperta (*Os Transparentes*,96) +SC
60. quando o Mudo **se** juntou a Paizinho, desceram cuidadosamente por um sub-corredor perigoso (*Os Transparentes*,96)
61. — estou só a brincar..., vou ver o que **se** pode fazer (*Os Transparentes*,101) +SC
62. — são vocês que precisam de mim, não é o inversamente, como **se** faz constar por aqui. camaradas, a revolução é um ato constante: fim de citação! (*Os Transparentes*,103)
63. mas qual é o dielengo que **vos** traz aqui? (*Os Transparentes*,105)
64. — estou aqui a berrar como **se** fosse um cabrito, parece-lhe bem? (*Os Transparentes*,110)
65. — não me parece bem, senhor Assessor, tive que **me** ausentar (*Os Transparentes*,110)
66. — eu não, tou só a dar mesmo o recado que **me** deram (*Os Transparentes*,114)
67. — ó camarada agente, já **lhe** disse, pela pessoa do meu motorista improvisado, que não **me** chateie os cornos, esta viatura é do Ministério e nós estamos aqui a aguardar um passageiro (*Os Transparentes*,114)
68. e mesmo insistindo com o senhor Assessor para que **lhe** fornecesse uma descrição, ainda que aproximada, este mantinha-se calado a Rimar dentro da viatura, (*Os Transparentes*,115)
69. há já alguns anos que não **se** viam... (*Os Transparentes*,119)
70. vocês estiveram nalgum curso que **vos** faz pensar que todas as viaturas estão estacionadas? (*Os Transparentes*,120)
71. e assim como em Novalorque tantas vezes Davide faltou às aulas por aquilo a que chamava caminhada exagerada, também em Luanda era usual começar a caminhar e a sua mente ser invadida por uma estranha sequência de pensamentos que ora **se** destinavam a fazê-lo viajar ao passado como tantas outras vezes **lhe** davam o espaço necessário para o surgimento de mais alguma ideia brilhante (*Os Transparentes*,122)
72. pôde escutar ao longe, do outro lado das enormes pedras, vozes infantis que **se** divertiam em mergulhos tardios, saboreando a temperatura morna da água e preparando os corpos, (*Os Transparentes*,123)
73. as costas e as bochechas, para as bofetadas que as mães ou irmãs mais-velhas **lhes** dariam por chegarem a casa demasiado tarde depois dos mergulhos na escuridão do mar (*Os Transparentes*,123)
74. o Cego que, de cansaço e fome, queria era chegar perto de alguém que **lhe** desse um prato de comida seguido de um cigarro com ou sem liamba incluída (*Os Transparentes*,123)
75. confirmando que havia caminhado em exagero, sacudiu os pés, libertando-os da areia e das pedrinhas que incomodam quem **se** preparava, de novo, para caminhar (*Os Transparentes*,124)
76. — sorriu Paulo, enquanto **lhe** servia uma segunda dose (*Os Transparentes*,125)
77. — aquele cientista americano, acho que já **te** falei dele uma vez... (*Os Transparentes*,127)
78. quando Davide **se** retirou, Paulo deixou-se estar à janela, fumando o seu último cigarro da noite, (*Os Transparentes*,130)
79. a cidade parecia-lhe sempre ser outra, à noite não apenas devido ao novo jogo de luzes que nela se configurava, entre zonas mal iluminadas e zonas mesmo nada iluminadas, mas também porque o vento e as temperaturas pareciam com portar-se de outro modo, e assim também as gentes, os olhaeres(...) o modo como **se** relacionavam com os gatos e cães perdidos, o modo como receavam o voo rasante dos morcegos, (*Os Transparentes*,130)
80. tinha os olhos quase cerrados, fosse do sono ou do adiantando da hora, ou da escuridão penumbrosa que **se** vivia na cozinha (*Os Transparentes*,132)

81. o que sentia não era dor, era, antes, um gélido incómodo que se espalhava pelo corpo (*Os Transparentes*,135)
82. de coisas criativas, não sei se me faço entender... (*Os Transparentes*,138)
83. o número de pessoas que lhe tinham aparecido em casa, incluindo os que pretendiam, (*Os Transparentes*,140) +SC
84. os fiscais olharam-se entre si, o Cego tossiu e o Vendedor, muito devagarinho, foi apanhando as suas conchas, uma a uma, para não interferir com a energia que se instalara no ar (*Os Transparentes*,143)
85. — perguntou um fiscal mirando o galo de olho ceifado que, com ar triste, se equilibrava sobre o fio de arame desfarpado do prédio vizinho (*Os Transparentes*,144)
86. Xilisbaba comentou que tinha conseguido falar por telefone com um médico amigo, amigo de alguém, que se tinha disponibilizado para vir ver CienteDoGrã (*Os Transparentes*,147) +SC
87. — Odonato... tu... — gaguejava JoãoDevagar enquanto lhe tremiam as mãos, que tremiam o espelho... (*Os Transparentes*,148)
88.que tremia a luz, que se esbatia amarelíssima no tom ainda escuro da pele de Odonato (*Os Transparentes*,149)
89. — pousa o espelho, João, antes que te magoes — murmurou Odonato (*Os Transparentes*,149)
90. deitava-se meio de lado, numa tentativa de não forçar a bunda sobre a região onde se havia alojado a bala (*Os Transparentes*,156) +SC
91. inacessíveis, usual mente ornamentados com um português que não se aproximava muito do chamado português comum, ou mesmo, (*Os Transparentes*,160)
92. como se de um caminho longínquo se tratasse, lá, o galo triste debicava o chão seco, fendido pela força diária do sol (*Os Transparentes*,161)
93. o VendedorDeConchas fazia os gestos devagar para inventar um tempo dentro daquelas horas, por que subitamente sentia que a voz lhe falhava, as mãos calejadas fraquejavam quando a moça se aproximava e lhe sorria (*Os Transparentes*,162)
94. sentado no canto que lhe fora atribuído, sob uma sombrinha colorida e flirada, o Cego sorria com o que lhe haviam dito, que ele não teria que pagar entrada (*Os Transparentes*,162) +SC
95. o VendedorDeConchas fazia os gestos devagar para inventar um tempo dentro daquelas horas, por que subitamente sentia que a voz lhe falhava, as mãos calejadas fraquejavam quando a moça se aproximava e lhe sorria (*Os Transparentes*,162)
96. MariaComForça soltou uma lágrima sentindo um prazer que lhe havia começado na boca, descendo pelos seios, indo pelas costas, arrepiando-lhe as nádegas e chegando, (*Os Transparentes*,164) +SC
97. porque de repente o homem e a moça tivessem olhado para ela, ou para o lugar onde ela se havia escondido, mas porque, sob a penumbra, ela havia reconhecido o rosto (*Os Transparentes*,165) +SC
98. o Partido entendeu que a relação de forças se havia invertido e que agora muita gente, dos mais variados setores sociais angolanos (*Os Transparentes*,166) +SC
99. era preocupado com tudo isto que PauloPausado se dirigia à empresa de Cristalino (*Os Transparentes*,166)
100. no que um entendia de abrimento de portas, o outro conhecia de estratégia financeira, e se um se foi instalando nos meandros da política nacional, o outro foi-se tornando exímio entendedor dos domínios económicos da nação (*Os Transparentes*,168) +SC
101. a ideia era muito clara, tratava-se de intensas e variadas escavações no largo perímetro de Luanda que tinha como epicentro o próprio LargoDaMaianga, sendo que a esfera de ação se alastrava até depois do mercado RoqueSanteiro (*Os Transparentes*,171)

102. esgueirou-se pela cozinha, matou a sede, tirou uma fruta e já ia a sair quando **se** cruzou com AvóKunjikise no corredor (*Os Transparentes*,173)
103. — cada um fala a língua que **lhe** ensinaram! (*Os Transparentes*,173)
104. CienteDoGrã foi descendo às escondidas pelas escadas, sentindo que **lhe** faltavam as forças e que estava acometido de uma febre avassaladora, mas tinha esperança e (*Os Transparentes*,174)
105. então vais nos acompanhar na esquadra para ver se **te** dá vontade de falar (*Os Transparentes*,175)
106. Edú, que por força da circunstância do seu inchadíssimo mbumbi passava muito do seu tempo à janela, entendeu o que **se** passava (*Os Transparentes*,175)
107. até culturalmente, recusar o bom whisky que **lhe** ofereciam, porque a reunião tinha sido um sucesso e haviam sido dados passos significativos em torno da questão cipelina (*Os Transparentes*,176)
108. Odonato começou a chorar devagarinho, AvóKunjikise retirou-se da cozinha deixando-o a sós com Xilisbaba que **se** aproximou docemente (*Os Transparentes*,180)
109. Odonato ia a sair quando a esposa **lhe** lembrou de que tinha de levar algum dinheiro, porque mesmo as informações hoje em dia têm de ser pagas (*Os Transparentes*,180)
110. — sempre o Ciente, com os seus problemas, que depois **se** transformam em meus problemas (*Os Transparentes*,183)
111. — não se assustem, é uma condição natural que **me** está a acontecer (*Os Transparentes*,187) +SC
112. um suor miudinho que **lhe** brotava entre os dedos das mãos e aí se misturava com os inúmeros outros cheiros acumula dos da atividade de descascar o que outros não tinham paciência para descascar (*Os Transparentes*,196)
113. no cheiro das conchas que ele apanha e vende, que eu **lhe** respeito nessa profissão de pedir ainda no mar e na Kianda para retirar as conchas.. (*Os Transparentes*,197)
114. — e que até para dizer a verdade que de noite ainda estou a sonhar com esses dias de uma coisa que sempre **me** acontece de repetir no sonho, quando eu **lhe** sonho à noite... (*Os Transparentes*,198)
115. a Kianda é que **me** protege... (*Os Transparentes*,199)
116. quem pode, pode, quem não pode, sacode e segue em frente, se **lhe** deixarem (*Os Transparentes*,211)
117. o Carteiro deixou-se estar, numa súbita frescura. que **lhe** invadia a alma, ébrio mas sóbrio, cerrou os olhos e passou a ouvir a orquestra de sons brandos que o prédio **lhe** trazia (*Os Transparentes*,216)
118. vozes de gente que acordava, pés que **se** arrastavam nos andares superiores, frases soltas em umbundu que desciam lentas pelo corredor vertical que fora um dia usado pelo elevador~ sons de água a esmagar-se no chão, o som claro de um galo debicando o chão do prédio vizinho, (*Os Transparentes*,216)
119. mas em mim, a vida matou essa mística esperança, eu não espero... sou aquele por quem **se** espera... (Agostinho Neto) (*Os Transparentes*,216)
120. — o CamaradaVludo voltou ao seu ritmo de descascar as infinitas batatas insinuando, com uma discreta sinalética, que o Carteiro entrasse, **se** servisse de água e mudasse o disco para o lado b. (*Os Transparentes*,218)
121. foram convocados os homens que habitualmente frequentavam a BarcaDoNoé, incluindo o barrigudo Noé, que **se** fez acompanhar, para não se sentir deslocado, do amigo a quem chamavam o Esquerdistas (*Os Transparentes*,220)
122. até as oscilações de cabeça, ora verticais ora diagonais, do galo no prédio ao lado, como se tentasse participar, uma vez que não fora convidado, escutando os restos de voz e música que **lhe** chegavam aos ouvidos (*Os Transparentes*,220)

123. — é neste contexto cultural... gastronómico — apontou para o lado onde MariaComForça acatava as suas palavras sorrindo — que em Luanda **se** estreia assim mais um lugar, digamos, um lugar cultural. (*Os Transparentes*,222)
124. declaro aberto e inaugurado este espaço cultural, onde, como depois **se** vai ver e escutar e sentar e beber... (*Os Transparentes*,224) **+SC**
125. os fiscais DestaVez e DaOutra aceitaram, sem pagar, a cerveja que MariaComForça **lhes** ofereceu, deambularam pela festa, miraram de longe o recolhido galo, trocaram breves palavras com Edú e dirigiram-se intencionalmente à jovem jornalista (*Os Transparentes*,225)
126. sobretudo os que são conhecidos como «patos», extrato social composto por aqueles que, alegremente e quase que em espírito de missão social, **se** dedicam desde tenra idade a comparecer em casamentos, funerais, batizados, (*Os Transparentes*,228)
127. não só porque o marido já **se** expusera demasiadas horas ao sol e às imprevisibilidades do contacto social, até jornalístico, mas também porque a sua irmã, uma famosa agente cultural luandense, **se** encontrava lá em baixo disposta a traçar a estratégia para o usufruto comercial da questão anatómica (*Os Transparentes*,229)
128. onde JoãoDevagar evitou revelar concretamente que tipo de atividades **se** fariam naquele espaço, deixando quase tudo em aberto, reiterando com maior ou menor eloquência (*Os Transparentes*,229)
129. — olharam de novo para a jovem jornalista que **lhes** piscava o olho (*Os Transparentes*,230)
130. — cuidado, é tudo o que **lhe** digo (*Os Transparentes*,232)
131. o contra depende de quem você está a favor não sei se **me** entende... (*Os Transparentes*,232)
132. — que **te** acontece só assim. que te afeta, pode ser na tua vida ou no teu coração (*Os Transparentes*,233)
133. — que te acontece só assim. que **te** afeta, pode ser na tua vida ou no teu coração (*Os Transparentes*,233)
134. aqui mesmo acontecem muitas coisas, eu quando passo aqui **me** dão outros pensamentos na cabeça (*Os Transparentes*,234)
135. ficaram contentes com os quitutes e a quantidade de champanhe que ali **se** apresentava (*Os Transparentes*,236)
136. DonaCreusa ficou mais afastada e recolhida, esperando que **lhe** atribuíssem um copo, coisa que ninguém faria, não fosse a delicadeza de Cristalino (*Os Transparentes*,236)
137. — não estavam devidamente mapeadas, os riscos que **se** corriam com as perfurações e a trepidação não alcançava, nem de perto nem de longe, (*Os Transparentes*,237)
138. o nível de segurança que internacionalmente **se** considera aceitável (*Os Transparentes*,237)
139. todas essas pessoas, incluindo as que **se** encontram nesta sala, fazem parte daquilo a que **se** chama CIPEL. (*Os Transparentes*,238)
140. era de facto um dos melhores lugares do mundo para se assistir ao ((evento», como já **lhe** chamavam, entre outros títulos curiosos que fizeram manchete por aqueles dias (*Os Transparentes*,240)
141. apesar disso, eram várias as pessoas que **se** detinham alguns instantes olhando para ele, não com uma especial certeza do motivo por que o olhavam, mas munidos de um pressentimento concreto e de uma ir resistível atração, (*Os Transparentes*,241)
142. — onde é que o posso encontrar? (*Os Transparentes*,242) **+SC**
143. às vezes o camarada, no assunto que **lhe** trouxe aqui, até pode encontrar alguém mais atento que o agente Belo (*Os Transparentes*,243)
144. —, vou **lhe** dizer qual é a casa onde ele **se** encontra, mas não quero que o pai ande mais com esse peso do saco com a comida (*Os Transparentes*,244)
145. — esse? — AvóTeta acaricou-lhe a cabeça e o lombo — esse cão come bué... nós é que não **lhe** damos! (*Os Transparentes*,247)

146. um silêncio bruto, rumor dos pensamentos que finalmente **se** processavam, foi apenas quebrado pelo som de quatro ou cinco homens a fazerem o que na aquele momento **lhes** pareceu que era o que restava a ser feito (*Os Transparentes*,254)
147. o povo sempre descobre maneira de trazer a si qualquer celebração, o que ainda **lhe** resta é a sua alegria, essa que não pode ser prevista nem comprada, quando muito é induzida (*Os Transparentes*,256)
148. no pré-raiar do sol, pensou nessa palavra que agora **lhe** atiravam (*Os Transparentes*,258)
149. verificando que a permanente frescura afastava os mosquitos e que mesmo nas noites mais quentes o local **se** mantinha arejado, um forte rebuliço assaltou-lhe o peito e os olhos, chorou quieto a um canto, e deixou-se estar por muito tempo (*Os Transparentes*,258)
150. o seu corpo se aquietou, e as suas lágrimas cessaram e quis crer que sim, Luanda e algumas das suas gentes **lhe** atribuíam uma grande sorte, que começava assim (*Os Transparentes*,258)
151. teve que dizer; pois outros pés já lá se encontravam, numa espontânea reunião humana que **se** aglomerava ali, (*Os Transparentes*,259)
152. disse Clara quando PauloPausado **lhe** passou o embruílio (*Os Transparentes*,261)
153. — abre e vê. uma prenda, há tanto tempo que não **te** dou uma prenda... (*Os Transparentes*,261)
154. sabia onde ela **se** encontrava e o que fazia pelo mínimo ruído que o cubículo libertasse, imaginava na sua cabeça a movimentação do corpo, (*Os Transparentes*,263)
155. mas quebrou-se o silêncio na direção daquele que não **se** podia recusar a falar caso os mais-velhos ali presentes **lhe** dirigissem uma questão (*Os Transparentes*,265) +SC
156. mas quebrou-se o silêncio na direção daquele que não se podia recusar a falar caso os mais-velhos ali presentes **lhe** dirigissem uma questão (*Os Transparentes*,265)
157. Amarelinha riu da simulação de briga, e todos se ajeitaram, após o riso coletivo, estranhando que só NgaNelucha não tirasse dos pés os avermelhados sapatos altos que trazia, embora **lhe** fosse aconselhado, pelos restantes, que aquela seria a atitude certa naquele lugar e naquela ocasião (*Os Transparentes*,265) +SC
158. só depois de se descalçar e deixar os olhos habituarem-se à penumbra, Odonato reconheceu, com espanto, o corpo, o rosto e as mãos de Amarelinha que, do outro lado da água, **lhe** fazia um adeus tímido (*Os Transparentes*,265)
- 159.
160. — então como é que ela **te** vai encontrar? (*Os Transparentes*,266)
161. e como se o silêncio **se** quisesse instalar novamente (*Os Transparentes*,266) +SC
162. o galo no prédio vizinho recolheu ao seu canto e ter-se-á mesmo apercebido de que o olho que **lhe** restava também já não orientava muito bem (*Os Transparentes*,267)
163. com isso sentiu aquilo que **se** chamaria de galinácea tristeza (*Os Transparentes*,268)
164. ao chegar ao húmido recinto, Xilisbaba viu o marido despir a sua muito larga camisa exibindo assim uma nudez que ofendia com agravo todas as noções que **se** tem do fenómeno da densidade (*Os Transparentes*,268)
165. Uma freira é que **me** molhou a pele (*Os Transparentes*,269)
166. Pensei que era melhor não posar, saltei, subi mais, as conchas no meu saco faziam mais barulho só que o meu coração **me** dizia subir, continuei (*Os Transparentes*,269)
167. ... quinto andar, uma panela estava no chão, tive que **lhe** contornar para passar no sexto andar (*Os Transparentes*,269)
168. prossegui, não foi preciso tocar porque a porta **se** abriu e adona Xilisbaba, eu **lhe** via pela primeira vez, veio por um grito no corredor (*Os Transparentes*,269)
169. mas gostei da missão, podia voltar ali com boa desculpa de fornecedor e a minha vida é isto também: que os outros **me** dizem os caminhos para eu ter que ir lá (*Os Transparentes*,272)
170. falo umbundu é para ver se os mortos ainda **me** estão a ouvir... (*Os Transparentes*,274) +SC

171. — esconda masé o material que se o subintendente vê isso, fica-me já com o pitéu! (*Os Transparentes*,274)
172. sentaram-se na sala, quietos, como se ambos gostassem de ver passar o tempo (*Os Transparentes*,280)
173. — cala masé a boca, é preciso é aprenderes a beber whisky, onde é que já se viu um angolano com esse corpo todo a não beber um whisky bem gelado a esta hora...! (*Os Transparentes*,278)
174. — não sei explicar muito bem, e é sobre isso que fico a pensar, quando me ponho sozinho no terraço a sentir o vento e a olhar a cidade. (*Os Transparentes*,283)
175. Luanda é uma cidade de gente que se fantasia de outra coisa qualquer (*Os Transparentes*,283)
176. — você num brinca com o angolano quando se trata de compras' (*Os Transparentes*,286)
177. foram abordados por inúmeros jovens que lhes tentavam vender gasosas, água, cartões telefónicos, telemóveis roubados, ou um produto mais especial (*Os Transparentes*,289)
+SC
178. — estão a começar, as escavações são para instalação dos tubos e das máquinas, a qualquer momento vamos ver jorrar petróleo, e dizem que se encontrarem no quintal de alguém, essa pessoa recebe uma comissão (*Os Transparentes*,294)
179. — em princípio saem hoje, não queriam sair os chineses, aluguei aquilo por um ano, já terminou há mais de um mês, e não saem, quando você me disse que estava interessado, fui lá falar com os homens (*Os Transparentes*,297)
180. tudo correu como planificado, os membros mais jovens da assistência começaram a representar auditivamente as cenas do filme, sobrepondo-se mesmo a alguns diálogos, criando outros, numa caótica maneira de dar lugar a quem ainda não se tivesse expressado para que o fizesse, (*Os Transparentes*,305) +SC
181. tudo correu como planificado, os membros mais jovens da assistência começaram a representar auditivamente as cenas do filme, sobrepondo-se mesmo a alguns diálogos, criando outros, numa caótica maneira de dar lugar a quem ainda não se tivesse expressado para que o fizesse, (*Os Transparentes*,305)
182. as falas e os gemidos das mulheres loiras que, munidas de uma pornográfica e nórdica volúpia, se ocuparam do canalizador africano durante mais de quarenta e cinco minutos, (*Os Transparentes*,305)
183. usando a ausência do som, provocando a multidão com essa intencional falta de sincronia, JoãoDevagar tornava-se o orquestrador de um teatro que se provocava e se alimentava a si mesmo, a multidão encarre gava-se de ativar os conceitos que ele antes anunciara nos campos da «experimentação teatrológica, cinema tografal e performática», em suma, os pretendidos ecos da sua oitava arte (*Os Transparentes*,307)
184. usando a ausência do som, provocando a multidão com essa intencional falta de sincronia, JoãoDevagar tornava-se o orquestrador de um teatro que se provocava e se alimentava a si mesmo, a multidão encarre gava-se de ativar os conceitos que ele antes anunciara nos campos da «experimentação teatrológica, cinema tografal e performática», em suma, os pretendidos ecos da sua oitava arte (*Os Transparentes*,307)
185. tudo falado entre as línguas portuguesa e americana, com detalhes, de modo que DavideAirosa se sentiu na obrigação de apaziguar o jovem americano (*Os Transparentes*,308)
186. uma entrada especial de um supercaril de mariscos com molho especial, ao que se seguiu um brutal empadão de carne com chouriço e ovos estaladiços na cobertura (*Os Transparentes*,309)
187. — ele que me casou (*Os Transparentes*,309)
188. fez uma pausa no seu teatro luandense, momento profissional de qualquer luandense quando se entrega a uma estória mais ou menos inverosímil, (*Os Transparentes*,311)

189. — trata-me por Artur, como é que **te** chamas? (*Os Transparentes*,315)
190. PauloPausado e DavideAlrosa iam explicando ao americano os comportamentos dos luandenses nas festas, de como os procedimentos masculinos **se** processavam no que **se** referia à bebida, à comida, às mulheres e aos mais-velhos, quem é que ali estava e era casado (*Os Transparentes*,316)
191. PauloPausado e DavideAlrosa iam explicando ao americano os comportamentos dos luandenses nas festas, de como os procedimentos masculinos **se** processavam no que **se** referia à bebida, à comida, às mulheres e aos mais-velhos, quem é que ali estava e era casado (*Os Transparentes*,316)
192. rindo e abrindo os braços para o abraço que a jovem **lhe** impelia a dar, deixou as suas mãos percorrem as costas nuas dela, (*Os Transparentes*,319)
193. — o quê que **se** passa? (*Os Transparentes*,320)
194. — foi esse que **lhe** apanhámos a gamar os carros dos kotas (*Os Transparentes*,320)
195. além das bebidas vertidas, das festas havidas, das caladas celebrações e das enclausura das despedidas, sobrou apenas, para os que não **se** esquecem do que leem, o título, a negro, da enorme manchete no JornalDeAngola (*Os Transparentes*,331)
196. — parece que estou a ficar também mais leve, se ou vir algum vento, você tem que **me** segurar (*Os Transparentes*,334)
197. há nos cemitérios uma surda cantoria, ali onde as flores recentes **se** contrapõem pela força da vida exala da nas suas cores (*Os Transparentes*,336)
198. já Odonato estava de bruços, afagando o rosto do seu filho, libertando das maçãs do rosto uma película de barro avermelhado que **ali** **se** formara, chorava a pranto solto o homem, no chão gemia o neutraliza do coveiro, (*Os Transparentes*,338)
199. mas não **se** tratava de algo que **se** relacionasse com a sua pessoa ou até com as popularidades do seu gigantesco inchaço testicular, (*Os Transparentes*,347)
200. pela expressão no rosto de Edú, NgaNelucha sentiu que **se** tratava de uma boa notícia, o homem respirava mais forte (*Os Transparentes*,347)
201. os melhores panos estariam já a ser preparados, a senhora, nessa tarde, teria mesmo visitado uma habilidosa jovem para que **lhe** fizesse nos cabelos um penteado de tranças lindas, afinal, após tantos anos evitando pensar nisso, (*Os Transparentes*,348)
202. tão repentinamente quanto **se** pode dar uma notícia, que o seu filho estava vivo (*Os Transparentes*,348) **+SC**
203. Odonato chamou Xilisbaba num tom de voz que **mais** **se** assemelhava a uma súplica (*Os Transparentes*,351)
204. perguntou MariaComForça ao Carteiro que **se** aproximava (*Os Transparentes*,353)
205. pensaram que a condição de Odonato **se** devesse a um qualquer truque nacional, tiveram dúvidas quanto à natureza da cerimónia mas rapidamente **se** inteiraram, (*Os Transparentes*,354)
206. – e tu, compadre, bem estacionado? – ainda brincando com Odonato —como **se** pode – respondeu Odonato (*Os Transparentes*,354)
207. — ah, quer dizer que já **se** pode falar de quanto (*Os Transparentes*,356) **+SC**
208. CienteDoGrã cresceu e nasceu em Luanda, aqui foi criança, aqui **se** fez jovem, com as suas atividades muito próprias, em seus descaminhos, e como **se** diz aqui em Luanda, quem pode saber que mujimbos Ciente conta ao senhor deus neste momento? (*Os Transparentes*,359)
209. quando Xilisbaba fechou o caixão o pastor apagou algumas das velas no improvisado altar e inventou uma cerimónia de distribuição progressiva de flores, uma para cada indivíduo presente, numa movimentação que tinha início junto ao altar e **se** alastrava, pela passagem das flores (*Os Transparentes*,361)
210. ainda assim, o Partido no poder entende que, em Angola, não **se** vive o momento apropriado para as fulminantes celebrações que **se** avizinham (*Os Transparentes*,362)

211. AvóKunjikise murmurou algo inaudível em um bundu e olhou para os seus pés cansados, Amarelinha esfregava os braços afastando um arrepio que **lhe** chegara repentinamente (*Os Transparentes*,363)
212. no primeiro andar, junto às águas, a temperatura era de um agrado tão sobre-humano que **se** tornava custoso resistir ao lugar, (*Os Transparentes*,363)
213. e foi então que suavemente a voz da velha **se** fez sentir (*Os Transparentes*,366)
214. — já te disse, furei o gajo, tava armado que não **me** dava o telefone, furei o gajo com um tiro nas costas! (*Os Transparentes*,373)
215. agra var, (*Os Transparentes*,375)
216. mas como ninguém **lhe** desse atenção ou sequer olhasse para ele, evitou fazer ruído e voltou ao seu canto (*Os Transparentes*,376)
217. — estou, sim, Baba: é a saudade que **me** amarra a esta cidade... (*Os Transparentes*,376)
218. uma mulher com uma vela na mão há muito que havia aceitado o seu corpo, o seu destino, de vez em quando virava o olhar para a porta, depois verificava quantas gotas **lhe** tinham escapado da mão e se haviam solidificado na mesa (*Os Transparentes*,377) +SC
219. regressa de lá com uma lágrima que não chega à boca, interceta a lágrima antes que o sabor do sal **lhe** tinja o paladar, pois isso seria conhecer uma lágrima duas vezes (*Os Transparentes*,377)
220. os fiscais aceitaram e repetiram do bom champanhe, também não entendendo a que **se** devia a celebração mas seguindo a lógica dos luandenses quanto a brindes que, sobretudo envolvendo bebida francesa e na presença de um Ministro (*Os Transparentes*,378)
221. «a vela deve permanecer na cozinha, para que outros, na escuridão, **se** possam servir da luz.» (*Os Transparentes*,378) +SC
- 222.
223. o médico também desviou o rosto, tentou alargar um pouco as algemas que **lhe** maceravam a pele, respirou fundo (*Os Transparentes*,396)
224. mas um trilho que era também um pouco seu, e assim triste, mudo por dentro, sentou-se num tronco cambuta, pousou o saco perto dos pés e pôs-se a ler a única carta oficial que **lhe** haviam endereçado (*Os Transparentes*,398) +SC
225. o Carteiro, o homem que fizera à mão, em papel de vinte e cinco linhas, cartas em tom sério e oficial, pedindo que **lhe** cedessem uma motorizada para a melhoria do cumprimento da sua função, (*Os Transparentes*,399)
226. apertando os mamilos com força sem deixarem de olhar para ele que não **se** aproximava, beijaram-se as mulheres, lentamente, mas de um modo lascivo que permitisse ao empresário ver as suas línguas e os seus dedos atrevidos alternado (*Os Transparentes*,403)
227. à espera, como sempre, que as palavras viessem de dentro, **lhe** invadissem o sangue e **lhe** fizessem escrever (*Os Transparentes*,404)
228. cumpria o seu ritual de varrer todo o bar três vezes, depois o de limpar o chão com água misturada com creolina e só depois deixar-se estar à porta, fumando o seu cigarro curto e forte, à espera, assim, de quem **se** mostrasse disposto a aparecer (*Os Transparentes*,405)
229. Davide esfregou o rosto, disfarçou as lágrimas, procurou na respiração a calma que **lhe** faltava no peito (*Os Transparentes*,408)
230. gostou, gostou de sentir que **lhe** chegava, subindo pelos pés, passando pelos joelhos e pelo seu sexo, uma súbita e quente vontade de beijar o desajeitado cientista (*Os Transparentes*,409)
231. — fazer amor é quando os corpos sabem que **se** vão tocar (*Os Transparentes*,410) +SC
232. beijaram-se de bocas abertas, desajeitadas, estreando nos seus ventres um fogo que **assim** **se** autorizava a chegar. (*Os Transparentes*,410)
233. em que o incrível mostro da solidão gemeu e **se** desfez (*Os Transparentes*,414)
234. respirando como podia, começando a apreciar o silêncio que **se** vivia no tanque quando mergulhava por completo a cabeça (*Os Transparentes*,417)

235. Edú trazia na mão o seu banco minúsculo e pousou-o de imediato para se sentar perto da mulher NgaNelucha, que chorava compulsivamente e punha as mãos nos ouvidos para não escutar as explosões que se sucediam, (*Os Transparentes*,417)
236. desceram sem tocar em nada, escutaram os objetos que dentro das casas **se** desfaziam ou tombavam no chão, estalavam os vidros, explodiam as botijas, (*Os Transparentes*,418)
237. como se se entregasse à vontade do fogo e quisesse ser levado para longe por via da iminente desintegração (*Os Transparentes*,418)
238. sentaram-se perto dos outros, já encolhidos e quietos no que lhes parecia ser o centro do corredor; (*Os Transparentes*,419)
239. o seu suor e o movimento frenético dos dedos desfaziam a corda em fiapos empapados que depois lhe cobriram os pés, os outros olhavam para ela guiando-se pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos (*Os Transparentes*,419)
240. ali onde um maior fluxo de águas acontecia e janelas de oxigénio **se** pareciam abrir (*Os Transparentes*,419)
241. tudo ensopado pela água que as protegia do fogo (*Os Transparentes*,420)
242. sentado na mesma posição há muitas horas, deixou-se estar quieto, confiante de que o fogo não lhe chegaria ao corpo, deixou-se estar quieto imitando a serenidade de um imbondeiro que não soubesse iniciar uma figa (*Os Transparentes*,420)
243. chegasse a abrir a porta da sua casa, desfeita ao seu toque, e pudesse olhar as cinzas em brasa de tudo o que se havia queimado no seu lar, inspirando profundamente os ares da desgraça para afirmar a pulmões abertos (*Os Transparentes*,421) +SC
244. e oblongas chamas cuspidas por ventos que as aticavam do bolso esquerdo Odonato retirou um minúsculo papel (*Os Transparentes*,421)
245. por falta do que mais fazer, aliada a um certo apetite, debicou, abriu, e visto que a matéria empapada **se** revelava mole e tragável, acabou por ingerir (*Os Transparentes*,422)
246. obrigado ao manuel rui que um dia **me** passou a estória verídica de uma criança que tinha inventado essa cor: «vermelho-devagarinho»; (*Os Transparentes*,429)
247. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém **lhe** oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir -lhe o medo (*Os Transparentes*, 22)
248. porque não se sabia bem se a escavação e a exploração petrolífera seriam exequíveis, mas agora eram já uma realidade em curso, e a cidade de Luanda (*Os Transparentes*,172)
249. porque eu nem sequer **lhe** pedi nenhum dinheiro, ou não é isto? (*Os Transparentes*,213)
250. saindo do esconderijo, observou, pela acinzentada penumbra, o vulto que se aproximava e decidiu falar com tom autoritário (*Os Transparentes*, 36)
251. — e eu mesmo que **lhe** transporto e ando com ele, não sei disso? (*Os Transparentes*, 49)
252. — de tanto me chamarem o nome de CamaradaMudo, quase esqueci o meu nome. (*Os Transparentes*,194)
253. depois já dentro do edifício, ali onde não se conseguia entender bem se era ainda rés do chão ou se já era um entre-andar antes do afamado primeiro andar com as misteriosas águas, até que por deliberação coletiva dos residentes, em assunto mesmo de reunião condómina, **lhe** foi atribuído o muito abandonado terceiro andar, (*Os Transparentes*,257) +SC
254. «mais vale um eclipse ao vivo que dois na televisão» estava escrito no flyer distribuído pela governo provincial do KwanzaSul, cuja capital, como se sabe, o Sumbe, é o local mais que apropriado para o pleno gozo do espetáculo, (*Os Transparentes*,287)
255. — porque **me** falaram que aqui tem selva, gostaria de ver os animais... olha aí a minha mala, que sorte, bem, amigos, já vou indo (*Os Transparentes*,288)
256. Pela reação da multidão, JoãoDevagar, que se considerava um empresário multifacetado, (...)decidira num rompante importante importar duas prostitutas louras directamente da suécia (*Os Transparentes*,350)

257. finalmente, Xilisbaba, movendo-se com algum cuidado, segurando o fio e o suspenso marido que se esforçava por manter o rosto sereno perante a sua condição flutuante (*Os Transparentes*,353)
258. Maria ComForça com imensas flores nos braços, aos quais se juntaram o Cego e o VendedorDeConchas com o respetivo saco, o barulho e o cheiro das belas conchas contrapondo as passadas surdas com um ruído de maresia que mais **se** assemelhava a uma canção chorosa (*Os Transparentes*,353)
259. — sim, sempre que nos encontramos você acaba por dizer isso mesmo ou algo parecido (*Os Transparentes*,406)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

1. — então você acha que esse saco encontra-se em condições de frequentar o meu gabinete? por favor, retire-se e volte quando encontrar outra solução (*Os Transparentes*,100)

6. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, sem proclisadores

6.1. Verbo no infinitivo

6.1.1. Próclise

1. — ele vai **me** dar boa gorjeta se eu subir? (*Os Transparentes*, 28) -SC
2. — então, é este o prédio da Maianga com o bura co no rés do chão, esse buraco é mesmo antigo, chefe, posso **lhe** contar a estória... (*Os Transparentes*, 36) -SC
3. — pode **me** devolver o telefone, camarada Ministro? (*Os Transparentes*, 39) -SC
4. — só queria **lhe** entregar a carta, pode ser que esteja aqui (*Os Transparentes*, 40) -SC
5. — não sabes, nem eu sei, nenhum de nós é médico, mas tu tens visitas de médicos de tantos países, um deles poderia **te** explicar melhor, tu nem sequer deixas eles falarem (*Os Transparentes*, 49) -SC
6. — maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar anda **a me** acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, me dão porrada. gamo, num consigo despachar o material, ara chiça, omé! (*Os Transparentes*,55)
7. agora eu vou **te** orientar num mambo que tenho aí... puro bizno, mas tu é que vais comandar as operações (*Os Transparentes*,55) -SC
8. -. quando o seu amigo chegar, você vai **se** retirar destas instalações sem dizer um pio, tá a entender? (*Os Transparentes*,60) -SC
9. — desculpe, mais-velho, estou só a pensar no caminho, me falaram na casa de uma mulher com dinheiro, que vai **me** comprar conchas, estou ainda a lembrar (*Os Transparentes*,63) -SC
10. — você é que não está a ver como é essa comissão..., um grupo de alguns alguens que vão **se** instalar' você e miudo, você... (*Os Transparentes*,71) -SC
11. — por falar nisso — mexeu na bolsa — queria **lhe** pedir um favor (*Os Transparentes*,78) -SC

12. — nem era isso. vou **lhe** deixar duas cartas dessas de papel de vinte e cinco linhas, pedidos oficiais (*Os Transparentes*,78) -SC
13. — posso **te** virar de costas? (*Os Transparentes*,82) -SC
14. — a senhora vai **se** retirar, bater a porta e aguarda calmamente (*Os Transparentes*,100) -SC
15. — pensas que eu tenho medo? eu então andei a combater na província do KuandoKubango, sulafrica no para mim era formiga, são esses dois agora que vão **me** sustar? (*Os Transparentes*,104) -SC
16. — então **se** o meu chefe vier **me** falar, digo o quê? (*Os Transparentes*,114) -SC
17. se você nem conseguiu convencer o bósse, eu mesmo aqui que nem tenho ainda salário bem declarado é que vou **te** passar cumbú? (*Os Transparentes*,115) -SC
18. — vou **vos** queixar no meu chefe (*Os Transparentes*,115) -SC
19. — Opra! OpraShow, um programa americano que ninguém nunca mais ia **se** esquecer do seu mbumbi, Edú. (*Os Transparentes*,140) -SC
20. pode **te** acontecer duas coisas: ou te dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho **te** buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*,174) -SC -SC
21. então vais **nos** acompanhar na esquadra para ver **se** te dá vontade de falar (*Os Transparentes*,175) -SC
22. . hoje mesmo vi este cinema com a distribuição das cadeiras e estou a **lhe** gostar muito... até porque... (*Os Transparentes*,197) -SC
23. ...que até hoje ando a **lhe** procurar... (*Os Transparentes*,198) -SC
24. então a cidade de Luanda é isso, que uma pessoa assim anda a **se** desenrascar na venda das conchas, a atacar as madamas que têm mais dinheiro (*Os Transparentes*,199) -SC
25. — hum..., as músicas é que andam a **nos** perseguir (*Os Transparentes*,218) -SC
26. -. até nem sei, ando a **lhe** procurar hoje mesmo vou na televisão, no programa que encontra pessoas (*Os Transparentes*,235) -SC
27. — aquilo que eu estava a **lhe** falar, camarada, depen de do resto da conversa, (*Os Transparentes*,243) -SC
28. —, vou **lhe** dizer qual é a casa onde ele se encontra, mas não quero que o pai ande mais com esse peso do saco com a comida (*Os Transparentes*,244) -SC
29. — deixa **te** explicar, paizinho, porque é num beco. (*Os Transparentes*,245)
30. — você sabe **me** dizer se ele está bem? não está a precisar de medicamentos (*Os Transparentes*,250)
31. — nem sempre conseguimos o que queremos, isso é o que a vida um dia vai **te** ensinar.., (*Os Transparentes*,267) -SC
32. E vi os olhos mais bonitos do mundo aparecerem numa outra escuridão, olhos escondidos de quem chora muito, me espantei naquele olhar como no olhar dos búzios que **nem** quero **lhes** apanhar (*Os Transparentes*,270) -SC
33. — a esta hora? você veio **se** azarar, jovem (*Os Transparentes*,321) -SC
34. — não, não é essa, podem **lhe** bater (*Os Transparentes*,322) -SC
35. — vamos **lhe** encontrar? (*Os Transparentes*,335) -SC
36. — podem só **me** devolver a chave do cadeado? (*Os Transparentes*,340) -SC
37. — ó filho, bebe, o chá vai **te** acalmar (*Os Transparentes*,346) -SC
38. — vou **te** dar uma carga de porrada, isso sim! (*Os Transparentes*,373) -SC
39. — qual filho da puta é esse? vais pagar ou não? porra, tás a **me** fazer gastar a bateria do telefone, (*Os Transparentes*,373) -SC
40. -então **como** devo **te** nominar? (*Os Transparentes*,114) -SC
41. — sei sim, kota, mas pode pagar em dólares ou então **me** dizer o hotel onde os kotas vão ficar, posso passar lá mais tarde para distribuir a toda a comitiva (*Os Transparentes*,290)

6.1.2. Ênclise

1. ... a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas (*Os Transparentes*, 13)
2. no rosto de Xilisbaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou -lhe os traços — escarpas de sal —, pressentiu -lhe a tristeza pelo ar libertada, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba... (*Os Transparentes*, 15) -SC
3. Xilisbaba viu Odonato retirar o anel do dedo e guardá-lo no bolso, o diâmetro do dedo já não segurava o matrimonioso anel (*Os Transparentes*, 17)
4. Os olhos semicerrados que não mostravam segredos ouvira falar de MariaComForça, dedicada a tantas atividades financeiras, e pensara que talvez pudesse interessar-se pelas suas conchas tinha -as de todas as cores e feitios (*Os Transparentes*, 19) -SC
5. tinha uma gigantesca hérnia junto ao testículo esquerdo, aquilo que usa chamar-se mbumbi (*Os Transparentes*, 22) -SC
6. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém lhe oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir -lhe o medo (*Os Transparentes*, 22) -SC
7. do seu apartamento saía a música “muxima” cantada por WaldemarBastos e Xilisbaba voltou a lembrar -se do marido (*Os Transparentes*, 23) -SC
8. na sua tardia juventude, inserido num grupo rastáfhári de Luanda, conseguiu ficar -se pela diamba e pelos pequenos furtos (*Os Transparentes*, 25) -SC
9. — o teu serviço é distribuir cartas, não é escrevê-las (*Os Transparentes*, 26)
10. com uma mirada certa, confirmou que tinha voltado a fechá-la, fingiu reler um endereço (*Os Transparentes*, 30) -SC
11. o CamaradaMudo descascava batatas sem sorrir, afagava ocasionalmente o bigode farto, deixava os chinelos por perto mas era comum deslocar -se descalço, mesmo na presença dos vizinhos. (*Os Transparentes*, 30)
12. o som do trompete massajou-lhe o ombro, assobiou -lhe delicadamente nos ouvidos suados, fé-lo sentar-se e encontrar outro copo cheio de água (*Os Transparentes*, 32)
13. a luz longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34) -SC
14. ao ouvir ruídos na escadaria, procurou esconder-se na lateral de uma coluna gigantesca, um assobio demasiado afinado precedia a pessoa que descia (*Os Transparentes*, 36)
15. — começou a mover -se em direção à saída (*Os Transparentes*, 36)
16. começou a sentir novamente o suor nascer-lhe no pescoço e nos sovacos (*Os Transparentes*, 38)
17. o GuardaAsCostas surgiu veloz e, mesmo tendo antes aberto a porta ao Ministro, aplicou ao Carteiro uma queda tão rápida que as crianças não conseguiram mais tarde repeti-la em teatro de imitação (*Os Transparentes*, 40) -SC
18. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, voltou a sentar-se rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem lhe entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41) -SC
19. — ele aproximou-se de Nelucha, fato branco de linho amarrota do, blusa aberta e um crucifixo a dourar-se no escuro da sua pele molhada (*Os Transparentes*, 47)
20. assim, no modo como a dama deixava o corpo do damo aproximar-se, se dava o jogo entre as energias corporais, (*Os Transparentes*, 47)
21. — ela pode vir cá um dia destes, explicar-nos o plano. já imaginaste? (*Os Transparentes*, 50) -SC

22. Odonato juntou algum dinheiro e foi entregá-lo aos rastas, para limpar o nome do filho. (*Os Transparentes*,56) -SC
23. -sorriu o médico ao vê-lo acordado (*Os Transparentes*,58)
24. sentia dentro de si uma sólida saudade das cores, sabia imaginá-las, a quentura de um amarelo avermelhado (*Os Transparentes*,62)
25. — isto é um carnaval de conchas — brincou Pomposa ao ver o saco abrir-se (*Os Transparentes*,67)
26. ...as pessoas talvez não sejam mais que sonhos ambulantes de emoções derretidas no sangue contido pelas peles dos nossos corpos tão humanos a este mundo pode chamar-se vida (*Os Transparentes*,75) -SC
27. Paulo pegou na caixa, foi pô-la no cimo do armário depois arrumou as cartas azuladas do Carteiro (*Os Transparentes*,81) -SC
28. absorta na sua quente sensação, apenas sentiu a estranheza de não ter ouvido o ruído da jarra a quebrar-se em mil pedacinhos (*Os Transparentes*,83)
29. inúmeras questões se haviam levantado no cenário político luandense nas últimas semanas, mas o intrigante era tratar-se de assuntos que nasciam de bocas fidedignas no seio do poder mas sem a validação de qualquer órgão oficial, os boatos reproduziam-se sem que se entendesse a sua origem (*Os Transparentes*,83)
30. o barco parou, os presentes abraçaram-se como era costume fazer-se à meia noite. (*Os Transparentes*,88)
31. puxou pela memória, podia tratar-se perfeitamente do velho Cardoso, (*Os Transparentes*,93) -SC
32. Ciente deixou cair a faca na escuridão, queria procurá-la, mas não sabia que ordem de prioridades (*Os Transparentes*,93) -SC
33. Ciente tentou manter-se calado, deixou cair o telefone (*Os Transparentes*,93) -SC
34. foi buscar uma faca grande que alguém lhe havia ofertado há anos dizendo tratar-se do objeto usado por Rambo na gravação de um dos seus filmes,... (*Os Transparentes*,95)
35. o miúdo estava fraco, era evidente, e havia que subi-lo o mais rapidamente possível (*Os Transparentes*,96) -SC
36. abria a janela, cheirava a manhã, voltava a fechá-la, (*Os Transparentes*,98) -SC
37. o Assessor que era um homem de estilo, estilo duvidoso, pode dizer-se, mas nutria uma constante preocupação com o brilho dos sapatos e o bom estado das meias (*Os Transparentes*,110) -SC
38. primeiro, não é como devo «te nominar», mas sim «como devo tratá-lo» (*Os Transparentes*,114) -SC
39. — tratá-lo (*Os Transparentes*,114)
40. — fique descansado, que eu vou levá-lo a bem. (*Os Transparentes*,120) -SC
41. Davide tentou pedir um endereço mas o americano não sabia onde ficaria nem que contactos dar-lhe, e a habitual indisponibilidade do senhor (*Os Transparentes*,121)
42. e assim como em Novalorque tantas vezes Davide faltou às aulas por aquilo a que chamava caminhada exagerada, também em Luanda era usual começar a caminhar e a sua mente ser invadida por uma estranha sequência de pensamentos que ora se destinavam a fazê-lo viajar ao passado como tantas outras vezes lhe davam o espaço necessário para o surgimento de mais alguma ideia brilhante (*Os Transparentes*,122)
43. — mas do pouco que nada sabes? eu sei que é possível, que o petróleo existe, mas estão a preparar-se para explorar esse petróleo? (*Os Transparentes*,126) -SC
44. a grelhar peixe e a confraternizar com a família, chegando mesmo a convidar quem estivesse de passagem a juntar-se a eles num delicioso mufete das vinte e três horas e muitas cervejas (*Os Transparentes*,128)
45. - mesmo ate para dominarmos o cavalo e fazê-lo correr connosco, tivemos que imaginas tudo antes (*Os Transparentes*,130)

46. a gordura do peixe ao queimar-se para ser grelhado. (*Os Transparentes*,130)
47. a cidade parecia-lhe sempre ser outra, à noite não apenas devido ao novo jogo de luzes que nela se configurava, entre zonas mal iluminadas e zonas mesmo nada iluminadas, mas também porque o vento e as temperaturas pareciam comportar-se de outro modo, e assim também as gentes, os olhaeres(...) o modo como se relacionavam com os gatos e cães perdidos, o modo como receavam o voo rasante dos morcegos, (*Os Transparentes*,130)
48. — meus senhores, sou morador do sexto andar e vim buscá-los para que possam ver o resto do prédio (*Os Transparentes*,143) -SC
49. quando desceu para matabichar, o americano tinha um recado do AssessorDoMinistro dizendo que viriam buscá-lo mais tarde para a primeira reunião. (*Os Transparentes*,154)
50. o senhor quer deixar-me levá-lo para o Hospital Militar? (*Os Transparentes*,157)
51. o senhor quer deixar-me levá-lo para o Hospital Militar? (*Os Transparentes*,157)
52. e você, posso observá-lo? — tentou o médico (*Os Transparentes*,158) -SC
53. se assim quisermos qualificá-lo, do português comum angolano (*Os Transparentes*,160) -SC
54. com um suor quente nas mãos e entre os seios, a sua pele eriçou-se e a frescura do lugar fé-la deixar-se deslizar até ao chão: via tudo melhor agora (*Os Transparentes*,164)
55. o ar condicionado não funcionava, nem a ventoinha, e levou algum tempo, o jornalista, a aperceber-se de que não tinha luz em casa, resolveu tomar um duche frio, vestir-se, e beber da água quase morna que encontrou ainda na geleira (*Os Transparentes*,165)
56. o ar condicionado não funcionava, nem a ventoinha, e levou algum tempo, o jornalista, a aperceber-se de que não tinha luz em casa, resolveu tomar um duche frio, vestir-se, e beber da água quase morna que encontrou ainda na geleira (*Os Transparentes*,165)
57. onde também seriam abordadas questões do seu interesse, segundo lhe informou o próprio Ministro, que, por alguma razão, considerou ser interessante incluí-lo no primeiro encontro (*Os Transparentes*,168)
58. Cristalino era homem de poucas falas, que em oportuna ocasião decidira aproximar-se do ainda não Ministro, (*Os Transparentes*,168)
59. esta aproximação veio a revelar-se benéfica para ambos, pois por várias vezes se complementaram ao longo das respetivas carreiras: (*Os Transparentes*,168) -SC
60. mais esclareceu o Presidente que a população deveria manter-se disponível e paciente para colaborar (*Os Transparentes*,171) -SC
61. o seu coração alegrou-se quando se aproximou do primeiro andar, com a frescura das águas a fazê-lo sentir-se melhor (*Os Transparentes*,174)
62. — venho simplesmente deixar-lhe na consideração de uma missiva (*Os Transparentes*,177)
63. — não seria mais fácil eu dar-lhe o dinheiro para uma bicicleta? (*Os Transparentes*,178)
64. quando soube do sucedido, Odonato esteve largos minutos sem conseguir mover-se, não era o corpo que não respondia, (*Os Transparentes*,179)
65. quando soube do sucedido, Odonato esteve largos minutos sem conseguir mover-se, não era o corpo que não respondia, (*Os Transparentes*,179) / -SC
66. — o Cego ria à toa, forte, como se quisesse sobrepor-se ao baru lho das águas (*Os Transparentes*,185) -SC
67. -. eventualmente pode tratar-se de um bicho feiticeiro. (*Os Transparentes*,189) -SC
68. — esta «muda» pode tratar-se de um simples estágio intermédio, (*Os Transparentes*,189) -SC
69. Xilisbaba foi recebê-lo junto à porta (*Os Transparentes*,193) -SC
70. o VendedorDeConchas ajudou-o a sentar-se (*Os Transparentes*,197)

71. largou os panos e sentiu claramente que não sabia onde pôr as mãos, evitou estar de pé, tentou sentar-se, sentiu um ardor nos olhos que o levou a buscar o céu, olhou para cima (*Os Transparentes*,197) -SC
72. o jornalista mantinha a tesoura na mão e os sofás da sala cheios de uma imensidão de revistas, a campainha tocou de modo certo e duplo, fazendo-o imobilizar-se como se tivesse sido apanhado em alguma atividade imprópria (*Os Transparentes*,209)
73. — você está a confundir-se, doutor (*Os Transparentes*,213) -SC
74. vozes de gente que acordava, pés que se arrastavam nos andares superiores, frases soltas em umbundu que desciam lentas pelo corredor vertical que fora um dia usado pelo elevador~ sons de água a esmagar-se no chão, o som claro de um galo debicando o chão do prédio vizinho, (*Os Transparentes*,216)
75. conseguiu, vagaroso, o Carteiro aproximar-se final mente do CamaradaMudo, (*Os Transparentes*,217)
76. JoãoDevagar não gostou, mas como a multidão caísse numa grande gargalhada, achou melhor juntar-se ao protesto (*Os Transparentes*,223)
77. NgaNelucha, a mulher de Edú, veio buscá-lo ao terraço, (*Os Transparentes*,229) -SC
78. Paizinho estava por perto e, entusiasmado, ofereceu-se novamente para continuar a mostrar-lhe o prédio, o jovem respondia alegremente às perguntas, (*Os Transparentes*,234) -SC
79. já estavam disponíveis as t-shirts e os óculos que o Partido havia encomendado aos chineses, e muito perto do painel luminoso que ficava aceso mesmo durante o dia podia ler-se «o eclipse é passageiro mas o nosso Partido brilha sempre!» (*Os Transparentes*,241)
80. os ossos começavam já a deixar-se delinear nos seus estranhos formatos e encaixes, (*Os Transparentes*,241)
81. o cão magro voltou ao quintal, passeou-se pelos cantos, cheirou um pé curto de bananeira e veio sentar-se, manso e preguiçoso, aos pés da AvóTeta. (*Os Transparentes*,247) -SC
82. Odonato sentiu um estranho calor invadir-lhe o corpo, Amarelinha supôs que já não devia estar ali e retirou-se, o Carteiro despediu-se resignado à sua condição desmotorizada, .. (*Os Transparentes*,267)
83. — pensei em chamar-lhe BarcaSagrada, mas já sei que o senhor não vai gostar (*Os Transparentes*,302)
84. PauloPausado foi cumprimentar alguns políticos e gentes da comunicação social, depois o grupo voltou a reunir-se para mais bebidas (*Os Transparentes*,314) -SC
85. Hoffman estava disposto a entrar não fosse o jornalista explicar que para a sua mulher, àquela hora, entrarem naquele estado de alegria, seria de mais, e que isso poderia trazer-lhe problemas conjugais sérios (*Os Transparentes*,324) -SC
86. arregado por Paizinho, Odonato decidiu uma vez mais dirigir-se à esquadra para encontrar o agente Belo, levando consigo o enorme taparuê com os deliciosos bifos, (*Os Transparentes*,333)
87. imagens do seu filho invadiram-lhe a mente e, de pois de beber alguns copos de água, fingiu sentir-se melhor, agradeceu ao subintendente a informação (*Os Transparentes*,334)
88. disse Odonato, sério, intimando-o a controlar-se (*Os Transparentes*,336)
89. o coveiro tentou levantar-se mas não mais se aproximou da pá, doíam-lhe os ossos das costas e de um arranhão da nuca saía um fio de sangue (*Os Transparentes*,338) -SC
90. AvóKunjikise elevou a mãos ao ar como se o céu ficasse mais perto e olhou a mesa partir-se por completo, o corpo cair sobre os pedaços incertos de madeira, a fenda no chão abriu aos poucos e todo o mundo entendeu que o inevitável estava prestes a acontecer (*Os Transparentes*,342)

91. a custo o homem movimentou-se, trouxe consigo o banquinho, voltou a sentar-se nele, endireitou o botões da camisa e fez menção de arranjar o cabelo antes de atender (*Os Transparentes*,347) -SC
92. — Nato! — suspirou Xilisbaba temendo pelo seu coração, mesmo que durante aqueles dias nenhum susto parecia atingi-la a este ponto (*Os Transparentes*,352)
93. Xilisbaba, escondendo as lágrimas, procurou acalmar-se, retirou os atacadores dos sapatos, amarrou-os, descalçou os seus sapatos, subiu na cama e passou-lhe a ponta do fio semicomprido (*Os Transparentes*,352)
94. — acabaram de chegar, Maria, fui buscá-las ao aeroporto (*Os Transparentes*,355) -SC
95. — ele quis beijá-la (*Os Transparentes*,367) -SC
96. AvóKunjikise dormirá de corpo nu com o vento a passear-lhe pelo corpo, sorrindo, está nua porque sente que a neta esteve nua no terraço com o vento a passear-lhe pelo corpo, (*Os Transparentes*,370)
97. Amarelinha chegará bem mais tarde, entrara em casa com o sorriso escondido entre as mãos, vai deitar-se perto da velha, vai deitar-se de corpo nu (*Os Transparentes*,370)
98. Amarelinha chegará bem mais tarde, entrara em casa com o sorriso escondido entre as mãos, vai deitar-se perto da velha, vai deitar-se de corpo nu (*Os Transparentes*,370)
99. o Cego calado e acordado vai deixar-se levar até à longínqua praia sem dizer uma palavra, sem fazer uma pergunta (*Os Transparentes*,370) -SC
100. Edú vai despir-se e chegar nu à cama, vai deixar as mãos acordarem o corpo da jovem mulher, vai beijar-lhe os seios e dizer-lhe palavras antigas ao ouvido (*Os Transparentes*,370)
101. Edú vai despir-se e chegar nu à cama, vai deixar as mãos acordarem o corpo da jovem mulher, vai beijar-lhe os seios e dizer-lhe palavras antigas ao ouvido (*Os Transparentes*,370)
102. Edú vai despir-se e chegar nu à cama, vai deixar as mãos acordarem o corpo da jovem mulher, vai beijar-lhe os seios e dizer-lhe palavras antigas ao ouvido (*Os Transparentes*,370)
103. NgaNelucha vai tocar-lhe o sexo com a sua mão certa e húmida, vai dizer em tom sério -SC
104. ela vai dizer, a mão dele via acariciar-lhe as costas ao longo da coluna, os seus dedos vão tocar a boca dela, (*Os Transparentes*,371)
105. guardará restos de comida que no dia seguinte pedirá a Paizinho para ir levar ao galo, escutará o ruído de JoãoDevagar a entrar em casa, sentar-se na sala, descalçar os sapatos, o rádio será ligado para as últimas notícias do dia (*Os Transparentes*,371)
106. se a mulher não tivesse sorrido, a janela voltava a fechar-se? (*Os Transparentes*,377)
107. com a decisão do GovernoAngolano de anular o eclipse como se o fenómeno fosse restrito ao país, JoãoDevagar, sorrindo, lembrar-se-á outra vez de ligar para Paizinho (*Os Transparentes*,371)
108. sentada na cozinha, a mulher viajava tão longe no seu pensamento que era difícil lembrar-se onde havia estado (*Os Transparentes*,377)
109. abriu-a lentamente, olhou de novo para todas as laterais da lixeira sem vislumbrar caminho de passagem, deixou-se estar assim, como se a mesma entidade do tempo que ali depositara o lixo viesse a encarregar-se de lhe abrir passagem (*Os Transparentes*,398) -SC
110. — não diga nada, apenas anuncie uma mudança de gestão, a igreja terá novos donos, mas por enquanto a postura dele deve manter-se, mais para a frente devemos fazer algumas retificações de serviços (*Os Transparentes*,401) -SC
111. era exatamente o corpo de uma árvore muito antiga, num quintal abandonado no LargoDaMaianga, e em breve esta vela iria desintegrar-se, a árvore talvez não (*Os Transparentes*,404) -SC

112. os bichos pareciam-lhe mais atarantados que o normal e julgou tratar-se de algum produto que o pastor brasileiro tivesse aplicado na igreja (*Os Transparentes*,405)
113. cumpria o seu ritual de varrer todo o bar três vezes, depois o de limpar o chão com água misturada com creolina e só depois deixar-se estar à porta, fumando o seu cigarro curto e forte, à espera, assim, de quem se mostrasse disposto a aparecer (*Os Transparentes*,405)
114. — vá lá, homem, que mijar é um direito fundamental Noé acendeu a luz da casa de banho, deparou-se com outra barata, não conseguiu tocá-la antes da sua fuga ziguezagueada e veloz (*Os Transparentes*,406) -SC
115. — começou a aliviar-se (*Os Transparentes*,406) -SC
116. por um ouvido escutava a orquestra da água elevar-se um pouco imitando ou provocando o vento (*Os Transparentes*,409)
117. ... e caminhou, forçando a sua coragem de menino gigante que recusava entregar-se à morte, caminhou buscando os irmãos ou uma voz conhecida (*Os Transparentes*,413)
118. Raago pensou que estava a ser vítima de uma alucinação mas, vendo o fogo cuspir-se janelas adentro, resolveu que, visão por visão, preferia seguir a barata no seu trajeto enviesado (*Os Transparentes*,416)
119. a última coisa que conseguiu vislumbrar foi a barata albina a esgueirar-se pela fresta de uma porta trancada, ergueu-se, com força quebrou a fechadura, vinha de fora mais fumo, (*Os Transparentes*,416)
120. MariaComForça sentiu que devia invocar outras forças para aplacar as lágrimas da comadre, buscou com o olhar o rosto de Xilisbaba, adivinhou-lhe os traços, pressentiu-lhe a tristeza pelo ar libertado pelas narinas, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba (*Os Transparentes*,419) -SC
121. o VendedorDeConchas voltou a enfiar as mãos sem perder de vista as investidas do fogo, a cidade ensanguentada era forçada a inclinar-se para a morte (*Os Transparentes*,425)

7. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, com proclisadores

7.1. Verbo no infinitivo

7.1.1. Próclise

1. — mais -velho, estou a esperar uma voz de criança para **lhe** dar uma resposta. (*Os Transparentes*, 12)
2. Xilisbaba tinha o corpo encharcado de água para **se** proteger do fogo, respirava com dificuldade e tossia devagar como se não quisesse emitir ruídos (*Os Transparentes*, 14)
3. — Maria... quero ver o meu marido uma última vez... para **lhe** falar as coisas que uma pessoa cala a vida toda (*Os Transparentes*, 15)
4. a luz não tinha explicação de cor, inventava tons amarelos no branco sujo da parede, servia -se da água para **se** reinventar em novos cinzas que não sabiam ser escuros (*Os Transparentes*, 28)
5. e Nelucha, sem **se** denunciar, já havia acedido antes mesmo da derradeira dica (*Os Transparentes*, 47)
6. a questão é que a música poderia não **lhe** dar tempo para executar a façanha com a charmosa lentidão que pretendia (*Os Transparentes*, 48)

7. — não sei, Nelucha...para **me** deslocar..., ainda dançar é uma coisa, agora escadas, aviões, não sei. e ainda nos mandam pagar as contas... (*Os Transparentes*,50)
8. — camaradas, o meu chefe é que foi para casa, está vamos a sair da discoteca, saiu tiro, para **lhe** proteger é que me balearam (*Os Transparentes*,58)
9. — eu rezo, peço a deus para **lhes** matar. (*Os Transparentes*,105)
10. comprar pão, sabia-se no prédio, podia querer dizer muita coisa, até porque, pão mesmo, desse de **se** fazer à noite com o forno e sal, (*Os Transparentes*,106)
11. comprar pão, sabia-se no prédio, podia querer dizer muita coisa, até porque, pão mesmo, desse de **se** fazer à noite com o forno e sal, (*Os Transparentes*,106)
12. a senhora lembrou-se de **me** avisar para eu não **me** esquecer da chegada do americano? (*Os Transparentes*,110)
13. — eu também tenho que **me** ausentar; (*Os Transparentes*,110) -SC
14. — pois eu acho, DonaCreusa — serviu-se pela segunda vez — que a senhora vai ter de **se** desenrascar, tem cinco minutos para **me** conseguir um motorista com poucos familiares mortos ou por morrer (*Os Transparentes*,112)
15. — epá, diga lá a esse agente para não **me** chatear os cornos (*Os Transparentes*,113)
16. — o senhor Assessor diz..., para não **lhe** chatear os cornos (*Os Transparentes*,114)
17. — então que vocês têm que **se** preparar— sorriu David (*Os Transparentes*,127) -SC
18. Paizinho tentou avisar, àquela hora iniciática do dia a água jorrava ali no primeiro andar com mais força e para **se** atravessar aquelas águas era necessária uma destreza ainda mais afinada, (*Os Transparentes*,135)
19. dois dias sem ver Odonato bastavam para **se** notar diferença naquele algo que não se sabia como explicar (*Os Transparentes*,147)
20. — vamos ao terraço, tenho uma proposta para **te** fazer. (*Os Transparentes*,159)
21. a mão de JoãoDevagar ergueu-se lentamente e os olhos de Paizinho e de MariaComForça viram-se na obrigação de **a** seguir: (*Os Transparentes*,160)
22. quem **te** deu confiança para **me** falares assim no meu matako? (*Os Transparentes*,174)
23. Ciente tropeçou em si mesmo, teve que **se** agarrar ao corrimão, faltavam-lhe as forças (*Os Transparentes*,174) -SC
24. — o VendedorDeConchas fez menção de **se** aproximar da sua roupa, mas não conseguiu (*Os Transparentes*,186)
25. alguns fulgores de amarelo fosco e até pequenos registos de vermelho brincavam de **se** refletir no corpo magro de Odonato, o VendedorDe Conchas passou a mão pelo rosto diversas vezes (*Os Transparentes*,186)
26. jogo de falar, de **se** confessar, como dizia o autor da cena, jogo de brincar de dizer aos' outros, (*Os Transparentes*,194)
27. criada por despacho ministerial e aprovação do mais alto membro do governo angolano, sobretudo na fase de intensas escavações anexas ao projeto CIPEL, mas com a possibilidade de **se** manter «por alguns anos» (*Os Transparentes*,211)
28. — deixe-me passar, não tenho aqui dinheiro para **lhe** dar (*Os Transparentes*,213)
29. eu preciso de **me** locomover motorizadamente, senhor doutor. (*Os Transparentes*,214)
30. foram convocados os homens que habitualmente frequentavam a BarcaDoNoé, incluindo o barrigudo Noé, que **se** fez acompanhar, para não **se** sentir deslocado, do amigo a quem chamavam o Esquerdista (*Os Transparentes*,220)
31. — o camarada tenha a bondade — disse JoãoDevagar já irritado — de **se** abster à sua vez de falar (*Os Transparentes*,223)
32. — a guerra não é de **se** falar, dona..., (*Os Transparentes*,235)
33. — vamos lá com calma, senhor Raago! acredito que há um modo de **se** fazer as coisas, isso foi estudado, está planificado (*Os Transparentes*,237)
34. — Angola é mesmo dos melhores lugares para **se** assistir ao fenómeno? (*Os Transparentes*,239)

35. a porta do quintal, feita de uma madeira que há muito desistira de se manter vertical, estava entreaberta, e pela fresta debandava um cheiro de carvão queimado e brasas que haviam sido frequentadas por vários carapaus (*Os Transparentes*,245)
36. fixou o homem no rosto, sem lhe mirar as mãos, que Odonato abriu como se de uma confissão corporal se tratasse, (*Os Transparentes*,246)
37. e se o senhor for lá chatear o subintendente, é pior. o melhor é esperar com calma, e a gente vai entrar de lhe conseguir uma visita, mas talvez só para semana (*Os Transparentes*,249)
38. ao cair da tarde Luanda foi invadida por um clima ameno e o som de buzinas e britadeiras foi sendo substituído por um torpor de calmaria e sons de rádios que tornavam a urbe um local quase agradável de se frequentar (*Os Transparentes*,252)
39. de algum modo a vida se encarregou de lhe organizar as horas e as ocupações (*Os Transparentes*,257)
40. — desculpe não me levantar para cumprimentar, junte-se a nós (*Os Transparentes*,265)
41. só depois de se descalçar e deixar os olhos habituarem-se à penumbra, Odonato reconheceu, com espanto, o corpo, o rosto e as mãos de Amarelinha que, do outro lado da água, lhe fazia um adeus tímido (*Os Transparentes*,265)
42. olhou de novo, esperou que a penumbra interior perdoasse a intensa luminosidade do lado de fora, e julgou ver um vulto sentado a um canto, franziu as sobrancelhas e teve de se aproximar para confirmar que era mesmo o homem com quem falara há pouco (*Os Transparentes*,275)
43. — tenha calma... eu só queria citar parte das minhas investigações bíblicas, para lhe mostrar algum preparo... era para lhe dizer que a nossa palavra de celebra (*Os Transparentes*,304)
44. — faz lá cara de limão para te soltarmos (*Os Transparentes*,322)
45. — mas precisas de te acalmar mesmo, estás nervoso, ffilho, olha a tensão (*Os Transparentes*,346)
46. não me faças rir a esta hora, tu não precisas de te preocupar com isso (*Os Transparentes*,346)
47. — para me dares um beijo tens que pedir ao meu pai ou à minha avó (*Os Transparentes*,367)
48. NgaNelucha vai fingir que já dorme e que quer dormir; está nua, está suada e sabe-lhe bem o vento que finta a janela para se fazer presente, (*Os Transparentes*,370)
49. tenho medo de te deixar assim, Nato (*Os Transparentes*,376)
50. olhou, não conseguia passar, tentou subir, escorregou sem se magoar, apanhou o seu saco de cartas e tentou por outro lado, mas a impossibilidade do acesso configurava-se cada vez mais perentória (*Os Transparentes*,398)
51. , poderia dar a volta, era uma volta enorme, mas não era tanto a impossibilidade de se reencontrar com o seu la; (*Os Transparentes*,398)
52. abriu-a lentamente, olhou de novo para todas as laterais da lixeira sem vislumbrar caminho de passagem, deixou-se estar assim, como se a mesma entidade do tempo que ali depositara o lixo viesse a encarregar-se de lhe abrir passagem (*Os Transparentes*,398)
53. em poucos minutos o oxigénio foi conduzindo a chama e o calor foi descobrindo vias para se expressar (*Os Transparentes*,411)
54. Edú trazia na mão o seu banco minúsculo e pousou-o de imediato para se sentar perto da mulher NgaNelucha, que chorava compulsivamente e punha as mãos nos ouvidos para não escutar as explosões que se sucediam, (*Os Transparentes*,417)
55. — Maria..., quero ver o meu marido uma última vez..., para lhe falar as coisas que uma pessoa cala a vida toda (*Os Transparentes*,419)

7.2. Ênclise

1. — Nato — disse tão baixo que o marido teve de limpar as lágrimas para escutá-la (*Os Transparentes*,180)
2. para depois, aos poucos, trazê-lo a um ritmo mais calmo, em choro surdo (*Os Transparentes*,374)

8. Próclise/ênclise ao infinitivo flexionado

8.1. Próclise ao infinitivo flexionado, sem proclisadores

1. — que fazer amor começa antes de os corpos **se** tocarem (*Os Transparentes*,410)

8.2 Ênclise

1. o que tinha acabado de dizer no improvisado discurso, o principal organizador do evento viu aproximarem-se dele os fiscais DestaVez e DaOutra (*Os Transparentes*,229)
2. só depois de se descalçar e deixar os olhos habituarem-se à penumbra, Odonato reconheceu, com espanto, o corpo, o rosto e as mãos de Amarelinha que, do outro lado da água, lhe fazia um adeus tímido (*Os Transparentes*,265)
3. viu adultos e crianças perderem-se por entre gigantes labaredas, ouviu as explosões mais longínquas (*Os Transparentes*,420)

9. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, com proclisadores

9.1 Próclise

1. com vergonha de **te** chamarmos mãe, (*Os Transparentes*,217)
2. o Cego fungou do nariz três vezes como fazia em sinal secreto expressando ao VendedorDeConchas que era hora de **se** retirarem (*Os Transparentes*,267)
3. é ainda pleno dia, tornou Jacob, e não é hora de **se** recolherem os rebanhos. dai de beber às ovelhas e levai-as de novo ao pasto»... dai de beber às ovelhas, senhor Noé! (*Os Transparentes*,304)
4. diminuía os ruídos para depois **se** voltarem a alimentar de explosões outras, reduziam-se as labaredas vindas das esquinas escava das para logo de seguida **se** reacenderem em verticais (*Os Transparentes*,421)

5. diminuía os ruídos para depois **se** voltarem a alimentar de explosões outras, reduziam-se as labaredas vindas das esquinas escava das para logo de seguida **se** reacenderem em verticais (*Os Transparentes*, 421)

9.2 Ênclise

0

10. Verbo ao gerúndio sem Proclisador

10.1. Próclise

1. — e nosso querido CienteDoGrã agora está sentado perto do senhor deus, falando com ele... **se** acertando com ele, prestando as contas dos seus dias e das suas ações... (*Os Transparentes*, 358)

10.2. Ênclise

1. ... os filhos cegos não viram a luz fátua dessa cidade a transpirar sob o manto encarniçado, preparando **-se** para receber na pele uma profunda noite escura (*Os Transparentes*, 12)
2. o suor e os movimentos de Xilisbaba desfaziam a corda em fi após empapados que depois lhe cobriam os pés, os demais olhavam para ela guiando **-se** pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos (*Os Transparentes*, 14)
3. ajeitou o pesado saco, mudando-o de ombro, e sentiu um agradável alívio (*Os Transparentes*, 29)
4. o Ministro hesitou deixando a mão da senhora pendurada no ar, o Carteiro apareceu, com os olhos fechados, habituando **-se** à intensa claridade da cidade (*Os Transparentes*, 38)
5. os miúdos sorriram, entreolhando **-se** (*Os Transparentes*, 40)
6. Edú regressava lentamente do quinto andar, trazia na mão o termómetro emprestado do CamaradaMudo, arrastava os pés movimentando **-se** em câmara lenta (*Os Transparentes*, 44)
7. Paizinho saiu triste, consolando **-se** com o sabor da coca-cola fresca, e brincou (*Os Transparentes*, 45)
8. os últimos metros foram feitos com dificuldade, de joelhos, e finalmente tombou no primeiro andar, deitando **-se** sobre as águas permanentes (*Os Transparentes*, 94)
9. o motorista resolveu sair, aproximando **-se** da multidão que cercava a principal saída dos passageiros (*Os Transparentes*, 115)
10. confirmando que havia caminhado em exagero, sacudi os pés, libertando **-os** da areia e das pedrinhas que incomodam quem se preparava, de novo, para caminhar (*Os Transparentes*, 124)
11. — Davide, o mais maluco dos nossos cientistas — cumprimentou Paulo, abraçando-o (*Os Transparentes*, 125)
12. há anos que alimentava a crença de que a noite havia sido feita para dormir, para permitir ao corpo estar quieto e calado, recuperando forças, sim, mas também dando **-lhe** por algumas horas o prazer de permanecer (*Os Transparentes*, 131)
13. — disse Edú, sentando **-se** nesse momento — tenho dificuldades motoras (*Os Transparentes*, 138)

14. interrompendo a reunião, Odonato, desafiando os mais avançados conceitos de magreza, entrou no apartamento do Mudo dirigindo-se aos fiscais (*Os Transparentes*,143)
15. o quarto ficou frio, muito frio, a barata albina mudou de lugar, subindo para a sua mesa de cabeceira e instalando-se perto de mais do seu relógio de pulso (*Os Transparentes*,154)
16. o médico foi observando o meliante, apalpando-o onde tinha que apalpar (*Os Transparentes*,157)
17. MariaComForça soltou uma lágrima sentindo um prazer que lhe havia começado na boca, descendo pelos seios, indo pelas costas, arrepiando-lhe as nádegas e chegando, (*Os Transparentes*,164)
18. Odonato começou a chorar devagarinho, AvóKunjikise retirou-se da cozinha deixando-o a sós com Xilisbaba que se aproximou docemente (*Os Transparentes*,180)
19. levantou-se devagar mirando as suas próprias mãos e deslocando-se com a lenta velocidade de um conde nado tímido, (*Os Transparentes*,199)
20. ergueu-as, ambas, virando-as para a plateia como quem exhibe parte da sua intimidade, (*Os Transparentes*,199)
21. há anos que PauloPausado, o jornalista, alimentava o hábito de passar certas manhãs sozinho, revendo notas dos seus diários antigos, revistando e recortando revistas e jornais de várias partes do mundo, ouvindo música, deixando-se estar, horas afio, na janela do seu apartamento olhando a cidade (*Os Transparentes*,207)
22. o jornalista mantinha a tesoura na mão e os sofás da sala cheios de uma imensidão de revistas, a campainha tocou de modo certo e duplo, fazendo-o imobilizar-se como se tivesse sido apanhado em alguma atividade imprópria (*Os Transparentes*,209)
23. o Cego, apresentando-se ao silencioso CamaradaMudo, e com eles foi descendo as escadas para conhecer os apartamentos e as pessoas, (*Os Transparentes*,232)
24. — adeusinho — falou Edú, a meia voz, desculpando-se com o olhar perante a atónita jovem (*Os Transparentes*,234)
25. — como depende? depende só da sede dela, e da vontade, então — dirigindo-se só a ela — bebe um champanhe? (*Os Transparentes*,236)
26. — está bem — concordou Odonato, passando-lhe o aromático saco (*Os Transparentes*,244)
27. rematou o Esquerdistas, sentando-se à sua mesa, retirando da mala diplomática os seus infundáveis papéis e desatando a escrever incessantemente. (*Os Transparentes*,255)
28. pensou o homem semitransparente, dirigindo-se a casa, não querendo com a demora preocupar a sua esposa, (*Os Transparentes*,256)
29. o guia da agência de viagens afastou o jovem vendedor, empurrando-o mesmo sem respeito, fazendo os cientistas entrarem no autocarro mal estacionado (*Os Transparentes*,291)
30. — é prajá — respondeu Noé, dirigindo-se para a arca — bem geladinha ou assim natural tipo quente? (*Os Transparentes*,297)
31. tudo correu como planificado, os membros mais jovens da assistência começaram a representar auditivamente as cenas do filme, sobrepondo-se mesmo a alguns diálogos, criando outros, numa caótica maneira de dar lugar a quem ainda não se tivesse expressado para que o fizesse, (*Os Transparentes*,305)
32. — Hoffman voltou a descontrair, sorrindo, lembrando-se dos seus companheiros cubanos, militares, mas que haviam trabalhado com ele na RádioNacional durante as campanhas de gravação de música tradicional feita nos anos da guerra (*Os Transparentes*,310)
33. sentado sobre a mureta, puxou o consternado pai, convidando-o assim a penetrar no grande quintal (*Os Transparentes*,335)
34. disse Odonato, sério, intimando-o a controlar-se (*Os Transparentes*,336)

35. passaram uma rápida revista aos corpos, Odonato caminhava inquieto de um lado para o outro, quase de olhos fechados, mais deixando-se seguir pelo instinto paternal do que pela confirmação visual, um grito chegou de longe (*Os Transparentes*,336)
36. juntando-se aos demais, com muita dificuldade, elevaram o corpo depositando-o no pouco espaçoso porta-bagagens da viatura (*Os Transparentes*,340)
37. afagou o pano da cozinha como se fosse um boneco de estimação, não querendo irromper no silêncio do marido como uma intrusa, o vento empurrou a janela abrindo-a um pouco mais, deixando entrar o som leve (*Os Transparentes*,348)
38. como confirmou imediatamente, beijando-as ruidosamente, mirando-as no rosto para celebrar com um sorriso interno o facto de até as so brancelhas (*Os Transparentes*,348)
39. finalmente, Xilisbaba, movendo-se com algum cuidado, segurando o fio e o suspenso marido que se esforçava por manter o rosto sereno perante a sua condição flutuante (*Os Transparentes*,353)
40. com exceção de Odonato que, feito uma criança distraída, rodopiava o corpo suspenso sobre si mesmo, de braços ligeiramente afastados como que abraçando o ar, fazendo do fio que o atava ao banco o seu eixo de lenta rotação, enrolando o corpo, girando para a esquerda e deixando-se estar muito quieto (*Os Transparentes*,360)
41. até que o movimento estancou e ele olhou para a mulher quando esta, sentindo-se observada, abriu os olhos (*Os Transparentes*,360)
42. depois cadenciada aos poucos com leves batidas das suas mãos na água que invadia o chão fazendo -lhes companhia, as cabeças acompanharam o ritmo doce que AvoKunjikise imprimia a sua canção antiga, (*Os Transparentes*,366)
43. — murmurou o VendedorDeConchas abraçando-a devagarinho (*Os Transparentes*,367)
44. apertando os braços magros e fortes do Vendedor, tirando-lhe o saco do ombro, abraçando_ com força e beijando-o novamente (*Os Transparentes*,368)
45. «o amor não ofende o morto», vai responder Edú, ajeitando-se em acrobacias para tentar afastar o seu inchaço lateral (*Os Transparentes*,370)
46. o gatuno desligou o telefone, JoãoDevagar ficou preso ao seu choro, deixou-se cair ao chão, chorando compulsivamente e repetindo <(aonde é que está o miúdo..., aonde é que tá esse miúdo...)>, vezes sem conta, com a mulher colada ao seu corpo, envolvendo-o com quantos braços podia, procurando entrar no ritmo respiratório dele (*Os Transparentes*,374)
47. o Presidente deu os primeiros passos em direção à tribuna ornamentada com fitas, bandeiras e flores, dirigindo-se, depois de cumprimentar alguns dirigentes, (*Os Transparentes*,393)
48. passava de rosto em rosto distraíndo-se com a possibilidade efetiva de os atingir, (*Os Transparentes*,393)
49. era mais uma ofensa que a cidade e o lixo proferiam contra a sua pessoa, impedindo-o de usar o mesmo caminho de sempre, a mesma via térrea (*Os Transparentes*,398)
50. — sentou-se DavideAirosa convidando-a a fazer o mesmo (*Os Transparentes*,406)
51. depois, repentina, tocando-lhe o olho fechado, atacando-o nesse lugar sensível que, mais do que excitar, o emocionava (*Os Transparentes*,410)
52. — gritou o americano Raago, trancado no seu quarto, sentindo-se cercado pelo fumo e pelas acesas temperaturas vindas dos corredores do hotel (*Os Transparentes*,415)
53. procurou redescobrir um ritmo dentro da sua cansada respiração e nos azulejos rasos da banheira viu a barata, estranhamente calma, acenando-lhe com as manobráveis antenas, (*Os Transparentes*,416)
54. o seu suor e o movimento frenético dos dedos desfaziam a corda em fiapos empapados que depois lhe cobriram os pés, os outros olhavam para ela guiando-se pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos (*Os Transparentes*,419)

55. segurando o Cego pelo pulso, esforçando-se por correr sem o largar, o VendedorDeConchas gritou (*Os Transparentes*,422)
56. o VendedorDeConchas olhou mas não viu, no meio dos milhares de balões subia um corpo leve afastando-se finalmente das pontas perigosas do fogo (*Os Transparentes*,423)

11. Verbo no gerúndio com proclisador

11.1. Próclise ao verbo no Gerúndio, com proclisador

1. bem revistas as coisas, afinal, em se tratando de tamanha cicatriz social, a verdade é que qualquer um, sem pedir autorização aos demais, (*Os Transparentes*,209)

11.2. Ênclise

0

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. — a velha pôs as duas mãos sobre o peito, como fazia desde menina, quando se queria acalmar (*Os Transparentes*, 34)
2. eles é que pagam as despesas e se te quiserem operar, tu dizes que gostarias de ver outro médico e lá vamos nós para outro país. (*Os Transparentes*,50)
3. na avenida o trânsito era intenso, motas de fabrico chinês circulavam por entre os carros enormes, jipes de marca americana, japonesa e coreana, muitos hiace na candonga de transportar o povo que realmente só se podia deslocar de candongueiro.. (*Os Transparentes*,70)
4. por isso é que eu ando a distribuir cartas, a ver se algum desses tantos chefes me pode então dar uma mão, ou seja, uma moto (*Os Transparentes*,79)
5. — sempre se soube disso, mas eu achava que era pouco e que não se podia mexer (*Os Transparentes*,84)
6. PauloPausado falou — parece que alguém acha que se pode mexer e que não será tão pouco, são muitos os buracos já abertos na cidade (*Os Transparentes*,84)
7. — você está-me a ver assim sem farda, vem com esses arranques. sabe com quem está a falar? (*Os Transparentes*,88)
8. não se pode fazer isso. aquela maka das placas tectónicas (*Os Transparentes*,91)
9. — a senhora vai-se retirar (*Os Transparentes*,99)
10. — estou só a brincar.., vou ver o que se pode fazer (*Os Transparentes*,101)
11. Devagar abriu-se e voltou-se a fechar sem dar tempo ao espanto, o espelho foi sendo pousado em câmara lenta com espanto e leve medo (*Os Transparentes*,149)

12. — não se assustem, é uma condição natural que **me** está a acontecer (*Os Transparentes*,187)
13. com tantos canos novos a serem instalados, e tantos outros a serem removidos, vai-**se** instalar no subsolo de Luanda um labirinto de canos de petróleo, de gás e de água.. (*Os Transparentes*,192)
14. , **ainda se** vai falar disso nas bródueis! o CamaradaMudo anuiu em ser o primeiro a falar (*Os Transparentes*,194)
15. — homem, não **lhe** posso ajudar (*Os Transparentes*,213)
16. declaro aberto e inaugurado este espaço cultural, onde, como depois **se** vai ver e escutar e sentar e beber... (*Os Transparentes*,224)
17. — onde é que **o** posso encontrar? (*Os Transparentes*,242)
18. depois já dentro do edifício, ali onde não se conseguia entender bem se era ainda rés do chão ou se já era um entre-andar antes do afamado primeiro andar com as misteriosas águas, até que por deliberação coletiva dos residentes, em assunto mesmo de reunião condómina, lhe foi atribuído o muito abandonado terceiro andar, (*Os Transparentes*,257)
19. mas quebrou-se o silêncio na direção daquele que não **se** podia recusar a falar caso os mais-velhos ali presentes lhe dirigissem uma questão (*Os Transparentes*,265)
20. e como se o silêncio **se** quisesse instalar novamente (*Os Transparentes*,266)
21. falo umbundu é para ver se os mortos ainda **me** estão a ouvir... (*Os Transparentes*,274)
22. era uma espécie de desistência, mas não **lhe** posso explicar muito porque não era um pensamento pensado. foi sendo... foi sendo. (*Os Transparentes*,283)
23. foram abordados por inúmeros jovens que **lhes** tentavam vender gasosas, água, cartões telefónicos, telemóveis roubados, ou um produto mais especial (*Os Transparentes*,289)
24. — vão-**me** desculpar, mas mesmo assim tão demasiados patos ainda, vamos fazer assim... (*Os Transparentes*,317)
25. — mas diga, homem, se há algo que podemos fazer, eu sou a pessoa certa, você não **me** está a conhecer? (*Os Transparentes*,333)
26. tão repentinamente quanto se pode dar uma notícia, que o seu filho estava vivo (*Os Transparentes*,348)
27. alguém da televisão do Huambo **lhe** viera prevenir, assim, (*Os Transparentes*,348)
28. — sempre se pode falar de «quanto», meus amigos, estamos em Luanda (*Os Transparentes*,356)
29. — ah, quer dizer que já **se** pode falar de quanto (*Os Transparentes*,356)
30. — não me podes ver (*Os Transparentes*,367)
31. — aqui aonde?, não te posso largar assim (*Os Transparentes*,376)
32. «a vela deve permanecer na cozinha, para que outros, na escuridão, **se** possam servir da luz.» (*Os Transparentes*,378)
33. — fazer amor é quando os corpos sabem que se vão tocar (*Os Transparentes*,410)

12.1.2. Não Subida

1. no rosto de Xilisbaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou -**lhe** os traços — escarpas de sal —, pressentiu -**lhe** a tristeza pelo ar libertada, quis tomar -**lhe** o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba... (*Os Transparentes*, 15)
2. os olhos semicerrados que não mostravam segredos ouviram falar de MariaComForça, dedicada a tantas atividades financeiras, e pensara que talvez pudesse interessar -**se** pelas suas conchas tinha -as de todas as cores e feitios (*Os Transparentes*, 19)
3. tinha uma gigantesca hérnia junto ao testículo esquerdo, aquilo que usa chamar-**se** mbumbi (*Os Transparentes*, 22)

4. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém lhe oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir -lhe o medo (*Os Transparentes*, 22)
5. do seu apartamento saía a música “muxima” cantada por Waldemar Bastos e Xilisbaba voltou a lembrar -se do marido (*Os Transparentes*, 23)
6. na sua tardia juventude, inserido num grupo rastáhfári de Luanda, conseguiu ficar -se pela diamba e pelos pequenos furtos (*Os Transparentes*, 25)
7. — o teu serviço é distribuir cartas, não é escrevê -las (*Os Transparentes*, 26)
8. — ele vai me dar boa gorjeta se eu subir? (*Os Transparentes*, 27)
9. com uma mirada certa, confirmou que tinha voltado a fechá-la, fingiu reler um endereço (*Os Transparentes*, 30)
10. a luz longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34)
11. a luz longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (*Os Transparentes*, 34)
12. — então, é este o prédio da Maianga com o bura co no rés do chão, esse buraco é mesmo antigo, chefe, posso lhe contar a estória... (*Os Transparentes*, 36)
13. — pode me devolver o telefone, camarada Ministro? (*Os Transparentes*, 39)
14. — só queria lhe entregar a carta, pode ser que esteja aqui (*Os Transparentes*, 40)
15. o GuardaAsCostas surgiu veloz e, mesmo tendo antes aberto a porta ao Ministro, aplicou ao Carteiro uma queda tão rápida que as crianças não conseguiram mais tarde repeti-la em teatro de imitação (*Os Transparentes*, 40)
16. o Carteiro, já de pé, limpando a calça, voltou a sentar-se rapidamente, uma das crianças foi chamada pelo condutor, aproximou-se da janela e foi o próprio Ministro quem lhe entregou um pequeno envelope (*Os Transparentes*, 41)
17. — não sabes, nem eu sei, nenhum de nós é médico, mas tu tens visitas de médicos de tantos países, um deles poderia te explicar melhor, tu nem sequer deixas eles falarem (*Os Transparentes*, 49)
18. — ela pode vir cá um dia destes, explicar-nos o plano. já imaginaste? (*Os Transparentes*, 50)
19. agora eu vou te orientar num mambo que tenho aí... puro bizno, mas tu é que vais comandar as operações (*Os Transparentes*, 55)
20. Odonato juntou algum dinheiro e foi entregá-lo aos rastas, para limpar o nome do filho. (*Os Transparentes*, 56)
21. -. quando o seu amigo chegar, você vai se retirar destas instalações sem dizer um pio, tá a entender? (*Os Transparentes*, 60)
22. — desculpe, mais-velho, estou só a pensar no caminho, me falaram na casa de uma mulher com dinheiro, que vai me comprar conchas, estou ainda a lembrar (*Os Transparentes*, 63)
23. — você é que não está a ver como é essa comissão..., um grupo de alguns alguéns que vão se instalar’ você e miudo, você... (*Os Transparentes*, 71)
24. ...as pessoas talvez não sejam mais que sonhos ambulantes de emoções derretidas no sangue contido pelas peles dos nossos corpos tão humanos a este mundo pode chamar-se vida (*Os Transparentes*, 75)
25. — por falar nisso — mexeu na bolsa — queria lhe pedir um favor (*Os Transparentes*, 78)
26. — nem era isso. vou lhe deixar duas cartas dessas de papel de vinte e cinco linhas, pedidos oficiais (*Os Transparentes*, 78)
27. Paulo pegou na caixa, foi pô-la no cimo do armário depois arrumou as cartas azuladas do Carteiro (*Os Transparentes*, 81)
28. — posso te virar de costas? (*Os Transparentes*, 82)
29. puxou pela memória, podia tratar-se perfeitamente do velho Cardoso, (*Os Transparentes*, 93)

30. Ciente deixou cair a faca na escuridão, queria procurá-la, mas não sabia que ordem de prioridades (*Os Transparentes*,93)
31. Ciente tentou manter-se calado, deixou cair o telefone (*Os Transparentes*,93)
32. o miúdo estava fraco, era evidente, e havia que subi-lo o mais rapidamente possível (*Os Transparentes*,96)
33. abria a janela, cheirava a manhã, voltava a fechá-la, (*Os Transparentes*,98)
34. — a senhora vai se retirar, bater a porta e aguarda calmamente (*Os Transparentes*,100)
35. — pensas que eu tenho medo? eu então andei a combater na província do KuandoKubango, sulafrica no para mim era formiga, são esses dois agora que vão me sustar? (*Os Transparentes*,104)
36. o Assessor que era um homem de estilo, estilo duvidoso, pode dizer-se, mas nutria uma constante preocupação com o brilho dos sapatos e o bom estado das meias (*Os Transparentes*,110)
37. — eu também tenho que me ausentar; (*Os Transparentes*,110)
38. primeiro, não é como devo «te nominar», mas sim «como devo tratá-lo» (*Os Transparentes*,114)
39. — então se o meu chefe vier me falar, digo o quê? (*Os Transparentes*,114)
40. -então como devo te nominar? (*Os Transparentes*,114)
41. se você nem conseguiu convencer o bósse, eu mesmo aqui que nem tenho ainda salário bem declarado é que vou te passar cumbú? (*Os Transparentes*,115)
42. — vou vos queixar no meu chefe (*Os Transparentes*,115)
43. — fique descansado, que eu vou levá-lo a bem. (*Os Transparentes*,120)
44. — mas do pouco que nada sabes? eu sei que é possível, que o petróleo existe, mas estão a preparar-se para explorar esse petróleo? (*Os Transparentes*,126)
45. — então que vocês têm que se preparar— sorriu David (*Os Transparentes*,127)
46. — Opra! OpraShow, um programa americano que ninguém nunca mais ia se esquecer do seu mbumbi, Edú. (*Os Transparentes*,140)
47. — meus senhores, sou morador do sexto andar e vim buscá-los para que possam ver o resto do prédio (*Os Transparentes*,143)
48. quando desceu para matabichar, o americano tinha um recado do AssessorDoMinistro dizendo que viriam buscá-lo mais tarde para a primeira reunião. (*Os Transparentes*,154)
49. e você, posso observá-lo? — tentou o médico (*Os Transparentes*,158)
50. se assim quisermos qualificá-lo, do português comum angolano (*Os Transparentes*,160)
51. esta aproximação veio a revelar-se benéfica para ambos, pois por várias vezes se complementaram ao longo das respetivas carreiras: (*Os Transparentes*,168)
52. mais esclareceu o Presidente que a população deveria manter-se disponível e paciente para colaborar (*Os Transparentes*,171)
53. Ciente tropeçou em si mesmo, teve que se agarrar ao corrimão, faltavam-lhe as forças (*Os Transparentes*,174)
54. pode te acontecer duas coisas: ou te dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*,174)
55. pode te acontecer duas coisas: ou te dou um balázio ou, se eu baicar antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te num desses baldes, tás a ouvir? (*Os Transparentes*,174)
56. então vais nos acompanhar na esquadra para ver se te dá vontade de falar (*Os Transparentes*,175)
57. . hoje mesmo vi este cinema com a distribuição das cadeiras e estou a lhe gostar muito... até porque... (*Os Transparentes*,197)
58. quando soube do sucedido, Odonato esteve largos minutos sem conseguir mover-se, não era o corpo que não respondia, (*Os Transparentes*,179)
59. — o Cego ria à toa, forte, como se quisesse sobrepor-se ao baru lho das águas (*Os Transparentes*,185)
60. -. eventualmente pode tratar-se de um bicho feiticeiro. (*Os Transparentes*,189)

61. — esta «muda» pode tratar-se de um simples estágio intermédio, (*Os Transparentes*,189)
62. Xilisbaba foi recebê-lo junto à porta (*Os Transparentes*,193)
63. largou os panos e sentiu claramente que não sabia onde pôr as mãos, evitou estar de pé, tentou sentar-se, sentiu um ardor nos olhos que o levou a buscar o céu, olhou para cima (*Os Transparentes*,197)
64. ...que até hoje ando a lhe procurar... (*Os Transparentes*,198)
65. então a cidade de Luanda é isso, que uma pessoa assim anda a se desenrascar na venda das conchas, a atacar as madamas que têm mais dinheiro (*Os Transparentes*,199)
66. — você está a confundir-se, doutor (*Os Transparentes*,213)
67. — hum..., as músicas é que andam a nos perseguir (*Os Transparentes*,218)
68. NgaNelucha, a mulher de Edú, veio buscá-lo ao terraço, (*Os Transparentes*,229)
69. Paizinho estava por perto e, entusiasmado, ofereceu-se novamente para continuar a mostrar-lhe o prédio, o jovem respondia alegremente às perguntas, (*Os Transparentes*,234)
70. -. até nem sei, ando a lhe procurar hoje mesmo vou na televisão, no programa que encontra pessoas (*Os Transparentes*,235)
71. — aquilo que eu estava a lhe falar, camarada, depen de do resto da conversa, (*Os Transparentes*,243)
72. —, vou lhe dizer qual é a casa onde ele se encontra, mas não quero que o pai ande mais com esse peso do saco com a comida (*Os Transparentes*,244)
73. o cão magro voltou ao quintal, passeou-se pelos cantos, cheirou um pé curto de bananeira e veio sentar-se, manso e preguiçoso, aos pés da AvóTeta. (*Os Transparentes*,247)
74. — nem sempre conseguimos o que queremos, isso é o que a vida um dia vai te ensinar., (*Os Transparentes*,267)
75. E vi os olhos mais bonitos do mundo aparecerem numa outra escuridão, olhos escondidos de quem chora muito, me espantei naquele olhar como no olhar dos búzios que nem quero lhes apanhar (*Os Transparentes*,270)
76. PauloPausado foi cumprimentar alguns políticos e gentes da comunicação social, depois o grupo voltou a reunir-se para mais bebidas (*Os Transparentes*,314)
77. — a esta hora? você veio se azarar, jovem (*Os Transparentes*,321)
78. — não, não é essa, podem lhe bater (*Os Transparentes*,322)
79. Hoffman estava disposto a entrar não fosse o jornalista explicar que para a sua mulher, àquela hora, entrarem naquele estado de alegria, seria de mais, e que isso poderia trazer-lhe problemas conjugais sérios (*Os Transparentes*,324)
80. — vamos lhe encontrar? (*Os Transparentes*,335)
81. o coveiro tentou levantar-se mas não mais se aproximou da pá, doíam-lhe os ossos das costas e de um arranhão da nuca saía um fio de sangue (*Os Transparentes*,338)
82. — podem só me devolver a chave do cadeado? (*Os Transparentes*,340)
83. — ó filho, bebe, o chá vai te acalmar (*Os Transparentes*,346)
84. a custo o homem movimentou-se, trouxe consigo o banquinho, voltou a sentar-se nele, endireitou o botões da camisa e fez menção de arranjar o cabelo antes de atender (*Os Transparentes*,347)
85. Xilisbaba, escondendo as lágrimas, procurou acalmar-se, retirou os atacadores dos sapatos, amarrou-os, descalçou os seus sapatos, subiu na cama e passou-lhe a ponta do fio semicomprido (*Os Transparentes*,352)
86. — acabaram de chegar, Maria, fui buscá-las ao aeroporto (*Os Transparentes*,355)
87. — ele quis beijá-la (*Os Transparentes*,367)
88. Amarelinha chegará bem mais tarde, entrara em casa com o sorriso escondido entre as mãos, vai deitar-se perto da velha, vai deitar-se de corpo nu (*Os Transparentes*,370)
89. Amarelinha chegará bem mais tarde, entrara em casa com o sorriso escondido entre as mãos, vai deitar-se perto da velha, vai deitar-se de corpo nu (*Os Transparentes*,370)

90. o Cego calado e acordado vai deixar-se levar até à longínqua praia sem dizer uma palavra, sem fazer uma pergunta (*Os Transparentes*,370)
91. Edú vai despir-se e chegar nu à cama, vai deixar as mãos acordarem o corpo da jovem mulher, vai beijar-lhe os seios e dizer-lhe palavras antigas ao ouvido (*Os Transparentes*,370)
92. Edú vai despir-se e chegar nu à cama, vai deixar as mãos acordarem o corpo da jovem mulher, vai beijar-lhe os seios e dizer-lhe palavras antigas ao ouvido (*Os Transparentes*,370)
93. NgaNelucha vai tocar-lhe o sexo com a sua mão certa e húmida, vai dizer em tom sério
94. — vou te dar uma carga de porrada, isso sim! (*Os Transparentes*,373)
95. — qual filho da puta é esse? vais pagar ou não? porra, tás a me fazer gastar a bateria do telefone, (*Os Transparentes*,373)
96. abriu-a lentamente, olhou de novo para todas as laterais da lixeira sem vislumbrar caminho de passagem, deixou-se estar assim, como se a mesma entidade do tempo que ali depositara o lixo viesse a encarregar-se de lhe abrir passagem (*Os Transparentes*,398)
97. — não diga nada, apenas anuncie uma mudança de gestão, a igreja terá novos donos, mas por enquanto a postura dele deve manter-se, mais para a frente devemos fazer algumas retificações de serviços (*Os Transparentes*,401)
98. era exatamente o corpo de uma árvore muito antiga, num quintal abandonado no LargoDaMaianga, e em breve esta vela iria desintegrar-se, a árvore talvez não (*Os Transparentes*,404)
99. — vá lá, homem, que mijar é um direito fundamental Noé acendeu a luz da casa de banho, deparou-se com outra barata, não conseguiu tocá-la antes da sua fuga ziguezagueada e veloz (*Os Transparentes*,406)
100. — vá lá, homem, que mijar é um direito fundamental Noé acendeu a luz da casa de banho, deparou-se com outra barata, não conseguiu tocá-la antes da sua fuga ziguezagueada e veloz (*Os Transparentes*,406)
101. — começou a aliviar-se (*Os Transparentes*,406)
102. MariaComForça sentiu que devia invocar outras forças para aplacar as lágrimas da comadre, buscou com o olhar o rosto de Xilisbaba, adivinhou-lhe os traços, pressentiu-lhe a tristeza pelo ar libertado pelas narinas, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba (*Os Transparentes*,419)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

1. no que um entendia de abrimento de portas, o outro conhecia de estratégia financeira, e se um se foi instalando nos meandros da política nacional, o outro foi-se tornando exímio entendedor dos domínios económicos da nação (*Os Transparentes*,168)
2. o homem fechou os olhos e deixou-se perder no ritmo enérgico das suecas, as velas foram-se apagando, as ceras deixaram o seu cheiro no interior da igreja misturado aos suores e odores do sexo (*Os Transparentes*,403)

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já se havia desencadeado o oculto é como um poema (*Os Transparentes*, 18)
2. olhava -o todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem o tivesse conhecido com a pele e a língua mergulhava devagar (*Os Transparentes*, 18)
3. a larga tira da sacola era feita de um material que só imitava uma corda robusta mas nunca lhe havia deixado mal durante todos estes anos, (*Os Transparentes*, 30)
4. Ciente desapareceu por meses, familiares em Benguela haviam-no visto lá pelo Sul (*Os Transparentes*, 56)
5. o que a população chamava de «sorte» era a quantidade de vezes que ZéMesmo se havia envolvido em confrontos físicos (*Os Transparentes*, 57)
6. inúmeras questões se haviam levantado no cenário político luandense nas últimas semanas, mas o intrigante era tratar-se de assuntos que nasciam de bocas fidedignas no seio do poder mas sem a validação de qualquer órgão oficial, os boatos reproduziam-se sem que se entendesse a sua origem (*Os Transparentes*, 83)
7. Ciente sorriu, pois na realidade nem se lembrava já da combinação que ZéMesmo lhe havia passado por telefone (*Os Transparentes*, 93)
8. — se já me viste, diz então onde é q'eu estou! (*Os Transparentes*, 94)
9. foi buscar uma faca grande que alguém lhe havia ofertado há anos dizendo tratar-se do objeto usado por Rambo na gravação de um dos seus filmes,... (*Os Transparentes*, 95)
10. reuniram-se na casa de banho AvóKunjikise, Amarelinha e Abum, que sempre caminhava obedecendo ao que lhe fosse sugerido, sem chegar a desperta (*Os Transparentes*, 96)
11. o número de pessoas que lhe tinham aparecido em casa, incluindo os que pretendiam, (*Os Transparentes*, 140)
12. Xilisbaba comentou que tinha conseguido falar por telefone com um médico amigo, amigo de alguém, que se tinha disponibilizado para vir ver CienteDoGrã (*Os Transparentes*, 147)
13. o Assessor entrou com ar preocupado, possivelmente já lhe haviam dito que o Ministro tinha procurado por ele (*Os Transparentes*, 155)
14. deitava-se meio de lado, numa tentativa de não forçar a bunda sobre a região onde se havia alojado a bala (*Os Transparentes*, 156)
15. sentado no canto que lhe fora atribuído, sob uma sombrinha colorida e flirada, o Cego sorria com o que lhe haviam dito, que ele não teria que pagar entrada (*Os Transparentes*, 162)
16. MariaComForça soltou uma lágrima sentindo um prazer que lhe havia começado na boca, descendo pelos seios, indo pelas costas, arrepiando-lhe as nádegas e chegando, (*Os Transparentes*, 164)

17. porque de repente o homem e a moça tivessem olhado para ela, ou para o lugar onde ela **se** havia escondido, mas porque, sob a penumbra, ela havia reconhecido o rosto (*Os Transparentes*,165)
18. o Partido entendeu que a relação de forças **se** havia invertido e que agora muita gente, dos mais variados setores sociais angolanos (*Os Transparentes*,166)
19. VendedorDeConchas insistiu com o Cego para que passassem novamente no prédio daquela entrada com água fresca, havia-**se** tornado um ritual de fim de dia, passarem no prédio, (*Os Transparentes*,183)
20. não comer só **me** tem feito bem, já **te** expliquei (*Os Transparentes*,203)
21. Amarelinha riu da simulação de briga, e todos se ajeitaram, após o riso coletivo, estranhando que só NgaNelucha não tirasse dos pés os avermelhados sapatos altos que trazia, embora **lhe** fosse aconselhado, pelos restantes, que aquela seria a atitude certa naquele lugar e naquela ocasião (*Os Transparentes*,265)
22. depois já dentro do edifício, ali onde não se conseguia entender bem se era ainda rés do chão ou se já era um entre-andar antes do afamado primeiro andar com as misteriosas águas, até que por deliberação coletiva dos residentes, em assunto mesmo de reunião condómina, **lhe** foi atribuído o muito abandonado terceiro andar, (*Os Transparentes*,257)
23. — chama-se «a dura vingança de um africano», foi-**me** recomendado por uns amigos. (*Os Transparentes*,279)
24. tudo correu como planificado, os membros mais jovens da assistência começaram a representar auditivamente as cenas do filme, sobrepondo-se mesmo a alguns diálogos, criando outros, numa caótica maneira de dar lugar a quem ainda não **se** tivesse expressado para que **o** fizesse, (*Os Transparentes*,305)
25. uma mulher com uma vela na mão há muito que havia aceitado o seu corpo, o seu destino, de vez em quando virava o olhar para a porta, depois verificava quantas gotas **lhe** tinham escapado da mão e se haviam solidificado na mesa (*Os Transparentes*,377)
26. mas um trilho que era também um pouco seu, e assim triste, mudo por dentro, sentou-se num tronco cambuta, pousou o saco perto dos pés e pôs-se a ler a única carta oficial que **lhe** haviam endereçado (*Os Transparentes*,398)
27. a carta vinha escrita em termos oficiais e cerimoniais, com introdução vasta sobre a receção das suas cartas deixadas com diversas pessoas em alguns dos principais ministérios do país, alguém **se** tinha dado ao trabalho de as juntar (*Os Transparentes*,398)
28. chegasse a abrir a porta da sua casa, desfeita ao seu toque, e pudesse olhar as cinzas em brasa de tudo o que **se** havia queimado no seu lar, inspirando profundamente os ares da desgraça para afirmar a pulmões abertos (*Os Transparentes*,421)

12.3.2. Não Subida

1. fecha o jornal que já tou arrependido de ter **te** mostrado essa merda (*Os Transparentes*,212)

13. Outras ocorrências de pronomes clíticos

13.1 Mesóclise

1. com a decisão do GovernoAngolano de anular o eclipse como se o fenómeno fosse restrito ao país, JoãoDevagar, sorrindo, lembrar-se-á outra vez de ligar para Paizinho (*Os Transparentes*,371)

5- A Última Ouvinte

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1.Próclise (em frases matriz, afirmativa, não V1, sem proclisadores)

2. Então, Caçule, tanto combate levaste nos cornos e uma doençazita de merda **te** deixa arrumado? (*A Última Ouvinte*, 19)
3. Não, isto **se** justifica. (*A Última Ouvinte*, 21)
4. Ela **se** encontra a descansar, filho, mas deixa só recado. (*A Última Ouvinte*, 22)
5. Bateu à porta com prudência e uma voz de dentro **se** ouviu: (*A Última Ouvinte*, 22)
6. Na verdade, quando o meu tempo de partir chegasse, eu **te** chamaria. (*A Última Ouvinte*, 23)
7. Na verdade, quando o meu tempo de partir chegasse, eu **te** chamaria. (*A Última Ouvinte*, 23)
8. E **me** pediu para **lhe** entregar, filho. (*A Última Ouvinte*,)
9. Lembra-**te**: no meio de tudo o que fui incapaz de fazer fisicamente, a vida **me** ensinou a descobrir
10. Bom, ele **me** falou que, como escriturária-dactilógrafa da regedoria, a minha cara tem que brilhar como bebé. (*A Última Ouvinte*,30)
11. O Soba **me** falou, fala no pai do Velho ainda para deixar de me dormir em cima. (*A Última Ouvinte*,30)
12. O Soba **me** apanhou a sonegar e **me** falou que isso tudo é cansaço de fazer as coisas de lado. (*A Última Ouvinte*, 31)
13. O Soba **me** apanhou a sonegar e **me** falou que isso tudo é cansaço de fazer as coisas de lado. (*A Última Ouvinte*, 31)
14. Ele mazé **te** quiere... (*A Última Ouvinte*,32)
15. As tuas palavras é que são poucas, ou **me** viste com cara de quem gosta? (*A Última Ouvinte*,50)
16. Velha-Mbali **se** deparou com deselegantes surpresas. (*A Última Ouvinte*,62)
17. E tu **me** fazes perder tempo? (*A Última Ouvinte*,74)
18. Vocês afinal **se** conhecem ou não? (*A Última Ouvinte*,81)
19. — Então, doutor, os meus amigos **me** falaram vou ter problema. (*A Última Ouvinte*,81)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. São estórias, ressalte-se, nas quais o leitor há-de notar uma constante “interferência” de terminologias. (*A Última Ouvinte*, 13)
2. Pela grossura ou magreza da voz concebe-se a imagem do locutor. (*A Última Ouvinte*, 17)
3. Se falam toda a hora «beijinhos, beijinhos, um grande beijo», fica logo a imaginar os cantos de uma elegante boca. (*A Última Ouvinte*, 17)
4. O que parecia ser trabalho leve tornava-se cada vez mais difícil, mais enigmático. (*A Última Ouvinte*, 18)
5. Caçule via-se forçado a recorrer às astúcias do tempo de tropa, adquiridas durante as aulas políticas e de contra-inteligência, por muito que odiasse recordar os prejuízos que a vida militar **lhe** impôs. (*A Última Ouvinte*, 18)
6. Os demais guerrilheiros, nas horas vagas, chamavam-no de «jornalista», só mesmo de abuso. (*A Última Ouvinte*, 18)
7. O exército dá-te bolsa. (*A Última Ouvinte*, 20)
8. E de vez em quando escapava-lhe um profundo assobio. (*A Última Ouvinte*, 20)
9. «E se fosse professora?», indagou-se. (*A Última Ouvinte*, 21)
10. Aí, sim, descobriu-se o número. (*A Última Ouvinte*, 21)
11. E se ela tiver já compromisso com alguém, um fuzileiro ou comando?», sufocava-se Caçule. (*A Última Ouvinte*, 22)
12. Olá! Sente-se aí! — acomodou - o a anfitriã. (*A Última Ouvinte*, 22)
13. Olá! Sente-se aí! — acomodou - o a anfitriã. (*A Última Ouvinte*, 22)
14. E sofro ainda mais porque não posso marcar um encontro quando falamos, refiro-me ao programa de rádio, porque o meu Diretor é muito exigente. (*A Última Ouvinte*, 23)
15. O toque no ombro, que levava já vários minutos, repetia-se cada vez mais intenso. (*A Última Ouvinte*, 24)
16. A poucos passos do túmulo, um atraente vaso na cabeceira de uma campa de humilde aparência saltou-lhe à vista. (*A Última Ouvinte*, 25)
17. O verde húmido entre o polegar e o indicador, ao esmagá-la, respondia: «natural, claro!» (*A Última Ouvinte*, 25)
18. Kutala convenceu-se de não ter vocação para madre. (*A Última Ouvinte*, 29)
19. Por mais que **lhe** custasse travar a mão toda a vez que ela teimasse em fazer um carinho involuntário à esposa, sujeitou-se durante semanas. (*A Última Ouvinte*, 30)
20. Este pôs-se em pé em jeito de respeito... (*A Última Ouvinte*, 32)
21. Mas quando uma testemunha aparece em todos os casos a registar, a coincidência estatística deixa de o ser, torna-se pista. (*A Última Ouvinte*, 37)

22. Uma localidade, não importa quantas ruas possa ter, divide-se sempre em três partes... e meia, digo. (*A Última Ouvinte*, 38)
23. Não estando satisfeitos com isso, baixaram as calças do profeta e puseram-no no colo, como as mães fazem na hora de colocar pó talco no traseiro do bebê. (*A Última Ouvinte*, 41)
24. Aproveitaram-se do ânus do profeta também, deixando-o inflamado divide-se sempre em três partes. (*A Última Ouvinte*, 41)
25. Os dias amontoavam-se no vaso da história. (*A Última Ouvinte*, 45)
26. Já o mar, este, perde-se na vaidade da grandeza. (*A Última Ouvinte*, 47)
27. E o tempo encarregou-se de traçar o percurso. (*A Última Ouvinte*, 47)
28. Ficou conhecido como Reverendo Sipata, e perdeu-se em missões de evangelização. (*A Última Ouvinte*, 47)
29. Os meninos divertiam-se à brava. (*A Última Ouvinte*, 48)
30. Como de costume, desfaziam-se por causa do vento. (*A Última Ouvinte*, 48)
31. Lumingu, que no mesmo instante se dirigia ao rio para tomar o seu banho, desviou-se do caminho para dar prioridade à Kumbi. (*A Última Ouvinte*, 48)
32. Esta agradeceu, mas sentiu-se contrariada, e hesitou. (*A Última Ouvinte*, 48)
33. Lumingu encheu-se de coragem para se declarar: (*A Última Ouvinte*, 48)
34. E irrequieto como galinha querendo pôr ovos, lembrou-se do conselho do pai, que sempre repetia: (*A Última Ouvinte*, 49)
35. A moça despachou-lhe o SIM. (*A Última Ouvinte*, 50)
36. Com aquele olhar de missionário irreverente, ele despiu-a com os olhos. (*A Última Ouvinte*, 51)
37. E seguiram-se mais e mais vezes. (*A Última Ouvinte*, 51)
38. Era uma grande desonra à imagem da família, diga-se, a parte da menina. (*A Última Ouvinte*, 51)
39. Não raras vezes, distinguiam-se, entre curiosos. (*A Última Ouvinte*, 51)
40. Apagaram o candeeiro e amaram-se, perdendo ambos a virgindade. (*A Última Ouvinte*, 51)
41. Lumingu tornou-se tão desprezado. (*A Última Ouvinte*, 51)
42. A mãe deixou-se ali estar como atalaia que cuidava do sono da sua menina. (*A Última Ouvinte*, 53)
43. E ao notar que os anfitriões nunca mais iniciavam o ulonga, como costuma iniciar a parte da mulher, que é o lado inferior, os visitantes sujeitaram-se à humilhação e romperam o silêncio: (*A Última Ouvinte*, 53)
44. Quando velho-Kutalika decidiu arranjar mais uma ndona, a quarta mulher diga-se, contou com... (*A Última Ouvinte*, 53)
45. Agora que fazia parte dos homens casados, sem diferença por ser de okulumbula, o empenho do caçador na vida da aldeia destacava-se mais. (*A Última Ouvinte*, 54)
46. Tentou seguir, mas um barulho atrás dele roubou-lhe a atenção. (*A Última Ouvinte*, 56)
47. Num acutilante ajuste de contas, a fera atirou-se contra ele. (*A Última Ouvinte*, 56)

48. O Rei, que fumava o seu cachimbo, atirou-o ao lixo e disse que não era bom recado: (A *Última Ouvinte*,56)
49. (A *Última Ouvinte*, 57)
50. Velha-Mbali encontrava-se a repousar no cadeirão (A *Última Ouvinte*,61)
51. Os netos matavam-se de rir aos exageros. (A *Última Ouvinte*,62)
52. E como a ousadia é a alma do negócio na zunga, o rapaz abordou-a insistentemente, para não dizer chatamente. (A *Última Ouvinte*,63)
53. O zungueiro, que nunca vira tão intempestiva reação de potencial cliente, logo uma “mamoite”, meteu-se a correr. (A *Última Ouvinte*,63)
54. Este, que não imaginava as fêmeas que por ele esperavam para reprodução lá no kimbo, meteu-se em fuga no frenético trânsito urbano em hora de ponta. (A *Última Ouvinte*,63)
55. Dr. Zé Luhaku sentia-se atirado num município que não se encontra em nenhuma versão do mapa nacional. (A *Última Ouvinte*,67)
56. Dr. Luhaku via-se «degredado» do seu mundo. (A *Última Ouvinte*,67)
57. Ao seu desconforto juntava-se o pressentimento. (A *Última Ouvinte*,67)
58. Os munícipes fartavam-se de o ridicularizar de vários modos. (A *Última Ouvinte*,67)
59. Agachou-se, verificou a sua condição e dirigiu-se à vendedora: (A *Última Ouvinte*,68)
60. O Dr. Zé Luhaku fascinava-se pela magia do rio que, sem sair do lugar... (A *Última Ouvinte*,69)
61. A notícia rapidamente espalhou-se de boca em boca. (A *Última Ouvinte*,69)
62. «Esse crime é doméstico, só pode ser», encorajava-se. (A *Última Ouvinte*,73)
63. Ou quis pegar à força durante as saídas noturnas e, para a malograda não falar de mais, calou-a para sempre. (A *Última Ouvinte*,74)
64. A queima da prova!», convencia-se poisando os pés sobre a mesa, ignorando que executar na teoria não é o mesmo que na prática. (A *Última Ouvinte*,74)
65. E, nesse ata e não desata, kota Mário viu-se privado inclusive de assistir ao enterro da filha. (A *Última Ouvinte*,74)
66. O IC trancou-se no seu gabinete. (A *Última Ouvinte*,74)
67. Mas, antes disso, traz-me esse criminoso chorão. (A *Última Ouvinte*,77)
68. Vez ou outra, os sipaios-do-hoje-em-dia aproveitavam-se do cheque em branco. (A *Última Ouvinte*,78)
69. É de agradecer até, porque aqui come-se e descansa-se. (A *Última Ouvinte*,80) Chamado outra vez
70. É de agradecer até, porque aqui come-se e descansa-se. (A *Última Ouvinte*,80) Chamado outra vez
71. para interrogatório, o médico juntou-se ao IC e o detido numa altura em que o anfitrião já espumava, tal era a sucessão de impasses. (A *Última Ouvinte*,80)
72. O médico passou a mão na cabeça do rapaz, fez-lhe festinha no nariz e abanou a cabeça. (A *Última Ouvinte*,81)

73. Passou a receita, contou a história ao IC e meteu-se na ambulância. (*A Última Ouvinte*,81)
74. A onda de raiva com que o seu povo o expulsou, antes mesmo que se instalasse devidamente e se refizesse do cansaço da viagem, fê-lo abortar a visita. (*A Última Ouvinte*,85)
75. Finalmente aproximava-se um veículo. (*A Última Ouvinte*,86)
76. Curiosa, aproximou-se de caxexe. (*A Última Ouvinte*,86)
77. Chamou o prodigioso de artista, como nunca ninguém o fizera, e ofereceu-lhe duzentos dólares. (*A Última Ouvinte*,86)
78. Viu o letreiro«EXIT» e sentou-se. (*A Última Ouvinte*,86)
79. Entretanto, viu-se invadido por um momentâneo... (*A Última Ouvinte*,86)
80. A larga extensão de areia desértica assemelhava-se a um lençol caqui. (*A Última Ouvinte*,87)
81. Ao mesmo tempo, desencorajava-se também: (*A Última Ouvinte*,87)
82. É verdade, a chuva tramou-nos. (*A Última Ouvinte*,88)
83. Após o matabicho, o Homem-da-viola pediu-a para dançar (*A Última Ouvinte*,88)
84. Segura e confortável, ela encostou-se no peito dele, dela afinal, conforme mandam as regras do slow. (*A Última Ouvinte*,88)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1) 34

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial) 0

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial) 34

1. Fez-se homem de batalha em batalha. (*A Última Ouvinte*, 19)
2. Deixa-te estar aí! (*A Última Ouvinte*, 19)
3. Hospedou-se na escola de sargentos e continuou com a mesma estrutura de programa. (*A Última Ouvinte*, 20)
4. Custou-me aceitar a ideia de que alguém lava meus pensos sempre que o período aparece. (*A Última Ouvinte*, 24)
5. Lembra-te: no meio de tudo o que fui incapaz de fazer fisicamente, a vida me ensinou a descobrir o que podia fazer com os recursos que me restavam, usando o poder da mente. (*A Última Ouvinte*, 25)
6. Seria natural ou artificial? Agachou-se. Arrancou uma folhinha. (*A Última Ouvinte*,25)
7. Sujeitou-se, todavia, outra vez. (*A Última Ouvinte*,31)

8. Fez-se, então, uma ordem de saque. (*A Última Ouvinte, 40*)
9. Conta-se que uma senhora, que se dizia aflita tanto quanto o marido. (*A Última Ouvinte, 41*)
10. Aproveitaram-se do ânus do profeta também, deixando-o inflamado divide-se sempre em três partes. (*A Última Ouvinte, 41*)
11. Chamava-se Kumbi. (*A Última Ouvinte, 48*)
12. Encontraram-se às escondidas no local de costume.. (*A Última Ouvinte, 50*)
13. Metemo-nos então a caminho. (*A Última Ouvinte, 52*)
14. Secou-se o rio hoje / Foi obra do leopardo. (*A Última Ouvinte, 57*)
15. Diz-se que ela se fechou como uma mata espinhosa. (*A Última Ouvinte, 58*)
16. Sentia-se inclusive rejuvenescida ao ver a neta caçula, sua chará por sinal... (*A Última Ouvinte, 61*)
17. Diz-se que é lá que os anjos bons vão tomar o seu banho. (*A Última Ouvinte, 68*)
18. Lembrou-se, por exemplo, de certa vez que um maluco, que enlouqueceu de tanto decorar filosofia, criticou a sua opção pela medicina. (*A Última Ouvinte, 68*)
19. Agachou-se, verificou a sua condição e dirigiu-se à vendedora: (*A Última Ouvinte, 68*)
20. Referes-te à albina? (*A Última Ouvinte, 69*)
21. Cumpra-se! (*A Última Ouvinte, 71*)
22. Desapareçam-me já daqui com esse velho refratário! (*A Última Ouvinte, 74*)
23. Fazia-o com deselegante frequência, de tal forma que se expunha ao ridículo de parecer um pato a beber água ou um cão incomodado pelas carraças. (*A Última Ouvinte, 74*)
24. Dami liceça, IC, sou eu... (hiposegmentação) (*A Última Ouvinte, 74*)
25. Mostra-me lá o cartão! (*A Última Ouvinte, 76*)
26. É verdade isso, ó rapaz? — dirigiu-se, arrogante. (*A Última Ouvinte, 76*)
27. — Enfiem-me o gajo na cela até segundas ordens! (*A Última Ouvinte, 76*)
28. Sentia-se conspirado pelo destino e abandonado pela sorte. (*A Última Ouvinte, 76*)
29. — Manda-me já prender este médico suspeito. (*A Última Ouvinte, 77*)
30. Fechou-se com ele no gabinete e iniciou o interrogatório. (*A Última Ouvinte, 80*)
31. Via-se literalmente a voar,
32. Chamava-se Isabel. (*A Última Ouvinte, 87*)
33. Encontraram-se mais vezes, tudo tão rápido, na primeira semana que se conheceram. (*A Última Ouvinte, 88*)
34. Reuniram-se as famílias para a resolução do problema. (*A Última Ouvinte, 89*)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz negativas)

1. Não **se** praticava ainda auto-operado na emissora . (A Última Ouvinte, 18)
2. Não **me** sinto menos tua amiga só porque **te** deixo para sempre. (A Última Ouvinte, 25)
3. Esperança da Graça não **se** encontrava em nenhuma escola. (A Última Ouvinte, 20)
4. Tua voz não **me** sai da cabeça. (A Última Ouvinte, 23)
5. Não **me** sinto menos tua amiga só porque **te** deixo para sempre. (A Última Ouvinte, 25)
6. Olha que o nervo só te leva, não **te** traz! (A Última Ouvinte, 32)
7. Aquele que **o** tem ficará satisfeito, e não **o** visitará nenhum mal”. (A Última Ouvinte, 39)
8. “Quando acertamos ninguém **se** lembra, quando erramos ninguém **se** esquece”. (A Última Ouvinte, 39)
9. E não **vos** esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada. (A Última Ouvinte, 40)
10. Se calhar não sabia ao certo qual o motivo, ou talvez evitasse remoer memórias infortáveis, já que «não **se** pode descer duas vezes a mesma água do rio». (A Última Ouvinte, 45)
11. As águas silenciosas são as mais perigosas, não **se** esqueçam disso. (A Última Ouvinte, 47)
12. Prefiro que sejam como o rio, que nasce pequeno, não **se** queima com o sol e é determinado. (A Última Ouvinte, 47)
13. — Por favor, vamos conversar, não **me** rejeites. (A Última Ouvinte, 49)
14. — Não **me** faça sentir culpado. (A Última Ouvinte, 50)
15. Não **me** faça outra vez chamar o primo Sambalanda... (A Última Ouvinte, 50)
16. Não **se** lembrava bem, mas teve a sensação de ter sonhado com a sua morte nas caçadas. (A Última Ouvinte, 55)
17. Ele nem sequer **se** lembrava de ter na mão alguma coisa. (A Última Ouvinte, 69)
18. Mais velho Kaceny, você chorou porque a tua filha já tem vinte anos, está a ficar ultrapassada e nenhum homem **se** interessa por ela. (A Última Ouvinte, 72)
19. Era só chamar, aliás mandar e determinar, ou não **se** chamava IC. (A Última Ouvinte, 73)
20. Não **te** admito, ó Mário, falar assim com um emblema policial, está bem? (A Última Ouvinte, 74)

3.2. Ênclise (em frases matriz, negativas) 0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Mas muito mal **se** conseguia aguentar. (A Última Ouvinte, 19)
2. Já **se** imaginava, inclusive, a comemorar tal vitória, por mais pequena que parecesse. (A Última Ouvinte, 21)
3. Foi difícil, e ainda **me** lembro da minha primeira menstruação, sabes? (A Última Ouvinte, 23)
4. E de nada **o** convenceram as justificações das autoridades. (A Última Ouvinte, 29)
5. Olha que o nervo só **te** leva, não te traz! (A Última Ouvinte, 32)
6. Que **a** fizessem voltar à rota original. (A Última Ouvinte, 49)
7. E lá **se** acomodaram na sala da casa grande. (A Última Ouvinte, 52)
8. Só falei com o Rei e já **me** desejou boa sorte. (A Última Ouvinte, 55)
9. Só assim **se** explica... (A Última Ouvinte, 69)
10. Então como **se** explica uma mulher ser encontrada morta? (A Última Ouvinte, 71)
11. — Então, meu jovem, por que razão **me** entrega à polícia? (A Última Ouvinte, 81)
12. Mas não era o único a querer fazê-**lo**, a moça (dos cinco anos sem sorrir) já lá **se** encontrava. (A Última Ouvinte, 87)

4.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Curiosamente, todas as casas situam-**se** no Lobito. (A Última Ouvinte, 21)
2. Quando a força toda que resta no ser humano só chega para chorar e implorar pela vida, todas as valentias e preconceitos reduzem-**se** à cinza. (A Última Ouvinte, 33)
3. O céu também solidarizou-**se** com o pranto da pobre viúva, vestiu-se de luto e retirou o luar. (A Última Ouvinte, 57)

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. Quis ter, e consegui, momentos de felicidade, os quais não levo comigo na esperança de que alguém **os** virá precisar. (A Última Ouvinte, 15)

2. Se na locução **se** fala constantemente «um forte abraço, um forte abraço». (A Última Ouvinte, 17)
3. Todas as pessoas que fazem rádio são bonitas, porque cada um **lhes** dá a cara de quiser, de contrário não haveria tanta gente apaixonada só pela voz. (A Última Ouvinte, 17)
4. Umas vezes porque é língua de berço do autor, outras porque se impunha ilustrar com originalidade o contexto [rural] e as personagens em causa. (A Última Ouvinte, 17)
5. Caçule via-**se** forçado a recorrer às astúcias do tempo de tropa, adquiridas durante as aulas políticas e de contra-inteligência, por muito que odiasse recordar os prejuízos que a vida militar **lhe** impôs. (A Última Ouvinte, 18)
6. É provável que tenha sido aos nove anos, já que nem ele próprio **se** lembrava, que começou a lavar a loiça do comando das FAPLA. (A Última Ouvinte, 18)
7. E, é justo que **se lhe** reconheça, o rapaz tinha voz! (A Última Ouvinte, 18)
8. É uma ordem! Determino que continues deitado, a não ser que **me** queiras desafiar. (A Última Ouvinte, 19)
9. Passo dois. Lista telefónica, porque através do sobrenome **se** podia bem localizar. (A Última Ouvinte, 20)
10. Costuma calhar que só com simpatias **se** consegue o que a ciência, a técnica e o dinheiro não podem alcançar. (A Última Ouvinte, 21)
11. A senhora, que **o** atendera da outra vez, indicou a porta do quarto da moça e autorizou o locutor seguir. (A Última Ouvinte, 22)
12. Às vezes parece que te ouço onde não vejo ninguém. (A Última Ouvinte, 23)
13. Como que a despertar de um sono, ambos sabiam o que se queria dizer... (A Última Ouvinte, 24)
14. Lembra-**te**: no meio de tudo o que fui incapaz de fazer fisicamente, a vida **me** ensinou a descobrir o que podia fazer com os recursos que me restavam, usando o poder da mente. (A Última Ouvinte, 25)
15. o que podia fazer com os recursos que me restavam, usando o poder da mente. (A Última Ouvinte, 25)
16. Em Outubro de 1945, um arrolamento extraordinário estava na iminência de ocorrer na Ombala de Tchiação, capital de cinco aldeolas plantadas no cimo de montanhas vizinhas, que mais se pareciam com dedos de uma mão tentando tocar o céu. (A Última Ouvinte, 29)
17. Por mais que lhe custasse travar a mão toda a vez que ela teimasse em fazer um carinho involuntário à esposa, sujeitou-**se** durante semanas. (A Última Ouvinte, 30)
18. Mbocoio fitou os olhos do Soba com toda a raiva que lhe subira à cabeça. (A Última Ouvinte, 32)
19. Um cidadão que se arrogava de ter a resposta. (A Última Ouvinte, 39)
20. Aquele que o tem ficará satisfeito, e não o visitará nenhum mal". (A Última Ouvinte, 39)
21. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus **se** agrada. (A Última Ouvinte, 40)

22. Conta-se que uma senhora, que **se** dizia aflita tanto quanto o marido. (*A Última Ouvinte*, 41)
23. O outro caso foi do cidadão que **se** queixou da humilhação. (*A Última Ouvinte*, 41)
24. Foi visitar o pastor, e este pediu que o irmão **se** levantasse do sofá porque o lugar era do cão. (*A Última Ouvinte*, 41)
25. «A mesma chatice outra vez?», refilou no mistério da sua cabeça e não respondeu mesmo velho-Kamuku, como nunca aliás **o** fez. (*A Última Ouvinte*, 45)
26. Se os filhos perguntam o que não convém, nada diz; se não perguntam, lamenta que ninguém **se** importa em aprender, que a juventude hoje anda perdida. (*A Última Ouvinte*, 45)
27. — Peça, pai, que nós **o** faremos. (*A Última Ouvinte*, 46)
28. Temos de ser um rio, pai? — indagou Sipata, franzindo a testa, algo surpreso com a aparente atitude de resignação sugerida justamente pela pessoa que sempre **se** mostrou pró-ativa. (*A Última Ouvinte*, 46)
29. E se fôssemos como a chuva, que **nos** enche o rio de água e rega a lavra? (*A Última Ouvinte*, 46)
30. Lumingu, que no mesmo instante **se** dirigia ao rio para tomar o seu banho, desviou-**se** do caminho para dar prioridade à Kumbi. (*A Última Ouvinte*, 48)
31. Epá, há algo de que **lhe** preciso falar. (*A Última Ouvinte*, 48)
32. Maldito sejas! — cuspiu, furiosa, o que **lhe** veio à sua lindíssima boca, ingénua como a dona. (*A Última Ouvinte*, 49)
33. Mas os dias que **se** seguiram, sinceramente, não foram de sabor agradáveis. (*A Última Ouvinte*, 49)
34. Ela metia-**se** em fuga logo que **o** visse. (*A Última Ouvinte*, 49)
35. Lumingu, feito louco pelo amor que **o** queimava o peito, fez tudo ao seu alcance para voltar a falar com a moça, mas em vão. (*A Última Ouvinte*, 49)
36. Foi assim até chegar uma noite de luar em que a brincadeira **se** prolongou madrugada adentro. (*A Última Ouvinte*, 50)
37. Era nua que ela **se** sentia sempre que estivesse com ele a milímetros. (*A Última Ouvinte*, 51)
38. No fundo, bem sabia ele que alguém sempre **se** ofereceria a pagar uns copos. (*A Última Ouvinte*, 51)
39. Vai daí que **se** aproveitava da situação enquanto fingia. (*A Última Ouvinte*, 51)
40. Tratado como um assassino, pois era assim que **se** sentia, viu desmoronar o carinho. (*A Última Ouvinte*, 52)
41. Certa vez, calhou que ambos **se** encontrassem a seroar num óbito. (*A Última Ouvinte*, 49)
42. Não te parece que ninguém morre para que os outros **se** aproveitem do óbito? (*A Última Ouvinte*, 50)
43. Uma vez que a situação **nos** apanhou todos a dormir. (*A Última Ouvinte*, 52)
44. De repente, voltou a sentir as paredes mais íntimas num abre-fecha-abre-fecha como **se** abrem e fecham os diafragmas da máquina de fotografar, quando excitada pelo dedo indicador no botão. (*A Última Ouvinte*, 53)

45. Então tu achas que num leopardo morto **se** traduz todo. (A Última Ouvinte,54)
46. Ficaram por responder as perguntas da Kumbi, a pobre menina que no mesmo ano perdeu a virgindade, engravidou, casou-se, enviuvou e **se** fez mãe. (A Última Ouvinte,57)
47. Fazia-o com deslegante frequência, de tal forma que **se** expunha ao ridículo de parecer um pato a beber água ou um cão incomodado pelas carraças. (A Última Ouvinte,74)
48. Caminhava, apressado, em direção ao gabinete, certamente para mais uma meditação tático-estratégica, quando o IC **se** viu interrompido pelo Oficial-Dia: (A Última Ouvinte,77)
49. Só gostaria de entender o que **me** traz aqui. (A Última Ouvinte,79)
50. Só gostaria de entender o que **me** traz aqui. (A Última Ouvinte,80)
51. Pois, sendo assim, entendo ainda menos o que **me** mantém aqui. (A Última Ouvinte,80)
52. Agora todo município vai saber que **me** meti com uma albina. (A Última Ouvinte,81)
53. E pensou consigo: «vou mostrar a esse sogro que não é coisa de homem enfeitar desenhos de leopardo, quando **se** pode encontrar por esta selva cheia uma pele real». (A Última Ouvinte,54)
54. Não, pai. Só assim ele verá que, se fosse tão valente, como **se** gaba ser, não enfeitaria na parede da sala desenho de leopardo. (A Última Ouvinte,55)
55. Só os pássaros, que nunca **se** sabe se estão a vadiar ou à procura do que comer... (A Última Ouvinte,55)
56. Caíra num contra-ataque da sua presa, se é que **se** pode assim considerar. (A Última Ouvinte,56)
57. Que um dia **nos** vamos encontrar. (A Última Ouvinte,57)
58. Diz-se que ela **se** fechou como uma mata espinhosa. (A Última Ouvinte,58)
59. Que **se** tivessem destacado com actos de coragem. (A Última Ouvinte,58)
60. E exigia que **se** respeitasse a sua posição, vontade que resultara com os adultos. (A Última Ouvinte,62)
61. E quando **se** foi deitar, as memórias do rio bem que foram uma maravilhosa companheira. (A Última Ouvinte,69)
62. Era como **se** **lhe** dissessem, «mostra lá que és homem. (A Última Ouvinte,71)
63. Como é que **se** explica tua saída fora da agenda?! (A Última Ouvinte,72)
64. Decide atirar a criança ao rio, mas, para o seu azar, dá encontro com os primos que **o** impedem. (A Última Ouvinte,73)
65. Sempre eficiente nas missões que **lhe** fossem incumbidas, (A Última Ouvinte,78)
66. Vamos lá ver se **nos** entendemos. (A Última Ouvinte,79)
67. O que seria dos humanos se não tivessem as dúvidas, com as quais **se** ocupam enquanto o sono não chega?! (A Última Ouvinte,87)
68. Mas como **se** vai saber distinguir, se ele nunca deixava o instrumento, se não cantava sem dedilhar? (A Última Ouvinte,85)
69. O espelho é que **lhe** disse, certo dia, que ficaria feio pela falta de dois dentes logo à entrada da boca. (A Última Ouvinte,85)

70. A onda de raiva com que o seu povo o expulsou, antes mesmo que se instalasse devidamente e se refizesse do cansaço da viagem, fê-lo abortar a visita. (A Última Ouvinte,85)
71. “...quando se fechou a porta do avião, aquele bicho...” (A Última Ouvinte,87)
72. Via-se literalmente a voar, o que se confirmava cada vez que discretamente levantasse os pés do piso e estendesse os braços. (A Última Ouvinte,87)
73. Mas ao sair do WC reparou que o céu se fazia escuro. (A Última Ouvinte,88)
74. Da mesma forma que não se vê o feijoeiro do nosso quintal germinar. (A Última Ouvinte, 18)
75. Espero que a minha presença não a perturbe. (A Última Ouvinte, 23)
76. Eu vou lhe contar o meu drama. Mas, por favor, não permito que tenham pena de mim, porque eu mesma não a tenho. (A Última Ouvinte, 23)
77. A minha mãe sabe que a vida não me deixou viver a experiência de perder a virgindade, e com ela morrerei. (A Última Ouvinte, 23)
78. Era como se a rua tivesse morrido também, porque não se pode dizer que haja vida numa rua onde, em manhã de sol bem-humorado, faltem crianças jogando a bola com balizas improvisadas de pedras, latas e chinelos. (A Última Ouvinte, 24)
79. Aquele que o tem ficará satisfeito, e não o visitará nenhum mal”. (A Última Ouvinte,39)
80. Fica descansado, que não te vou cobrar direitos do autor até te tornares profeta. (A Última Ouvinte,40)
81. Não te parece que ninguém morre para que os outros se aproveitem do óbito? (A Última Ouvinte,50)
82. Será que não vos reconheceste?/ (A Última Ouvinte,57)
83. Ficaram por responder as perguntas da Kumbi, a pobre menina que no mesmo ano perdeu a virgindade, engravidou, casou-se, enviuvou e se fez mãe. (A Última Ouvinte,57)
84. Vai faltar respeito na tua mãe, que não te deu educação!!! (A Última Ouvinte,63)
85. Dr. Zé Luhaku sentia-se atirado num município que não se encontra em nenhuma versão do mapa nacional. (A Última Ouvinte,67)
86. Encontraram-se mais vezes, tudo tão rápido, na primeira semana que se conheceram. (A Última Ouvinte,88)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

6. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, sem proclisadores

6.1. Verbo no infinitivo

6.1.1. Próclise 5

1. Vou **te** levar a Luanda para tratamentos. (*A Última Ouvinte*, 20)
2. E se não conseguires morrer, vou **te** pôr numa escola de jornalismo. (*A Última Ouvinte*, 20)
3. Eu vou **lhe** contar o meu drama. (*A Última Ouvinte*, 23)
4. E devo pagar a minha última dívida, **me** despedir de vocês, como sempre fizeram os nossos antepassados. (*A Última Ouvinte*, 46)
5. Como é que uma pessoa vai **me** dar doença ainda por cima fala «não sabia»? (*A Última Ouvinte*, 81)

6.1.2. Ênclise

1. Dizia chamar-**se** Esperança da Graça... (*A Última Ouvinte*, 17)
2. Caçule ainda tentou pôr-**se** firme e fazer continência. (*A Última Ouvinte*, 19)
3. Foi mais fácil adaptar-**se** ao clima pesado de intrigas dentro da rádio do que à agitação de Luanda. (*A Última Ouvinte*, 20)
4. Como conseguiu achar-**me**? (*A Última Ouvinte*, 23)
5. Mas desejava conhecer-**te**, digo, pessoalmente. (*A Última Ouvinte*, 23)
6. Passou a visitá-**la** frequentemente, mas ela não aceitava oferendas. (*A Última Ouvinte*, 24)
7. E acertou o suposto rival com dois violentos socos da cara, até vê-**lo** cair para o chão como saco de múcua. (*A Última Ouvinte*, 32)
8. Não evitou a comiseração ao ver a mais alta autoridade da aldeia levantar-**se** do chão, sacudindo da calça a sujidade, com os lábios a verterem sangue. (*A Última Ouvinte*, 32)
9. Repito, ser-**me**-ia mais fácil, e até justo, tratá-**la** pelo título. (*A Última Ouvinte*, 37)
10. A mãe soltou uma lágrima, arrancada da ambivalência de quem não queria largar a filha, mas que sabia que prendê-**la** era contra a lei da vida. (*A Última Ouvinte*, 53)
11. Uma vez amadurecida a decisão, foi comunicá-**la** ao pai: (*A Última Ouvinte*, 54)
12. Moko, o caçula, decidiu tornar-**se** médico. (*A Última Ouvinte*, 48)
13. Tinha quase a certeza. «Provavelmente o velho andou a meter-**se** com a filha (*A Última Ouvinte*, 73)

14. Era evidente que o IC nada conseguiria tão cedo com o pai da vítima, mas também seria precipitado mandá-lo em paz. (*A Última Ouvinte*, 74)
15. Reduzia o passo ao passar por grupo de moças para explorar as vozes e relacioná-las com a da Esperança. (*A Última Ouvinte*, 21)
16. Pedir ajuda aos anciãos do conselho da igreja, ou então, abrir-se com um adulto para convencer os pais da pretendida. (*A Última Ouvinte*, 50)
17. “...que vinham prestar apoio ao IC e inteirar-se do progresso”. (*A Última Ouvinte*, 78)
18. — Posso vê-lo? (*A Última Ouvinte*, 80)
19. Mas não era o único a querer fazê-lo, a moça (dos cinco anos sem sorrir) já lá se encontrava. (*A Última Ouvinte*, 87)
20. E a assembleia chegou mesmo a desatar-se em estrondosas gargalhadas. (*A Última Ouvinte*, 89)

6.2. Verbo no gerúndio

6.2.1. Próclise

1. Não se contendo de ansiedade, Caçule lançavaolhares de cobrança ao operador até este anunciar pelo intercomunicador o nome do interlocutor (*A Última Ouvinte*, 17)

6.2.2. Ênclise

1. Aproveitaram-se do ânus do profeta também, deixando-o inflamado divide-se sempre em três partes. (*A Última Ouvinte*, 41)
2. Partiram os matulões para o mato deixando-se guiar pelo cão, que farejava o caminho do seu amo. (*A Última Ouvinte*, 56)
3. O coração do pobre homem, este, rejeitava a nova realidade, refugiando-se no antagónico ambiente da universidade. (*A Última Ouvinte*, 67)
4. No dia seguinte, o Homem-da-viola voltou à Marginal para falar com o mar, sentando-se exatamente sob o mesmo chapéu-de-sol do dia anterior. (*A Última Ouvinte*, 87)

7. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, com proclisadores

7.1. Verbo no infinitivo

7.1.1. Próclise

1. Depois de **se** dar a conhecer por via de crónicas publicadas via Internet... (A Última Ouvinte, 13)
2. Mas tinha de **se** conformar . (A Última Ouvinte, 18)
3. Acabamos de **lhe** dar o banho... (A Última Ouvinte, 24)
4. E me pediu para **lhe** entregar, filho. (A Última Ouvinte,)
5. Obrigada pelo que soubeste ser para mim, mas não lamento não **te** ter conhecido antes.
(A Última Ouvinte, 25)
6. A planta, sem **lhe** dizer há quanto tempo não era irrigada, só mostrou que tem sobrevivido no meio de outras plásticas em vasos cheios de água. (A Última Ouvinte, 25)
7. Obrigada pelo que soubeste ser para mim, mas não lamento não **te** ter conhecido antes.
(A Última Ouvinte, 25)
8. Mbocoio, o felizado marido da Kutala, não gostava nada da ideia de **se** trabalhar com o Soba. (A Última Ouvinte,)
9. Ó pai do Velho, tem uma coisa para **te** falar. (A Última Ouvinte, 30)
10. O Soba me falou, fala no pai do Velho ainda para deixar de **me** dormir em cima. (A Última Ouvinte, 30)
11. Os filhos viviam perguntando, chateando mesmo bem dizer, o pai a ver se arrancavam deste o motivo - a mínima pista que fosse — que fez com que não fossem, eles também, uma família católica, e por tabela, sem a mordomia de **se** confessar ao padre e saborear hóstias. (A Última Ouvinte, 45)
12. Também não quero que sejam como a chuva, que só faz o que **lhe** apetecer, como se as preocupações dos outros não contassem. (A Última Ouvinte, 47)
13. Tinha também duas tias que eram excelentes em formatar meninas para o dever sagrado de **se** entregar ao pai dos filhos. (A Última Ouvinte, 47)
14. Sambele, a menina, teve a felicidade de **se** casar pela igreja. (A Última Ouvinte, 48)
15. Mas não passava de sonho, posto que, para ele, só era digna de **se** considerar bela moça.
16. Lumingu encheu-se de coragem para **se** declarar: (A Última Ouvinte, 48)
17. Mobutu tinha o poder de **se** transformar em fera. (A Última Ouvinte, 54)
18. Árbitro era o tempo, aquele que a tudo assiste sem **se** envolver emocionalmente, por isso o mais equilibrado dos juízes. (A Última Ouvinte, 56)

19. E pior do que a tautologia de moralistas daninhos, é existir ociosos com tempo para **os** ouvir. (A Última Ouvinte,51)
20. Seria de **se** considerar uma boa casa. (A Última Ouvinte,52)
21. Foram dois fins-de-semana bonitos de **se** ver. (A Última Ouvinte,54)
22. O rosto era a única vitrina para **se** **lhe** ver a pele semi-flácida, obra da idade. (A Última Ouvinte,61)
23. Tanta era a dificuldade em **se** adaptar à vida longe do mar. (A Última Ouvinte,67)
24. Mas o agente Chanas-do-Leste era patriota demais para **se** entregar a tais traições (A Última Ouvinte,78)

7.1.2. Ênclise 1

1. Tinha que encontrá-**la** a todo custo, sem levantar suspeitas. (A Última Ouvinte, 20)

8. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado

8.1. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, sem proclisadores

9.2. Próclise/ênclise com infinitivo flexionado, com proclisadores

9.2.1 Próclise

1. Mbocoio era incapaz até de **se** lembrar do próprio nome. (A Última Ouvinte,33)
2. Fica descansado, que **não** te vou cobrar direitos do autor até **te** tornares profeta. (A Última Ouvinte,40)
3. Às vezes, já não sabia ao certo se era mesmo por gostar dela ou para **se** vingar só do desprezo. (A Última Ouvinte,49)
4. Tu achas que tens competência para **me** catapultar os nervos, não?! (A Última Ouvinte,74)
5. Não devias estar já no terreno para **me** trazer esse medicozinho? (A Última Ouvinte,77)
6. O dia está a crescer, é sinal de que é chegado o tempo de **nos** encontrarmos com os outros. (A Última Ouvinte,52)

9.2.2 Ênclise

0

10.2. Verbo no gerúndio sem proclisador

11.2. Verbo no gerúndio com proclisador

11.2.1. Próclise

1. Não **se** contendo de ansiedade, Caçule lançava olhares de cobrança ao operador até este anunciar pelo intercomunicador o nome do interlocutor (*A Última Ouvinte*, 17)

11.2.2. Ênclise

0

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. Mas como **se** vai saber distinguir, se ele nunca deixava o instrumento, se não cantava sem dedilhar? (*A Última Ouvinte*, 85)
2. Mas muito mal **se** conseguia aguentar. (*A Última Ouvinte*, 19)
3. É uma ordem! Determino que continues deitado, a não ser que me queiras desafiar. (*A Última Ouvinte*, 19)
4. Passo dois. Lista telefónica, porque através do sobrenome **se** podia bem localizar. (*A Última Ouvinte*, 20)
5. A minha mãe sabe que a vida não **me** deixou viver a experiência de perder a virgindade, e com ela morrerei. (*A Última Ouvinte*, 23)

6. Era como se a rua tivesse morrido também, porque não **se** pode dizer que haja vida numa rua onde, em manhã de sol bem-humorado, faltem crianças jogando a bola com balizas improvisadas de pedras, latas e chinelos. (*A Última Ouvinte*, 24)
7. Como que a despertar de um sono, ambos sabiam o que **se** queria dizer... (*A Última Ouvinte*, 24)
8. Por mais que **lhe** custasse travar a mão toda a vez que ela teimasse em fazer um carinho involuntário à esposa, sujeitou-**se** durante semanas. (*A Última Ouvinte*, 30)
9. Epá, há algo de que **lhe** preciso falar. (*A Última Ouvinte*, 48)
10. Caíra num contra-ataque da sua presa, se é que **se** pode assim considerar. (*A Última Ouvinte*, 56)
11. Que um dia **nos** vamos encontrar. (*A Última Ouvinte*, 57)
12. Mas como **se** vai saber distinguir, se ele nunca deixava o instrumento, se não cantava sem dedilhar? (*A Última Ouvinte*, 85)
13. Quis ter, e consegui, momentos de felicidade, os quais não levo comigo na esperança de que alguém **os** virá precisar. (*A Última Ouvinte*, 15)
14. Fica descansado, que não **te** vou cobrar direitos do autor até te tornares profeta. (*A Última Ouvinte*, 40)
15. Se calhar não sabia ao certo qual o motivo, ou talvez evitasse remoer memórias inconfortáveis, já que «não **se** pode descer duas vezes a mesma água do rio». (*A Última Ouvinte*, 45)
16. — Não **me** faças sentir culpado. (*A Última Ouvinte*, 50)
17. E pensou consigo: «vou mostrar a esse sogro que não é coisa de homem enfeitar desenhos de leopardo, quando **se** pode encontrar por esta selva cheia uma pele real». (*A Última Ouvinte*, 54)
18. E quando **se** foi deitar, as memórias do rio bem que foram uma maravilhosa companheira. (*A Última Ouvinte*, 69)

12.1.2. Não Subida

1. Dizia chamar-**se** Esperança da Graça... (*A Última Ouvinte*, 17)
2. Vou **te** levar a Luanda para tratamentos. (*A Última Ouvinte*, 20)
3. E se não conseguires morrer, vou **te** pôr numa escola de jornalismo. (*A Última Ouvinte*, 20)
4. Como conseguiu achar-**me**? (*A Última Ouvinte*, 23)
5. Mas desejava conhecer-**te**, digo, pessoalmente. (*A Última Ouvinte*, 23)
6. Eu vou **lhe** contar o meu drama. Mas, por favor, não permito que tenham pena de mim, porque eu mesma não **a** tenho. (*A Última Ouvinte*, 23)

7. Passou a visitá-la frequentemente, mas ela não aceitava oferendas. (*A Última Ouvinte*, 24)
8. Moko, o caçula, decidiu tornar-se médico. (*A Última Ouvinte*, 48)
9. Tinha quase a certeza. «Provavelmente o velho andou a meter-se com a filha (*A Última Ouvinte*, 73)
10. — Posso vê-lo? (*A Última Ouvinte*, 80)
11. Como é que uma pessoa vai **me** dar doença ainda por cima fala «não sabia»? (*A Última Ouvinte*, 81)
12. A onda de raiva com que o seu povo o expulsou, antes mesmo que se instalasse devidamente e se refizesse do cansaço da viagem, fê-lo abortar a visita. (*A Última Ouvinte*, 85)
13. Mas não era o único a querer fazê-lo, a moça (dos cinco anos sem sorrir) já lá **se** encontrava. (*A Última Ouvinte*, 87)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

0

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. Obrigada pelo que soubeste ser para mim, mas não lamento não **te** ter conhecido antes.
(*A Última Ouvinte*, 25)

12.3.2. Não Subida

0

13. Outras ocorrências de pronomes clíticos

13.1 Mesóclise 03

Apesar de iletrado, o Soba era muito astuto, carismático e, dir-**se**-ia até, bonito. (*A Última Ouvinte*,30)

Ser marido da mulher mais influente no poder dar-**lhe**-ia um estatuto visível, uma gratificação até acima do razoável. (*A Última Ouvinte*, 30)

Repito, ser-**me**-ia mais fácil, e até justo, tratá-la pelo título. (*A Última Ouvinte*,37)

13.2 Casos especiais

O meu filho não pode nascer e vai ver **eu**. (*A Última Ouvinte*,54)

6- Jornal de Angola

ANEXO (*corpus* M6)

1. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. A Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela **se** tornou plural e tornar-se-á isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural J (*Jornal de Angola*, 3)
2. Viram-se e **se** abraçaram. Ali mesmo, sem mais demora, aliás, depois de Mwecenu ter tragado o pão com chouriço e bebido a cerveja que o amigo lhe oferecerá, começaram as perguntas.J (*Jornal de Angola*, 22)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

1. As carências e as dificuldades mantêm-se e, em alguns casos, acentuaram-se. J (*Jornal de Angola*, 2)
2. As carências e as dificuldades mantêm-se e, em alguns casos, acentuaram-se. J (*Jornal de Angola*, 2)
3. Essa Francofonia, limitada, no início, às antigas colónias belgas e francesas, expandiu-se gradualmente a demais países que partilham os valores de liberdade J(*Jornal de Angola*, 3)
4. Ao longo do tempo, a Francofonia política, isto é o dispositivo institucional que organiza as relações entre os países francófonos, tornou-se, ao lado da Organização Internacional da Francofonia J (*Jornal de Angola*, 3)
5. A propósito dos países que não subscreveram (ainda) o acordo pelas mais diversas razões, remete-nos ao século XX, J (*Jornal de Angola*, 3)
6. O nosso apreço e aplauso estende-se também à rubrica, na ocasião, do Protocolo sobre a Livre Circulação de Pessoas e Bens, no quadro da vocação integracionista, (*Jornal de Angola*, 3)
7. De seguida, foi-lhe proporcionada uma visita guiada ao interior da escola, cuja identidade arquitectónica continua intacta. J (*Jornal de Angola*, 4) +SC
8. Tomando por exemplo o que se passa com a União Europeia, que demorou cerca de 50 anos a ser consolidada, trata-se de um percurso não isento de riscos J (*Jornal de Angola*, 6)
9. Uma outra dificuldade prende-se com a dimensão do continente africano, não somente em termos geográficos mas também no que toca ao número de países que o compõem. J (*Jornal de Angola*, 6)
10. Ainda de acordo com a polícia, trata-se da maior rede de prostituição e tráfico de seres humanos até agora descoberta no país, estando neste momento a ser apurado se ela tem ligações com outros países europeus. J (*Jornal de Angola*, 6)
11. O tenente-coronel Beltrame ofereceu-se em troca da libertação de reféns J (*Jornal de Angola*, 7)
12. uma delegação de assessores dos directores executivos do BAD encontra-se desde o dia 19 do mês em curso no país. J (*Jornal de Angola*, 8)
13. O dinheiro destina-se à aquisição de 240 vacas leiteiras e equipamentos para suporte da produção de leite, queijo e manteiga. J (*Jornal de Angola*, 9)
14. Cavar mais do que o recomendado, torna-se um perigo, porque se não se produzir, será preciso tapar, para não criar embaraços às crianças, principalmente no tempo chuvoso (*Jornal de Angola*, 9)
15. O mesmo sucesso reflecte-se no Interclube de Angola, clube que represento actualmente. J (*Jornal de Angola*, 16)
16. O seu desaparecimento físico abalou-me muito. E (*Jornal de Angola*, 17)
17. O "Diário de Deolinda" enquadra-se perfeitamente nesta área da literatura clássica, pois acaba por desempenhar uma missão que ela sabia ser de alto risco. T (*Jornal de Angola*, 21)

18. Ao folhear o livro, nota-se que Deolinda sabia das inúmeras dificuldades e perigos que enfrentava J (*Jornal de Angola*, 21)
19. a determinada altura, verifica-se que ficou também envolvida numa nuvem tenebrosa sobre o seu próprio futuro. E (*Jornal de Angola*, 21)
20. . Uma vez enquadrada na luta de libertação nacional, entrega-se de corpo e alma às tarefas que lhe foram incumbidas E (*Jornal de Angola*, 21)
21. aquelas funções não contribuíam para a libertação directa do país e oferece-se para desempenhar outras tarefas directamente ligadas à guerrilha. T (*Jornal de Angola*, 21)
22. Com arma ao ombro, enquadra-se na guerrilha, o que foi muito difícil, pois pretendia chegar à primeira região político-militar”. T (*Jornal de Angola*, 21)
23. A feitura do primeiro daqueles pratos seguiu as regras e apresentou-se de forma a merecer nota elevada. T (*Jornal de Angola*, 23)
24. As frutas, doses generosas, realce-se, custam todas 500 kwanzas. T (*Jornal de Angola*, 23)
25. Diz quem melhor conhece as regras da urbe que, por exemplo, aquele que for apanhado a urinar na rua arrisca-se a apanhar uma pesada multa.J (*Jornal de Angola*, 26)
26. O Jornal de Angola soube que, no último sábado de cada mês, realizam-se campanhas de limpeza em todo o país, em que participam de dirigentes até ao mais pacato cidadão. J (*Jornal de Angola*, 26)
27. Em Kigali pode-se visitar, igualmente, o Amahoro Stadium (Estádio Amahoro), onde, em Outubro de 2005 (*Jornal de Angola*, 26) +SC
28. Elisabeta aconselha-se com Ema, sem revelar que beijou Darcy. J (*Jornal de Angola*, 27)
29. Uirapuru entende-se com Mariana e Lídia fica incomodada. Susana provoca Elisabeta, que a enfrenta. (*Jornal de Angola*, 27)
30. Tais prioridades, disse Guilhermina Alkin, enquadram-se em programas de actuação, como na facilitação da inserção dos jovens no mercado de trabalho (*Jornal de Angola*, 33)
31. A mãe vê-se forçada a ir trabalhar como lavadeira no hospital para sustentar sozinha os dez filhos. (*Jornal de Angola*, 33)
32. Daí até agora, os filhos foram surgindo até serem seis e Isabel Mafuta sente-se mãe e pai ao mesmo tempo, pois cuida dos seus rebentos sozinha. (*Jornal de Angola*, 33)
33. Mas em breve reduziram a força de trabalho e Isabel Mafuta viu-se desempregada, com quatro filhos (*Jornal de Angola*, 33)
34. Isabel Mafuta meteu-se a caminho para fazer um curso de Pedagogia Formativa no Centro de Formação de Formadores e instala-se para formar pessoas da comunidade de Viana, (*Jornal de Angola*, 33)
35. Isabel Mafuta desloca-se frequentemente à Damba, não sem antes pedir a quem possa que lhe entregue alimentos ou roupas para levar, e ali na zona de Cacuaco J(*Jornal de Angola*, 33)
36. Pérola encontra-se a fazer furor na rede social aplicativo Youtube, tudo por conta do seu novo videoclipe J (*Jornal de Angola*, 37)

37. Ao intervalo, as duas formações encontravam-se empatadas a um golo, com o tento da Académica a ser apontado por Pi e o do Petro, por Jó. J (*Jornal de Angola*, 39)
38. Piqué, recorde-se, havia aproveitado, na véspera, para deixar uma ‘farpa’ aos rivais do Real Madrid J (*Jornal de Angola*, 39)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

0

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. Diz-se que hoje o comboio de Luanda pára mais do que anda, um facto que me leva a pensar em duas coisas. (*Jornal de Angola*, 2)
2. Tornou-se plural e vai ser ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural (*Jornal de Angola*, 3)
3. Trata-se de lançar um mercado comum onde os bens, serviços e força de trabalho seja livre no interior do espaço africano (*Jornal de Angola*, 6)
4. Trata-se de uma viatura. (*Jornal de Angola*, 16)
5. Viram-se e se abraçaram. Ali mesmo, sem mais demora, aliás, depois de Mwecenu ter tragado o pão com chouriço e bebido a cerveja que o amigo lhe oferecerá, começaram as perguntas.J (*Jornal de Angola*, 22)
6. “Agradeço-te pelo facto de teres conservado todos esses valores. T (*Jornal de Angola*, 22)
7. Sublinhe-se que, apesar de ter sido danificada, devido aos intensos combates que se seguiram e protagonizados pelo exército T (*Jornal de Angola*, 26)
8. Encontram-se antecedentes na cultura chinesa e japonesa, que dominavam a técnica de pintar com a água. T (*Jornal de Angola*, 34)
9. Estreou-se no mercado discográfico em 2004 com o lançamento do “Meus Sentimentos”, a que se seguiu, em 2010 o disco “Cara & Coroa”. T (*Jornal de Angola*, 37)
10. Lembram-se? Riam-se, mostravam os músculos como The Rock, E (*Jornal de Angola*, 39)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. – mês dedicado à mulher, a história não **se** compadece com hesitações permanentes, porque pior do que decidir mal, é não decidir nada. J (*Jornal de Angola*, 3)
2. Segundo Lozano, não **se** sabe onde Perez está no momento. E (*Jornal de Angola*, 7)
3. . Às vezes, depois da corrida, não **se** recebe algo e o vencedor fica triste. O atletismo requer muito esforço. E (*Jornal de Angola*, 17)

3.2. Ênclise (em frases matriz, negativas)

0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

4.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

1. Já **se** nota, em diversas provas, a presença de muitas crianças, tanto em masculino como em feminino E (*Jornal de Angola*, 17)
2. Que o Criador **me** dê garra, porque a intenção é boa e os resultados ao longo de cada edição têm sido muito positivos. (*Jornal de Angola*, 20)
3. Muito **lhe** agradeço pela sua muito amável carta de data recente. Li cada linha da mesma com grande interesse. (*Jornal de Angola*, 21)

4.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com proclisadores)

0

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. Isso são evidências que os cidadãos constataam no dia-adia, em que **lhe** são pedidos mais sacrifícios em troca de uma esperança de mudança que dispensa os subsídios e as receitas importadas de outras paragens J (*Jornal de Angola*, 2) **+SC**
2. Confundir a transição política, que tem sido ordeira, pacífica e planeada, com uma revolução é jogar na retranca ou, se se preferir, no exercício circense de tentar tapar o sol com a peneira, auto enganando-se como se isso fosse devolver a áurea e o estatuto a que alguns **se** julgavam predestinados. (*Jornal de Angola*, 2)
3. E é na esperança de que quando há vontade política **se** conseguem ultrapassar obstáculos até então improváveis, que reside a robustez deste período de transição, em que as eventuais desinteligências não a fragilizam. (*Jornal de Angola*, 2) **+SC**
4. Só provam a maturidade política dos seus actores que, passo a passo, **se** vão adaptando a esses novos tempos, porventura únicos na nossa História recente. J(*Jornal de Angola*, 2) **+SC**
5. A desconcentração e a descentralização política, económica e financeira há-de permitir que mais rapidamente **se** cheguem aos necessários consensos políticos quanto à implantação das autarquias, de forma gradual como manda a lei e como recomenda a realidade. J (*Jornal de Angola*, 2)
6. Consensos que não **se** esgotam nas forças políticas representadas no parlamento, mas alargados a outros extractos sociais e organizações, na sequência deste novo paradigma de acção e concertação política em que os cidadãos também devem ser ouvidos na discussão e decisão dos assuntos que **lhes** dizem directamente respeito, como no caso do poder local. (*Jornal de Angola*, 2)
7. Será que quando **se** fez este enorme investimento, havia consciência sobre a letargia em que podia funcionar o Caminhos-de-Ferro de Luanda ? E (*Jornal de Angola*, 2)
8. O combate à corrupção e o fim da impunidade deixaram de ser conversas de bar e quintal para passarem para os grandes salões e palcos onde **se** discute e decide o futuro do país. J (*Jornal de Angola*, 2)
9. . Porque essas práticas a que **se** está a combater influenciavam negativamente os programas de governação J (*Jornal de Angola*, 2) **+SC**
10. Confundir a transição política, que tem sido ordeira, pacífica e planeada, com uma revolução é jogar na retranca ou, se **se** preferir, no exercício circense de tentar tapar o sol com a peneira, auto enganando-se como se isso fosse devolver a áurea e o estatuto a que alguns se julgavam predestinados. (*Jornal de Angola*, 2)
11. Consensos que não **se** esgotam nas forças políticas representadas no parlamento, mas alargados a outros extractos sociais e organizações, na sequência deste novo paradigma de acção e concertação política em que os cidadãos também devem ser ouvidos na discussão e decisão dos assuntos que lhes dizem directamente respeito, como no caso do poder local. J (*Jornal de Angola*, 2)

12. Não sei se há consciência sobre as perdas monetárias quando o comboio pára por muito tempo a sensação imediata é de falta de informação sobre a localização exacta em que **se** encontra ou se passa T (*Jornal de Angola*, 2)
13. Não sei se há consciência sobre as perdas monetárias quando o comboio pára por muito tempo a sensação imediata é de falta de informação sobre a localização exacta em que se encontra ou **se** passa T (*Jornal de Angola*, 2)
14. Como bem ficou sublinhado no acto constitutivo da Zona de Comércio Livre Continental, o passo dado constitui um caminho sem retorno, ficando com o ónus do custo de oportunidade aqueles países que **se** colocaram à margem do momento histórico, que irá permitir maior aproximação entre países, povos T (*Jornal de Angola*, 3)
15. Léopold Sédar Senghor, Hamani Diori, Habib Bourguiba, Norodom Sihanouk, que **lhe** deram uma existência institucional e política que se concretizou em 1970 pelo Tratado de Niamey. (*Jornal de Angola*, 3)
16. Léopold Sédar Senghor, Hamani Diori, Habib Bourguiba, Norodom Sihanouk, que **lhe** deram uma existência institucional e política que **se** concretizou em 1970 pelo Tratado de Niamey. (*Jornal de Angola*, 3)
17. Tomando por exemplo o que **se** passa com a União Europeia, que demorou cerca de 50 anos a ser consolidada, trata-se de um percurso não isento de riscos T (*Jornal de Angola*, 6)
18. Uma outra dificuldade prende-se com a dimensão do continente africano, não somente em termos geográficos mas também no que toca ao número de países que **o** compõem. T (*Jornal de Angola*, 6)
19. A polícia disse que seria o próprio DJ que **se** encarregava de incluir as mulheres na sua comitiva quando efectuava digressões J (*Jornal de Angola*, 6)
20. Na sexta-feira, Macron já tinha saudado particularmente a coragem do oficial superior da polícia que **se** ofereceu como voluntário para substituir os outros reféns J (*Jornal de Angola*, 7)
21. Os participantes ao nono conselho consultivo alargado do Ministério dos Transportes reconheceram haver desajustamento estratégico na maioria das empresas do sector, sobretudo agora que **se** vive um contexto de crise económica e financeira. J (*Jornal de Angola*, 8)
22. Cavar mais do que o recomendado, torna-se um perigo, porque se não **se** produzir, será preciso tapar, para não criar embaraços às crianças, principalmente no tempo chuvoso J (*Jornal de Angola*, 9)
23. Com este feito e depois da apresentação no CCB e outros espaços onde o povo “que **se** revela (*Jornal de Angola*, 14)
24. Graças a Deus, desde que enveredei pelo atletismo, em todas as minhas participações sobressaí muito bem na São Silvestre de Luanda. Não participei na edição passada, mas sempre que **o** fiz sobressaí bem. E (*Jornal de Angola*, 17)
25. . É algo que **me** marcou bastante. E (*Jornal de Angola*, 17)
26. Não tenho esposo e a pessoa que **me** dava mais apoio é a minha mãe, que perdi há pouco tempo. E (*Jornal de Angola*, 17)
27. Às vezes nem conseguimos comprar uma lata de leite em função do prémio que **se** atribui aos vencedores nas várias provas na província da Huíla. E (*Jornal de Angola*, 17)
28. Mas é como **se** diz, é a dialéctica da vida. E (*Jornal de Angola*, 17)

29. Há troféus que só **se** conquistam com qualidade e persistência. (*Jornal de Angola*, 20)
30. Lendo-o atentamente, fica-se com a ideia perfeita de que ela própria estava consciente de que **se** encontrava a cumprir uma missão de vida ou morte. T (*Jornal de Angola*, 21)
31. . Uma vez enquadrada na luta de libertação nacional, entrega-se de corpo e alma às tarefas que **lhe** foram incumbidas E (*Jornal de Angola*, 21)
32. É bastante lamentável que **lhes** falte a visão para se aperceberem do que está traçado para esses territórios. (*Jornal de Angola*, 21)
33. Viram-se e se abraçaram. Ali mesmo, sem mais demora, aliás, depois de Mwecenu ter tragado o pão com chouriço e bebido a cerveja que o amigo **lhe** oferecerá, começaram as perguntas.J (*Jornal de Angola*, 22)
34. . Que há quem não **lhes** resista. À hora do lanche, mas principalmente após a hora de serviço. E (*Jornal de Angola*, 23)
35. Em jeito de remate, sublinhamos que o “Solar do Talher” cumpre os objectivos que levaram à sua criação, que **lhe** conferem nota positiva. E (*Jornal de Angola*, 23)
36. Ruas limpas e com vastos jardins é o cenário que **se** vê em quase toda a cidade de Kigali, (*Jornal de Angola*, 26)
37. Sublinhe-se que, apesar de ter sido danificada, devido aos intensos combates que **se** seguiram e protagonizados pelo exército (*Jornal de Angola*, 26)
38. Rômulo anuncia a Tibúrcio que **lhe** apresentará a sua namorada. (*Jornal de Angola*, 27)
39. Uirapuru entende-se com Mariana e Lídia fica incomodada. Susana provoca Elisabeta, que **a** enfrenta. (*Jornal de Angola*, 27)
40. Por isso, salientou, concluir o ensino superior nos Estados Unidos permite que os quadros **se** tornem mais competitivos no mercado global e facilita ampliar a rede de contactos, (*Jornal de Angola*, 32)
41. Isabel Mafuta desloca-se frequentemente à Damba, não sem antes pedir a quem possa que **lhe** entregue alimentos ou roupas para levar, e ali na zona de Cacuaco (*Jornal de Angola*, 33)
42. Face ao elevado número de ocorrências e porque não é prática corrente desta Instituição fazê-lo desta forma, a Direcção da Fundação LWINI avisa todas as Entidades Públicas e Privadas que **se** deverão inibir de qualquer iniciativa que vise atribuir sob a forma de patrocínio ou doação, valores monetários ou bens materiais.T (*Jornal de Angola*, 34) +SC
43. Estreou-se no mercado discográfico em 2004 com o lançamento do “Meus Sentimentos”, a que **se** seguiu, em 2010 o disco “Cara & Coroa”. T (*Jornal de Angola*, 37)
44. Sergio Ramos, seu ‘arquirival’, confirmou, esta sexta-feira, a existência do referido grupo ainda que, garante, não **lhe** dá grande importância. J (*Jornal de Angola*, 39)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

1. A diplomata informou que, com isso, pretende-se ajudar os pais a pensar com antecedência e a conhecer as oportunidades de intercâmbio educacional (*Jornal de Angola*, 32)

6. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, sem proclisadores

6.1. Próclise

0

6.2. Ênclise

1. Protagonista do multilinguismo global pelo seu estatuto internacional e o número de idiomas com o qual ela convive, a Língua Francesa deve comprometer-se sem reserva na luta pelo multilinguismo (*Jornal de Angola*, 3) -SC
2. Não podemos evidentemente impô-la por via de regulamentos, de tratados ou de acordos políticos mas podemos, sim, garantir que os cidadãos de todos os países se juntem naturalmente a ela. (*Jornal de Angola*, 3) -SC
3. A ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, ao referir-se à escola, disse que o restauro do Mutu ya Kevela “valoriza os patriotas que, com o seu exemplo e sacrifício, contribuíram para que Angola seja um Estado soberano, independente e politicamente forte”. (*Jornal de Angola*, 4)
4. A Polícia espanhola de Barcelona anunciou ter desmantelado uma rede que traficava mulheres e raparigas desde a Nigéria para as obrigar a prostituir-se. (*Jornal de Angola*, 6)
5. De acordo com a polícia de Barcelona foram resgatadas 39 mulheres e raparigas nigerianas que eram obrigadas a prostituir-se de modo a pagarem cerca de 30 mil euros cada, (*Jornal de Angola*, 6)
6. “Queria expressar-lhe a minha sincera gratidão pela coragem de que deu provas quando reagiu ao ataque contra os dois cidadãos russos”, escreveu o embaixador (*Jornal de Angola*, 7) -SC
7. É sempre trágico ver um indivíduo ou uma nação tentando erguer-se e parar uma irresistível onda. (*Jornal de Angola*, 21) -SC
8. Alguma entidade ou algumas poucas entidades devem posicionar-se como símbolos do vosso movimento para a independência. (*Jornal de Angola*, 21) -SC
9. Face ao elevado número de ocorrências e porque não é prática corrente desta Instituição fazê-lo desta forma, a Direcção da Fundação LWINI avisa todas as Entidades Públicas e Privadas que se deverão inibir de qualquer iniciativa que vise

atribuir sob a forma de patrocínio ou doação, valores monetários ou bens materiais.T (*Jornal de Angola*, 34)

10. As empresas interessadas em participar no concurso acima epigrafado, deverão pronunciar-se dentro de um prazo de 8 dias úteis T (*Jornal de Angola*, 34) -SC

7. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, com proclisadores (os dados devem ser organizados dentro de cada secção por tipo de proclisador: negação, preposição *de*, preposição *para*, etc.)

7.1. Verbo no infinitivo

7.1 Próclise

1. É uma necessidade que a sociedade reclama *para se* inverter o quadro actual seja em que plano ele se apresente. (*Jornal de Angola*, 2)
2. Carolina Cerqueira pede maior preservação do edifício e de tudo o que nele contém, *por se* tratar de um património nacional que guarda “fragmentos” da memória colectiva dos angolanos e parte da sua história. (*Jornal de Angola*, 4)
3. A Polícia espanhola de Barcelona anunciou ter desmantelado uma rede que traficava mulheres e raparigas desde a Nigéria *para as* obrigar a prostituir-se. (*Jornal de Angola*, 6)
4. Miguel Pérez Jr, sem possibilidade *de se* despedir da sua família, sem dinheiro e com a roupa que tinha no corpo. (*Jornal de Angola*, 7)
5. Passou pelos EUA, atravessando algumas nações europeias, *para*, finalmente, *se* juntar à Luta de Libertação Nacional E (*Jornal de Angola*, 21)
6. Com este diário, Deolinda deixa claramente o campo de simples heroína do MPLA *para*, definitivamente, *se* juntar ao campo dos heróis da pátria angolana. Sem este diário (*Jornal de Angola*, 21)
7. Aqueles que fazem questão *de lhe* arranjar companhia tem, por exemplo, CRF (2.900 kwanzas) ou Antíqua (1.500) T (*Jornal de Angola*, 23)
8. E Leonor veio mesmo com um curso depois *de se* formar em Setúbal como Educadora Social. (*Jornal de Angola*, 33)

7.2. Ênclise

0

8.1. Infinitivo Flexionado, sem proclisadores

8.1. Próclise

0

8.2. Ênclise

0

9. Próclise/Ênclise ao infinitivo flexionado, com proclisadores

9.1. Próclise

1. Porém o facto de dez países, sobretudo a Nigéria, **se** terem recusado a aderir ao tratado não é uma boa notícia pois pode enfraquecer e complicar o alcance das metas inicialmente traçadas. (*Jornal de Angola*, 6)

10. Verbo no gerúndio, sem Proclisador

10.1. Próclise

0

10.2. Ênclise

1. Confundir a transição política, que tem sido ordeira, pacífica e planeada, com uma revolução é jogar na retranca ou, se se preferir, no exercício circense de tentar tapar o sol com a peneira, auto enganando-**se** como se isso fosse devolver a áurea e o estatuto a que alguns se julgavam predestinados. (*Jornal de Angola*, 2)
2. a promoção da língua francesa, da diversidade cultural e linguística, a promoção da paz, da democracia e dos direitos humanos, posicionando-**se** como parceiro na busca de soluções para crises e conflitos no espaço francófono (*Jornal de Angola*, 3)
3. O projecto está orçado em 1,5 milhões de dólares, estando até ao momento assegurado não mais de um terço do valor, reputando-**se** necessário haver a disponibilização de meios de mais parceiros de desenvolvimento do país (*Jornal de Angola*, 6)

4. Estêvão Chaves diz que “isto corresponde ao assentamento da população com espaços próprios para esta actividade, com vista a promover, facilitar e consolidar a formalização das micro actividades comerciais, criando-se, em alguns casos, cooperativas de comercialização (*Jornal de Angola*, 8)
5. Protocolo para a livre circulação de pessoas e bens no continente exige aumento das responsabilidades do sector, defendeu o ministro dos Transportes, referindo-se ao instrumento (*Jornal de Angola*, 8)
6. Lendo-o atentamente, fica-se com a ideia perfeita de que ela própria estava consciente de que se encontrava a cumprir uma missão de vida ou morte. T (*Jornal de Angola*, 21)

11. Verbo no gerúndio, com proclisador

0

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1 Subida do clítico

1. E é na esperança de que quando há vontade política se conseguem ultrapassar obstáculos até então improváveis, que reside a robustez deste período de transição, em que as eventuais desinteligências não a fragilizam. (*Jornal de Angola*, 2)
2. Porque essas práticas a que se está a combater influenciavam negativamente os programas de governação J (*Jornal de Angola*, 2)
3. Em Kigali pode-se visitar, igualmente, o Amahoro Stadium (Estádio Amahoro), onde, em Outubro de 2005 (*Jornal de Angola*, 26)
4. Face ao elevado número de ocorrências e porque não é prática corrente desta Instituição fazê-lo desta forma, a Direcção da Fundação LWINI avisa todas as Entidades Públicas e Privadas que se deverão inibir de qualquer iniciativa que vise atribuir sob a forma de patrocínio ou doação, valores monetários ou bens materiais. T (*Jornal de Angola*, 34)

12.1.2. Não Subida

1. Protagonista do multilinguismo global pelo seu estatuto internacional e o número de idiomas com o qual ela convive, a Língua Francesa deve comprometer-se sem reserva na luta pelo multilinguismo (*Jornal de Angola*, 3)

2. Não podemos evidentemente impô-la por via de regulamentos, de tratados ou de acordos políticos mas podemos, sim, garantir que os cidadãos de todos os países se juntem naturalmente a ela. (*Jornal de Angola*, 3)
3. “Queria expressar-lhe a minha sincera gratidão pela coragem de que deu provas quando reagiu ao ataque contra os dois cidadãos russos”, escreveu o embaixador (*Jornal de Angola*, 7)
4. É sempre trágico ver um indivíduo ou uma nação tentando erguer-se e parar uma irresistível onda. (*Jornal de Angola*, 21)
5. Alguma entidade ou algumas poucas entidades devem posicionar-se como símbolos do vosso movimento para a independência. (*Jornal de Angola*, 21) -SC
6. As empresas interessadas em participar no concurso acima epigrafado, deverão pronunciar-se dentro de um prazo de 8 dias úteis T (*Jornal de Angola*, 34)

12.2. Verbo no gerúndio

12.2.1. Subida do clítico

1. Só provam a maturidade política dos seus actores que, passo a passo, se vão adaptando a esses novos tempos, porventura únicos na nossa História recente. J(*Jornal de Angola*, 2)

12.2.2. Não Subida

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. Isso são evidências que os cidadãos constatarem no dia-adia, *em que* **lhe** são pedidos mais sacrifícios em troca de uma esperança de mudança que dispensa os subsídios e as receitas importadas de outras paragens J (*Jornal de Angola*, 2)
2. De seguida, foi-lhe proporcionada uma visita guiada ao interior da escola, cuja identidade arquitectónica continua intacta. J (*Jornal de Angola*, 4)
3. Porém o facto de dez países, sobretudo a Nigéria, se terem recusado a aderir ao tratado não é uma boa notícia pois pode enfraquecer e complicar o alcance das metas inicialmente traçadas. (*Jornal de Angola*, 6)

12.3.2. Não Subida

0

13. Outras ocorrências de pronomes clíticos

13.1. Mesóclise

1. Pode haver profundidade em intenções?, interrogar-se-ão os mais cépticos. J (*Jornal de Angola*, 2)
2. A Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela se tornou plural e tornar-se-á isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural (*Jornal de Angola*, 3)

7- O País

1. Próclise/Ênclise em frases finitas, não V1, sem proclisadores

1.1. Próclise (em frases finitas, não V1, sem proclisadores)

1. A pernambucana Val se muda para São Paulo, a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. T (*Jornal o País*, 15)

1.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, não V1, sem proclisadores)

2. o Ministério dos Transportes reuniu-se há dias em Conselho Consultivo. (*Jornal o País*, 5)
3. Referiu que durante o encontro, o presidente da UNITA, Isaiás Samakuva, mostrou-se bastante sensível e receptivo às ideias expostas pelos empresários, dando-lhes garantias de que irá transmitir a preocupação ao grupo parlamentar do seu partido, no sentido de haver um debate na Assembleia Nacional em torno deste tema. J (*Jornal o País*, 8)

4. Na visão do OPSA, deve-se seleccionar os municípios mais amadurecidos em termos da sua economia, densidade populacional, Sociedade Civil mais madura (*Jornal o País*,9) +SC
5. Para a escolha dos municípios, tanto urbanos como rurais, deve-se ter ainda em conta alguns aspectos onde, por exemplo, a criação de gado tem importância vital para a população, municípios do litoral e do interior, (*Jornal o País*,9) +SC
6. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a lhes dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*Jornal o País*, 11)
7. Os visados questionaram-se também como era possível que a propalada rotatividade só estava a acontecer no INE Comandante Benedito. (*Jornal o País*, 11)
8. Rogério Cunha mostrou-se ainda indignado com o comportamento de certas instituições que, quando necessitam de um serviço (*Jornal o País*, 12)
9. Por esse motivo, apontou, vê-se um crescente nível de delinquência juvenil na província que devia ser combatida não só com acções de penalização, (*Jornal o País*, 12)
10. Treze anos depois, quando o menino vai prestar vestibular, Jéssica telefona-lhe, a pedir ajuda para ir a São Paulo, no intuito de prestar a mesma prova. (*Jornal o País*, 15)
11. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação complica-se. (*Jornal o País*, 15)
12. Com a realização do concerto pretende-se resgatar a cultura angolana, nas várias dimensões em que se releva, tentando recriá-la a partir do estudo aprofundado das suas raízes. T (*Jornal o País*, 15)
13. Na fábrica, localizada na província do Bengo, logo à entrada nota-se o silêncio, fruto da fraca produção que a unidade regista nos últimos dias. (*Jornal o País*, 17)
14. O responsável da Associação dos Madeireiros do Bengo, Africano Pedro disse ao OPAÍS que, de momento a associação que dirige em conjunto com as demais associações das outras províncias juntaram-se recentemente e já elaboraram uma carta dirigida (*Jornal o País*, 19)
15. Entre as secções que contribuíram para a variação dos preços dos produtos nacionais destaca-se a “Agricultura, Produção Animal, Caça e Silvicultura”, com variação de 1,33%, (*Jornal o País*, 20)
16. A taxa de inflação homóloga sulafricana situou-se em 4% no mês de Fevereiro, uma redução de 0,4 p.p. em relação ao mês anterior (*Jornal o País*, 20)
17. Destaca-se que o registo homólogo de Fevereiro apresenta-se como a menor taxa verificada desde Março de 2015. (*Jornal o País*, 20)
18. A primeira estimativa para as exportações de bens da Zona Euro para o resto do mundo, em Janeiro de 2018, situou-se em 178,6 mil milhões EUR, um incremento de 9,1% em relação ao período homólogo de 2017. (*Jornal o País*, 20)
19. As importações da Zona Euro provenientes do resto do mundo fixaram-se em 175,4 mil milhões EUR, um aumento de 6,3% em relação a Janeiro de 2017. (*Jornal o País*, 20)

2. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial (V1)

2.1. Próclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

0

2.2. Ênclise (em frases matriz, afirmativas, com verbo inicial)

1. “Trata-se de uma carta aberta porque das várias vezes que escrevemos ao Presidente da República não nos têm respondido”, disse. T (*Jornal o País*, 8)
2. Refira-se que os músicos Big Nelo e Pérola apadrinham o concurso, (*Jornal o País*, 12)
3. Espera-se que a ZLCA venha impulsionar o comércio intra-africano, propicie investimentos em infraestruturas de telecomunicação, transporte, etc., (*Jornal o País*, 20)
4. Destaca-se que o registo homólogo de Fevereiro apresenta-se como a menor taxa verificada desde Março de 2015. (*Jornal o País*, 20)

3. Próclise/Ênclise em frases matriz, negativas

3.1. Próclise (em frases matriz, negativas)

1. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a lhes dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*Jornal o País*, 11)

3.2. Ênclise (em frases matriz, negativas)

0

4. Próclise/Ênclise em frases matriz, afirmativas, com proclisadores

0

5. Próclise/Ênclise em orações subordinadas finitas

5.1. Próclise (em orações subordinadas finitas)

1. Em nenhuma das cidades angolanas que eu conheço vi vez alguns transportes públicos regulares. Maximbombo, autocarro ou carreira, como **se** queira chamar, nada (*Jornal o País*,5) **+SC**
2. Observatório entende que durante as discussões sobre as autarquias **se** deve ter sempre em conta as diferentes dimensões de gradualismo e em que medida se está a aplicar uma ou outra. (*Jornal o País*,9) **+SC**
3. “**se** **se** refere aos processos de transferência gradual de funções e competências”, ou à indicação dos municípios a serem abrangidos em cada uma das fases. T (*Jornal o País*,9)
4. Sendo a directora provincial nova, há tendência de facilitar o sonho de alguns colegas, que, de algum tempo a esta parte, **se** voluntariaram aos mecanismos de bajulação extrema. (*Jornal o País*, 11)
5. Nos dias que **se** seguem Jesus expulsa os vendedores que tinham tomado posse do Templo de Jerusalém, declarando-se Filho de Deus, e realiza vários milagres. (*Jornal o País*, 16)
6. A justificativa para tal medida que **se** espera vir a repetir, pelo menos duas vezes ao longo de 2018, está baseada no facto do mercado de trabalho continuar a fortalecer-se, com a taxa de desemprego a atingir o mínimo dos últimos 17 anos, e a taxa de inflação rondar o target de 2%. (*Jornal o País*, 20)

5.2. Ênclise (em orações subordinadas finitas)

1. De acordo ainda com Rogério Cunha, a falta de apoio às iniciativas locais tem vindo a fazer com que muitos jovens desviam-**se** do caminho do bem para enveredarem às práticas erradas. (*Jornal o País*, 12)
2. Em termos homólogos, apesar do aumento das vendas 3,3%, representa um incremento inferior ao registado em Dezembro de 2017, quando situou-**se** em 5,1%. (*Jornal o País*, 20)

6. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, sem proclisadores

6.1. Próclise

1. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a **lhes** dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*Jornal o País*, 11) +SC

6.1.2. Ênclise

1. Pode haver profundidade em intenções?, interrogar-se-**ão** os mais cépticos.J (*Jornal de Angola*, 2)
2. A Francofonia já não deve ser identificada apenas com a França, ela se tornou plural e tornar-se-**á** isto ainda mais em nome da promoção internacional da diversidade cultural (*Jornal de Angola*, 3)
3. É preciso começar a levá-**la** a tribunal. (*Jornal o País*,5) -SC
4. Contactada sobre o caso, a vicegovernadora da área Política, Social e Económica, Maricel Martinho Capama, citada no documento como a fonte da ideia, negou ter dado qualquer orientação neste sentido, tendo assegurado relacionar-se muito bem com a imprensa. (*Jornal o País*,8)
5. ... estão bem claros os procedimentos sancionais, no caso de se provar que um professor comete uma infracção, pois, o mesmo aconselha a mover-se um processo disciplinar em curso. (*Jornal o País*, 11)
6. Com a realização do concerto pretende-se resgatar a cultura angolana, nas várias dimensões em que se releva, tentando recriá-**la** a partir do estudo aprofundado das suas raízes. T (*Jornal o País*, 15) -SC
7. A justificativa para tal medida que se espera vir a repetir, pelo menos duas vezes ao longo de 2018, está baseada no facto do mercado de trabalho continuar a fortalecer-se, com a taxa de desemprego a atingir o mínimo dos últimos 17 anos, e a taxa de inflação rondar o target de 2%. (*Jornal o País*, 20) -SC

7. Próclise/Ênclise em orações não-finitas, com proclisadores

7.1.1. Próclise

1. Com os defensores da classe analisaram a lei da educação e confirmaram que a medida havia violado alguns preceitos, razão pela qual incentivaram os sindicalistas a encontrarem-se com a dirigente do ensino na província, a fim de se chegar a meio-termo. (*Jornal o País*, 11)
2. ... estão bem claros os procedimentos sancionais, no caso de se provar que um professor comete uma infracção, pois, o mesmo aconselha a mover-se um processo disciplinar em curso. (*Jornal o País*, 11)
3. Segundo o gerente, por causa da subida houve a necessidade de se ajustar também os preços e, consequentemente a carpintaria também teve que ajustar os preços. (*Jornal o País*, 19)
4. o presidente do Parlamento Europeu, Antonio Tajani, advogou na Quinta-feira, em Bruxelas, investimentos maciços no Níger, no Mali, no Tchad e em Marrocos, na Tunísia e na Líbia, a fim de se conter a emigração destes países de milhões de jovens para a Europa (*Jornal o País*, 22)

7.1.2. Ênclise

1. Entretanto, para chegar-se a essa fase, os concorrentes devem cumprir escrupulosamente o estipulado no regulamento (*Jornal o País*, 12)

8. Infinitivo Flexionado, sem Proclisador

8.1 Próclise

o

8.2 Ênclise

1. Com os defensores da classe analisaram a lei da educação e confirmaram que a medida havia violado alguns preceitos, razão pela qual incentivaram os sindicalistas a encontrarem-se com a dirigente do ensino na província, a fim de se chegar a meio-termo. (*Jornal o País*, 11)

9. Infinitivo flexionado, com Proclisador

9.1 Próclise

0

9.2 Ênclise

- 1 .. os dignitários do referido documento alegaram não ser por mal, apenas para manterem-se informados acompanhando as notícias (*Jornal o País*,8)

10. Verbo no gerúndio, sem proclisador

10.1. Próclise

0

10.2. Ênclise

1. 1. Referiu que durante o encontro, o presidente da UNITA, Isaías Samakuva, mostrou-se bastante sensível e receptivo às ideias expostas pelos empresários, dando-lhes garantias de que irá transmitir a preocupação ao grupo parlamentar do seu partido, no sentido de haver um debate na Assembleia Nacional em torno deste tema. J (*Jornal o País*,8)
2. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a lhes dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*Jornal o País*, 11)
3. Nos dias que se seguem Jesus expulsa os vendedores que tinham tomado posse do Templo de Jerusalém, declarando-se Filho de Deus, e realiza vários milagres. (*Jornal o País*, 16)

11. Verbo no gerúndio, com proclisador

0

12. Subida do Clítico / Não subida, i.e. cliticização ao verbo não-finito

12.1. Verbo no infinitivo

12.1.1. Subida do clítico

1. Em nenhuma das cidades angolanas que eu conheço vi vez alguns transportes públicos regulares. Maximbombo, autocarro ou carreira, como **se** queira chamar, nada (*Jornal o País*,5)
2. Observatório entende que durante as discussões sobre as autarquias **se** deve ter sempre em conta as diferentes dimensões de gradualismo e em que medida se está a aplicar uma ou outra. (*Jornal o País*,9)
3. Na visão do OPSA, deve-**se** seleccionar os municípios mais amadurecidos em termos da sua economia, densidade populacional, Sociedade Civil mais madura (*Jornal o País*,9)
4. Para a escolha dos municípios, tanto urbanos como rurais, deve-**se** ter ainda em conta alguns aspectos onde, por exemplo, a criação de gado tem importância vital para a população, municípios do litoral e do interior, (*Jornal o País*,9)

12.1.2. Não Subida

1. É preciso começar a levá-**la** a tribunal. (*Jornal o País*,5)
2. Com a realização do concerto pretende-se resgatar a cultura angolana, nas várias dimensões em que se releva, tentando recriá-**la** a partir do estudo aprofundado das suas raízes. T (*Jornal o País*, 15)
3. A justificativa para tal medida que se espera vir a repetir, pelo menos duas vezes ao longo de 2018, está baseada no facto do mercado de trabalho continuar a fortalecer-**se**, com a taxa de desemprego a atingir o mínimo dos últimos 17 anos, e a taxa de inflação rondar o target de 2%. (*Jornal o País*, 20)

12.2. Verbo no gerúndio

0

12.3. Verbo no particípio passado

12.3.1. Subida do clítico

1. Os professores visados ainda tentaram manter contacto com a directora provincial, no sentido de buscar um esclarecimento da situação, mas esta

dirigente negou-se a reunir com os docentes, tendo-se limitado a lhes dizer que a decisão estava tomada e não se falava mais do assunto. (*Jornal o País*, 11)

12.3.2. Não Subida

0

Dados Quantificados

1. Tabelas comparadas: *Mayombe* versus *A Sul. O Sombreiro*.

Tabela 3.1: *Direção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem [quadro-síntese elaborado a partir das tabelas 3.2 a 3.4]*

	√PE / *PB	*PE/√PB	√PE+√PB	*PE + *PB	Total
<i>Mayombe</i>	1320	1	723	1	2045
<i>A Sul. O Sombreiro</i>	380	507	865	0	1752
Total	1700	508	1588	1	3797

Tabela 3.2: *Direção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória no PE e PB*

Proclise Obrigatoria		<i>Mayombe</i>		<i>A Sul. O Sombreiro</i>		Total
Frase negativas	P	145	20%	171	20%	316
	E	0	0%	0	0%	0
Subordinadas finitas	P	459	63%	440	51%	899
	E	1	100%	0	0%	1
Outros contextos	P	119	16%	254	29%	373
	E	0	0%	0	0%	0
Total	P	723	99,9%	865	100%	1588
	E	1	0,1%	0	0%	1

Tabela 3.3: Direção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória (ou não cliticização) no PE e de próclise no PB”

Ênclise obrigatória		Mayombe		A Sul. O Sombreiro		Total
Frase matriz afirmativa V1	P	0	0%	77	15%	77
	E	256	20%	54	14%	310
Frase matriz afirmativa não V1	P	1	100%	275	54%	276
	E	675	52%	137	36%	812
Infinitiva com preposição <i>a</i>	P	0	0%	30	6%	30
	E	51	4%	19	5%	70
Infinitiva sem preposição	P	0	0%	78	15%	78
	E	259	20%	137	36%	396
Gerundiva	P	0	0%	47	9%	47
	E	54	4%	33	9%	87
Participial	P	0	0%	0	0%	0
	E	0	0%	0	0%	0
Total	P	1	0,1%	507	57%	508
	E	1295	99,9%	380	43%	1675

Tabelas 3.4: *Subida/Não-subida do clítico em estruturas não-finitas (infinitivo, gerúndio e participípio passado)*

		Mayombe	A Sul. O Sombreiro	Total
SC+	Infinitivo	100	72	172
	Gerúndio	8	7	15
	Particípio	18	50	68
	Total	126	129	255
SC-	Infinitivo	176	136	312
	Gerúndio	0	0	0
	Particípio	0	0	0
	Total	176	136	312

2. **Tabelas Comparativas:** *Os da Minha Rua, Os Transparentes, A Última Ouvinte e A Sul. O Sombreiro* (Cfr.: capítulo IV).

Tabela 4.1: *Direção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem [quadro-síntese elaborado a partir das tabelas 4.2 e 4.3 de Gerards]*

Direccão de Cliticização	√PE / *PB	*PE/√P B	√PE+√P B	*PE + *PB	Total
<i>A Sul. O Sombreiro</i>	380	507	865	0	1752
<i>Os da Minha Rua</i>	119	77	89	0	285
<i>Os Transparentes</i>	704	74	416	1	1195
<i>A Última Ouvinte</i>	138	23	125	3	289
Total	1341	681	1495	4	3521

Tabela 4.2: *Direção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória no PE e PB*

Próclise Obrigatória		Os da minha rua		Os transparentes		A última ouvinte		A Sul. O Sombreiro		Total
Frases negativas	P	19	21,3%	84	20,2%	20	16,0%	171	19,8%	294
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
Subordinadas finitas	P	58	65,2%	259	62,3%	86	68,8%	440	50,9%	843
	E	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	1
Outros contextos	P	12	13,5%	73	17,5%	19	15,2%	254	29,4%	358
	E	0	0,0%	0	0,0%	3	100,0%	0	0,0%	3
Total	P	89	100,0%	416	99,8%	125	97,7%	865	100,0%	1495
	E	0	0,0%	1	0,2%	3	2,3%	0	0,0%	4

Tabela 4.3: *Direção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória (ou não cliticização) no PE e de próclise no PB*

Ênclise Obrigatória no PE (Próclise no PB)		Os da Minha Rua		Os Transparentes		A última Ouvinte		Sul. O Sombreiro		Total
Frase matriz, afirmativa, V1	P	22	43,1%	22	29,3%	18	78,3%	275	54,2%	337
	E	84	70,6%	446	61,1%	84	60,9%	137	36,1%	751
Frase matriz, afirmativa, não V1	P	0	0,0%	9	12,0%	0	0,0%	77	15,2%	86
	E	26	21,8%	78	10,7%	34	24,6%	54	14,2%	192
Infinitivas com preposição <i>a</i>	P	3	5,9%	8	10,7%	0	0,0%	30	5,9%	41
	E	3	2,5%	26	3,6%	3	2,2%	19	5,0%	51
Infinitivas sem preposição	P	21	41,2%	34	45,3%	5	21,7%	78	15,4%	138
	E	6	5,0%	124	17,0%	17	12,3%	137	36,1%	284
Gerundivas	P	1	2,0%	1	1,3%	0	0,0%	47	9,3%	49
	E	0	0,0%	56	7,7%	0	0,0%	33	8,7%	89
Participiais	P	4	7,8%	1	1,3%	0	0,0%	0	0,0%	5
	E	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0
Total	P	51	30,0%	75	9,3%	23	14,3%	507	57,2%	656
	E	119	70,0%	730	90,7%	138	85,7%	380	42,8%	1367

Tabelas 4.4: Subida/Não-subida do clítico em estruturas não-finitas (infinitivo, gerúndio e particípio passado)

		<i>Os da minha rua</i>	<i>Os transparentes</i>	<i>A última ouvinte</i>	<i>A Sul. O Sombreiro</i>	Total
SC+	Infinitivo	15	33	18	72	138
	Gerúndio	0	3	0	7	10
	Particípio	3	28	1	50	82
	Total	18	64	19	129	230
SC-	Infinitivo	27	102	13	136	278
	Gerúndio	0	0	0	0	0
	Particípio	4	1	0	0	5
	Total	31	103	13	136	283

3. Tabelas Comparativas dos valores: *Jornal de Angola* e *O País*.

Tabela 5.1: *Direção de cliticização nos contextos em que o PE e o PB divergem/convergem*

Direccão de Cliticização	✓PE / *PB	*PE/✓PB	✓PE+✓PB	*PE + *PB	Total
<i>Jornal de Angola</i>	66	2	51	1	120
<i>O País</i>	32	2	7	3	44
Total	98	4	58	4	164

Tabela 4.2: *Direção de cliticização nos contextos de próclise obrigatória no PE e PB*

Proclise Obrigatória		<i>Jornal de Angola</i>		<i>O País</i>		Total
Frase negativas	P	3	6%	1	14%	4
	E	0	0%	0	0%	0
Subordinadas finitas	P	44	86%	6	86%	50
	E	1	100%	2	67%	3
Outros contextos	P	4	8%	0	0%	4
	E	0	0%	1	33%	1
Total	P	51	98,1%	7	70%	58
	E	1	1,9%	3	30%	4

Tabela 5.3: Direção de cliticização nos contextos de ênclise obrigatória (ou não cliticização) no PE e de próclise no PB”

Ênclise Obrigatória		<i>Jornal de Angola</i>		<i>O País</i>		Total
Frase matriz, afirmativa, V1	P	0	0%	0	0%	0
	E	10	33%	4	13%	14
rase matriz, afirmativa, não V	P	2	100%	1	50%	3
	E	10	33%	19	61%	29
Infinitiva com preposição <i>a</i>	P	0	0%	1	50%	1
	E	3	10%	4	13%	7
Infinitiva sem preposição	P	0	0%	0	0%	0
	E	7	23%	4	13%	11
Gerundiva	P	0	0%	0	0%	0
	E	0	0%	0	0%	0
Participial	P	0	0%	0	0%	0
	E	0	0%	0	0%	0
Total	P	2	6,3%	2	6%	4
	E	30	93,8%	31	94%	61

Tabelas 5.4: Subida/Não-subida do clítico em estruturas não-finitas (infinitivo, gerúndio e participípio passado)

		<i>Jornal de Angola</i>	<i>O País</i>	Total
SC+	Infinitivo	4	4	8
	Gerúndio	1	0	1
	Participípio	3	1	4
	Total	8	5	13
SC-	Infinitivo	6	3	9
	Gerúndio	0	0	0
	Participípio	0	0	0
	Total	6	3	9

Henrique Simão Mutali

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

2019